

Crónica Açores: uma circum-navegação

*DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES
UM DIÁRIO QUASE AUTOBIOGRÁFICO*



*CRÓNICAS 2005-2018
VOL. 3 PARTE II – 2010-2018
J. CHRYS CHRYSTELLO 2005-2018*

badana esquerda

Na lenda havia um Rei Artur, Sir Galahad, cavaleiros da Távola Redonda e uma busca do Santo Graal.

Aqui não há nem Dom Quixote, nem Sancho Pança nem moinhos de vento, contra os quais espadanar.



Esta é a navegação do escriba, cavaleiro da poesia e utopia, temeroso e aventureiro, sequioso na sua aprendizagem constante de outras línguas, hábitos e culturas.

De Trás-os-Montes, sua pátria desconhecida, parte à conquista do "lulic" em Timor Português, dos hippies em Bali (Indonésia), sobrevive a um "Anno Horribilis" no verão Quente (1975, Portugal), atravessa as Portas do Cerco (na China de Macau), percorre a Austrália Ocidental, Nova Gales do Sul e Vitória, com passagens pela Índia, Oriente-do-Meio e seus

emirados, Europa, Ásia e Pacífico Sul, antes de redescobrir o Brasil, Portugal e outros países.

Por fim, qual Buteo buteo rothschildi, (águia-de-asa-redonda) aterra em S. Miguel (Açores) donde se ausenta fugazmente, sempre que pode, para Sta. Maria, Faial, Pico, Graciosa, S. Jorge, Terceira, Flores e Corvo.

Na pátria australiana descobriu uma tribo aborígine a falar crioulo português há mais de 450 anos, na provecta Bragança descortinou as raízes da sua pátria e nos Açores descobriu finalmente o lar rodeado pela rica literatura que o mundo desconhecia e que tem vindo a desvendar nos colóquios da lusofonia.

Esta viagem podia ser um diário autobiográfico, mas não é mais do que um périplo pelo mundo, a vida, as terras, as gentes e os costumes e tradições que o autor vai cronicando sem o engenho de Marco Polo ou Fernão Mendes Pinto, mas com o amor próprio de quem partilha uma vida.

Da análise política, social e pessoal parte à descoberta de culturas. Recupera origens, retorna ao seio duma Lusofonia sem raças, credos ou nacionalidades, radicado na "Atlântida azórica" onde desvenda, divulga e dilata desveladamente a fértil açorianidade literária, fundíbulo de autonomias e independências por cumprir.

CHRÓNICA AÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL,
BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES –
Volume 3 um diário quase autobiográfico



J. CHRYS CHRYSTELLO

DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES



*O Tempo é um ótimo professor. Pena é que mate os seus alunos.
Héctor Berlioz*



*Escrever é fácil: comece com uma maiúscula e termine com um ponto final.
No meio, coloque ideias.
(Pablo Neruda)*



Ficha técnica

AICL -Colóquios da Lusofonia

Rua da Igreja 6

Lomba da Maia

9625-115 Açores

aicl@lusofonias.net

www.lusofonias.net

Este livro não pode ser reproduzido, total ou parcialmente, sem autorização prévia do editor.

© J. Chrys Chrystello, AICL – Colóquios da Lusofonia

Título: *ChrónicAçores: uma circum-navegação*

de Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores (volume 3)

Autor: J. Chrys Chrystello

1ª Edição – junho 2018

Depósito Legal –

ISBN –



PRINCIPAIS OBRAS, PREFÁCIOS E TRADUÇÕES DE LIVROS DO AUTOR

2018. <i>Fotoemas</i> , fotografias do Porto de Fátima Salcedo, e poemas da açorianidade de Chrys Chrystello, ed. AICL e-livro http://www.blurb.com/b/8776650-fotoemas ISBN: 9781388351083
2018. Tradução para inglês livro <i>Vera Cruz</i> de João Morgado C M Belmonte
2018. Revisão livro <i>Missionários Açorianos em Timor (vol. 2)</i> de D Ximenes Belo, ed. AICL e CMPDL, Publiçor
2018. <i>Crónica Açores: uma circum-navegação</i> , vol. 2, 3ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1012/ChronicAcores-uma-circum-navegacao-vol-2-(3%C2%AA-ed-2018).pdf
2018. <i>Crónica Açores: uma circum-navegação</i> , vol. 1, 3ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1013/chronicacores-uma-circum-navegacao-vol-1--3%C2%AA-ed-2018.pdf
2017. <i>Bibliografia Geral da Açorianidade</i> , 2 vols. 19500 entradas, Ed. Letras Lavadas Publiçor
2017. Poema “ <i>Maria Nobody</i> ” in VIII Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea “Entre o Sono e o Sonho” Chiado Ed.
2017. A Língua Portuguesa na Austrália, Capítulo em “ <i>A Língua Portuguesa no Mundo: Passado, Presente e Futuro</i> ”. Ed. UBI (Universidade da Beira Interior), org. Alexandre Luís, Carla Luís, Paulo Osório
2017. “ <i>Três poemas açorianos</i> ” in Antologia, ed. Artelogy dezº 2016
2017. “Não se é ilhéu por nascer numa ilha”, in “ <i>Povos e Culturas - A ilha em nós</i> ”, Revista Povos e Culturas nº 21-2017 Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP), Universidade Católica Portuguesa Lisboa
2017. “Não se é ilhéu por nascer numa ilha”, capítulo de “ <i>A condição de ilhéu</i> ”, Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP), Universidade Católica Portuguesa Lisboa
2016. Prefácio e revisão de “Um missionário açoriano em Timor” de D. Carlos F Ximenes Belo ed. AICL e Moinho Terrace Café
2015. <i>CD Trilogia da História de Timor</i> . 4ª ed. 3760 páginas, 3 vols. e ed. em inglês do 1º vol., ed. AICL, Colóquios da Lusofonia. https://www.lusofonias.net/mais/obras-do-autor.html
2015. <i>Crónicas Austrais (1978-1998 monografia)</i> 4ª ed. 2015 https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1007/CRONICAS-AUSTRAS-1978-1998-4%C2%AA-ed-2015.pdf
2014. Prefácio de “ <i>O voo do Garajau</i> ” Rosário Girão & Manuel Silva, ed. Calendário de Letras e AICL http://der.ilch.uminho.pt/2014/09/26/publicacao-de-o-voo-do-garajau/
2013. <i>Crónicas Austrais 1978-1998</i> , monografia, 3ª ed. https://www.scribd.com/document/3051472/cronicasaustrais
2012. <i>Crónica do Quotidiano Inútil. Obras Completas (poesia) 5 volumes, 40 anos de vida literária</i> , ed. Calendário de Letras 2012 - ISBN 9789728985646 https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1001/CRONICA-DO-QUOTIDIANO-INUTIL-VOL-1-5--2012.pdf
2012. <i>East Timor - The Secret Files 1973-1975</i> 3ª ed. vol. 1 da trilogia da História de Timor: https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL--1--ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf
2012. <i>Historiografia de um repórter, 1983-1992</i> vol. 2 da trilogia da História de Timor: DVD https://www.lusofonias.net/mais/obras-do-autor.html
2012. <i>As Guerras Tribais, A História Repete-se 1894-2006</i> , vol. 3 da trilogia da História de Timor, 1ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1006/TRILOGIA-vol.-3-Historia-de-Timor.pdf
2012. <i>Trilogia da história de Timor</i> , 1ª ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0 (Timor-Leste O Dossiê Secreto 1973-1975 vol. 1, Timor-Leste 1983-1992 vol. 2 Historiografia de um repórter e Timor-Leste vol. 3 As Guerras Tribais, A História Repete-se (1894-2006) ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0.
2012. Tradução “Uma pessoa só é pouca gente / A lonely person is not enough people, the sex and the divine” de Caetano Valadão Serpa
2000. <i>Timor-Leste O Dossiê Secreto 1973-1975</i> , volume 1 da trilogia da História de Timor <i>Timor-Leste</i> 2ª ed.
2011. Tradução da Antologia Bilingue de (15) autores açorianos contemporâneos, ed. AICL e Calendário de Letras
2011. <i>Crónica Açores uma circum-navegação</i> vol. 2, 2011 ISBN 978-9728-9855-47 Ed. Calendário de Letras http://www.calendario.pt/index.php?id=246&cat=203&pid=55
2010. tradução para inglês dos Guia de Mergulho da Madeira; Guias de Mergulho das Ilhas dos Açores, Ed. VerAçor
2009. <i>Crónica Açores: uma circum-navegação</i> , vol. 1 esgotado, online
2009. <i>Crónica Açores: uma circum-navegação</i> , vol. 1, 2009 ISBN 989-8123-12-1 VerAçor ed. 2009
2008. Tradução para inglês de “ <i>S. Miguel uma ilha esculpida</i> ” Daniel de Sá. Ed. VerAçor.
2008. Tradução de “ <i>Ilhas do Triângulo, viagem com Jacques Breil</i> ” Victor Rui Soares, prelo, ed. VerAçor.
2008. Prefácio e Revisão “ <i>A Freira do Arcano, Margarida Isabel do Apocalipse</i> ” de Mário Moura, ed. Publiçor
2007. Tradução para inglês “ <i>E das pedras se fez vinho</i> ” de Manuel Serpa ed. VerAçor, Açores Portugal
2007. Tradução para inglês, “ <i>Sta. Maria Ilha-Mãe</i> ” Daniel de Sá, ed. VerAçor, Açores, Portugal
2005. coautor tradução para português “ <i>The Lost painting</i> ” Jonathan Harr, ed. Presença
2005. <i>Cancioneiro Transmontano 2005</i> , ed. Sta. Casa da Misericórdia Bragança, https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1000/cancioneiro-braganca-2005.pdf
2004. tradução para português “ <i>A People’s War</i> ” de Vo Nguyen Giap, Editora Sílabo Portugal
2004. tradução para português, “ <i>Dien Bien Phu</i> ” de R. H. Simpson, Editora Sílabo Portugal
2002. tradução de “ <i>La familia: el desafío de la diversidad</i> ” Adelina Gimeno (castelhano, Psicologia), Instituto Piaget
2000. <i>Crónicas Austrais - 1978-98 (monografia)</i> 1ª ed.
2000. <i>Timor-Leste O Dossiê Secreto 1973-1975</i> , vol. 1 da trilogia da História de Timor: 2ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL--1--ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf
2000. <i>Timor-Leste The secret files 1973-1975</i> , volume 1 da trilogia da História de Timor: 2ª ed. http://www.ebooksbrasil.org/adobebook/timore.pdf
1999. <i>Timor-Leste O Dossiê Secreto 1973-1975</i> , volume 1 da trilogia da História de Timor: Porto, 1999, ed. Contemporânea (Esgotado) 1ª ed. ISBN 10: 972-8305-75-3 / ISBN 13/EAN: 9789728305758
1991-2011 <i>Yawuji Bara e Yawuji Baía Os avós de barra e Avós de Baía</i> , ed. 1991-2011 https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1003/Yawuji-Os-Avos-de-Barra-e-os-Avos-de-Baia.pdf
1985 <i>Aborígenes na Austrália</i> https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1002/cronicaX-aborigenes-na-australia.pdf
1981. <i>Crónica do quotidiano inútil</i> vol. 3&4 (1973-81) poesia, ed. Macau (esgotada) https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1016/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-3-4-.pdf
1974. <i>Crónica do quotidiano inútil</i> vol. 2 (poesia) ed. abril 1974 Dfli, Timor Português (esgotada) https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1015/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-2-.pdf
1972. <i>Crónica Do Quotidiano Inútil</i> vol. 1 (Poesia) Porto (Esgotado) https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1017/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-1-1972-original-1%C2%AA-ed-CQI.pdf
Outros artigos in https://www.lusofonias.net/mais/chrys-cv.html

ÍNDICE

Crónica 80 Do Haiti a Viriato e Sertório
Crónica 81 Um transmontano no Brasil revisitado: Brasília, São Paulo e Rio
Crónica 82 Brasil: Santa Catarina
Crónica 83 Livros, as traduções do Daniel de Sá e a Michele dos Beatles, bola, Saramago e uma pneumonia
Crónica 84 Evocação da mátria Bragança
Crónica 85 Rescaldo do 14º colóquio da lusofonia Bragança 2010
Crónica 86 A democracia que temos
Crónica 87 <i>I had a dream</i> II Os filhos, do degelo a Maiakovski
Crónica 88 Os votos de natal 2010, ser ou não ser escritor açoriano
Crónica 89 Natal 2010
Crónica 90 recordando a primeira visita ao Brasil, 16 anos depois
Crónica 91 Duas morte, um só país
Crónica 92 A insegurança e o direito à defesa
Crónica 93 As casas dos degredados, Big Brother International
Crónica 94 O Estado trata-lhe das finanças mesmo depois de morto
Crónica 95 Banha da cobra, jornalismo e da universidade a Timor
Crónica 96-98 Macau não é téra minha
Crónica 99 da fuga dos livros para o Egito e Santa Maria dos Açores
Crónica 100 Maia 5 séculos e um livro <i>Crónica Açores: uma circum-navegação</i>
Crónica 101 Nascimento da Leonor, neta segunda
Crónica 103 Caravelas do Pico
Crónica 104 Passageiros com pouco trânsito
Crónica 105 Literatices
Crónica 107 festas de N. Sra. do Rosário
Crónica 108 Ode a S. Miguel e dentistas
Crónica 109 Dos brandos costumes
Crónica 115 O manifesto do 17º Colóquio da Lusofonia Lagoa 2012
Crónica 116 Autonomias
Crónica 117 Portugueses
Crónica 119 O último verão
Crónica 120 Outra vez o rosário das festas da N. Sra.
Crónica 121 Lusofonias do Canadá à Galiza
Crónica 122 O fim de uma tradição, cremação
Crónica 123 Do fim do mundo
Crónica 124 Dom Ximenes Belo 19º colóquio da lusofonia Maia 2013
Crónica 125 Pensamentos avulsos
Crónica 127 Das crises
Crónica 129 Da minha janela
Crónica 130 Duas mortes e um país em suicídio lento
Crónica 131 Impunidade
Crónica 132 Troicas laro(i)cas
Crónica 134 A minha visita às Flores e Corvo
Crónica 135 Cirurgia indispensável e visitas australianas
Crónica 136 <i>Oh! What to do?</i>
Crónica 137 A sociedade da solidão
Crónica 138 Da solidão às memórias da juventude
Crónica 140 O silêncio da cobardia cúmplice
Crónica 141 esta guerra surda que a todos aniquila
Crónica 142 Aterrar num cometa é como apanhar um TGV fora da estação
Crónica 143 De vacas, lagoas e turismo
Crónica 144. Abateram os cães raivosos, mas não abateram a raiva
Crónica 145 Hoje digo sim à violência
Crónica 147 Do acordo ortográfico
Crónica 148 De autonomias
Crónica 149 Da ingratidão e da literatura, Cristóvão de Aguiar uma crónica amarga, uma vergonha Ponta Delgada
Crónica 151 País dividido e ingovernável
Crónica 154 É natal outra vez 2015
Crónica 156 A Europa nua
Crónica 157 Da paz que vivo e das imbecilidades que nos rodeiam (a J. A. Salcedo)
Crónica 158 protesto de um cidadão da Lomba da Maia
Crónica 159 Quando as palavras se acabaram
Crónica 161 A lusofonia regressou a Trás-os-Montes
Crónica 162 Mundo louco
Crónica 163 Campeões
Crónica 164 Fogo e mais fogo
Crónica 166 Eleitores da Lomba da Maia
Crónica 168 É o fim do mundo que conhecíamos
Crónica 169 Haja decência na morte
Crónica 170 <i>Portugal brûle t'il déjà?</i>
Crónica 171 De heróis históricos e outros livros (João Morgado)

Crónica 172 Da esperança como forma de vida
Crónica 173 Uma visita virtual ao Faial: as <i>Boias da Memória</i> de Manuel Leal
Crónica 174 Invictas brotassem: a nova poesia açoriana
Crónica 175 O que é a lusofonia 20 anos da CPLP
Crónica 176 Sonhar ainda é gratuito
Crónica 178 O pesado fardo da guerra colonial
Crónica 179 Democracias armadilhadas
Crónica 180 Turismo, lixo, ratazanas e cortesia
Crónica 183 Da formação ilegal do reino à compra de diplomas
Crónica 185 Basta! Califórnia, Galiza, Portugal
Crónica 186 Açores e independência
Crónica 187 Reintrodução dos santos costumes
Crónica 188 Não vou falar de rankings das escolas, mas de 3 ou 4 coisas que me preocupam...
Crónica 190 Da doença
Crónica 191 A cultura do golfe
Crónica 192 S Miguel 2025
Crónica 193 Prémio de empreendedorismo
Crónica 194 Da desinformação anestésiante
Crónica 195 10 de junho na colónia açoriana
Crónica 196 ainda o 10 de junho
Crónica 197 O mar dos Açores é de quem?
Crónica 198 Da escravidão perpétua
Crónica 199 A redescoberta da Atlântida e “ <i>no pasa nada</i> ”
Crónica 200 Vida de cão
Crónica 201 Vivo numa terra de gente feliz





Todos os dias devíamos ouvir um pouco de música, ler uma boa poesia, ver um quadro bonito e, se possível, dizer algumas palavras sensatas.
Goethe



CRÓNICA 0 UM DIÁRIO QUASE AUTOBIOGRÁFICO

Samuel Taylor Coleridge (1772-1834) que foi poeta, escritor, conferencista, professor, tradutor, criador de jornais e revistas, disse certa vez de Platão e Aristóteles que colocaram “dois sistemas opostos diante da mente do mundo”. E disse mais: “Todo homem nasce aristotélico ou platónico. São duas classes de homens, ao lado das quais é praticamente impossível conceber uma terceira”.

Platão ambicionava a sabedoria do além, do mundo das ideias, do qual o nosso mundo é apenas uma sombra pálida. Idealista.

Aristóteles procura a sabedoria aqui, com os dois pés no chão. Foi Aristóteles um dos primeiros a procurar uma verdade objetiva sem a necessidade de “mágica”. Aristóteles aconselhava a não discutir com qualquer um, uma recomendação que confirma a famosa Lei de Murphy, segundo a qual quando a gente discute com um idiota poderia ocorrer que outros não percebessem a diferença.

A minha conduta, os meus artigos, a forma cética e irreverente de falar, sempre obcecado por ser “politicamente incorreto” já há muito denotavam a minha escolha pelo velho Aristóteles.

Nesta fase adiantada da vida, sou um *homo domesticus*, incapaz de interferir nos assuntos da “*civitas*”. Não aceito a responsabilidade de lutar sozinho contra déspotas, tiranos, corruptos e medíocres, ao contrário do que fiz, sem grandes resultados, durante décadas. O autor açoriano, Daniel de Sá, já o havia intuído em 2006: *Existe um “castelo” na Lomba da Maia*. Foi assim batizado por aquele escritor, por lá se avistar (dia e noite) um castelão, agarrado ininterruptamente ao computador, organizando a utopia dos Colóquios da Lusofonia. Não tem torres nem ameias nem tampouco o fosso protetor contra invasores e atacantes. Também não tem nome nem dono. De facto, do topo da “falsa” (nome micalense para o sótão) a minha janela abria-se sobre o mundo: os mares e os montes, as vacas, as eternas brumas que se aproximavam e, por vezes, desapareciam sem deixar rasto. Outras vezes era a chuva inclemente e impiedosa que vinha, ora do norte, ora do oeste ou do sul, e aí sim, abatia-se sobre o “castelo” e as grossas gotas corriam pela janela e toldavam o juízo, arrefecendo a minha paciência oriental.

*Mas nem as chuvas apagaram o fogo da paixão pela verdade, equidade, justiça e liberdade. Martelei ferozmente o teclado deixando a vida, lá fora, correr sem pressas. Devagarosamente debitei palavras para a gaveta. Escritos e manuscritos, de caligrafia variável como os estados de alma, de vários tamanhos, formatos e estilos, em pastas não-ordenadas. Foi um trabalho longo. Ler e rever o que aparecia e descortinar o real, inventado ou meramente sonhado. Alguns escritos publicados, outros nem por isso, e os mais recentes, sob o pomposo e desumilde título de *Crónica Açores: uma circum-navegação*, que interpreta e coloca geograficamente os eventos nos locais por onde andei, caixeiro-viajante do mundo, sempre impaciente e insatisfeito em busca de pátria, matéria, lar. E é sobre esses achados que este livro versa. A minha missão era diferente de todas, sem cartas de marear, nem rotas ou itinerários. Era um eremita, rodeado de gente pouca, por todos os lados, como convém a quem é uma ilha, incapaz de me contagiar pelos clamores externos. Não havia ambiguidades na minha postura, optara por ser o que sou, sem ressentimentos nem ilusões. Sorria pouco, qb. A vida passada não poderia repeti-la, mas tê-la-ia vivido de igual modo. O presente sem hedonismos do passado era fruído com a frugalidade que o meu padrão de vida permitia, sempre otimista quanto a melhores dias que podem vir, quando menos se espera, sem nunca desesperar.*

Fui um privilegiado, vivi três vidas numa só, três carreiras distintas que prossegui sem nada de material para mostrar, salvo a pesada bagagem de conhecimentos e cultura, que teimava em acarretar. Tal como George Steiner em “*Os livros que não escrevi*” afirmei sempre não pertencer a nenhum partido ou clube, e nos espetáculos desportivos não me deixava levar por emoções ou simpatias, via friamente o que o pequeno ecrã me proporcionava. Evito banalidades e raramente subscrevo manifestos.

Ridicularizo diariamente a impreparação dos jornalistas, que debitam decibéis em telejornais vazios de conteúdo, incitando-os a fazerem as perguntas corretas sem medo. Um emprego só se perde uma vez. Raramente via uma coluna vertebral, vertical e proba, nos escribas atuais, colegas de profissão, de costas vergadas à censura económica dos patrões. Raros os editoriais ou artigos de opinião que subscrevo, poucos escrevem livremente. Muitas vezes no meu blogue e nas Crónicas, fiz análises da conjuntura, mundial ou nacional, usando meramente o senso comum e interrogava-me porque é que o povo, à minha volta, não podia ver as coisas com a mesma claridade e transparência com que eu as via.

Escolhi este isolamento, quiçá aprendido da obra de Nietzsche que foi bandeira da minha juventude revolucionária, de aprendizagens várias. Afirmei sempre prezar imensamente a incomensurável liberdade de expressão e de discussão que abril (1974) nos trouxe. Nunca perdoara que o primeiro livro de poesia, quase juvenil e inóspita, em 1972 fosse cortado pelo lápis azul da censura e reduzido a um terço da sua dimensão.

O meu retiro no “castelo” aparentava uma passividade fruto do desapontamento da democracia, conjugado com a utópica visão do mundo que herdei do muito que li, sobretudo na infância e juventude. Temia os totalitarismos e fundamentalismos, e já não receava ser acusado de elitista. Nauseava-me o voyeurismo que as televisões colocavam no ar, sem intimidades, nem privacidades, como se fosse um raio-X ao pior de cada um, exposto na praça pública para deleite geral. Uma nova Maria Antonieta no cadafalso para todos verem e vilipendiarem. Similar às ações encenadas dos políticos, como se as decisões sobre o país se definissem nesses jogos de sombras chinesas ou de marionetas indonésias.

Ao ficar no meu “castelo” como observador do mundo que se desenrola a meus pés, estou convicto de que os seres humanos podem ser iguais, independentemente do género ou sexo, da nacionalidade ou cor de pele. Estou lucidamente consciente de tal utopia, pois há sempre os “favorecidos pela sorte” e os ricos (e alguém enriquece à custa de trabalho honesto?). Basta nascer-se no Congo ex-belga, Kiribati ou Tuvalu no Pacífico Sul ou na Palestina para as hipóteses de futuro serem radicalmente distintas daquele Windsor que nasceu no Palácio de Buckingham, só para dar um exemplo dum “rapaz da minha idade”. Embora não tivesse deformações ou deficiências genéticas visíveis adquiri uma perigosíssima estirpe viral: a do conhecimento e sua insaciável sede. Melhor do que ser pobre de espírito.

Havia, porém, a deficiência hereditária paterna, insaciável sede do direito inalienável à liberdade de expressão e de pensamento, malformação congénita que me valeu muitos dissabores pessoais e profissionais. A lei, qualquer que seja o país, está cheia de iniquidades e favorece obviamente os ricos e os corruptos e quem se “lixo é sempre o mesmo mexilhão”, pois os pequenos e os incómodos são peões na luta desigual contra o nepotismo e corrupção. Teologicamente ateu, lamento ter perdido a fé com que cresci, embora me sinta mais católico do que muitos praticantes do rito romano, fiz sempre bem sem olhar a quem. Mais do que muitos que se continuam a persignar para todo o mundo ver. A minha espiritualidade não passa por templos humanos.

Cheguei aos Açores, descendo das nuvens que pairam sobre as ilhas, como quem não quer poisos certos, mas acabei por ceder ao peso das dúvidas e das dívidas. Arrastei-me penosamente no calendário dos dias, por entre baforadas de cigarros. Tinha mais uma missão a cumprir, antes de as chamas se apagarem e os sonhos não passarem já de memórias esmorecidas. Envelheci suavemente, sem pressas nem negações, mas sem sonhar já com as áreas vastas e horizontes sem fim, típicas do meu australiano continente. Aliás, soube que estava a ficar caduco desde o dia em que, ao espirrar, me saltara a dentadura postiça para a secretária. Aqui, estava tolhido pelas colinas verdes, as vacas alpinistas, as brutais variações climatéricas diurnas, a nesga de mar que lobrigava pela janela. O verde afetava-me quase tanto como a frequente falta de sol de que carecia para a função clorofila. Obrigara-me a não me queixar, e estar sempre contentado sem nunca me contentar. Resignado deveria ser o termo, mas fingia que nada me afetava nem inquietava. Isto passava-se enquanto as dúvidas e os temores me assolavam, cada vez mais frequentemente, se bem que numa escala metafísica pouco consentânea com as preocupações mais comezinhas daqueles que me rodeavam.

Tornei-me taciturno, quase monossilábico, sem ter com quem dialogar, eram todos surdos e falavam com sotaques estranhos e quiçá incompreensíveis. Sentia-me estrangeiro. Duas vezes ao ano partilhava palavras com os mestres nos Colóquios da Lusofonia que organizava à custa de muita labuta e sem proveito qualquer. Perguntava a mim mesmo se era este o preço a pagar para poder falar. Sempre falara, e muito, e agora via-me calado e ensimesmado. Deixara de viajar frequentemente, como fizera toda a vida, e os locais estranhos eram visitados apenas no pequeno ecrã com que entretinha as horas em que não teclava. Politicamente incorreto até à medula, sem ser libertário, raramente deixei perceber os meus ideários, mas nunca me cansava de falar em liberdade, em especial, a de expressão e de opinião. Falava dela como se fosse mais vital do que o pão para a boca ou o dinheiro para pagar contas. Todos devem ter a liberdade que eu (e nós próprios) temos e por isso não me coibia de dizer **não** quando o entendia, em vez de cortesmente dizer sim, quando a mente me dizia não. Mas é sempre difícil os outros aceitarem declarações verdadeiras e honestas.

Não pactuava com falsidades, sendo socialmente incorreto quando não ia porque não apetecia, ou quando preferia ficar em casa, no meu “castelo” a juntar-me às proles. Ninguém acolhe que prefira ficar em paz e sossego, comigo mesmo. Há momentos para tudo, para estar connosco e para estar convosco. Essa a liberdade que procurava, quando algo não estava bem, não deixava que isso me atormentasse e punha termo ao mal-estar. Mesmo ofendendo sentimentos. Essa a liberdade que prezava. Sempre fui avesso a todas as formas de dirigismo ou de manipulação, queria decidir por mim, mesmo que inconscientemente me tentassem manipular ou influenciar.

Sim, é verdade, preferia ficar em casa, no meu “castelo” a juntar-me às proles... Devia ser uma ideia premonitória, dado que não vivera ainda a democracia, nessa dita primavera marcelista estiolada que foi o estertor do Estado Novo salazarista. Aliás, sem cerimónia dizia que sempre me doeu estar no meio de multidões, e escrevi-o em 1972 no poema que abria o *Crónica do Quotidiano Inútil*

“-- 11 h.

A correr do café com leite para o elétrico torrado.

Palavras marteladas pelo HÁBITO INCÓMODO.

-- Quinze tostões.

Direito a empurrões, pisadelas.

O pó é grátis

por vezes, o cheiro da democracia custa a engolir...”

Foi assim quando me proibiram de fumar em locais públicos australianos (fim da década de 80) e depois quando em Portugal a mesma cegueira protecionista da saúde se abateu (janeiro 2008). Para mim tratava-se de mais um fundamentalismo que não estava disposto a aceitar. Aceito que causa danos à saúde e os meus filhos mais novos nunca fumaram, mas ou é um perigo, tipo droga e deve ser totalmente proibido (lá ficarei criminoso) ou então não brinquem com os milhões de impostos arrecadados sem que participem no tratamento. Se as idas ao café já eram pautadas por períodos limitados, frações minúsculas de minutos, passaram a ser mais curtos ainda, pois passei a acender um cigarro após o café. Não gosta que me digam o que posso ou devo fazer. A minha relação com os outros foi sempre problemática, resumida à aversão pelos ditames alheios. Foi assim com a autoridade paternal, com as autoridades militares no inferno da vida como oficial do exército e no decurso da vida profissional. Sou avesso aos “carneiros” embora casasse com uma pessoa desse signo.

Despeito a inveja alheia, noção alienígena, pois invejo nada ou ninguém. Critico os que insistem em viver da fachada e dos estereótipos com que se regem, conversas balofas, mesquinhas, sem profundidade. Anseio por diálogos profundos, argumentos “intelectuais” ou mesmo “pseudointelectuais” em que se esgrimam ideias e propostas concretas de melhorar [o mundo], pois nem a sociedade, em si, nem os políticos, em especial, se encarregarão de fazer. Acredito que posso marcar a diferença: começo sempre as revoluções em casa.

Deixei aos filhos a liberdade de escolherem a vocação religiosa quando tivessem idade, nunca fui à missa porque sim, como o meu pai fez, acompanhando religiosamente a minha mãe, praticante das coisas do culto. Os tempos eram outros e não há já o estigma forte de não se ser praticante ou de não frequentar missas. De qualquer modo creio ser coerente.

Ao contrário dos pais, que raramente me deixavam usar o telefone, cedo coloquei telefones nos compartimentos todos para que o filho mais novo pudesse usar. Lembro o tempo do telefone com trinta centímetros de fio em que se tinha de ficar ali agarrada ao aparelho de baquelite preto a falar por monossílabos, com o resto da família perscrutando as ondas e o éter a conjecturar conversas que se queriam privadas. Mais tarde, inventei uma extensão que dava para esticar o aparelho pela casa. Onde quer que estivesse: no quarto, na casa de banho, na varanda, já podia falar com privacidade, mas só de noite, quando os pais dormiam, para poder falar longamente...

O filho mais novo tem desprezo para com o telefone igual ao meu atual e que raramente uso por prazer. Mais voltado para as novas tecnologias e um típico auto-ensinado, o filho desfaz-se em digressões e divagações tecnológicas cibernéticas do Santo Graal mesmo que não o saiba nem o procure.

Nasci em 1949, fruto dum pós-guerra que abalou profundamente os alicerces da família. De abastada em 1906 e possuidora de três carros durante a 1ª Grande Guerra, nada vi dessa fortuna com laivos de nobreza. A riqueza não sobreviveu à Grande Depressão de 1929 com grandes perdas financeiras e a família despromovida

a uma burguesia “de pergaminhos nobres, mas sem cheta”. Embora crescêssemos a falar francês, inglês, italiano e castelhano tinha uma animosidade contra Franco e empatia com a Galiza.

Havia muito orgulho da família no apelido Meira¹ de origem muito antiga. Dizia até uma lenda familiar que saíra da nossa posse um Palácio na Galiza, por um tio-bisavô Meira, que se recusava a tornar espanhol e por isso perdeu todas as propriedades em Espanha dado que os estrangeiros estavam proibidos de possuir terras e bens. Mas a sua identidade nunca descobri nem encontrei ligação nossa nem desse antepassado.

As origens de outro ramo (Barbosa²) da família paterna são ainda mais antigas, datam de 1070 d.C., anteriores a Afonso Henriques, a cujo secretário judeu (e não aio como depreciativamente a História de Portugal o trata) estavam ligadas pelo casamento duma filha de Egas Moniz, ou seja, anterior à formação do próprio Condado Portucalense e de Portugal. Também nunca esclareci bem a ligação ao título de Conde de Celanova que pode ter permanecido na família durante gerações, mas uns primos direitos, mais velhos do que eu (filhos do irmão mais velho do meu pai), nascidos e residentes no Rio de Janeiro, Brasil, querem o título, a que poderão ter direito.

Passados os dias difíceis da Grande Depressão quando o avô morreu (1930) os terrenos, casas, propriedades e fábricas passaram quase todas para a posse de outros membros da família com a declaração de falência e bancarota. A família mal sobreviveu à II Grande Guerra. A Quinta do Cabeço em Afife foi uma das perdas mais sentidas pelo meu pai e conheci-lhe outras casas da sua infância, uma na Rua Visconde de Setúbal e outra na R. da Regeneração (atual Rua João das Regras, hoje um tribunal), mas as casas de verão na Foz e Matosinhos onde passavam o verão já não as conheci.

Membros da família (em especial o cunhado que era contabilista do avô) foram os que mais se aproveitaram da morte e imediata falência. Ainda herdamos algumas migalhas que esse cunhado e a minha tia-avó deixaram por não terem descendentes. Com a derrocada financeira e subsequente morte do patriarca o meu pai não prosseguiu no Liceu e resignou-se numa Escola Comercial, tendo cedo começado a trabalhar nos escalões inferiores duma multinacional norte-americana³. Entretanto, o meu tio, irmão mais velho do pai, emigrou para o Brasil (teria 7 ou 8 anos) com um tio-avô que ali fez fortuna e deixou descendentes que ainda hoje continuo a descobrir.

Dizem que o meu pai escandalizou a família sendo sujeito a feroz ostracismo ao casar em 1948, segundo o culto católico romano, com uma mulher trabalhadora, noção herege aos olhos do conservadorismo familiar, cheio de pergaminhos, de manias de aristocracia (falida) e sangue-azul. Dir-se-ia que nasci no seio duma atmosfera hostil.

A minha mãe era professora primária numa altura em que mais nenhuma mulher (na família do meu pai) trabalhava ou sequer pensava na hipótese. Eram, então, as mulheres da família do pai respeitáveis donas de casa, com tradições a venerar e manter, enquanto tocavam piano e falavam francês, segundo o provérbio popular. Era às criadas que competiam as tarefas de cuidar das crianças, educá-las, ensiná-las, enquanto as colegas mais qualificadas se encarregavam dos trabalhos domésticos e tarefas como limpezas e cozinha. Aos pais do sexo masculino (nessa altura, os pais eram ainda apenas um de cada sexo) competia trabalhar, manter o bom nome da família, e prover a todas as necessidades (expressas ou não) desta.

1 Família, de Lugo, Galiza, tomou o apelido de Meira no bispado de Tui onde fica o município de **Meira**. O mais antigo é Rodrigo Afonso de Meira (1240) senhor do solar de Meira, casado com Ouruana Soares de Correia Gracel (1225), e tiveram uma filha Teresa Pires de Meira Rodrigues de Novais. Mais tarde Gonçalo Pais de Meira, alcaide de Guimarães, com os filhos, organizou a defesa da praça, ao serviço de Espanha, livrou do cerco a cidade de Guimarães (1369). O Brasão de Armas foi concedido em 1451, a D. Afonso Nunes de Meira o primeiro da linhagem portuguesa com muito prestígio junto à Corte de D. Duarte (Rei de Portugal)

2 Apelido português toponímico, indica lugar onde há muitas barbas de bode ou barbas de velho (espécie de planta). Como topónimo, José Pedro Machado considera que Barbosa é originalmente um adjetivo na expressão «(TERRA) BARBOSA», isto é, «onde haja abundância de plantas chamadas barba». O apelido, originou-se com D. Sancho Nunes Barboza aliás Sancho Nunes de Cellanova, 1070-1130 senhor da Quinta de Barboza, na terra do mesmo nome, filho do Conde Nuno Vasques e de Fronilde Sanches, que, com o dote da sua segunda mulher cria a Quinta de Barboza, S. Miguel de Rãs. Com o segundo casamento ligou-se à família real adquirindo direito a brasão de armas. D. Sancho era descendente de D. Nuno Guterres, Conde de Cela Nova. Sancho casou por duas vezes, a primeira com Sancha Henriques, filha bastarda de Dom Afonso Henriques e Elvira Gualter. O segundo casamento foi com Teresa Mendes, filha de Mem Moniz Nunes de Riba Douro (irmão de Egas Moniz, e de Urraca Mendes, senhora da Casa de Barbosa. Este nome pode ter sido documentado muito antes da data mencionada acima. Segundo Miguel de Sousa, os Barbosas foram uma importante família nobre portuguesa no séc. XII, que entrou em decadência nos sécs. XIII e XIV.

3 (Mobil Oil, então chamada Socony Vacuum pela junção em 1931 da Standard Oil Co. de Nova Iorque (Socony) e a Vacuum Oil Co. Em 1955 tornou-se Socony Mobil Oil Co., e em 1963 Mobilgás, ou Mobil Oil, que finalmente em 1999, foi adquirida pela Exxon)

Do lado materno viriam os apelidos da avó: Menezes, Madureira, Rodrigues, Magalhães (Alfândega da Fé), e do avô: Moraes, Alves (Vimioso) todos no Distrito de Bragança.

Ali teriam toda a sua ancestralidade, ligada entre outros a Dom Nuno Álvares Pereira⁴ (1360-1431) Nunca vi a clarificação ou prova da ligação genealógica à família da minha mãe que era objeto de conversas de família e mantinha-me cético em relação à mesma. Os Magalhães vinham todos desde o célebre Fernão de Magalhães. Não tinha dúvidas quanto ao resto da família embora me intrigassem relatos de que um bisavô materno teria sido cónego, casado e pai de filhos, mas nunca descobri a confirmação do sacerdócio, embora houvesse muitas dúvidas matrimoniais não-consubstanciadas em documentos (pode não ter contraído o segundo matrimónio civil e religioso, depois de ficar viúvo).

Como poucos na família se interessavam pelo assunto e como havia uma política de silêncio profunda, os poucos dados fui-os arranjando na juventude quando passava as férias na aldeia em busca de histórias e lendas de família. Parecia não restar dúvida, quer pelas imagens quer pelo resto, de que se tratava de uma família (materna) com inúmeras ligações a judeus novos ou marranos. Renegados por todas as gerações até aos meus dias, havia os nomes típicos de Cristãos-Novos como Ester (hebraico: estrela) e Jesuína (latim: aquela que crê em Jesus) que não deixavam grandes dúvidas, a menos que se ignorasse a etimologia dos mesmos.

Rompendo com a tradição iria ajustar a minha identidade à persona que aceitei como meu alter-ego e com a qual iria coabitar para o resto dos dias. A minha mulher jocosamente comentara que o grande problema existencial era saber qual dos dois venceria o duelo, eu ou o meu alter-ego. Fora importante a dicotomia para definir a minha personalidade, independentemente das heranças genéticas.

Sempre quis construir o meu rumo sem transportar o peso morto das expectativas, e uma albarda cheia de nomes como alguns membros da família paterna. Cingi-me a usar iniciais JC ou JCC tomadas no seu sentido mais lato que as aproximavam do filho do deus dos cristãos. Não seria isto a demonstração da minha não-aceitação de destino marrano, e a necessidade de reafirmação da minha cristandade?

Em minha casa viviam os pais, a avó paterna, duas irmãs de meu pai ainda solteiras e a tia-avó Orbela (então separada ou já viúva) que faleceria dois anos depois. Os pais levantavam-se muito cedo para irem trabalhar e eu ficava a cargo da empregada e da minha avó, que sempre considerei uma pessoa adorável e terna, mas que nunca trabalhara um dia em toda a vida e jamais se capacitara de que a família não era rica como dantes.

Vivia num mundo seu, encapsulada num vórtice temporal que nunca transcendeu. Vivíamos no *Bairro Garantia, Vivenda Estremadura*, na Rua do Amial, mesmo junto a essa antiga barreira fiscal que impedia a entrada e saída de pessoas do burgo que era o Porto.

Nos primeiros quatro anos de vida tive longos passeios pela Estrada da Circunvalação Interna no Porto conforme fotos recuperadas desse tempo. A casa existe e aparte uma pintura exterior parece não ter mudado desde que de lá saí em 1953. No entanto absteve-me de bater à porta e pedir para visitar o sítio onde nasci, como quem parte em busca de soluções para problemas que desconhece, ou em busca de pistas para a minha maneira de ser conturbada.

Na casa do Amial havia a Ana, “sopeira” (como era vulgar na época, antes de se passarem a ser empregadas domésticas, ou auxiliares de serviços domiciliários) que nos acompanhou na mudança e, mais tarde, casou de nossa casa e emigrou para França. Quando regressou de férias, tinha eu sete anos servi de padrinho ao filho dela, meu único afilhado, o José Alberto Cortez, que nunca mais vi e deve ter cinquenta anos..., mas a única coisa que este padrinho lhe deu foram os dois primeiros nomes...pequena herança. As lembranças são mais decorrentes das fotos que vi.

O que persiste na lembrança, e disso não vi fotos, é o enorme fogão a lenha na cozinha e o hábito de a avó tomar ao lanche chá com leite, o chá inglês como lhe chamava, para o qual por vezes me convidava. A casa tinha dois quartos para a frente, dois laterais, sala de jantar e cozinha. Se bem que tenha uma vaga recordação da maioria dos quartos, da sala e cozinha, há dias interrogava-me onde estava localizada a mobília de escritório do meu avô, que o meu pai herdou.

4 descendente de Desidério, último Rei dos lombardos, que tentou invadir Portugal e tomar a Galiza em 740 (D. Afonso I). Os Pereira estabeleceram-se em Trastâmara antes da chegada dos mouros. Eram senhores do Castelo de Lanhoso. Aos 16 anos casou com D. Leonor de Alvim, um casamento de conveniência. Deixou descendência a quem D. Duarte deu o título de Duques de Bragança.

CRÓNICA 80 - DO HAITI A VIRIATO E SERTÓRIO - 22 janº 2010

80.1. HAITI

Há dias ouvi a frase bíblica "*Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos*" [Mt 22: 14] e perguntei-me por que os cidadãos do Haiti têm sido chamados tantas vezes. Agora com os terremotos que devastaram a metade da ilha interrogo-me sobre a história do país.

Haiti, em português, oficialmente República Ayiti, uma parte da ilha de Hispaniola, nas Grandes Antilhas, que partilha com a República Dominicana. Ayiti ("terra de altas montanhas") era o nome indígena dado pelos nativos taínos.

Em francês o país é "A Pérola das Antilhas", pela sua beleza natural. O ponto mais alto é Pic la Selle, 2 680 m. É o terceiro maior país do Caribe (depois de Cuba e da República Dominicana), com 27 750 km², 10,4 milhões de habitantes, um milhão na capital, Porto Príncipe.

A posição histórica e etnolinguística do Haiti, são únicas. Quando conquistou a independência em 1804, e se tornou a primeira nação independente da América Latina, foi o único país do mundo resultante de uma revolta de escravos bem-sucedida e a segunda república da América.

É o mais pobre da América. A Revolução durou quase uma década; todos os primeiros líderes do governo foram antigos escravos.

Em fevereiro 2004, um golpe de Estado forçou a renúncia e o exílio do Presidente Jean-Bertrand Aristide. Um governo provisório assumiu o controlo sob a Missão da ONU. Michel Martelly, atual Presidente, foi eleito nas eleições gerais de 2010.

80.2. OS PECADOS DO HAITI

Li este artigo e gostei "Os pecados do Haiti", 15 janeiro 2010 por Eduardo Galeano⁵

Em 1803, os negros do Haiti causaram tremenda derrota às tropas de Napoleão Bonaparte e a Europa não perdoou a humilhação infligida à raça branca. O Haiti foi o primeiro país livre das Américas. Então, começou o bloqueio e a nação recém-nascida foi condenada à solidão. Ninguém comprava, ninguém lhe vendia, ninguém a reconhecia. Nem mesmo Simão Bolívar, quando já havia derrotado a Espanha, graças ao apoio do Haiti que lhe tinha entregue sete navios, muitas armas e soldados, com a única condição que Bolívar libertasse os escravos.

Os EUA reconheceram o Haiti sessenta anos depois do final da guerra de independência, enquanto Etienne Serres, um génio francês da anatomia, descobria que os negros são primitivos porque "possuem pouca distância entre o umbigo e o pénis".

A Europa havia imposto ao Haiti a obrigação de pagar à França uma indemnização gigantesca, como modo de perdoar o delito da dignidade. A história do assédio contra o Haiti, que em nossos dias tem dimensões de tragédia, é também uma história do racismo na civilização ocidental. Os EUA invadiram em 1915 e governaram até 1934.

Retiraram-se quando alcançaram os objetivos: cobrar as dívidas do City Bank e revogar o artigo que proibia a venda de terras aos estrangeiros. Um dos responsáveis pela invasão, elaborou: "... é um povo inferior, incapaz de conservar a civilização que os franceses deixaram".

O Haiti havia sido a pérola da coroa, Montesquieu havia explicado: "O açúcar seria demasiado caro se não trabalhassem os escravos, que são negros desde os pés até a cabeça e têm o nariz tão achatado, que é quase impossível ter deles alguma pena. Resulta impensável que Deus, que é um ser muito sábio, tenha posto uma alma boa num corpo inteiramente negro". Em troca, Deus havia colocado um chicote na mão do feitor. Karl von Linneo, havia retratado o negro com precisão científica: "Vagabundo, desocupado, negligente, indolente e de costumes dissolutos".

A democracia haitiana recém-nascida, na festa de 1991, foi assassinada pelo golpe de estado do general Raul Cedras. Três anos mais tarde, ressuscitou.

Depois de terem colocado e retirado ditadores militares, os EUA depuseram o Presidente Jean-Bertrand Aristide, eleito por voto popular, o primeiro em toda a história e que teve a louca aspiração de querer um país menos injusto.

Aristide regressou acorrentado para retomar o governo, mas proibiram-no de exercer o poder. O sucessor, René Préval, obteve 90% dos votos, mas qualquer burocrata do FMI ou do Banco Mundial tinha mais poder.

⁵ <http://culturadetraveseiro.blogspot.pt/2010/01/os-pecados-do-haiti-eduardo-galeano.html>

80.3. DERRUBAR GOVERNOS NO HAITI⁶

Os EUA, o Canadá e a França, conspiraram abertamente durante quatro anos para derrubar o governo eleito do Haiti cortando toda a ajuda internacional ao país com o objetivo de destruir a economia e torná-lo ingovernável.

A política dos EUA também ajudou a destruir a agricultura haitiana, ao forçar a importação de arroz americano subsidiado e eliminar milhares de plantadores haitianos. Para os que se indagam por que não existem instituições haitianas para ajudar com os socorros e ajuda às vítimas do terremoto, essa é uma das razões.

Ou o porquê de haver 3 milhões de pessoas amontoadas na área atingida. Antes do terremoto, a situação do Haiti era comparável à de muitos sem-abrigo nas ruas de grandes cidades dos EUA: pobres demais e negros demais para terem os mesmos direitos.

Em 2002, um golpe militar com o apoio dos EUA, afastou o governo eleito da Venezuela, mas a maioria dos governos no hemisfério reagiu rapidamente e ajudou a forçar o retorno do governo democrático. Dois anos depois quando o Presidente haitiano democraticamente eleito, Jean-Bertrand Aristide, foi sequestrado pelos EUA e levado para o exílio na África, a reação foi fraca.

Após dois séculos de saque e pilhagem do Haiti desde a fundação na revolta de escravos em 1804, da ocupação brutal por fuzileiros navais dos EUA e das incontáveis atrocidades cometidas sob ditaduras, auxiliadas e apoiadas por Washington, o golpe de 2004 não pode ser relegado ao esquecimento.

Como cantou em tempos Caetano Veloso, “O Haiti não é aqui”.

80.4. NEM SE GOVERNAM, NEM SE DEIXAM GOVERNAR

Nesta ponta da Europa, tudo na mesma, ou seja, começa a ser difícil imaginar quanto mais teremos de piorar até que isto mude. Dê-se razão a Sérgio Galba, Capitão das Hordas Romanas que conquistaram a Lusitânia, mas só obtiveram a vitória com o assassinato traiçoeiro de Viriato. Quando escreveu a César Augusto a dar notícias das gentes do extremo do Império, disse: “*Estes Lusitanos nem se governam, nem se deixam governar*”. E os tempos parecem dar-lhe razão. Vamos ver se aprendemos. ([LER CRÓNICA 66](#))

Hoje perguntam, alguns mais esclarecidos, por que razão a Lusitânia ainda não mergulhou numa crise grave internacional, como aconteceu após a proclamação da República, com a I Grande Guerra, com a guerra colonial e com o 25 de abril, mas as Forças Armadas ainda não recuperaram da Abrilada e do PREC, exauridas por governos que lhes têm retirado o pouco poder e margem de manobra, já que a influência a haviam perdido há muito. Um exército cheio de generais e sem soldados não pode fazer nada.

Talvez o fator mais importante para nada se ter passado seja o fluxo financeiro originado na União Europeia desde 1986, e que ronda muitos milhões de Euros ao ano. Com esse dinheiro compram-se muitas consciências e muitos carros de luxo.

O excesso de informação, desinformação e manipulação política acabam por condicionar o rebanho dócil dos portugueses que falam muito e se queixam mais, mas pouco ou nada fazem. Sempre prontos a criticar o governo e os outros sem perceberem que a verdadeira culpa radica neles mesmos.

O país (a máquina de Estado) continua - há muitos anos - a gastar muito mais do que produz, a hipotecar-se e a construir pouco de produtivo. Esta irresponsabilidade coletiva vai ser paga por gerações futuras, demasiado preocupadas na sua ignorância para se aperceberem de que a conta foi passada em nome coletivo. Mas ainda não chegámos lá.

Os portugueses habituaram-se a ir de férias à República Dominicana e a Cancún, pagando com cartão de crédito a prazo indeterminado, e não se importam com os que roubam à sua volta, sejam do governo ou da privada.

Por outro lado, os que se aproveitam das crises, que beneficiam das benesses do governo, dos subsídios que a Europa paga para outros fins, e outros que orbitam na sua esfera continuam a ir aos stands de

6 Folha de S. Paulo 19/01/2010, adaptado de um artigo de Mark Weisbrot, doutor em economia pela Universidade de Michigan, é Codiretor do Centro de Pesquisas Económicas e Políticas, em Washington (www.cepr.net).

luxo comprar Ferrari⁷, Porsche e outros. Não há rotura de abastecimentos, e os supermercados continuam a oferecer milhares de artigos à escolha.

A maioria dos habitantes desta Lusitânia sem alma, não quer saber de princípios, e tem horror a quem os tem. Se bem que poucos ainda existam e se não são ouvidos os poucos que ainda têm tempo de antena nas rádios televisões é porque só são transmitidos quando todos dormem e só os alcoólicos com insónia estão despertos.

A educação é o que sabemos, uma fábrica de analfabetos para ensinar mais analfabetos futuros.

Outra coisa verdadeiramente preocupante é o desemprego, que levou milhares de imigrantes a deixarem o país. Se nem os pobres imigrantes e refugiados querem vir para cá, para onde iremos nós? Para qualquer país, menos Espanha onde fazem de nós escravos numa qualquer pocilga agrícola.

O subsídio de desemprego é uma brincadeira que atrasa a miséria profunda que afeta mais de dois milhões de portugueses, ou seja 20% da população já está abaixo do limiar da pobreza. Ninguém se preocupa, já estão tão pobres que nem devem votar, por isso não vale a pena preocuparem-se com eles.

O que é que o comum dos mortais pode fazer, além de falar alto no café e queixar-se aos amigos e conhecidos? Mesmo que quisesse escrever uns artigos, provavelmente não seria publicado. Vive-se numa Ditadura dissimulada e mesmo com 200 mil pessoas em manifestações de rua nada se consegue. O poder não treme nem pestaneja, coça-se como se estivesse a ser atacado por uma ridícula e inofensiva, mas irritante pulga. É essa a opinião dos governantes sobre o povo que manietam.

Para quê denunciar escândalos? É raro o dia em que um ou mais não seja denunciado nas redes da internet, na rádio e televisão. A justiça que sempre esteve ao lado dos poderosos agora parece estar ao lado dos que mais roubam e lesam o país.

É por isso que no começo do ano de 2010, os nossos corruptos e devassos políticos decidiram que o país vai continuar a viver de empréstimos e a punir o Zé-Povinho com mais impostos para que as famílias que vivem à sombra do poder e detêm a maioria da riqueza existente no país se mantenham poderosas.

Não há maneira de os deitar abaixo a menos que o sistema resolva suicidar-se, uma nova versão do Salazar que caiu da cadeira e a Ditadura foi-se, só que agora em versão do século XXI, uma implosão do sistema e todos a fazerem como o Guterres e o Durão Barroso a fugirem e quem ficar que apague a luz.

A história sempre se repete e nunca aprendem nada pois não a leram e muito menos a estudaram. A dúvida é sobre quando chegará (se chegar) o ponto de rotura, não existem dúvidas de que a situação vai piorar até este lamaçal ficar totalmente ingovernável.

As grandes instâncias internacionais já alertaram de que, depois da Islândia e da Grécia, será Portugal a chegar ao limiar, ao portal de entrada na bancarrota e já há iluminados a dizerem que na nossa história toda de mil anos fomos sete vezes à bancarrota e continuamos orgulhosamente independentes.

Talvez se equivoquem que de independentes temos pouco, já devemos quase tudo o que se produz ao estrangeiro.

Dizem outros que não faz mal pois os EUA têm biliões da dívida nas mãos dos chineses e continuam a mandar no mundo, mas Portugal não manda em nada...

Pode sempre haver uma ou outra explosão social, começando por uns carros queimados, umas lojas assaltadas, e coisas assim. Mas isto só quando os portugueses a viverem abaixo do limiar da pobreza passar os 40-50%, e a maioria dos restantes estiver na bancarrota menos os iluminados que se safaram até agora.

Pode ser que surjam pequenos grupos Lusitanos que consigam criar um movimento de rebeldia capaz de iniciar a desmontagem do regime e de o apagar, mandando os seus líderes para um exílio dourado em Cancún ou nas Seychelles a fim de gozarem o resto dos seus dias lamentando-se e gozando os lucros desta desgovernação. E apesar dos iberistas todos que por aí pululam, à sombra deste governo, nem os mais otimistas acreditam que a Espanha tomaria conta da província ingovernável.

Já a dominam economicamente e não estão querendo pagar as suas contas Viriato e Sertório foram apunhalados pelos seus mais chegados conselheiros e assessores. Aprende-se mesmo pouco em Portugal.

Falta um novo Viriato a liderar os Lusitanos contra os usurpadores da República.

7 Em 5 de maio de 2018 a Ferrari avisava não ter mais carros disponíveis para venda em Portugal até ao fim do ano...

CRÓNICA 81 - UM TRANSMONTANO NO BRASIL REVISITADO: BRASÍLIA, S. PAULO E RIO (PT 1) abril 2010

Os transmontanos sempre tiveram uma atração peculiar pelo Brasil, em particular no meu caso: o bisavô materno lá ia ficando para sempre e por lá andei também a estudar o terreno.... Pode ser do clima, ou então das hormonas. Dizem que as brasileiras têm mais «*je ne sais quoi*», mas nunca descobri se era verdade, nem fui lá fazer descobertas destas, apesar de saber que as mulheres com pouca libido mostram melhoras na função sexual ao usarem um adesivo com hormonas masculinas de testosterona.

A hormona, a que lá chamam hormônio apesar de masculino, está presente na mulher, como o verdadeiro Viagra feminino⁸.

A verdade, porém, é que o grupo em que me encontrava na viagem a terras de Vera Cruz, para o 13º colóquio da lusofonia, tinha na bagagem excesso de livros e de intelecto. Se alguém ponderou a hipótese de ver belezas (naturais ou não) nunca o saberemos, mas o que nos levou a estar encafuados numa caixa de metal a 11 km de altitude, durante nove claustrofóbicas horas, nada tinha a ver com as belezas.

Dizem que o Brasil é a terra da farra e tudo serve de desculpa para a folia. Pior que a Ilha Terceira. Consta mesmo que a gente é toda de folclore e festa e pouca atenção dá a assuntos sérios, mas eram esses que nos levavam a atravessar o Grande Mar Oceano. Para muitos, era o batismo no continente sul-americano, para outros uma mera revisitação. A terra é grande, sem fim à vista, povoada por mesclas de gentes diferentes, sotaques bem variados e sangues de muitas etnias.

Antes de partirmos em Ponta Delgada íamos tendo um achaque. Como a SATA e a TAP não partilham sistemas informáticos, apenas um dos quatro membros dos Açores, tinha voo confirmado no computador do «check-in». Uma funcionária da SATA pediu autorização ao «Chefe» e resolveu o problema. Tudo se devia a uma greve de pilotos da TAP que nos fizera antecipar a partida para 25 de março. Afinal, não houve greve, e as viagens foram alteradas, mas a TAP esqueceu-se de alterar as reservas no sistema de «code-sharing» com a SATA.

Chegámos ao aeroporto pelo meio-dia e entramos na última chamada às 15.30.... Depois fomos surpreendidos por o avião fazer escala em Sta. Maria para se abastecer. Uma paragem infundável no alcatrão da pista, já que ninguém se lembrou de nos autorizar a sair e esticar as pernas. Podíamos ver a calma ilha. A viagem acabaria por se prolongar por quase 4 horas em vez das habituais duas... Depois, em Lisboa, houve que pagar multa pelo excesso de peso: levávamos 146 kg em vez de 60...

Conhecidos e desconhecidos juntaram-se, no aeroporto de Lisboa, aos que tinham vindo do Porto, da Galiza e dos Açores. Desta comitiva de 18, dois iriam fazer turismo antes dos trabalhos e, seis iriam mais tarde. A viagem, sem nada de especial a assinalar, além do tormento reservado aos fumadores. Nove horas de privações, mais as horas que antecedem o embarque. Pelo que me toca, o maior inconveniente acabou por ser trivial.

Dadas as normas que impedem líquidos, gelatinosos e pós, na cabine, não coleei a dentadura e fui a viagem toda com a cremalheira solta, sem cola para fixar a falsa dentição. Um tormento, com os maxilares dançando ao som de castanholas imaginárias, dificultando a respiração e, subsequentemente, o sono. Se não acreditam experimentem ... mal se consegue falar. Após as formalidades do aeroporto, fui a correr a um banheiro ou tualete (a vulgar casa de banho) fixar a dentição. Se acharam a cena hilariante imaginem como se vão sentir velhos quando espirrarem a placa...

Rumávamos primeiramente a Brasília, muito arrumadinha em setores idênticos, capital artificial, cinquentenária que marca a era do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira⁹. Foi o início da carreira internacional do arquiteto Óscar Niemeyer¹⁰. Uma cidade artificial construída no planalto do estado de Goiás, que fazia lembrar a Camberra australiana, outra capital artificial, bem ordenada, limpa e metódica. Em ambas havia demasiado artificialismo e faltava calor e a vida humana das grandes cidades caóticas que se encontram na maior parte dos países.

⁸ Isto li em <http://www.terra.com.br/istoegente/204/saude/index.htm>.

⁹ (Diamantina, 12 de setembro de 1902 - Resende, 22 de agosto de 1976) médico, militar e político brasileiro
¹⁰ ainda vivo e lúcido, com 103 anos (viria a falecer em 5/12/12)

Diz a Wikipédia:

Brasília é a capital do Brasil e quarta maior cidade. Em 2009, a população foi estimada em 2,6 milhões. Possui o segundo maior PIB per capita do Brasil (40 696 reais). Inaugurada em 1960, é a terceira capital do Brasil, após Salvador e Rio de Janeiro. O plano da capital, «Plano Piloto», foi elaborado pelo urbanista Lúcio Costa, que, aproveitando o relevo da região, o adequou ao projeto do lago Paranoá, concebido em 1893.

Uma cidade quente nessa manhã e na seguinte: 30 °C pelas 06.30. As temperaturas baixavam, apenas um pouco, de noite, mas de dia sempre acima dos 30 °C nesse final de março. O primeiro percalço foi a «van» não estar à espera no aeroporto. Momentos de dúvida, aproveitados para descobrir o intrincado sistema de multi-banco. Nem todos os bancos permitiam levantamentos de cartões estrangeiros. O levantamento de dinheiro era feito em pequenas prestações até 300 reais (aprox. 120 euros) mas sem se saber porquê.

Tivemos então o apoio de um membro da organização da *Conferência Internacional sobre o Futuro da Língua Portuguesa no Sistema Mundial*, organizada pela CPLP, que estava à espera de conferencistas. Depois, desistimos e metemos pés à jornada. Que é como quem diz, arranjamos transporte para uma comitiva de dez pessoas e 50 peças de bagagem. O calor apertava e o trânsito também. Chegados ao Hotel, apenas dois quartos estavam vagos. Os que quiseram e puderam foram tomar um banho, mas as representantes da Academia Galega (Concha Rousia e Isabel Rei) e o patrono dos colóquios (Malaca Casteleiro) foram diretamente para o Palácio Itamaraty, onde decorria a conferência da CPLP¹¹. Só os tornaríamos a ver pela hora do jantar.

Entretanto, a acomodação ia, devagarosamente, vagando e era quase meio-dia quando nos pudemos instalar. Refrescados, fomos cuidar do estômago que há mais de 24 horas não tinha uma refeição digna desse nome. Havíamos já decidido ir conhecer a capital nessa tarde, após a refeição (a quilo). Um circuito de quatro horas na qual se constatou que as crianças das escolas vão regularmente a Museus, por mais entediantes que possam parecer, como o do Presidente Juscelino. Vimos e não esquecemos o tormento da sentinela no Palácio do Planalto que tem de estar imóvel durante duas horas e sujeitar-se, a ser fotografado por todos. Achei grotesco, impróprio e desumano.

O Palácio onde se albergam os Senadores é bem melhor do que o dos deputados, mas isso não explica a corrupção nem o «*mensalão*» que era a cena de corrupção à época (em cada mês há casos diferentes e novos de corrupção desde o início da independência). Digna de menção e de visita prolongada é a Igreja de D. Bosco, na aparência discreta, com iluminação natural e albergando belos vitrais que merecem ser vistos. Todos em tons de azul, isso quer dizer, que nunca se vê a Igreja da mesma maneira. De manhã, verá um azul claro, quase angelical. Ao meio-dia, um azul mais vivo e no fim da tarde, um azul quase preto ou um azul-abóbora, dependendo da intensidade do Sol e se uma ou outra janela estiver aberta. À noite, quando o grande lustre se acender, bom... aí... Aí é mágico...

Deceção foi a célebre Catedral, de mãos erguidas, que estava inacessível em obras de beneficiação pelo seu cinquentenário. Ocultava-se, envolta em lonas brancas que lhe encapotavam a beleza e dificultavam imaginar a sua forma agradável. Dizem que é demasiado quente para os fiéis, segundo confirmou o guia, satírico, que se não fartava de criticar o Lula da Silva (então Presidente e o homem mais influente do mundo, segundo a revista Time).

Achei sem alma, esta cidade na forma de avião, com os seus quarteirões divididos em setores, um do governo autárquico, outro do federal, outro para farmácias, outros para compras, outro para...

O metro (aliás, metrô) vai para os subúrbios mais desfavorecidos. Foi na entrada duma das estações onde vimos pobres. Em todas as cidades brasileiras, a riqueza está paredes-meias com a extrema pobreza...jantou-se rodízio, a refeição mais cara das que pagámos (60 reais ou 24 euros).

Na manhã seguinte fomos tomar o «café da manhã», um mero eufemismo para pequeno-almoço, pois café é coisa que se não consegue beber no Brasil, em especial para os viciados em «expresso» ou «italianas». Já as colegas galegas se tinham antecipado a nós, e tinham saído na sua missão de salvar a língua falada na Galiza, ameaçada pelos castelhanos. O mundo inteiro desconhece esta guerra sem quartel. Ali, no Palácio das Relações

11 . <http://www.conferenciapl.itamaraty.gov.br/pt-br/participacao.xml>

Externas, Itamaraty, de seu nome, em obras de beneficiação para o cinquentenário, fizemos contactos úteis com a delegação de Timor-Leste e de Cabo Verde. Veremos se frutificam. De Timor estavam conhecidos, o Roque Rodrigues (ex-ministro, atual conselheiro do Presidente Ramos-Horta), e o Benjamim Côrte-Real, Reitor da Universidade¹².

28 de março: chegada domingo a S. Paulo, a agenda indicava “Visita e recepção pelo Diretor do Museu da Língua Portuguesa^{13”}:

Não fomos recebidos pelo Diretor, mas fizemos a visita. Estavam lá à nossa espera, os companheiros dos colóquios, a Zélia Borges e o Cícero, para nos saudarem, pois vivem na cidade de onze milhões de almas. Andamos às voltas com a bagagem, antes de a deixar no «guarda-volumes», arrumar três táxis e caminhar para o Museu.

Começara a choviscar. Eram 14.30 e ninguém almoçara. Ao sair dos táxis, à entrada da Estação da Luz, onde está o Museu da Língua Portuguesa, deparamos com gente de aspeto dúbio, inativa, olhando em volta, encostada às paredes. Um policial disse que para comermos o melhor era seguir sempre em frente, quinhentos metros, nas traseiras da Estação da Luz, naquela avenida de gente estranha, interdita ao trânsito, sem parar até um determinado sítio que nos indicou. Assim fizemos. Ninguém se interrogou porque não parávamos em nenhuma tasca pejada de travestis, mulheres de vida (fácil?) difícil, drogados, bêbedos, mendigos e outro refugio da sociedade de consumo impiedosa.

Comemos e bebemos numa lanchonete, tipo taberna, mais típica do Portugal dos anos cinquenta do século passado, do que S. Paulo em 2010. Depois corremos para o Museu, que o tempo urgia e havia outro avião a não perder ao anoitecer. Ainda houve tempo de ir a correr buscar a pasta com os bilhetes e toda a documentação que ficou esquecida sob a mesa da lanchonete... ninguém viu ou roubou. Na recepção, cumpridas as formalidades, fomos recebidos por uma guia que pediu desculpa, o Diretor ficara retido em Brasília até ao final do dia¹⁴.

Estava lotado o Museu. É um espanto e dá largas à imaginação na preservação da cultura linguística que nos une. Além da parte informativa, o conteúdo lúdico atrai inúmeras pessoas de todas as idades. Pensei se e quando isso aconteceria em Portugal.... Era tanto mais para admirar por ser domingo de entrada paga (4 reais: 1,5 euros). De lá retiramos as ideias necessárias para os nossos projetos de Museu (da Lusofonia, Bragança e da Açorianidade na Lagoa, Açores).

Chovia a cântaros quando entramos nos táxis de regresso ao aeroporto, num congestionamento de trânsito memorável. O percurso fez-se em 40 minutos, mas o motorista disse que dias antes demorara três horas... Tivemos ainda tempo para jantar num «self-service» do aeroporto, com vista para a pista, antes de voar para o Rio, Cidade Maravilhosa. Chegamos pelas 23:00, e à nossa espera, finalmente, um magnífico «autopullman», ónibus privativo, levou-nos ao Hotel Copacabana Mar, num dos distritos mais conhecidos do Rio.

Fora um dia agitado, dia de político deve ser assim: acordar em Brasília, almoçar em S. Paulo e dormir no Rio. A temperatura acima dos 30 °C, àquela hora da noite, tornava-se mais insuportável pelo excesso de humidade do ar. Já em 1994, quando ali estive, suporrei temperaturas de 35 °C e mais, com humidades próximas da saturação. A má recordação da comida brasileira em 1994 iria ser dissipada com a boa comida que nos foi servida. Havia que dormir e levantar cedo na manhã seguinte. O horário era apertado¹⁵.

Saímos do Hotel (Malaca, Anabela Mimoso, João, Helena, Telmo Nunes e o transmuntano Francisco Madruga, editor convidado este ano) pelas 08.30 em busca de um ATM ou banco que desse dinheiro. Bancos havia muitos, mas dispostos a darem dinheiro poucos. Pela sexta tentativa, marcas diferentes de bancos e ATM tivemos sorte num supermercado Pão de Açúcar. Pouco depois, o Prof. Malaca recolheu devido ao calor e

12 ver fotos, <http://www.lusofonias.net/coloquios-todos/imagens-dos-coloquios/683-brasilia-slideshow-2010-13o-coloquio.html>

13 <http://www.museulinguaportuguesa.org.br/museudalinguaportuguesa/index.html>

14 Fotos <http://www.lusofonias.net/coloquios-todos/imagens-dos-coloquios/673-sao-paulo-slideshow-13o-coloquio-2010.html>

¹⁵ 29 de março: segunda-feira

12.00 Almoço privado com o Presidente da Academia Brasileira de Letras, Marcos Vilaça,

14.00 Palestra na Academia Brasileira presidida pelo Presidente e Evanildo Bechara. Sessão pública com Malaca Casteleiro (Academia das Ciências de Lisboa), Concha Rousia (Academia Galega da Língua Portuguesa) e Chrys Chrystello dos Colóquios.

18.00 Visita ao Real Gabinete de Leitura onde Isabel Rei (Academia Galega) deu curto recital e os Colóquios assinaram um convénio com o Liceu Literário Português

humidade excessivos. Mesmo em frente ao Hotel Copacabana¹⁶, o meu filho João foi dar um mergulho nas águas quentes de Copacabana, no que será, decerto, um momento alto nas memórias futuras e de que talvez, se não tenha apercebido. Quem sabe se não estaria a viver o melhor dia da juventude sem o saber?

Andamos uns quilómetros, para trás e para a frente, ao longo da marginal infindável. Tive de regressar ao Hotel para me aprontar para o almoço. Viria a ser um momento inolvidável, rodeado de «*imortais que não imorríveis*», como diz o Bechara. Um mero aprendiz de feiticeiro no Olimpo com os Deuses¹⁷.

O Presidente da Academia Brasileira de Letras, Marcos Vilaça, foi muito simpático ofertando livros, a medalha comemorativa de Machado de Assis e um lauto almoço com bolo de Pernambuco, réplica da bebinca de Macau e de Goa. Vilaça insistiu em presidir à abertura da palestra, antes de ceder o lugar a Bechara.

Dezenas de jovens e ilustres académicos enchiam o auditório, na sessão de três horas que jamais esquecerei. Além dos livros e medalha ofereceram-nos um pagamento simbólico, mil reais, o «jeton», que atribuem a todos os académicos que ali vão discursar. Senti-me como o primeiro homem a andar no espaço sideral. Quando aterrar, avisarei.

Depois do jantar abateu-se uma tempestade de chuva torrencial e trovoada altissonante que, por mais de uma hora, nos impediu de regressar ao hotel. De manhã, fomos de abalada para sul, para o açorianíssimo estado catarinense. Seria uma agenda plena, visitas, seminários, palestras e sessões, antes do começo do colóquio.



16 (os Rolling Stones deram ali um dos maiores concertos em 2008)

17 Fotos em <http://www.lusofonias.net/coloquios-todos/imagens-dos-coloquios/730-abl-rio-2010.html>

CRÓNICA 82 - BRASIL SANTA CATARINA março 2010

82.1. SANTA CATARINA, A DÉCIMA ILHA AÇORIANA?

Escrevo em pleno domingo do Santo Cristo, sol a brilhar e todos os aviões parados devido à nuvem de cinzas do vulcão da Islândia, que tem um nome bem difícil de se pronunciar Eyjafjallajökull. Há um mês fecharam a Europa uma semana e fecham-na agora aos soluços. Hoje foi Portugal mais os Açores e a Madeira, Áustria e Itália, ontem, foi Espanha, mas ainda não vi qualquer nuvem de cinzas. Os meteorologistas e vulcanólogos de serviço já vieram alertar para os perigos. Nuvens sempre as tivemos, muitas, com mais ou menos cinza que é a cor favorita, embora há uns anos surgissem os chemtrails tóxicos com que nos andam a envenenar e a chamar-nos teóricos da conspiração...

O parapeito da janela, que é branco, assim continua, e a chuva que cai não suja mais do que dantes. Devem querer os céus limpos, sabe-se lá para quê. Espionagem? Testes? Isto é estranho pois já se ouviu, um ou outro cientista a dizer que as autoridades europeias se precipitaram e que não havia perigo para os aviões, mas insistem em fechar os céus e deixar milhares de pessoas em terra. Já houve erupções bem piores e nunca se ouviu falar em fechar o espaço aéreo.

Será que estes cientistas tiraram cursos de «Novas Oportunidades» como o primeiro-ministro? Só se a nuvem do vulcão tem produtos tóxicos que conhecem, mas não nos dizem...ou será mais uma daquelas coisas não muito bem explicadas como o atentado ao Pentágono? Quem lucra? Serão os países, hotéis e transportes coletivos, incluindo comboios, já que as companhias de aviação devem perder uma fortuna. Mais um argumento para se construir o TGV em Portugal.

Voltemos ao Brasil e a Sta. Catarina, no 13º colóquio da lusofonia, o primeiro em Terras de Vera Cruz, no Estado mais açoriano de todos. Ali chegamos dia 30 de março e fomos almoçar com os organizadores locais. Antes de recolhermos ao Hotel, levaram-nos ao Morro da Cruz, o ponto mais alto de Florianópolis, donde se podia desfrutar uma bela vista de 360º.

Houve apenas o senão de sermos escoltados pela Polícia Militar com um aparato policial que todos estranharam. Sirenes a apitar, luzes a piscar, um batedor em moto e um jipe da PM com um casal de jovens policiais, até me senti presidente de qualquer república das bananas. Disseram que era pelo perigo de sermos assaltados no Morro da Cruz, mas como os policiais eram todos militares e da secreta, mais nos pareceu que queriam ouvir o que tínhamos para dizer.

O carro oficial do governo, que nos primeiros dias cedi aos Professores Malaca e Bechara, desapareceu, tal como surgira. O motorista deve ter reportado que éramos inofensivos. Também nos disse abertamente, no primeiro dia, que fora da «secreta» e conduzia carros oficiais, seguindo-nos como uma sombra, de ouvido atento ao que dizíamos.

Estivemos relaxados com tempo para uns mergulhos na piscina e banhos retemperadores no «jauzziz», com excelente vista para o continente e a enorme baía fronteira ao Hotel. A agenda era apertada¹⁸.

Na manhã seguinte, dia 31, fomos à UFSC (éramos assistentes presenciais no Seminário das Cidades Fortificadas que era nosso parceiro no evento) e saímos para o Colégio Salvatoriano N. Sra. de Fátima no continente (Educação Básica e Ensino Médio) onde os professores haviam preparado uma recepção musical e dançante com alunos em curiosos bailados elogiando a Língua Portuguesa.

Havia um varal de poesia donde estavam suspensos trabalhos dos jovens a justificarem as vantagens do novo acordo ortográfico. Curiosamente, alguém notou que não se viam índios nem negros entre os

¹⁸ Programa:

31 de março quarta-feira 09:00 - Seminário das Cidades Fortificadas na UFSC.

10:30 - Visita, sessão no Colégio N. S. de Fátima, no continente (Educação Básica e Ensino Médio)

15.00 - Recepção na Câmara de vereadores, homenagem à comitiva

17.00 - Sessão de esclarecimentos na UNISUL

01 de abril, 5ª feira - Florianópolis - Passeio sul. Visita ao Ribeirão da Ilha, Ecomuseu (palestra do professor Nereu do Vale Pereira), Porto do Contrato (petiscos). Almoço no Pântano do Sul (restaurante Arantes)

02 de abril, 6ª feira santa - Florianópolis - Passeio de escuna, Fortalezas de Sta. Cruz na ilha de Anhatomirim, de Sto. Antônio de Ratonos e S. José da Ponta Grossa (Seminário)

03 de abril, sábado - Florianópolis - Norte, Sto. Antônio de Lisboa uma das povoações mais antigas de Sta. Catarina. Área de preservação cultural guarda a tradição da comunidade pesqueira, com casarios centenários e uma rua pavimentada com pedras brutas do tempo da escravidão. Destaque para a Igreja de N. Sra. das Necessidades, 1750 e 1756, uma das mais charmosas da Ilha, e a bicentenária Casa Açoriana, galeria de arte e museu popular.

Almoço no Restaurante Chão Batido em Sto. Antônio de Lisboa. Encontro com a imprensa

04 de abril domingo / Páscoa - Florianópolis 10.00- A Prefeitura Municipal de Palhoça recebe a comitiva oficial para um dia cultural com oferta de almoço

19:00- O Prefeito da cidade de Governador Celso Ramos homenageia a comitiva com um documentário «Ganchos entre mares e montanhas» no Hotel Maria do Mar

05 de abril de 2010 - 2ª Sessão de esclarecimento UFSC, visita ao NEA (Núcleo de Estudos Açorianos Joi Cletison)

alunos, na sua maioria brancos e louros. Colégio católico, provavelmente dispendioso para as minorias desprivilegiadas. Depois, assustei uns alunos com o meu sotaque australiano em plena aula de inglês do 5º ano...antes de ir para a sessão de esclarecimento, com debate e mostra de poesia por três alunas.

Após o almoço, seguimos para a baixa onde tivemos uma Receção na Câmara de Vereadores, com homenagem à comitiva e proposta de estreitamento de laços e de futuros protocolos com a Cidade de Florianópolis. O Presidente nos presenteou, numa cerimónia simultaneamente descontraída e formal. Saímos para a UNISUL ver o departamento de ensino a distância. Nesta Universidade tínhamos previsto começar o curso de Estudos Açorianos (ali mesmo o cancelaríamos). A coordenadora era uma das coorganizadoras locais do colóquio, mas perdeu todo o respeito e a confiança da Comissão Executiva por plágios vários e outros motivos que aqui não vêm à liça.

Dia 1 de abril saímos bem cedo para um passeio ao sul da ilha. Lá fomos ao Ribeirão da Ilha, pequena cidade costeira com muitos traços açorianos e habitantes orgulhosos do passado, visível nos nomes «açorianos» que davam a tudo.

Fomos depois à Pousada, onde está o Ecomuseu em honra de Franklin Cascais, sendo guia o veterano professor Nereu do Vale Pereira, dono do local e amante da história açoriana. Antes, porém, paragem e bebidas nas águas calmas do Porto do Contrato, belo local para se viver e onde se fixaram há mais de 200 anos os primeiros açorianos que para ali foram contratados antes de povoarem o Estado de Sta. Catarina.

Seguimos para outra cidade costeira, o Pântano do Sul, com almoço no restaurante Arantes, o mais açoriano de todos na ilha e que tem nas suas paredes uma homenagem a Vamberto Freitas. Foi aqui que a colega Manuela Marujo, de Toronto no Canadá, comprou uma vivenda para passar seis meses do ano enquanto não se reforma da universidade canadense.

Dia 2 sair bem cedo para um passeio de escuna às Fortalezas de Sta. Cruz na ilha de Anhatomirim, de Sto. António de Ratonos e S. José da Ponta Grossa (fazia parte do Seminário). Almoço descontraído sob calor intenso em plena Praia dos Golfinhos, animal que não vimos. Belas construções fortificadas com lendas de heroicas defesas contra espanhóis, franceses e holandeses, sendo em Anhatomirim que se construiu a primeira residência oficial do Governador do Estado, e ali fomos presenteados com uma interessante recriação e representação teatral do Imperador e de Dona Carlota Joaquina a agraciar os nobres locais e a armá-los cavaleiros. O espantoso era a semelhança da senhora com D. Carlota. A viagem cansativa acabou tarde e a más horas, os organizadores do seminário excediam-se em explicações de cada fortificação. Chegamos noite cerrada.

Tal como nas noites anteriores, para a comitiva hospedada no Hotel, havia um grupo a interpretar música brasileira (nisto de farra e folia ninguém o faz melhor do que eles).

Sábado, dia 3 de abril, fomos a uma cidade costeira, no norte da Ilha, Sto. António de Lisboa, uma das povoações mais antigas. Como área de preservação cultural guarda a tradição da comunidade pesqueira, com casarios centenários e uma rua pavimentada com pedras brutas do tempo da escravidão. Destaque para a Igreja de N. Sra. das Necessidades, de 1750 a 1756, e para a bicentenária Casa Açoriana, galeria de arte e museu popular.

Almoço no Restaurante Chão Batido em Sto. António de Lisboa. Devo confessar que apesar de tudo não vi tantas semelhanças como dizem existirem com os Açores. As recordações avivadas pelas fotografias não me deixam falar da açorianidade arquitetónica ou urbanística. Existe como um elemento metafísico, invisível e intangível, sempre presente.

A açorianidade das gentes e terras é mais um estado de alma. Um mês passado, recordo melhor as paisagens da costa, os mares calmos, a neblina ao amanhecer e os magníficos pôr-do-sol, do que a herança açoriana. Eles sentem-na e defendem com unhas e dentes a descendência de gerações. Aparte uma ou outra casa de “tipo açoriano” qualquer que seja a definição, encontrei mais o sentimento de pertença aos Açores duzentos anos passados do que encontro noutras partes do mundo.

Este sentimento, já o disse no *Crónica Açores*, é bem peculiar dos açorianos no Canadá, EUA ou Brasil. Era notório como todos se queriam afirmar mais açorianos do que os açorianos. Eram paradisíacos locais com belas praias e paisagem maravilhosa em inúmeras baías povoadas de pequenas ilhas a estimularem a nossa vontade de as comprar e nelas habitar.

Nesses dias ainda sonhamos deixar os Açores e fixar residência ali naquelas paisagens paradisíacas. Com mil euros já se vive confortavelmente, o custo de vida é relativamente barato, se não se andar atrás de modas e marcas. Era a solução para a Helena se desvincular do Liceu, como insisto teimosamente em chamar-lhe, que tanto a desgasta e poucas satisfações lhe trás. Anda cansada, desanimada e desiludida com a missão de ensinar, limitadíssima, num ensino que se ocupa de burocracias, relatórios, reuniões infundas, enfim, tudo menos a função primordial que era a de formar jovens com conhecimentos.

O resto da comitiva ia chegando aos poucos e domingo de Páscoa chegaram o Luciano Pereira (presença habitual desde o colóquio nº 1) e a Edma Satar, corresponsáveis pelo projeto da Diciopédia re-batizado de Lexicopédia pelo patrono Malaca. Com eles veio o Tiago Mota do Chá da Gorreana. Nos dias seguintes o José Carlos Teixeira de Okanagan, British Columbia (Canadá) e o jovem escritor, descendente da Lomba da Maia, Anthony de Sá, e a nossa pianista residente, a Ana Paula Andrade. Sta. Catarina, não é só feita de praias ilusoriamente divinais, pois uma vez saídos da agenda oficial constatamos que o país vive numa burocracia napoleónica, tal como Portugal teve até há poucos anos.

Apesar dos progressos e competitividade em várias áreas de desenvolvimento económico, é ainda, um Brasil da Polícia Militar, - onnipresente - com corrupção e nepotismo em cada canto. A propósito, os prefeitos sempre nos apresentaram as primeiras-damas com cargos executivos nas prefeituras...era demasiada coincidência.

Aprenderam bem a lição de Portugal, disse com os meus botões. Quem exerce o poder, fá-lo de forma discricionária e despótica sobre os pobres e desvalidos que se lhe têm de submeter sob risco de perderem mordomias ou apoios a candidaturas futuras. Uma intrincada teia de interesses que o poder tece e que ameaçou implodir em pleno seio dos colóquios. Ou, como a Helena diz, este povo não só faz telenovelas, vive-as a cada minuto.

Isto é perigoso, funciona no sistema teia de aranha que a todos enleia antes de devorar na intrínseca fome de protagonismo e destaque. Nada disso busco, tive muitos 15 minutos de fama, como diria o Andy Warhol, mas o mais notável fora dias antes na venerada Academia Brasileira de Letras. Estas guerras da manjerona deixavam-me agastado e incómodo em terras onde sempre seria, estrangeiro, apesar da vovó brasileira e do resto da família que ali vive e se não dignou ver-me.

O Brasil é um misto de pobreza generalizada e duma minoria muito rica, enormes conquistas tecnológicas e atraso. Os bancos vivem nos anos 1960, a internet é lenta e cara, e os correios funcionam muito mal. Mas é um país de contrastes pouco cosmopolita e demasiado coloquial.

82.2. O BRASIL PROVINCIANO

Retornamos ao Hotel, onde noite adentro havia uma pequena festa organizada pelo Vasco Pereira da Costa, escritor convidado, em honra da Helena Chrystello que celebrava o seu aniversário. Foram ao supermercado buscar vinho, pão, chouriço e queijo e fizeram a imitação açoriana duma farra, enquanto nos andares de baixo do hotel se celebrava um casamento que terminou pela madrugada dentro.

A Páscoa era dia seguinte e tínhamos de ir ao continente onde a Prefeitura Municipal de Palhoça recebia a comitiva oficial para um dia cultural e almoço. Foi o primeiro encontro com índios, e haviam dito que estavam a ser integrados na sociedade. Deles apenas vislumbrara uns tantos, vendendo artesanato, na manhã em que fôramos ao mercado comprar lembranças.

Pois bem, estavam por detrás das janelas espreitando, a medo, espantados por verem gente de outras paragens a falar um português diferente. Deram um recital de música índia, as caras e a linguagem corporal eram de tristeza e temor, como obrigados a representar um pedaço da sua cultura, animais em feira de novidades ou circo de anormalidades. Houve um trio vocal (mescla de sangue índio e português) a cantarem uma ou outra cantilena tradicional e umas jovens de seis ou sete anos vestidas com um qualquer traje folclórico português a dançarem uma modinha dita açoriana, além de uns tantos discursos oficiais de entidades locais.

Quando chegou a minha vez, não deixei de pôr o dedo na ferida, elogiando os esforços da prefeitura e das entidades locais, de trazerem os índios ao seio da comunidade, preservando e respeitando a cultura e tradições, pois tal como eu aprendera na Austrália com os aborígenes, eles eram os originais habitantes e deveríamos respeitar a ligação secular que tinham com a terra de seus antepassados.

É sempre um perigo eu falar de improviso, sai sempre politicamente incorreto. Jamais esquecerei a jovem índia que nunca ergueu os olhos do chão nem olvido as expressões taciturnas dos restantes adolescentes de ambos os sexos. Apetecia ficar ali e lutar pela preservação da herança índia, mas como Chefe da embaixada cultural açoriana nada mais podia fazer. Depois da troca de galhardetes e de ofertas visitamos a Igreja local e fomos almoçar.

Outra cena me espantou, pois surgiu em pleno almoço, um padre a celebrar um qualquer rito pascal, de mãos dadas e cânticos religiosos, sem alguém cuidar de saber se a companheira Edma (de Moçambique) era islâmica, ou se havia não-cristãos naquela vasta comitiva. Monoteísmo oficial? O Prefeito de Palhoça precisa de lições de multiculturalismo em alta dose. Aparte isso, havia uma vontade enorme de celebrarem protocolos com os visitantes e de criarem mais laços para perpetuarem a memória dos colonos açorianos.

A imagem da índia cabisbaixa perseguiu-me até hoje, sei que continuavam a viver à moda deles nos montes e raramente descem ao povoado. Havia naqueles olhares desconfianças seculares por promessas

incumpridas, suspeito. Não fui só eu a suspeitar isso houve mais gente a notar. Ao fim da tarde teríamos, no Hotel, uma recepção oferecida pelo Prefeito da cidade de Governador Celso Ramos, homenageando a comitiva com um documentário intitulado «Ganchos entre mares e montanhas».

Na impossibilidade de irmos a todos os municípios que queriam receber a comitiva oficial, decidira aquele Prefeito visitar-nos, falar e mostrar em vídeo o município. Ia acompanhado da secretária dos assuntos culturais, curiosamente a primeira-dama, e queria igualmente celebrar parcerias. Esta era a tônica de todos os encontros oficiais ali realizados até ao momento. Havia ansiedade das gentes e municípios em mostrarem que eram mais açorianos que o município vizinho...

Na manhã seguinte, a comitiva deslocou-se a uma visita com Sessão de esclarecimento na UFSC perante uma centena de alunos e professores (uma aluna dormiu descaradamente durante os 75 minutos da sessão). Por fim, impunha-se uma visita ao NEA (núcleo de Estudos Açorianos, dirigido por Joi Cletison), que há mais de 25 anos apoia a reconstrução histórica da memória açoriana em todos os pontos do Estado, trabalho dedicado com menos folclore e mais substância científica, pareceu-nos.

De tarde começaria o XIII Colóquio. Joi Cletison iria estar presente todos os dias.



CRÓNICA 83 LIVROS, AS TRADUÇÕES DO DANIEL DE SÁ E A MICHELE DOS BEATLES, BOLA, SARAMAGO E UMA PNEUMONIA, 12 – 26 junho 2010

83.1. AS TRADUÇÕES DO DANIEL DE SÁ E A MICHELE DOS BEATLES

O Daniel de Sá escreveu o seguinte texto em abril 2010

... que alívio senti ao ler o que me dizes! Eu temia que os meus livros que o Chrys já traduziu, e muito bem, ficassem manchados com o nome de um Jesse James à nossa maneira modesta de ser. Afinal, o homem não é nada disso, graças a Deus. Bem bom. Ou "rebim bum", como se diria no dialeto do micalense que se falava na Maia. (Traduzo: "re+bem bom", o que é muito mais que bom.).

Pois se o homem até toma café, como poderia ser má criatura? Enredos de gente maldosa, isso é que é. É absolutamente inofensivo, garanto. Uma espécie de Indiana Jones em versão civilizada. Só que, em vez de crocodilos, caça línguas. Ah, e por ter referido que é um excelente tradutor, chamo em meu auxílio uma opinião que vale sem dúvida muito mais que a minha.

Uma senhora americana chamada Michele (que é que tem este nome de importante para ser referido? já digo) leu o livro e achou a tradução muito boa. Ela está, ou estava por Rabo de Peixe, e disse-o ao Michael Hudec, um pintor americano que ficou por cá há décadas. Foi ele que mo contou.

A senhora falou-lhe de um livro que tinha lido e uma das coisas que referiu foi a boa tradução. Quando o Michael Hudec viu o livro ("O Pastor das Casas Mortas") disse muito satisfeito: "Eu conheço-o! (Este "o" sou eu.) E essa tal Michele é a senhora que, quando era rapariga, inspirou aos Beatles a canção do mesmo nome.

83.2. DE BOLA E NOBEL

O mês foi pródigo em eventos, mais um campeonato do mundo de futebol, excelente para levantar o moral às massas e anestesiar-las. Repetindo a aventura de há 44 anos, em que Portugal recuperou de 0-3 para 5-3 frente à Coreia do Norte, desta vez vingou-se e ganhou 7-0.

O selecionador, Carlos Queirós, passou instantaneamente de besta a bestial, e houve festa nas praças e ruas. Esqueceu-se a crise e os sorrisos voltaram às faces endividadas dos portugueses.

Os franceses entraram em greve e recusaram-se a treinar, o que só lhes fez bem, eliminados sem vitórias nem honra, cumprindo-se a vingança irlandesa, que ficara de fora do Mundial por um golo francês marcado pela mão de Thierry Henri...



E, por último, fiquei a saber que o barulho das vuvuzelas no Mundial pode fazer mal à saúde em especial aos tímpanos, mas a única razão para eu não gostar das ditas é saber que podem ter vindo da Papua Nova Guiné depois de usadas. Já descobri de onde vieram as Vuvuzelas, pense nisto da próxima vez que as apitar.

Há dias, morreu um homem que concitava grandes ódios e poucos amores, mas que ao receber o Prémio Nobel da Literatura levou a Língua Portuguesa a mais cantos do mundo do que muitas campanhas mediáticas. Goste-se ou não da sua escrita, da pessoa, da sua ação, levou a língua mais longe, embora traindo a pátria que

o desprezou, proclamando a versão mais colonial do iberismo que imaginar se possa e vivendo em Lanzarote, Ilhas Canárias, com a sua segunda mulher, espanhola.

Esquecera há muito a primeira, que durante mais de duas décadas, fizera a revisão dos seus textos e esteve ausente na hora da morte.

Encheram-se páginas de jornais, revistas e horas infindas de televisão a discutir os méritos e deméritos de um homem a quem Cavaco Silva (o homem que pensa que é Presidente da República) amuado desde 1992, não quis prestar a última homenagem oficial, vindo aos Açores (Ponta Delgada) passar quatro dias de férias, mais um do que o luto oficial decretado.

Houve quem criticasse o autor premiado com o Nobel (o único literato de língua portuguesa laureado) pela pontuação ou falta dela, outros não gostavam do seu comunismo leninista, pelas depurações de jornalistas quando esteve à frente do DN, ou quando – mais tarde como autor - se amancebava com lucros chorudos e negócios milionários, mas poucos ficaram indiferentes ao homem que ora morreu.

O Estado Português que o menosprezou em vida e censurou em 1992, quis recompensá-lo depois de morto e mandou a senhora Ministra da Cultura, Gabriela Canavilhas no avião oficial, buscar os restos mortais e trouxe-o para ser cremado em Lisboa. Ali ficará, perto da Casa dos Bicos onde funciona a sua fundação com fundos do Estado.

Os problemas de Portugal já ultrapassaram tudo o que imaginar se podia e a rota para o abismo continua inabalável. É deplorável quando a política não se distingue do futebol, ou seja, quero que “*ganhe o meu partido, quero derrubar o líder do governo*” quero tirar de lá aquele que eu preciso é desse tacho..., e não se trabalha em conjunto para levantar a nação em geral, o que é geralmente o caso.

Estão todos estranhamente unidos na manutenção irrealista de pensões e mordomias enquanto, compungidos, suplicam ao país que aguente mais sacrifícios. O povo sustenta estes e todos os outros sofrimentos, pois está a ser moldado para ser cordato e ordeiro como convém a quem governa. Enquanto os políticos na tribuna falam, falam, falam e não fazem nada, o povo protesta, queixa-se e copia-os, não fazendo nada.

Um círculo vicioso perfeito apenas entrecortado pela famosa trilogia portuguesa do Fátima, Futebol e Fado, que ora retornou ao quotidiano lusitano. Já ninguém promete dias melhores, apenas mais do mesmo e pior ainda. Mais sacrifícios presentes e futuros em troca de nada. Ninguém promete luzes ao fundo do túnel, pois se vive num feudalismo republicano, de acumulação de reformas para ministros, deputados, assessores, com imensa acumulação de privilégios para a minoria que come da gamela governamental e se alcandora a posições de poder, prestígio e benefícios financeiros. Há que entender que este país com estes políticos, do PS do PSD ou outro, não vai a lado nenhum...enquanto se não acabar com o sistema de cunhas e compadrios, bem pior do que no tempo do Salazar “Botas”.

Tem de se acabar com a impunidade na justiça, há que parar e reduzir a corrupção rampante; há que deixar de aviltar a educação e de colocar os professores na lama; é imperioso deixar de fazer cortes no setor da saúde que se não tem; urge terminar com a sociedade norteada pela falta de princípios e de exemplos (com que fui educado, conquanto tenha crescido numa sociedade conservadora judaico-cristã, cresci com valores que é coisa que não é frequente ver-se hoje); é essencial terminar com a proliferação do chico-espertismo, da ignorância, do quero, posso e mando.

Assim, quer o povo deixe ou não, o governo continuará a fazer o que bem entende em proveito próprio e detrimento nacional. Dizem que era assim na monarquia, na 1ª república, na Ditadura e 2ª república. Já o Galba dizia “... *nem se deixam governar*” e querem ser governados pelos espanhóis (cujo regime político se recomenda tanto como o português). ([LER CRÓNICA 66](#))

Não vejo, infelizmente soluções nem saída, a não ser a minha eventual saída de cena (em data para a qual não posso contribuir pois não depende de mim e quando nasci não vinha acoplada a etiqueta com o prazo de validade) e o posterior silêncio, dado que o mote é: o último a sair que apague a luz. Nem sequer tenho

esperança de que haja solução neste mundo neoliberal globalizante em que o lucro e o dinheiro tudo comandam e o resto é nada.

Uma nova versão dos senhores feudais (ora bancos e correligionários) e da gleba (somos quase todos) ...as receitas financeiras que nos impõem nesta cura forçada servem para dar dinheiro aos bancos que nos levaram a este caos. Ou seja, mais do mesmo, para que os bancos continuem a fazer dinheiro fácil sem olharem a meios. Para que continuem a especular e a investir mal para poderem continuar a receber prémios e bónus milionários quaisquer que sejam os resultados desastrosos da sua atuação.

Os nossos filhos e os nossos netos não vão poder pagar a fatura que existe. Toda a vida deles, presente e futura, foi já antecipadamente hipotecada em troco de autoestradas e de projetos que não criam riqueza, mas empregos temporários e bons lucros para construtores civis e outros. Claro que filhos e netos pensam que podem escapar impunes. O meio-ambiente e a própria Terra que habitamos podem, um dia destes dizer BASTA e acabar de vez com a dilapidação de recursos. Também, por vezes, parece ser este o desejo de muito boa gente...que imagina poder sobreviver nos seus "bunkers" cheios de dinheiro.

Há quem preveja na União Europeia que a idade da reforma suba até aos setenta anos, ou seja a vida inteira a trabalhar para depois ficar na miséria (então já não deve haver reformas para o povo). Deve ter sido por isso que em tempo de crise acabam de aumentar os vencimentos e mordomias dos deputados, vistos em várias imagens a dormir e a entreterem-se nos telemóveis e computadores, enquanto decorrem as sessões que ditarão os nossos maiores sacrifícios. Aliás, a UE admitirá, mais cedo ou mais tarde, a necessidade de acabar com todos os privilégios do Estado Social dos últimos 50 anos que só tornam as pessoas infelizes depois de terem andado este tempo todo a enganá-las com a promessa de felicidade material à face da terra.

Cheios de razão, há por aí aqueles a que muitos chamam de Velhos do Restelo, começando pelo José Gil e outros grandes pensadores portugueses, mas poucos dos que os criticam pararam para pensar se não estarão certos no seu pessimismo, ou se não serão realistas na sua análise.

Os portugueses vão ter que aprender à sua custa e isso pode demorar gerações. Há sítios no mundo bem piores, convenhamos, bem mais corruptos e violentos, mas nunca devemos olhar para os que estão pior, mas sim para os que já estão numa fase melhor. Portugal já tem um mínimo de boas condições para se viver. Há um enorme desencanto, mas cada um tem que fazer o seu melhor. Temos de trabalhar com o que temos de bom e positivo em vez de estar sempre a malhar no que é mau. Não sei se há alternativa.

Não podemos mudar os outros, infelizmente. Disse Gandhi "*Be the change you want to see in the world.*" Isso é o que faço, na senda da divulgação de autores portugueses (deveria dizer açorianos, mas alguns chateiam-se), numa visão ampla da Língua Portuguesa no mundo, pensada para daqui a cem anos. Isto e os outros projetos em que se envolvem os Colóquios da Lusofonia. Faço-o sem querer fama nem proveito, a custo zero e a isso dedico o tempo todo sem remuneração....

Pensando melhor, se todos fizessem em 5 ou 10% das suas horas livres, o que faço com a minha vida (sim, os colóquios são já a minha vida), o país progredia..., mas sozinho sou apenas uma gota no imenso oceano de dejetos (falta de moral, de princípios, de ética, etc.) que me rodeia.

Por vezes, assalta-me o desalento, a falta de compreensão dos outros, a falta de apoios, a falta de mecenas, tenho ganas de desistir e deixar a obra incompleta, mas é a minha vocação, a marca terrena perene que quero deixar impressa na rocha, como se estas terras em que vivo não fossem elas mesmo um vulcão, mas sim eu. Este é o meu magma, a minha lava ardente lavrando pequenos sulcos na paisagem. Sem isso não encontro grandes justificações para permanecer entre os vivos, sou uma gota minúscula neste imenso oceano que me rodeia, mas uma gota feliz, mais do que quando era escravo *workaholic* (trabalhólico) 18 horas ao dia, para ter mais e mais.

Admito sentir-me triste e impotente pela mole humana que me rodeia e por poder fazer tão pouco por mais tolerante que tente ser. Sou cidadão australiano, mas se fosse português seria meramente mais um voto que de nada serviria...apenas daria legitimidade para continuar a dizer EU NÃO VOTEI NELES... Eles não são os

mesmos do tempo em que no TUP¹⁹ me extasiava a ouvir o grande Zeca Afonso (que compôs a música da peça onde entrei Fuenteovejuna de Lope de Vega) cantar secretamente, paredes-meias com o quartel-general da GNR no Porto... "*eles comem tudo...*"

Na altura não comiam nada comparados aos atuais “chicos-espertos” que nos impelem a recordar:

*No céu cinzento
sob o astro mudo
Batendo as asas
Pela noite calada
Vêm em bandos
Com pés de veludo
Chupar o sangue
Fresco da manada
Se alguém se engana
com seu ar sisudo
E lhes franqueia
As portas à chegada
Eles comem tudo
Eles comem tudo
Eles comem tudo
E não deixam nada [Bis]
...²⁰*

Infelizmente estamos condenados a ser gotas, devemos comprazer-nos com a nossa insignificância. É imperativo tratar de nos sentirmos bem, como gota que somos dentro da nossa pele, sem jamais nos calarmos quando vemos coisas erradas. Mas claro está que não adianta reduzir a realidade apenas a estas coisas ou aos desgostos pela governação do país e do mundo. Não faz bem a ninguém.

Temos de continuar a acreditar que nós, a pequena gota, mais minúscula que uma lágrima furtiva, podemos fazer a diferença, nem que seja só no restrito círculo em que nos movimentamos. Mesmo quando antecipadamente sabemos que isso jamais será suficiente para alterar o desvio da rotação da Terra, a perda do escudo magnético ou para impedir as profecias de *Nostradamus*, dos 3 pastorinhos ou outras...

Deixando estes assuntos, que tão importantes parecem no dia-a-dia, a fragilidade da vida humana veio bater à porta. A minha mulher chegou da escola à hora do almoço, na véspera de S. João, com febre de 39 °C que se recusou a baixar durante 12 horas. Difícil doente que se recusa a ser tratada, insistiu para que tentasse contactar o médico de família na vizinha Gorreana.

Apesar de centenas de chamadas para os seus números de telefone entre as 14 e as 22 não foi possível chegar à fala com o clínico. Como a febre não baixava, o Conselho de Família, constituído por pai e filho menor de 13 anos, decidiu levar a doente a Ponta Delgada ao Hospital do Divino. Entre as 22.45 e as 04.45 ali estivemos, até sabermos que a paciente estava com uma pneumonia e ficaria internada.

Regressamos a penates e duas horas depois de adormecer já ela exigia que a fossem buscar pois queria vir para casa. Apesar de vomitar o pequeno-almoço e desmaiar, os médicos entenderam que estava bem medicada e podia recuperar em casa.

Passados dois dias, ainda está fraca, mas sem febre. Isto só veio provar aquilo que já todos suspeitavam, este escriba não tem feitio nem vocação para enfermeiro de doentes difíceis. Esperemos que o recobro se faça sem mais problemas e que seja rápida a recuperação, a vida sem saúde é uma chatice.

19 TUP (Teatro Universitário do Porto 1967-1972)

20 http://www.youtube.com/watch?v=ZUEeBhhuUos&feature=player_embedded

CRÓNICA 84 EVOCAÇÃO DA MÁTRIA BRAGANÇA, julho 2010²¹

Sobrevalorizo as memórias de infância. Durante anos fui admirador dos mares, da sua imensidão, mistério, sortilégio e temor, evocando a História Trágico-Marítima que me influenciara no Liceu quando me identificava com os colonos e naufragos abandonados em terras hostis de gentios. Na fase madura, prezo mais as vagas das serranias transmontanias banhando dunas de montes e fragas. Se as águas do mar em Portugal eram gélidas, não menos frias eram as montanhas da Bragança, cujas marés vivas surgiam com grandes nevões de dezembro a fevereiro. Eternamente na memória, pintam alva a paisagem de contrastes, autêntico estudo de paletas de cor durante o ano. Contraste com o verde eterno (que até causa náuseas) que descobri nos Açores.

Curiosamente, cresci e amadureci a olhar o oceano, embevecido, apaixonado pelas ondas, seus movimentos, todo um ciclo lunar que me fascinava e no qual me deixava embalar enquanto escrevia poemas. No mar encontrava a paz interior e a calma de que necessitava para resolver contradições internas e os amores incorrespondidos.

Com o passar dos anos voltei-me para o campo e para as montanhas que me propiciavam a paz interior e a acalmia de que carecia para me concentrar. Foi assim que desabrochou em pleno a minha veia croniqueira e recomecei a escrever em Bragança (2002) e nos Açores (2005) olhando, com saudades transmontanias, para tremidos de terra, montes e vacas alpinistas. Em Bragança todos se habituaram, ao longo dos anos, a ver-me como um australiano que falava português, sem pressagiarem os meus antecedentes genéticos. Nem eu os confessava. Foi preciso enxergar nas entrelinhas enquanto coligia o Cancioneiro Transmontano 2005 (ed. Sta. Casa da Misericórdia de Bragança). Li testemunhos, lendas e contarellos. Redescobri laços maternos de que andava arredado, embora sempre tenha sabido que provinha da enorme ilha de Trás-os-Montes, encravada no oceano dos sargaços e algas enleantes e viscosas em rija fraga, chamada Nordeste. Portugal profundo, chamavam-lhe os governantes, como sinónimo de esquecido. Revisitei o baú das reminiscências. Recriei passos perdidos, há quarenta anos, em aldeias, vilas e lugarejos perdidos na memória de tempos idos. Visitei-os a todos.

Raras vezes encontrei os coevos dos percursos da adolescência. A desertificação humana maciça, a emigração, a trãnsfuga ou imigração para o litoral e a longevidade impossibilitavam a reconstrução. Das gentes sumira-se-lhes o rasto. Perdidas na voragem consumista das grandes urbes. Anónimas no litoral que o 25 de abril roubara à emigração a salto. Poucos sobravam para falar desses tempos. Alguns, mais novos, mencionavam a memória dos avós maternos. Do tempo das aldeias pujantes e vibrantes ou da vida escrava nesse feudalismo que era a Trás-os-Montes de 1960.

Teriam progredido? Mais casas novas havia e muitas. Maiores. Bem maiores, ermas, desabitadas. Desertas. Velhas casas senhoriais desocupadas, abandonadas, inabitadas. Vazias e sós, desprotegidas e tristes como se as casas tivessem sentimentos como as plantas. Em ruínas. Disto ninguém falava melhor do que o micaelense (açoriano) Daniel de Sá no excelente livro “*Os Pastores das Casas Mortas*” e nem transmuntano era. Desaparecidas as “vendas”, os cafés e as tabernas, nem botequins havia. Não restara quem os sustentasse. Os escassos setuagenários, congregados no adro das igrejas. Vazias. Sem serviços dominicais. Escolas abandonadas às silvas. Destroços. Poucas aproveitadas e ocupadas por novas valências. Definhavam na vegetação que se reapoderava dos terrenos. Aqui e ali medravam em túbias esperanças de Turismo Rural ou escolas convertidas em Juntas de Freguesia desertas reconvertidas em lares de Terceira-Idade.

Em outubro de 2006, voltei a Bragança para mais um Colóquio da Lusofonia, roteiro anual repetido até 2010. Senti uma sensação estranha a preencher o vazio interior. Na rua o ar bem fresco e muito seco da cidade. 16 °C.

Não chovia e fui a pé até ao restaurante Poças, local privilegiado de almoços e jantares, guardado no baú mítico das memórias de 1960, antes de ter saído de Portugal rumo aos Orientes exóticos e à Austrália.

Na manhã seguinte caminhei até ao Café Torre da Princesa, porto de abrigo durante anos. Revi os donos. O filho João quis ficar com o amigo luso-suíço Stefan.

Depois, visitei uns primos diretos do avô materno, com 83 anos, satisfeitos por serem lembrados pelos mais novos (ambos faleceriam, um após o outro em 2015, com Alzheimer num lar).

21 (adaptado de *Crónica Açores: uma circum-navegação* vol. 1, de J CHRYS Chrystello, ed. VerAçor)

Foi então.... Nesse dia, pela primeira vez em toda a vida, a escassos metros daquela que fora a minha casa em Bragança, senti um apelo inesquecível. Ali me senti transmontano dos quatro costados, apesar do pouco tempo contabilizado a viver na região. Não sabia dizer porquê, mas lembrar-me-ia sempre do instante exato, já era lusco-fusco, quando senti a picada no coração, a dor profunda de mágoa e alegria, em simultâneo. Tinha acabado de encontrar as raízes.

Senti os pés pesados a colarem-se ao solo. Uma experiência que se assemelha ao que se sente quando se sabe, com toda a certeza do mundo, que se está apaixonado e se encontrou a alma gémea para partilhar o resto da vida. Como alguém disse, em tempos, *a pátria não é o lugar onde nascemos, mas o lugar onde o coração habita*. Ali estava bem visível. Descobri-a instantaneamente nas origens e raízes. Bragança mátria.

Que disso não restem dúvidas. Jamais senti um apelo emocional tão forte, em parte alguma. Estou mais apegado àquela terra do que imaginei. Inenarrável sentimento. Não se descreve a quem nunca o experimentou. Sentimentos não se partilham em palavras. Para os que têm pátria ou sempre pertenceram a um local, de nascimento, trabalho ou necessidade, esta noção não se explica.

Para os apátridas, sem bússola geográfica a marcar o ritmo de pertença, é fácil entender o que atrás se disse. Um dia, tentarei explicar a afeição. Não se define. É inexpressável. Há muito dizia que Sydney (e depois, Bragança) eram a base terrena. Gosto de estar nos Açores e já me identifico com a luta de alguns, partilhamos projetos de vida e sonhos. Mesmo que os coevos bragançanos me não quisessem aceitar, não preciso disso. Podemos não ter projetos comuns ou seguir vias díspares, mas fazem parte da família e esta não se escolhe.

Tal como o meu pai, que dissera sempre ser de Afife (Viana do Castelo) embora nascido no Porto, sempre me afirmei australiano. De nacionalidade, que não de nascimento. Quando me perguntarem donde sou, direi Transmontano. De Bragança.

Nem de propósito li, no jornal diário, que alguém radicado em Castelo Rodrigo há anos, dizia “Quando me perguntam donde, digo que sou donde está o coração.” De facto, em Bragança ficou a minha alma. Podia ser habitada por nazis, espanhóis invasores, extraterrestres ou pelos maiores inimigos, mas sempre a sentiria minha. Essa sensação não se apaga, nem se limpa com lixívia que para esses sentimentos não há branqueador que chegue.

Nada disto sinto em relação ao Porto onde vivi um terço da vida. Vi gente em casas da Câmara, pretensamente necessitadas, com carros novos. Iam almoçar e jantar a restaurantes e marisqueiras. Vidas sem um único livro, mas gabavam o último modelo de telemóvel e TV de plasma.

Turisticamente, a Ribeira e a Foz do Douro espantosas em dia de borrasca e atraentes no período estival. Já via a medieval Sé e as ruas do antigo burgo desbaratadas e maltratadas, em vez de estimadas e recuperadas. O clima cinzento, o sotaque desagradável, palavras vernaculares incómodos. Sonoridades agrestes e demasiado vulgares para ouvidos sensíveis. Pessoas, macambúzias, aflitas com futilidades.

A minha mulher reencontrara ex-alunos do Politécnico de Bragança, nossos habituais voluntários do secretariado do Colóquio. Sempre alegres e contentes por a verem, mesmo sem elos de professor e aluno. Contaram projetos adiados e já realizados. Histórias de conquistas e derrotas. O percurso que só se conta aos amigos. Tudo isto fazia uma pessoa sentir-se bem. Parecia que sempre os conhecera e nem fora professor deles, embora assistissem a palestras que dei na Escola Superior de Educação. Jantamos no Poças²².

Fomos ao dentista, ao relojoeiro e ao sapateiro, num ritual de atos quotidianos. Recriei rotinas que já não eram atuais, reminiscência de tempos felizes, quando sonhei permanecer ali até ao fim dos dias. Repeti atos singelos como se nunca me tivesse apartado das calçadas, das casas com histórias centenárias. Idealizava que saíra apenas uns dias antes e ora estava de regresso. Vinham à memória recordações várias do tempo em que ali vivi. Não tinha a ver com pessoas, antes com o ar que respirava, com a memória das pedras, das casas, do Castelo, do nascer e do pôr-do-sol, com o calor, o frio e a neve, as trovoadas, os sotaques e a memória de tempos ancestrais que não vivi, mas que sentia como se fossem meus.

22 (pronunciado Pôças, tal como Sabor é pronunciado Sábôr)

Encomendei no antigo açougue, as típicas alheiras de fabrico artesanal, cuja falta sinto em S. Miguel. Gosto de quase todos os enchidos, e na Austrália deliciava-me com os húngaros, mas nunca me acostumei aos dos Açores.

Passei hora e meia na feira. Comprei fatos, calças, sapatos, camisas, e o que a minha mulher necessitava para ela e filho. Na primeira tenda disseram-me que já ali tinha comprado uns pares de calças. Noutra, reconheceram o casaco que levava. Rapidamente me enrouparam como novo.... Se bem que fizesse muitas compras, nas feiras trimensais jamais me ocorrera ser recordado pelos feirantes, quinze meses depois.

Evoco, com saudades, o tempo em que a avó materna, as tias-avós e primas faziam a matança do porco e em outubro enviavam as primeiras alheiras; na Páscoa, os folares e bolas de carne; e no verão, a compota de ginjinha. Seguiram-me para todos os países menos para a Austrália que ali não podia entrar comida. Comi alheiras e ginjinha feitas pela família em Timor, em Macau e noutros locais. Ainda sentia no palato o seu sabor distinto, sempre me acompanhara como um cordão umbilical. Há paladares que são como os odores, nunca se apagam do subconsciente.

No antigo Largo do Toural encontrei idosos repetindo tradições centenárias, ora que já não se mercadejava gado naquele local, ocupado por delegações bancárias e outras. Ali estavam em amena cavaqueira como fizeram por séculos quando se deslocavam para a feira nos dias 3, 11 e 22 de cada mês. Recriavam a memória coletiva de um povo para quem as mudanças de local da feira e o progresso urbano pouco ou nada representavam... sabiam qual o lugar que ocupavam. Vi casas renovadas na velha urbe e na Cidadela nesta cidade galante, aprazível e bela. Paisagens até onde a vista alcança na Serra de Sanábria e nos montes do Parque Natural de Montesinho.

A parte de cima da rua onde vivi, Avenida do Sabor, ora denominada Cidade Zamora, vítima de um esventramento com modificação de passeios e eixos viários. Decerto a embelezaria mais. Não conhecia obras há quatro décadas, desde que fora rasgada como última saída da cidade, rumo a Espanha, o reino vizinho onde se ia ao supermercado, meter gasolina mais barata. Que algum proveito sobraria para os espanhóis além de despertarem ódios antigos e rivalidades nunca extintas na restauração da independência de Portugal, e hoje frequentemente esquecidos.

Se bem que nalguns locais do distrito não se notasse diferença entre a fronteira que os homens marcaram e as pessoas que lá habitavam, como em Rio de Onor, noutros a fronteira era meramente um inconveniente, memória de contrabandos e de perseguições da Guarda Fiscal de Portugal e da Guardia Civil espanhola. A história comum das gentes da Raia era feita de famílias unidas ancestralmente pelo matrimónio, interesses comerciais que substituía a atenção que as capitais dos dois Reinos não prestavam às gentes esquecidas no interior profundo.

Surpresa foi ver o sonho antigo da Ponte de Quintanilha erguida por entre vales e montes. Acabara a ridícula continuidade do itinerário IP4, pela estreita estrada de montanha, ao longo de 6 km até à fronteira. A ponte seria inaugurada em 2009. A prometida autoestrada finalmente chegará, e deu os primeiros passos no túnel do Marão nas entranhas da serra (meados de 2009) antes de uma providência cautelar o mandar parar. As obras depois pararam por três anos sendo retomadas em finais de 2015.... Continuei sempre a escutar os programas radiofónicos locais para fingir que fazia parte desse rincão.

O passeio dos colóquios levou-nos a Miranda do Douro, sempre bonita, limpa, bem recuperada e interessante. Receção com a Capa de Honras na Câmara Municipal. Visitas ao Museu, Biblioteca e Centro Cultural. Encheram-nos de explicações e partilharam o orgulho mirandês que falta ao resto do país.

Nota negativa para a velha funcionária da Sé que não nos deixou visitar a Catedral. O clero consegue ter destas simpatias. Talvez fosse a megera que há anos repetira a proeza. Pois desde 1980 que não fotografava o Menino Jesus da Cartolinha. Iria fazê-lo em 2008. Todos gostaram e aprenderam a existência da segunda língua oficial.

Os dias passados na voreagem da descoberta da mátria chegaram ao fim, hora de fazer as malas. O João de volta, delirando de alegria. Revira o melhor amigo e a aldeia Babe. O mais novo adora aldeias e velharias como igrejas, castelos, etc. Saiu rural, para o ano regressará. As hipóteses de ali voltar a viver são profissionalmente impossíveis na atual conjuntura.



CRÓNICA 85 - RESCALDO DO 14º COLÓQUIO DA LUSOFONIA, 7 outº 2010

Antes da sessão de abertura deste 14º colóquio fomos convocados pelo Senhor Presidente da CMB (Câmara Municipal de Bragança) para uma reunião onde estiveram a Vereadora da Cultura, a Diretora da ESE (Escola Superior de Educação) do IPB (Instituto Politécnico de Bragança) e os Colóquios, representados pelo patrono Professor Doutor Malaca Casteleiro, Chrys e Helena Chrystello.

Era intenção da CMB que a recém-criada Academia de Letras de Trás-os-Montes, apoiada pelo IPB, tomassem parte ativa a organização dos colóquios, definição de metas e objetivos. Logo declaramos que apesar da boa vontade do Diretor do IPB, a ESE nada fizera pelos colóquios, pois havíamos inclusive desafiado a instituição cariar uma Cadeira de Estudos Transmontanos e nada fora feito. Foi-nos respondido que a vocação, o currículo e a própria estrutura da ESE não estavam para aí voltadas, ao que retorquimos que, na mesma data, propusemos a criação de uma cadeira de Estudos Açorianos e a Universidade do Minho (sem contactos nem ligações nem currículo relevante) acabara de a criar dia 25 de setembro (quando lá estivemos para a sua inauguração).

Abordagens e visões diferentes.

Nesta reunião, a mais tensa que tivemos com a autarquia desde o início desta parceria, foi levantada a suspeita de os colóquios não terem existência legal, afirmação à qual respondemos estranhar a questão, após oito anos de apoio da CMB aos mesmos. Foi informada a CMB de que os Colóquios da Lusofonia e o seu logo são marcas registadas pelo que não poderiam ser usados por outrem. Dada a irrevocabilidade de posição da CMB fazendo condicionar todo o seu apoio futuro a uma adesão a este modelo de cooperação ficou decidido que os Colóquios da Lusofonia iriam consultar o outro patrono, entidades detentoras de protocolos com os mesmos e o chamado “núcleo duro” dos colóquios para se tomar uma decisão.

Foi afirmado pelos Colóquios ser sua intenção, tal como explicitado no ponto 26 das Conclusões do XIII Colóquio, registarem-se como associação permitindo assim um diálogo melhor com a CMB como esta pretendia. A intransigência da CMB surpreendeu tanto mais que a citada Academia de Letras de Trás-os-Montes só se reúne para ser oficialmente criada no dia 5 de outubro de 2010. Dos parceiros da dita Academia foram mencionados a Academia Galega da Língua Portuguesa e a Academia de Ciências, entre outras entidades de menor reputação. Os Colóquios há anos que pugnam por uma verdadeira Academia de Letras a nível nacional e não com Academias regionais que só servirão para congregar menos valias por mais nomes de vulto que as encabeçam como é o caso. ([ver crónica 57](#))

A propósito transcrevem-se excertos da entrevista dada à comunicação social:

“O responsável pelos Colóquios da Lusofonia acredita que as Academias regionais não servem os interesses da promoção da língua e da literatura. Chrys Chrystello não apoia criação da Academia de Letras de Trás-os-Montes.

Chrys Chrystello considera que as Academias regionais, como a Academia de Letras de Trás-os-Montes, não servem a devida promoção da literatura. O organizador dos colóquios da Lusofonia não quer a disseminação das Academias regionais e defende uma só Academia de letras para o País.

O linguista e organizador dos Colóquios da Lusofonia, Chrys Chrystello, teme que a Academia de Letras de Trás-os-Montes sirva de veículo para a promoção de autores menores. O especialista considera que uma Academia de letras necessita de muitos associados para ser viável e, por isso mesmo, o crivo da associação pode-se tornar demasiado complacente com autores de qualidade inferior.

“Nós não queremos a disseminação das Academias regionais, tal como acontece no Brasil com as Academias estaduais sem representatividade, em que, usando uma expressão popular, qualquer bicho careto que escreve um livro é membro dessa Academia de letras – isto sem menosprezo para com os grandes nomes que estão citados para encabeçar a Academia de Letras de Trás-os-Montes – mas sabemos que uma Academia dessas para vingar vai necessitar de dezenas ou centenas de pessoas, que serão valores quiçá menores da literatura e, portanto, passaríamos a dar cobertura àquilo que não pretendemos. Pretendemos uma Academia de Letras para todo o Portugal, uma Academia que possa funcionar”.

Chrys Chrystello considera que as Academias regionais, como a Academia de Letras de Trás-os-Montes, não servem a devida promoção da literatura.

O organizador dos colóquios da Lusofonia não quer a disseminação das Academias regionais e defende uma só Academia de letras para o País.”

Ainda bem para Bragança e sua Comissão de Toponímia que os Colóquios não previram a presença de luminárias do velho regime político como Hermano Saraiva e como Veiga Simão pois teríamos uma mudança radical da toponímia local.

Em verdade, vos digo que nunca imaginei ao convidar (pela primeira vez) Adriano Moreira em 2008 para o Colóquio desse ano que ele fosse doar o seu espólio a Bragança e jamais esperaria que ele quisesse ser convidado, de novo em 2009, mas daí a termos o Centro Cultural com o seu nome, uma praça e sabe-se lá que mais, vai uma grande distância. Que me perdoem os que não simpatizam com ele, pois sempre o achei um politólogo brilhante, refulgente na oratória de uma cultura vasta, mesmo sem fez simpatizar com os seus ideais políticos ou outros, e, longe estava eu de o querer ser motivo de controvérsia para a autarquia.

Convidei-o para os colóquios por se tratar de uma figura notável que poderia acrescentar mais-valias aos oradores convidados (2008-2009), mas daí a ser a causa do batismo de centros culturais e outros vai uma grande distância. Grato fico pela doação do seu espólio que constituiu um enriquecimento do património cultural local, mas haja tento na retribuição dessa doação. Um dia contarei por escrito a epopeia da sua chegada ao colóquio em 2 outubro 2008....

Dito isto, garanto que não convidarei mais nenhum membro do antigo regime para se deslocar aos Colóquios a fim de evitar divisionismos políticos, ou outros, no seio das boas gentes minhas conterrâneas. Caso contrário ainda mudavam o nome de Bragança....

Ao manter ao longo de oito anos, os Colóquios da Lusofonia em Bragança, trazendo grandes académicos da Língua Portuguesa, servi de contributo para colocar a ancestral Bragança como cerne e capital da Lusofonia durante os colóquios. Infelizmente, desde a primeira hora, as gentes da terra ignoraram esta iniciativa, quando não a boicotaram mais ou menos ostensivamente.

É pena, pois foi uma inteligente aposta inicial da autarquia apoiar os Colóquios, que há muito têm o seu nome e logótipo como marca registada em todo o mundo, mas ficam indelevelmente ligados a Bragança, porquanto daqui cresceram até ao que hoje são: uma voz incómoda que martela incessantemente a necessidade de lutar pela Língua de todos nós, pela aplicação do Acordo Ortográfico, pela tradução de obras portuguesas, pelo ensino de português no mundo, como língua estrangeira e língua segunda, motor da tradução de obras portuguesas.

Pena foi que, apesar de um protocolo com o Instituto Politécnico de Bragança, este nunca soubesse aproveitar as sinergias do evento e aproveitá-lo para seu benefício. Ao longo destes anos trouxemos poesia, música e literatura de vários cantos do mundo onde a Língua Portuguesa é falada, estabelecendo pontes que, de outro modo, não existiriam, mas foi sempre um movimento unilateral, pois não conseguimos levar Bragança ao resto do mundo como ainda este ano aconteceu quando realizámos o 13º colóquio no Brasil, e de Bragança apenas foi o meu coração. Propusemos geminações, delegações e representações, mas nada aconteceu. É assim com as gentes de cá desabitadas a receber sem nada se lhes pedir em troca.

Hoje, os Colóquios da Lusofonia e o seu logótipo, já não são só um nome e uma marca registada, mas iremos perseverar para continuarem a representar o escol da língua, literatura e cultura lusófonas. Pela parte que me toca, Bragança é e será sempre a minha mátria, o húmus onde as minhas raízes medraram e onde a minha existência melhor se explica. Tal como a Língua Portuguesa,

Bragança será sempre a terra dos meus ancestrais e património dos meus descendentes. A minha mulher não terá ciúmes desta declaração de amor a Bragança, pois também apreciou muito cá viver os anos que a vida profissional lhe proporcionou.



CRÓNICA 86 - A DEMOCRACIA QUE TEMOS -14 outº 2010

Ando há muito para escrever o que penso, sem temor de ser levado pouco seriamente, ou levemente, pelos pensamentos negativistas que me preenchem. Continuo a ver similitudes - demasiadas - entre a atual situação europeia e a que precedeu duas guerras mundiais. Desta vez, quem está por detrás da crise global é a banca, que, incansável, na sua ânsia de lucros a todo o custo, conduziu à atual situação de crise. Ainda não entenderam os neoliberais que isto de fazer lucro a qualquer custo tem o seu preço. Longe vão os dias em que os lucros eram reinvestidos em ações produtivas de maior riqueza, agora limitam-se a servir de moeda de troca em vis especulações que nada acrescentam à riqueza e à economia de cada país. Se sempre aceitei como viável essa velha noção de capitalismo, não posso aceitar a nova.

Acabei de ver na TV um banqueiro português dizer que os líderes partidários teriam de mostrar a sua verdadeira dimensão de líderes e aprovarem o novo orçamento português se quisessem ter a dimensão que ambicionam. Claro está que o homem disse isto com o ar mais sério do mundo, sem constrangimentos, como se não estivesse a pressionar um entendimento entre os dois maiores partidos para aprovarem um orçamento que corta tudo aos pobres e classe média, deixando incólumes os restantes. Interrogo-me, numa de populismo fácil, porque o entrevistador não perguntou ao banqueiro “*Se está tão interessado em salvar Portugal porque é que a Banca não paga de IRC o que as pessoas pagam de IRS, ou seja, em vez de 3% passavam a pagar 30%...de imposto.*”

Todos falam em reduzir salários aos que ganham pouco ou mal, o que obviamente vai reduzir o consumo e ter uma influência deflacionista na economia que se vai contrair e receber menos de impostos. Poucos falam em reduzir o número de deputados, de câmaras municipais, de Juntas de Freguesia, de conselheiros e assessores, de motoristas do estado e de outras mordomias incomportáveis que urgia terminar se o país está tão mal como nos fazem crer.

Eu, que até já fui estudante de economia, faria isso como medida de salvação nacional, cortar aos ricos para dar aos pobres, sem ser Robin Hood, acabando com a acumulação de reformas, com as reformas douradas, privilégios vitalícios de ex-governantes e de ex-políticos e essas poupanças iriam drasticamente reduzir o défice nacional. Mas claro está que nada disso vai acontecer, se o país falir como a Islândia ou a Grécia.

Por outro lado, as massas só aguentam a opressão até um determinado ponto antes de explodirem, sempre foi assim, com ditaduras de anos, décadas ou séculos. Mas para tal precisam de elites capazes, e isso é um busílis, pois não existem em Portugal, para movimentarem as massas famintas e despossuídas que aqui pululam.

Houve-as fermentando antes da primeira república e antes do 25 de abril, mas agora, com honrosas exceções, não se conhecem muitos capazes e sem eles, as massas não saberiam que fazer quando saíssem à rua e o esforço seria inútil. Em França, ainda há massa cinzenta para mobilizar as manifs de rua, mas no resto da Europa são uma massa amorfa e desinteressada, incapaz de se movimentar revolucionariamente...ainda se fosse pelo futebol!

Claro que se pensam que isto muda sem uma revolução, desenganem-se, isto precisa de multidões na rua, capazes de apearem os líderes de barro que governam esta Europa e cujo passado nos faz temer o pior. Temos um Durão Barroso na Presidência da UE, um homem que nem primeiro-ministro conseguiu ser no seu país.

Temos como vice-presidente do Banco Europeu, um homem que, à frente do Banco de Portugal, deixou que os maiores desvarios e falências de bancos acontecessem sem se dar conta deles. Temos outro ex-primeiro-ministro que fugiu e foi dar migalhas aos refugiados do mundo. São eles a face visível desta Europa desvairada em que vivemos.

Como lia, há dias, na internet o que seria preciso, entre outras coisas, era:

Acabar com as pensões vitalícias e restantes mordomias dos ex-presidentes (foram PR, receberam os salários pelo serviço prestado à Pátria, não têm de ter benesses por esse facto, tal como as não recebem as sociais democracias do norte da Europa); e dos primeiros-ministros, ministros, deputados e outros quadros (os Srs. deputados receberam o ordenado aquando da atividade, não têm nada que ter pensões vitalícias nem serem reformados ao fim de 12 anos; quando muito recebem reforma aos 65 anos de idade como os restantes portugueses);

Reduzir o nº de deputados (para 50 ou menos, 18 chegar: um por cada das antigas províncias);

Reduzir o nº de ministérios e secretarias de estado, institutos e outras entidades criadas artificialmente, algumas desnecessárias e muitas vezes até redundantes, apenas para dar emprego aos "boys";
Acabar com mordomias na Assembleia da República e Governo, e ao invés de andarem em carros de luxo, usem transportes públicos, como nos países ricos do norte da Europa²³;
Acabar com subsídios de reintegração social a vereadores, presidentes de Câmara, e outras entidades (multiplique-se o número de vereadores pelo de municípios e veja-se a imoralidade que aí grassa);
Acabar com as reformas múltiplas acopladas a vencimentos
Criar um teto para as reformas do setor público, em que nenhuma poderá ser maior que a do PR;
Acabar com o sigilo bancário;
Criar um quadro da administração do Estado, para que quando um governo muda, não mudem centenas de lugares na administração do Estado;
Depois da ressaca das novas medidas de austeridade que vêm aí, os governantes pedem poupança, contenção e mais sacrifícios, mas adquirem uma viatura para convidados do Estado: Mercedes S 450 CDI de 140.876€. A explicação dada falava de elevado custo de manutenção da anterior viatura e obrigações protocolares. Um cidadão normal que tenha um carro antigo e a precisar de uma revisão geral o que faz? Não brinquem connosco. Se não temos dinheiro e estamos em restrições alugue-se um carro por dias ou compre-se um carro híbrido mais em conta. Receber com dignidade não é o mesmo que sumptuosidade. É uma vergonha! Depois queixem-se, o povo - «o povo é sereno» - tem que acordar para isto e muito mais.

Esta notícia veio a lume, mas haverá outras que não se sabem. Definitivamente o exemplo não vem de cima e assim não vamos lá. O Presidente da República deveria inviabilizar a compra. Devido à cimeira da NATO compramos carros, e por outro lado são estes senhores europeus que nos mandam apertar o cinto. Um verdadeiro paradoxo...

Não seria vergonha pedir um carro emprestado à Europa para as obrigações protocolares. Que dirá a maioria dos portugueses que gostariam de trocar de carro e não têm possibilidades para isso?

Muito obrigado por aumentarem as taxas sobre os nossos carros velhos e poluentes, mas não temos dinheiro para um mais económico e menos poluente.

Não há dinheiro não há gastos.

Este episódio mostra a nossa cultura permissiva - «quanto mais me bates mais gosto de ti»

Ora bem, como já me aconteceu na Austrália nos anos 90 em que não me via representado pelos Trabalhistas de *Bob Hawke*, o equivalente socialista lá do sítio, também aqui não me vejo representado pelo Sócrates, e gostando do poeta Alegre não quero o político Manuel Alegre na liderança.

Não antevejo que saiam grandes líderes da segunda linha dos dois principais partidos portugueses, capazes de revolucionar o país, as gentes e as mentes, se é que tal propósito pudesse estar nos seus desígnios. Andam todos demasiado ocupados a preservar direitos e mordomias. Há muito que, na Europa e no resto do mundo, desapareceu a última réstia de ética.

Esta a democracia que temos e com a qual temos de viver (não esqueçamos que *Adolfo Hitler* foi eleito pela maioria do seu país). Há ditaduras que duram imenso, na Coreia já lá andam desde meados da década de 1950, na Rússia desde 1917 até final do século passado, em Cuba ainda lá andam os manos Castro, em África existem inúmeros exemplos de longevidade ditatorial e na Ásia também.

Agora, no mundo ocidental temos uma Ditadura democrática imposta pelos homens da Banca.

E que faço eu? Em vez de escrever manifestos, como este e outros, contemplo a beleza da língua e cultura dos antepassados e limito-me a tentar que perdure nos colóquios da lusofonia...

23 (no dia em que se anunciou o aumento dos impostos por falta de dinheiro, o Estado adquiriu uma viatura de 140000€ para os VIP)

CRÓNICA 87. I HAD A DREAM II. OS FILHOS. DO DEGELO A MAIAKOVSKI²⁴ 26 out^o 2010

87.1. OS FILHOS

" O que mais preocupa não é nem o grito dos violentos, dos corruptos, dos desonestos, dos sem-caráter, dos sem-ética. O que mais preocupa é o silêncio dos bons" Martin Luther King

Deputados, administradores de bancos e empresas públicas com reformas chorudas e corrupção. Lucros exorbitantes nos bancos e empresas com administradores ex-ministros, ex-deputados, ex-qualquer coisa recebendo dividendos desmedidos. Querem-se políticos a pensarem no país, a congelarem uns 150 deputados inúteis, a desburocratizarem, a pensarem no progresso da Nação sem betão nem alcatrão. Queremos vê-los num Hospital, repartição, tribunal, transportes públicos coletivos, a tirarem o número na fila sem privilégios nem mordomias, sem médico de família, como milhões de portugueses. Devaneei que o país tinha deixado de ser Lisboa. Idealizei aldeias, crianças em escolas reativadas, campos cultivados e idosos a usufruírem de boas reformas. Não podia continuar silente. Tinha de erguer o grito de revolta pois o que ouvimos é o grito dos violentos, dos corruptos, dos desonestos, dos sem-caráter, dos sem-ética. Ando a matutar nisto.

"... O que podes fazer pelo teu país?" perguntou J. F. Kennedy.

Os professores foram os escolhidos para bode expiatório com as carreiras congeladas. Os alunos, sem estudarem, passam para não estragarem as estatísticas de Bruxelas e a Ministra faz um brilharete. Pena ser um fogacho de curta duração que os vindouros lamentarão.

Nos Açores, no princípio do ano (2006), nada havia de relevo nacional ou mundial a assinalar, a não ser a repetição de tradições, começavam na quarta-feira de cinzas as romagens (como aqui chamam às peregrinações) que durante as semanas seguintes enchem as estreitas estradas com o seu colorido e os seus cânticos noutra manifestação de fé ancestral, também esta mesclada de paganismo religioso.

O que se passa, de facto (mas como é invisível não é comentado), é a perda irreparável dos laços tradicionais entre pais e filhos, muitas vezes mantida através da "compra" da sua presença por viagens e estadias. Tinha observado o fenómeno não só no seio da família alargada, mas em famílias que me rodeavam e em todas se verificava idêntico fenómeno. Lembra-me de, durante as décadas em que estive expatriado, sempre ter tido o cuidado de voltar de férias a Portugal para ver pais e filhos. Ainda hoje lamurio que não tivesse aproveitado para viajar mais pelo Pacífico, ir à Nova Zelândia, Fiji, Nova Caledónia, Filipinas, Vanuatu e outras ilhas.

Cria piamente que tinha a obrigação de vir a Portugal ver os de cá, já que, os de cá jamais iriam lá...por mais bilhetes de avião que lhes mandasse ou por mais súplicas que fizesse. Vim para estar com a família, primos e descendentes. Mantive sempre este vínculo a um passado mítico. Enquanto o benjamim Johnny Boy crescia (e já ia nos dez anos), a filha estava na Austrália (há anos sem vir, depois duma série de visitas dos 8 aos 13 anos). Qual não fora o espanto quando (fev^o 2006) comunica que decidira juntar dinheiro para ver o pai e demais família ... Assim o fez e muita alegria dera.

Pouco antes (dez^o 2005), voamos para passar o Natal com a octogenária mãe. Era sempre eu quem fazia os esforços de deslocação, pois reconhecia (se bem que começasse a ter sérias dúvidas) que os filhos tinham esse dever. Esperava que os nossos fizessem o mesmo. Não tive essa sorte. O primo de Ponta Delgada tem duas filhas expatriadas, em Lisboa e em Angola. Regularmente vêm visitá-lo (quando não são eles a irem lá). O segredo: apostou nos incentivos económicos à vinda delas. Discordo. Já decidi que, a partir de agora, quem vier cá virá à sua custa, sem subsídios.

Então não apregoo que faço os colóquios sem subsídios? Estive [e estava ainda] sempre disposto a fazer tudo o que fosse preciso pelos pais. Sonhara durante anos que isso se repercutiria. Já não tenho ilusões. A relação não era biunívoca, as gerações não eram estanques. Que se passou, no país e no mundo? Erramos na educação dada aos filhos? Não inculcamos valores pelos quais nos guiamos durante a vida? Não soubemos transmitir esses laços? Algo de errado devemos ter feito. Ou será apenas a sociedade que nada tem a ver com a nossa?

O casamento deixou de ser uma meta. Os jovens agora amancebam-se para ver se dá. Para pagarem menos impostos. Se não der ou quando não der, é muito mais fácil e económico, cada um vai à sua vida. Os filhos não-programados vêm quando vêm. Depois logo se vê. Entretanto, usufruem da vantagem de os pais

serem à moda antiga. Sempre vão colaborando com o que for preciso para terem a alegria de verem os netos.... Havia, na infância, uma palavra para os definir: palonços....

Os filhos irão aprender à custa própria, como os pais fizeram e antes deles os avós e tantos outros. Esta apenas é uma reação ao envelhecimento e à evolução tecnológica brutal, que ocorre em volta, para a qual a minha geração não estava preparada. Como qualquer revolução, deixa uns mais preparados que outros para arrostar com provações e prosseguir. Quando os filhos aprenderem as duras realidades do custo de vida é bem provável que telefonem aos pais a solicitar a comiseração. Mais um pequeno subsídio para enfrentarem as dificuldades.

Estou profundamente cético e negativista, nesta matéria, pois sei que a velhice (com ou sem subsídios) vai encontrar um grande silêncio por parte deles (filhos), incapazes de nos verem envelhecer como vira envelhecer e soubera aceitar graciosamente as mudanças que isso implicou nos seus pais. A missão de pai já não é a mesma. Hoje para além de trabalhar e garantir o sustento da família, deve educar e orientar em vez de conduzir a vida dos filhos. Por mais ocupado que possa estar, deve dispor de tempo que não tem para conversar e estar junto aos filhos. É um engano pensar que estes irão de alguma forma pensar automaticamente que os amamos pelo simples facto de amar. É necessário um esforço constante e consciente para partilhar os verdadeiros sentimentos e pensamentos por meio de palavras, de uma maneira aberta e confortável. Principalmente, de atitudes e exemplos. É preciso estar ciente que com o passar dos anos muitas coisas evoluíram e se transformaram, inclusive no que diz respeito à relação entre pais e filhos. Não podemos agir como os nossos pais agiam no passado.

Estamos em constante evolução e nada melhor que muito bom senso e muito amor para educar os nossos filhos, para manter um bom relacionamento. Na Austrália havia 97% de coisas positivas, mas queixava-me dos 3% que abominava, pela inumanidade de tratamento dos pais pelos filhos. Ao vir para Portugal pensava encontrar aqui esses 3% que me tinham feito falta. Enganara-me, ambos os países tinham sociedades similares de desprezo pela Terceira-Idade. Já sabia como desiludira os meus pais durante décadas. Queriam de mim uma imagem outra, dum espelho em que eu não estava, e a que não pertencia. Nada disso pedi aos meus filhos. Iria agora tentar concentrar-me no mais novo. Dar-lhe o mais que pudesse da sua geração, em termos de experiência e de conselhos úteis. Beneficiara de ter vivido mais tempo com ele do que qualquer um dos outros. Para mim foi ótimo. Seria recíproco?

Quanto ao resto forçosamente iria fazer os mesmos telefonemas que fazia para a minha mãe. Curiosamente, a mãe começava a estar aflita e a contar a toda a gente que se arrependia de ter obstado a deixar-me seguir a carreira das Letras e Humanidades que eu pretendia. Sossegara-a, estava perdoada. Não fizera mal. Chegara, na mesma, ao meu destino. Tivera de fazer uns milhões de quilómetros de desvio, mas chegara. Já não recrimino os meus pais por não me terem deixado seguir Direito em Coimbra.

Escrevera direito por linhas tortas. Assim corriam as modas (fevereiro de 2007).

87.3. DO DEGELO A MAIAKOVSKI

Entretanto chegam as notícias do mundo e são cada vez mais animadoras para os pessimistas. No Ártico, o degelo prossegue a ritmo galopante. Em menos de um século é provável que aquele continente desapareça da mesma forma que os gelados no verão desaparecem: derretidos. Já na Gronelândia e na Terra de Magalhães o degelo é cada vez mais acentuado. Não é caso para alarme dizem uns, que comentam que mesmo que o planeta parasse instantaneamente as suas emissões de CO₂ hoje, já nada conseguia parar o degelo e o aquecimento global desta pequena parcela de universo onde vivemos. Plenamente de acordo.

O aquecimento global deve ter acabado por volta de 1990 e o degelo do Ártico é compensado pelo aumento da massa gelada na Antártida. O que existem são mudanças brutais climatéricas causadas pelo homem, mas não na forma indicada. Manipulações de clima, *chemtrails*, colheitas artificiais, manipulação genética e outros quejando são os culpados, mas isso sou eu que digo e – como todos sabem – eu pertencço à teoria da conspiração. Isto prova o progresso da humanidade. Imparável como está este avanço tecnológico só terá retrocesso quando o homem deixar de existir na terra.

Aliás que é que 250 mil anos de Homo sapiens deixaram de herança? A guerra, a fome, e tantas outras qualidades que seria cansativo enumerá-las. Cumpre recapitular: quem continua errado sou eu e não o mundo. Preocupados como andam com os cartunes islâmicos, as ameaças de terrorismo, a guerra do Iraque e quejandos, só darão conta das mudanças de clima quando a água chegar ao pescoço, ou seja, quando a costa portuguesa permitir tomar banho de mar em Coimbra.... Claro que este ponto de vista em nada afeta o meu otimismo. Não

espero durar até a catástrofe acontecer. O melhor é ensinar o mais jovem filho a nadar. Nesta ilha os lugares altos, como a Lomba onde vivemos, ficarão acima do nível das águas ...

Há problemas mais prementes: o aumento das taxas moderadoras da saúde é uma autêntica descoberta olímpica. Como toda a gente sabe os pobres não são afetados, apenas os ricos que deixarão de frequentar clínicas privadas. A partir de agora vão optar por esperar umas horas em espaços insalubres, sem cadeiras nem outras condições, a verem um qualquer funcionário público da saúde, horas a fio, a carimbar guias, enquanto um qualquer médico, esforçado e abnegado, não tem disponibilidade para ver de que se queixam os pacientes que às dezenas tem de atender. Não há nada que uma aspirina e outra qualquer receita antiviral não resolva numa manhã ou tarde bem passada num qualquer centro de saúde portugueses. Ninguém contabilizou a produtividade perdida, as horas de espera inútil em que o país não produz pois tudo anda de espera em espera, do Hospital ao centro de saúde...

Na véspera ficara o país imensamente satisfeito com a ida do primeiro-ministro, José Pinto de Sousa, o Sócrates, à Finlândia para copiar aquele modelo de sucesso nórdico. Não havia muito tempo, outro colega de nome Barroso, quis copiar a Irlanda. Estas são medidas acertadas. Em vez de nomearem comissões para estudarem o problema e apresentarem sugestões, vai-se a um país que funcione bem. Depois na fotocopiadora reproduz-se o sistema deles, mesmo que os portugueses não sejam altos, nem louros nem tenham olhos azuis, nem bebam cerveja preta. Pode usar-se uma artimanha e colocar implantes oculares, tipo lentes de contacto, com aquela cor. Como já quase todo o mundo pinta o cabelo, bastava generalizar o uso desse tom.

Por que é que isto não foi pensado nem feito antes?

Tinham-se poupado milhões de euros em estudos e em comissões que nunca epilgaram nem propuseram nada digno de ser aplicado. Deve ser por isso que o país se atrasou tanto. Mas com tanto betão a mexer-se para os lados do novo aeroporto e com a velocidade supersónica do TGV, ninguém se apercebeu de que os últimos exemplares do comboio Foguete (anos 50 e 60) estão a apodrecer em Elvas pois não há dinheiro para os recuperar. Todas as linhas de caminho-de-ferro para o interior vão desaparecendo, seguindo a lógica racional e pragmática de que os velhos não contam nem votam. Ótimo era acabar com todos os serviços no interior para que toda a sua população possa desfrutar do ótimo clima à beira-mar plantado. Mudam-se, de vez, para a costa. Mesmo que desapareça em breve.

Como extinguem escolas, maternidades e outros serviços no interior, fica mais barato transmutar todos para a cidade. Terão um bom nível económico e qualidade de vida superior à que teriam se continuassem a viver em casas de pedra sem condições, onde a energia eléctrica custa milhares a ser transportada, mais as linhas de telefone fixo, o saneamento e o abastecimento de água. Tudo isto já existe nas cidades e no litoral. Entende-se a pertinência desta lógica. Anda o Estado a gastar dinheiro, a construir estradas e autoestradas, pontes, viadutos e túneis, de custosa manutenção, quando se sabe que no interior não vive ninguém (ou quase). Vai-se a qualquer aldeia e há só meia dúzia de idosos. Já começaram a transferir as crianças para as cidades, logo na escola primária. Basta fazer o mesmo aos velhos. Depois de verem o progresso urbano nunca mais regressam ao atraso e provincianismo das aldeias.

Há uma óbvia vantagem neste esquema. As aldeias parecem agradar aos turistas que começam a ir mais regularmente conhecê-las, desviando-se da rota universal do *Allgarve*, essa floresta de betão implantado em tudo o que era praia ou nesga de areia. Assim, o mais lógico é trazer os anciãos para a cidade, pois, entretanto, morrem. Depois, nas terras deles, poderão plantar-se uns campos de golfe. Como sabem, este desporto é praticado por milhões de aficionados portugueses. Sempre dá mais dinheiro do que plantar batatas, dado haver um excesso de produção da variedade portuguesa da semilha.

Nos últimos anos, a Europa já ensinara que a agricultura portuguesa não dava nada e o melhor era importar tudo de Espanha onde fazem agricultura a sério. A Europa decidira o mesmo quanto à pesca portuguesa, que tão boa fama tivera em tempos saudosos. O melhor era aboli-la para que ficasse mais barato aos espanhóis virem cá pescar, levar e tratar o peixe na terra deles. Depois, voltavam para o colocar no mercado mais barato do que se tivesse sido pescado em Portugal por portugueses, tratado em lotas portuguesas e vendido por varinas portuguesas. Intrigado, pergunto-me porque é que isto não foi pensado há mais tempo?

Teriam evitado todo este atraso, que como devem saber, é causado pelos fundos estruturais que ao longo de décadas se canalizaram para o interior profundo dos vendedores de carros de alta gama e não na

formação profissional do país. Romanticamente, tentou-se manter uma agricultura de subsistência sem rentabilidade à custa do sacrifício dos pobres agricultores iletrados.

Dada a sua falta de aproveitamento em programas de qualificação profissional e pessoal, como o “Novas Oportunidades” tiveram de fazer inúmeros sacrifícios como levantarem-se pelas 5 da manhã e trabalharem até ao pôr-do-sol, para receberem uns tostões pelos legumes que os hipermercados vendem por euros. Toda a gente já sabia que se esses agricultores vivessem na cidade não precisavam de se esforçar tanto. Não vale a pena cultivar uma couve-galega na varanda ou na “marquise” para fazer um caldo verde. Além do mais era proibido. Jamais teria a aprovação da ASAE, essa polícia todo-poderosa, onisciente e omnipresente que ora dita o que cada um pode e deve comer. Já lhe chamavam a PIDE do nosso descontentamento.

Se bem que houvesse muita coisa a precisar de ser vigiada e controlada, passou-se dos oito aos oitenta numa manifestação de excesso de zelo tão típica da costa atlântica. Depois, como é sabido em sociedades evoluídas, a matança caseira do porco e doutros animais está condenada por todas as organizações ambientalistas por se tratar duma prática ancestral aberrante. Além disso, fere de morte a suscetibilidade e sensibilidade do animal, pois este deve ser morto nos matadouros devidamente licenciados para o fazerem nos moldes higiénicos e salutareis propugnados pela União Europeia.

O campo é bonito é para se passear nas férias e levar lá os putos (como quem os levava dantes ao zoológico) para verem como se vivia dantes, coisa que eles decerto nem vão acreditar. A única diferença é que este zoo já não teria bípedes em exposição por detrás das grades, mas reproduções e filmes deles no seu habitat natural. Sempre se aproveitava para manter a tradição viva e ensinava-se a história dos antepassados. Este método de ensino é mais económico. Mais proveitoso que ir a um museu, que, como sabem, fecha nas férias, feriados, dias santos e ao fim de semana. Se os turistas querem ir aos museus portugueses é meramente para cobiçar o que lá existe. Quiçá, para tentar roubar umas peças sagradas para contrabandear para as terras deles, que nada têm de valor, comparado ao que existe em Portugal...

Era com este tipo de humor sardónico e cáustico que enfrentava diariamente este mundo alienígena. Essa boa disposição fazia aflorar-me uma espécie de sorriso que raramente mostrava, fosse a quem quer que fosse. O fâcias era sisudo, como fora o de meu pai, resguardado no silêncio e na aparente antipatia para se proteger dos que o rodeavam.

87.4. UM TEMPO ANTIGO E O POLITICAMENTE CORRETO

Vivo num mundo diferente e não me espanto de blogues que se limitam a recordar. Sem questionar o feminismo ou outros ismos: antissionismo, antialentejanismo, antilourismo (das loiras) todas as piadas são objeccionáveis por se basearem em estereótipos da sociedade, sejam eles humanos, animais ou até mesmo políticos, que não são uma nem outra coisa. Assim, depois de todas os defensores desses “ismos” terem colocado as suas objeções, porque são a favor do Obama ou do Bush, ou porque se baseiam em estereótipos de mulher, de louras e louros, de alentejanos, de políticos e políticas (destas ainda há poucas), de judeus (e outras religiões como o islamismo por ex.), de nacionalidades ou continentes de origem como com os africanos, os pobres, os ricos, os estudantes e os professores, os animais (mesmo os que estão nas malas dos carros junto com a esposa), o que fica: NADA. Acabava-se o humor.

Ao reproduzir, *Maiakovski* e *Brecht*, pretendo alertar que me sinto mais incomodado com a violência, gratuita ou não, com as imagens cheias de “*innuendo*” (insinuações) da TV, desde os telejornais às séries, pois são armas de estupidação globalizante que a todos corroem.

O humor usa a linguagem dos estereótipos que hão de ser substituídos com o tempo assim como a frase “*bota-de-elástico*” foi substituída por “*cota*”. Desde a década de 1980 vi surgir a censura dissimulada em fundamentos razoáveis e aceitáveis, pretendendo sanitizar as mentes. Já o vi na Austrália quando o politicamente correto foi introduzido na linguagem em meados daquela década. Como tradutor profissional tive de o seguir, mas como ser humano, inteligente (no sentido de pensante) recuso-o tanto como ontem. Com o politicamente correto acaba-se o humor. Esse é o cerne da questão que ninguém quer ver.

Deve lutar-se contra a discriminação, em todas as formas, contra o assédio sexual, político e outros, lutar contra a proposta nova norma europeia (trabalho até 68 horas semanais), lutar contra o salário mínimo de miséria e de exploração (reminiscente do início da Revolução Industrial), contra as quotas ou falta delas nos elencos femininos do governo, contra a falta de acesso a pessoas com deficiências. Lutem contra isso tudo mas deixem

o humor de lado, a menos que seja difamatório (excluídas as normas norte-americanas), grosseiro, imoral, amoral.

Quando se definiu o politicamente incorreto, foi porque o politicamente correto era a forma mais fascista de sanitizar a língua, o pensamento e a vida em geral, criando uma sociedade asséptica e inócua. Todos iguais e cinzentos de acordo com a norma. Ninguém precisa de pensar nisto pois o futuro provará a sua veracidade melhor do que *Orwell* alguma vez podia prever em “1984” ou outros ensaios semelhantes: a realidade já ultrapassou a ficção há muito. Quem primeiro o antecipou foi *Maiakovski* – poeta russo “suicidado” após a revolução de Lenine que escreveu ainda no início do século XX:

*Um dia vieram e levaram meu vizinho que era judeu.
Como não sou judeu, não me incomodei.
No dia seguinte, vieram e levaram meu outro vizinho que era comunista.
Como não sou comunista, não me incomodei.
No terceiro dia vieram e levaram meu vizinho católico.
Como não sou católico, não me incomodei.
No quarto dia, vieram e me levaram;
já não havia mais ninguém para reclamar...”*

Martin Niemöller, 1933, símbolo da resistência aos nazistas.

Um passeio com *Maiakovski*

*Na primeira noite
eles se aproximam
e colhem uma flor
de nosso jardim.
E não dizemos nada.
Na segunda noite,
já não se escondem:
pisam as flores,
matam nosso cão,
e não dizemos nada.
Até que um dia,
o mais frágil deles,
entra sozinho em nossa casa,
rouba-nos a lua, e,
conhecendo nosso medo,
arranca-nos a voz
da garganta.
E porque não dissemos nada,
já não podemos dizer nada.*

Tudo que os outros disseram foi depois de ler *Maiakovski*. Incrível é que após mais de cem anos dessa lição, ainda nos encontremos tão desamparados, inermes e submetidos aos caprichos da ruína moral dos poderes governantes, que vampirizam o erário, aniquilam as instituições, e deixam aos cidadãos os ossos roídos e o direito ao silêncio: porque a palavra, há muito se tornou inútil! Agora, o politicamente correto ameaça o humor.

Não era só aqui que a situação se mostrava preocupante. Havia novos canudos por encomenda, a passagem dos iletrados de qualquer nível do ensino, a massificação da ignorância nacional, o entorpecimento da mente através de uma programação subliminar, previamente preparada em gabinetes de psicologia de guerra. O alvo era a destruição dos pilares tradicionais da sociedade contemporânea portuguesa, incluindo a família, professores, juízes, médicos, militares e outras instituições. Visava um plano sabiamente arquitetado por maçonarias, *Bilderberg*²⁵ e outros, usando qualquer cabeça de turco. Do livro “*A verdadeira história do Clube Bilderberg* (Daniel Estulin)” cito passagens que ajudam a entender o que tento explicar:

25 Durante os últimos 50 anos, um grupo seletivo de políticos, empresários, banqueiros e poderosos, em geral, tem-se reunido secretamente para planejar as grandes decisões que movem o mundo e que, depois, simplesmente acontecem. O livro *A Verdadeira História do Clube Bilderberg*, de autoria do jornalista e especialista em comunicação Daniel Estulin, que há 13 anos investiga as atividades secretas do Clube e que foi ganhador de três prémios de pesquisa nos EUA e Canadá, aponta quem aciona os controlos por detrás da fachada das organizações internacionais conhecidas. O livro foi editado em 28 países em 21 idiomas.

A verdadeira história do Clube Bilderberg é uma narração da subjugação impiedosa da população por parte dos seus governantes. Um Estado Policial Global, que ultrapassa o pior pesadelo de Orwell, com um governo invisível, omnipresente, que manipula desde a sombra e controla o governo dos EUA, a União Europeia, a Organização Mundial de Saúde, as Nações Unidas, o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional e outras instituições similares. E, o mais espantoso de tudo, formula os projetos futuros da Nova Ordem Mundial.

A técnica do Clube Bilderberg consiste em submeter a população e levar a sociedade a uma forte situação de insegurança, angústia e terror, de modo que as pessoas cheguem a sentir-se tão exaltadas que peçam, aos gritos, uma solução, qualquer que seja. Essa técnica foi aplicada aos gangues de rua, às crises financeiras, às drogas e ao atual sistema educacional e prisional.

Em relação ao sistema educacional é necessário dar a conhecer que os estudos realizados pelo Clube Bilderberg demonstram que conseguiram diminuir o coeficiente intelectual médio da população. Para isso não só manipulam as escolas e as empresas, mas também se apoiam na arma mais letal a televisão e programas de baixo nível, para afastar a população de situações estimulantes e conseguir entorpecê-la.

O objetivo final desse pesadelo é um futuro que transformará a Terra num planeta-prisão por meio de um Mercado Globalizado Único vigiado por um Exército Mundial regulado economicamente por um Banco Mundial. Será o mundo habitado por uma população controlada por microchips cujas necessidades vitais terão sido reduzidas ao materialismo e à sobrevivência: trabalhar, comprar, procriar, dormir, tudo conectado a um computador global que supervisionará cada um de nossos movimentos. Os membros do Bilderberg "possuem" os bancos centrais e, portanto, estão em condições de determinar os tipos de interesses, a disponibilidade de dinheiro, o preço do ouro e quais os países que devem receber quais empréstimos. Ao movimentar divisas, os membros do Bilderberg ganham milhões de dólares.

A ideia foi criar uma sociedade dócil, massificada na sua ignorância através das “Novas Oportunidades” e de outros diplomas a “martelo”, incapaz de pensar, de argumentar, de discursar ou filosofar. Como os professores mais novos já pertenciam a essa “colheita”, em breve, toda a nação se regeria por esse protocolo entorpecente. Seria depois muito mais fácil, manipulá-los, enganá-los e explorá-los. Por outro lado, a sociedade iria depender economicamente do Estado para desenvolver os seus projetos e atividades.

Cada vez mais, a teia se enrolava em volta do pescoço de Portugal, como uma cascavel, sugando toda a vida e liberdade. Nem Salazar nem Orwell conseguiram conceber um plano tão maquiavélico. Jamais teriam os meios de o implementar. Perguntar-se-á, ninguém dá conta? Alguns darão, mas como não podem escrever livremente, nem os jornais ou telejornais aceitariam um discurso crítico destes, o povo fica sem acesso a essas opiniões divergentes. Incapaz sequer as equacionar.

Dentro de uma ou duas gerações, Portugal terá a população mais dócil e manipulável de toda a Europa Ocidental. Todos diplomados, licenciados, mestrados, com diplomas de literacia, mas poucos saberão ler e escrever e menos ainda terão a capacidade de discernir ou pensar livre e criticamente. A nova Ditadura, instaurada agora sub-repticiamente como um vírus informático, esconder-se-á sob o manto diáfano da democracia.



CRÓNICA 88 VOTOS DE NATAL. SER OU NÃO SER ESCRITOR AÇORIANO 17 dezº 2010

88.1. VOTOS SAZONAIS 2010

A todos desejo, não só na estação festiva como no resto dos anos que aí virão, por entre crises, guerras, fomes, catástrofes naturais e humanas, os melhores votos, na certeza de que cada um de nós constrói o berço de palhinhas em que se deita e não adianta ficar à espera: os Reis Magos já não andam de camelo e o GPS deles não vos vai localizar. Se olharem em volta verão Pilatos e Herodes e na cruz já não estão o bom e o mau ladrão, que esses andam mais ocupados em coisas da governação e não têm paciência nem tempo para fazer companhia na cruz ao Cristo.

Desde o início do ministério público, fariseus, adeptos de Herodes, sacerdotes e escribas, mancomunaram-se para matar Jesus. Por causa de certos atos praticados (expulsão de demónios, perdão dos pecados, curas ao sábado, interpretação original dos preceitos de pureza da Lei, familiaridade com os publicanos e com pecadores públicos), Jesus pareceu a alguns mal-intencionados, suspeito de possessão demoníaca. Assim, é acusado de blasfémia e de falso profetismo, crimes religiosos que a Lei punia com a pena de morte por apedrejamento.

Hoje há muitos que mereciam muito mais serem apedrejados e continuam à solta usando as mordomias que o povo ignorante e manipulável lhes concede em troca do voto quadrienal com que os enganam, enquanto distribuem futebol, fado e falácias diversas em ambiente circense de telenovela, vivida em tempo real para que as pessoas se preocupem com as inutilidades dos outros sem cuidarem da sua. A essa elite minoritária que teima em não se calar, seja em WikiLeaks ou outros instrumentos de desmascarar a globalizada corrupção que detém os cordelinhos dos dirigentes políticos, em folias mandatadas pela banca e outros interesses, embora como elite que são e informada se arrisquem a ter um processo em cima para serem desacreditados perante os ingénuos e analfabetos.

Eu sigo esta longa caminhada dando graças pela felicidade de estar vivo, lúcido e atuante, após muitas vidas que já vivi, dedicando-me a compartilhar saberes e culturas múltiplas sem epifanias, tentando manter viva a aberração dos nossos dias que é a família nuclear e deixando um legado que nenhum fariseu aceitaria, em epístolas como esta para que o natal seja vivido em cada dia do ano e não apenas quando os comerciantes nos tentam seduzir, mesmo a nós pobres saduceus da atualidade com promessas de felicidade material que só aumentam o nosso servilismo perante os nossos verdadeiros donos, os bancos. Só podemos dar aquilo que temos. E desenvolver uma atitude positiva é o primeiro passo para tornar este mundo um lugar muito mais habitável para as nossas crianças.

A vida é bela?

É, se assim o quisermos. Mas a verdade é que ainda se pensa nos otimistas como um dos extremos da balança que tem no outro prato os pessimistas e no centro a virtude, ou seja, os 'realistas'. Cada vez mais, no entanto, o otimismo é visto como o verdadeiro realismo: uma espécie de realismo emocional, que através de uma perceção positiva da realidade nos ajuda a ver a vida com outros olhos, e, graças a isso, a construir uma vida melhor.

"As pessoas otimistas são as que acham que a vida vale a pena ser vivida". Mesmo que a nossa cultura permaneça mais adepta do noivado do sepulcro do que de um amor feliz, está nas nossas mãos lutar contra isso. Ser otimista não depende das circunstâncias, mas da atitude. Está cientificamente provado que os pessimistas têm probabilidades mais fortes de viver deprimidos e com a saúde mais debilitada, visto serem um tipo de pessoas que se desleixam na sua própria saúde. E com isto influenciar para uma morte precoce. Em contrapartida as pessoas que tem atitudes otimistas levam uma vida mais feliz, mesmo perante as desgraças são pessoas que conseguem rir e encontrar algo positivo e engraçado.

As pessoas otimistas também facilmente conseguem atingir com sucesso os seus sonhos, desejos e objetivos. Ser otimista contribui para viver e combater certas doenças e ajuda a prevenir contra problemas cardíacos. As pessoas que olham para o mundo e para o futuro de uma forma positiva envelhecem de uma forma mais agradável sofrendo menos perante as doenças normais da idade, podendo aumentar a esperança média de vida.

Dito isto e face à crise que aí vem para os próximos anos (ou décadas), sorria, sinta-se melhor e lembre-se dos milhões que estão bem pior, os que ainda não têm (ou já não têm) liberdade de escrever o que pensam e sentem, os que não têm água ou comida, os que não têm teto para se abrigar, os que não têm saúde para viver, que não têm trabalho, os que são escravizados e todos os que estão bem pior do que nós. É esse o espírito de natal que vos desejo para os próximos 365 dias.

88.2. SER OU NÃO SER ESCRITOR AÇORIANO

Esta é uma questão muito melindrosa que motivou a seguinte troca de mensagens com Vasco Pereira da Costa:

SER OU NÃO ESCRITOR AÇORIANO, CHRYS VS VASCO PEREIRA DA COSTA

16/12/2010 14:30, Vasco Pereira da Costa:

Meu Caro

Com franqueza, e com o sentir na ponta língua, não percebo como reduces a minha escrita a uma insularidade insularizada. Disse-te uma vez que sou mais lido no continente do que nas ilhas: guardo recortes de crítica desenclausurada desde o João Gaspar Simões até ao Duarte Faria, António Pedro Pita, Fernando Venâncio... Diário de Notícias, Jornal de Notícias, Jornal de Letras, Colóquio Letras, Review of books (de New York, que creio, chegará à Lomba, mas não à Maia) ...et tout ça... e estou traduzido (em edição) em inglês. Sei, por fatalidade, que sou o maior escritor vivo da rua Direita de Angra (1,70 m), mas disso me não ufano: percorri Ceca, Meca e o Vale de Santarém. Apresentei poemas meus em Universidades da Ivy League, nos States, na África do Sul (ao lado de vários Nobel), na Venezuela, no Senegal.

Não quero estar num huit clos sartriano, porque creio bem que quanto mais regional mais universal. Mas não arvoros comendas nem distinções contemporâneas: o reconhecimento será feito (ou não) daqui por cem anos, pelo menos ou pelo mais. PF não me feches na poterna do Castelo de S. João Baptista apenas pelo facto de não alardear orgulhos de naturalidades regionais - sou urbano, da cidade de Angra, universal escala do mar poente (Fructuoso dixit) e estimo o Pico da Pedra e o calhau da Maia, mas não creio que ali e lá passe o eixo da Terra.

Ab. Vasco

16 de dezembro de 2010 15:28. Para: Vasco Pereira da Costa

Não te sintas assim... não reduzo a tua escrita a uma insularidade insularizada, quero-te no mundo, neste e noutros, por isso te fizemos a surpresa de te traduzirmos o poema para aqueles continentes todos e aguardamos que envies a tua seleção de obras ou a obra a traduzir para enviar aos nossos tradutores. O ponto que quero provar aqui naquela aula é que por mais universais, ou portugueses que os escritos e as obras sejam, contém um germe (gene?) único, um ADN indiscutível da açorianidade e esse é o fator de distinção que vos vai abrir as portas a outros mercados...

Já o Cristóvão se me queixou (em tempos) do mesmo, antes de eu lhe explicar esta minha tática entendeste ou tenho mesmo de fazer o desenho? se os teus editores tivessem adotado idêntica medida estarias tão traduzido como esses escritorzecos modernos que andam aí nas bocas do mundo e que para mim nada acrescentam... enquanto que vocês todos me emocionam e comovem pois sinto a vossa escrita... PF responde... Chrys Chrystello

De: Vasco Pereira da Costa 16 de dezembro de 2010 15:44

Eu sou um gajo normal: tenho as minhas taras, porém, não sou tarado: tenho o ritmo solar - durmo de noite e esperto de olhos abertos à luz do Sol - não andei no seminário, embebedei-me com carrascão aos dezoito, e não escrevo por catarse nem por inspiração: escrever é um ato ontológico (olá, Torga!), mas quero a ilha ampla e ampliada à feição humana de qualquer latitude e de toda a centúria... e senti-me no teu texto circunscrito à rarefação espacial, que abomino. Se quiseres fazer o desenho do contrário, talvez venha a perceber. Pela resposta não chego lá... Vasco

16 de dezembro de 2010 18.41 Para: Vasco Pereira da Costa

O que sempre disse e repito: é que os bons autores açorianos nos quais te incluo a ti e ao Cristóvão e mais uma mão cheia deles, incluindo o Bettencourt Pinto que cá não nasceu, têm esta conceção errónea de que devem ser proclamados bons autores nacionais... para terem credibilidade. Discuti isto horas a fio com o nosso homem do Pico da Pedra e do Pico do piquinho (e sabes como ele é). Para um australiano habituado a largas paisagens e horizontes Portugal é um quintal pouco maior do que o quintalzinho dos Açores. Para vos "vender" como autores estaria a colocar-vos em competição com os mais comerciais portugueses como o meu ex-ajudante na rádio em Macau (J. Rodrigues dos Santos, "ó Santos vai-me buscar outro telex), o que não é credível nem apetecível. Mas, ao colocar-vos, estudados e falados em universidades na Roménia, Polónia, Bulgária, etc., como autores portugueses "açorianos" crio expectativas acrescidas e desperto o interesse na descoberta desses autores, assim rumo ao mundo sem passar por Portugal, da Lomba para a cortina de leste. Entendeste agora, o quê o por quê??? aceitas então a minha estratégia??? abraço Chrys

16/12/2010 20:37, Vasco Pereira da Costa: Ok!... Compreendi a estratégia: é uma estratégia.



CRÓNICA 89. NATAL, 31 dezº 2010

Mais um ano que acaba e outro que se inicia, tempo de balanços inúteis como a Crónica do Quotidiano Inútil (poesia publicada em 1972). Dizem que a idade amolece os espíritos, mesmo os mais empedernidos, e os faz querer reviver momentos passados dada a insegurança que as alterações globais causam ao presente. Sinto nostalgia pelo que já passou, energias e tempo desperdiçados na voragem a que se chama vida, que preenchamos com os sonhos e desilusões, acalentando a esperança infinitamente vã de sermos mais felizes - ou menos infelizes - do que a quota-parte que nos calhou. Por todo o lado se repetem, ano após ano, os mesmos votos inúteis de paz, felicidade e amor, por entre ruínas das guerras e catástrofes que o homem causa e que não o incomodam quando afivela o sorriso de Boas-Festas. Os anos passam, e o esqueleto recusa ver a imagem que o cérebro guardou e que não é a que se reflete no espelho. É sempre difícil aceitar a degenerescência e envelhecimento, por mais gratiosos que os queiramos. Cumpre fazer o balanço do deve e do haver de cada um, sabendo dar graças a quem quer que seja por termos resistido a todos os obstáculos e que soubemos ou conseguimos ultrapassar. Alguns deles hoje assemelham-se a brincadeira de criança, mas na época mais se assemelhavam a catástrofes gigantescas. O mesmo se passa com os sentimentos que crescem na juventude e minguem na idade avançada. É esse o problema, não soube fazer envelhecer os sentimentos e desejos, continuo um eterno adolescente cheio de fulgor mental, de sonhos, ambições, sempre insatisfeito por não almejar mais do que faço. Dito isto, não nego que continuo a interrogar-me sobre a razão de andar neste vale de lágrimas, como diriam os crentes, mas dou graças por ter conseguido tudo o que já alcancei.

O ano foi pleno de aventuras, crises, dificuldades e doenças²⁶. Na ida fomos confrontados com atrasos e mais atrasos da transportadora nacional TAP, que teve a gentileza de nos desviar as malas e nos obrigou a não mudar de roupa durante dois dias. Finalmente apareceram e evitou-se a renovação do guarda-roupa. Depois do mais rigoroso inverno insular dos últimos 40 anos fomos deleitar-nos com temperaturas acima dos 30 °C no Brasil no 13º colóquio da lusofonia durante 21 agitados dias. Foi neste período que tive a inaudita e imerecida honra de dar uma palestra na Academia Brasileira. No verão, descansámos uns dias na plácida Ilha de Sta. Maria enquanto o João se espriava por Portugal continental, depois, veio a crise, cortes nos vencimentos, aumentos de todos os impostos e redução de deduções, e a negra noite abateu-se sobre os gastadores excessivos como nós. Foi nessa altura que o editor do meu último livro resolveu dar o golpe e não pagar direitos de autor nem a última tradução que lhe fizera. “Another nail in the coffin” diriam os gatos-pingados que rondam à espreita de mais uma penhora. Tentei trocar de viatura, mas ninguém dava o valor e só propunham vender outras ainda mais caras. Lançámo-nos numa conquista notável após o 14º colóquio e criámos a associação dos colóquios com o apoio de 47 visionários. Veremos se resulta.

Pois podia contar-vos como foram as férias de natal que até correram excecionalmente bem, mas os amigos do alheio fizeram uma visita à residência nos Açores e levaram alguns bens, deixando-nos impotentes com a imponderabilidade e a procrastinação da PSP, restando a esperança de que o seguro devolva em substituição parte desses bens. É sempre uma sensação curiosamente insalubre a de vermos desflorada a intimidade do lar, por arrombamento de uma janela do pátio das traseiras que tranca bem por dentro e se abre facilmente por fora...foi agora que me apercebi da enormidade de bens matérias e de valor que ainda me rodeiam e dos quais nem me apercebo na maior parte dos dias da minha existência quotidiana. Dos objetos furtados - curiosamente - o que mais falta me faz, é a máquina de café *Nespresso* a que me habituei viciosamente e a qual não serve de nada aos larápios pois só o dono pode fazer encomendas e não há lojas *Nespresso* na ilha. O portátil roubado tinha um dispositivo que o bloqueia se alguém se tentar ligar à internet...e depois apaga tudo o que lá está... Foi preciso viver no local mais seguro de todos aqueles em que já habitei para ser vítima de um roubo à residência...ironias... Nestes dias tem sido uma roda-viva a correr para a PSP, alertar o seguro, preencher os formulários, contratar um sistema de segurança e vigilância eletrónica, pedir ao senhorio para meter grades e outras medidas seguras no acesso pela parte de trás da casa... Vieram cá uns mestres que afinaram os fechos da janela de correr que dá para o pátio e foi a culpada da entrada, mas após saírem a janela continuava a trancar por dentro e abrir por fora... devem ser mestres das Novas Oportunidades. A todos desejo um 2011 que não seja pior que 2010, pois com esta mania de cada ano ser pior do que o seu antecessor nada mais me resta se não recordar os anos passados e qualquer dia ainda regresso à minha juventude.

26 (a minha mulher deixou de fumar em abril e a partir daí nunca mais passou bem, culminando na viagem tormentosa de regresso aos Açores após o Natal 2010 agarrada a uma bomba de oxigénio...).

CRÓNICA 90. RECORDANDO A PRIMEIRA VISITA AO BRASIL, 16 ANOS DEPOIS 31 dezº 2010

90.1. RIO DE JANEIRO 1994 A PRIMEIRA VISITA

Há pouco visitei Sevilha, uma das minhas favoritas. Fui lá, várias vezes em poucos anos. Mais recentemente – após 1996 - em conferências de tradução com a minha atual mulher.

Parti para a Expo 92 e Sevilha fervilhava de gente e de calor. Durante os três dias a temperatura oscilou entre 43º e 49 ºC. De noite não baixava dos 40 ºC²⁷. Assisti em Sevilha a um concerto inesquecível do Rui Veloso enquanto a minha filha, de seis anos, se deliciava a cantarolar as músicas dele, sempre metida na água. Dois anos depois, a 9 outº 1994 arranquei para uma conferência de literatura.

Enganei-me na data e cheguei um dia antes. Passei o dia ao ar livre no El Cordobés (Bar Mesquita), aberto de manhã cedo até à meia-noite. Era barato, uma esplanada agradável no meio do calor, protegido por uma ou outra árvore. Muito frequentado por turistas era um espaço típico andaluz, bem perto do Hotel Murillo. Também se podia comer dentro de portas, mas o serviço não era bom. Aconselho ao ar livre. Tinha cozinha tradicional sevilhana como paella, rabo de toro, um bom Gaspacho, salada Tropicana (com frutos); peito de frango grelhado; gambas com alho e azeite); ovos mexidos com espargos e camarão, além do sumo fresco de laranja e dez combinados que experimentaria nos dias seguintes.

Enquanto lia e fazia as minhas observações da população que me rodeava, como, aliás, sempre faço quando estou em qualquer lugar público, ia anotando mentalmente cenas que me poderiam servir para mais tarde escrever sobre elas.

Não pude deixar de notar a falta de à-vontade, mesmo ao meu lado, de duas pessoas de etnia chinesa que não se conseguiam fazer entender para pedirem comida. Tentei ajudar pensando que as mulheres, uma jovem e outra velha, fossem de Hong-Kong. Eram de Jacarta. Não pude resistir a chateá-las por causa de Timor-Leste e da ocupação genocida da Indonésia. Estavam a fazer turismo, não percebiam de política, alegaram com maus modos e, mal acabaram de comer saíram. Nem agradeceram a ajuda sem a qual nem sequer teriam comido. Para a próxima deixá-las-ia morrer à fome em vez de as ajudar.

Fui a umas sessões do Congresso de Literatura Infantojuvenil de uma semana, que para isso pedi o visto no Consulado de Espanha (Rua de D. João IV, Porto), como presencial da delegação brasileira e vim acompanhado duma colega que ficou umas semanas no Porto usufruindo da minha hospitalidade. Ela regressaria ao Brasil um mês depois a 20 novembro 1994 e eu, aproveitando estar em férias, seguia-a para conferências no Rio e em Belo Horizonte. Numa agência de viagens na Baixa do Porto pedi bilhete e embarquei dias depois em voo direto para Congonhas, na minha primeira visita ao continente.

A minha avó materna carioca, natural da Freguesia da Sra. da Conceição no Rio, nunca perdera o sotaque nem o modo de falar brasileiro que botava no seu discurso quotidiano e com as quais brunia a sua existência apagada. Recordo que, adolescente tentei adquirir a nacionalidade brasileira, tão desgostado estava com o rumo da nação e da guerra colonial portuguesa, mas já não era automaticamente concedida a netos de brasileiros. O Brasil, da imensidão sem fronteiras, sempre me atraía. Locais e países pequenos constrangiam-me.

Aterrei no Rio de Janeiro a tempo de ir ao encerramento doutro congresso. Passei três dias de calor sufocante do Rio em casa duma colega catedrática da UFRJ. Ofereceu-me alojamento e emprestou-me o carro para ver a cidade.

Na Ópera (réplica da de Paris) inaugurada em 1909) atualmente denominada Teatro Municipal, avisou para dar 5 reais ao arrumador para não danificarem o carro. Fiquei chocado. O real estava em paridade com o dólar americano e 5 USD era muito dinheiro. Cumpri as instruções. Nada aconteceu ao carro enquanto passeamos naquela zona da baixa do Rio.

Ali se localiza outro monumento histórico e cultural que é o Real Gabinete Português de Leitura. Pelo seu prestígio, pela beleza arquitetónica da sede, pela importância do acervo bibliográfico, o Real Gabinete Português de Leitura²⁸ é uma instituição notável que dignifica Portugal. Em março de 1935, o

²⁷ Isto excedia os 43 ºC de que me não esquecia em Perth (1979 ou 1980), quando o MGB da minha ex-cunhada se recusara a subir num parque de estacionamento parando o trânsito das redondezas....

²⁸ Em maio 1837, 43 emigrantes portugueses do Rio criaram uma biblioteca para ampliar os conhecimentos dos sócios na capital do Império e ilustrar o seu espírito. Os “gabinetes de leitura” criados no Brasil pelos portugueses diferenciavam-se por uma característica: não se fazia qualquer pagamento. Nos primeiros anos, adquiriram milhares de obras raras, dos sécs. XVI e XVII - um exemplar da edição “Prínceps” de Os Lusíadas; as Ordenações de D. Manuel, de Jacob Cromberger 1521, e os Capítulos de Cortes e Leys, publicadas em 1539. Em 1872 a biblioteca possuía 20471 obras e 44917 volumes. Portugueses do Rio, de grande prestígio, como Eduardo Rodrigues Cardoso Lemos, José Vasco Ramalho Ortigão, Visconde de Moraes e outros, resolve fazer da participação da “colónia” nas celebrações camonianas um contraponto às disputas e à mesquinhez de além-mar. Se em Portugal muitos procuravam ofuscar, no meio da dormência do país, a saga dos Descobrimentos e esquecer o poeta, no Brasil fazia-se o contrário: o “Gabinete” encomendava à casa Biel, no Porto, uma edição rica e ilustrada d’Os Lusíadas, mandava cunhar medalhas; organizava concertos e em 10 de junho de 1880, com a presença do Imperador D. Pedro II, é lançada a primeira pedra para a nova sede do Gabinete Português de Leitura. Projeto do arquiteto português

*Governo português concedeu ao Real Gabinete o benefício de receber de todos os editores portugueses um exemplar das obras por eles impressas. Esse estatuto permite uma atualização permanente da biblioteca do que se edita em Portugal. O Governo português, no antigo regime, concedeu um subsídio de 50 contos de reis. É de destacar a extraordinária ajuda recebida nos últimos anos da Fundação Calouste Gulbenkian, que deu os recursos para a aquisição e obras do prédio contíguo ao Real Gabinete onde está o centro de multimídia. Também o MNE (Ministério dos Negócios Estrangeiros) tem concedido ajuda²⁹. Outras entidades, têm vindo a permitir ao Real Gabinete desenvolver atividades crescentes, como a edição semestral da revista *Convergência Lusíada*, e a recuperação de obras raras danificadas...Pena que não seja mais conhecido este museu vivo da cultura. À data não se sonhava com o Museu da Língua Portuguesa em S. Paulo.*

Vi ex-líbris como a Assembleia Nacional e o Jardim Botânico. Ao passar por Leblon não esqueci a célebre musiquinha pois ali havia centenas de “Garotas de Ipanema”. Provei uma bebida de coco fresca maravilhosa, servida em meia casca do fruto, à sombra duma das palmeiras. Numa fase mais turística, vi o Pão de Açúcar cheio de parapentes saltando dos morros, impressionantemente majestáticos quando olhados cá de baixo. Fui ao Alto da Tijuca onde apreciei essa reserva natural, em pleno centro da cidade de onze milhões de habitantes (mais do que Portugal). Idílica a magnífica Cascatinha do Taunay ao lado da estrada em pleno coração do Rio.

Aproveitei a viagem para conhecer os primos direitos, filhos do irmão mais velho do meu pai, emigrado para o Brasil em 1920. Viviam cheios de dinheiro, enjaulados, protegidos por sistemas de segurança incríveis em pleno coração de Botafogo, na casa que fora de seus pais, meus tios. Não fiquei muito convencido com a felicidade deles, mau grado seis carros na garagem, a casa sumptuosa e rica. Tudo era falso. Um ar de museu sem vida. Uma exposição colocada na vitrina para espantar os burgueses. Sem alma. Ali tudo cirandava em torno do vil metal.

Olhavam perplexos para as preocupações etéreas e intelectuais deste primo do outro lado do mundo. Tentaram impressionar-me com o excesso de bens materiais levando-me ao Iate Clube do Rio de Janeiro, uma associação exclusiva para ricos, mas nem a comida (a célebre feijoada) apreciei, embora as vistas fossem espetaculares. Era como se estes primos, subitamente apenas se limitassem a tentar reproduzir a riqueza familiar de que a minha avó paterna falava e que eu nunca conheci.

O Brasil é rota importante para a cocaína produzida nos países andinos e destinada à Europa e aos EUA, assim como um importante mercado para o consumo. Grande parte do tráfico concentra-se no Rio de Janeiro, onde os níveis mais baixos da hierarquia são dominados por quadrilhas organizadas entrincheiradas nas favelas. Conflitos violentos pelo controlo de territórios entre as quadrilhas são frequentes graças a um próspero comércio ilegal de armas.

Uma das cidades mais bonitas do hemisfério, o Rio de Janeiro é frequentemente descrito como uma cidade sitiada. O crime violento aumentou significativamente. A polícia fluminense continua a ser violenta, corrupta e a cometer excessos.

A Human Rights Watch documenta brutalidade policial, massacres e violações de direitos humanos. Foi nesta fase que vi o Rio. Depois da estadia no Rio segui de camioneta, da Cidade Maravilhosa para o interior profundo, Minas Gerais.

No caminho assisti assombrado a mais uma violação básica dos direitos humanos que me havia de marcar profundamente. Jamais esquecerei o que vi.

Rafael da Silva Castro, traço neomanuelino a evocar a epopeia camoniana, em pedra de lioz, com estátuas de Vasco da Gama, Álvares Cabral, Infante D. Henrique e Camões sobre as mísulas da fachada, foi inaugurado em setembro 1887. Ramalho Ortigão, pronunciou um discurso notável: "No dia em que tiver caído para o domínio intelectual do mundo a preponderância europeia - porque não há preponderâncias eternas e o movimento da civilização está destinado a oscilar como o movimento dos mares e a configuração dos continentes entre os dois hemisférios da terra - quando se tenha deslocado a importância do domínio geográfico das linhas atuais, se esta casa existir ainda, ela mostrará aos nossos netos que homens de trabalho, alheios à intriga política do país e ao litígio do poder, ausentes de sua pátria, em um país remoto, previram na missão de sua raça o alcance da ciência e o alcance da arte, a qual, tendo por fim ressaltar os interesses da inteligência fazendo-os preponderar aos interesses da cobiça, da ambição e do egoísmo humano, é a origem da moral positiva assim como é a base do bom senso e o sustentáculo da moderação...". Em 1906 o Rei D. Carlos atribuiu o título de "Real" ao Gabinete. Para as comemorações do 1º centenário da Independência é constituída uma empresa para editar, em fascículos, a monumental História da Colonização Portuguesa do Brasil, sob a direção literária de Carlos Malheiro Dias, a direção artística de Roque Gameiro e cartográfica do Conselheiro Ernesto de Vasconcelos. Na obra irão colaborar as figuras mais eminentes dos dois países de Luciano Pereira da Silva a Duarte Leite, de Júlio Dantas a Oliveira Lima, de Paulo Merea a Pedro Azevedo, de António Baião a Jaime Cortesão, de H. Lopes de Mendonça a E. M. Esteves Pereira, sem citarmos, o coordenador, Carlos Malheiro Dias. A História da Colonização Portuguesa foi editada pela Litografia Nacional do Porto, em fascículos cerca de 20 mil, 12 mil no Brasil e 8 mil em Portugal - um número impressionante para a época.

29 no governo de Cavaco Silva e no de António Guterres,

A PM (Polícia Militar) tratava os negros que viajavam no meu autocarro, à coronhada, exigindo documentação, indagando do motivo da viagem, dados sobre o local onde se dirigiam e porquê. Estive prestes a intervir, mas aconselharam-me a não o fazer. O visto de turista no passaporte australiano não serviria de nada às mãos dos capangas da PM. Fiquei chocado e jamais esquecerei os olhares dos negros (obviamente pobres) que viajavam no autocarro.

Parecia um cenário de guerra, revoltante, humilhante, degradante. A paisagem também tivera momentos assustadores na rodovia BR-040 entre o Rio de Janeiro, Juiz de Fora e Belo Horizonte, que segue a velha Estrada Real, a estrada dos escravos. Montanhas pedregosas e altas como a Serra do Mar, a pique sobre pequenas aldeias, em baixo, e sem barreiras de proteção.

Mas o que mais me abismou foram, sem dúvida, as três ou quatro intervenções da PM, numa viagem de menos de 400 km. Embora a Ditadura brasileira (1964-1985) tivesse acabado há quase dez anos os vestígios da prepotência e impunidade militares que caracterizaram os esquadrões da morte prevaleciam.

No Rio, além da riqueza e abundância da minoria, viam-se pessoas a dormir na rua. As favelas estavam em estado-de-sítio. País de contrastes construído com a força bruta do trabalho escravo.

90.2.1. ESTRADA REAL³⁰- O CAMINHO DAS RIQUEZAS

Mais de 1.400 quilómetros de estradas de terra e pedra ligavam as minas de ouro e de diamantes ao litoral e aos portos. Dali, partia para financiar, no outro lado do atlântico, as guerras das nações europeias e a industrialização do velho continente.

Estrada Real do tempo da conquista do interior brasileiro, do achamento de ouro e diamantes e o começo das minas gerais. Os brancos conquistadores usavam, na realidade, trilhos indígenas para marchar terra adentro. Boa parte do caminho foi, durante o séc. XVIII, assentado de pedras por escravos africanos. Composta de um caminho velho e um novo que se unem em Ouro Preto, antiga capital do estado.

90.2.2. O CAMINHO VELHO

Até final do séc. XVII, levava dois meses para chegar a Minas. Em 1699, Garcia Rodrigues Pais abriu um caminho através da cidade litoral de Paraty e a região das Minas. O percurso durava duas semanas.

90.2.3. PARATY

O caminho velho começa em Paraty. Uma baía aos pés das montanhas verdes da Serra do Mar que forma um porto natural excelente, ideal para desembarcar tudo na colónia portuguesa e embarcar as riquezas das minas. Dos primórdios do séc. XVI ao séc. XVIII, Paraty era o ponto de entrada no sertão, depois chamado Minas Gerais.

O primeiro obstáculo natural é a Serra do Mar, muralha natural de 1000 m. com densa vegetação. A primeira expedição a achar ouro talvez fosse a de Borba Gato, em 1693. Nos anos 1698-1699 grande quantidade foi encontrada.

De 1700 a 1799, 840 toneladas de metal foram extraídas. Entre 1700 e 1720, 150 mil pessoas entraram em Minas Gerais, mais de 100 mil escravos africanos.

O Brasil, em 1700 teria 350.000 pessoas. Grande parte da população deixou as fazendas e cidades na procura de ouro, e não restava mão de obra para abastecer a população, resultando em longos períodos de fome, brigas violentas e guerras sangrentas pela sobrevivência.

90.2.4. OURO PRETO

"Ouro Preto é uma cidade que não mudou, e nisso reside o seu incomparável encanto." Hipérbole. Que seja permitido a Manuel Bandeira o pequeno exagero: escreveu-o em 1938 num guia sobre a cidade. Quarenta anos antes, deixou de ser capital de Minas Gerais, depois do ouro se esgotar.

Hoje, a cidade recuperou um pouco a proeminência como um centro dos 1,4 mil quilómetros da Estrada Real do séc. XVII. Por ela seguiam o ouro e os diamantes de Minas Gerais para Portugal. Agora são turistas estrangeiros, que a percorrem.

"Vocês nos tiraram o ouro, agora tragam-nos euros", brinca Eberhard Hans Aichinger, Diretor-gerente do Instituto Estrada Real, entidade sem fins lucrativos de desenvolvimento turístico.

30 Recordo descrições de "A Estrada Real, Minas Gerais" Bill Hinchberger e Rose Brasil:

90.2.5. A ROTA 66 BRASILEIRA

Comparada ao Caminho de Santiago, a Estrada Real podia ser a versão em estado bruto da famosa Rota 66 americana. A religiosidade é parte da equação; Deus sabe por quantas igrejas com altares cobertos de ouro passa.

A História não poderia ser contada sem ela - nem a política, nem a econômica, nem a cultural, nem, a dos despossuídos, escravos, mulheres, garimpeiros ou contrabandistas. Em 1720, a Coroa recolhia 20% do ouro quando eclodiu em Ouro Preto a Revolta de Vila Rica, com o esquiteamento de um líder.

90.2.6. PROFETAS INCONFIDENTES

Assim como a Rota 66, em muitos lugares a Estrada Real existe mais em espírito do que como estrada. Trechos inteiros sucumbiram ao desenvolvimento urbano ou simplesmente ao abandono. Mato e pastagens com frequência cobrem o velho caminho.

A Estrada Real antes da metade do caminho, bifurca – a original seguia até Paraty, e outra, construída no início do séc. XVIII, para o Rio.

No trajeto podem visitar as famosas esculturas do Aleijadinho, em Congonhas do Campo, terminadas em 1803 em pedra-sabão. Retratam os profetas do Velho Testamento, mas especialistas acreditam que também carregam uma mensagem política. Simpatizante da Inconfidência Mineira, o Aleijadinho incluiu em cada estátua um símbolo em homenagem aos rebeldes mortos ou desterrados.

90.2.8. CONGONHAS DO CAMPO

Fundada em 1734, a cidade ficou famosa com os 12 apóstolos em pedra-sabão que o Aleijadinho produziu para a Igreja de Bom Jesus de Matosinhos construída em 1757, entre 1800 e 1805, pouco antes da sua morte. Além dos 12 profetas, o Aleijadinho esculpiu 66 figuras (1796-1799), que compõem os Passos da Paixão de Cristo. Em 1983, Congonhas foi declarada Monumento Cultural da Humanidade pela UNESCO.

90.2.10. OURO PRETO E MARIANA

Perto do Rio Tripuí foram encontradas as maiores quantidades de ouro e ali se construiu, no séc. XVIII, a cidade mais rica e mais populosa do hemisfério. Com a chegada do bandeirante Antônio Dias, 1698, começou a maior corrida do ouro em toda a América Latina.

Ali fracassou o primeiro movimento brasileiro para se livrar da Coroa portuguesa e dos tributos e impostos reais, a Inconfidência Mineira. Inspirados pela revolução francesa e norte-americana, os cidadãos mais ricos levantaram a bandeira da independência, mas o levantamento fracassou e resultou na morte de Tiradentes em 1792, esquartejado no Rio de Janeiro.

Hoje, a cidade, com a arte barroca de Aleijadinho e do pintor Mestre Athayde, é Patrimônio Cultural da Humanidade da UNESCO. O ouro tinha uma crosta negra de óxido de ferro, dando origem ao nome de Ouro Preto. Em 1823, Ouro Preto passou a capital do estado de Minas Gerais.

90.2.11. O CAMINHO DOS DIAMANTES

Em 1727 espalhou-se a notícia que no Alto do Vale do Rio Jequitinhonha, no lugar do Arraial do Tijuco no Serro Frio, foram achados diamantes tão maravilhosos que o Rei D. João V, mandou as primeiras amostras para o Santo Papa em Roma. Até então, pedras tão preciosas só eram encontradas nas Índias e no Extremo-Oriente.

A Coroa declarou a exploração e extração de diamantes, total monopólio real. Só entre 1740 e 1770 foram extraídos 1.666.569 quilates, e o preço do diamante no mercado mundial caiu 75%.

Até 1810, cerca de 3 milhões de quilates foram extraídos. O Arraial do Tijuca chama-se Diamantina e é Patrimônio Cultural da Humanidade UNESCO. Ali termina a Estrada Real, hoje um projeto turístico.

90.2.12. BELO HORIZONTE

Em Belo Horizonte durante mês e meio, saí bastante, convivendo com alguma elite intelectual, provando a caipirinha e a cachaça, além de comida mineira cujo nome exigia sempre glossário. Tratei de ir aos departamentos oficiais saber o que era preciso para residir no Brasil. Rapidamente me apercebi do que eles chamam "o jeito português". Isto é, ficava com visto de três meses, depois ia a Iguazu ver as cataratas, atravessava a fronteira (Paraguai) e voltava.

Assim terminei a saga brasileira sem glória.

Que tinha para mostrar? Passei pelo Rio. Vi os morros. O alto da Tijuca, imensa reserva natural em plena cidade, a célebre Ópera, imitação da de Paris. Vi a Lagoa Rodrigo de Freitas, Leblon, Copacabana e Ipanema. Estive no Botafogo. Passei ao lado do célebre estádio do Maracanã a necessitar de obras.

Em Minas Gerais (Estado maior do que a França), conheci Juiz de Fora e Belo Horizonte, e visitei calmamente Ouro Preto e Mariana, réplicas das portuguesas. Igrejas iguais às da Guarda ou Viseu. Casas pintadas como imagino que sejam nos Açores que nunca visitei.

Um fim de semana inesquecível em Mariana, que como em Ouro Preto me deixara atônito.

90.2.13. O MAIOR E MAIS HOMOGÊNEO PATRIMÔNIO ARQUITETÓNICO COLONIAL.

Numa das suas igrejas ouvi um excelso concerto de órgão setecentista³¹.

O órgão de Mariana tem 964 tubos, ativados pelo teclado. Os adornos são de origem portuguesa e representam motivos chineses influenciados pela cultura de Macau. Quando o órgão foi restaurado em 1977 constatou-se, em Hamburgo, que havia uma estrutura para dois pedais que nunca foram instalados porque os portugueses na época não os usavam. Foram acrescentados, 276 anos após a construção original, o de Mariana mantém 65% peças originais.

Foi instalado em 1753 na Catedral e restaurado em 1984, após 509 anos de silêncio. Mariana foi a primeira vila elevada a cidade em Minas Gerais.

Fundada em 1696, por bandeirantes paulistas, foi o centro do poder eclesiástico em Minas Gerais. Foi também a primeira capital da província.

Visitas obrigatórias: Igreja de Sta. Efigénia, Museu Aleijadinho, Matriz do Pilar, Casa da Ópera, Casa dos Contos, Igreja de S. Francisco de Assis, Museus da Inconfidência, Oratório e Mineralogia.

90.3. O REGRESSO 29 dezº 1994.

Regressei a Portugal depois dum natal mineiro típico (muito feijão de todas as formas, tamanhos e feitios) em Belo Horizonte. Inicialmente não pensei ficar, mas a hipótese de conhecer outro tipo de natal entusiasmará-me.

A maior parte dos meus natais foi tropical ou subtropical, no hemisfério sul, em praias ou dentro de água. A ideia de natais frios e enregelados não era particularmente atraente. Já constatará que se regressasse ao Brasil teria de me debater com inúmeros problemas.

Mesmo assim, gostava de ir lá outra vez. Deixei lá roupa, como costume fazer sempre que quero expressar que voltarei e o livro de culto, a autobiografia de Woody Allen.

Deixei o país bonitinho, tropical, abençoado por deus e pela natureza...



³¹ Arp Schnitger (1648-1719), construtor de órgãos de Hamburgo, recebeu uma encomenda em 1701 para construir dois órgãos, um para Portugal e o outro para o Brasil a fim de embelezar a primeira diocese estabelecida na província de Minas do Ouro

CRÓNICA 91 DUAS MORTES, UM SÓ PAÍS. 15 janº 2011

91.1. PORTUGAL E OS CIDADÃOS DE PRIMEIRA³²

Já vos aconteceu andar na cabeça a amadurecer um tema, estruturá-lo, trabalhando-o, vestindo das roupagens diáfanas que só as palavras conseguem e de repente abrir o jornal, neste caso, o correio eletrónico, e deparar com o texto que amadurecia dentro de nós? Foi o que me aconteceu esta manhã:

“As mortes de Vítor Alves, Capitão de abril, e do cronista cor-de-rosa Carlos Castro mostram algumas evidências sobre o país. Separadas por escassas horas, as mortes do coronel Vítor Alves, “Capitão de abril”, e do cronista “cor-de-rosa” Carlos Castro tiveram o condão de fazer notar, uma vez mais, evidências sobre Portugal e os portugueses.

Na verdade, mesmo admitindo as macabras circunstâncias em que Castro foi assassinado e os requintes de malvadez de que foi vítima, não parece normal que tal facto tenha merecido tão esmagadoramente maior espaço mediático do que o desaparecimento de um dos principais símbolos da Revolução do 25 de abril de 1974 e destacado operacional da construção do processo democrático. Vítor Alves faleceu domingo, cerca de 36 horas depois da morte, em Nova Iorque, de um colunista que se dedicava há décadas a analisar os factos “cor-de-rosa”.

Considerado em muitas das biografias espontâneas como “um cidadão de primeira”, Vítor Alves foi um homem probo, sério, rigoroso, sensível que contribuiu de forma decisiva - antes e depois do dia 25 abril 74, para o atual regime democrático em Portugal. Vítor Alves, integrou, com Vasco Lourenço e Otelo Saraiva de Carvalho, a comissão coordenadora e executiva do MFA (Movimento das Forças Armadas), foi o autor do primeiro comunicado dirigido à população no dia 25 de abril e o porta-voz do Movimento. Mas as exéquias mediáticas de Vítor Alves foram curtas, se levamos em conta a importância do seu legado e o impacto informativo que outros factos da atualidade suscitaram.

O país trocou “um cidadão de primeira” por uma “história de segunda”, mas o desiderato é positivo: chancela-se a morte do militar, político, Ministro e conselheiro da Revolução em rodapés a correr e atribuem-se honras de Estado, mediático ao assassinato do cronista (não cronista social como alguns lhe chamam, como se Carlos Castro e Fernão Lopes fossem páginas do mesmo livro...) e às incidências macrotrágicas em que foi encontrado o seu corpo após alegada tortura, castração e assassinato.

A responsabilidade de todo este “estado a que” - de novo e citando Salgueiro Maia - “chegámos” não é do povo. Porque não é o povo que edita jornais, blocos noticiosos, telejornais ou sites. Nem é o povo o responsável por Marcelo Rebelo de Sousa ter dedicado, no Jornal da TVI, mais tempo de antena à morte de Carlos Castro do que ao desaparecimento de Vítor Alves”.

91.2. CONHECI VÍTOR ALVES

Foi o que li e pouco a acrescentar, a não ser que conheci Vítor Alves e com ele me cruzei em Jacarta, Macau e Lisboa.

Ao cronista, felizmente, nunca tive o desprazer de conhecer ou com ele me cruzar. Sabia-lhe a verugosa veia chantagista de que servia nas colunas de revistas e jornais para enaltecer ou rebaixar as chamadas “socialites” em inglês, ou mais prosaicamente as “tias” em português. Embora não possa admitir a violência deste ou de qualquer outro crime quejando, mais parecendo um mau “script” (guião) de uma série CSI, usaria o refrão popular, de mau gosto, mas adequado de que “cada um se deita na cama que faz”.

Como velho cético custa-me a aceitar estes amores entre idades desproporcionadas (mais de 40 anos de diferença) lembrando-me sempre de como não me sentiria bem, apaixonado por uma coeva da minha avó, ou como seria ridículo apaixonar-me por uma jovem de 18 anos e acreditar que o sentimento fosse mútuo. Mesmo com menor gradiente de idades não me imagino apaixonado por amigas da minha octogénaria mãe ou vice-versa.

Cada qual come do que gosta (usando mais um cliché) e cada qual dorme com quem entende. Foi assim que muitas caras bonitas da TV se fizeram e assim se chega a Ministro como dizia o outro. Deixemos para trás estes criminosos e cronistas cor-de-rosa pois deles nunca deveria rezar a História embora faça as delícias deste povo obcecado pelo voyeurismo, capaz de se rir da sua nudez intelectual sem pruridos morais.

Cruzei-me com Vítor Alves em 1974 em Jacarta. A este e outros propósitos escrevi:

“... Os Indonésios irão mais tarde, utilizar o argumento de que receberam garantias do Primeiro-ministro Vasco Gonçalves ao general Ali Murtopo, que "era irrelevante para Portugal se Timor continuasse [ou não] sob soberania portuguesa.” Daqui se pode inferir que as manobras subtis dos portugueses fizeram ricochete. Desde o primeiro momento em que se envolveram em conversações secretas com os Indonésios, os portugueses estavam encurralados. Não podem evitar a opinião pública internacional (ou a portuguesa) sobre as intenções da Indonésia. Comprometeram-se irremediavelmente com os Indonésios. A única alternativa possível, naquela altura, foi então discutida pelo Major Vítor Alves, Dr. Mário Soares e Dr. Jorge Campinos (os principais negociadores) mas unanimemente rejeitada.

Tal alternativa consistia em abandonar todas as negociações bilaterais [com a Indonésia] e apelar para que as Nações Unidas impedissem a invasão. Alguns líderes portugueses defendiam tal opção: Major Melo Antunes, Ten-Cor. Lemos Pires (o último Governador de Timor Português), e os representantes locais do Comité de Descolonização, Majores Jónatas e Mota, mas os seus esforços foram desfeiteados por Almeida Santos e Vítor Alves.

Existe uma insidiosa coincidência entre o que acontece mais tarde [a anexação da Indonésia em julho 1976] e a situação em 1941 os japoneses invadiram a ilha. Embora esta tivesse ocorrido durante a segunda grande guerra, a primeira tem lugar num período de enorme agitação política e deterioração do poder em Lisboa.

O ponto comum é o de em ambos os casos, o Governo Central de Portugal ser totalmente incapaz (se não totalmente sem vontade de o fazer) de organizar recursos suficientes para manter a sua autoridade na mesma Colónia....

Em 1977 voltaria a encontrar-me com Vítor Alves em Macau e em Hong-Kong. Em Macau, tinha havido uma tentativa de o desacreditar e de o ligar a cenas da noite macaense com umas jovens filipinas no Hotel Lisboa, na única discoteca que ali havia. A verdade é que o Major Vítor Alves lá estivera, como outras pessoas, mas isso não o comprometia como utilizador e beneficiário de favores sexuais extraordinários, fora de horas, das ditas dançarinas filipinas. Eram “meter-maids”, mas não como celebradas na música imortal dos Beatles “Lovely Rita”³³.

Posteriormente, passou a significar na gíria um parçómetro humano onde se metiam moedas para estacionar e daí o seu uso para as jovens filipinas do Hotel Lisboa que ganhavam consoante convencessem os clientes a estarem com elas e a beberem falso champanhe francês...

Macau tinha ainda muita gente empenhada em denegrir o MFA e a Revolução de abril. Havia numa certa imprensa e em certos “cronistas” locais aversão a Portugueses. Foi o que se passou como o pude comprovar e a tal propósito, ainda fizemos chalaças quando nos cruzamos, de novo, em 1980, num centro comercial em Cascais.

Confesso que depois do meu bem-amado mentor major Melo Antunes, Vítor Alves era outro militar da Revolução por quem nutria respeito e consideração. Era uma pessoa culta, educada e diplomática como agora o caracterizam. Obviamente o povo português não partilha desta opinião e muito menos os que se ocupam de trazer tragédias pessoais, e outras aos ecrãs da minha insatisfação televisiva diária. Agora não é o Rei que vai nu, mas sim o povo lampeiro sempre pronto a degustar mais uma cena imprópria, daquelas que envergonharia qualquer escritora de cordel, como Corin Tellado nos anos da minha juventude.



³³ Esta canção do álbum Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band, escrita e cantada por Paul McCartney, fala do afeto do narrador por uma funcionária de um parque de estacionamento, e no Casino Lisboa não se estacionava.... O termo “meter-maid”, um americanismo para uma polícia de trânsito surgira quando uma jovem polícia, Meta Davies multou Paul McCartney à entrada dos estúdios da Abbey Road. Sem protestar, expressou os seus sentimentos em música, dizendo que tinha cara de Rita.

CRÓNICA 92. A INSEGURANÇA E O DIREITO À DEFESA. 21 janº 2011

Vivi em locais inseguros (Porto, Timor, Bali, Macau, Perth, Sydney e Melbourne) sem nunca receber a visita dos amigos do alheio. Foi preciso chegar aos 62 anos, na açoriana costa norte de S. Miguel, mais precisamente na Lomba da Maia, para sentir essa devassa que é a de alguém penetrar no nosso santuário mais íntimo, a nossa casa, o lar. Lá onde habitam as divindades da religião romana antiga.

É mais comum a forma no plural, “os Lares”, em referência direta ao latim Lares familiares, como nome coletivo para indicar os espíritos que poderiam proteger ou prejudicar uma família romana (conjunto de pessoas), incluindo os servos e os escravos, protegendo tanto o local onde se vivia como a própria família. Na mitologia romana, os penates eram os deuses do lar, adorados pelos romanos. Os penates eram deuses responsáveis pelo bem-estar e a prosperidade das famílias. O próprio nome penates vem da palavra penus (despensa). Isto por que os bens, a despensa, da família eram consagrados a eles. Os chefes de família eram os sacerdotes dos penates de sua própria casa. No altar doméstico, a imagem do Lar era colocada entre as imagens dos dois penates.

Passe o exagero óbvio da comparação, mas sempre entendi que um assalto ou roubo à casa ou habitação de cada um é – de certo modo - semelhante a uma violação, uma defenestração violenta, não-consentida. Sempre defendi que cada um devia ser livre de decidir quem entra ou não nesse santuário que todos os dias tocamos com as nossas mãos, pés e sentimentos. Não é tanto a perda de bens materiais, pois muitos são facilmente substituíveis, mas a perda da inviolabilidade do templo sagrado que é a casa de cada um. O próprio espírito protetor do lar é violado.

Sei que esta noção pode parecer estranha neste meio rural, onde, há seis anos, quando cheguei, as pessoas deixavam as portas abertas e a chave no trinco ou na ignição do carro. Sei que a maior parte dos vizinhos é assaltada e nem se digna fazer queixa às autoridades policiais por medo. Sei que estas se sentem impotentes face à atual legislação que vê os assaltantes saírem em liberdade com uma pequena admoestação. Sei também que os assaltos repetidos (quatro que se saiba) à casa do padre - que confina com o meu quintal - provavelmente não foram notificados a nenhuma autoridade policial e apenas o assalto à Igreja na semana de 15 a 22 de janeiro deste ano da desgraça de 2011 mereceu honras de notícia de jornal. Sei que os assaltos a idosos - nas suas casas - dias após receberam as suas pensões passaram despercebidos à maioria dos habitantes e das autoridades.

Sabemos todos (há anos) do pequeno grupo (nem chega a gangue, meia dezena de drogados) que se reúne no Largo da Igreja, junto ao Coreto, para aí mercadejar a droga e combinar fontes de rendimento alternativas para sustentar a dependência. Sabemos que existem outros mais jovens - meros juvenis pré-adolescentes - que dão agora os primeiros passos iniciáticos em pequenos roubos nas mercearias e minimercados, nos cafés, antes de se graduarem e aventurarem na casa alheia. Ouvimos as conversas sobre insegurança no café da esquina, onde se sabe que o próprio dono e Presidente da Junta já viu esse mesmo café assaltado - pelo menos três vezes, que se saiba -, e viu igualmente a Junta de Freguesia ser assaltada e despojada de computadores.

As pessoas indiciam nomes de eventuais suspeitos, de alegados culpados, da alegada conivência das mães e pais desses meliantes, da conivência de recetadores dos furtos, da inoperância das autoridades judiciais, mas nada mais se faz. Toda a gente sabe que há recetadores para o fruto dos roubos, sejam sacas de ração ou botijas de gás... Não passam de conversas de café. Lembro-me, que antes desta crise, há uns 4 ou 5 anos, os carros da polícia passavam regularmente, a horas incertas do dia e da noite pelas ruas da Freguesia. Agora só os vemos quando acorrem a algum incidente, isto, se dispuserem de pessoal e gasolina para se deslocarem...

O que mudou além das lenientes leis e juízes? Será isto o progresso e já chegou às mais recatadas freguesias desta ilha? Há três semanas que mal durmo e acordo várias vezes ao longo da noite para verificar os pontos fracos de defesa deste meu castelo sem muralhas, enquanto não chegam os mestres para instalar grades e portões de segurança nas traseiras, bem como os eletricitas dos sistemas de alarme.

É este o preço a pagar por viver num local privilegiado com qualidade de vida na bela costa norte? Terei de ficar indiferente a esta vaga de assaltos que passou de ocasional, uma vez ao mês, para um sobressalto quase diário? Terei de ser fatalista como os nativos que me rodeiam? Ou devo fazer como em tempos idos e organizar

uma milícia popular e grupos de vigilantes prontos a exercer a justiça pelas próprias mãos? Que me respondam as autoridades impotentes e os politicamente corretos, mas ninguém me restitui a paz que antecedia o sentimento de violação do meu santuário.

Por mais bens que possa substituir jamais regressarei ao estado de espírito tranquilo da vida calma. Terei de me resignar e ficar quedo e mudo perante o assalto ao que possuo, e levei uma vida a acumular fruto do trabalho, para que os “amigos do alheio” possam vir cá e levá-los para comprarem mais uma dose? Terei de me satisfazer perante a incapacidade do sistema policial, judicial e outros que suspeitando e sabendo (ou quase, com certezas que não explicam) quem são os presumíveis assaltantes, os deixa incólumes seja no recato das suas casas ou no sossego do Largo [do Coreto] da Igreja a transacionar a droga e usá-la enquanto preparam nova investida contra a propriedade privada? A democracia e a liberdade não podem ter este preço.

Temos todo o direito a dormir descansados com as nossas preocupações sobre o assalto que fazem aos vencimentos dos trabalhadores, sem nos termos de preocupar com os assaltos dos toxicodependentes e outros larápios. Se eu vivesse em Nova Iorque teria de aceitar esta realidade, mas não creio que deva ficar parado à espera de Godot. Se as autoridades não nos defendem, teremos nós de nos defender com meios proporcionais à ameaça? como diz a lei. Só que a entrada de uma pessoa no meu lar é uma ameaça proporcional - para mim - a um ataque atómico e usarei todos os meios e armas para me defender dela, mesmo sabendo, à partida que o ladrão me pode processar e exigir uma indemnização quando o atingir. Ou então defender-me-ei de forma a que ele não possa sequer processar-me?

Sei que se for confrontado (embora a maior parte seja covarde e só assalte velhas indefesas) me irei defender com tudo o tenha à mão para me proteger de qualquer intrusão na inviolabilidade do lar. Nesse momento, se infelizmente vier a ocorrer, não me preocuparei com minudências jurídicas do direito dos ladrões. Esta foi uma experiência de impotência à distância, pois encontrava-me em Portugal a passar o natal, e não quero que se repita.

Além de alarmes, grades e portões de ferro irei estar mais atento e vigilante para que a casa esteja defendida.

Afinal estão aqui as coisas mais valiosas que tenho: os meus livros e escritos, e não há valor maior do que a biblioteca pessoal (embora saiba que os interesses deles não irão por aí)

Fiz já saber a todos nas redondezas que irei adotar as medidas que entender necessárias para a defesa intransigente do direito à inviolabilidade da fronteira que separa o meu lar, aqui no mais estrito senso da palavra romana, do resto do mundo exterior. Espero que nesta terra pequena de fofuquices, essa mensagem chegue também aos perpetradores e sirva de elemento dissuasor.

Caso contrário terei de lhes oferecer o livro em que esta Crónica seja publicada, para que eles saibam.



CRÓNICA 93. AS CASAS DOS DEGREDOS, *BIG BROTHER INTERNACIONAL*. 25 janº 2011

O que adiante se transcreve (de Luiz Fernando Veríssimo) promete chegar em breve a Portugal num canal favorito de TV, é a fórmula mágica de ganhar dinheiro e manter o povo anestesiado com a desgraça dos outros sempre prontos a desfrutar das tendências de "voyeur" que caracterizam o povo português do séc. XXI. Se tivessem cérebros funcionais podiam pensar e votar diferentemente, assim como já – desde há muito - estão pré-condicionados num estado de torpor intelectual: basta ouvirem palavras mágicas e acreditam no que ouvem. Até são capazes de acreditar que depois desta crise e de lhes roubarem inconstitucionalmente os salários vão ficar melhor preparados para enfrentarem a crise.

O mais chato disto tudo é que não podem dizer que a culpa é dos chineses pois foram estes que compraram parte da nossa dívida para poderem enviar para cá os artigos rejeitados pelas fábricas de escravos e de trabalho infantil que por lá têm, mas o que interessa é ver as poucas-vergonhas - como a minha avó lhes chamava - de uns tantos metidos numa casa a fazerem o que lhes mandam para ficarem famosos e quiçá acabarem por morrer numa prisão dos EUA. São uns "heróis" metidos dias, semanas, meses a fio, numa casa sem terem de trabalhar pelo sustento em troca de se deixarem filmar 24 horas ao dia. Para ser mais realista só faltam a estes programas os cheiros da flatulência de quem os concebeu.

Há sempre milhões a acreditarem no que veem, a sofrerem com as desventuras dos que ali estão, pois é sempre melhor ver as desventuras dos outros do que a própria e ao fim de um dia de trabalho inglório nada melhor do que ver os outros em vez de se olharem ao baço espelho das tristes vidas que lhes calharam em sorte.

Depois admirem-se que eles elejam Cavaco, Sócrates, Salazar... elegiam o Pato Mickey ou o Pateta da banda desenhada da minha infância. Até um treinador de futebol, português e famoso, já sonharam para treinador dos desígnios da nação.... Imaginem só José Mourinho como primeiro-ministro, Cristiano Ronaldo como Ministro do desporto, Carlos Queirós como Ministro da Educação, Sá Pinto Ministro da defesa, Eusébio nos Negócios Estrangeiros e por aí adiante. No Brasil (que nem é bom exemplo nisto) já tiveram o Pelé Ministro dos Esportes e Gilberto Gil na cultura e o palhaço Tiririca deputado...

Em França já temos o palhaço do Sarkozy que é como primo direito desse tarado do Berlusconi Viagra. Na Venezuela temos esse carismático Hugo Chávez que fez com que Hitler parecesse uma personagem de banda desenhada. Por esse mundo fora, - e prometo que não falo de África - abundam exemplos similares embora os meus favoritos sejam o iraniano Mahmoud Ahmadinejad e o norte-coreano filho do grande líder Kim Il-Sung. A este respeito não resisto a contar que a maioria usa a cirurgia plástica para parecer mais nova, mas na Coreia do Norte o herdeiro do poder, Kim Jong-Un, de 27 anos fez cirurgia para se parecer ao avô.

Excertos do texto que me motivou...*Big Brother Brasil XI edição (Luiz Fernando Veríssimo)*

Que me perdoem os ávidos telespetadores do Big Brother Brasil (BBB), produzido pela Rede Globo, mas conseguimos chegar ao fundo do poço.... Dizem que em Roma, um dos maiores impérios que o mundo conheceu, teve seu fim marcado pela depravação dos valores morais, principalmente a banalização do sexo. O BBB é a pura e suprema banalização do sexo. Impossível assistir a este programa ao lado dos filhos. Gays, lésbicas, heteros, na mesma casa, a casa dos "heróis". ... sou contra safadeza ao vivo na TV, seja entre homossexuais ou heterossexuais. ...

Pedro Bial prometeu um "zoológico humano divertido". Pergunto-me, como um jornalista, que cobriu a Queda do Muro de Berlim, se submete a ser apresentador de um programa desse nível. Outro dia, outro repórter acéfalo do BBB disse que, para ganhar o prêmio de um milhão e meio de reais, um Big Brother tem um caminho árduo pela frente, chamando-os de heróis.

Caminho árduo? Heróis? São esses nossos exemplos de heróis? Caminho árduo para mim é aquele percorrido por milhões de brasileiros: profissionais da saúde, todos os professores, carteiros, lixeiros e tantos outros trabalhadores incansáveis que, diariamente, passam horas exercendo funções com dedicação, competência e amor, sempre mal remunerados...

Heróis são milhares de brasileiros que sequer têm um prato de comida por dia e um colchão decente para dormir e conseguem sobreviver a isso. Heróis são aqueles que, apesar de ganharem um salário mínimo, pagam as contas, restando apenas dezesseis reais para alimentação.

O BBB não é um programa cultural, nem educativo, não acrescenta informações e conhecimentos intelectuais aos telespectadores, nem aos participantes, e não há qualquer outro estímulo como, o incentivo ao esporte, à música, à criatividade ou ao ensino de conceitos como valor, ética, trabalho e moral. Essas palavras não são de revolta, mas de vergonha e indignação, por ver tamanha aberração ter milhões de

telespectadores. Que tal ler um livro, um poema de Mário Quintana ou de Neruda ou qualquer coisa...ir ao cinema...estudar... ouvir boa música...cuidar das flores e jardins...telefonar a um amigo, visitar os avós, pescar, brincar com as crianças, namorar ou simplesmente dormir. Assistir ao BBB é ajudar a Globo a ganhar rios de dinheiro e destruir o que resta dos valores sobre os quais foi construída nossa sociedade.

Dito isto e como acabo de ceder graciosamente grande parte do meu espólio (arquivos relacionados com a minha saga de Timor) à Torre Nacional do Tombo, estou a pensar seriamente oferecer também os livros que ainda tenho - e para os quais não arranjei tempo para reler - e passar a dedicar-me a seguir todas as telenovelas que a TV transmite de manhã à noite a ver se fico menos deprimido com mais um corte salarial que a minha mulher recebeu ontem como prémio de quase 30 anos a ensinar os filhos dos outros.

Factualmente, dizem as estatísticas que sou eu que estou errado e não os milhões de portugueses e portuguesas que avidamente seguem programas similares na TV, de manhã, de tarde e à noite, 365 dias por ano, ano após ano...são eles e elas que leem as dezenas de revista da especialidade que debitam páginas e páginas sobre esses “heróis e heroínas” da televisão.

São eles e elas que telefonam diariamente para mil e um programas de televisão, seja para ganharem dinheiro fácil (que nunca ninguém ganhou), para darem resposta a uma qualquer pergunta idiota ou fútil, sem entenderem que estão a dar a ganhar milhões às telecomunicações e a todos os que engendraram este esquema piramidal de fazer dinheiro fácil.

Depois, esses eles e elas ocupam as poucas horas de lazer a falar do que viram e ouviram, até acreditarem que a vida virtual que observam no ecrã, é a vida real, a que eles não têm, mas que almejam. Assim, ao ver a triste figura e a desgraça dos que nos aparecem no pequeno ecrã penso menos como vou pagar as contas, pois sobra, cada vez mais mês no fim dinheiro.



CRÓNICA 94. O ESTADO TRATA-LHE DAS FINANÇAS MESMO DEPOIS DE MORTO. 12 fevº 2011

Já o disse e repito-o, este país mudou mais em 16 anos - desde que cá voltei - do que nos cem anos anteriores. Há dias foi notícia³⁴:

Uma idosa esteve morta durante nove anos dentro de casa, na Rinchoa. Foi uma penhora por parte das Finanças que fez com que a nova proprietária descobrisse o terrível cenário. No desaparecimento, em agosto de 2002, uma vizinha que estranhou a ausência alertou a polícia, mas os agentes recusaram-se a arrombar o apartamento, mesmo depois de alertados para o facto de o correio não ser recolhido e de o vale de reforma não ser levantado. Passados nove anos, veio a encontrar-se o cadáver da idosa na cozinha e o do cão na varanda. O que afastou a hipótese de morte foi a ausência de mau cheiro.

O que aqui está em causa não é se as autoridades procederam bem ou mal, se seguiram ou não o que se encontra estupidamente estabelecido na lei, de que só um familiar pode reportar o desaparecimento de alguém, se podiam ter feito menos ainda ou mais. O que se deve realçar é que um primo da vítima, também de idade avançada, se deslocou 13 vezes ao tribunal a pedir autorização para arrombar a porta e não lha concederam sob o pretexto de que a alegada morta não exalava cheiro... Isto, porque se ele tivesse arrombado a porta seria preso e condenado por invasão de propriedade, embora esse tratamento justo não seja normalmente aplicado aos ladrões que violam o sagrado lar de cada um. Agora vão todos fazer uns inquéritos que vão provar que a GNR, a PSP e os demais agiram dentro do mais estrito cumprimento das leis vigentes e nada mais poderia ter sido feito.

Falta que alguém, com bom senso, me explique como as Finanças penhoram uma casa que seria vendida em leilão nove anos depois por pouco mais de trinta mil euros para cobrarem uma dívida de 1500 euros de impostos imobiliários sem cuidarem de hipotecarem a televisão ou o frigorífico. Não, foram logo arrematar a casa que sempre valeria mais, sem tentarem ver se estaria morta ou fazerem outras diligências como a lei estipula. Ou só se vai investigar se a pessoa está morta no caso de ela cheirar mal?

Agora surge um problema aos advogados litigiosos, que sempre surgem como abutres em casos destes, que vão provar que a idosa não pagou o que devia às Finanças por estar morta e as Finanças não podiam vender a casa em hasta pública sem alguém jamais lá ter entrado em nove anos. Assim sendo, a casa não podia ir a hasta pública, as Finanças não a poderiam ter leiloado e a nova dona, uma imigrante ucraniana, não teria direito a comprá-la. Se alguém me conseguir explicar como isto acontece na Rinchoa, uma pessoa morta nove anos dentro de casa, com o cão e os periquitos, sem ninguém se dar conta então eu acredito que Lisboa ainda não é a selva que todos conhecemos de Nova Iorque e megacidades similares.

Dado que a maioria da população tem mais de sessenta anos, não vai tardar que se multipliquem casos destes e os sociólogos venham falar do problema da solidão na Terceira-Idade, os geógrafos políticos venham lamentar a desertificação humana do interior profundo, os políticos se expliquem com a introdução de alterações inócuas às leis, as instituições de solidariedade social se queixem da crise e da falta de apoios para prestarem ajuda solidária aos idosos, a PSP se lastime da falta de meios humanos para uma política de proximidade, e os filhos e os netos continuem a colocar em asilos os idosos para não terem o trabalho de cuidar deles ou a ignorá-los só por que são velhos. Vou tomar medidas para quando estiver só, velho e desamparado, para não morrer sozinho com o cão e os periquitos (que não tenho nem quero ter).

Mais sorte tem a minha mãe, com 88 anos, pois a filha liga todos os dias, o filho, nos Açores, também; e as amigas logo se interrogam, se altera a rotina de ir ao café diariamente.

Se ainda não são sexagenários, como eu, podem chegar a essa idade e será demasiado tarde, caso não tenham tomado as necessárias medidas, pois o que mais chateia um morto é saber que a sua casa foi parar ao Estado Português que tudo rouba em vida e nada dá em troca. Claro está que pode sempre haver quem não se importe, que - depois de morto - lhe roubem a casa para vender em hasta pública. Façam como eu, não adquiram propriedade, arrendem e se morrerem podem ter a certeza que mal deixem de pagar, o senhorio vai bater à porta.



CRÓNICA 95. BANHA DE COBRA. DA UNIVERSIDADE A TIMOR 18 fevº 2011

95.1. BANHA DA COBRA NO MARQUÊS DE POMBAL, PORTO

Há dias, em “zapping” pelos canais televisivos vi um músico, tipo baladeiros dos anos 60, com uma pasta a dar-lhe um ar respeitável à moda do século passado, e guitarra a tiracolo, a cantar³⁵ “*sei que não apareço nos jornais*”. Era tão patético este “*cantor romântico abandonado,*” licenciado em tecnologias de comunicação, que me fez recordar uma cena de infância.

Quem cresceu no Porto recorda-se de um divertimento gratuito nos anos 50 e 60 do século passado, aos domingos, na Praça do Marquês de Pombal, frente à Igreja. Por entre os idosos que jogavam às cartas (e passavam o vazio dos dias por entre uma “bisca” ou uma “sueca”³⁶) surgiam, carrinhas vagamente reminiscentes das velhas caravanas do oeste bravo dos EUA. Em vez de colonos temerosos dos índios (nativos americanos, como é politicamente correto chamar-lhes agora) havia uns homenzinhos de aspeto duvidoso, cabelo cheio de brilhantina, com um megafone (na época não havia microfones sem fios) a falar alto e a atrair os passantes e basbaques com o verdadeiro elixir da longa vida, contra a calvície, e outras proezas e panaceias que a medicina tradicional europeia jamais adotou.

Juntava-se uma dúzia de pessoas, normalmente sopeiras e magalas (usando a terminologia incorreta da época) para ouvir as piadas e a arenga bem elaborada. Mais cedo ou mais tarde, surgia um comparsa do vendedor da verdadeira banha da cobra que se chegava à frente a licitar os produtos. Este tipo de vendedor não é personagem de ficção. Existe, progrediu e anda, por entre as turbas, dissimulado de pessoa de bem.

Sabemos que a banha da cobra³⁷ não serve para nada, mas a firmeza do homem empoleirado na carripana, com a bem estudada eloquência, persuadia muitos sobre as mil e uma aplicações desse remédio miraculoso contra impigens, mau-olhado, torcicolos, urticária, febre dos fenos, dores de dentes, nervos, escleroses, artroses, entorses, diarreias, sarampo, escarlatina, espinhela caída, dores das cruzes, doenças do miolo, treçolho, verrugas, cravos e desmanchos. Tudo curava a banha desse animal repugnante, e tal como a cobra a verborreia oratória do vendedor ia enleando as pessoas que paravam para o ouvirem.

*Por vezes em elixir, outras em pomada, outras ainda em forma líquida...o povo comprava os frascozinhos milagreiros e o vendedor da banha da cobra ia-se governando. Apregoava a honestidade afirmando ter licença camarária e não estar ali para enganar ninguém. O vendedor da banha da cobra existe há séculos. Sabe-se que a sua origem é chinesa, lá onde se vende óleo de cobra de água (*Enhydris chinensis*), usado para tratar dores nas articulações.*

Quase como um placebo. O óleo de cobra refere-se a falsos remédios vendidos nos EUA no séc. XIX com a promessa de curar qualquer doença. Em tecnologia, o termo é usado para produtos que oferecem segurança absoluta e criptografia indecifrável, mas de qualidade questionável ou inverificável. Se é seguramente certo que a banha da cobra não cura, também não consta que tenha causado mal para a saúde pública e para o mundo. E não havia mal ou maleita onde o resultado não fosse prodigioso!.... Tudo e o seu contrário a famosa pomada resolvia.

Ainda estão bem vívidos os pregões

"Não custa nem 20, nem 15, nem dez! Custa apenas cinco Escudos, e quem levar dois leva um totalmente de graça. Um para aquele senhor, outro para aquela menina..."

E para não haver dúvidas os argumentos eram um primor de explicação:

"É que bocencia tem uma dor de dentes, mas o dente não dói. O dente é corno, o corno é osso e o osso não dói, o que dói é o nervo".

35 <https://www.discogs.com/Gon%C3%A7alo-Gon%C3%A7alves-Honey-Sei-Que-N%C3%A3o-Apare%C3%A7o-Nos-Jornais/release/5149863>

36 Jogos de cartas

37 Data do séc. I a.C. e inspira-se numa receita secreta de teriaga, que, segundo crenças populares, seria um medicamento complexo, com sessenta e quatro componentes. Acreditava-se que tinha propriedades de antídoto para venenos. A carne de cobra era fervida durante horas ou mesmo calcinada, até se transformar em pó, conservado em frascos para utilização futura e misturados com gordura, sob a forma de unguento. O nome popular desta pomada era a banha da cobra. O grande número de componentes, a raridade de alguns, e o elevado preço, tornavam difícil o acesso ao medicamento, no qual se depositavam as maiores esperanças. Passou a produzir-se um placebo, com menos componentes: bagas de louro, mirra, genciana, aristolóquia e mel. Era a teriaga dos pobres. Os que viviam em locais mais afastados dos centros urbanos, à falta de um composto, usavam o alho para combater a peste e outras doenças, e o alho ficou conhecido, em muitas regiões, como a teriaga dos camponeses.

Gostava de estar convicto – mas não estou – de que a maioria das pessoas não acreditava minimamente naquilo, mas inexplicavelmente muitos compravam e tornavam a comprar! E a vida de vendedor de ilusões prosperava! Embora há muitos anos não ouça o seu pregão genuíno, não tenho dúvidas de que ainda anda por aí.

Agora, nesta era de globalização, talvez de colarinho branco e quem sabe de barba bem aparada para aparentar respeitabilidade. Talvez vestido de funcionário bancário dos falidos BES, BPN; Banif, etc.

Pode até ser verdade o que muitos dizem, que foram tirar cursos à Universidade Independente e entraram para o Governo...

Mas do que me lembro mesmo, e que me mesmerizava em tão tenra idade, é de ficar no marquês de Pombal, depois da catequese, a ouvir os vendedores de banha de cobra antes de ir à missa dominical e depois almoçar na cantina da Igreja, do lado esquerdo sob a cripta.

Até hoje tenho esta frustração enorme de não me ter aparecido o vendedor de banha da cobra que me convencesse. Como devem ser felizes aqueles que acreditam e compram...

95.2. JORNALISMO, UM APRENDIZ DE FEITICEIRO

No fim de 1992 fui suspenso pela LUSA, Agência noticiosa portuguesa, depois de inúmeras desavenças ao longo dos anos. O motivo foi ter publicado em inglês uma notícia sobre Ramos-Horta, que transmiti e a LUSA publicou mais tarde. Meti a Associação de Jornalistas Australianos ao barulho e foi-me reconhecido que se tratava duma suspensão de serviço por motivos políticos e teria de ser reintegrado. Decidi que jamais voltaria a trabalhar para eles.

Conto este episódio em detalhe no meu segundo livro da trilogia da História de Timor, lançado em 2005, “Historiografia de um repórter (Timor-Leste vol. 2, 1983-1992)”.

Já anteriormente me haviam censurado notícias sobre Timor. Inicialmente não compreendia a razão desta censura. A notícia era inócua e decidira confrontar o Gonçalo César de Sá, Diretor da Agência LUSA (no sudeste asiático e Pacífico).

No poder, como primeiro-ministro, Cavaco e Silva, para quem queira encontrar relevância no facto. O Diretor da LUSA no Pacífico explicou que o teor da notícia era demasiado sensível motivo pelo qual fora truncada e reduzida. Chamei-lhe uma data de nomes e desliguei. Ligou o senhor Diretor, de novo, a pedir calma. Eu perdera-a para sempre. Assim iria terminar lentamente a carreira de jornalismo ativo como Correspondente Estrangeiro da LUSA que mantive noutros órgãos de comunicação social e que iria deixar para trás ao sair definitivamente da Austrália em abril 1996.

Entrei em meados de 1997 para a Rádio (ERM - Emissora de Radiodifusão de Macau) e isso ocupava-me mais algum do pouco tempo livre. Durante os primeiros meses escrevia, lia os noticiários e traduzia telexes (alguém se lembra do que eram?), muitas vezes em direto para poder transmitir as notícias mais recentes. Também apresentava programas musicais após as horas de labuta na CEM. Mais tarde, quando a RTP tomou conta da ERM e se passou a chamar Rádio 7 - Rádio Macau, ao que hoje é a TDM, os diretores acharam perigoso ter um francoatirador nas notícias e meteram-me nos programas musicais na área de produção e em projetos especiais. Mal sonhavam que iria revolucionar a forma como se faziam programas de rádio.

Os programas começaram a ser feitos para uma faixa etária até então esquecida, dos 15 aos 25 anos, importando discos de Lisboa e da Austrália. Depois, organizei concertos ao vivo e tardes de dança no hall de entrada da rádio, tendo conseguido que Rão Kyao estivesse lá a atuar durante uns meses. O sucesso era tanto que havia gritos histéricos ao passar pelo Liceu, como me recordaria (aquando do nosso reencontro no 15º colóquio em 2011) o meu jovem ajudante Ricardo Pinto, que em 2011 era diretor do jornal Ponto Final e dono da Livraria Portuguesa de Macau. Os programas envolviam, pela primeira vez, a participação dos jovens ouvintes e satisfaziam os seus desejos musicais, até então, totalmente arredados da estação local que transmitia música pirosa (a música pimba ainda não fora inventada) própria de anciãos de uma qualquer aldeia do Portugal profundo.

Antes do programa Pão com Manteiga que Carlos Cruz celebrizaria no continente português, inventei o meu programa, altamente controverso, “O Whisky e a Cola” com um a introdução de Bette Midler no filme “The Rose” e o separador musical do louco Alice Cooper “We are all crazy”. Era um programa de rock, reggae e de sátira. Pela primeira vez o reggae chegava ao Oriente. Um dia descobrimos que uma estação de Hong-Kong nos gravava a música que passava pela idêntica ordem, pelo que nunca mais nenhuma música tocou sem que a

interrompêsemos para evitar o plágio de reprodução. A sátira dirigia-se à governação e corrupção, dando-se cognomes a personagens do governo e fazendo - sobre eles - histórias interessantes. Os mais velhos e mais críticos da governação ouviam às escondidas e enviavam mensagens escritas á mão (ainda não havia SMS nem telemóveis) para que ninguém soubesse que eles ouviam.

Um certo dia, fui a Hong-Kong. Ao regressar nessa noite, improvisei sobre o nacionalismo das gentes de Macau que encontrei a fazer compras na vizinha colónia, falei dos passeios largos, das ruas e de outras coisas, quando o então Secretário do Governador (Gonçalo César de Sá que mais tarde, seria meu Chefe e Diretor da LUSA no Pacífico, com sede no Japão) me telefona aflito por suspeitar que eu descobrira uma das maroscas das Obras Públicas. Ele entendera assim, na minha sátira que eu tinha descoberto que os projetos aprovados pelas Obras Públicas aceitavam os prédios com uma determinada cércea, mas depois os donos das obras e os fiscais ganhavam milhões quando prolongavam essa cércea, a partir do primeiro andar até ao limite exterior do passeio...ora bem, isto em prédios de 15 andares ou mais, ao preço do metro cúbico em Macau, era uma verdadeira mina de ouro que iriam cobrar a mais aos potenciais compradores. Esta a história inventada que - afinal - era real...

Muitas foram as “charges” e piadas feitas à custa da governação contornando a difícil área da sobrevivência. Para notícias mais importantes usava outro subterfúgio. Com efeito, desde que chegara, fizera amizade com os jornalistas Nick Griffin da HK-TVB e do Ian Whiteley da ATV e usava-os quando precisava de mandar notícias sensíveis para fora de Macau. Ainda hoje guardo religiosamente a declaração de trabalho como correspondente da televisão de Hong-Kong nos anos que vivi em Macau. Todos suspeitavam e insinuavam que estava por detrás das notícias, mas não o podiam provar. Era óbvio que depois deles estarem em Macau surgiam reportagens escaldantes, e como ficavam em minha casa... Sempre admiti que ambos eram meus amigos e jornalistas e, ficavam em minha casa, mas tinham fontes locais pois o Nick era fluente em cantonense e vivia em Hong-Kong desde jovem. Assim se transmitiram notícias que a censura local e o poder discricionário do Governador tentavam silenciar.

Tempos loucos de pouco dormir e muito trabalhar e folgar (*Nota do Autor: folgar não significa fazer folgas, mas sim comprar-se, divertir-se, tomar parte em folgedos*). Levantar pelas sete e pouco, vir almoçar ao Clube Militar ou Clube de Macau, dormir uma sesta de meia hora, trabalhar até às cinco e meia da tarde, vir a casa tomar um duche, seguir para a rádio quando os programas eram às 19.00 ou depois do jantar quando iam das 22 às 24 ou até às duas da manhã. Depois, ia-se cear a um dos restaurantes no Hotel Lisboa ou qualquer outra loja aberta, que eram as alternativas além das sopas de fitas, ao ar livre, numa qualquer rua com tendinhas e bancos no meio da rua. Numa dessas vezes, num pequeno restaurante, quase em frente ao Hotel Estoril, assisti a uma cena de pancadaria entre seitas...ainda mal começara, bem antes de as cadeiras voarem já eu estava sentado ao volante do *Toyota Cellica* com o motor a funcionar antes que o perigo se tivesse sequer aproximado. O meu instinto de sobrevivência era proporcional ao sentido do dever de informar sem medo nem censuras.

Tudo começou em 1967. Iniciei a minha longa carreira de jornalista da forma mais casual possível ao fazer uma reportagem (para treinar-me) do Circuito Internacional de Vila Real e da Fórmula 3. Vendi um exclusivo à Rádio Renascença e graças a isso, haveria de trabalhar para eles até sair de Portugal em 1973. A história começa numa forma bem mais prosaica. Estava convidado em Vila Real pelo meu tio Nóbrega Pizarro, que era, à data, Diretor Clínico e responsável médico pela prova. Calmamente assistíamos na bancada principal às provas de velocidade quando se deu um grande acidente com um corredor chamado *Tim Cash*, segundo a reminiscência que guardo do incidente. Como falava bem inglês, fui chamado por ele para lhe servir de intérprete. Acabei a entrevistar o piloto (o acidente foi menos grave do que se previa), registando tudo no meu gravador portátil que já me acompanhava sempre para toda a parte. Quando saí do Hospital todos queriam saber o que se passava (o homem salvou-se sem grandes mazelas) e limitei-me a ver quem oferecia mais pela fita (naqueles tempos ainda não havia cassetes). Ganhei a alta soma de 500\$00 pelo feito.

Mais tarde, escrevi para a Rádio Renascença a lembrar-lhes o evento, numa clara demonstração de saber aproveitar as oportunidades. Ofereci-me para colaborar com eles em futuras provas. A RR achou que o jovem empreendedor tinha pinta e dignaram-se aceitar-me como colaborador de automobilismo para a Zona Norte. Fui trabalhar como correspondente no célebre e popular programa *Página 1* de José Manuel Nunes, com nomes como Joaquim Amaral Marques, Adelino Gomes, Pedro Castelo. Era o programa de rádio mais ouvido e à primeira tentativa, eu tinha entrado. Viriam a ser notáveis as coberturas que faríamos dos eventos desportivos a

norte do país. Curiosamente, uma das notícias mais importantes (*scoop*, *cache*) que transmiti foi, por mero acaso, a da morte de *Otis Redding*, num desastre de aviação em 10 de dezembro de 1967. Isto porque os programas de rádio não usavam telexes (quem se lembra deles hoje?) e eu passava a vida a ouvir estações piratas³⁸, onde tinham acabado de dar a notícia.

Nesses dias os eventos do mundo demoravam a chegar às redações. Não só então, mesmo mais tarde, na década de 1990, enviava os despachos para a Agência LUSA, Rádio Macau (TDM, RTP) e jornal Europeu, jornal Público através de telex. Tinha de os enviar dos CTT (Australia Post) da baixa de Sydney. Chegavam a Lisboa, provavelmente, com mais de um dia e meio de atraso.

O sistema de reportagem fui-o desenvolvendo e melhorando ao longo dos tempos, sem lições de ninguém porque nunca fora feito antes em parte alguma do mundo. Inicialmente não me pagavam nada, depois começaram a pagar as despesas, gasolina, telefones e alimentação. Por fim, já tinha uma avença que dava para remunerar os meus colaboradores em cada prova. Era um dos dois maiores sonhos da minha juventude: ser advogado (carreira diplomática) ou ser jornalista. Desde os 12 ou 13 anos que sonhava com essas profissões. Esta já cá cantava, da outra desistiria.

Viria a não diplomaticamente acabar por dar voltas ao mundo sem ser advogado nem diplomata, obviamente que não fora talhado para esta. Numa primeira fase fazia a cobertura de eventos motorizados com o meu melhor amigo e piloto de competição em ralis, o Taka e ocasionalmente um primo ou um amigo juntava-se a nós. Íamos ver as classificativas cronometradas mais importantes e seguíamos em busca dum telefone para dar os tempos desse troço cronometrado no interior profundo no norte de Portugal (Minho e Douro). A seguir já tínhamos mais de um carro a fazer a cobertura e várias equipas a transmitir dados à medida que os concorrentes iam percorrendo os vários troços. Era a verdadeira cobertura em direto e ao vivo. Já se vivia com muita intensidade a febre dos Ralis em Portugal. Havia gente em todos os montes e serras, por mais ermo e deserto, fosse a que hora fosse.

Nesses anos o que nos identificava perante os políciais e a organização, para acedermos a zonas e estradas reservadas, era um cartão prensado (em cartolina grossa) retangular (feito por nós) com a palavra PRESS (em letra de imprensa) a branco sobre fundo vermelho. Depois mandei imprimir autocolantes com a identificação da estação emissora e do programa. Havia um martirizado gravador portátil de cassetes Grundig e um par de auscultadores para as entrevistas, à partida e à chegada, com uns fios esquisitos e uma ventosa, que serviam para transmitir o som através do telefone. Reportagem na hora com meios improvisados e inventados por jovens como eu. Excitante para um adolescente, que permitia não só contactar com todos os pilotos, com os organizadores, equipas de assistência, e as atraentes jovens atraídas por estes eventos. Que mais podia desejar? e ainda me pagavam para ter a voz na rádio.

Foram, anos e anos sempre a correr em todas as estradas e picadas do norte do país, vividos intensamente entre ralis e treinos num velho Opel Kapitän 1958 ou num Volvo "Marreca" PV 544 de 1959. Percorremos tudo o que era estrada municipal ou caminho de cabras. Uma vez numa florestal, perto de Gondarém (à saída de Viana do Castelo), saíra uma manada de vacas à nossa frente e quase que embatíamos num pelourinho. Raramente tivemos acidentes. Exceção feita ao primeiro rali de iniciados que fizemos em que depois de partirmos de Sta. Luzia (Viana do Castelo, de novo) embatemos fortemente contra um penedo. O motor ficou no lugar do pendura e a roda sobressalente veio para o seu lugar. O carro ficou com a frente desfeita. Eu tive umas leves equimoses e hematomas nas costas, os quais depois de devidamente tratados no Hospital de Viana nunca viriam a ser do conhecimento de ninguém. Tão abalado fiquei com o acidente que imaginei que vínhamos em sentido contrário, saí do carro a correr (quase era atropelado pelo concorrente seguinte) e ia a cantarolar, sem razão aparente, "*Corre Nina*" do Paulo de Carvalho, para a seguir voltar ao carro a desligar o corta-corrente com medo que deflagrasse um incêndio.

O meu pai desesperava quando eu ia sair de carro com o Taka, e recusava deitar-se até eu chegar. Pois, se na maior parte das vezes, a noite não excedia as duas da manhã, vezes houve em que chegávamos ao amanhecer. O pai ficava na salinha da televisão, a ler ou dormir, fumando cigarro atrás de cigarro, incapaz de adormecer sem ter a certeza de que o filho chegava são e salvo. Deve ter passado as passas do

38 como a Rádio Caroline, Rádio Luxemburg

Algarve nesta fase difícil. Muitas vezes ao tentava meter a chave na fechadura já lá estava o pai vindo do escuro a abrir a porta e a ralhar-me. Foram anos e anos, só me dedicava a carros e a namoricos.

Ao longo de cinco anos percorremos Portugal (mais de um milhão de quilómetros era a estimativa) por estradas que nunca nenhum cristão visitara. Numa das vezes entramos numa aldeia (cujo nome foi esquecido, entre Bragança e Miranda, creio que foi Outeiro) onde nunca uma viatura entrara pela porta do castelo. A população veio à rua aplaudir e fazer perguntas. Muitos nunca tinham visto um carro em toda a vida pois jamais haviam saído de lá. Estava-se nos anos 60 e era como se se estivesse em plena Idade Média. Nas estradas mais recônditas de Trás-os-Montes raramente se encontrava movimento, além de uma ou outra viatura de carga pa-chorrenta ou um pequeno trator dos que começaram a surgir em Portugal nessa década. Muitas vezes íamos para sítios onde nem um café existia. Noutros, não havia telefones públicos. Ainda se não tinham inventado os telemóveis e a rede dos TLP, futura Telecom, era ainda incipiente nas zonas mais remotas de Portugal.

O perigo maior nessas estradas transmontanas, beirãs ou minhotas, eram os burros, as carroças ou os carros de bois. Ainda havia simpáticos cantoneiros a acenarem nas estradas e a cortarem as ervas das bermas. Até hoje muitas dessas estradas jamais viram outro e as casas dos cantoneiros estão infelizmente destruídas, desabitadas e em ruínas. Podiam ter sido aproveitadas para pequenas unidades de turismo se alguém quisesse ou tivesse visão, mas isso era pedir muito aos portugueses. É um verdadeiro sacrilégio ver o abandono a que foram votados tantos ícones numa era em que o que existia, e funcionava bem, foi substituído por estruturas mais modernas, mas que não funcionam. O desbaratar de riquezas sempre foi apanágio deste país que viveu sempre à custa dos outros, primeiro das especiarias, dos escravos, do ouro do Brasil e mais recentemente dos subsídios de Bruxelas.

É uma dor de alma viajar em pleno séc. XXI e ver pombais abandonados, casas de cantoneiros, estações da velha CP destruídas, com um valioso espólio, incluindo azulejos maravilhosos ao abandono, com as velhas pontes (algumas delas notáveis obras de arquitetura) e os ramais do caminho-de-ferro servindo para criar mato. É criminoso perderem-se as vias de pequena bitola onde dantes circulavam ronceiros, os comboios que estabeleciam o contacto entre o Portugal profundo e os centros de poder. Hoje podiam ser atração turística já que para explorar comercialmente como forma de transporte não seriam viáveis.

Ignóbil Estado este que delapida património da Humanidade! Hoje, muitas estradas, municipais e secundárias, estão em pior estado do que na época. Fiz milhares de quilómetros - entre 1996 e 2005 -, por estradas secundárias que já percorrera na década de sessenta. Vi-as definharem sem melhoramentos de espécie alguma, com um ou outro remendo de alcatrão, a maior parte delas esburacada e sem manutenção de qualquer espécie, enquanto as Juntas de Freguesia locais e o IEP (Instituto de Estradas de Portugal) se digladiam a ver de quem é a incompetência de não-limpeza e de não-manutenção das mesmas.

Voltando à Rádio Renascença e ao automobilismo, íamos acompanhando ralis e provas de velocidade. As últimas, em cuja cobertura estive, foram os Circuitos de Vila Real e de Vila do Conde (1972 e 1973), onde, com o Pedro Roriz, ajudei o já falecido José Fialho Gouveia na reportagem para a RTP. Ali tivemos o, também já falecido, Adriano Cerqueira a ajudar a contar as voltas ao circuito. Sim, porque naquele tempo ainda não se usavam computadores para contar as voltas. Havia cronómetros para calcular os tempos e a organização ainda não dispunha de meios para facultar tais dados, em tempo real, durante a prova. O Adriano havia acabado de regressar de Angola, onde fizera o serviço militar, e estava deseioso de se meter no automobilismo. Mais tarde seria ele, durante décadas, a face do automobilismo na RTP e eu voltaria a trabalhar com ele no Circuito de Macau em 1981 e 1982.

Cenas a registar deste período, para além das provas em que entrei com o meu amigo “Taka” ou “Takatakata (Ludgero Carvalho de Abreu)” no BMC Mini 1000, no Cooper S 1300 (PN-91-20), ou no Ford Escort Cosworth Lotus 1600 (FL-77-85), existem muitas das quais irei apenas deixar algumas. Uma vez no Minho, na Serra da Cabreira tentei pedir a alguém numa casa isolada que me deixasse utilizar o telefone fixo (ainda não havia telemóveis naqueles dias) para transmitir os tempos de um troço cronometrado da Volta ao Minho, mas a resposta foi ser recebido com uma carga de tiros de caçadeira de chumbos que mal nos deu tempo de correr em fuga apressada para o carro. Isso viria a dar-me a luminosa ideia de passarmos a ter telefones de campanha (telefones como os da tropa) instalados nas provas cronometradas (no início e fim dos troços) o que foi feito, pela primeira vez, em ralis e provas de velocidade.

Passamos a ter um ascendente enorme sobre os restantes repórteres com o envio em tempo real dos resultados dos troços cronometrados. Foi a primeira vez, no mundo, que se procedeu assim. Ainda neste período

(talvez em 1970 ou 1971) no velho Estádio das Antas pusemos, pela primeira vez, um microfone sem fios dentro de um carro, enquanto o então campeão nacional (Francisco “Xico” Santos) dava as suas voltas à oval do estádio no Ford Escort que iria ser nosso depois...

Foi a primeira vez no mundo que se utilizou um meio de transmissão radiofónica dum carro em prova, hoje banal com câmaras de vídeo colocadas em todos os pontos de pistas e carros. Talvez fosse a coisa mais inovadora que fiz em toda a vida.

Era comum ir acordar o Taka para tomar café em Guimarães, almoçar em Valença e dar um salto ao Gerês. Convém lembrar que era nas velhinhas estradas nacionais, estreitas e cheias de curvas, passando por tudo que era aldeia e lugarejo, que se faziam as viagens.

Uma média superior a 30 km/h não era nada má. Uma viagem do Porto a Vila Real fazia-se num tempo recorde de duas horas (nós fizemos em tempo recorde de 92 minutos) para pouco mais de cem quilómetros. Uma ida do Porto a Lisboa, antes da autoestrada, era proeza para mais de três horas e meia (fizemos uma vez, duas horas e dez minutos). Os condutores “normais” chegavam a demorar cinco horas ou mais. Arrepio-me ainda hoje de pensar nessas viagens.

Outras vezes aproveitávamos os feriados (como o do 1º de dezembro) para dar uma volta maior. Normalmente ao Gerês, Alvão e Marão para ver o espetáculo das primeiras neves do ano. Outras vezes íamos mais longe. Assim aconteceu em 1970 quando levei o Taka e o meu primo Paulo Almeida D’Eça, a Trás-os-Montes passando por Vila Real, Bragança, Vimioso, Azinhoso, seguindo depois até à Serra da Estrela. Ficamos a dormir no Azinhoso (em casa das primas), depois de termos feito a reta de Vale da Madre (antes de Mogadouro) a mais de 120 km/h no Austin Cooper S sob forte nevão.

Na Serra da Estrela, sem correntes para os pneus, chegar às Penhas foi tarefa difícil e envolveu um auto-atropelamento ao meu primo Paulo. Um de nós ficava na curva a dizer se não havia trânsito e o Taka podia tentar subir. Como o gelo era muito, o meu primo foi escorregando e foi apanhado pelo capô indo, depois, a deslizar estrada abaixo vários metros por entre aplausos dos mirones.... Lá chegamos ao cume perante o ar incrédulo de todos os outros automobilistas melhor equipados para aquele clima.

O pior foi que não conseguimos dormir em sítio nenhum pois não havia vagas. Nem a canção do bandido a uma empregada de mesa, ao jantar, deu direito a um teto num quarto de pensão. Fomos para o alto da gélida Covilhã junto ao cemitério, e tentamos dormir sem morrer de frio. De duas em duas horas ligava-se a *chauffage* do carro para nos aquecer minimamente pois nem roupa especial para o frio tínhamos. Uma noite infamemente inesquecível da qual me lembrava ao passar pela Covilhã.

Ali estive - antes - maio 1969 com o Teatro Universitário na estreia da peça de Lope de Vega "Fuenteovejuna".

95.3. UNIVERSIDADE E TUP (TEATRO UNIVERSITÁRIO)

O espetro da tropa havia-se tornado numa realidade adiada pela frequência universitária. Era uma questão de tempo até se concretizar. Fui conseguindo sucessivos adiamentos na incorporação militar com documentos de frequência. Foi uma época interessante e coincidiu nesse período tornar-me politicamente ativo, após 1967, ao frequentar o TUP (Teatro Universitário).

Ali se organizavam concertos secretos com o Zeca Afonso, entre outros, paredes-meias com as cavalariças do Quartel-General da GNR no Carmo, onde se pensava que estávamos a ensaiar uma peça. Também o fazíamos. Como cenarista tivemos o já famoso alfundeguense Mestre José Rodrigues. A composição musical era toda do Zeca Afonso que ali ia várias vezes. Nos ensaios participavam o poeta Mário Viegas e a atriz (futura locutora e vereadora da Cultura da Câmara Municipal do Porto) Manuela Melo.

Ulteriormente, no segundo ano do meu curso (1968-69), cofundi a Pró-Associação de Estudantes da F.E.P. Dado que era proibido formar Associações Estudantis Universitárias servira-me dum qualquer "buraco" da lei (já não recordo qual) para criar a Pró-Associação, cuja tarefa principal era imprimir cópias das “sebentas” para vender aos alunos. Uma das coisas mais importantes em termos organizacionais foi a preparação de

convívios de Economia. Uma das vezes arrendamos o Palácio de Cristal (atual Pavilhão Rosa Mota) e contratamos o Manuel Freire, uma fadista (Maria da Fé ou Lenita Gentil) e outra cantante jovem cujo nome há muito se perdeu nos esconsos da memória.

Era difícil de organizar, contratar os músicos, pedir a aparelhagem emprestada a uma das lojas VADECA (Valentim de Carvalho), ou à Ritmo (do meu primo Henrique Pinto Leite na Rua de Sto. António ou 31 de janeiro conforme as modas políticas). Depois era fazer uns cartazes e distribuir pelos Liceus de D. Manuel e de Carolina Michaëlis que eram os alvos privilegiados pois era daí que vinha mais gente (finalistas de 6º e 7º ano, atual 11º e 12º), dado não haver muita interligação com outras faculdades. Conhecíamos alguns de Engenharia e de Letras, mas a menos que fizéssemos parte desses grupos não íamos às festas deles nem eles vinham às nossas. Compravam-se blocos de rifas numeradas para colocar à porta e vender os ingressos na esperança de recuperar o investimento feito.

Os "artistas" não cobravam cachet, mas havia despesas com o transporte da aparelhagem, além do custo do aluguer do local, da tipografia, etc. Só muito recentemente, em pleno séc. XXI, recordei esta capacidade organizativa. Zeca Afonso estava proibido e não podia atuar em público, por isso restavam Manuel Freire, Adriano Correia de Oliveira, Luís Goes, como cantores de intervenção, já que o José Mário Branco estava em França assim como o Sérgio Godinho, entre outros.

Hoje em dia contratam o Quim Barreiros enquanto nós na época tínhamos a fadista local típica, Lenita Gentil ou a mais sofisticada Maria da Fé, que eram do gosto da maioria enquanto uma minoria esclarecida apreciava os cantores proibidos. O custo de entrada era de 30\$00 Escudos (15 cêntimos) em 1969-1970, segundo a minha irmã me recordou há tempos, pois pediu o dinheiro emprestado a uma amiga minha para poder ir. Ela só tinha 15 anos (eu teria 20-21) e a mesada duma miúda de 15 anos era insuficiente para ir a um "Convívio de Economia". Não me lembro de ter perdido dinheiro nestas atividades pelo que devem ter sido um sucesso comercial.

Embora as notas de admissão à Faculdade fossem excelentes, a mudança de tipo de ensino fora (de novo) traumatizante e custou a adaptar ao novo ritmo e às exigências de trabalho. Senti que aqui era mais um número e não uma pessoa, como estava habituado a ser tratado no Liceu. Cada um era deixado à sua sorte e que se desenrascasse.

Fizemos manifestações ou "manifs" (proibidas e ilegais) como se chamavam na época, contra a guerra colonial. Vimos a U.P. (Universidade do Porto) no Largo dos Leões ser invadida pelos cavalos da GNR (estacionados, mais abaixo, ao lado da então Faculdade de Letras, onde estava o TUP, depois Instituto Abel Salazar) que subiam a cavalo a longa escadaria, em perseguição aos alunos que só escapavam indo acoitar-se no sótão onde se albergavam as seis salas da F.E.P. (Faculdade de Economia do Porto).

Comecei com atividades extracurriculares tais como o Teatro, do qual tinha já dois anos de experiência liceal. A minha estreia pelo TUP (Teatro Universitário do Porto) ocorreu a 22 de abril de 1969, sem a presença dos pais que jamais me incentivavam em qualquer atividade extracurricular. Tivemos, depois, a digressão à Covilhã e a Coimbra onde presenciamos os incidentes estudantis com a PIDE a abater um estudante e o Chefe da PIDE (um tal senhor Figueiredo) na primeira fila a ver se eram todos subversivos (só alguns, diria eu dissimulando-me na sombra para não ser descoberto).

Nesse período tive o prazer de ouvir o Mário Viegas dizer poemas meus numa sessão privada no TUP, depois dos ensaios (daquelas em que tomavam parte o Zeca Afonso e outros). Foi uma grande honra pois presenciei que o Mário Viegas iria longe (faleceu em 1996) na sua arte de declamação que o levou a altos voos, vários discos, programas na rádio e TV.

Alguns textos que aqui transcrevo e ele leu, eram do meu primeiro volume de poesia publicado em livro (ed. de autor, Crónica do Quotidiano Inútil, maio 1972).

312. ESTE TEMPO É QUADRADO (outubro 12, 1971)

*ESTE TEMPO É QUADRADO
EM CADA CANTO UMA ANGÚSTIA
O CENTRO SOU EU.
MEU PAI CHAMA-ME (sempre) EGOCENTRISTA.*

267. *onde se fala de guerra (maio 7, 1971)*

DO LADO DE LÁ DA TERRA
A VIDA FAZ-SE PARA OS HOMENS
QUE A VÃO PERDER NA GUERRA

(onde se fala de guerra)

a)

*No vietname diferenciam-se as crianças sem ser pela cor da pele
para elas não há noite ou dia, é sempre inferno, destruição.
Com irmãos às costas ou amparadas em muletas
passam com sorrisos embrutecidos a caminho dos hospitais,
é lá que ouvem falar de paz, aos soldados,
por entre paredes que às vezes até são caiadas,
lá onde as camas antecedem campas frugais.
A violência martelará as suas letras 24 horas ao dia:
enquanto andarem nas ruas e estradas hão de ver sangue
cheirar a sangue, palpá-lo, sugá-lo quente.
Para as crianças do Vietname
a fome tem quatro letras, escreve-se à custa de pais e irmãos,
isso aprendem elas a preço de morte, amputação.
Aos cinco anos as crianças viet são soldados
aprendem o manejo de metralhadoras e granadas
e não brincam às guerras nem aos políciais e ladrões.*

b)

*No vietname as crianças têm muitas férias
ao chegarem às escolas, estas já não existem.
Naquelas paragens é irresolúvel o problema da habitação
devido ao clima quente (chamam-lhe explosivo).
Ninguém fala em poluição ou em taxas de mortalidade
a não ser por ironia.
No vietname a censura na televisão é dispensável
as crianças não são afetadas por filmes de terror.
Se as divindades de inúmeros braços fossem contemporâneas
os profetas esculpido seriam fotos das zonas bombardeadas.
Lá o amor é proibido por causa da falta de tempo.
sempre que há tréguas, milhares de viets
recolhem traumatizados aos hospitais
(o silêncio também mata).
Como desporto autorizado a defesa da vida,
não tem regras, assemelha-se ao tiro-ao-alvo.*

c)

*Os poucos velhos que sobrevivem
não contam o que viram para não terem nojo de nós.
Por isto, sorrio-me de alguém dizendo a meu lado:
“...em Portugal as crianças não chegam a sê-lo,
corrupção, violência, vícios, até na TV...”
rio-me, já o não ouço.
Por entre o vento, lá longe
o matraquear certo da metralha,
pelo clarão das bombas passam soldados a correr
atrás do troar das explosões
com gritos suspensos das gargantas caladas,
vidas que se esvaem em poças de morgue.
Morte.
Violência.
Destruição.*

A –M – B- I- Ç- Ã –O...

De repente dou comigo a dar esmola a um miúdo.

167. Epílogo.

(à memória póstuma de uma consciência)

EM CADA MINUTO DE SILÊNCIO
HÁ MILHÕES DE GRITOS DE SOCORRO
POR TI IGNORADOS.
ENTRETANTO CONGRATULAR-TE-ÁS
POR TERES TIDO UM MOMENTO DE DESCANSO.

338.4. CROSS ROADS

SEGUIMOS CAMINHOS CRUZADOS
NA ESPERANÇA INFUNDADA
DE NOS ENCONTRARMOS NO INFINITO:
E NINGUÉM LHE VAI PEDIR
A ANTECIPAÇÃO DESSE ENCONTRO.

Foi também nesta fase da vida que comecei a saber melhor o que custa trabalhar pois empregara-me em “part-time” na Crediverbo. Vendi Enciclopédias Verbo e outros livros entre novembro 1970 e março 1971, com algum sucesso financeiro.

Convirá anotar aqui que naquele tempo as Queimas das Festas não eram ainda fábricas de monumentais bebedeiras. Embora ocorressem, as pessoas não iam lá especificamente para esse fim. Agora os caloiros e outros vão exclusivamente para se emborracharem até ao coma alcoólico.

Isso lembrava o sistema australiano de se embebedarem na quinta-feira, depois do trabalho e regressarem segunda-feira. Quando se lhes perguntava, se tinha sido um bom fim de semana, respondiam alegremente “deve ter sido, não me lembro de nada”.

Evoque-se, a este propósito, uma das minhas inúmeras idas a Towal Creek Station³⁹ a minha quinta favorita⁴⁰, dos amigos Landers, onde levava o recém-chegado Jacko V. que ainda mal falava inglês. Depois de jantar vieram uns “jackeroos” e “jilleroos” locais (vaqueiros de ambos os sexos) beberem uns copos. De hora a hora, metiam-se nas suas utes (carrinhas de caixa aberta) e iam 20 km até ao bar da aldeia mais próxima buscar mais uma grade com 144 cervejas. Depois de o terem feito várias vezes, o ambiente era já quente e animado, ao ponto de o Jacko contar em Língua Portuguesa como pegava touros de cernelha e todos se rirem imenso.

Esta quinta, de 2305 hectares (5696 acres, 23,05 km²), a 6 km do rio McLeay onde eu adorava ir, ficava a 700 km de Sydney e a duas horas de Port Macquarie. Sempre que podia ia lá passar um fim de semana prolongado. Guiava até Port Macquarie, na costa norte do estado (Nova Gales do Sul)⁴¹ seguia-se, rumo norte a Kempsey e fletia-se para o interior na rota das montanhas e de Armidale.

A partir de Bellbrook, a estrada deixava o asfalto e passava a terra batida (hoje chama-se Towal Creek Road andavam-se 22 km até se chegar a um portão da quinta, depois de duas barreiras separadoras de gado, já dentro da propriedade, guiava-se mais dez minutos, até um ribeiro onde se esperava que nos viessem buscar para atravessar de barco. Uma curta travessia, o ribeiro não era largo nem muito profundo. Em época de cheias havia um segundo ribeiro a atravessar, caso contrário, o trator ou o pequeno camião tipo Unimog conseguia passar sobre as águas. Mais uns minutos e chegava-se às casas da propriedade, na principal havia creio que 9 quartos.

A luz elétrica e a água eram de fabrico local, um gerador e um sistema de extração de poços artesanais, como locais eram a carne, o leite, o pão, outros produtos e centenas de cabeças de gado. Havia cavalos bravos (brumbies⁴²) e outros, mais ou menos domesticados que se podiam montar. O resto do gado bovino era guiado por motos ou a cavalo, dum pasto para outro. Era uma propriedade enorme, demorava horas a dar uma volta de jipe e não se via tudo.

Há seis gerações que a família Landers ali estava. Com o avançar da idade, incapazes de cuidar dela apenas com a ajuda do David Jnr, o único filho que ficara na propriedade (os restantes tinham ido estudar e não regressaram, como cá, o engodo das grandes cidades contribuiu para a desertificação), com as

39 (em Comara, Bellbrook, Nova Gales do Sul ao lado do MacLeay River),

40 https://www.youtube.com/watch?v=gWoMQz7fmkk&ab_channel=BenSimpson

41 na costa norte do estado (Nova Gales do Sul)

42 Um Brumby é um cavalo selvagem que anda à solta na Austrália. Embora encontrados em muitas áreas ao redor do país, os brumbies mais comuns estão nos Alpes australianos e a maioria no Território do Norte, com a segunda maior população na Queensland. Um grupo de Brumbies é “mob” ou “bando”, são descendentes de cavalos escapados ou perdidos, que remontam, em alguns casos, aos primeiros colonos europeus, incluindo os “Capers” da África do Sul, Pôneis de Timor (o vulgar Kuda), pônei britânico e outras raças de cavalo como Puro-sangue e Árabes.

sucessivas secas (atualmente sofre-se a maior, desde há três mil anos), as crises da agricultura e baixos preços do gado acabariam por ter de ceder a enorme quinta à exploração por outrem...

A propriedade foi renovada e vendida em dezembro 2016 como se pode ver em vídeo (<https://www.youtube.com/watch?v=gWoMQz7fmkk>), mas não se pense que eram uns labregos estes donos da quinta, várias vezes os vi vestidos a rigor para irem a concertos ou óperas. Ninguém diria que as mãos escalavradas lidavam com a terra e com o gado no resto do ano.

Que diferença dos portugueses. Ainda hoje, Towal Creek vive na minha memória desses tempos áureos.

95.4. FINALMENTE A MALFADADA TROPA

O espetro da tropa havia-se tornado num fantasma bem próximo. Em setembro de 1972 fui ao casamento do nosso parente, Dom Francisco Bernardo Almada-Lobo⁴³ que casou com a Luísa Eugénia Fonseca Sobrinho Simões⁴⁴. Foi um dos meus últimos atos civis.

Infelizmente, a 9 de outubro tinha a guia de marcha para a recruta de cadetes a oficiais (3+3 meses) em Mafra na EPI (escola prática de infantaria). Em 9 outubro 1972 fui obrigado a ingressar na realidade e entrei no antigo Convento de Mafra para a recruta, depois de terem falhado todas as tentativas para evitar a tropa, graças a um problema congénito da coluna e que me impedia de fazer esforços físicos violentos. Seis meses de enormes dificuldades. Viva-se um intenso período anticolonial com as forças de libertação a infligirem pesadas baixas no exército colonial. A disciplina era quase insuportável e havia imensos abusos de poder, por cabos e sargentos, que seriam meus subalternos seis meses depois.

Uma das coisas que mais me chocou foi a falta de higiene dos meus camaradas de armas, fossem eles advogados, médicos ou doutras ocupações da classe média ou média-alta. A terapia ocupacional desses meses de recruta era difícil e, desnecessariamente exagerada.

Conforme previsto, havia o perigo de ficar paralisado, como me acontecera aos 16 anos quando estive em prolongados exercícios de reabilitação, fisioterapia e termoterapia por ter ficado totalmente paralisado, durante mais de 24 horas, após ter caído mal num exercício de trampolim numa aula de ginástica do 6º ano do Liceu. Fui consultar os melhores especialistas de ortopedia para descobrir que sofria de sacralização S1 e S2, lombarização das vértebras L4 e L5, espondilose e espondilolistese.

Em Mafra comecei a marcha, ainda não teria andado uns 4 km ficara, de novo, paralisado e tiveram de mandar vir um helicóptero para me levarem ao Hospital Militar em Lisboa na Artilharia Um, onde creio ter permanecido uma ou duas semanas.

Doutra vez fui evacuado de jipe. Quando regresssei a Mafra trazia a indicação de não poder carregar nem a mochila nem a G-3 e as marchas limitavam-se a 2-3 km. Isto deu lugar à caricata cena de fazer um quilómetro de marcha com um cabo a carregar os 20 kg de equipamento, depois entrava no jipe de acompanhamento. Isto causava grande inveja aos restantes recrutas.

Ao fim de seis meses tive a distinta honra de ser o oficial com a mais baixa classificação que alguma vez se tinha graduado no curso de oficiais milicianos em Mafra: 10,3 valores. Isto apenas porque não se podiam dar ao luxo de desperdiçar um oficial de infantaria treinado. Nem pensaram que, apesar de adestrado para oficial, seria incapaz de – no terreno – conduzir e comandar o meu pelotão ou quem fosse.

Entrementes, na frente de combate, fui para Tomar, umas semanas como Aspirante de Infantaria, mais tarde reclassificado em Aspirante de Intendência e finalmente transferido para Leiria como Aspirante SAM (de Secretariado e Administração Militar) em abril 1973. De Tomar guardo a lembrança de na Tesouraria, logo nos primeiros dias, ter pago mais do que devia em pensões a viúvas e familiares de tropas e tive de desembolsar a quase totalidade do vencimento de Aspirante a Oficial Miliciano. Nunca mais me enganei nas contas.

Logo que cheguei ao RAL-4 em Leiria, pedi licença de casamento, finda a qual regresssei à base, onde tinha como oficial superior um certo major, que dava pelo nome de Ernesto Melo Antunes (mais tarde bem conhecido do povo português) com o qual teria longas conversas e passeios, sobre a situação sociopolítica e económica do país, tendo feito uma amizade profunda e lido alguns dos seus estudos das mudanças que

43 Filho primogénito do Marquês de Pico de Regalados e 5º Conde da Azenha

44 (irmã do conhecido médico Manuel Sobrinho Simões e prima direita da minha primeira mulher)

preparava para o futuro, e que acreditava iriam ocorrer nos próximos três a cinco anos. Os nossos longos passeios do Castelo, em frente ao quartel, até ao rio Lis eram de horas a falar e a filosofar.

Em Leiria permaneci de abril a setembro 1973, lembro-me de ser extremamente exigente com os subalternos (em especial na administração da Messe de Oficiais) e mais tolerante como Oficial da PJM (policia judicial militar que investigava casos como acidentes de viação).

Nos meses seguintes travei uma luta titânica com um camarada de armas desconhecido, cada um de nós tentando evitar ser mobilizado para a Guiné. Convém recordar que a guerra de libertação havia ali atingido o seu auge, com a população civil e mulheres de militares a serem evacuados para vasos de guerra ao largo da costa guineense, o que sucedia pela primeira vez em doze anos de conflito. Obviamente que nenhum de nós estava minimamente interessado em ir para as quentes plagas guineenses.

Foi então que recordei abril 1966, exatamente sete anos antes. Fui convidado como primeiro estudante português a fazer parte dum Student Exchange com a Terra dos Mil Lagos, Finlândia. Ali passei menos de 30 dias em Hämeenlinna no sul e em pleno círculo polar ártico em Rovaniemi mais a norte, terra do pai Natal, onde o sol não se punha durante seis meses, motivo de angústia porque é difícil habituarmos a ver o sol durante 24 horas. Dentro de casa superaquecida havia uma sauna e as pessoas andavam quase em traje de verão, mas cá fora estavam uns -27 °C capazes de gelar os ossos, qualquer que fosse o agasalho, no seio daquela gente hospitaleira.

Sítios a não perder eram os lagos em Turkuu, Hämina e outras cidades que ficaram no esquecimento. Quase todos falavam inglês e mantive durante anos o contacto com correspondentes (pen-pal) daquelas paragens. Já na semana do sul da Suécia a estudante era a única que falava inglês e a integração foi difícil. Ora, exatamente, ao pensar no frio nórdico lembrava-me do oposto que era o calor da África para onde não queria ir. Havia um ramo do clã familiar Chrystello, há gerações em Angola e sempre achei que se quisessem lutar contra os movimentos de independência o deveriam fazer, mas não eu e os restantes jovens do continente europeu.

Apesar das cunhas e falcatruas possíveis, o assunto da minha mobilização para o Ultramar, mudava de destino todas as semanas, ao ponto do Comandante Ten-Cor. Rebelo do RAL-4 (Regimento de Artilharia Leveira n.º 4) me dizer que eu devia ter grandes cunhas para estarem sempre a mudar a mobilização. Em finais de agosto (1973) sucedeu o imprevisto e o outro camarada em Portugal (cujo nome nunca soube) ofereceu-se para ir primeiro, mas, ao contrário do que antecipava ia acabar na Guiné-Bissau. Entretanto, outro miliciano, que devia ser louco varrido (o alferes Zé Sopapo, como era afetuosamente conhecido e vim a conhecer fugazmente), pediu transferência de Bobonaro para Angola e deixou uma vaga em Timor para mim... fui logo mobilizado e após duas semanas de férias tive a partida marcada para 17 setembro 1973.

95.5. PARTIDA PARA TIMOR

Éramos um grupo díspar de seis militares portugueses naquele voo, para além de ser a primeira vez que tropas portuguesas iam de avião em vez dos lentos barcos que demoravam mais de 45 dias a chegar a Timor... Íamos rumo ao Oriente exótico e desconhecido, mas a primeira noite foi passada em Paris onde dormimos num Hotel económico (*Hôtel Antin Trinité Opéra 74, rue de Provence 75009 Paris*), mesmo em frente às galerias Lafayette em Montmartre, a centenas de metros do *trottoir* onde as senhoras da noite tinham o seu *métier*.

*Como já conhecia a cidade, levei 3 ou 4 camaradas a jantar, e avisei-os para os vinhos franceses fortes. Jantamos num pequeno bistro onde pude fazer as honras de *connaisseur*, dos meus favoritos Bordaux. O jantar foi quase ao lado do Hotel, a curta distância do Boulevard Haussman, e no “bistro” havia mesas de xadrez vermelho e branco tal como em locais típicos portugueses da época. O vinho era servido em carafes de litro que se esvaziavam rapidamente. Se a “*nouvelle cuisine française*” já tinha sido inventada nem me recordo, pois o que serviram era em pratos de tamanho normal e com comida abundante em vez dos enormes pratos, sem comida nenhuma, que caracterizam a roubalheira da nova cozinha francesa.*

Na manhã seguinte, quando me levantei, já estavam no autocarro que nos iria levar ao aeroporto de Orly (o aeroporto Charles de Gaulle foi inaugurado em março 1974). Fi-los esperar durante mais de meia hora, observando-os da janela do 1º andar e pensando se os 16 contos (80€ era muito dinheiro na época) que levava me dariam para sobreviver seis meses em Paris. Sim, porque eu já pensava havia muito em desertar, mas nem o meu pai nem o meu mecenas (o meu padrinho, então administrador do Banco Totta & Açores no Porto) se haviam mostrado dispostos a condescender com essa fuga minha.

Adorava Paris, por já lá ter estado, mas tinha um medo incontrolado (premonitório?) do desconhecido que me esperava em Timor. Inicialmente pensei que o meu pai (apesar de frustrado por não ter sido

admitido para o serviço militar durante a Guerra, por ser demasiado magro) me poderia apoiar financeiramente na fuga escandinava ou para os Países Baixos ou para França para onde tantos haviam já desertado. Foram os pensamentos que me ocorreram durante essa meia hora, em que não abri a porta a ninguém nem atendi o telefone interno.

Acabei por ceder e decidi ir, pois tinha a certeza de que o meu pai jamais me apoiaria na fuga (para ele bem desonrosa) e desci para alívio dos restantes e consternação do senhor Neves, representante da Air France e nosso guia, que pensava que ia perder o avião.

Como oficial miliciano da Intendência, e não como um profissional homem de armas, o autor sentiu-se, forçado a escolher entre desertar ou sujeitar-se a dois anos de luta contra os movimentos de independência africana em Angola e Moçambique ou três anos de solidão nesta remota, mas pacífica terra⁴⁵.

Apenas o Capitão Manuel Alberto Santos Clara (um dos poucos militares que sempre respeitei e de quem me tornei amigo⁴⁶) teve direito a 1ª classe pois estávamos destinados à classe económica, exceto eu que - como sempre - aspirava a voos mais altos. Com a habitual descontração, e palavras bem sussurradas em Francês, aliadas a um sangue latino quente, consegui que uma simpática hospedeira me levasse para o bar no 1º andar do *Boeing 747*, onde passei a viagem a beber champanhe francês e a apreciar as vistas magníficas do andar de cima do avião.

Houve paragem em Telavive onde tropas israelitas revistaram tudo e todos e desmontaram a minha máquina de barbear elétrica. Foi a primeira vez que vi medidas de segurança semelhantes às que passariam a vigorar no resto do mundo após a queda das Torres Gémeas (11 setº 2001). O cenário era de guerra com aviões de combate na pista. Estávamos a duas semanas da Guerra dos Seis Dias.

Com várias paragens ao longo da viagem, rumamos a Bangucoque, então pacata cidade asiática, sem o atual turismo de massas, e em cuja pista ruminavam búfalos de água que era preciso afugentar à chegada de cada avião. Ali mudou a tripulação, perdi os privilégios e a companhia simpática da gaiata hospedeira parisiense. O destino era Denpasar (Bali) na Indonésia, onde me assustei com o tamanho das enormes baratas voadoras que pisávamos enquanto andávamos do avião rumo ao terminal, por entre o calor abrasador e húmido. De Bali partimos num avião mais pequeno, um bimotor de oito lugares, para o aeroporto “internacional” de Baucau, pois Díli não estava operacional por qualquer razão.

Apesar da beleza da trovoada e dos relâmpagos infindos que não se cansavam de iluminar as milhentas ilhas vulcânicas do arquipélago, este segmento da viagem fez-se grandes sobressaltos, toda a noite.

Até aqui fora ótima na companhia da hospedeira (da classe económica) que passou mais tempo comigo no luxuoso conforto daquele primeiro andar do que nas funções dela, para espanto do futuro Major Santos Clara, que tendo, direito à primeira classe, estranhava a minha presença ali. Mais tarde, como atrás mencionei, ficaríamos amigos, repito, um dos poucos militares com quem me dei socialmente após o SMO (Serviço Militar Obrigatório).

Não encontrei vestígios das cartas descritivas que escrevi, mas fica o registo da primeira ida e da chegada a Bangucoque nas páginas seguintes em poema, então escrito.

EURASIAMENTE à vol de 747b

I. DA EUROPA AO ORIENTE-DO-MEIO

*alando de paris logo passamos o azur da côte
sem escândalos nem coroas arruinadas
escarpas e praias despidas de homem
nove mil metros restituem à natura
impolutas ficções*

*(depois, o mediterrâneo é um lago semeado de grécias
logo a seguir à itálica bota
corfu vigia em tons de ocre
em tempos creta foi nome de ilha
na mitologia de zeus).*

⁴⁵ mais tarde, seria dos primeiros seguidores da Junta Militar ou Frente de Salvação Nacional, em Lisboa, e do MFA (Movimento das Forças Armadas)
⁴⁶ apesar de já não o ver desde 1982 ou 1984

*em plena pista búfalos pachorrentos
a banhos de lama
camponeses debruçados
nos pântanos colhem o arroz
pequenas árvores dividem o asfalto
chove lá fora
sob 42° C de sol
lufadas de calor húmido nos penetram
densa respiração no ar por condicionar
lentas formalidades num inglês arrevesado
a vida possui aqui uma lenta ritmia
todo o tempo nos espera
nas autoestradas camionetas com jovens
patrulhas militares
todos os veículos se cruzam dos lados todos
coloridos templos incrustados de pedrarias
ouro maciço de budas
descalços com cintos sagrados
nos embasbacámos
este o país do mistério
igrejas e fortes portugueses
memórias de tratados reais siameses e Lusitanos
o mercado flutuante é uma cidade imensa
longos canais pútridos nesta veneza oriental
sente-se o aroma do dólar nas ruas
por entre golpes de estado adiados
a cem quilómetros se combate
é o apelo do futuro
os thais são simpáticos e ardilosos
milhares de anos de sabedoria a explorarem europeus
os preços função da nacionalidade
no faustoso erawan Hotel
o luxo grandiloquente oriental
a sofisticada comodidade do ocidente
uma volta rápida pela cidade dos mil-e-um-templos
para lá das faces mudas
se encerra
o mistério
o convite
voltarei um dia.*

V. **TIMOR**

*timor cresceu cercado
lendas que a distância empolgou
o sonho
a quietude
as 1001 noites do oriente exótico
o sortilégio dos trópicos
para o europeu
chegar era já desilusão
desprevenido
sobrevoa estéril ilha
montes e pedras
agreste paisagem sulcada
leitos secos
abruptas escarpas
terra sem marca de homem
esparsas cabanas de colmo
será isto timor?
o avião desce o vazio em círculos
em vão os olhos buscam a pista
por trás de um montículo imprevisto
se vislumbra o "T"
e a torre de controlo dos folhetos de propaganda
nunca existiu (naquele formato)
a alfândega é o bar
a sala de espera*

sob o zinco e o colmo
isto é baucau
aeroporto internacional
a vila salazar dos compêndios
que a história esqueceu
uma turba estranha se amontoa
à chegada do cacatua-bote⁴⁷
o patas-de-aço
esta a cerimónia sagrada do deus estrangeiro
descendo dos céus
dia de festa para os trajes multicoloridos
o contraste do castanho de sóis pigmentados
cinco da matina
e é já o pó e o calor
o espanto mudo nas bocas incrédulas
as formalidades aqui com sabor novo
espera lenta e compassada
séculos de futuro por viver
antes que ele venha
antes não venha
num barracão zincado uma velha bedford
de carga com caixa fechada
vidros de plástico sob o toldo puído
pomposo dístico colonial
carreira pública baucau-dili
picada em terreno plano
mar ao fundo
baucau
cidade menina por entre palmares
densa vegetação tropical
conosco se cruzam estranhos homens de lipa⁴⁸
galo de combate ao colo
entre torsos e braços nus
das ruínas do mercado se evocam
desconhecidos templos Romanos
estrada n.º 1 até d'ili
sulcam-se abruptas as encostas do subão
ao mar sobranceiras
ali se adivinham cristais multicolores
em lugar de pontes se atravessam ribeiras
enormes
leitos secos
o tempo as converteu em estradas de ocasião
pedregoso solo
cores indefinidas
castanhos e verdes
palapas⁴⁹ dissimuladas na paisagem
imagens tristes de pedras e montes
baías primitivas
inconquistas
praias de despojos e conchas
paraísos insuspeitos
as gentes de sorrisos vermelhos
assusto-me
não é sangue nas bocas gengivadas
masca, mescla de cal viva e harecan⁵⁰
placebo psicológico da alimentação que falta
um sorriso encarnado esconde a fome
súbito
por paisagens que só a memória
sem palavras descreverá

47 cacatua-bote ou patas-de-aço eram designações dadas pelos timorenses aos aviões

48 lipa, saia de tecido colorido, típica, de origem malaia, os timorenses usam-na enrolada à cintura descendo até aos tornozelos.

49 casas cónicas, quadradas ou retangulares em colmo

50 folha de areca (dictiosperma, *Areca borbonica* Kunth; *Areca borbonica* Hort), ou de betel (*Piper betle* L / *Chaciva Aurculata* Miq) planta pimenteira semelhante à do tabaco apreciada como estimulante ligeiro e por suas propriedades medicinais

eis d'íli
 a capital
larguíssima avenida semeando o pó nas palapas
casas de pedra com telhados de zinco
na ponta leste chinas e timores
 partilham a promiscuidade da pobreza

d'íli
 plana e longa
a vasta baía antevendo imponente
 o ataúro ilha
um porto incipiente
 a marginal desagua no Farol
construções coloniais pós 1945
 da guerra que ninguém quis
 dos mortos que os japoneses quiseram
 da neutralidade do país mãe calado e violado

albergam chefes de serviço
altas patentes militares
 sem guerras para lutar
 sem movimentos libertadores das gentes

quinze quilómetros de asfalto
 três casas dantes da guerra grande
aeródromo em terra batida
 um jipe de afugenta búfalo
a rua comercial atravessa d'íli senhora
 de leste a oeste
 espinha dorsal

o centro
 o Palácio das repartições
 o do governo

perto um museu
 o seu nome ostenta o vazio
riquezas sem fim
 seus governadores exportaram
 patriotas
colonizadores de séculos com nada para mostrar
um museu morto
 dois sinaleiros nas horas de ponta
 ociosos às portas dos cafés

à noite transfinguram-se
 os bas-fond
 o texas bar
 da prostituição às slot-machines

o submundo
 a vida underground
afogar esperanças em álcool
 sonhos há muito perdidos nunca sonhados
restaurantes poucos
 melhor comida a chinesa
bares espalhados pela cidade
militares e álcool para calar distâncias
 um portugal dos pequeninos
 longínquo
 cada vez mais
 esquecido
 nunca
 perdido.

1973 numa cidade sem vida
 morrendo nas cinzas
 próprias de cada noite
 por entre o silêncio e a voz triste dos tokés⁵¹
o calor putrefacto
 por entre o voo alado das baratas gigantes
carros poucos

51 espécie de lagarto sonoro, cuja idade se determinava pelo número de vezes que emitia o som toké.

*de dia só do estado
motocicletas pululam por entre viaturas oficialmente pretas e verdes
esperando mulheres de oficiais
às portas dos cabeleireiros
do Liceu
militares a pé
em berliets ou unimogs
chineses muitos
dili é isto
a desolação
na parte alta da cidade o complexo militar
barracas insalubres
sob a sombra dos hospitais
um civil um militar
fresco e verdejante vale
triste esta cidade
pretensamente euro-africana
palapas marginando ruas
nelas vive o timor
sem água nem luz
dez ou quinze filhos
que importa
a miséria é só uma e a mesma?
esta "a terra que o sol em nascendo vê primeiro"
aqui as imagens
e são já história
não se repetirão
aqui não daremos testemunho
como transfigurar
colónias pacíficas
em palcos de guerra.*

Mal aterrámos em Timor vimos uma paisagem desoladora, árida e suja. Passadas as formalidades alfandegárias sob intenso calor meteram-nos na traseira duma velha carrinha Bedford, com bancos de suma-a-pau e toldo de lona durante umas épicas sete (7) horas rumo a Díli.

Depois da curta paragem na messe de Baucau para uma refeição ligeira, às cinco da manhã, o calor apertava e ia alto o sol. A estrada mal se via, tantos eram os precipícios sobre a costa alcantilada (em especial na zona do Subão). A meio da viagem paramos para uma refeição ligeira no pequeno aquartelamento do Manatuto e chegamos à messe de oficiais em Díli ao meio-dia. Nem queiram saber a cor do meu blazer azul e calças de linho brancas e as do major Santos Clara idem.

95.6. CHEGADA

Timor esteve sempre envolto em lendas e contarellos que só a distância pode criar. Em Portugal, Timor não passava de um sonho, a calma quietude das mil e uma noites, do Oriente exótico e dos sortilégios dos trópicos. Mas ao chegar, um Europeu só podia sentir a desilusão, sobrevoando uma ilha aparentemente estéril, cheia de montes e pedras, um cenário rústico intersetado por ribeiras secas, altas escarpas abruptamente voltadas ao mar, uma terra devastada ecologicamente, sem sinais de vida ou a marca de civilização humana. Timor é de facto assim, com casas esparsas de bambu que se vislumbram por sob as asas do bimotor. O visitante questiona-se: "*Como é isto possível? Será isto Timor?*"

O pequeno avião desce em círculos concêntricos, e os passageiros – inquietos – procuram em vão um aeroporto que teima em não se mostrar. De súbito, por detrás de uma colina – que ninguém anteviu -, por entre uma rotação brusca, aí está o pequeno "T" da pista. A enorme torre de controlo dos panfletos turísticos não se vislumbra (esta é bem diminuta), os edifícios poeirentos com teto de colmo são a aduana, o bar e o salão de embarque. Este é o aeroporto internacional de uma Vila Salazar (localmente conhecida como Baucau) que só existe nos textos de geografia dos Liceus.

Uma estranha urbe se aglomera cá fora. Este é o espetáculo, sempre indescritível, da chegada do “cacatua-bote”⁵² ou o “patas-de-aço”. Uma espécie de cerimónia a um deus estrangeiro descendo dos céus. As pessoas parecem assistir a esta manifestação sagrada como o começo de uma nova religião⁵³. As vestes multicores contrastam com os muitos sóis a que os séculos as expuseram. São apenas cinco horas da manhã, poeirentas e calorentas. Uma surpresa muda acompanha os esgares dos recém-chegados. Aqui, as formalidades têm um novo sabor, semelhante ao lento, mas rítmico, compasso de espera das pessoas que nos esperavam, como se tivessem séculos de vida para viver. A alguma distância, uma velha camioneta Bedford com telhado de zinco, abriga-se do sol protegendo os velhos bancos de madeira, sob o pomposo sinal de Carreira Pública #1 Díli – Baucau.

Baucau tem algumas casas de pedra, para além das de terra e adobe, e o aspeto exótico da população colorida. Das belas e majestosas ruínas do mercado evocam-se templos romanos desconhecidos. Uma curta paragem para uma sandes e limonada na messe do quartel-general, em frente à piscina da Pousada, que parece deslocada no tempo e no espaço. Logo a seguir na picada de terra estamos na estrada n.º 1 Baucau - Díli. A sinuosa estrada de montanha volve-se para o mar, descendo lentamente para esta cidade menina, Baucau, escondida entre as folhas dos palmeirais e luxuriantes florestas tropicais.

Pela traseira da camioneta vislumbram-se novas imagens de uma terra morta à nascença. Cruzamo-nos com homens vestidos com lipa⁵⁴ estreitando galos de luta entre os seus braços nus e o torso, enquanto caminham. Encostas escarpadas, a pique sobre um mar de corais. A picada de montanha, por vezes aproxima-se tanto do abismo que os nossos corações entram em animação suspensa, em especial na zona dos Subões. Ao longo do caminho vamos atravessando leitos secos de ribeiras que o tempo, a incúria dos homens e os elementos converteram em estrada de ocasião. O chão de gravilha, pedregoso, a cor indefinida entre o castanho e o verde, as palapas⁵⁵ disfarçadas por entre a vegetação, tudo serve para propiciar uma imagem de pedras e colinas.

As baías, primitivas e inconquistadas por barcos de qualquer tamanho ou tipo, as praias cheias de conquilhas e outros destroços das ondas, revelam paraísos insuspeitos. É difícil ver os nativos e os seus sorrisos abertos. Engasgo-me espantado, mas não é sangue que jorra dos seus lábios, apenas a masca: uma mistura de cal e harecan.⁵⁶ Mastigá-la é um placebo psicológico para a comida que não existe (em janeiro 1998 ouço o José Ramos-Horta a apelar à solidariedade internacional para debelar a fome que grassa no território). Os sorrisos vermelhos escondem fomes de séculos.

De súbito, após passar e deixar para trás lugarejos e aldeias que só a memória despalmada pode recordar, eis Díli: 125 km, muitas horas (sete) mais tarde. Uma avenida extremamente larga, em terra batida ao lado da Ribeira de Santana, espalha a poeira pesada sobre o colmo das palapas vizinhas e de casas de cimento com teto de zinco. Ao entrar em Díli, por leste, podiam ver-se chineses e timorenses a partilharem a promiscuidade criada pela falta de estruturas urbanas adequadas. Díli é uma planície que se espraia por um mar espelhado como um lago, com uma baía majestosa acentuada pela sombra imponente da ilha do Ataúro. Um porto incipiente abriga a lancha (que raramente saía à água) onde flutua a bandeira portuguesa.

Uma longa avenida alcatroada acompanha a marginal, terminando em Motael e no bloco residencial do Farol, onde as vivendas coloniais construídas depois da 2ª Grande Guerra abrigam os chefes de departamento e os escalões superiores do exército colonial. Por esta época, Díli dispunha de 16 quilómetros de asfalto esparsamente distribuídos por poucas ruas da capital. Três casas apenas sobreviveram à devastação nipónica da Grande Guerra. No aeroporto, quando se aproximava uma aeronave, um *Land Rover* limpava a pista dos pachorrentos búfalos, das vacas balinesas e porcos selvagens.

A principal artéria comercial atravessa Díli de ocidente a oriente, através do centro comercial, espinha dorsal da capital, e onde se alberga o Palácio do Governo (ao lado doutro edifício pomposamente denominado Palácio das Repartições). Isto sem esquecer o Museu cujo nome ostenta o vazio de todos os tesouros exportados,

52 a grande catatua

53 Uma tribo de Vanuatu desde 1974 adora o Príncipe Filipe de Inglaterra (<http://www.heraldsun.com.au/news/meet-the-remarkable-island-tribe-that-only-worships-prince-philip/news-story/3088d055f86a722dd81e9d09a4984619>)

54 Lipa (ou tais) tipo de vestuário masculino, largo pano de algodão às riscas, colorido, e chegando da cinta aos joelhos

55 palapas: casas tradicionais, de colmo com teto retangular ou circular conforme as zonas.

56 areca: uma folha vegetal, tipo folha de tabaco, folha de areca (*dictiosperma*, *Areca borbonica* Kunth; *Areca borbonica* Hort), ou de betel (*Piper betle* L / *Chaciva Aurculata* Miq) planta pimenteira semelhante à do tabaco apreciada como estimulante ligeiro e por suas propriedades medicinais

por anteriores governadores e colonizadores, ao longo dos séculos. Um museu vazio, dois polícias sinaleiros nas horas de ponta, e poucas pessoas pachorrentamente sentadas nas esplanadas. É ali que, à noite podemos encontrar os verdadeiros *bas fonds*⁵⁷, não só as prostitutas locais, mas também as máquinas de póquer e as slot-machines. O submundo, a vida subterrânea, o afogar de esperanças e sonhos há muito esquecidos.

Havia uns poucos restaurantes, a maioria servindo comida chinesa, bares centrais como o “Texas” e a “Tropicália” onde os soldados e a bebida silenciam uma progressivamente maior distância de Portugal, a saudade, o desespero e outras maleitas. Díli, setembro 1973, uma cidade sem vida, morrendo devagar nas suas próprias cinzas, por entre o silêncio e a triste voz rítmica dos *tokés*, o calor pútrido e o voo alado das gigantescas baratas.

Durante o dia podiam-se ver alguns, dos poucos carros particulares, e muitas viaturas oficiais com a sua típica cor negra. Motorizadas circulavam por entre os jipes do exército conduzidos pelos motoristas militares que esperam pacientemente, frente ao Liceu ou ao cabeleireiro as esposas dos oficiais do exército português, convertidas em professoras do Liceu. Estarão no Liceu, escola primária ou cabeleireiro? O pessoal militar a pé ou nas Berliets e Unimogs. Por entre os timorenses, veem-se muitos chineses. Díli é isto, a desolação.

Nas colinas acima de Díli, em Taibesse, num local para esquecer, como relíquia de uma guerra perdida, estavam as instalações militares com o seu quartel-general e os barracões insanitários. Pode ter sido um ótimo local duzentos anos antes, bem abrigado pelas montanhas circundantes, mas a sua localização estava fora do seu tempo e espaço. (Dizem as lendas urbanas que em 1973 – pouco antes de eu chegar – o José Ramos-Horta querendo provar a indefensabilidade e exposição de vulnerabilidade do Q.G. assaltara uma sentinela para alertar exatamente para a sua fragilidade).

Mais alto, quinhentos metros acima do nível do mar, em Lahane, num local proeminente e bem abrigado pela densa vegetação, com menos humidade do que em baixo, na cidade, estavam os dois hospitais: num grupo de edifícios mais modernos o civil que incluía a maternidade, e outro edifício, mais antigo, para os militares dispondo de uma dúzia e meia de camas. As palapas, crescendo para os passeios inexistentes, albergam os timorenses que ali vivem sem luz elétrica, sem água encanada nem esgotos. Dez ou quinze crianças brincando em volta, alheias a tudo. Que interessa se a miséria é a mesma, será sempre a mesma? “*Esta é a terra que o sol, em nascendo, vê primeiro*”, a insígnia oficial proclama bem alto do escudo e brasão de armas do então Timor Português. Esta cidade pretensamente europeia é triste.

Com isto, lego as imagens e as palavras. Elas fazem já parte integrante da História e não se irão repetir num milhão de anos. Isto presenciámos: como transfigurar pacíficas colónias do Pacífico em cenários de guerra e morte.

95.7. DILI – BOBONARO setº - dezº 1973

Cheguei a Timor onde tudo era diferente e estranho. Apeteceu-me chorar de raiva por ter vindo parar a esta terra primitiva e desprovida de quase tudo. Nunca imaginaria como as primeiras impressões seriam substituídas por uma enorme paixão a esta terra e gentes. Dei logo baixa ao Hospital Militar, no dia seguinte, a queixar-me de fortes e verdadeiras dores de costas, fruto da viagem Baucau – Díli na velha Bedford. Ali permaneci no alto da colina fresca e verdejante a observar as queimadas dos nativos e fruindo da vista para o mar e a ampla baía de Díli.

Ao fim de uma ou duas semanas fui obrigado, contra os meus protestos, a ir destacado para a montanha onde estava colocado no EC5, Esquadrão de Cavalaria de Bobonaro, 110 km a sul. De nada adiantou tergiversar, que a viagem me ia matar, pois não havia avião para Bobonaro e eu tinha mesmo de ir no meio de transporte existente, Berliet, Unimog ou jipe, o que estivesse disponível para me levar. Tive sorte em não ir na camioneta do china. Se a estrada #1 Baucau Díli era má e atravessava ribeiras onde deveria haver pontes, mas não estavam lá porque tinham caído com as chuvas, esta estrada de montanha que passava pela Maliana (centro arrozeiro e cafezeiro) era bem pior. Tinha sido construída pelos japoneses durante a ocupação de Timor na 2ª Grande

⁵⁷ Mundo subterrâneo.

Guerra. Poucos ou nenhuns melhoramentos tivera, desde então, exceto a retirada de terra dos constantes deslizamentos, majestosas derrocadas que podiam cortar a circulação por tempos infindos, em especial na época das chuvas... De facto, a estrada não estava nas mesmas condições em que os japoneses a tinham deixado, mas bastante pior, com estragos de mais de 30 anos e falta de melhoramentos. O transporte foi numa Mercedes Berliet, comigo deitado sobre os mantimentos trimestrais, ao sol, sem proteção do calor e do pó, pois o lugar ao lado condutor estava ocupado com mantimentos até ao teto. Uma viagem épica com uma pausa agradável na Maliana onde dormitei a sesta no chão de cimento da messe de sargentos (ali não havia oficiais) e após almoçar no destacamento local prosseguimos viagem.

A pequena vila de Bobonaro consistia principalmente numa rua comprida que terminava nos aquartelamentos militares, a messe e uma pista de cavalos havendo apenas meia dúzia de casa em pedra com as restantes palapas de colmo e casas locais tipo palafita que eram casas sagradas ou *lulic*. Entrei em fase de negação e protesto mudo. Aí permaneci até dezembro, quase sem falar com os restantes dez oficiais, sendo que um deles Amílcar Monge da Silva era tão inconveniente e malcriado comigo, que depressa me foi instaurado um burlesco processo disciplinar pelo meu superior imediato, local, Capitão Careano (não me defendi dum ataque verbal e físico dum oficial mais graduado e não soube evitar que o mesmo acontecesse) o que me valeria cinco dias, depois agravado para oito dias de detenção agravada, no meu quarto que partilhava com o capelão, o jovial Padre Domingos.

Sou agredido e castigado por não ripostar? Foi uma fase bem difícil. Raiva e impotência, negação total, silêncio e alheamento do que me rodeava. Foram tempos de desespero e de raiva e que apenas a compaixão e calma paciência do cirurgião Gomes da Silva e da mulher, também médica, iam amolecendo até chegarmos à época de Natal.

Os reabastecimentos eram de três em três meses e o correio normalmente vinha uma vez por mês. O telefone de campanha mal dava para se conseguir contactar com Díli. Todos os dias escrevia, mas raramente recebia cartas da mulher com quem casara em abril, embora amiúde recebesse cartas, semanalmente enviadas pelo meu pai.

Em dezembro finalmente vi ser-me autorizada a almejada transferência para Díli para a Chefia dos Serviços de Intendência onde passo a ser o segundo oficial mais antigo, logo após o Chefe de Serviços, ocupando a vaga desocupada do Capitão. No regresso de Bobonaro, fomos de Unimog ou jipe (não recordo) até à Maliana e aí apanhei o pequeno avião para a curta viagem até Díli.

Mal cheguei instalei-me no Hotel Turismo, que apesar de demasiado caro para as posses de um alferes, era – então - o único digno desse nome. Ali fiquei umas semanas até encontrar um apartamento. Após a minha transferência consegui na noite de 24 de dezembro 1973 estabelecer contacto via telégrafo com a minha mulher que me avisou não estar interessada em ir para Timor por razões pessoais que para aqui não são chamadas.... Vi, e saliento a palavra vi, as primeiras brancas surgirem no meu cabelo nessa noite.

Bebi nesse Natal pois havia sempre a desculpa de o calor apertar e o *Gin Tonic* ser excelente para combater a malária (paludismo). Diziam que era melhor que os comprimidos de quinino que tomávamos.

95.8. EM DÍLI - abril a novº 1974

Logo que pude comecei a procurar um apartamento onde viver, mas teria de partilhar com um ou dois colegas oficiais. Mudei-me para a primeira casa em Díli, em plena Rua Comercial, em frente ao *Vu Vi Vong* (loja de ferragens). Situava-se num conjunto de, salvo erro, três ou quatro apartamentos, à face da rua no prédio térreo da companhia de prospeção petrolífera, a *Timor Oil*, aliás PetroTimor Companhia de Petróleos SARL⁵⁸. Estive uns meses, antes de me mudar para a “SOTA”, para um dos três apartamentos que esta loja comercial e livraria tinha no Largo de Lecidere.

58 tinha direitos de prospeção e exploração de petróleo, desde 1 de janeiro de 1974 sendo subsidiária da Oceanic Exploration Co. e General Atomics Co.

Mandei fazer uns armários, uma mesa de jantar e quatro cadeiras em madeira preta, mais quatro cadeirões de rota e mesa de rota na sala de estar para compor o ambiente, tendo um barril a servir de bar. Até parecia uma casa.

Iria conhecer bem a célebre Praia da Areia Branca, de águas bem quentes. Depois iria aos montes, ali bem por cima da baía, até Dare, ver o Seminário onde estava uma placa em homenagem aos Portugueses de antanho. A vista era majestática e de espantar, pelo que imaginava que faria qualquer ocidental perder a vocação religiosa... Daria mais uns passeios para nor-noroeste, pela costa até Tassitolo, Tibar (lagoa e baía), Liquiçá e Maubara, sem nunca chegar a Balibó. Mesmo assim, fomos de carro até Liquiçá, uma viagem só para loucos e sem amor ao carro (que nem era meu, mas do cirurgião, o Carlos Prata Dias da Costa). Fui várias vezes às belas lagoas de Tassitolo, infelizmente, mais tarde, celebrizadas por serem vala comum dos assassinados pela Indonésia.

A Areia Branca a uns 3 ou 4 km de Díli (era a favorita) nem se descreve, sente-se como uma experiência sensorial boa para alma. Era um espanto. As suas águas entre os 24 e os 33 °C. tinham duas barreiras naturais de coral a separar a baía do mar alto, na meia-lua coroada por montes, onde ora termina o Cristo-Rei⁵⁹, de gosto duvidoso que os indonésios mandaram erigir durante a ocupação. Dentro de água havia uma cavidade, já perto do areal, com mais de dez metros de profundidade. Constava que ali teria caído uma bomba japonesa na 2ª Grande Guerra. Nunca me aventurara mais do que a um metro ou dois de profundidade.

Dizem os peritos que havia tubarões na baía da Areia Branca, mas não me recordo de os ter visto. Por vezes, na maré-alta, passavam ou saltavam da primeira para a segunda barreira de coral que havia na baía, mas durante a minha estadia nunca vi nenhum. Pude ver algumas vezes, pequenos crocodilos de água salgada (ou seriam de água doce?) ao pé de casa em Lecidere. Nem recordava, mas creio que era depois duma enxurrada, mas que eram pequenos eram. Uns anos mais tarde, em 2007 havia crocodilos na costa norte.

São parentes dos “saltwater crocodiles (Crocodylus porosus)”, da vizinha cidade de Darwin, onde atingem facilmente 4 metros (ou mais) de comprimento. Ultrarrápidos no ataque vivem entre a água doce e a salgada. Existem desde há 200 milhões de anos. São dos mais velhos sobreviventes e espécie protegida.

“Raramente aparecem..., mas apareceu um crocodilo na Areia Branca, Díli. As instruções eram: «Quando o virem, nadem. Quando o virem mergulhar, saiam da água». A coisa resultou durante uns tempos. Os polícias portugueses queriam dar-lhe um tiro, mas os timorenses diziam que nem pensar, era o avô deles, até que os militares australianos, mais experientes nestas coisas de crocodilos de água salgada, foram capturar o bicho. E afinal não era um, mas três...”

Hoje, tornaram-se uma praga e enquanto o governo não decide o que fazer com eles, chegam já ao quebramar em frente ao Palácio do Governo e continua a haver timorenses que os alimentam a frango. Depois admitem-se. Já houve algumas mortes nestes últimos anos.

O crocodilo é um animal sagrado para os timorenses. A ilha de Timor tem, supostamente, a forma de um crocodilo, por isso em Timor, todas as comunidades têm lendas sobre o aparecimento do primeiro homem sobre a terra, para criar o seu clã ou tribo. Consultem a criação de Timor, narrada pelo poeta Fernando Sylvan. Em tempos imemoriais, em Timor não havia dinheiro e a fortuna de cada um era aferida pelo gado que possuía: cavalos, búfalos, cabras, porcos, ouro e prata.

Os animais tinham um uso importante: em vida, mostravam quão bem-sucedida uma pessoa fora e, em morte, eram sacrificados para a festa que servia para enviar a alma aos céus. Os animais NUNCA eram sacrificados como tributo religioso, mas como comida para os convidados. Havia festas para celebrar nascimentos, onde a proporção era sempre correta entre familiares diretos (ou consanguíneos) e os familiares da outra parte (sogros, cunhados, etc.).

A maioria dos casamentos era arranjada para uniões políticas e não por razões prosaicas como a compatibilidade entre dois seres humanos, ou amor. Num batizado, os convidados podiam ser de outra parte da ilha

⁵⁹ A subida ao Cristo-Rei possui as diversas estações da Via Sacra e é feito por um caminho composto por 860 degraus - em lotes mais simples e noutros, no final, mais violentos. A vista é muito bonita. Ao domingo é uma atração para as famílias

e de outra tribo. Estas festas serviam para cimentar as obrigações que cada aliança política impunha em cada tribo, servindo para manter a paz entre as comunidades e dentro de cada uma. Na época do cultivo, havia cerimónias especiais a assegurar que a ira dos Klamar, ou guardião era aplacada, pois as sementes estavam a ser plantadas no ventre da Terra-Mãe, e o guardião poderia garantir que eram frutuosas. Se a plantação era feita com as primeiras chuvas e, depois, não chovia, dizia-se que os espíritos maus haviam morto a alma das plantas e não que o agricultor havia cometido o erro de fazer o plantio demasiado cedo.

Na época das colheitas era sempre uma azáfama para conseguir colher tudo antes de os ratos comerem a colheita do ano. Os ratos eram, é óbvio, obra dos espíritos malignos. O mesmo se dizia se as plantas tivessem doença, ou falhassem a sua missão por qualquer razão, tal como o excesso de chuva. A casa em Timor (UMA) representa muito mais do que o mero local para habitar.

As religiões animistas não dispõem de igrejas ou capelas, razão pela qual as casas são usadas para fins religiosos. Uma casa tradicional assenta em dois pilares ou alicerces. Um representa o sexo masculino e o outro, o feminino. Em Timor, tudo existe aos pares. As casas estão divididas em duas partes, e numa delas a mulher é suprema. Como a casa tem este significado religioso, a mulher é muitas vezes a cabeça da família em termos religiosos. No pilar feminino penduram-se os sacos tecidos pelas mulheres, onde repousam as placentas secas dos ocupantes da casa, que devem acompanhar a pessoa através de toda a vida. Caso tal não aconteça, essa pessoa deixa de estar protegida contra os Klamar, e não pode regressar à Terra-Mãe como pessoa completa na altura da morte.

Todos os desastres são aceites com um fatalismo natural, derivados dos espíritos maus. Até os acidentes são atribuídos a invasões de espíritos. Foi sempre assim, o que permitiu aos timorenses suportar as maiores desgraças e calamidades, e continuarem a seguir as vidas como se nada de anormal se tivesse passado. Isto foi visível após a invasão e domínio indonésio.

A importância dada a combater os efeitos do Klamar leva muitos timorenses tradicionais a mudarem de nome, a fim de não saberem onde estão e não há ninguém capaz de os convencer a voltar ao antigo nome. Isto era desconcertante para os portugueses quando efetuavam o recenseamento bienal. Em tempos idos o casamento era levado a sério. Atualmente já não se passa isso. Primeiro, o futuro noivo pedia autorização aos pais da futura noiva para casar. Depois, os Katuas decidiam se era ou não apropriado como candidato a fazer parte do clã (ou como praticante do sacerdócio da Mãe Terra). Quando os Katuas decidiam que o jovem não era apropriado ou conveniente, terminavam ali os preparativos para o casamento.

A preparação consumia imenso tempo e cerimónia. O método usual era por HAFOLI (literalmente: fixação do preço) em que os intermediários (um Katuas escolhido pela família) demoravam, pelo menos, um ano a estabelecer todas as condições contratuais da aliança. As oferendas apropriadas iam sendo passadas, de parte a parte, à medida que os termos do acordo iam sendo fixados. Em cada estágio do processo um Lia Na'in recitava excertos de poesia Dadolin (versos de duas linhas), dando ênfase à aliança com a outra parte. Um Lia Na'in da outra parte faria idêntica declamação, enquanto os convidados comiam o que fora oferecido pelos parentes do noivo.

Depois de todos os termos da aliança conjugal discutidos e acordados, e as oferendas iniciais passadas de uma parte a outra (búfalos, kudus, ouro e prata pela família do noivo; cabras, porcos e tecidos por parte da noiva), os dois jovens podiam começar a coabitar numa base noturna em casa dos pais da jovem.

O único rito de casamento era a consumação do mesmo. Apenas homens e mulheres casados podiam tomar parte em todos os ritos religiosos e segredos do clã. A partir de 1975 cada jovem toma por mulher quem muito bem entende, sem ter de a barlaquear, nem seguir as cerimónias. A isto chama-se HAFE. Ao contrário da civilização ocidental, e, como é comum nas culturas orientais, o casamento entre primos diretos não é desprezado, desde que sejam filhos de um irmão e irmã. O casamento é totalmente vedado a filhos de duas irmãs ou irmãos.

A escravatura existiu até 1975, mesmo apesar de proscrita e veementemente negada pelas autoridades portuguesas. Os jovens, de ambos os sexos, eram vendidos como ATAN (escravos) para efetuarem serviços

não-remunerados de criados (KREADO, aquele que cuida de bebês) e não dispunham de liberdade para abandonar a família. Os seus donos eram responsáveis pelo seu bem-estar, e, de uma forma geral, mesmo durante a ocupação portuguesa e em especial até à 2ª Grande Guerra, eram tratados condignamente e, em muitos casos, faziam parte integrante da família, pelo que era normal ao tornarem-se adultos casarem com a filha do patrão de que haviam cuidado ao crescer.

Os Timorenses têm uma deferência muito especial para com a morte, altura em que as virtudes dos falecidos são contadas ao mundo dos vivos com todos os detalhes, por aqueles que veneram tal falecimento. A morte de um ente querido, importante no clã, criava um vácuo que necessitava ser rapidamente preenchido. Isto demorava longas conversações e negociações entre os Katuas do clã, que tentavam encontrar a pessoa certa para preencher esse vazio. Por vezes, não existia ninguém capaz de ocupar a vaga, pelo que era necessário recorrer a alguém de uma tribo vizinha. Em situações extremas, podia até acontecer que o clã se repartisse em dois.

Quanto à morte e dívidas do falecido, passado um ano sobre a morte, os familiares e todos aqueles que eram credores ou tinham uma aliança com o falecido, eram convidados para uma Cor Mêta (KORE METAN) ou celebração pela partida, no local onde a alma do falecido havia emergido do ventre da Mãe Terra. Muitas das dívidas eram pagas pela preparação da festa. Os convidados enchiam-se de tudo o que era bom de comida e TUAKA (vinho de palma) nas festas que duravam uma semana de danças e na qual eram contadas histórias sobre as virtudes dos falecidos.

Lembro ainda (e não eram praga) os curiosos caranguejos azuis (também havia castanhos, esverdeados), minúsculos, que ao pôr-do-sol saíam das profundezas da areia húmida na Areia Branca (onde ninguém os pisara, vira ou pressentira durante o dia) para encetarem uma marcha não se sabe para onde. Eram centenas ou milhares numa manobra de precisão militar que a natureza orquestrara há séculos e se repetia diariamente. Teria de estudar este fenómeno.

Depois de alguns artigos que enviei de Bobonaro, o jornal local, fui nomeado Editor-Chefe de “A Voz de Timor” em fevereiro 1974. O jornal de tiragem semanal reduzida tinha quatro páginas, numa terra onde a rádio emitia duas ou três horas ao dia, onde a TV não tinha chegado e os telefones eram um luxo de que alguns tinham ouvido falar, mas poucos tinham visto. Lembro um artigo sardonicamente crítico das eleições para a famigerada Assembleia Nacional, em que a sátira mordaz do meu escrito foi entendida pelos apaniguados do regime (como o secretário do Governador, José Joaquim Espiga Tomás Gomes), como exemplificativa do apoio generalizado que as novas gerações davam ao velho regime. Tenho pena de não ter recuperado esse número de *A Voz de Timor* e não ter guardado o manuscrito, hoje riríamos a bandeiras escancaradas.

Logo a seguir dá-se o abortado Golpe das Caldas e a seguir o 25 de abril que só chegaria a Timor a 18 de novembro desse ano.

A 16 de março, um grupo de oficiais do exército tenta, sem sucesso, arrebatam o poder a Marcello Caetano, que governava sob um manto de pseudo-abertura política designada como “primavera política”. Sobre o abortado 'Golpe das Caldas' nada transpira até mais tarde.

A 26 de março, o governo australiano apresenta um protesto formal ao Governo português pela concessão em janeiro, dos direitos de prospeção de petróleo à companhia norte-americana Oceanic. A área em contencioso tinha 23 mil milhas quadradas (59,565 km²) e, de acordo com a reivindicação australiana, continha partes que estavam já sob a concessão dada à companhia australiana Woodside-Burmah Oil. Para além disso, de acordo com a Nota Oficial de Protesto, de Camberra, outras áreas da zona de concessão da Oceanic faziam parte da área que estava a ser negociada entre a Indonésia e a Austrália para perfurações de prospeção.

De facto, um terço da área concedida à Oceanic era um enclave entre plataformas offshore já projetadas, e cedidas por concessão à australiana Woodside-Burmah. Em Camberra, o embaixador português, Dr. Mello Gouveia apresentava ao Governo Australiano uma Nota Oficial [de Protesto] onde o Governo declarava “não poder reconhecer a reclamação australiana, por não haver legislação suplementar entre os dois países, ambos signatários do Tratado de 1954⁶⁰.” Gough Whitlam, primeiro-ministro australiano reagiu energicamente numa Conferência de Imprensa: “O Governo Australiano tem o direito de defender os

60 (Convenção Internacional sobre Fronteiras Marítimas)

recursos naturais do país que estão a ser postos em questão no Mar de Timor." Esta confrontação sobre o dossier petróleo vai, em breve, passar a segundo lugar face às gravíssimas crises constitucionais em ambos os países.

Uma controvérsia sobre educação abalou por esses dias Timor, com o Dr. Félix Silva Correia, (então representante da ANP e Chefe da Repartição dos Serviços Provinciais de Educação), reagindo iradamente contra observações críticas às estruturas da educação e alegados aumentos de alfabetização. O jornal local "A Voz de Timor" publicara, em 19 de março, um suplemento especial dedicado à educação e, nele incluía uma entrevista autoelegiaca do Dr. Félix Correia. Os editoriais denunciam as falsas estatísticas e apresentam propostas para melhorar o nível de ensino e de alfabetização. Em vez de aceitar os dados estatísticos oficiais de 80% de alfabetização, eu avançava em editorial com o mesmo número, mas representando o analfabetismo.

De imediato, a máquina política manipulada pelo Dr. Correia inicia um coro de protestos de apoio à educação, na sua maioria assinados em cartas à Redação pelos mais representativos líderes locais e funcionários públicos. Sou sujeito a um inquérito oficial liderado pelo Governador interino. Alguns professores, irritados pelas acusações, que consideram difamatórias, exigem uma reparação. Timor vive os últimos dias do decrépito Estado Novo e nem sequer se dá conta disso.

No mesmo número, publicava-se um artigo 'Educação e Autonomia', já com algumas décadas, do autor português proscrito, António Sérgio. Recorde-se que este autor era tabu (antes do 25 de abril), mas o artigo não motivou comentários, se bem que devesse ter sido banido de publicação. Incoerência dos censores ou mera e flagrante ignorância?

Curiosamente (ou talvez não), Ramos-Horta escreve editoriais a apoiar Félix Correia. Como Editor-Chefe do jornal e autor de "Educação - Um Suplemento Especial" sou suspenso.

Sendo oficial miliciano estou sujeito aos regulamentos e normas militares, devendo enfrentar a justiça militar pelo meu crime. A repressão que sofri das hierarquias militares suscita uma greve simbólica (de braços caídos) dos Serviços da Imprensa Nacional, liderados por Cristóvão Santos, onde o jornal era impresso. O Governador interino impõe profundos controlos no jornal depois daquele danoso desaire. O autor, silenciado com a mordada do RDM⁶¹ fica impedido de se expressar publicamente ou de apresentar defesa. Nem dois meses durei à frente do jornal sem ser suspenso.... Esta controvérsia arrasta-se até abril 1974.

Ainda na célebre edição de 19 de março, publiquei uma colagem com alusões à falhada rebelião das Caldas da Rainha. Incluí também uma menção ao controverso livro "*Portugal e o Futuro*" pelo, então General Spínola (em breve, novo Presidente de Portugal), e o apoio que tal livro recebera nas Nações Unidas. Outros editoriais naquele número histórico abordavam os problemas que poderiam ter provocado o Golpe das Caldas, seus precedentes e possíveis implicações futuras. Nada disto foi censurado. O sucesso da edição foi tal que obrigou, pela primeira vez na história do jornal, a uma reedição....

Entretanto, como responsável por víveres e combustíveis das unidades militares do território, consigo aprovar um novo sistema de utilização de gasolina. Pela primeira vez, os soldados e os cabos (os mais desfavorecidos economicamente) passam a ter direito a obter artigos de consumo para uso pessoal, tal como acontecia com as hierarquias superiores.

Crê-se que o Comandante Militar Interino, Ten-Cor. Mário Dente, assinara o despacho sem lobrigar a sua perigosa latitude. No mesmo dia, 5 de abril, como resultado do novo sistema, as autoridades civis exigem que o governo intervenha e cancele o sistema.

Convém referir que os civis estavam sujeitos a restritas medidas de racionamento de gasolina desde dezº 1973. Os militares tinham estoques para um consumo até dezoito meses, fruto da gestão cuidada da Chefia dos Serviços de Intendência onde eu estava a coadjuvar o major Carrilho. A situação entre civis e militares é tensa. As chefias militares temerosas evitam agir em vésperas do regresso do Governador e Comandante em Chefe. Fora o próprio, quem me nomeara para tomar conta do jornal, pouco depois de me trazer de Bobonaro para Díli.

O Governador Aldeia retorna a Timor a 19 de abril. Logo após a sua chegada ao aeroporto profere o seu mais virulento discurso, para espanto dos locais.

Negando qualquer representatividade ao denominado "Movimento dos Capitães", Aldeia salienta que "o abortado Movimento das Caldas foi severamente reprimido, e não encontrou qualquer eco ou apoio nem nas camadas militares." Classificando de 'traidores' os capitães envolvidos, neste discurso Alves Aldeia

61 (Regulamento de Disciplina Militar)

diz da alegria que sentia (em nome dos timorenses), ao ver satisfeitas todas as propostas que levava e apresentara ao Governo Central, abrindo caminho a uma nova era de prosperidade. "Falando em nome de todos os Timorenses, tenho o prazer e a alegria de vos dizer que o Governo de Lisboa está satisfeito por poder ajudar o fiel povo de Timor, que durante tantos séculos tem sido tão fortemente Português."

Este discurso, o mais político de todos os que Aldeia fez em Timor marcou uma viragem do seu estilo habitual, de sobriedade política. Houve quem especulasse que estaria a aproveitar-se dos últimos acontecimentos durante a sua estadia em Portugal. Pouco tempo demoraria para que o efeito bumerangue surtisse efeito. Aldeia e o seu discurso fossem votados ao esquecimento total, lá no cemitério da política donde raramente se regressa.

De facto, o seu melhor discurso marcou o princípio e o fim das suas aspirações políticas.

Em 27 de abril, por sua ordem direta, executada pelo próprio Secretário pessoal, J. J. Thomás Gomes, era retirada da Imprensa Nacional a composição do seu discurso e a gravação do mesmo fora retirada da rádio ERT (Emissora de Radiodifusão).

O discurso, quer no seu registo magnético, quer na transcrição escrita são, deveras, comprometedoras, em termos do 25 de abril e pensaram os atores envolvidos que ao retirarem a cópia do discurso da Imprensa nacional e da ERT o problema se resolvia... Assim começou o que alguns denominaram, como "Aldeiate."

Embora Timor não dispusesse de telex, desde o ano anterior dispunha de contactos radiotelefónicos com o mundo exterior via Marconi. Assim, quando a Revolução dos Cravos aconteceu em 25 de abril houve quem recebesse a notícia via telefone. Depois disso, foi só uma questão de perder tempo agarrado aos rádios de ondas curtas....

Era hora de jantar e, por uma feliz coincidência, estava de Oficial (Ajudante) de Dia. O idoso Oficial de Dia, um velho Capitão do Q.G. (Quartel-General), estava há muito a olhar para o seu umbigo, depois da rodada habitual de vinho "Periquita" ou outro qualquer. O operador (Tony Belo) da Telecom local (Rádio Marconi), ligou para o Quartel-General (tínhamos telefone da tropa em casa também) a dizer que ia receber uma chamada telefónica de Portugal uma hora depois. Chamei o condutor de serviço, mandei-o ligar o Jeep e em quinze minutos estava em Díli, ansiosamente esperando 'a chamada'. Pressenti tratar-se de algo muito importante. Anteriormente, acordara com a família que só haveria telefonemas em caso de emergência. Há muito que confirmara que a correspondência era sujeita a censura prévia e as chamadas telefónicas gravadas.

Depois de ouvir as notícias bombásticas, sem perder tempo, peço ao condutor para passar por casa onde comunico aos colegas de habitação (o cirurgião Carlos Prata Dias da Costa e o engenheiro António Proença de Oliveira, subchefe da Repartição dos Serviços de Agricultura) o que ouvira. Era a REVOLUÇÃO. Peço-lhes o máximo sigilo. Ligo o rádio em ondas curtas e regresso ao Q.G. onde anoto no relatório que nada havia a assinalar da 'ronda' pela cidade. Durante o resto da noite, escuto avidamente os noticiários da BBC, Rádio Austrália e toda uma série de emissoras (ouvi a Rádio Paquistão, pela primeira vez). Na manhã seguinte, o camarada Freitas, que me ia render, pergunta se havia novidades de Portugal. Sem confiar em ninguém, respondi-lhe: "*Nada, que esperavas?*"

- Os dias que se seguem são caóticos, com toda a espécie de rumores a circular e um generalizado sentimento de incredulidade pelos acontecimentos.

- Quando as novas de que o Governador tinha mandado apreender a gravação e a versão impressa do discurso, a maioria convenceu-se de que a 'Revolução dos Cravos' não era já fruto da imaginação.

- Os dias passam, o oportunismo camaleónico é avassalador. Do dia para a noite todos são revolucionários.

A necessária e esperada demissão do Governador Alves Aldeia começa a demorar mais do que as pessoas haviam esperado. Torna-se necessário que entregue a sua carta de demissão depois do já famoso discurso em que, de forma obstinada, se opunha àquilo que era já o novo regime político.

Começam a tomar vulto os rumores de que o Capitão-tenente Leiria Pinto, Comandante da Defesa Naval, é o escolhido pela Junta de Salvação Nacional. Estes boatos confundem muita gente, pois Pinto era considerado como sendo extremamente conservador.

Ao mesmo tempo, há quem afirme que o Chefe de Estado-Maior, Major Arnao Metello, um sombrio oficial do exército, vindo de boas famílias, é o homem de confiança da Junta de Salvação Nacional.

Metello é conhecido pela sua falta de decisão em tudo o que se reportava à ação colonial de Portugal. A oposição à continuação do coronel Aldeia no poder cresce. Ameaça tornar-se numa bola de neve, com os militares divididos entre os progressistas - na maioria oficiais milicianos, furriéis e sargentos - e a velha guarda dos oficiais de carreira.

Entretanto em Portugal, os soldados usam cravos encarnados nos canos das espingardas. O povo anda excitado com a liberdade. Sobem os barómetros da esperança depois de 48 anos de obscurantismo.

A situação começa a clarificar-se em maio, embora nem todos os decretos aprovados em Lisboa se tornem extensivos a Díli. Quase nem um tiro fora disparado em Portugal. O regime caiu porque estava podre e incapacitado de sustentar qualquer ataque. A celebrada vitória vem estampada em todos os jornais que chegam, mas parece estar a anos-luz de Timor.

Depois do 25 de abril comecei a publicar artigos que o Comando Militar e, em especial o CEM (Chefe do Estado-Maior Arnao Metello) queriam evitar. Era chamado todas as manhãs, e, simpaticamente, mandava o motorista no velho Volkswagen do Estado-Maior buscar-me a casa. Lá tinha de explicar porque publicara artigos censurados e considerados material proibido. Esta rotina prolongou-se por bastante tempo e trouxe consequências ao meu serviço militar. Um verdadeiro jogo do gato e do rato. Com o 25 de abril, reorganizei o jornal e passei-o a diário, lentamente aumentei a tiragem e o tamanho da edição especial de sábado que começou com 8, 12, 16 e finalmente 24 páginas com a ajuda do Chefe da Imprensa Nacional, Cristóvão Santos e José Ramos-Horta, jornalista e meu secretário no jornal.

Era uma tarefa difícil num sítio onde quase não chegavam notícias, a não ser por onda curta, as revistas e jornais já eram velhas e desatualizadas quando chegavam.... Fiz colagens bem interessantes com imagens retiradas de revistas para ilustrar as principais notícias dado que tínhamos grandes dificuldades técnicas em imprimir imagens, e as que podíamos eram pequenas num aparelho (de fotogravura, creio) cujo nome não recordo. O equipamento era bem antigo, toda a composição era manual e morosa pois não havia grande variedade de tipos de letra.

A especulação termina quando, finalmente, Metello é confirmado como representante do governo colonial em Timor. As pessoas esperam e exigem uma atitude decisiva e imediata, mas ele hesita. A nova ordem legítima não se faz impor. O exército mostra-se agitado, Arnao Metello é um procrastinador e nada de significativo se faz.

António Arnao Metello⁶²- Ao longo da sua carreira política e militar, foi chefe do Estado-Maior das Forças Armadas em Timor (1973-1974) e representante no território do Movimento das Forças Armadas (MFA) antes da guerra civil timorense que ditou o abandono da Administração Portuguesa e a invasão indonésia. Foi vice-primeiro-ministro de Vasco Gonçalves, de 8 de agosto a 19 de setembro de 1975. Antes fora Ministro da Administração Interna do IV Governo Constitucional, liderado por Vasco Gonçalves, entre 26 de março e 8 de agosto de 1975. Em Macau, Metello trabalhou em engenharia no Laboratório de Engenharia Civil onde desempenhou funções de Chefe de departamento de estruturas, desde a década de 90.

A PIDE (a Polícia para a Informação e Defesa do Estado) tem 20 membros em Timor. Alguns são detidos em condições de turistas de luxo, demonstrando como se vivia num país de brandos costumes. Outros não só continuam em liberdade, mas mantêm-se em funções, continuando a beneficiar dos carros e casas do Estado. A burocracia administrativa resiste ferozmente à Nova Ordem. Será que a Revolução dos Cravos não passou de uma invenção da comunicação social? Ou será esta, a longa distância entre a ficção e a realidade? Como o Dr. J. Pestana Bastos escreve à data:

"O Governador manteve-se nas suas funções (vício de base). Um defeito de cúpula, ímpar, determinante duma política e determinado por ela não deve nem pode mudar de tônica, de linguagem, estrutura, clique, de filosofia política, sem se comprometer irremediavelmente e deixar na mesma posição o governo que o referenda. Nada disto significa, aqui e neste momento, crítica ou inconsideração pelo Coronel Fernando Alves Aldeia ou pela sua ação. Se esta foi meritória mais uma razão para não o ser a partir de então".

Como falar das malhas da burocracia, originada em premissas coloniais? A manutenção dos chefes de departamento é um erro perigoso que vai implicar, mais tarde, medidas de emergência. As pessoas são mantidas

62 (falecido a 29 de julho de 2008)

nos seus postos, inalterados, demasiado tempo nas mãos de indivíduos totalmente dependentes do 'velho regime' e que se opõem ferozmente ao 'novo'.

No início de maio, o governo impõe novos delegados para a Rádio ERT, jornal 'A Voz de Timor', linhas aéreas locais "TAT". Embora já haja um novo delegado nomeado pelo governo para a Rádio Marconi, esta entidade continua com as escutas telefónicas como até então fizera. Alertado, o major Metello encolhe os ombros e diz que nada disso nos deve preocupar. Sabendo como a Rádio Marconi havia sido responsável por muitos dos 'casos políticos' acontecidos durante o primeiro ano, alerta-se a população para a situação.

Todo o correio por mala militar (que representa 95% do total) mantém-se sujeito a censura. Demora uma semana a fazer a triagem do correio, desde ser descarregado do avião até ser distribuído. As intrigas e os boatos florescem neste período. Muitas pessoas estão ostensivamente opostas ao 'novo regime', mas mantêm as posições de poder e influência. Outras, rapidamente ficam desapontadas com os ventos da mudança. Há também quem se oponha ao Governador, mantido ativamente no poder como suprema autoridade em Timor.

O delegado da Junta mal se vislumbra e é inoperante. O escândalo irrompe quando oficiais da PIDE são mantidos sob a nova designação de PIM (Polícia de Informação Militar). Continuam a utilizar os carros do Estado, casas e outras despesas totalmente financiadas pelo executivo. Outro exemplo é o de um oficial de carreira (Capitão) ainda à frente de uma subunidade no Quartel-general, embora sempre admitisse pertencer à polícia secreta. Finalmente, antes do fim de maio, o Chefe do Departamento Provincial de Educação (Félix Correia) é exonerado e as atividades da Mocidade Portuguesa (o movimento da juventude de fórmula Nazi) são dadas por findas.

Alguns delegados da Junta de Salvação Portuguesa são esperados em Timor trazendo com eles - espera-se - o cheiro fresco dos cravos encarnados e da revolução de que tantos ouviram, mas ainda não puderam observar. Com eles, chega a desilusão e o desapontamento. Em outubro 1974, alguns jornais de Portugal especulam sobre a possibilidade de o Major Leandro ser um dos candidatos a Governador de Timor. Dado existirem pressões [dos chineses e dos dois jornalistas em Timor], acaba por se contentar com o cargo de Governador de Macau.

Um desapontamento, é o Major Garcia Leandro (posterior Governador de Macau) conhecido das gentes de Timor, de uma anterior comissão de dois anos em que fora Secretário do Governador Brigadeiro Valente Pires. Alguns graves incidentes administrativos e económicos ocorreram sob a sua alçada. Depois, um inquérito oficial foi arquivado, sem conclusões, mas um enorme montante desaparecera ou levava sumiço sem se saber para onde ou como. A comunidade chinesa é perentória (1974) sobre o não-regresso do Major Leandro e é extremamente cooperante com provas documentais sobre os referidos incidentes.

Em Portugal, o semanário "Expresso" a 25 maio 1974 dedica quase toda a primeira página a Timor, sob o título: "**TIMOR: situação controversa agora sem vendilhões do templo...**"

De facto, a situação político-militar está confusa em Timor. Depois da visita dos delegados da Junta (Majores Garcia Leandro e Maia Gonçalves) em vez da verdadeira voz de um governo revolucionário, as pessoas constataam que as velhas formas de esquecimento a que a colónia foi votada no passado se iriam manter. Há quem anseie por Salles Grade, Chefe de Estado-Maior em Timor, até 1973.

Na visita dos delegados da Junta, Leandro faz declarações ambíguas e nebulosas.

"i) Que o MFA (Movimento das Forças Armadas e espinha dorsal da Junta) sabe perfeitamente bem o que se está a passar em Timor, e não há necessidade para as pessoas em Timor se preocuparem.

ii) Que a permanência do Consulado Aldeia está perfeitamente justificada porque as suas atividades são predominantemente administrativas, logo não políticas (sic).

iii) Que o MFA não tolerará mini-revoluções ou mini-movimentos assim como atos tendentes a afastar o Governador e Comandante Militar em Chefe, os quais apenas podem ter origem em grupos minoritários."

Estas declarações obscuras e dúbias levaram muita gente a indagar se tais eram pontos de vista pessoais e não linhas mestras do MFA. Apoiada por estas declarações a emissora local apressa-se a proclamar que 'se o Governador Aldeia for afastado haverá um banho de sangue devido ao seu conhecimento profundo da população local.'

Criticamente, afirmei, em editorial no jornal local, que o postulado destas premissas está fundamentalmente errado. Diante de centenas de pessoas reunidas no Ginásio Escolar para escutar as vozes da revolução o Major Leandro proclama que o semanário "Expresso" é sensacionalista e incorreto na reportagem sobre Timor e promete descobrir, no regresso a Lisboa, quem foram os autores das 'notícias alarmistas que obviamente "conspiram contra a paz e tranquilidade na ilha."

Toda a gente sabe que há duas pessoas a escrever para o "Expresso": Cristóvão Santos, Diretor da Imprensa Nacional e eu. Ambos fizemos parte das revelações do "Aldeagate" quando o Governador Aldeia chamou traidores aos revoltosos do "Golpe das Caldas", agora no governo.

De facto, a cópia do discurso de Aldeia fora por nós escamoteada para fora do território utilizando hippies australianos rumo ao Cupão. Outra cópia fora enviada para um intermediário sob nome falso, de forma a não alertar os censores.

Quando a PM (Polícia Militar) veio, sem mandatos, fazer buscas a casa dos suspeitos não encontram as cópias, que iam rumo a Lisboa. Aquele material queimava como ácido, e não era aconselhável mantê-lo. Este, e outros factos são relevantes para estabelecer os antecedentes do que se vai passar. A imputação do Governador tem o início real quando a composição começa a ser impressa e, de imediato retirada para encobrir a sua existência.

Um último detalhe da sessão no Ginásio. Garcia Leandro mandara sair algumas pessoas por terem cartazes 'contra o governo marcelista ainda no poder em Timor'.

Muita gente não conseguia entender esta democracia guiada, pois centenas de pessoas haviam passado pelos cartazes, respeitando-os, concordando ou não com os mesmos. O representante da Junta e do Governo Provisório no poder em Portugal não pudera nem quisera respeitar os cartazes. Depois de Leandro e Maia Gonçalves saírem do território ficou um certo vazio. Antes de partir, Garcia Leandro valida a mensagem da emissora sobre o banho de sangue que se verificaria se a população ficasse sem o Governador Aldeia. Não era a forma adequada de começar a descolonizar a distante e esquecida colónia do Império Português que ora se desmoronava.

A revolução de abril abriu as portas à autodeterminação e à criação de partidos políticos. Ainda incipiente, a vida política em Timor começa a tomar forma. A nascente democracia em Portugal é acompanhada da autodeterminação e independência das colónias, praticamente simultâneas e consequência da Revolução que derruba o regime ditatorial.

Os movimentos de libertação em África lutavam uma guerra cansativa devido à intransigência do regime de Salazar. Lisboa mantinha-se imperturbada pelos ventos de mudança que assolavam o continente, em especial em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau. A administração colonial (embora houvesse exceções honrosas) era, quase sempre, caracterizada pela incompetência, boçalidade e pelo padrão de injustiças. Estas, podiam ir da requisição à população nativa de tudo o que era valioso (pepitas, diamantes, peles, dentes de elefante, etc., quando não das mais apetitosas jovens núbéis para fins lascivos, desculpados pela solidão e afastamento da pátria...).

Não havia praticamente escolas, além das missões religiosas criadas desde há séculos, e as administrações militares pecavam por falta de informação adequada relativamente aos seus súbditos nativos.

A metrópole exportava tudo o que podia para as colónias para pagar o que delas recebia, pelo que a balança comercial vivia à custa delas. Por isso não convinha desenvolvê-las nem convinha investir. Para as colónias iam muitos inúteis, que o regime amparava e apoiava, para preencherem funções para as quais não estavam preparados nem eram competentes, mas em troca das quais recebiam mordomias e salários avultados. Houve sempre exceções, mas nunca passara disso com idealistas que viam sempre neutralizadas as suas intenções e consciências, para que nada fosse feito.

Não se esqueça que a teia colonialista do governo central (Timor) se limitou a manter as estruturas tribais existentes há séculos, não facilitando ou impedindo mesmo, de forma ativa e visível, o acesso dos nativos a qualquer tipo de educação além da primária.

Na burocracia colonial os principais lugares estavam reservados aos continentais ou importados de outras colónias. A nível do exército fora vedado o acesso a todos os que não fossem filhos de europeus, deixando de fora, quase todos os mestiços e nativos, discriminando efetivamente contra a criação de elites cultas locais.

Identicamente se dificultara a emigração de colonos portugueses, para o ultramar (Angola e Moçambique), favorecendo o êxodo de mais de dois milhões de pessoas para o Brasil no fim do séc. XIX e

primeira metade do séc. XX, o que foi excelente para desenvolver o novo país e manter em atraso ancestral todas as colônias.

Entretantes, em Timor os sentimentos nacionalistas crescem na sombra, sem serem vislumbrados pelos europeus. Devido ao subdesenvolvimento socioeconómico e aos atrasos da educação até aos anos 50, existe uma incipiente elite impreparada para os canalizar de forma eficaz.

De facto, nos anos 60 começara a verificar-se um investimento nas estruturas educacionais (até então quase inexistentes), seguido de um incremento das estruturas socioeconómicas da colónia, que lentamente altera a imagem centenária de abandono. Tudo isto vem promover, mesmo que indiretamente, a emergência de uma elite capaz de desencadear sentimentos nacionalistas e despertar a vontade timorense. Começa a notar-se durante o regime colonial, através da imprensa local e do jornal do seminário católico 'Seara' acompanhada de formas incipientes e camufladas de desobediência civil. Já, as inúmeras rebeliões contra a Administração Portuguesa (a última em 1959 Uato-Lari) sempre prontamente reprimidas e subjugadas, haviam germinado numa embrionária identidade nacional. Durante maio 1974, beneficiando da liberdade política concedida pela Revolução de abril, formam-se os principais partidos políticos em Timor⁶³:

- A UDT (União Democrática Timorense) em 11 maio, que começa por defender uma forma de Federação com Portugal (evoluindo mais tarde para o desejo de independência). A UDT/UDETIM é formada por Francisco Lopes da Cruz, César da Costa Mouzinho, João e Mário Carrascalão.

- A ASDT (Associação Social Democrática Timorense) forma-se a 20 maio e em set^o 1974 passa a FRETILIN [Frente Revolucionária De Timor-Leste Independente]. Proclama a necessidade da independência total. Fundadores: Francisco Xavier do Amaral, José Ramos-Horta, Nicolau Lobato e Justino Molo.

- Em 27 maio surge a APODETI [Associação Popular e Democrática de Timor] que defende a integração na Indonésia sob um estatuto autónomo especial. Este partido nunca teve mais do que 2 ou 3% do apoio popular. Fundadores: João Osório Soares, José Martins, Abel Belo, e Arnaldo Araújo. Mais tarde novos partidos se formam, todos carecendo de apoio popular significativo, tais como KOTA e PT (Partido Trabalhista). O Governo segue instruções de Lisboa para promover a formação de grupos políticos locais, atribui subsídios até 50 000\$00 a cada partido.

Inicialmente, a ASDT e a UDETIM (UDT) carecem de vasto poder popular e a APODETI é uma espécie de anedota quando proclama a 'reintegração histórica das metades da ilha sob a bandeira indonésia. Os manifestos iniciais dos partidos políticos contêm pontos curiosos, importantes para compreender o contexto em que foram criados.

O Comandante Naval Manuel Lourenço Pereira, fundador, proprietário e Diretor nominal do jornal local "V.T." [A Voz de Timor] desliga-se do mesmo em julho 1974 sendo substituído por Francisco Lopes da Cruz⁶⁴, um Timorense do Bureau Central e Político da UDT.⁶⁵ Por essa altura, mais semana, menos semana, desiludido com o crescente partidarismo político demito-me de Editor-Chefe, sendo substituído pelo Chefe de redação, Dr. Alberto Trindade Martinho, autor das primeiras sondagens à opinião pública. Exausto por lutas contínuas, sem meios técnicos, humanos ou materiais para desempenhar as funções, sujeito a inacreditáveis pressões por defender os princípios mais sagrados da democracia, fui diariamente chamado às chefias (queriam um jornal mais "manso" e menos "abrilista"), ao contrário do que foi dito na Comissão de Descolonização (documento adiante)⁶⁶.

Entreguei nas mãos do sociólogo (Alferes Miliciano) Dr. Alberto Martinho⁶⁷, pedras basilares documentais e evidenciais sobre os erros de anteriores administrações, para que deles fizesse o que entendesse. Não creio que tivessem sido divulgadas ou publicadas. Talvez o meu sucessor não estivesse interessado. Pouco ou nada

63 Detalhes no primeiro volume da Trilogia da História de Timor em inglês <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1004/TRILOGIA-VOL-1-East-Timor-secret-file-73-75-eng.pdf> e em português <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL--1--ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf>

64 (n. Maubara em 2/12/1940)

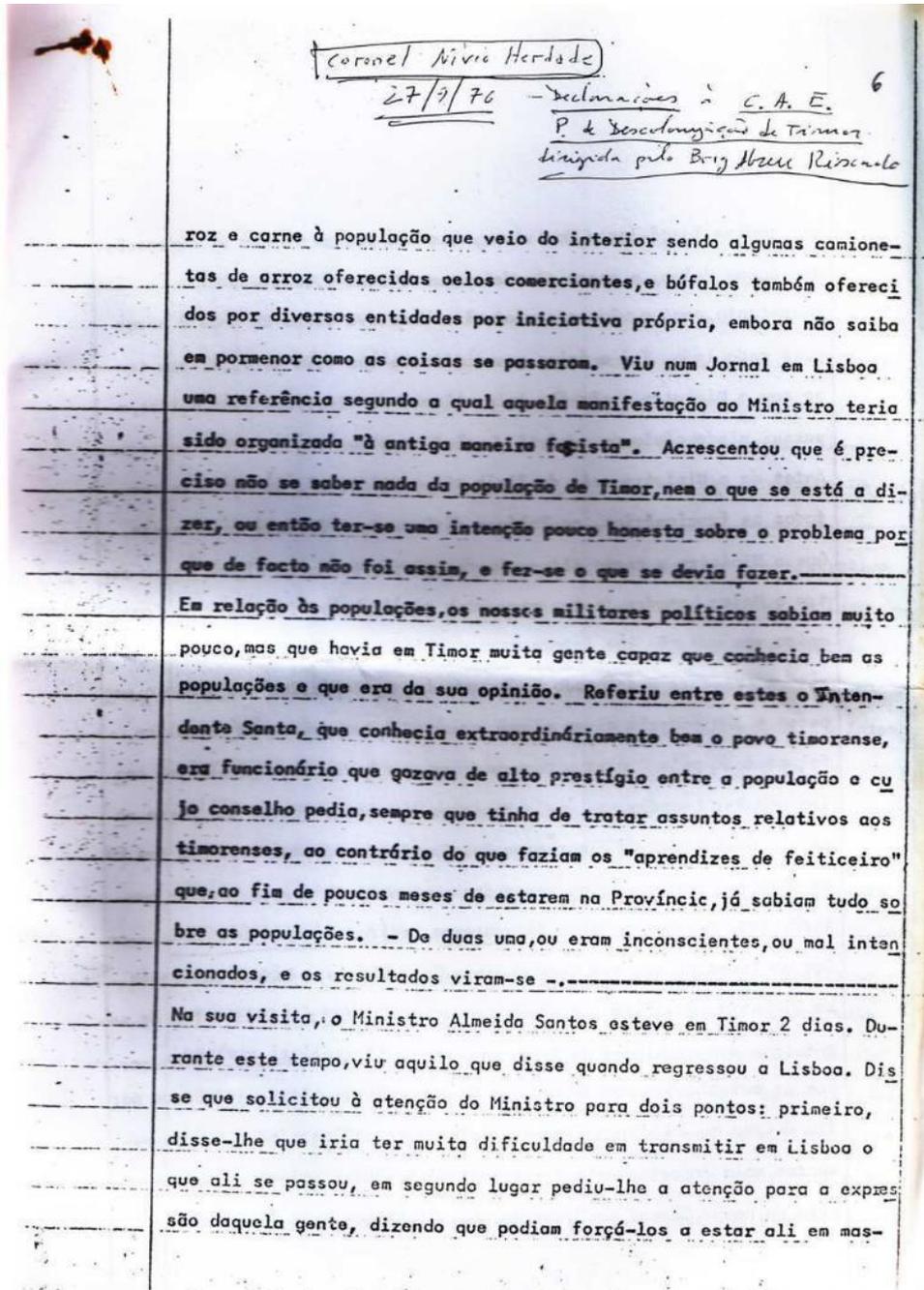
65 Licenciado em Filosofia na Universidade de Macau. Foi Vice-Governador de Timor após a invasão indonésia de 7/12/75. Mais tarde tornar-se-ia num conselheiro de confiança do presidente Suharto e um embaixador sem pasta para os assuntos de Timor Leste, e, Embaixador da Indonésia em Lisboa (2005-2008) e guardião da última bandeira portuguesa arriada no Ataúro em 1976.

66 O resto do diário desses anos loucos de 1973 a 1975 pode ser consultado no primeiro volume da Trilogia da História de Timor em inglês <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1004/TRILOGIA-VOL-1-East-Timor-secret-file-73-75-eng.pdf> e em português <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL--1--ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf>

67[só em 2013 reencontrei o Martinho e tivemos oportunidade de rir com os documentos que se seguem e as nossas memórias desse tempo].

fez, segundo penso e lamento, pois poderia ter usado esse material nos livros que publiquei para demonstrar melhor a incompetência, nepotismo, compadrio, corrupção e desleixo da administração colonial.

Extraio excertos recebidos no início do séc. XXI⁶⁸, e no qual constato como fui, como imaginava, injustamente, vilipendiado pelo Encarregado de Governo em Timor após a saída do Governador Aldeia, tenente-coronel Niveo Herdade em 27/9/1976⁶⁹(Relatórios da Descolonização de Timor: Relatório da Comissão de Análise e Esclarecimento do Processo de Descolonização de Timor)⁷⁰.



roz e carne à população que veio do interior sendo algumas camionetas de arroz oferecidas pelos comerciantes, e búfalos também oferecidos por diversas entidades por iniciativa própria, embora não saiba em pormenor como as coisas se passaram. Viu num Jornal em Lisboa uma referência segundo a qual aquela manifestação ao Ministro teria sido organizada "à antiga maneira fepista". Acrescentou que é preciso não se saber nada da população de Timor, nem o que se está a dizer, ou então ter-se uma intenção pouco honesta sobre o problema por que de facto não foi assim, e fez-se o que se devia fazer.

Em relação às populações, os nossos militares políticos sabiam muito pouco, mas que havia em Timor muita gente capaz que conhecia bem as populações e que era da sua opinião. Referiu entre estes o Intendente Santa, que conhecia extraordinariamente bem o povo timorense, era funcionário que gozava de alto prestígio entre a população e cujo conselho pedia, sempre que tinha de tratar assuntos relativos aos timorenses, ao contrário do que faziam os "aprendizes de feiticeiro" que, ao fim de poucos meses de estarem na Província, já sabiam tudo sobre as populações. - De duas uma, ou eram inconscientes, ou mal intencionados, e os resultados viram-se -.

Na sua visita, o Ministro Almeida Santos esteve em Timor 2 dias. Durante este tempo, viu aquilo que disse quando regressou a Lisboa. Disse que solicitou a atenção do Ministro para dois pontos: primeiro, disse-lhe que iria ter muita dificuldade em transmitir em Lisboa o que ali se passou, em segundo lugar pediu-lhe a atenção para a expressão daquela gente, dizendo que podiam forçá-los a estar ali em mas-

68 O material foi-me gentilmente enviado pelo General José Alberto Morais da Silva, ex-chefe do Estado-Maior da Força Aérea (nascido em 1941, falecido em 29/12/2014). Ligado ao "grupo dos nove", Morais da Silva exerceu o cargo até 9 janeiro 1977, tendo, durante o seu mandato, enfrentado o golpe militar do 25 de novembro de 1975, quando um dispositivo militar, com base no Regimento de Comandos, se opôs a uma tentativa de sublevação de unidades militares conotadas com forças de esquerda, tendo sido decretado o estado de sítio em Lisboa teve um papel importante no pós-25 de abril. Em 2000, escreveu com o coronel Manuel (Amaro) Bernardo, o livro Timor, abandono e tragédia, ed. Prefácio, no qual usou extratos do meu livro Timor Leste o dossier secreto 1973-1975)

69 na Comissão de Análise e Esclarecimento do Processo de Descolonização de Timor da Presidência do Conselho de Ministros

sa, podiam forçá-los a dar vivas, mas não podiam forçar as expressões das caras deles, e essas não deixavam dúvidas ...

Entretanto, como a viagem ao interior demorava cerca de 2 ou 3 horas para cada lado, foi a única possibilidade que teve de falar com tempo com o Ministro e pôr-lhe os problemas de Timor, que eram muitos, e possui ainda cópia do sumário dos assuntos que tratou e lhe entregou.

Antes de o Ministro sair de Timor, proporcionou-lhe um contacto com todos os funcionários, no Palácio do Governo e durante um beberete.

Que o Ministro a certa altura lhe perguntou se havia alguma coisa contra o Major Leandro, ao que respondeu que tinha ouvido dizer qualquer coisa, mas que não lhe interessava a vida particular dos outros, e que estava presente o delegado do Procurador da República que tinha o processo, e lhe poderia dizer alguma coisa.

O Procurador da República foi chamado pelo Ministro a quem disse que havia algo gravíssimo contra o Major Leandro, ao que o Ministro retorquiu "Então não posso nomeá-lo Governador de Timor," nomeou-o Governador de Macau... Crê que há em Lisboa 2 pessoas cujos nomes, por enquanto, não deseja revelar, que terão uma, a cópia parcial do processo, outra, a cópia integral ...

Que ao tempo em que era Governador, o Cor. Aldeia, o Consul português em Djakarta, Dr. Girão, tinha-o contactado para ir a Dili, a fim de se inteirar dos problemas de Timor e assim poder em Djakarta, colaborar com as autoridades portuguesas de Timor. O Coronel Aldeia quando partiu deixou ao declarante umas três folhas dactilografadas com os assuntos mais importantes a serem tratados. Entre estes constava a visita do nosso Consul em Djakarta, Dr. Girão que mais tarde se reali-

7

zou: Quando o Dr. Girão chegou a Dili, disse-lhe o declarante que poderia ali estar o tempo que entendesse conveniente, ver e falar com quem quizesse, mas que lhe impunha que contactasse todós os chefes de serviço civis e militares; com o representante da Associação Comercial, com os representantes diplomáticos acreditados em Dili, (Indonésia e China), com o Chefe do Estado Maior de Timor e, por fim, que viesse falar consigo e lhe dissesse se achava o seu procedimento correcto ou errado, o que ele assim fez.

Que passado algum tempo, chegou a Dili um Inspector Administrativo enviado pelo Ministério da Coordenação Inter-Territorial, o Inspector Sousa Santos, certamente para tomar conhecimento da situação, a quem recomendou o mesmo procedimento que tinha sugerido ao Dr. Girão. Estabelecidos os contactos e feitas as visitas que entendeu, o Inspector Sousa Santos compareceu no gabinete do declarante para lhe transmitir as suas impressões e dando-lhe a entender, no final, que o declarante estaria a ser apunhalado pelas costas pelo Chefe do Estado Maior de Timor, ao que o declarante respondeu que já o sabia. Mas que, apesar disso, tinha sempre feito o possível por manter toda a correcção, não deixando transparecer qualquer desacordo que pudesse ter repercussões sobre a população. O declarante manteve sempre esta conduta inalterável até ao dia da partida do Major Matelo e inclusive nesse dia, foi despedir-se dele ao Aeroporto. Quando se deslocava ao interior em visitas e contactos, quer com os militares, quer com a população, convidava sempre o Chefe do Estado Maior para o acompanhar ou, quando não o desejasse ou pudesse fazer, solicitava-lhe que

nomeasse um oficial para o acompanhar.

Também, tal como na Metrópole, começou a haver problemas no jornal, (insultos, críticas destrutivas, disparates, etc) que era dirigido pelo Alferes Miliciano Cristelo e que lá tinha sido colocado para orientar o jornal pelo Major Metelo. Começou a aperceber-se que o Alferes Cristelo em vez de ser isento, se servia do jornal para fazer a apologia das suas ideias políticas. Chegou a não publicar um discurso do Presidente da República, fazendo sair em contrapartida uma carta da Casa de Timor em que uns pseudo-intelectuais incitavam os enfermeiros do Hospital a ensinar aos médicos como é que deviam dirigir o Hospital e tratar dos doentes, usando uma prosa sem qualquer nível. Chamou a atenção do Chefe do Estado Maior para o caso e disse-lhe para avisar o Alferes Cristelo que não podia continuar assim e que não aceitava que se dirigissem ofensas a ninguém. A isto respondeu o Major Metelo dizendo que então havia liberdade e que, portanto, não poderia haver censura. Face a esta resposta, o declarante esclareceu que não desejava que se fizesse censura mas sim, controle de qualidade, e não havendo espaço no jornal para publicar toda a colaboração, seria apenas uma questão de se seleccionarem os melhores artigos. Mas as coisas pioraram de semana para semana, até que um dia face à esolada de disparates que o jornal inseria, determinou ao Chefe do Estado Maior que o Alferes Cristelo saísse do jornal e fosse substituído por outro oficial qualquer que não consentisse tais disparates. O novo director do jornal pareceu-lhe uma pessoa capaz de bem cumprir a missão, o que realmente aconteceu, e reco-

8

nhecendo-lhe a sua capacidade, determinou-lhe que o passasse a acompanhar sempre nas suas deslocações ao interior, gravando todas as declarações que o declarante fizesse, para que as pudesse reproduzir com fidelidade, dando-lhes difusão também com a mesma fidelidade. Entendia o declarante que por este processo, era possível fazer conhecer, além de Timor, todo o seu procedimento, sem que houvesse lugar para deturpações ou dúvidas quanto ao seu pensamento, em relação aos princípios enunciados pelo MFA. Embora solicitado, nunca deu entrevistas ao jornal, excepto quando soube da nomeação do novo Governador de Timor, e como tinha conhecido o Sr. Ten. Cor Lemos Pires na Guiné, e de quem ficara com uma óptima impressão, procurou nessa entrevista dar o maior relevo à personalidade do novo Governador e portanto abrir caminho para a sua aceitação.

Que o CEM nas mensagens que mandara para Lisboa "sem o seu conhecimento" dizia sempre que o Governo estava inoperante, mas o Governo estava inoperante porque não fazia os disparates que ele queria que fizesse, e que deram o resultado que mais tarde se viu, com outros que seguiram as suas pegadas. Nessa mensagem ele referia-se aos chefes de serviço, militares que tinham uma craveira fora de série, mas a quem ele chamava "inconformistas e reaccionários", assim como ao Comandante da PSP, ao chefe do Serviço de Justiça, ao chefe do Serviço da Marinha, pessoas com quem, antes do 25 de Abril, se dava muito bem, segundo se dizia, e de quem se afastou depois daquela data. Disse que tem em seu poder cópias dessas mensagens, e cujos originais supõe deverem existir no EMGFA e portanto serem juntas a este auto.

NOTA DO AUTOR: Inibo-me de tecer qualquer comentário⁷¹

71 sugiro a leitura do 1º volume da trilogia da História de Timor <https://www.lusofonias.net/arquivos/407/Timor-Leste/234/Historia-de-Timor-volume1-trilogia.pdf> - os meus arquivos foram remetidos e oferecidos à Torre do Tombo, resta esperar que um dia sejam tornados públicos para trazer a lume o que Timor era até ao fim da Administração Portuguesa. (Tudo o resto pode ler-se na citada Trilogia em 3 volumes e mais de 3760 páginas
vol. 1 <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL--1--ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf>
vol. 2 <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1008/TRILOGIA-vol.-2-Historia-de-Timor.pdf>
vol. 3 <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1006/TRILOGIA-vol.-3-Historia-de-Timor.pdf>

CRÓNICA 96-98, MACAU NÃO É TÉRA MINHA, 26 abril – 16 maio 2011
96-98.0. INTRODUÇÃO

(a Macau)

“Às vezes, temes que eu não te ame tanto quanto gostarias? Minha querida, eu te amo sempre e eternamente, sem reservas. Quanto mais conheci, mais amei.

De todas as maneiras até meus ciúmes foram agonias de amor; no mais violento acesso que sofri, teria morrido de amor por ti. Já te atormentei demais, mas por amor!

Posso evitá-lo? Sempre te renovas. O último dos teus beijos sempre foi o mais doce, o último sorriso o mais luminoso, o último gesto, o mais gracioso.

Ontem... fiquei tão cheio de admiração como se te visse pela primeira vez”.

John Keats

Vivi de 1976 a 1982 em Macau e ali aprendi imenso. Foi uma inolvidável experiência voltar em 2011 com os colóquios e durante dez dias estar rodeado daquela gente e cultura e fazer comparações muitas vezes negativas para a civilização ocidental onde vivo há 15 anos...

... em épocas de crise sobretudo de crises de valores parece haver um chamamento para as ancestrais práticas budistas, pelo menos em parte ... aliás viver na Lomba da Maia já é - em si mesmo - um despojar de materialismos inúteis...claro que muita coisa me desagrada na maneira de ser chinesa e Macau e HK são hoje capitais do consumismo desenfreado, mas existem ainda janelas de vida para além de casinos e coisas quejandas...

... aprendi lá que o presente nada conta sem carregar o passado e que o amanhã é sempre muito distante e é para ele que se deve trabalhar sabendo que nunca veremos frutos em vida.... fui criado como católico, apostólico romano, embora seja ateu..., se algum dia me aproximar de religião ou "modo de vida" será, sem dúvida o budismo. Mais do que uma religião, o budismo (Buda não era Deus nem seu representante) é uma filosofia de vida...

... já perdi a capacidade de ser vingativo..., mas sinto que apesar da elevada espiritualidade sem religião que possuo e de trabalhar graciosamente para a minha missão, defesa da língua de todos nós através dos colóquios da lusofonia, com prejuízo para o meu bem-estar e da família (quero só o suficiente para sobreviver), faz-me falta atingir a meditação transcendental, pois não passo da meditação básica...

... estou farto da maldade, da mentira, da injustiça que me rodeia, fujo das grandes cidades que aniquilam o ego naquilo que ele exige de direito à liberdade de pensamento e de expressão... tornei-me mais eremita que o Daniel (de Sá) e anseio por um nicho que (por vezes) os Açores já não proporcionam se bem que melhores que Lisboa, Porto ou PDL. ... enfim divagações e lucubrações mentais ensonadas enquanto gravo as atas que teimo em entregar antes do colóquio, desde 2002, em vez de fazer portuguesmente a entrega um ano após o evento...

todos têm noções demasiado rígidas e normas demasiado apertadas a que não sou capaz de me cingir, ..., já me chamaram tudo, mas como não sou de velcro não pega nada nem um só rótulo se agarra... divulgo os autores açorianos apenas porque gosto deles e entendo que todos os devam ler, nada mais, nem fama nem proveito busco que já tive toda a que precisava até aos 45 anos....

Marco Polo (1254-1324) viveu no Oriente por 18 anos, e adquiriu uma posição de prestígio na corte de Kublai-Klan. No regresso trouxe da China recordações curiosas para o Ocidente: macarrão, bússola, pólvora e a gravura de madeira, um antecessor da imprensa.

Quando esteve no cativo em Veneza, com o companheiro de prisão⁷², escreveu o que viu e ouviu na sua viagem pelo Oriente no “Livro do milhão de maravilhas do mundo”, conjunto de mitos e lendas, que, segundo ele, não era a metade do que viu. O livro serviu para despertar o imaginário e ambições dos europeus e para subjugar o Oriente à Europa pela ideia de que ali existia o Paraíso Terrestre.

Outro dos primeiros europeus por terras de Cataio, foi Frei Bento de Góis (1562-1607), um açoriano de S. Miguel, que entrou para os Jesuítas em Goa (1584) com dotes linguísticos e diplomáticos. Em 1595 foi emissário entre o Grande Mogul e o Vice-Rei das Índias.

Em setembro de 1602 partiu de Goa em busca de Cataio, reino onde existiriam comunidades cristãs nestorianas. A viagem era extensa (mais de 6 mil km), de longa duração (mais de três anos), com grandes

72 Rusticiano de Pisa (Rustichello)

obstáculos ao longo do percurso, muitos conflitos, uma profusão de reinos e grandes montanhas e desertos. Além disso, a maior parte do percurso foi em território de muçulmanos.

Em inícios de 1606 Bento de Góis chegou a Sochaw (Suzhou, agora Jiuquan), junto da Muralha da China, cidade próxima de Dunhuang na província de Gansu.

Góis provou que Cataio e o reino da China eram o mesmo, tal como a cidade de Khambalaik, de Marco Polo, era efetivamente Pequim.

Doente (por ter sido atacado, assaltado e ferido) e com poucos meios de subsistência comunicou-o em carta ao padre Matteo Ricci, residente na corte de Pequim, que lhe enviou o padre João Fernandes, um jesuíta de origem chinesa, para o conduzir a Pequim. Contudo, quando este o alcançou já Bento de Góis estava à morte, o que ocorreu em 11 de abril de 1607.

96-98.1. MACAU NÃO É TÊRA MINHA

A Crónica Açores em livro retrata amores de Timor, Macau, Austrália, Brasil, Bragança e Açores e, retratará a paixão súbita, surgida do nada, que foram uns dias em Macau e adjacências em 2011. Acordo a pensar e deito-me a sonhar com ela, divago todo o dia em mil e um recantos que guardo ciosamente na memória com medo de os perder. Essa mistura imagética combina culturas e sons e persegue-me com a sua mística enleante, atrai-me, chama-me e seduz-me em cabaiás provocantes, pede-me que a descubra como outrora a descobriram os portugueses que por ali andaram há quinhentos anos.

Macau é nome de mulher, de deusa, de sereia, religião, amores por mitigar. Agora, em vez de uma imagem mítica de uma terra retrógrada com algumas pinceladas portuguesas, surge uma nova identidade mais embiocada, voltada ao futuro, à imparável rapidez do progresso: prédios com andaimes de bambu, estradas, pontes e túneis, aterros e junção de ilhas.

Da vontade de criar coisas novas sem jamais descurar a herança do passado que marca a diferença entre esta urbe e as restantes megalópoles asiáticas. Nela, reavistei alguns esconsos lugares que guardei na memória velha de trinta anos, e redescobri uma cidade nova pujante de vida e de futuro, onde dantes habitavam fantasmas de passados coloniais cheios de plumas ocas de governantes, meros tigres de papel como aqueles papagaios de seda que se levam à praia de Hác Sa para voar ao domingo.

Revi amigos e familiares como se só ontem me tivesse apartado deles, não sem que antes deixasse cair a lágrima furtiva ao canto do olho, pelas memórias dos bons momentos passados juntos. É sempre bom saber que ainda há gente octogenária disposta a conduzir horas para se encontrar comigo, quando outros, bem mais novos, nem sequer uns passos dariam para o fazer.

Ao contrário de Vasco da Gama e comitiva que levavam oferendas de colares de contas e bugigangas, fomos (eu e a comitiva do XV Colóquio da Lusofonia) recebidos como se pertencêssemos a um séquito imperial na corte da dinastia Qing, que nisto de ancestralidade e de cultura e de sabedoria já as cultivam há milhares de anos.

Assim, tratam os forasteiros que vêm por bem, sem devaneios de um Quinto Império, trazendo na bagagem o sonho de uma Lusofonia universal que a todos irmane num mesmo denominador comum, uma língua que falam, trabalham e vivem, qualquer que seja a raça, o credo ou a nacionalidade.

Esta viagem ao sortilégio mágico dos orientes foi a primeira para muitos. Para outros tratou-se de revisitar memórias, rever lugares e pessoas, redescobrir espaços e tempos que numa qualquer situação anterior foram importantes. Para mim, havia a agenda secreta de cumprir mais uma missão impossível, salvar um crioulo maquista em vias de extinção, com a ajuda dos poucos que, denodadamente no local, o tentam manter vivo. Para isso haveria de congregar esforços e lutas e abrir novos rumos.

Era apenas um mero facilitador de vontades, um voluntário da Lusofonia, não buscando fama nem honrarias, apenas a possibilidade de fazer a diferença com os Colóquios a agirem como representantes da sociedade civil atuante. Bastava a honra de poder ouvir e aprender com os grandes mestres e patronos Evanildo Bechara e Malaca Casteleiro.

Nisto de insularidades já levo a minha conta de aprendizagens, feitas por medida no alfaiate dos sonhos, mas falta-me a imaginação de Marco Polo ou de Fernão Mendes Pinto para descrever esta inopinada ida ao Grande Império do Meio surgida, quase de imprevisto, no dealbar do outono da vida, tão rica e privilegiada de viagens e aprendizagens diversas em vários continentes.

Sempre tão pródigo em palavras fiquei acabrunhado, emudecido, e - até - consternado pela inadequação ao tratamento com que me honravam.

96-98.2. MACAU REVISITADO PARTE 1

O poeta devaneia, deus dispõe e o homem executa, estas poderiam ser as palavras que melhor definiriam a gênese deste 15º colóquio da lusofonia.

Segundo os arqueólogos, Macau⁷³ era habitada há seis mil anos (Neolítico). Na dinastia Ch'in Ch'ao Qin (248- 206 a.C.), pertencia ao condado de Panyu, prefeitura de Nanhai (hoje Guangdong, Cantão). Em 1152 (dinastia Song do Sul) o governo uniu as ilhas⁷⁴ para formar o condado de Xiangshan de que Macau passou a fazer parte. Nessa época, registou-se oficialmente a presença de habitantes em busca de asilo das invasões mongóis.

Na dinastia Ming (entre 1368-1644) pescadores de Cantão e Fujian estabeleceram-se em Macau, construíram o famoso Templo de A-Má e povoações como Mong-Há. Supõe-se que o original Templo de Kun Iam, se localizava precisamente nesta região do norte da Península.

Em 1535, as autoridades de Guangdong transferiram o departamento de tributação de comércio com o estrangeiro para Macau e autorizaram os navios mercantes a ancorar, o que deu origem ao desenvolvimento do comércio entre a China e o Ocidente.

Em 1554, o governo autorizou os portugueses a negociar com a China em Langbai e Haojing, o que facilitou a influência de Portugal em Macau nos séculos seguintes. Os portugueses estabeleceram-se, ilegal e provisoriamente em Macau, sob o pretexto de secar a sua carga e em 1555 começaram a frequentar uma pequena península na ilha de Hèong-Sán (Heungshan), hoje Tchông-Sán, no delta do rio das Pérolas. Na ponta meridional da península encontram um vistoso templo consagrado à deusa M-Nèong, vulgo A-Má que dava o nome de Amá-Ou ou A'-Má-Kong a essa baía que aportuguesaram para Amacao.

Em 1557, as autoridades chinesas deram autorização para os portugueses ali se estabelecerem, concedendo-lhes certo grau de autogovernação. Em troca, eram obrigados a pagar 500 taéis de prata de aluguer anual e impostos. Vinte e seis anos depois a povoação era já a Cidade de Nome de Deus, atual Ou-Mun com todas “as liberdades, honras e preminências” que gozava então a cidade de Évora⁷⁵ e era o único entreposto através do qual os chineses comerciavam com os vizinhos japoneses.

Desde então, desenvolveu-se como um entreposto e intermediário para o comércio entre a China, o Japão e a Europa que lhe trouxe enorme prosperidade, tornando-a numa grande cidade comercial que atingiu o auge durante os finais do séc. XVI e o início do séc. XVII. Desempenhou papel ativo e fulcral na disseminação do Catolicismo, sendo ponto de formação e partida de missionários para todo o Extremo-Oriente. O Papa Gregório XIII criou, em 1576, a Diocese de Macau e os missionários locais desempenharam importante papel no intercâmbio cultural, científico e artístico entre a China e o Ocidente e no desenvolvimento da cultura e da educação.

Em 1583, foi criado pelos comerciantes de Macau, o Leal Senado, sede e símbolo do poder e do governo local, organismo, considerado como a primeira Câmara Municipal, fundado para proteger o comércio, estabelecer ordem e segurança na cidade e resolver os problemas quotidianos. Apesar de a partir de 1623 Macau passar a ter um Governador português, o Leal Senado, continuou a manter grande autonomia até à primeira metade do séc. XIX e a exercer um papel fundamental na administração da cidade.

Em 1638-1639, o comércio com o Japão foi interrompido, devido à política de isolamento do xógum japonês, Tokugawa Iemitsu, o que afetou a economia local, que entrou em declínio. Em 1640, numa tentativa de restabelecer o lucrativo e importante comércio, os portugueses residentes de Macau enviaram uma embaixada ao Japão, mas, foi executada por ordem de Tokugawa.

Em 1641, outro acontecimento afetou a economia decadente de Macau: os portugueses perderam Malaca para os holandeses que já tinham conquistado possessões, zonas de influência e rotas comerciais portuguesas durante a ocupação filipina de Portugal. A perda da importante cidade e base comercial causou distúrbios e desvios da rota habitual efetuada entre Macau e Goa e a diminuição do fornecimento de produtos comercializáveis com a China.

Em 1644, quando as Coroas de Portugal e de Espanha já estavam separadas, encerrou-se o comércio com Manila, causando mais problemas económico-financeiros para Macau. Só com o fim da rivalidade luso-espanhola foi o comércio reativado.

Numa tentativa de ocupar Macau e a transformar em colónia, Portugal encetou uma série de invasões depois da Guerra do Ópio (1839-1842) mas em 1887, foi subscrito o “Tratado de Amizade e Comércio Sino-Português”.

73 (em chinês: 澳門; pinyin: Àomén; em cantonês, Ou-Mun)[15]

74 Dos condados de Nanhai, Panyu, Xinhui e Dongguan

75 Macau, Factos e Lendas de Luís Gonzaga Gomes, Tipografia Mandarim, Macau, outubro 1979

Quando a China e Portugal estabeleceram relações diplomáticas em 8 de fevereiro de 1979, os dois governos acordaram que Macau era parte integrante da China, provisoriamente sob Administração Portuguesa. Em abril 1987, foi assinada, em Pequim, a Declaração Conjunta Sino-Portuguesa, que marcou para 20 de dezembro de 1999 a data em que Macau regressa oficialmente à pátria.

Com a economia em rápido crescimento após a reunificação, tal como o seu símbolo tradicional, uma flor de lótus viçosa, Macau, desenvolve-se rumo à prosperidade e a um futuro brilhante.

Voltemos atrás para recordar que por volta de 1525, nasce um parente de Vasco da Gama, Luís Vaz de Camões⁷⁶, pertencente à pequena nobreza. Nomeado para provedor-mor dos bens de defuntos e ausentes da China, parte para Macau em 1556. Reza a tradição que esteve em Patane, sítio aprazível e pitoresco à beira-mar, a Gruta de Camões.

Conta a lenda que, enquanto ali permaneceu, escreveu, dia após dia, os versos de Os Lusíadas. Todavia, a própria gruta parece desmentir a versão da lenda: é extremamente pequena, uma fenda na rocha, que era - então salpicada pelas águas das marés altas. É improvável que Camões tenha conseguido permanecer nela.

A tradição plurissecular foi respeitada pelos historiadores e biógrafos do poeta, havendo apenas divergências acidentais por Teófilo Braga, Lacerda⁷⁷, Juromenha e Storck quanto à data da vinda, ficando, porém, de pé o facto principal, a estada do poeta em Macau, segundo longamente escreveu o Pe. Manuel Teixeira⁷⁸ que diz:

“... , mas nos primeiros anos do século passado, em 1907, houve quem pretendesse contestar este facto e relegar a tradição para os domínios da lenda”.

Já em 1899, o ilustre orientalista J. F. Marques Pereira, expusera fundadas dúvidas sobre a estada em Macau. Ora, há aqui duas questões que importa não confundir:

1.ª -Esteve Camões em Macau?

2.ª -Foi Camões Provedor dos defuntos e ausentes em Macau?

À primeira respondemos afirmativamente com a tradição. À segunda respondemos negativamente com razões históricas. Esteve Camões em Macau? Respondem afirmativamente brilhantes e profundos historiadores dos séculos passados.

Começou a negá-lo João Frick em 1907, o qual aventou a hipótese de o poeta ter ido morrer, "com a espada na mão, ao lado do seu Rei nos campos d'Alcácer-Quibir."

Depois, apareceram articulistas a copiar as objeções; o mais ilustre defensor da tese negativa foi Cunha Gonçalves que, no seu livro, diz que não esteve em Macau e ampliou a tese que João Frick⁷⁹ publicara no jornal "Portugal" porque, à data, não existia, não passando dum covil de piratas; Cunha Gonçalves diz que "entre 1556 a 1559, não havia chinesas cristãs..."

A isto respondeu o Dr. Jordão de Freitas em artigo publicado no Portugal n.º 98, 2 junho 1907, e reproduzido em O Oriente Portuguez⁸⁰, da seguinte forma:

"Antes de passar adiante, seja-me permitido advertir que Macau⁸¹, é nome que à ilha ou península se dava já em 1555. Uma das cartas escriptas por Fernão Mendes Pinto, quando fazia parte da Companhia de Jesus, editadas e anotadas em 1902 em Hamburgo pelo dr. Nachod, em face do códice 49-IV-50, fl. 95 a 98, é datada de "Amacao" no mez de novembro de 1555.

Nésta carta diz o auctor da Peregrinação: "Mas porque hoje cheguei de Lampacau, que é o porto onde estamos, a este amaquã que é outras seis leguas mais adiante aonde achey ao padre Mestre Belchior que veio aqui de Cantam..."

De Macau e do mesmo mez e anno de 1555 são datadas duas cartas do padre jesuíta Belchior Nunes Barreto; uma para Roma para Sto. Ignacio de Loyola e publicada em Coimbra (em hespanhol) e em Veneza (em italiano) no anno 1565; a outra remettida para Goa aos padres e irmãos da Companhia⁸².

76 filho do fidalgo Simão Vaz de Camões e de Ana de Sá Macedo,

77 João António de Lemos Pereira de Lacerda

78 <http://www.library.gov.mo/macreturn/DATA/PP272/index.htm>

79 No artigo de João Frick, com o pseudónimo de Gonçalo da Gama, publicado no jornal Portugal, n.º 2 de 1907, reproduzido na revista Oriente Português, vol. IV, abril 1907, pp. 150-156, há muitas inexatidões

80 vol. IV, n.º de julho e agosto de 1907, p. 293-94

81 (Maquao, Amaquao, Amacau, Amacoao, Amaquã, Amaquan)

82 de que se conserva copia no códice da Real Biblioteca da Ajuda 49-IV-49, fl. 236-237, bem como da primeira a fl. 237-241v."

Concluimos com palavras de Camilo Pessanha em "A Pátria"⁸³ (7 de junho de 1924):

“A vitalidade das tradições lendárias, depende essencialmente de dois requisitos. É necessário que o objeto a que se referem se imponha pela sua grandeza à admiração contemplativa de todos os tempos. É igualmente que a própria tradição, nos diversos fatores que a constituem, seja adequada a esse objeto.

As tradições pertencem ao folclore, há nelas, preponderante, um elemento estético; e toda a obra de arte precisa, antes de mais nada, de ser bem equilibrada. Quanto à grandeza gigantesca de Camões, e à da assombrosa epopeia marítima que culminou na formação do vasto Império Português do séc. XVI, estão acima de qualquer discussão. Resta ponderar se Macau, esta exígua península portuguesa do mar da China ligada ao distrito chinês de Hèong-Sán, tem qualidades que a recomendem para assim andar associada à memória dessa epopeia e à biografia do poeta sublime que a cantou.”

Voltando à lenda: Camões despediu-se da gruta, e apresentou-se ao Capitão da Nau de Prata. Interrogado sobre o papel enrolado que levava na mão, respondeu que era a sua fortuna, a epopeia *Os Lusíadas*, escrita na gruta, com toda a alma e toda a saudade de português, injustamente privado da pátria, seu maior tesouro e único companheiro de infortúnio.

Da amurada da nau, Camões ouviu uma voz de mulher que o interrogava sobre a sua tristeza. Era uma nativa de Patane, em quem nunca tinha reparado, apesar da extrema beleza. Tin-Nam-Men era o seu nome, significando “Porta da Terra do Sul”, a Porta do Paraíso. Ela observava Camões, há muito tempo, sem se atrever a falar-lhe. Perdidamente apaixonada, tinha-o seguido até ao barco.

*Partiu com o poeta, e conta a lenda que ali nasceu uma relação amorosa na vida romanesca de Luís de Camões. Com a Nau de Prata a afundar-se na foz do rio Mekong, embarcaram as mulheres num batel e os homens salvaram-se a nado. Camões, de braço no ar, segurando *Os Lusíadas*, nadou a terra, mas o barco foi engolido pelas ondas.*

Foi à bela Dinamene, como o poeta lhe chamou, que terá dedicado os belos sonetos "Alma minha gentil, que te partiste..." e também "Ah! Minha Dinamene! Assi deixaste".

ah, minha dinamene assi deixaste quem não deixara nunca de querer-te! ah, ninfa minha, já não posso ver-te, tão asinha esta vida desprezaste!	tão alma minha gentil, que te partiste cedo desta vida, descontente, repousa lá no céu eternamente e viva eu cá na terra sempre triste.
como já para sempre te apartaste de quem tão longe estava de perder-te? puderam estas ondas defender-te que não visses quem tanto magoaste?	se lá no assento etéreo, onde subiste, memória desta vida se consente, não te esqueças daquele amor ardente que já nos olhos meus tão puro viste.
nem falar-te somente a dura morte me deixou, que tão cedo o negro manto em teus olhos deitado consentiste!	e se vires que pode merecer-te alguma cousa a dor que me ficou da mágoa, sem remédio, de perder-te,
ó mar! ó céu! ó minha escura sorte! qual pena sentirei, que valha tanto, que ainda tenho por pouco o viver triste?	roga a deus, que teus anos encurtou, que tão cedo de cá me leve a ver-te, quão cedo de meus olhos te levou.

O Rio das Pérolas⁸⁴ desagua no Mar da China e banha, Hong-Kong e Macau. O próprio nome induz a promessas de riqueza e os encantos de Macau souberam atrair o pintor George Chinnery (1774-1852) que em 1825, chegou de Calcutá e ficou os restantes 27 anos de vida, o mais célebre pintor da sua história.

Durante a Guerra (1943), o artista russo George Vitalievich Smirnoff (1903-1947) refugiou-se em Macau e o macaense Luís Luciano Demée soube aprender rapidamente com ele. A técnica consistia em pinceladas vivas, produzindo aquarelas descrevendo os cenários românticos da cidade e o movimentado porto.

Outras personagens encantadas pelos sortilégios orientais aqui deixaram um considerável espólio literário: Manuel da Silva Mendes, de Famalicão que chegou em 1901 e morreu em 1931, contemporâneo de Camilo Pessanha, n. em Coimbra em 1867, residente em Macau a partir de 1894 onde faleceu em 1926.

83 (citado em <http://theprovince.blogspot.com/2010/03/macau-e-gruta-de-camoes-por-camilo.html>)

84 (Zhu Jiang, 珠江 pinyin: Zhū Jiāng)

Há ainda um macaense muitas vezes esquecido que é Luís Gonzaga Gomes, falecido em 1976 com 69 anos, autor de inúmeras obras. Gostaríamos de neste 15º Colóquio da Lusofonia render preito a Graciete Batalha (1925-1992), Adé dos Santos Ferreira (1919-1993), Deolinda da Conceição (1914-1957), Henrique Senna-Fernandes (1923-2010) e Rodrigo Leal de Carvalho (1932-)⁸⁵ entre outros.

Como dizia Mallarmé “... o mundo é feito para acabar num belo livro”.

Maria Alzira Seixo escreveu: *"a escrita de viagem não pode ser encarada de modo global: há tantas escritas de viagens como sensibilidades históricas, culturais e estilísticas."* (Seixo, 1998: 135⁸⁶).

A experiência da viagem, como deslocação no espaço e no tempo, sempre esteve intimamente ligada à escrita, e a partir do séc. XIX nasce o conceito de “Viagem ao Oriente”, espaço mítico, visão encantada de orientes fabulosos e mágicos onde os ocidentais projetam e fantasmas, etapa essencial da iniciação espiritual, quicá topográfica e topológica, à moda da velha Grécia com uma apropriação empírica, sensorial e intelectual do lugar. Decorrem no imaginário dos autores e nas pátrias inventadas, países mentais e utopias que visam retratar. O *Crónica Açores* (vol. 1) pretendia ser escrita de viagem, revisitação do mito do Oriente sem ser épica.

96-98.3. A ÁSIA RECEBEU OS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA NUMA PONTE ENTRE OS AÇORES E MACAU. 12 abril 2011

Como escreveu Eduardo Lourenço

“... os que lá [Macau] foram para sempre lá ficaram, há muito que era para o Ocidente a porta aberta e misteriosa para a quietude capaz de nos curar do demoníaco desassossego. Mas foi a chegada que a converteu para os outros em lugar de sonhos e fantasmagorias. Para nós, todas as viagens são viagens...”

Havia em mim como que uma reincarnação do Dragão oriental, um dos quatro animais sagrados convocados por *Pan Ku*⁸⁷ para participarem na criação do mundo. Há uma noção a reter: nunca nos seus séculos de existência deixou Macau de fascinar e de marcar indelevelmente os que por aqui passaram, como foi o meu caso entre 1976 e 1982. Aprendi novas linguagens e culturas enriquecendo a bagagem que comigo transporto às costas, caixeiro-viajante de sonhos que insisto em tornar realidade.

Assim se explica que este 15º colóquio da lusofonia tenha chegado não numa nau, mas nas asas desse sonho a que chamam Lusofonia, palavra que etimologicamente, significa fala dos lusos. Nessa definição cabem todos quantos falam, escrevem e trabalham a língua, independentemente da cor, credo, religião ou nacionalidade. Lusófonos são todos, quantos, falando a língua de Camões, sentem que algo têm em comum, de idêntico, mas também de diferente dos que habitualmente falam outra língua e com ela se identificam.

Esta definição será sempre um diálogo nessa secular língua, incluindo o conjunto dos países de língua oficial portuguesa e suas correspondentes identidades culturais, bem como todas as Regiões em que a Língua Portuguesa é utilizada como língua materna ou de património e abarcando os que trabalham como sua a Língua Portuguesa (mesmo que seja língua segunda, terceira, etc.).

Esta Lusofonia teve as suas raízes nos sécs. XV e XVI, quando passou a ser a principal língua universal entre todos os povos. Irmanava povos dos quatro continentes descobertos e tornava possível a mercancia e todos os atos entre nações e povos. Com ela se criaram novas comunidades que ainda mantêm os crioulos e a identidade herdada pela língua que os unia. Com ela se casaram e nasceram muitos dos que hoje dela descendem.

Os séculos passaram, a influência política desvaneceu-se e os laços religiosos foram irremediavelmente cortados na Comunidade Cristã Crioula da Ásia, mas os crioulos de Português perduram como herança. Isto de Lusofonias e Lusotopias tem muito que se lhe diga. Falta muitas vezes aos Estados Ocidentais a visão, o amor e a dedicação que só alguns indivíduos conseguem ter pela língua e cultura. Governos e governantes estão de candeias às avessas para a defesa desses valores, tal qual a população de S. Miguel nos Açores, está de costas para o mar, enquanto outros não vivem sem ele, como no Pico.

85 bibliografia <http://www.acvl.pt/titulos.php?selecao=aut&id=1847>

86 Seixo, Maria Alzira (1998) - Poéticas da Viagem na Literatura, Lisboa, Edições Cosmos.

87 O deus criador é um misto de vários animais místicos: Olhos de tigre, corpo de serpente, patas de águia, chifres de veado, orelhas de boi, bigodes de carpa, etc. Simboliza a sabedoria e o Império, com as suas quatro patas.

Foi com a percepção e a sabedoria, ancestralmente herdada por milénios de civilização chinesa que o Instituto Politécnico de Macau, através dos professores *James Li (Changsen)* e *Choi Wai Hao*, teve a visão de trazer este colóquio a Macau em abril 2011, reconhecendo a força e a capacidade de realização dos Colóquios da Lusofonia e de permitirem esta partilha imensamente rica, ofertando um patrocínio sem o qual jamais seria possível reunir tão vasto leque de especialistas. Graças a isso houve representantes dos quatro continentes da grande nação de lusofalantes.

Normalmente, o oriente veste-se de magia para os ocidentais e Macau acaba por ser mais esotérico nas conceções que dele se fazem, fruto de autores que aqui fizeram a sua base terrena. Foi com estas premissas em mente que cerca de quarenta pessoas partiram para o 15º colóquio. Para muitos seria um enorme batismo intercontinental e intercultural, para outros um regresso a uma terra que partilharam com sonhos e projetos vários.

A viagem iniciada dia 9 em Ponta Delgada terminaria em Macau dia 11 para 31 viandantes que se juntaram em Lisboa. Fomos recebidos no cais pelo IPM e transportados ao luxuoso Rio Hotel & Casino onde ficaríamos dez dias, a escassos metros do IPM.

Os temas escolhidos retratam bem a posição dos Colóquios, como construtores de pontes da Lusofonia. Sempre houve açorianos em Macau e foi daqui que o chá partiu para S. Miguel, onde existem as únicas plantações europeias da planta. Além das palestras, houve música, teatro e poesia de Macau, Açores, Galiza e Brasil.

A comitiva⁸⁸ incluía representantes das Academias de Língua Portuguesa e colegas dos Açores, Alemanha, Austrália, Bélgica, Brasil, Bulgária, Canadá, Espanha, EUA, Galiza, Gana, Malaca, Moçambique, Portugal e Rússia.

Na manhã seguinte com toda a pompa e circunstância abriu o colóquio, com espetáculos musicais, danças e cantares portugueses interpretados por jovens chineses, alguns aprendizes de português há meses; um recital do cancionista açoriano pelas mágicas mãos da pianista Ana Paula Andrade acompanhada da jovem e promissora soprano Raquel Machado (do Conservatório Regional de Ponta Delgada).

Depois das sessões do AO 1990 e outros temas, visionou-se um documentário sobre o quase extinto patuá de Macau seguido do primeiro banquete, oferecido pelo IPM, com laivos de corte imperial chinesa: 15 pratos e seis entradas, deixando a maior parte dos presentes de olhos e estômagos plenos de imagens e sabores. Momentos inesquecíveis na memória de muitos e a deixar antever o grau de hospitalidade oriental e seus protocolos rígidos, a que todos aderiram.

Nessa noite já todos diziam que seria difícil igualar esta receção e honrarias conferidas aos 48 participantes.

O segundo dia começou com o calor habitual 24-29 °C e humidade elevada, fazendo crer que S. Miguel nos Açores era seco. De manhã havia o roteiro cultural de Macau antigo, organizado pela Rosário Girão em homenagem a Henrique de Senna-Fernandes, com início no Jardim Camões onde junto à lendária gruta – num momento de magia inolvidável - se declamou poesia de Macau, Galiza, Brasil, África, Açores, com Vasco Pereira da Costa, Chrys, Concha Rousia e Luciano Pereira, ao som de fundo do Lian Gong (a ginástica matinal chinesa).

Seguiu-se visita ao Museu e às ruínas da Catedral de S. Paulo, ex-líbris que o fogo quase consumiu na totalidade há mais de 200 anos, terminando na Livraria Portuguesa antes do banquete português, oferecido pela Fundação Macau no Pinnocchio's da Taipa, ora remodelado com três andares em vez do andar que lhe conheci na década de 1970.

As sessões da tarde foram dedicadas a autores macaenses e a África, prosseguindo com uma sessão especial na Livraria Portuguesa onde os autores convidados (Vasco Pereira da Costa, Anabela Mimoso e Chrys Chrystello) iriam apresentar os seus livros. Começou com uma homenagem ao dono, o jornalista Ricardo Pinto, pela colaboração num programa mítico da rádio TDM (1980 “o uwhisky e a cola” de Chrys Chrystello). De abalada para o Forte de Mong-Há onde fica a Pousada do mesmo nome teve lugar o banquete oferecido pelo Instituto de Formação Turística.

A manhã do terceiro dia foi totalmente dedicada a autores macaenses, mais um banquete e, de tarde, a sessão da Literatura e Açorianidade onde se homenageava Vasco Pereira da Costa, e o autor da diáspora, Eduardo Bettencourt Pinto (Canadá).

Em seguida, fomos ao Instituto Internacional de Macau celebrar um protocolo seguido de palestras (ex-Governadores Garcia Leandro e Carlos Melancia) e um banquete ao ar livre de comida macaense.

No último dia de manhã houve textos dedicados a Macau e Açores estabelecendo as pontes que este colóquio se destinava a construir entre as insularidades da lusofonia. Ao almoço um banquete oferecido pela Direção dos Serviços de Turismo no luxuoso novo Hotel Lisboa Grand de Stanley Ho. Após a

sobremesa, fomos a correr de volta para o IPM e celebrar um Memorando de Entendimento, com convidados e vinte membros da comunicação social.

Seguiu-se a última sessão e as conclusões do colóquio, eivadas de agradecimentos e a promessa de regresso, por entre empenhos de lutar contra a extinção do crioulo local. Por fim, o toque mágico de um espetáculo musical com representantes de zonas geográficas da lusofonia, da Índia a África e Ásia, com passagem obrigatória pelos Açores. Terminou de forma sublime e mágica, desejosos de voltarem uns e ansiosos outros por se fixarem em Macau.

Os três dias seguintes, por conta de cada um, foram dedicados a visitar Zuhai na China, as ilhas da Taipa e Coloane, depois de se perderem na voragem consumista de compras de lembranças na Rua das Mariazinhas e no último dia foi para explorar à vol d'oiseau a enorme metrópole que é Hong-Kong.

Dos luxos e iguarias não falaremos, pois, a imagem de profissionalismo e rigor científico foi o que mais marcou este 15º colóquio que o IPM coorganizou na cidade do Santo Nome de Deus e que, dez anos após o regresso à pátria chinesa, fervilha de vida e de progresso.⁸⁹

Parafraseando Cristóvão de Aguiar⁹⁰ direi da Língua de todos nós:

"Amo-a sem o empecilho da palavra.

Amo-a com os olhos, os ouvidos, as narinas abertas ao cio de seus aromas.

Amo-a com sentidos conhecidos e desconhecidos, a imaginação em fogo.

Amo-a com as vísceras do corpo e da alma. Aprendi a amá-la.

O Amor aprende-se, cultiva-se, rega-se.

Necessária uma predisposição íntima onde se alastre essa Ferida Amável, como tão eloquentemente escreveu, em título de livro, o Poeta Egito Gonçalves. Os poetas têm sempre razão!"

É esse amor e o espírito de poeta que nos trouxe e aos convidados até Macau onde vivi seis anos, para o maior colóquio realizado até hoje. Bem hajam por terem apoiado este sonho.

96-98.4. POESIA

Deixei a poesia de parte ao sair de Macau em 1982, quiçá por ter secado a veia inspiradora, ou por a sentir arte menor. Passaram muitos anos até botar a pena ao papel na alva folha que me confrontava. Foi em Floripa (Sta. Catarina, Brasil) numa sessão do 13º colóquio, em pleno palco, ao lado do Vasco Pereira da Costa e Anthony de Sá, que não resisti, pois, o Vasco não era um poeta, instilava e destilava poesia. Concha Rousia convenceu-me (outº 2010), a associar-me à declamação que fizemos em ambiente irrepitível na Gruta de Camões (abr 2011).

96-98.5. MACAU SEMPRE RENOVADO

Deixei Macau depois de seis anos de permanência numa modorra ocidentalizada, entorpecida pela opiácea sonolência dos que ali viviam, sem rumo nem guia, por parte da Administração Portuguesa inócua, para vir a encontrar a cidade e ilhas pujantes de uma vitalidade assustadora, na voragem de progresso que se não compadecia com o lento reviver de memórias passadas, mas ainda as respeita e preserva para delas obter mais-valias e benfeitorias.

A cidade fervilha de gente e de atividade, incapaz de parar e se deleitar com as glórias passadas na nova realidade de um país e dois sistemas, preservando muitos dos antigos encantos e acrescentando os traços inelutáveis da modernidade dos seus 28 casinos que são o motor e o combustível de novas quimeras. Aqui, tem-se a sensação de que querer é poder, quer na reconquista de terrenos ao delta do Rio das Pérolas - que já duplicou a área do território -, quer na busca incessante por novas atrações que lhe permitam ser a mais moderna e a mais antiga das cidades na Ásia e a única que respeita a herança arquitetónica ocidental.

A hospitalidade e a gentileza das gentes desvaneceram, encantando e tornando irrepitível o colóquio, desde os banquetes aos pequenos detalhes e atitudes pensadas na minúcia que só as mentes orientais

89 NB: O 15º colóquio teve o alto Patrocínio do Instituto Politécnico de Macau (que, para além de proporcionar a viagem e estadia, concedeu apoio logístico à comitiva, e apoiou a estadia e alimentação dos restantes oradores num gesto magnânimo, raramente visto quando todos clamam crise para se escusarem a apoios culturais, bem como apoios da Câmara Municipal da Lagoa (Açores), Presidência do Governo Regional dos Açores (Direção Regional das Comunidades), e patrocinadores locais: IIM (Instituto Internacional de Macau), Fundação Macau, Gabinete de Apoio ao Secretariado Permanente do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, Direção dos Serviços de Turismo de Macau, Instituto de Formação Turística de Macau. Veja fotos em <https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1806-2014-11-23-13-49-15.html> e <https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/698-macau-15o-coloquio-2011-fotos.html>

90 In Cristóvão de Aguiar (in Nova Relação de Bordo, diário ou nem tanto ou talvez muito mais, Publicações D. Quixote, 2004)

conseguem. Nada foi deixado ao improvisado, como é apanágio de portugueses e brasileiros. Tudo funcionou num rigor e pontualidade de fazer corar os britânicos.

Em todos ficou a mágoa da falta de tempo para ver e aprender mais e - estamos certos - muitos vão voltar para continuar a lição eterna de aprendizagem que caracteriza a mente oriental. Isto apesar de alguns não se terem acostumado a olhar para o lado correto, nas passeiras onde os peões têm de se precaver do ininterrupto trânsito (aqui guia-se do “outro lado” em relação a Portugal).

Também houve quem temesse comidas que desconheciam, inacostumados a tentar o que é novo, mais preocupados em dominar a maestria dos pauzinhos do que perder os pitéus e iguarias que se sucediam a ritmo alucinante qualquer que fosse o local de almoço ou jantar.

Os colóquios sempre primaram pela facilidade com que tornam desconhecidos em amigos e colegas e desta vez Macau não foi exceção, criando-se pontes entre culturas, levando a que ateus visitassem compungidamente templos budistas, taoistas e outros numa busca incessante de respostas a questões fundamentais que os atormentam.

Gostava de saber responder à Ana Dias, colega jornalista da TDM / RTP / LUSA, que perguntou sobre o turbilhão de emoções dentro de mim, mas não pude nem sei. Uma controversa mistura de sensações, cheiros, cores e dores. A emoção descontrolada de voltar aonde se não pensou regressar, rever pessoas nunca esquecidas, afastadas pela lonjura dos mares, revisitando passados e viver presentes sonhando futuros. Esta poderia ser a resposta, mas nem eu estou certo de que o seja. Agora, resta cumprir projetos:

... convidar tradutores para traduzirem obras de autores portugueses de matriz açoriana para chinês.

- Apoiar a criação de uma cadeira de patuá e respetiva base de dados sobre o papiçám di macau e o papiá kristang de Malaca e apoio às entidades que se dedicam a tal estudo.

- Garantir a disponibilidade total dos colóquios perante o IIM, a Escola Portuguesa de Macau, o Grupo de Teatro Dóci Papiçám di Macau do Dr Miguel de Senna-Fernandes, a APIM do Dr. José Manuel Rodrigues, para uma publicação regular de cadernos de patuá. Igualmente se pretende, ao abrigo do recente protocolo com o IIM e do memorando de entendimento com o IPM estudar a possibilidade de criar a cadeira de estudos de patuá a ministrar presencialmente e preparar uma versão em plataforma e-learning ou e-ensino.

- Propor a coedição de antologia de autores macaenses, se possível bilingue (pt-ch) buscando para o efeito parcerias locais que apoiem o custo da edição e da distribuição.

- Propor à TDM (entre outros) um documentário sobre a presença de açorianos em Macau (ex. ° D. Jaime Garcia Goulart, D. João Paulino de Azevedo e Castro, D. Arquimínio da Costa, D. José da Costa Nunes, D. José Vieira Albernaz, D. Manuel Bernardo Sousa Enes, D. Paulo José Tavares, e outros).

(Nota: apenas este último projeto arrancaria, em papel, nos colóquios seguintes graças à persistência de Raul Leal Gaião e de Monsenhor Ximenes Belo).

Criou-se uma vontade imensa de voltar, viver mais intensamente esse mundo a que chamei meu durante uns anos e depois arqueei no ficheiro perdido das memórias.

Recuperar lembranças e criar novas referências futuras, partilhadas com a mulher e filho mais novo.

Lastimar as ruínas do velho Hotel Estoril na Sidonau Pasi onde vivi seis meses, os primeiros da minha estada em Macau, apreciar as lagoas artificiais na Praia Grande em frente ao apartamento da CEM onde vivi anos, hoje um mero prédio muito pequeno no meio de enormes arranha-céus.

Perder-me na vila de Coloane, parada no tempo e nos tempos, onde um grupo de jovens chinesas fazia poses em frente à montra da pastelaria onde se anunciavam os (portuguesíssimos) Pastéis de Nata.

Não visitei os casinos que desses as memórias são nefastas, mas aproveitaria para visitar todos os prédios ora recuperados, pintados e revitalizados e que os portugueses haviam deixado cair na incúria e no desleixo de ocupantes ingratos da península.

Havia de percorrer o circuito da Guia em novo formato e de faces remodeladas lembrando as reportagens que lá fiz e os aceleramentos diários. Veria as ilhas em busca de lugares perdidos no tempo e memória, reencontrar amigos e conhecidos (que não se dignaram vir ver-me) e redescobrir a nova Macau para sempre gravada na memória dos que nos acompanharam.

96-98.6. DA EUROPA AO ORIENTE-DO-MEIO

Em 2011 regressei a Macau após um interregno de quase três décadas. As inúmeras contradições emocionais que me assolaram, na viagem, estadia e semanas subsequentes foram um turbilhão imenso de sensações e afeções.

Raramente escrevi sobre Macau, pois nunca consegui encapsular a célebre cantiga em patuá:

*Macau, nôssa téra
Humildi, di grândi nobréza
Téra pichóti di tanto chiste
Unga fula pa quim ta triste Macau,
nôs-sa téra
Na mundo nom tem ôtro igual
Casa di paz, di caridadi
Unga casa pa tudu genti Macau,
Santo Nômi qui Diós j'abençoâ Macau,
'nga tesóro dóci qui nós guardâ
Téra di sonho, di esperança
Téra di bondádi
Ai bonitéza Macau, nôssa téra"*

Nem sentia minha a canção original dos *Thunders* e Rigoberto do Rosário (1970):

*Macau, terra minha.
Trazes a lembrança de uma quinta.
És coberta de folhas e flores.
São alegres as suas cores.
Macau, terra de lendas.
Os contos são as suas fazendas.
Os monumentos históricos que tens,
e o ambiente português que manténs
Macau, vivestes sempre longe da sua mãe.
Macau, és a menor da sua família.
És tranquila, e bonita, símbolo da paz, e da beleza.
Macau, terra minha.*

Parti a primeira vez para os orientes exóticos e mágicos de Timor em setembro 1973 e no natal de 1976 repeti a viagem, ficando-me por Macau. Iria fazer esse percurso dezenas de vezes ao longo dos anos, sempre atraído por esse íman cultural oriental que tanta alma cristã tem roubado ao ocidente. Quiçá o magnetismo ferroso das pedras da Muralha da China, aliado ao exotismo das mulheres, aos costumes tão diferentes e agradáveis⁹¹.

Macau nunca fora terra minha, estava a caminho da Austrália, um ponto de passagem e paragem para mais tarde apreciar. Ao contrário de Camões não fui para ali desterrado.⁹² Embora não se exile um inimigo desprotegido e desvalido com uma provedoria, cujo triénio afiançava uma riqueza relativa, Provedor dos Defuntos e Ausentes de Macau, Camões fruía abundantes recursos para trabalhar com sossego, despreocupado, estudando a história e a geografia asiática nas *Décadas* de João de Barros, ao passo que cinzelava de primorosos labores a epopeia arquitetada. Apreciava mais os gozos, a magnificência, as comoções do que os pardaús amuados na arca: «*Os que se cá lançam a buscar dinheiro, sempre se sustentam sobre água como bexigas...*».

Eu não amealhara pardaús nas arcas enquanto ali vivi provendo apenas dos vivos e presentes que dos defuntos e ausentes reza a História.

96-98.7. MACAU 1977 e GARCIA LEANDRO

Ao chegar a Macau em 1976 tinha um certo temor relativo ao Governador, (o então) major Garcia Leandro que curiosamente no 15º colóquio em 2011 (como general na reserva) iria partilhar comigo o palco no Instituto Internacional de Macau, numa sessão paralela dos Colóquios, a palestrar sobre o mundo atual

Saibamos o porquê do meu temor em 1976, recordando excertos do livro *Timor-Leste Dossier Secreto 1973-1975*:

91 (excetuando aquela mania de comerem tudo o que seja animal... (se mexe, é comestível, dizia-se)

92 Luís de Camões, apontamentos biográficos, prefácio da edição do Camões de Garrett com notas de Teófilo Braga

Maio 1974: delegados da Junta de Salvação Portuguesa são esperados em Timor trazendo - espera-se - o cheiro fresco dos cravos encarnados e da revolução de que tantos ouviram, mas ainda não puderam observar. Um, é o Major Garcia Leandro conhecido de Timor, de anterior comissão em que fora Secretário do Governador (Brigadeiro Valente Pires).

Alguns incidentes administrativos ocorreram. Posteriormente, um inquérito oficial foi rapidamente arquivado, mas um enorme montante [dizem que mil e quinhentos contos] levava sumiço sem se saber para onde ou como. A comunidade chinesa, que não esquecera esse incidente, é perentória sobre o não-regresso do Sr. Major Leandro sendo cooperante com provas sobre os incidentes.

Mais tarde (outº 1974) jornais de Portugal especulam sobre o Major Leandro ser Governador de Timor. Dadas as pressões dos chineses e as notícias veiculadas pelos dois jornalistas em Timor⁹³, acaba por se contentar com o cargo de Governador de Macau. Durante a controversa visita dos delegados da Junta, Leandro faz declarações ambíguas e nebulosas. Apoiada por estas declarações a emissora local apressa-se a proclamar que 'se o Governador Aldeia for afastado haverá um banho de sangue devido ao seu conhecimento profundo da população local.'

Criticamente, afirmei, em editorial no jornal local "A Voz de Timor", que o postulado destas premissas está fundamentalmente errado. Diante de centenas de pessoas reunidas no Ginásio Escolar para escutar as vozes da revolução o Major Leandro proclama que o semanário "Expresso" é sensacionalista e incorreto na sua reportagem sobre Timor e promete descobrir, no regresso a Lisboa, quem foram os autores das 'notícias alarmistas que "conspiram contra a paz e tranquilidade na ilha."

Há duas pessoas a escrever para o "Expresso": Cristóvão Santos, Diretor da Imprensa Nacional e eu, fazendo parte das revelações do "Aldeiate" quando o Governador Aldeia chamou traidores aos revoltosos de então, agora no governo. De facto, a cópia do discurso de Aldeia fora escamoteada para fora do território utilizando hippies australianos rumo ao Cupão e outra cópia enviada sob nome falso, de forma a não alertar os censores. Não era a forma adequada de começar a descolonizar a mais distante e esquecida colónia do Império Português que ora se desmoronava."

O medo de encontrar em Macau o Governador ficaria adiado um ano e ocorreria em 1977 quando no Colégio Santa Rosa de Lima, fui apresentar um programa de Jazz japonês a transmitir pela TDM/ERM. Estava, calmamente à porta, a fumar um cigarro quando entra o Governador e diz "ah ...nós já nos conhecemos de Timor, não é?".

Sinceramente pensei que na manhã seguinte me iriam buscar, sem malas feitas, e escoltar até ao aeroporto de *Kai Tak*, em Hong-Kong, como era costume fazer aos indesejados. Apresentei o programa de jazz e fui para casa, lutando contra a insónia, pensando que não iria completar um ano de estadia em Macau.

Foram infundados tais receios e fiquei seis anos e conhecer outros governadores (Melo Egídio 79-81 e Almeida e Costa 81-86). A minha relação com o Governador Leandro foi pacífica e nada havia a apontar. Certamente, só eu me lembrava do episódio e o mesmo nada significava para ele, predestinado a voos mais altos, que os políticos nunca guardam memória destes pequenos desaires.

96-98.8. MACAU PORQUÊ?

Mas a pergunta que um leitor atento possa fazer é *como fui para Macau?* O ano de 1975 foi um verdadeiro Anno Horribilis. As ténues memórias que guardo, prefiro que fiquem enterradas no enorme baú da bruma dos tempos.

O companheiro de armas em Díli, o João Fernando Queiroz de Vasconcelos, emprestara-me (ao vir de Timor) um descapotável *Auto-Union (AUDI) SP 1000*, motor rotativo *Wankel* e na garagem do meu sogro havia um *Skoda 1000 MB*. Arranjei-o, artilhei-o, e tirei-lhe os para-choques ficando com melhor aspeto, condizia comigo, jovem, economista, ambicioso, desempregado, sem posses e longos cabelos lavados duas vezes ao dia.

Ninguém me dava a hipótese de trabalhar em Portugal apesar de centenas de cartas de candidatura e dezenas de entrevistas. Quem iria empregar uma imitação bem-falante de Jesus Cristo? Apenas uma fábrica de botões, gerida por comunistas, perto do Palácio do Freixo (Porto), me ofereceu emprego, mas propunham retirar 70% do vencimento para o Partido. Não aceitei. Ia continuar sem clube nem partido. Faria disso uma promessa até hoje. Simpatizante clubista sim, mas sócio não.

Dediquei-me ao fotojornalismo com o amigo Pedro Ricca: fotos de crianças colunáveis do jetset portuense, ganhava-se uns tostões e dei explicações sobre o marxismo a uma recém-entrada na universidade.

Tinha tudo programado para regressar a Díli após uns dois ou três meses de férias em Portugal. Lá deixara mobília, casa (apartamento na SOTA), moto, etc.

Descobri no início da guerra civil timorense de 11 agosto 1975 que a ida estava comprometida e não poderia regressar gratuitamente nos aviões da FAP⁹⁴. Não bastava suplicar para regressar, nem o meu pai nem o meu padrinho (administrador do Banco Totta e Açores) me emprestavam dinheiro (creio que 20 contos [100 euros]) pois sabiam que jamais regressaria.

Depois vieram os indonésios a 7 de dezembro e soube que nunca mais iria voltar.

Depois de tudo tentar e já em desespero de causa resolvi apelar ao major Carlos Carrilho, meu ex-chefe dos Serviços de Intendência Militar em Timor, para ver se tinha conhecimento de algum trabalho. Felizmente, acabara de ser nomeado Administrador da Companhia de Eletricidade de Macau e precisava de mim para gerir o setor administrativo, pessoal, armazenamento e transportes da nova central termoelétrica em Coloane.

As condições eram boas para um jovem de 26 anos: cinco mil e quinhentas patacas iniciais, ao mês, isentas de impostos, cama sem mesa nem roupa lavada. Casa mobilada, todas as despesas médicas pagas, carro da companhia, energia elétrica (a mais cara do mundo) totalmente paga, três meses de férias e voos pagos em qualquer parte do mundo de dois em dois anos. Cortei o cabelo, comprei fatos novos e aceitei.

Depois de duas idas a Lisboa onde me avistei com os administradores da CEM⁹⁵, Eng.º Martins Dias e major Carlos Carrilho, após o típico bife, assinei contrato à sobremesa, em plena Cervejaria Portugalíia na Av. Almirante Reis, em outubro com partida marcada para o Natal 1976. Fiz estágio na Central do Carregado onde aprendi burocracias de Central Termoelétrica.

Continuei a escrever longas missivas para Bali onde estava aquela com quem fantasiei (durante anos) que iria viver o resto da vida. Chegado o Natal, despedi-me de todos e parti. Era o único feliz, os restantes, tristes e sombrios. Estava de volta ao Oriente exótico que me enfeitiçara. O destino não era Bali, Austrália ou Timor, mas Macau perto de qualquer um daqueles destinos, e que poderiam estar ao alcance a curto prazo, logo que tivesse direito a férias, com o vencimento que iria auferir.

Um verdadeiro tiro no escuro dourado pelo avultado salário que iria fazer esquecer ano e meio de vida miserabilista numa existência marital atribulada sem que o nascimento dos filhos me impedisse de sair do país a todo o custo.

Não podia voltar a Timor (ocupado ilegalmente pela Indonésia) e não tinha autorização de emigrar permanentemente para a Austrália.... tudo se iria resolver, as expetativas eram altas e a solução fora partir de Portugal desde que infelizmente voltei em junho 1975. Considerava esse interregno o preço a pagar.

Ali estava na década de 1970 pronto a partir para esse célebre porto da Rota da Seda em pleno delta do Rio das Pérolas e com o toque mediterrânico que a presença portuguesa ali implantara. À chegada tinha um funcionário da CEM (ainda me lembrava do nome, Sr. Cruz dos serviços administrativos) à minha espera e dum colega, Eng.º Saltão com a Helena e Filomena (mulher e filha) que haviam chegado nesse dia a Hong-Kong. Ficamos instalados no Hotel Estoril na Avenida Sidónio Pais.

Como era meu direito, tinha requisitado uma casa de 3 quartos.

Logo na primeira semana fomos homenageados com um jantar de 15 pratos oferecido pela administração da CEM, com Ho Hin (deputado em Pequim e o verdadeiro poder em Macau), Roque Choi e outros dois administradores portugueses da CEM. Ali me debatera pois não sabia comer com os pauzinhos. Nos vários jantares, que a administração chinesa da CEM ofereceu, debati-me sempre com enormes dificuldades em utilizar os pauzinhos (*fai chi*)⁹⁶.

94 Força Aérea Portuguesa, aviões militares

95 (Companhia de Eletricidade de Macau)

96 Há pauzinhos de bambu, de osso, de prata ou de jade, mas a maioria é de plástico ou de madeira de faia. Uns são decorados a ouro e outros pintados com caracteres. Mas há 3000 anos, altura em que se acredita que os pauzinhos tenham sido inventados na China da dinastia Shang (1766-1122 a.C.), não passavam de meros galhos de árvore que levavam à boca a comida quente, se bem que o último imperador desta era já tenha mandado fazer os pauzinhos em marfim

Um dos administradores da CEM, o saudoso Roque Choi (homem forte da administração sombra chinesa e uma joia de pessoa com enorme poder) disse-me no banquete de boas-vindas em janeiro 1977: *vá para casa e experimente, comece com uma bola de papel grande, vá diminuindo o tamanho até conseguir apanhar uma ervilha, nesse dia saberá comer com os pauzinhos*. Assim fiz e aprendi. Ainda uso esse exemplo para ensinar os que os não sabem utilizar. Em Timor comia imensa comida chinesa, em restaurantes como o A-100 ou A-200 ou outros, sempre com talheres, nunca antes experimentara os pauzinhos...

Eram poucos os lusitanos à época⁹⁷. Acabaríamos por totalizar 80 tecnocratas ao fim de um ano e pouco. Fomos os primeiros duma nova leva colonial. Éramos mal recebidos e mal vistos pelos locais. Salários exorbitantes, casas pagas e demais regalias. Os locais tinham salários de fome e condições de vida inferiores.

Uns anos depois a nossa presença seria totalmente apagada pelas condições milionárias firmadas por novos abanadores da árvore das patacas. Chegaram no início da década de (19)80, mais de 2 mil portugueses (posteriormente seriam dez mil), até à entrega de Macau à República Popular da China em 1999.

Como residentes permanentes, havia meia dúzia de portugueses, normalmente acompanhando cada Governador, mais as famílias locais, seculares descendentes de portugueses, e um ou outro soldado, polícia ou militar que se perdera após a tropa. Essas famílias macaenses tinham normalmente sangue português, chinês, malaio ou goês, mesclado desde há séculos em proporções variáveis, e muitas falavam entre si um crioulo local, o patuá ou *Dóci Papiaçám di Macau*. As suas feições eram variadas, das mais ocidentais às mais orientais, das mais claras às de tez mais escura de origem malaia. Uns andavam nos colégios chineses, outros no Liceu ou nos colégios de língua inglesa. Eram quase todos políglotas em busca de uma identidade. Maltratados pelos chineses, que não gostavam das meias-castas, e tratados abaixo de cão pelos portugueses, que os julgavam inferiores, desconhecendo ou menosprezando a sua herança cultural e genética. O resto dos cerca de 300 mil eram chineses.

Comecei a degustar a comida local bem diferente da comida mais picante pela influência malaia a que me habituara em Timor. Apreciei também, que nisto fui sempre uma pessoa aberta, novas culturas, novas línguas, novas experiências. A adaptação inicial foi fácil.

O pior foi que, para ocupar os tempos livres e em busca de novas sensações, me tornara assíduo cliente do Casino Lisboa, do magnata Stanley Ho. Rapidamente perdi quatro meses de vencimento. Acabava de trabalhar, metia-me na carrinha de sete lugares, minha viatura oficial nos primeiros tempos e lá estava no Blackjack com os companheiros. Ao fim de algum tempo a meter vales de adiantamento resolvi pedir ao Saltão, que era o menos jogador de todos nós, que servisse para rebentar com a banca. Assim, recuperei numa semana, o que perdera em meses.

Comprei uma aparelhagem para substituir a de Timor (que tinha vendido em Díli em 1974 para fazer a viagem para a Austrália). Quando cheguei ao Hotel Estoril trazia um combo da Philips com toca-discos, toca cassetes e rádio mais um televisor da mesma marca. Jurei nunca mais entrar num casino para jogar, promessa até hoje cumprida, passados mais de trinta anos.

O principal casino era o Lisboa, o maior e mais importante do Oriente, pertença de Stanley Ho que o criara em 1962 (o monopólio duraria até 2002) com os sócios. Os casinos eram diferentes dos europeus, os chineses, os tancareiros, entravam descalços e maltrapilhos, mas apostavam fortunas que nunca ganharia em toda a vida. Como amealhavam tais fortunas escapava ao meu raciocínio, mesmo admitindo que negociassem em drogas, tráfico de pessoas ou mero contrabando para a China.

Nos cantos dos salões de jogo havia escarradores, frequentemente utilizados por entre o nevoeiro de fumo e de cheiros intensos que caracterizavam o Lisboa naquela era. Nunca se sabia se era dia ou noite, a menos que se sáísse daquele antro. Pessoas sem saberem em que dia da semana, mês ou ano estavam. Havia quem lá vivesse enquanto havia dinheiro para pagar o quarto. Era uma fauna diferente de tudo o que vi nos casinos europeus.

O que mais impressionava era a falta de charme e de glamour associada aos casinos em Portugal na década de 1970. Havia toda uma fauna diferente de agiotas a prostitutas e meros viciados no jogo. Nunca me esqueceria de - no meu primeiro ano novo chinês em 1997 - ver uma tancareira⁹⁸ maltrapilha e descalça,

97 na CEM estavam Norberto Tavares da Silva, mulher e 2 filhos, João Jacques Valente, mulher e 2 filhas, Mário Saltão, mulher e filha (chegou no mesmo dia), Luís Quintela e mulher, João Lima e mais um ou outro engenheiro ou engenheiro-técnico, que naquela época ainda se discriminavam uns dos outros

98 Mulher que tripula o tancá. "tancareira", Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha] <http://www.priberam.pt/dlpo/tancareira> [consultado em 07-01-2016].

entrar e sentar-se numa mesa de boule ou bacará (ou seria nos mais tradicionais e tipicamente jogos chineses do Fan Tan? ou no Sic bo (骰寶), vulgarmente chamado dai siu (大小), grande ou pequeno (hi-lo). Trazia um molho de fichas equivalente a muitas vidas inteiras de salários minhas. Ali ficaria até os perder e regressaria à embarcação para labutar mais um ano. Não saiu mais cabisbaixa do que entrara. A resig-nação fazia parte do jogo tal como a alegria quando se venciam aos dados, aos botões ou à bola da roleta.

Não se viam funcionários públicos nos casinos, pois estavam estatutariamente proibidos de lá entrar, exceto nos feriados. Todos os executivos da CEM (antes de ser anexada pela EDP) eram considerados privados, embora pertencessem ao governo de Macau. Os funcionários menores eram equiparados a públicos e só podiam entrar no Casino durante a loucura dos 3 dias do ano novo lunar. Os mais sortudos ficavam até se esgotarem os fundos. Entravam decididos a tentar a sorte e só saíam quando esta findava. Comiam, bebiam e jogavam até acabarem as fichas. Era um espetáculo mórbido nesses dias em que decuplicava a habitual frequência dos casinos e mal se conseguia mesa num dos bares para tomar um café. Pessoas que raramente se viam ou se encontravam, estavam ali durante essa loucura dos três dias do ano novo chinês. Nas ruas, o movimento apropriado e o lançamento de panchões e danças de dragão inerentes às festividades.

Continuei a manter a correspondência com quem vivi em Bali em 1975, ela continuava a trabalhar no negócio de impressão de roupa batikue, com os primos. Depois de ir à Austrália veio para Macau em março de 1977. Ali ficou até ao fim do verão em idílio remoçado. Aluguei um quarto para ela no Hotel a fim de evitar problemas éticos em relação ao quarto que a CEM pagava.

Acelerei o processo da moradia mobilada a que tinha direito e que seria concedida, pouco depois, a centenas de metros do Hotel, no nº 5 A da Avenida Coronel Mesquita, edifício Jade Garden. Tinha três quartos. A vida no Hotel estava prestes a findar com as vantagens de discricção sem vizinhos chuchumecos, com cama lavada, quarto limpo, roupa tratada e a companhia e amizade das massagistas que ali operavam. Estava concluída a fase de adaptação a Macau.

O trabalho era difícil, não só por ser a segunda vez que punha os meus conhecimentos de Economia e Gestão a funcionar (a primeira fora nos Serviços de Intendência em Timor e que tarefa inglória essa fora!) mas porque era uma enorme companhia de 750 empregados, falida e desorganizada. Tinha sido recentemente comprada aos ingleses e mudara o nome de MELCO⁹⁹ para o mais português CEM (Companhia de Eletricidade de Macau), mas os hábitos e as tradições de trabalho mantiveram-se.

Comprei logo no começo do ano o M-61-63, o primeiro carro a ficar oficialmente registado em meu nome. Tratava-se de um Fiat 128 3 P Coupé-S, 1100 cc, todo artilhado, cabeça rebaixada e com uma potência surpreendente que me iria servir durante um ano ou dois. Estive quase a inscrever-me no Grande Prémio de Macau dadas as suas capacidades desportivas. Mais tarde, este carro viria a ser assassinado com sal no depósito de gasolina, quando as seitas resolveram vingar-se por coartar um esquema de extorsão a candidatos a funcionários.

Como disse *John Stuart Mill* (1806-1873) num livro “*Sobre a Liberdade,*” em que defende a liberdade de discussão e expressão com argumentos importantes, “*existe uma banalidade epistémica: somos todos falíveis*”.

Eu só o descobriria mais tarde, bem entrado nos quarenta anos, pois sempre me sentira infalível na metodologia calculista de pesar os prós e contras, antes de qualquer decisão. Isto nunca me impedira de não tomar decisão nenhuma e serem os outros os culpados por me forçarem a adotar e aceitar a decisão que outros tinham tomado. Fazia assim uma arqueologia do meu pensar e decidir, que, por vezes, desenterrava esqueletos corroídos pelo meu pensar. Ou como *François La Rochefoucauld* disse “*a gratidão da maioria dos homens não passa de um desejo secreto de receber mais favores.*”

As sociedades orientais e a macaense, aceitaram que os homens tivessem as suas concubinas, numa tradição secular cheia de normas e etiquetas, mas sem que as primeiras-damas vulgarmente designadas como “tai tai” levantassem um pio que fosse ou fizessem escândalo. “Tai Tai” significa literalmente Mulher Suprema, Número Um, definindo a mulher casada que não trabalha, mas essa definição tradicional de mulher mais importante entre as mulheres, perdeu já parte do significado.

Hoje, uma “Tai Tai” seria a definição apropriada para senhoras que vão a almoços, dispendo de imenso tempo para chuchumecar (fofocar), casadas com homens ricos enquanto fazem compras e ir a spas

99 (Macao Electric Light Company)

ou ginásios. Claro que só usam diamantes e obras genuínas da Prada, Louis Vuitton, Chanel e Gucci de logótipo bem à vista...e educacionalmente tiram cursos de origami ou de culinária com os melhores chefes. Esse negócio era o segredo mais mal guardado duma cidade pequena.

Raros eram os habitantes, classe média e alta, que não tivessem vidas paralelas, perfeitamente estabelecidas e aceites pela comunidade, em geral, e pela família, em particular. Hoje não será tão vulgar, mas então era sinónimo de riqueza e de prosperidade.

As seitas, não sendo tão mortíferas como a *Yakuza* japonesa, não deixam os seus créditos por mãos alheias. Consta que depois da transição de soberania para a China estão mais ordeiras e controladas, mas continuam a ser seitas. Longe, porém, vão os tempos da sua formação inicial de benemerência como resistentes aos invasores mongóis. Aliás a página do governo de Macau explicava a sua formação. A palavra "seita" nem sempre teve as conotações negativas que hoje em dia lhe são atribuídas.

Noutros tempos, tratava-se de um substantivo que designava, da forma mais neutra possível, um facto social e religioso. A sua etimologia é disso prova, já que a palavra vem do verbo setor, intensivo de sequestrar, "seguir", "acompanhar". Este fenómeno sectário foi uma realidade sempre presente. Na cidade de Cantão, um grupo de simpatizantes do Imperador Ming (1644) e das suas políticas sociais e económicas, com o propósito de derrubar a dinastia sucessora - Qing (1644-1911) - reunia-se secretamente, num edifício com o número de polícia 14-K.

Os objetivos eram essencialmente políticos, a essência que esteve na base da sua criação. Uma vez mal compreendidos, foi fácil, aproveitarem-se do nome da "associação" e da memória daqueles que, por motivos honrosos, lutaram, transformando a organização político-revolucionária numa sociedade secreta. Ainda hoje, a "14 Quilates" é considerada secreta¹⁰⁰, a par com a "Wo On Lock", aliás "Soi Fong" ou "Gasosa", a "Wo Seng I", aliás "Seng I" e "Iau Lun". Apesar de a denominação se ter mantido, os fins da sua atividade são completamente distintos daqueles a que se propuseram os fundadores".

Jorge de Figueiredo Dias no livro "As associações criminosas no código penal português de 1982" (pp. 52-53) identifica este problema da desvirtualização dos fins da "sociedade-mãe":

" Os membros serão todos os que aderem e põem em prática os objetivos que a sociedade visou alcançar. Não basta a entrada formal - com a entrega de um envelope vermelho (lai-si) contendo MOP \$3,60 - para podermos imediatamente concluir que um determinado sujeito, com a dita ação, passou a ser membro da associação. É necessário que se conforme com os fins da "sociedade secreta", que pratique atos materiais ou psicológicos subsumíveis na atividade da sociedade-criminosa e seja reconhecido pelos outros membros como parte da organização."

O meu amigo *Nick Griffin*, jornalista da TV de Hong-Kong, entretinha-se por esses dias, morbidamente apaixonado pela gaulesa *Françoise*, dançarina do *Crazy Horse* para se ressarcir de a *Gillian*, mulher dele, o ter trocado pelo comandante da Polícia de Hong-Kong.

Nisso, éramos irmãos na desgraça e amores fanados. As francesas e dançarinas de outras nacionalidades que então escandalizavam Macau, sob a supervisão do Guy Lesquoy (em 2011 era diretor de entretenimento do Casino Venetian), eram a nossa companhia habitual para a ceia, depois dos programas da rádio, que terminavam pela meia-noite. Eram igualmente uma forma de desenferujar o meu francês, língua que ninguém pensaria ouvir em Macau.

Mais tarde, iria convidá-las para a minha boda.... amigas como outras quaisquer, que nestas coisas de amizades nunca eu discriminara pela política, sexo ou profissão. Deixemo-nos de falsos puritanismos, muitas destas amigas, fossem as francesas, as tailandesas ou as filipinas tinham valores morais e familiares bem mais elevados do que muitos daqueles que se benziam por tudo e por nada e iam à missa.

Lembro-me de que cerca de 90% do que as filipinas ganhavam era reenviado para casa para sustentarem os pais que viviam em abjeta miséria. Todas tinham uma noção profunda de respeito pelos pais e avós, pelos maridos e filhos e acreditavam piamente na inviolabilidade do casamento.

Eu não me aproveitava delas nem tampouco as queria salvar dos miasmas corrompidos da sua profissão. Sabia que era uma fase transitória finda a qual iriam regressar a suas terras e levar uma vida normal. Recordo ainda, que jamais se esqueciam da minha data de anos e sempre me presenteavam. Uma coisa era a profissão (envolia sexo, mas podia envolver qualquer outra coisa) e outra era a amizade, mas a sociedade puritana de Macau - à semelhança da de Portugal - dificilmente me perdoava estas amizades.

100 (artigo 3º., alínea a) do Decreto-Lei Nº. 1/78/M, de 4 de fevereiro)

Enquanto isto, muitos dos que me criticavam, levavam vidas mais sórdidas e devassadas, mantendo a hipócrita fachada que caracteriza a fingida sociedade portuguesa. Esses, quando iam às massagens, faziam-no às escondidas, e era a mim que pediam quando queriam comprar vídeos eróticos, mas criticavam-me por ser amigoso com elas. Era fácil ver quem eram os meus verdadeiros amigos.

96-98.10. MACAU FOI UM COMEÇO, UM TRAMPOLIM PARA A AUSTRÁLIA

Esse ano foi realmente excitante. Queria gozar a vida como se não houvera amanhã. Um hedonista perfeito em perfeito levante exótico. Recordo quando os mórmones me tocaram à porta e eu fumava, bebia e tinha - em cima da mesa de café - uma revista da Playboy.... Nunca mais voltaram a bater à porta. Ainda me lembrava da cara deles, enquanto mentalmente se benziam e rezavam pela minha salvação.

Outra fase interessante na longa aprendizagem de vida, sem descurar todas as vertentes do conhecimento, foi quando, durante meses, me amiguei com os Meninos de Deus e suas famílias polígamas cheias de crianças louras. De acordo com a definição na Wikipédia, “Os Meninos de Deus, depois designados Família do Amor, a Família, e ora Família Internacional, é um movimento religioso, amplamente referido como uma seita, que teve início em 1968 em Huntington Beach, Califórnia.

Foi uma dissidência do Jesus Movement do final dos anos 1960, com muitos dos seus primeiros convertidos saídos do movimento hippie”. Cedo constatei tratar-se de uma seita que promovia a promiscuidade sexual em nome de Deus, a acreditar nos registos que hoje se podem ler na internet. Afinal, não precisava daquela religião para encontrar o prazer polígamo. A própria organização secular chinesa, aceite pelos locais e tolerada pelos macaenses parecia facilitar esse paradigma de vida, sabe-se lá se inspirado em Camilo Pessanha...

Excessos de regras orientais. Tão prazenteiras para um espírito ocidental e, que, no entanto, tantos estragos fizeram em grandes figuras. Recorde-se Camilo Pessanha¹⁰¹ que, durante três anos, foi professor de Filosofia Elementar no Liceu, sendo nomeado em 1900 conservador do registo predial e depois juiz de comarca. Poeta expoente máximo do Simbolismo, Pessanha era um opiómano que entre 1894 e 1915 voltou a Portugal, para tratamento, sendo apresentado a Fernando Pessoa que era, como Mário de Sá-Carneiro, grande apreciador da sua poesia.

O texto adiante é de Alberto Osório de Castro, provavelmente escrito em 1916, para sensibilizar os responsáveis pelo Museu das Janelas Verdes, da importância da coleção que Pessanha oferecera ao Estado português em 1915, e o relevo do intelectual que fazia a oferta. O episódio da doação da coleção longamente acumulada foi motivo de grande desgosto para Pessanha. Foi feito em julho de 1915, quando o poeta expôs as melhores peças do acervo particular no Palácio do Governo. Em meados do ano seguinte, a coleção nem havia chegado a Lisboa; e, quando chegou, não foi aceita pelo Museu das Janelas Verdes, que, no ano seguinte, formalizou a recusa. As peças foram enviadas ao Museu Machado de Castro, em Coimbra, onde ficaram sepultadas no depósito, fora do alcance do público:

«Como essas fotografias avivam em mim a esta hora de inverno português, entristecida de lufadas e névoa, a lembrança dos resplandecentes dias abafados de espera de tufão, vividos em companhia de Camilo, em agosto de 1911, na linda e melancólica, risonha e estranha terra de Macau, à maravilha católica e china, china sobre tudo, já agora, cheia de repiques finos à missa, de discretos biocos de confessadas, de silenciosos deslizes de milhares de Celestes, atravancando as ruas cada dia mais, invadindo as praças e rossios, coalhando as airosas lorchas do porto, gente atarefada e calada, reservada e de nós distante, aparentemente impassível, mas em cuja massa se sente a força profunda da maré que avança, e vai avassalar o velho empório europeu de veniaga nas Costas da China.

Pobre e linda Macau dos séculos XVI e XVII, como és ainda curiosamente portuguesa à moda desses séculos, sob a taciturna invasão china que te envolve e, todavia, te dá ainda um aspeto de vida! E contudo, ó arcaica Macau, desde que Fernão Mendes Pinto andou de aventura no Império do Meio, assistindo aos primeiros avanços da potência tártara, que de memoráveis coisas se não deram nessa China imensa que só na aparência é milenariamente imóvel: abalada para o sul dos exércitos tártaros da Manchúria, queda da dinastia chinesa dos Ming, sangrento, como nenhum outro, triunfo da dinastia Manchu dos Ta-Tsing, dois séculos de terrível agitação das associações secretas chinesas contra o vencedor tártaro, indo, poucos meses após a minha passagem em Macau, até à abdicação do último Imperador Ta-Tsing e à proclamação duma

101 (1867-1926) mudou-se para Macau em 1894

república à europeia ou americana, como compasso de espera da passagem da sombra de um novo Dragão imperial... Tanta coisa a dizer sobre a China e a sua arte!»

Já o biógrafo António Dias Miguel observa que a vida alucinada de Camilo Pessanha no exílio serviu para que aprofundasse, pela repetição em diferença, traços abusivos já existentes no comportamento europeu.

Em aguda percepção, esclarece-nos que o uso do ópio "corresponde não a um vício adquirido [em Macau], mas à sublimação, ou melhor, à transparência de outros que já em Portugal o caracterizavam, como o hábito de beber e o completar-se através de uma vida nova toda artificial".

Sob a luz do país perdido, a “*lânguida e inerme*” alma do poeta se recheia e transparece. Passa a “*deslizar sem ruído*” e a “*no chão sumir-se, como faz um verme*”. O ópio suplementa o álcool, propiciando a plena realização “*de uma vida nova toda artificial*”.

Sobre esse tópico e a contrapartida no quotidiano como “*spleen*”, há que buscar o seu artífice na poesia, Charles Baudelaire¹⁰². É digno de menção, neste contexto, «*O rio de Cantão*» (1889) de Wenceslau de Moraes que começa por uma panorâmica da «varanda deliciosa do Canton Hotel» e onde descreve a visita aos barcos-flores ou “tancás-flores”:

«[...] Quando desceu a noite, a população, embalada pela lenta ondulação do Chu-kiang, adormeceu; bruxuleavam os faróis içados nos topos dos mastros das lorchas; defrontando com o Hotel, surgiam iluminações festivas, eram os tancás-flores, donde irrompiam os primeiros acordes de uma música estranha.

Aluguei uma sampana, e mandei remar para os tancás-flores [...] sobre cada barco eleva-se um espaçoso recinto, um verdadeiro salão, que os lumes de dezenas de candelabros iluminam em jorros de luz branca. [...] envoltas nas longas cabaias de seda, ora branca, ora lilás, ora cor-de-rosa, ora esmeralda, os cabelos entrançados em enfeites de oiro e grinaldas de jasmim, cintilantes de joias como ídolos, têm um encanto de beleza exótica que muito se casa com a estranheza do espetáculo...»

Já Pessanha o exprimia em «*Ao longe os barcos de flores*». Por todo o poema se encontram disseminados símbolos convencionais verdadeiramente chineses, núcleos de onde irradia uma série de imagens, poeticamente aproveitadas por Pessanha: *hu-a* (flor) é o termo que designa eufemisticamente a cortesã, a prostituta e também o bordel. Uma virgem pode ser uma “flor amarela”, *huáng hua*, *yan-hua* designa «*la fille de joie*», para além de poder ser a expressão para «animado, animação e fogo-de-artifício».

Significativamente, o componente semântico *yan* pode querer dizer não só «fumo, vapor ou tabaco, mas também ópio». Este poema de Pessanha é dominado sabiamente pela ambiguidade, e o campo semântico do símbolo ou imagem convencional dos ‘barcos de flores’ leva a que no som da flauta se ouça o lamento feminino da *yan-hua* contrastando com a animação orgiaca do fogo-de-artifício.

Ao longe os barcos de flores

Só,	incessante,	um	som	de	flauta	chora,
Viúva,	grácil,	na		escuridão		tranquila,
–	Perdida	voz	que	de	entre	as
						mais
						se
						exila,
<i>Festões de som, dissimulando a hora.</i>						
Na	orgia,	ao	longe,	que	em	clarões
E	os	lábios,	branca,	do	carmim	cintila
						desflora...
Só,	incessante,	um	som	de	flauta	chora,
Viúva,	grácil,	na		escuridão		tranquila.
E	a	orquestra?	E	os	beijos?	Tudo
						a
						noite,
Cauta,		detém.		Só	modulada	fora,
						trila
A	flauta	flebil....	Quem	há	de	remi-la?
<i>Quem sabe a dor que sem razão deplora?</i>						
<i>Só, incessante, um som de flauta chora...</i>						

Essa flauta chorou durante anos nesta minha alma conturbada, que nunca visitou uma tancá-flores, pois todas estavam já em terra firme naqueles tempos. Mas ainda ouvi a flauta, a orquestra e o som das orgias na

escuridão entrecortada pelo fogo-de-artifício e pelo estrelejar dos panchões... A errância de um povo e seus poetas, um povo e uma poesia para quem a pátria tinha sido, muitas vezes, «um lugar de exílio» e para quem a viagem e a emigração foram quase sempre, como escreveu o poeta, professor, embaixador e amigo, José Augusto Seabra, a «outra pátria» senão mesmo uma pátria.

Eu fora para Macau, não para o exílio nem para a exploração, mas para sobreviver já que o país de origem não me dava condições nem emprego. Foi lá que escrevi poesia enquanto também experimentava “*a mesma liberdade e se via estimulado a avançar com proveito e prazer a vida sentimental e amorosa...*” Macau nunca seria, porém, e assim vo-lo reitero em capítulo anterior:

«Macau nunca fora terra minha, estava a caminho da Austrália, era apenas um ponto de passagem e paragem, para mais tarde apreciar.»

Como Manuel Alegre escreveu «*Todos os poetas, são como Dante, exilados...*» mas nem todos em Florença. A poesia está no mar, abriu as portas do Oriente, e eu - queira ou não admiti-lo - sou um exilado de mim, do país de origem, das origens, do meu tempo, do meu destino incumprido, da espiritualidade da juventude, dos sonhos que me não deixaram consumir.

É, pois, em Macau e não em Timor, para onde fui, fruto dos imponderáveis do SMO¹⁰³, que essa verdadeira viagem de circum-navegação tem o seu início fixado. Ali começa verdadeiramente a minha diáspora. Não porque me mandassem, não porque acontecesse, mas porque porfiara para que assim fosse. Sempre disse que fui para Macau para estar perto de Timor, mas era uma verdade parcial pois a Austrália há muito me conquistara sem enleios orientais. Quase uma inverdade, pois era a fronteira imensa, o continente vasto sem horizontes onde o futuro se perdia de vista, ali onde o país de origem me pareceria mais tacanho e pequeno do que a pequena península de Macau.

Não foram precisos meses ou anos para me aperceber que perdi a virgindade intelectual e cultural ao ir para Macau. Estava permanentemente refém do Oriente e dos seus sortilégios. Agora, ao voltar trinta anos depois, havia-o sentido de forma inelutável. Tentei passar uma toalha sobre esses anos lá passados como se não tivessem existido ou como se fossem de somenos importância, mas sabia que não era assim. Subitamente apetecia-me voltar, não para gerir a central de Coloane, que mal vi por entre a neblina no dia de partida, mas para ajudar a sonhar com a construção de uma lusofonia falada por todos - especialmente pelos chineses - sem barreiras, nem passaportes.

Afinal, a magia do Oriente não era feita de mezinhas que as meninas chinesas davam aos ocidentais antes de adormecerem, nem tampouco da eventual utilização de opiáceos, havia algo de mais intenso e profundo.

Quem sabe se não seria o apelo de noções confucianas que colocavam arrumação na mente desordenada dos ocidentais. No entanto, o que melhor recordo dos meus anos em Macau são os programas de rádio, um momento inolvidável, ao ponto de quando regresssei em 2011 prontamente desafiar o Ricardo Pinto a reviver tais programas.

Na sessão de lançamento de livros na Livraria Portuguesa tive o reencontro com o Ricardo após trinta anos e iniciei a sessão com um excerto de um minuto do programa “O Whisky a Cola” de 17 dezº 1980 apresentado pelo Ricardo, a quem entreguei a gravação de 60 minutos em CD. Iria recuperar as restantes cópias em cassette e converter em CD para ouvir, deleitar e, mais tarde, fazer um programa comemorativo.

96-98.11. OS TRÊS CÍRCULOS

A vida em Macau era, na época, um cadinho de povos e culturas, exemplo de miscigenação e liberdade num Oriente exótico, sedutor, mas problemático e poderia resumir-se a três círculos excêntricos que se tocavam no infinito. Desses, o médio interior era constituído pelos macaenses, uma força sem identidade nacional, bem arreigados à herança cultural lusófona falando e lendo a língua de Camões, enquanto outros eram mais cosmopolitas e falavam chinês e inglês, e outro segmento vivia nas bordas linguísticas do cantonense. Leal de Carvalho escreve, entre outras coisas, ser uma cidade que no

103 SMO serviço militar obrigatório do exército colonial português até 1974.

“... passado recente abrigou russos brancos, chineses, indonésios, vietnamitas, filipinos e até portugueses perseguidos pelos credores ou por mulheres ciumentas. E alguns, poucos, pelas ideias políticas.

Um porto de abrigo para gente de mundos vários que aqui vieram parar por desvairadas razões: espírito de aventura e ambição pelo lucro fácil, refúgio às convulsões político-sociais da região e à loucura da guerra que lançara o mundo em fogo, evasão a problemas sociais ou familiares ou inútil fuga aos demónios de cada um». ¹⁰⁴

A construção desta identidade fora «instalada, desde sempre, na educação das classes superiores da sociedade macaense, como processo de autonomização à imensa mole demográfica circundante que, pela simples força dos números, os ameaçava submergir» ¹⁰⁵.

Leal de Carvalho fala do convívio inter-racial com reflexos na moral e nos valores da comunidade:

«A moral social local, quer da comunidade macaense quer ainda mais da chinesa, consentia essa liberal sofisticação de costumes, manifestação viva da interpenetração dos valores culturais da região... também fruto da emigração de lindas mulheres, que confundiam os olhares dos latinos, sobretudo as de Xangai.

Assim, alguns dos costumes orientais eram bem sedutores para os machos lusos, que lamentavam apenas o facto de as «sucessivas Administrações Portuguesas não terem sabido aproveitar a lição de quatrocentos anos de contacto com a milenária cultura chinesa, mais antiga, mais sábia, mais realista, que admitia, na harmoniosa estrutura familiar e sob o austero império da Primeira Esposa, um número indeterminado de concubinas e até “bichas”, solução muito cómoda e prática», diz o autor com não disfarçada ironia. ¹⁰⁶

Depois, havia um círculo ainda menor, mas exterior, constituído pelos portugueses. Primeiramente, e durante séculos, esse grupo era exclusivamente constituído por aqueles que iam e vinham com cada equipa governamental, a que se acrescentava, aqui e ali, o elemento desgarrado que fora para a tropa ou polícia e lá ficara, constituindo família e deixando-se miscigenar e assimilar pelos costumes locais. Havia adstritos a estes os estrangeiros que se deixaram encantar por Macau, aprendendo as línguas e costumes locais e acabando por se integrar na família lusófona, como é amplamente descrito na obra literária do citado juiz açoriano Rodrigo Leal de Carvalho ¹⁰⁷.

Em princípio da década de 1980 viera de Portugal a marabunta. Chegaram a atingir dez mil almas portuguesas, todas em busca da pataca milagreira de futuros e presentes, desesperados por abanar a árvore das patacas e retirar os milhões possíveis, com casos encrencados como o do faxe, do Governador Melancia e outros que se haveriam de locupletar o mais que puderam, em proveito próprio, até 1999, sem resultados visíveis para o progresso de Macau e suas gentes, ao contrário do que sucedeu nos últimos dez anos de governação soberana chinesa.

Por último havia sempre um enorme círculo, exterior a tudo, mas com motor próprio na economia do território que era constituído pelos chineses. Eram liderados por uma pequena elite dirigente, totalmente dependente de Pequim, aonde viajavam frequentemente a fim de receberem instruções e contarem os desvarios do português encarregue nominalmente de governar. Decidiam como e porquê, onde e quando, e davam a entender ao Governo português a sua insatisfação quando a administração lusitana exorbitava ou tinha uma “ideia brilhante” sem os consultar. Eram eles quem, realmente, mandava no território e determinava como os seus súbditos se comportariam, pois, representavam mais de 96% da população. Esta clique que geria a “*Cidade do Santo Nome de Deus de Macau, não há outra mais leal*” ocultava tendenciosamente o facto de serem os descendentes dos mandarins chineses que, após a Revolução Cultural, determinava o que se podia ou não fazer em Macau.

Voltemos aos aspetos culturais de Macau. Convirá não esquecer que para os chineses, a mulher nativa que namorasse um *kwai-lo* estava apenas um escalão acima da mera prostituta. Mesmo que casasse ficava sempre o estigma de que havia algo de errado com ela.

¹⁰⁴ Leal de Carvalho, Requiem para Irina Ostrakoff p. 5

¹⁰⁵ Leal de Carvalho, Ao Serviço de Sua Majestade, p. 377

¹⁰⁶ Leal de Carvalho in Os construtores do Império, p. 137

¹⁰⁷ Ali viveu 40 anos de 1959 a 1999

Aparentemente, os pais da jovem podem nem sequer chegar a expressar a sua insatisfação, mas o conceito é prevalecente no meio social e é refletido na própria linguagem, a todos os níveis. A família chinesa ainda é - tradicionalmente - dominada pelo macho e altamente hierarquizada. A mulher que se case com um kwai-lo bem como este estarão sempre abaixo da escala social a que pertencem e da estima que os seus parentes lhes possam granjear.

De um ponto de vista meramente técnico, deixou de pertencer à família e passou a pertencer à família dele, perdendo os laços consanguíneos da família chinesa. O mesmo sucederá com os filhos que não farão parte do tecido social e cultural da família chinesa de onde descendem.

No caso da mulher casada com um que não é chinês, além de ser considerada como estando apenas um degrau acima do nível da prostituta, de facto, nem sequer é considerada como se se tivesse juntado a uma outra família, a do marido. Para os chineses, os brancos não têm laços de família, além de que se divorciam por dá cá aquela palha, pelo que a filha da família chinesa ainda é um risco maior agora do que quando vivia em casa. Não esqueçamos que a mulher tem menos valor na sociedade chinesa do que o homem e daí quererem ter um filho e não uma filha, no continente chinês onde se mantém a regra do filho único¹⁰⁸.

Se a sogra chinesa tratar o genro como ser humano isso só prova a sua amabilidade, e evita mostrar ao estúpido estrangeiro quanta raiva lhe vai na alma por ter casado com a filha. Obviamente que se, ocasionalmente, o incluírem numa festividade familiar será um privilégio que lhe concedem, tal como dar boleia aos que precisam, ... a sogra jamais entenderá por que lhe foi calhar a ela a má sorte, tão injusta de ter um branco para genro.

O campo matrimonial na família chinesa é da mais alta responsabilidade e deve ser deixado ao alto critério dos pais. Essa falta de obediência será a culpa a acarretar pelos filhos que os tornará responsáveis por, sabe-se lá, quantas mortes ocorram na família nesse período, pelos problemas de saúde dos pais e outros parentes.

Este tipo de sociedade e de normas familiares repercute-se nos países de destino das famílias chinesas emigradas e representa a arraigada preservação das normas rurais das suas zonas tradicionais de origem. Nos países de acolhimento (como vi na Austrália) falam Toishanês 台山話; 臺山話 em vez de Cantonense pois Toisaan [Toishan/Taishan]¹⁰⁹ é o lar e a Austrália apenas um país estrangeiro que os circunda.

Lembro a esse respeito de que mesmo que lesse e falasse cantonês fluentemente - o que nunca foi o caso - jamais seria considerado por eles como “um dos nossos”, pelo que sempre me limitei a ver de fora para dentro a enorme sociedade chinesa que me rodeava, tentando não fazer juízos de valor antes me limitando a aprender o máximo que me fosse possível.

Nunca namorara - formal ou informalmente - uma chinesa e sabia de antemão que tal me estaria vedado *ab initio*. Nem todas estas características se impuseram como norma nas famílias macaenses, mas confirmo que se telefonasse para uma macaense, cujos pais não conhecesse, seria submetido ao mesmo interrogatório de uma mãe tipicamente chinesa:

“quem sou?

Como conheci a filha dela?

De onde era a minha família?

Se era casado?

Se os meus pais eram proprietários ou se trabalhavam?

Qual a profissão do meu pai?

O que estudava se andava a estudar ou em que trabalhava se andava a trabalhar?

Porque é que tinha a ousadia de lhe telefonar para casa...

E por aí adiante, num chorrilho de perguntas que mal deixaria tempo para dar qualquer resposta, previamente desnecessária, sabendo que quaisquer respostas nunca seriam satisfatórias porque era sempre um kwai-lo. É neste imbróglio de interesses divergentes e de agendas separadas que ali aterro em 1976 sem saber nada além de escassos ensinamentos sobre a ancestral cultura clássica chinesa. As preocupações à época não me levavam a interessar pela linguística que me viria a deslumbrar depois de 1984. Achava curiosa a existência de um *patuá* similar ao de Malaca, um crioulo centenário, sobrevivente a tudo e todos com escassos membros falantes.

¹⁰⁸ A lei do filho único (preferencialmente varão) foi mantida até novº 2015 data em que passou a ser permitido terem dois filhos.

¹⁰⁹ Trata-se de uma cidade no Delta do Rio das Pérolas, perto de Macau. Pertence a Jiangmen (140 km a oeste de Hong Kong), faz parte de um arquipélago de 95 ilhas incluindo a maior de Guangdong, Shanchuan Island (S. João)

A atração natural pela mulher oriental sobrelevava quaisquer outros interesses, a vontade de descobrir novos mundos em corpos de pele sedosa, em sensualidades de submissão e de devoção ao prazer hedonista conquistaram-me enquanto jovem. Os meus olhos raramente se desviavam das cabaia de seda ou *Cheong-sam*, justíssimas, de cores vivas e refulgentes e grandes aberturas laterais até ao cimo da alva coxa, bem torneada, a deixar antever mistérios por decifrar e paraísos por descobrir.

Cito Leal de Carvalho:

“A interpenetração dos valores culturais das comunidades locais, a flexibilidade dos códigos morais ou sociais do Oriente, a influência no meio macaísta dos usos e costumes chineses que instituíra o concubinato com o reconhecimento social e legal, o contacto frequente com a sexualidade liberal dos aventureiros de outros mundos e etnias...

O temperamento fácil das gentes do Sueste Asiático, as noites quentes e sensuais dos Trópicos...tinham adoçado a rigidez de fachada vitoriana marialva, da moral sexual de importação lusitana e conferido à sociedade macaísta uma tolerância e sofisticação que comportava a admissibilidade de infrações sexuais, aventuras pré-maritais com ou sem sequência matrimonial, recatados adultérios.»¹¹⁰

A queda inevitável pelas belezas asiáticas, bem como a flexibilidade dos costumes sexuais funcionam assim como forte motivação para a aceitação de alguns dos costumes do Outro...

...a mulher sempre «nova, esguia, bem torneada, na sua cabaia muito justa e brilhante, colarinho duro e alto, e grandes aberturas laterais até meia-coxa» (op. cit. p. 52). Afinal, outros homens como ele sentiam o mesmo fascínio por aquelas mulheres. É que, elas dançavam bem, estavam perfumadas, tinham «peles perfeitas e corpos esculturais, de feições enigmáticas, escondendo sabe-se lá que emoções ou sentimentos» (p. 53) ...

Várias vezes, ao longo deste livro e dos outros, é ressaltada a beleza serena e um tanto enigmática da mulher oriental, a sua sensualidade e a suavidade da pele: «*as senhoras chinesas tinham uma de pétala de rosa*»¹¹¹, característica que as macaenses herdariam. Ou ainda «*a resignação ancestral da mulher oriental, habituada à natureza traiçoeira dos homens em geral e dos europeus em particular*» (Ao Serviço de Sua Majestade: 323) - fizeram-se muitos casamentos com reinóis, donde provieram os macaenses.

A longa ausência dos colonos, a solidão, o clima e a beleza da mulher asiática incitam à sua procura, garantindo uma provisão razoável de mestiças (*half-caste*), belas, de «*olhos negros, vivazes e tentadores*»,¹¹² sedutoras devido «à suavidade do sotaque» ou ao «calor do temperamento» (p. 29). Estas macaenses acabaram por assumir lugar de destaque na sociedade local.

Tudo isto (aqui magistralmente descrito pelo juiz açoriano e compilado pela colega Anabela Mimoso no 15º colóquio) servia de pano de fundo a emoções, paixões e desenfreamentos sexuais que assolavam os jovens ocidentais e a mim em particular. Tentar à distância de três décadas reviver sentimentos e outras sonoridades íntimas do ser humano é doloroso e pode carecer de fidelidade.

Surgem sempre enevoadas memórias, mais róseas do que talvez fossem. Os elementos negativos da solidão, do afastamento do lar familiar, da necessidade de conjugar novos verbos, novas famílias, novos sentimentos e emoções sobrepunham-se então a uma mera excitação pelas novas descobertas que preenchem os meus dias e noites.

96-98.12. ABERTURA DAS PORTAS DO CERCO OUTUBRO 1980

Na celebração de trinta anos do aniversário da Revolução maoísta, a República Popular da China decidiu abrir as suas portas aos diabos estrangeiros. Ainda tinha no meu subconsciente a noção adolescente de que o maoísmo seria, talvez, um dos melhores sistemas políticos à face da terra. Era 1 de outubro de 1979 e logo, me aprestei a colocar o nome na lista dos candidatos a visitar a RPC, mas nenhuma viagem se realizaria antes de janeiro de 1980.

110 O Senhor Conde, p. 214

111 Ao Serviço de Sua Majestade p. 602

112 Ao Serviço de Sua Majestade p. 28

Em cada mês apenas deixavam ir uma dezena de pessoas e calhou-me a data de 28 de março a 1 abril 1980 para passar 5 dias e 4 noites na China. A expectativa era enorme, e o grupo era reduzido a dez pessoas que pagaram 1450 patacas (hoje seriam menos de 15 euros). Não eram aceites pessoas com passaportes de Israel, Coreia do Sul, África do Sul e Rodésia (ainda não era Zimbabué).

A acomodação era para duas pessoas por quarto (com banho privativo) e não se podia levar divisa estrangeira, devendo adquirir-se previamente *Renminbi* (*yuan*). O primeiro documento que recebemos antes de partir era uma folha na qual se explicavam os costumes e normas de cortesia e que fica bem reter pela curiosidade que ora representa numa altura em que as viagens para a China são comuns, ao contrário de então. Perdoem a tradução literal que se fez do inglês.

“Como visitante de um país estrangeiro, um falso passo que o possa embarçar a si ou aos seus anfitriões, normalmente resulta de uma falta de compreensão dos costumes do país e do seu povo. As áreas mais sensíveis incluem:

A liderança da República Popular da China é tida na mais alta consideração pelos seus cidadãos. Em nenhuma circunstância poderá fazer qualquer referência crítica ou cómica à mesma. Qualquer comentário ou inferência de natureza sexual é considerada ofensiva. Qualquer tipo de contacto físico com exceção do aperto de mãos, deve ser evitado, para respeitar os costumes chineses.

Todas as pessoas na China são consideradas como tendo igual mérito. Tratamento depreciativo a porteiros, carregadores, falar alto ou exigir qualquer tratamento pessoal especial é considerado como uma falta de respeito. As fotografias podem apenas ser tiradas depois de se ter pedido autorização às pessoas que se pretende fotografar. Basta mostrar a câmara fotográfica para se observar a reação positiva ou negativa das pessoas pelo que deve agir em conformidade.

A pontualidade é considerada uma virtude na China. Vai encontrar os seus anfitriões sempre à hora marcada e os membros da excursão devem proceder de igual modo em todas as situações. A visita a escolas, comunas, fábricas, brigadas Long-Rui, hospitais, etc., normalmente incluirá uma reunião prévia com pessoal local que será traduzida pelo guia.

No final de cada visita, disponibiliza-se tempo para perguntas e respostas sobre assuntos que não foram focados ou não foram totalmente explicados no decurso da visita. Quer a reunião prévia quer este período de perguntas e respostas se destina a fornecer o máximo de informações aos visitantes. Se estiver atento durante as explicações permitirá aos colegas de visita o mesmo tempo para fazerem perguntas e obterem respostas. É de bom-tom não se esquecer de agradecer ao pessoal local o tempo e esforço despendidos nas explicações e nas perguntas e respostas.

A entrega de ofertas não é insultuosa, mas em nenhuma circunstância é obrigatória ou deve ser esperada. Em muitas ocasiões deve ser educadamente recusada. Uma pequena lembrança deve ser entendida como um ato de amizade genuína e deve ser aceite, mas em nenhum caso deve ser oferta de grande valor.

A moeda em circulação na China é o Renminbi e a sua unidade básica é o yuan. Na data de imprimir este programa a taxa de câmbio é de 1,58 yuan para um dólar americano. Cada yuan divide-se em Jiao e Fan. Dez Fan são 1 Jiao, e 10 Jiao são 1 yuan....

Bebidas: não é aconselhável beber água da torneira. Bebidas refrigerantes, gasosas e cervejas estão disponíveis. A roupa deve ser escolhida em termos de conforto e condições climatéricas, e não pela moda. Deve usar sapatos confortáveis. Não há necessidade de se vestir formalmente para qualquer dos eventos que vai ter na China. Calças e camisas desportivas para homem. Para as senhoras, saias compridas ou vestidos estarão bem, mas é aceitável as mulheres vestirem calças. Todos devem vestir de forma modesta.¹¹³ Gorjetas e taxas: todas incluídas no itinerário. As gorjetas ao guia não são obrigatórias e ficam à discrição dos passageiros.”

O programa iniciava-se em Macau dia 29, bem cedo, rumo a *Chung San* para visitar a aldeia de *Cuiheng-Cun*, onde nasceu o primeiro líder chinês *Sun Yat-sen*, seguido de almoço em *Sheak Kei*. Depois, seguia-se até *Shun Duc* para visitar uma fábrica de algodão, com descanso na Casa de Hóspedes de *Shun Duc* e visita à Comuna *Tchong lònq Tam* ou *Clock Fall Pond* e à Brigada de Produção *Long-Rui* na Comuna de *Shiqi* (*Shaqi*) no condado de *Zhongshan*, com uma área cultivável de 3600 acres (14,5 km²). Em Cantão, o alojamento era no Hotel *Bayun* (*Pak Wan*) em *Huanshi Road*, seguido de visita ao Hotel *Tung Fóng* para visitar um clube noturno tradicional e ouvir música.

113 [Não existe o número 13 neste programa...nem nos elevadores, etc....]

No dia 30 além da visita à comuna podiam apreciar-se as vistas, visitar o Hospital, uma casa particular, um jardim-de-infância e uma loja do povo para fazer compras. Da parte de tarde após o almoço na comuna, visita ao zoológico, a uma loja do povo e jantar no Hotel. Depois, noite cultural com ópera no parque citadino. Dia 31 após o pequeno-almoço das 7 e meia seguia-se para *Foshan*, visitar o velho templo, uma fábrica de cerâmica, uma de recortes artísticos em papel (*paper cutting*) e almoço em *Foshan*. De tarde, visita a uma loja de cinco andares, ao parque, à fábrica de marfim, jantar no restaurante do Hotel pelas 18.30. Dia 1 levantar pelas seis da manhã, verificar bagagem e partida para a estação de comboio rumo até Hong-Kong.

O panfleto dizia que Cantão era tão conhecida como Pequim ou Xangai pela sua Feira Internacional (criada em 1957 e bianual, na primavera e no outono). Localizada no delta do Rio das Pérolas a cento e vinte quilómetros de Hong-Kong, Cantão era recomendada para se visitar o Instituto Nacional do Movimento Campesino fundado pelo Presidente Mao, o Memorial ao doutor Sun Yat-sen, o Parque dos Mártires da Revolta de Kwang-chow, o Mausoléu dos 72 Mártires em Huanghuakang, o Parque Cultural no Rio das Pérolas, o Parque da Montanha em Paiyun (Nuvem Branca) e o Parque Yuehsiu, o Parque Liuhua (corrente de flores), além do zoológico de Kwang-chow onde habitam os tradicionais Pandas gigantes, indústrias cerâmicas, de seda, de moldes metálicos em Foshan, a antiga residência do doutor Sun Yat-sen na aldeia de Tsui Hang em Chung San, entre a Comuna Shek-kei e Macau.

Cantão tinha então dois milhões de habitantes (hoje vai nos 12 milhões) e desfrutava da sua história de mais de dois mil anos. Não constava do programa, mas os visitantes conseguiram autorização para uma curta visita à *Cidade Proibida dos Estrangeiros* em *Shameen* (ilha de *Shamian*) onde viram as habitações das missões estrangeiras acreditadas em Cantão desde o tempo da Guerra do Ópio. Nela encontraram a casa que servira de Consulado a Portugal onde vivera o Cônsul Português, avô da minha mulher macaense, até ao fim da Segunda Grande Guerra (houve relações ininterruptas entre Portugal e a China até 1949, depois de Tomé Pires em 1517 ter desembarcado em Cantão como primeiro embaixador do Rei de Portugal no Império do Meio). Portugal e a República Popular da China, reataram relações diplomáticas em fevereiro 1979).

Shamian foi um importante porto de Guangzhou (Cantão) para o comércio internacional da dinastia Song à dinastia Qing. Do séc. XVIII a meados do séc. XIX, os estrangeiros viviam numa série de casas seguidas conhecidas como as 13 Fábricas, junto das quais ancoravam milhares de barcos. Era um ponto estratégico vital para a defesa da cidade durante as Guerras do Ópio (1856-1860). Em 1859, o território foi dividido em duas concessões, a francesa (1/5) e a inglesa (4/5 da ilha), ligado ao continente por duas pontes que fechavam diariamente pelas dez da noite por motivo de segurança. A ponte inglesa era guardada pela Guarda Real de soldados Sikh, e a francesa por soldados Anamitas (do Vietname).

Havia companhias mercantis da Grã-Bretanha, Estados Unidos, França, Holanda, Itália, Alemanha, Japão e Portugal ali estabelecidas, em mansões de pedra ao longo da marginal, em construções tipicamente europeias de telhados inclinados e largas varandas. A ilha presenciou um sangrento e mortífero episódio entre cadetes da Academia Militar e estudantes, que ficou conhecido como o “incidente de 23 de junho de 1925”. Permanecem até hoje (1980) em bom estado de conservação a católica Igreja de N. Sra. de Lurdes (construída pelos franceses em 1892) e a Igreja de Cristo (construída pelos ingleses em 1865).

Nas últimas décadas os edifícios foram reconstruídos e recuperados, com placas a comemorar a sua utilização anterior, mas quando os visitei em 1980 estavam decrépitos e albergavam dezenas de famílias, cada um, numa ocupação selvagem ditada pela sua ocupação em 1949 quando se converteram em edifícios públicos, apartamentos e fábricas. Por curiosidade fui agora ver na internet e a zona de Shamian estava irreconhecível.

Dos velhos edifícios decadentes, sobrepopoados e quase em ruínas, restauraram as velhas mansões coloniais ao brilho de há século e meio atrás, com todos os requisitos da moderna civilização. Estava rejuvenescida Shamian, podia ser Paris ou Londres com as suas alamedas de frondosas árvores, a traça larga das avenidas e as velhas mansões resplandecentes. As velhas estátuas ocidentais que pontuam as várias ruas lineares foram igualmente recuperadas, mas na visita de 1980 estavam em avançado estado de decomposição. O Consulado português, creio, é hoje um Café Starbucks...

Voltemos agora ao roteiro de 1980 e à viagem mágica da primeira incursão na China de Mao. De início tudo correu bem até constatarem que a guia de Macau que acompanhava o Sr. Chen (guia oficial chinês) e a minha mulher macaense eram fluentes em cantonês. De facto, estavam a traduzir mais que o senhor Chen, pois este deixava de fora muita informação e desinterpretava muita coisa do que se dizia e se perguntava, mormente na Comuna.

Além de vermos os patos, galinhas, gansos, a produção de arroz, cereais e vegetais fizemos perguntas à dona da casa sobre o marido. Disse que se encontrava num campo de trabalho (de concentração?) a dias de viagem e há anos que não ia a casa. A tradução oficial do senhor Chen foi de que o competente trabalhador se dispusera a ajudar outra comuna que precisava mais dos seus serviços e da sua experiência....

Quando se quis saber como é que uma mulher com dois ou três filhos pequenos (estavam na creche da comuna) tinha uma cozinha com tantas cadeiras, a resposta foi de que tinha de ter cadeiras para visitantes como nós, mas a tradução oficial dizia que lá se reuniam os membros da comuna para tratar de assuntos relacionados com a produção agrícola da comuna.... Ela tinha aquelas cadeiras todas por ser do Partido!

A visita ao Hospital regional, perto da comuna de Tchong lònng Tam, foi assustadora com a enorme exposição pública de frascos e amostras de fetos com deformações várias, e sabe-se lá que mais ali estava em exposição. Uma verdadeira viagem ao mundo do Dr Jekyll e Mr Hyde acompanhada da nauseabunda explicação da diretora clínica. Se aquele era Hospital modelo só suplicávamos que ninguém adoecesse na viagem. A precariedade das instalações, os equipamentos anteriores à Segunda Grande Guerra e um estado geral de abandono e decadência eram assustadores. Ainda se - ao menos - tivessem caído as paredes depois da 1ª Grande Guerra....

Excepcionais e memoráveis foram as visitas às fábricas de marfim, da seda, de “*paper cutting* (recortes de papel)” salientando-se a detalhada explicação sobre a morosidade do trabalho mais fino e da precisa manipulação de instrumentos para as partes em filigrana de marfim. Era impressionante como se conseguia colocar uma bola dentro de uma peça de marfim antes de estar completa e de forma a que não caísse depois. Semelhante ao que acontece com as bolas que estão na boca dos dragões que adornam a entrada de muitos templos e que sempre me intrigou. Acabei por trazer uma pequena peça, elaboradíssima e complexa em marfim e um grão de arroz com o meu nome inscrito nele.

(Nota triste do autor ☹). - Para quem não sabe, o destino ingrato deste grão de arroz foi o esgoto da cidade do Porto. Uma empregada doméstica, a violenta dona Violante, no começo do séc. XXI deixara cair a pequena caixa onde estava o grão de arroz, coberto por um minúsculo vidro, e para que ninguém notasse que a peça se tinha partido, foi buscar o aspirador e eliminou as provas do crime, sem nada dizer! Motivo para despedimento na hora com justa causa.

As fábricas de algodão e de seda eram deveras interessantes, mas não a fábrica de metalurgia. O local onde cortavam o papel de arroz para fazer figuras filigranadas era outro espanto de paciência e de precisão. Ainda guardo religiosamente inúmeras amostras destes trabalhos artísticos tão originais.

A pior parte foi quando tentei que o guia me autorizasse a falar com o Diretor da estação de rádio. Ocidentalizado como era, pedira, como quem pede um copo de água, para fazer uma curta transmissão para Macau como previamente organizara (e levava documento comprovativo) com a TDM/Rádio Macau. O guia e o porta-voz oficial da estação começaram a falar em mandarim, a perderem a compostura, em voz altissonante, como se acabasse de cometer um crime insultuoso contra o Grande Líder, Mao Tse Tung (Máo Zédōng).

Sem perceber o que se passava (ninguém entedia mandarim) fui informado que era altamente ilegal fazer uma transmissão da China para o estrangeiro e que jamais seria autorizada. Como resultado do pedido, a visita à estação de rádio acabou cancelada, ali mesmo, do lado de fora do gradeamento. Passei a conter-me mais, a partir desse momento, pois estive quase a ser considerado um perigoso espião, com intenções de passar segredos de Estado ao estrangeiro sobre o atraso de vida que era a China naquela época.

Com efeito, desde a ida ao Hospital, era enorme o meu desencanto pelo atraso de tudo o que nos rodeava. Os templos eram soberbos, mas tinham sido construídos séculos antes. A grande revolução cultural mais não fizera do que matar a *intelligentsia* e enviar e destruir em campos de concentração todos os literatos, intelectuais e artistas. Na visão de Mao todo o saber e conhecimento eram burgueses. (Deve ser por isso que hoje há tanto ignorante em Portugal, não querem que as massas sejam burguesas!)

A coletivização dos campos limitou-se a tirar as terras a quem as tinha e substituir quem lá estava pelos trabalhadores iletrados e sem conhecimentos sobre a agricultura (espécie de má reforma agrária no Alentejo, mas em escala muito grande). Habitados a trabalhar, em funções repetitivas, sem capacidade de iniciativa nem conhecimentos técnicos, os trabalhadores que passaram a gerir os coletivos revelaram-se um desastre total. De autossuficiência passou-se à necessidade de importar. Assim, a China passou de celeiro do mundo a importador de comida.

Grande Mao, grande líder que me enganaste. Nada do que vi tinha correlação com o Livrinho Vermelho nem com os placards de publicidade ao maoísmo. Apenas certificava a campanha de lavagem ao cérebro do povo iletrado, educando-o contra quem o regime pensava que eram os inimigos (de classe, claro) e pretendendo que era o povo quem mais ordenava. Muito orwelliano...nesta visita o que era belo e despertou a curiosidade era anterior à Grande Revolução. Da Grande Marcha das massas, nada havia para ver, pelo contrário. Apenas a derrota do inimigo capitalista.

As estradas eram um susto, cheias de buracos, piores que as estradas municipais de Portugal, toda a gente conduzia e apitava ao mesmo tempo e ninguém pensava duas vezes se cabiam duas viaturas ou não, tentavam passar em simultâneo. Os sobressaltos eram tantos que deixei de olhar em frente e passei a ver para os lados, para os campos, na esperança de observar algo interessante. Também aí residira nova surpresa: pois nos arrozais, em plena berma da estrada, onde quer que calhasse, vi muitos chineses e chinesas fazerem as suas necessidades em plena vista de todos, com o ar mais descontraído do mundo. Houve mesmo quem acenasse ao nosso autocarro. Grotresco

Ali na China, nem sequer o buraco no chão, tão típico das regiões asiáticas, como vi na Indonésia, na Tailândia, na Índia. Pelo que vi nos campos (e pelo que, mais tarde, li), à vista de todos, fazia-se tudo, amanhavam-se as terras, plantava-se o arroz, defecava-se, urinava-se e tinham-se crianças, numa curta pausa, para não interromper o ciclo produtivo das massas operárias. Seria assim que pensavam aumentar a produtividade?

Do quarto de Hotel, pelas seis e meia da manhã, não se viam carros (nesses idos de 1980, havia os do partido e poucos mais) mas sim autocarros bem antigos e fumegantes (a poluição ainda não era o perigo insalubre que seria mais tarde) e milhares de bicicletas. No entanto, o barulho de buzinas fazia antecipar Carachi ou Bombaim. Ao fim da tarde o espetáculo repetia-se em sentido inverso, da esquerda para a direita do meu campo visual, com o regresso das massas aos locais de origem, fora de Cantão.

A ópera chinesa no parque foi uma grande “seca” de mais de duas horas, com a habitual peculiaridade de homens maquilhados desempenharem os papéis femininos, como era costume na cantoria tradicional chinesa. Já o clube noturno fora uma agradável surpresa e uma viagem no tempo, com um grupo de instrumentistas e cantantes, vestidos à moda de 1920, a interpretarem temas de música norte-americana do princípio do séc. XX. Parecia o faroeste revisitado de olhos em bico. Todos os presentes se mostravam muito curiosos face aos diabos brancos que os escutavam, pois ainda se não tinham habituado a ver caras brancas (e uma delas era loura), até então, poucos turistas tinham ainda entrado no país.

As lojas do povo foram outra deceção, poucos produtos em exposição, lembravam as velhas prateleiras dos supermercados dos países de leste durante a Guerra Fria. Nada interessante ou diferente para comprar, exceto o vinho de arroz e outras bebidas exóticas com animais dentro das garrafas. A China dava os primeiros passos.

O que é espantoso é ver o que conseguiram em trinta anos, como comprovei, na curta visita de um dia, à zona de Zuhai, no fim do 15º colóquio em 2011. Sem comparação possível, haviam convertido a China na versão oriental das grandes metrópoles ocidentais com o consumismo que isso implica e a disponibilização de todos os bens de consumo imagináveis. Não havia paralelismo possível entre o que observei em 1980 e o que via agora. Quase que dava vontade de viver na China e partilhar a pujança económica de crescimento acelerado na pátria de 1,4 biliões de pessoas. A mesma que via em Macau trinta anos depois. Os portugueses atrasaram o desenvolvimento de Macau.

O milagre económico da China, não tenhamos dúvidas, foi feito à custa da violação de muitos (ou quase todos) direitos humanos e de abusos e crimes do meio-ambiente, num regime alegadamente comunista onde o Partido decide tudo para as pessoas sob o seu comando. Mas fiquem cientes de que a maioria vive hoje incomensuravelmente melhor, em termos materiais, do que em 1980. Que disso não restem dúvidas a ninguém. Esse crescimento económico, à custa da exploração desenfreada e sem pruridos, da mão de obra extremamente barata, teve e tem o seu preço, mas quem for mais santo do que eu decida.

Por comparação, em Portugal os trabalhadores têm muitos direitos (férias, subsídios de natal, direito à greve, e sabe-se lá que mais), com reformas miseráveis enquanto na China praticamente não existem reformas de velhice. Pela fisionomia apenas, não creio que os portugueses sejam mais felizes do que os chineses, mas têm a agravante de se queixarem infinitamente mais. E se não conseguem gerir e fazer crescer

um país mais pequeno do que qualquer cidade chinesa, então devem estão a seguir uma política que se assemelha ao ataque de Mao à cultura e educação. Em ambos os casos, vi as diferenças de regimes e os resultados que em ambos se atingiram, apenas no decurso de metade da minha vida.

Provavelmente, não viverei o suficiente para ver a China passar a ser a supernação, como os EUA foram até há pouco, mas dificilmente o poderia imaginar aquando da minha visita em 1980. A história é feita de cataclismos e convulsões, guerras, desastres naturais e humanos, mas a continuar como está, o mundo ocidental está definitivamente morto e enterrado e as nações emergentes, como a China e a Índia poderão, em breve, dominar esse mesmo mundo. Tinham-se limitado a adotar a mesma fórmula, ajustada à sua enorme dimensão de terceiro ou quarto maior país do mundo e mais populoso de todos.

Infelizmente, a missão a Macau durava apenas dez dias e tínhamos de regressar àquele país europeu que se afundava lentamente, com crescimento negativo esperado por muitos anos, fruto da desgovernança de décadas após a revolução de 1974. Portugal era um país que se atrasava - cada vez mais - e que parecera tão desenvolvido em 1980 quando comparado com a China de então. Assim me parecera também no início da década de 1960 em comparação com a vizinha Espanha. Um país sempre em contraciclo.

Vi então (1980) e tornara a ver (2011) os alunos de escolas chinesas, silenciosos, ordeiros, obedientes e disciplinados. Que diferença para a selva das escolas portuguesas.

O atual sistema de escrita chinesa é o resultado de um longo processo de depuração dos primeiros pictogramas, desenhados há oito mil anos, não mais do que a estilização da realidade. A primeira aplicação metódica terá sido como linguagem em código nas mensagens entre líderes militares onde eram dadas ordens e informações sobre o terreno de batalha ou disposição das tropas.

No sistema uniformizado de hoje os sinogramas (caracteres) são compostos por módulos cujas combinações determinam o sentido final. Os dicionários dão conta de mais de 48 mil caracteres, mas a esmagadora maioria caiu em desuso e sobrevive em textos antigos ou chinês arcaico. Para se ler um jornal em chinês é “só” preciso reconhecer uns dois mil caracteres - padrão que a China considera um nível literário médio. Os programas básicos para escrever chinês em computador incorporam entre 6 e 13 mil caracteres.

A escrita de um sinograma obedece à agregação lógica de ideias e é, normalmente, composto por duas partes: uma semântica que dá o sentido, e a outra sonora, de onde se extrai o som. O de madeira, ou árvore (木), por exemplo, corresponde na sua estilização à árvore.

Por associação, o caráter final floresta é composto pela justaposição de dois ou três caracteres de árvore (林; 森).

Também os caracteres que transmitem o conceito água utilizam módulos ou radicais de água (氵), como rio (河), sumo (汁) ou baía (澳).

A palavra Macau (Àomén em mandarim) escreve-se com os dois caracteres – 澳 e 門 – que, isolados, assumem diferentes significados. Segundo o dicionário da Universidade de Estudos Internacionais de Xangai, o caráter 澳 isolado significa enseada, ancoradouro, Austrália, baía ou Oceânia, e o caráter 門 significa porta, entrada, escola, budismo enquanto seita, ou uma disciplina académica.

Macau é, em língua chinesa, uma porta - entre a China e o mundo - localizada numa baía.

96-98.13. DO YIN, DO YANG E DO CONFUCIONISMO

Mero aprendiz de feiticeiro, jovem desenfreado na minha aventura de liberdade em 1976, sem as peias constrangedoras da sociedade patriarcal em que cresci, estava disposto a gozar ao máximo o que a vida pudesse proporcionar. O hedonismo era, sem dúvida, a minha filosofia preponderante nesses dias. Demasiadas restrições, proibições, tradições invioláveis e outros tabus haviam regido a minha vida de infante a adolescente. Liberto das peias castradoras da sociedade ocidental e da família arreigada a tradições seculares, ia, enfim, crescer numa errância própria da era das descobertas. Seria uma aprendizagem sem noções premeditadas, nem destinos certos, mas irremediavelmente coartada pelos princípios e noções basilares recebidas dos pais, no tocante à perenidade da família. Começava a descobrir que a vida não era como o yin e yang, entre o branco e o negro, mas matizada por uma infinidade de cinzentos.

Também a minha vida era composta por duas forças complementares e sendo de signo Balança ou Libra, havia um equilíbrio dinâmico entre elas, que - tal como no princípio da dualidade de yin e yang - surgia o movimento e mutação, a que não me queria o por. Se uma era ativa, diurna, luminosa, quente, já a

outra era passiva, noturna, escura, fria. Eu ainda era um ocidental em busca de equilíbrio e de identidade, tal como os macaenses em ambiente estranho e hostil.

Muitas eram as forças contraditórias que me impeliam e travavam. Tal como Kung-Fu-Tzu (Confúcio), entre as minhas preocupações estavam a moral, a política, a pedagogia e a religião, por esta mesma ordem de valorização. O valor dado ao estudo, à disciplina, à ordem, à consciência política e ao trabalho são lemas que o confucionismo impôs à civilização chinesa da antiguidade e que se mantêm hoje. Não sendo uma religião, nem um credo estabelecido, mas apenas determinações rituais de caráter social, permitem a liberdade de crença em qualquer tipo de sistema metafísico ou religioso que não vá contra as regras de respeito mútuo e etiqueta pessoal.

Curiosamente, este quase total paralelismo entre os valores confucionistas e os meus, deixaram aberta uma via de compreensão. Mas, na época faltavam-me muitos anos para entender, na sua globalidade, o verdadeiro significado do dito confucionista “*Mesmo nas situações mais pobres uma pessoa que vive corretamente será feliz. Coisas mal adquiridas nunca trarão felicidade*” naquilo que só se tornaria no meu arquétipo após os quarenta e cinco anos.

A vida em Macau tinha ainda muito do chamamento materialista que a situação privilegiada de que beneficiava podia acarretar. Por outro lado, as inovações técnicas e tecnológicas que ali chegavam (antes de desembarcarem na Europa e nos EUA) eram demasiado atraentes para as recusar. Os meus jovens anos não eram conducentes a uma prática de reflexão, mas antes se centravam numa ação de gratificação instantânea, de sentidos e sentimentos. Sabia que queria ser feliz, mas não sabia como chegar lá. Ia ensaiar o velho sistema de tentar e errar e confiar na proverbial sorte para o atingir. Como a avó paterna me dissera sempre, nascera no dia do anjo da guarda e isso proteger-me-ia. Não sendo crente há cinco décadas tenho de admitir que a premonição da avó se revelou mais correta do que quero crer.

Ainda não chegara ao ponto em que me consideraria um ***nativo do ocidente com uma visão oriental do mundo***, como tive a oportunidade de citar ao Presidente do Politécnico, *Lei Heong Iok* a 13 de abril de 2011, para explicar como interpretava o interesse da China pela lusofonia. Conseguia transmutar a minha mente para um ponto de vista oriental, olvidando as razões lógicas do pensamento ocidental, imbuindo-me de um pensamento confucionista, delimitando perceções e ações.

Depois de viver, conviver e analisar os que ali me rodearam ao longo de seis anos, mais o que aprendera com expatriados chineses, macaenses e de Hong-Kong, na Austrália, tudo despertara em mim uma forma nova de encarar a vida, o presente e o futuro, para adotar uma visão mais oriental. Menos do imediatismo ocidental que busca fruir a satisfação imediata para uma posição subjetiva dos objetivos a que me propunha.

Era difícil de explicar, mas o método que segui era basicamente o de esquecer as premissas em que crescera e tentar colocar-me na mente do outro, imaginar o quando, como e porquê das suas atitudes, tentar antecipá-las e usar as mesmas, se possível em proveito próprio, como forma de me precaver contra inopinadas surpresas...

Nem sempre era fácil, nem sempre era possível, nem sempre levava aos resultados esperados, mas iria permitir, mais tarde atingir o equilíbrio cultural entre a origem e as aprendizagens orientais, que cultivei ao longo de décadas de vivência na Australásia e no Império do Meio.

Isso adviria, bem depois, sem sequer me aperceber de como já era diferente dos familiares e amigos que deixara para trás em Portugal. Estes, dificilmente entenderiam a mudança de nome, de identidade, de nacionalidade e jamais interpretariam corretamente a mudança de paradigmas pelos quais me passara a reger. A verdade é que a mudança, que inicial e erroneamente localizara em Timor, se deu precisamente em Macau no confronto entre as noções e princípios ensinados na minha educação judaico-cristã e os mundos desconhecidos de que Marco Polo falava e ora eu conhecia.

A chamada religião chinesa não é uma religião única como o judaísmo ou o islamismo. É constituída por muitas religiões e filosofias diferentes, como o confucionismo¹¹⁴, e o Taoísmo. Porém, Confúcio não pretendia fundar uma religião. Como propósito queria ***propiciar instrução moral e ensinar as pessoas a viver bem, de acordo com os valores de dever, cortesia, sabedoria e generosidade***. Uma das ideias mais importantes de Confúcio era que os filhos deviam honrar e respeitar os pais, tanto em vida como após a morte. Por isso, encorajava

a prática do culto aos antepassados, que já fazia parte da religião chinesa. Sábios posteriores como *Mêncio* (372-289 a.C.) e *Zhu Xi* (1130-1200) transformaram as ideias de Confúcio num sistema religioso.

Já no Taoísmo, o *Tao* é mais do que um caminho, definindo-se como a *fonte de tudo neste mundo*. Ao seguir o caminho, os taoístas aspiram à união com o Tao, e, portanto, com as forças da natureza. Isso implica livrar-se de preocupações e apego ao mundo material para concentrar-se no caminho, alcançando equilíbrio e harmonia na própria vida e conquistando a paz que vem da compreensão. Diz-se dos que atingem esse objetivo que serão imortais após a morte física.

Considere-se como terceira religião (não sendo, propriamente uma religião, mas antes uma filosofia) o Budismo, que penetrou na China perto do início da era cristã, atingindo o apogeu na dinastia *T'ang* (618-907). Ao oferecer uma análise da natureza transitória e sofredora da vida, o budismo oferece um caminho de libertação, introduzindo, no entanto, a possibilidade de que os ancestrais estejam a ser atormentados no inferno. Rituais para adquirir e transferir méritos aos mortos tornaram-se importantes, seja pela execução correta de funerais, seja por meio de outros rituais.

A religião popular é tão extensamente praticada que, embora seja ainda mais diversificada, se constitui como uma quarta via. Os chineses em geral não sentem que devam aceitar determinada religião ou filosofia e rejeitam as demais. Escolhem aquela que parece ser mais conveniente ou proveitosa - seja no lar, na vida pública ou nos ritos de passagem.

Mesmo a ideia de transcendente não se aplica também aos chineses no geral. O pensamento chinês é, em sua origem, imanente - tudo está aqui, em potência, esperando ser desperto. A transcendência só existe no budismo, que acredita numa libertação completa da matéria. Sei-o agora com a experiência dos anos e a retrospectão que o recente regresso a Macau me inspirara.

Inferi que a razão por que ainda não me dispusera (até esta Crónica) a escrever um só capítulo, total e devotadamente dedicado a Macau, nos volumes anteriores de *Crónica Açores*, se devia ao facto de haver pontas por unir, e que essa conjugação dos fios da meada só se tornara possível ao regressar após quase trinta anos de ausência. Macau fora um capítulo em aberto, uma história por contar, uma estória em busca de um desenlace. Por vezes, só o tempo permite analisar de forma fria e sem emoções, a relevância de factos passados. Sou definitivamente *um nativo do ocidente com uma visão oriental do mundo*.

96-98.15. RECORDAR MACAU

Em 2011 era a redescoberta da terra que duplicara de área física, mudara a soberania (artificial e nominalmente portuguesa) para a sua velha pátria chinesa, mas mantinha-se autónoma e com isso se tornara a nova Las Vegas. Com quase 30 casinos, em vez de quatro durante a presença portuguesa, já faturava três vezes mais do que a sua congénere no Arizona.

A palavra de ordem era progresso, desenvolvimento, pontes, prédios, estradas, tecnologias de ponta e a preservação da Língua Portuguesa, tão descurada em mais de 450 anos de presença simbólica de Administração Portuguesa. Um país e dois sistemas, como em Hong-Kong, provaram algo em que poucos criam. A preservação e incentivo da língua de Camões vieram como um bónus económico à implantação chinesa na África e no Brasil.

Lidei com muitos dos 750 funcionários da CEM na época. Convivi com eles, partilhei as suas festas, e aprendi o valor incomensurável da palavra tempo, que ali surge com outro significado. Lembro que a CTC¹¹⁵ estivera dois anos nas mãos dos japoneses antes de nos entregarem a chave das operações, e tentei, com a sofreguidão de jovem executivo, impor um novo esquema de trabalho.

Havia cerca de 32 feriados por ano, os de Macau (portugueses), os dos chineses, e os de Hong-Kong (ingleses). Havia dias em que na Central só havia chefes e outros em que só havia "coolies" (como se designavam os trabalhadores indiferenciados). Era difícil um acordo, prometia-se-lhes mais dinheiro, mas não queriam, prometia-se-lhes mais folga, mas recusavam. Finalmente, foi acordada uma nova lista de feriados conjuntos que mereceu a aprovação deles, sem recurso a mais dinheiro ou a mais descanso, apenas

115 (Central Termoelétrica de Coloane, na ilha do mesmo nome)

um arranjo melhor. O dinheiro e o descanso que levariam um ocidental a aceitar a mudança não surtiria efeito ali, o que para um ocidental era incompreensível...

Essa foi uma das muitas lições que aprendi. Mais difícil se tornou criar carreiras profissionais para os locais, quando os continentais e outros expatriados de África, que para ali tinham ido, tinham sido contratados com condições milionárias. Por exemplo, os Chefes de Secção, da Divisão, ganhavam inicialmente 300 patacas e o superior hierárquico imediato, mais de 5000 patacas...

Com uma nova política de responsabilização, melhor aproveitamento de recursos, possibilidades de promoção e outras acabou por reduzir-se substancialmente esse fosso. Se no início de 1977 aquele diferencial salarial era de 21,7 cinco anos depois (1982) era apenas de 8, nada mau para aumentar a justiça social. O contrário do que se passa em Portugal, nas últimas décadas, em que tal diferencial não para de aumentar. Sempre andei ao contrário de todo o mundo, em vez de andar para trás como os caranguejos andava para a frente, adiantado em relação aos restantes.

Os orientais, em especial os chineses, seguem, implacáveis, direções milenares, sem hesitações, num sentimento de dever e de tradição que nada tem a ver com as noções ocidentais equivalentes. Há um objetivo a atingir e essa é a meta que perseguem, à custa de tudo e de todos, como se fora uma missão sagrada ou divina, para quem os obstáculos são percalços do caminho a saltar, contornar ou eliminar. Lembrem-se: "*O rio só atinge seu objetivo porque aprendeu a contornar seus obstáculos!*" segundo *Lao Tsé*, filósofo chinês¹¹⁶.

Podem nunca pronunciar esse objetivo, podem nem se aperceber da sua existência, podem nem sequer transmitir a herança genética, mas ela perdura - irreversível - como uma tatuagem a ferro e fogo. Não há nenhuma norma escrita que nos possa orientar sobre esta atitude filosófica. Pouco sabia de chinês falado (mais propriamente cantonense) embora conseguisse balbuciar frases elementares, mormente em relação a comida.

Aprendi imenso com os chineses, conquanto, em tempos que já lá vão, tivesse vivido e casado com uma nativa macaense. Com eles aprendi o significado da palavra paciência e a ideia de programar e agir com vista a um futuro longínquo e invisível. Tudo isto contrariava as noções basilares da filosofia ocidental que aprendi desde os bancos da escola.

Senão, vejamos o exemplo chinês do bambu. Quando plantado por semente, tem uma maneira peculiar de brotar e crescer que se tornou uma grande lição de sabedoria. A semente, depois de colocada no solo, demora muito tempo a apresentar sinais externos de que vai vingar. O bambu enraíza-se bem fundo antes de crescer fora da terra. No início, a semente transforma-se num bolbo e depois surge um pequeno rebento que permanece inalterado sob o solo por um longo período. Só depois de as raízes atingirem dezenas de metros, ao fim de cinco anos, é que começa a projetar-se para fora da superfície.

Depois, em pouco tempo, o bambu cresce vertiginosamente e atinge 25 metros! Ao observar o comportamento do bambu, os chineses aprenderam a importância da paciência e da determinação. Queremos na sociedade ocidental o imediatismo, que as coisas aconteçam rapidamente e ficamos impacientes diante dos morosos resultados. Se a preocupação for para mostrar efeitos imediatos, corremos o risco de sacrificar as bases, os alicerces, e coloca-se tudo a perder.

Reconhecer o que o momento presente exige e depois, paulatinamente, confiar - este é o segredo do bambu chinês. O bambu faz o que tem que ser feito, no momento em que tem que ser feito, e faz tudo com serenidade, segurança e coragem. Não pensa nos resultados nem sofre por antecipação. O bambu, assim como o sábio, tem confiança plena no processo, nos movimentos da Natureza e na perfeição do universo.

Tudo isto é baseado em ancestral filosofia. Quando o verdadeiro eu e harmonia são realizados, todas as coisas alcançam o pleno crescimento e desenvolvimento. Assim, "*a vida do homem moral é uma exemplificação da ordem moral universal*".

Tentar ser fiel a si mesmo é "*a lei do Homem*". Esta verdade é absoluta, indestrutível, eterna, infinita, transcendental e inteligente, contém e abarca toda a existência; cumpre-a e aperfeiçoa-a sem ser vista; produz efeitos sem movimento; atinge os seus objetivos sem ação. Uma antiga lenda chinesa narra que na "superação do ego" está o passo decisivo na busca da verdade, do misterioso, do maravilhoso e do reencontro da totalidade. Essa lenda está na obra de *Dschuang Dsi* "*O Verdadeiro Livro do País da Florescência*":

¹¹⁶ fundador do taoísmo, século VII a.C.

“O senhor da terra amarela viajava para além dos limites do mundo. Chegou a uma montanha muito alta e viu a circulação de regresso. Foi então que perdeu a sua pérola mágica. Mandou o conhecimento buscá-la e não a teve de volta. Mandou a perspicácia ir buscá-la e não a teve de volta. Então, enviou o esquecimento de si mesmo. O esquecimento de si mesmo a encontrou. O senhor da terra amarela disse: “É estranho que justamente o esquecimento de si mesmo tenha sido capaz de encontrá-la!”

Sou um construtor nato de egos por medida e estas noções superavam-me. Não sabia, que as iria usar e segui-las como paradigma de vida, ao mudar os arquétipos que tinham regido a minha existência. Vivi na busca da felicidade imediata, da riqueza imediata, da satisfação imediata e não obtive nenhuma.

A filosofia chinesa apresenta dois aspetos complementares. Por serem um povo prático, com uma consciência social altamente desenvolvida, os chineses contavam com escolas filosóficas voltadas, de uma forma ou de outra, para a vida em sociedade, com relações humanas, valores morais e governo. Esse é só um aspeto do pensamento chinês. Complementando-o, encontra-se o lado místico; este aspeto exigia que o *“objetivo mais elevado da filosofia fosse o de transcender o mundo da sociedade e da vida quotidiana e alcançar um plano mais elevado de consciência”* (Capra, 1975¹¹⁷). Eu sabia também que os valores morais e materiais do meu mundo ocidental de nada valiam ali, conforme a minha persistente, inglória, vã e desesperadamente inútil, cruzada contra a corrupção o viriam a provar. Saí com a cabeça bem alta e a bolsa nada recheada, ao contrário de quase todos os que comigo se cruzaram nesses anos.

Jamais esquecerei as centenas de infindáveis tertúlias informais que fizemos com gente de todos os quadrantes, desde o grupo de arquitetos José Pereira Chan, Manuel Vicente¹¹⁸, Manel Graça Dias, e outros, ao então inefável e sábio curador do Museu Camões (Toninho Conceição),¹¹⁹ aos colegas jornalistas João Murinello¹²⁰, Ian Whiteley¹²¹, ao meu “irmão” Nick Griffin¹²², José Alberto de Sousa¹²³, aos pintores Carlos e Victor Marreiros¹²⁴, ao advogado Jorge Neto Valente¹²⁵, ao Guy Lesquoy¹²⁶ e outros. Tantos que nem os nomes deles lobrigou, aferrolhados nos cofres da memória.

Os funcionários chineses com quem lidei sempre fingiram nada entender de Português, além dos cumprimentos de cortesia. Uma das minhas cinco secretárias era chinesa e datilografava mais de 82 palavras por minuto em Português...alegadamente sem entender nada. Até cerca de mês e meio antes de ir para a Austrália, só falei português e inglês, mas subitamente comecei com uma certa fluência a dar ordens em chinês (cantonense) para espanto e interrogação deles. Ficariam sempre na dúvida, sem saberem quanto cantonense sabia ou desde quando. Era o mesmo que faziam aos ocidentais. Aleguei sempre (como eles) que nada entendia, que não era a minha guerra, estava só de passagem e nada interessava. Deu resultado.

Esta atitude chinesa destinava-se - como sempre - a garantir uma vantagem sobre o interlocutor sem lhe dar a saber que o entendiam, prática milenar de comprovados excelentes resultados em trocas comerciais e outras. Com essa pretensa humildade se destronava a arrogante atitude dos *kwai-lo*¹²⁷, nome dado aos brancos¹²⁸. As normas sociais e o aceitável ou tolerável eram distintas de Portugal ou Timor-Leste, onde estive antes.

Um dia, pouco antes da passagem da central para as mãos dos portuguesas, no meu gabinete entra um dos administradores japoneses muito sorridente com um envelope contendo alegadamente um cheque e qual é o espanto dele quando o abro e lhe digo que não, que devia ser engano, que não podia ser, etc. O nipónico, pensando que ficara ofendido pela quantia (a ser um pagamento regular faria de mim milionário em poucos anos), recuou, às vénias dizendo que o iria substituir.

117 Capra, F. O Tao da Física. São Paulo: Cultrix. 2ª ed. 1975. 274 p

118 falecido em 09/03/2013

119 Toning Conceição, na atual Casa Garden que lhe servia de residência nesses dias

120 Autor do livro A Herança Arquitetónica de Macau em 1983, falecido em 1997

121 ATV-HK e depois NHK Japão, atual paradeiro desconhecido)

122 Pivô e repórter da TVB-HK, falecido em data incerta, 1993 ou 1994

123 RTP Macau e depois assessor de Ramos Horta em Timor-Leste, falecido em 25/5/2013,

124 Ambos ainda em Macau

125 Ainda em Macau, depois de ter sido deputado local,

126 Do Crazy Horse Paris em Macau nos anos de 1979 (maio) e seguintes, fundador da ANIMA e da Alliance Française, ainda hoje em Macau, Diretor de Animação no Hotel Venetian em 2011

127 (também pronunciado gweilo ou gwaïlo)

128 (insultuoso apenas se usado como sei kwai-lo = maldito fantasma / diabo branco). Originalmente significaria diabo branco ou meramente estrangeiro. Gwei significa fantasma ou diabo, sendo fantasma a noção de morto-vivo habitante dos infernos budistas. Quiçá a explicação de pensarem que aqueles brancos – tão alvos – eram mortos que tinham voltado.

Claro está que lhe fiz ver que era diferente e não ia aceitar a oferenda. A minha mãe deve ter-me chamado tanso quando se falou neste episódio, como néscio me chamou o meu Chefe que, no mesmo período em que esteve comigo, conseguiu colocar um milhão na Suíça e metade disso em Londres... certamente acumulando com o que eu recusara. Declinei a oferta antes de saber que se devia a uns meros 10% de “luvas” pelo valor da assinatura que eu iria apor em documentos de compra de sobressalentes para a Central e que seriam fornecidas pela Mitsubishi (construtora e fornecedora da Central). Dado que, por ano eu assinava uns AUD\$ 333,000,000 (dois milhões de dólares de HK\$) = 21 000 000 euros,¹²⁹ não me arrependo embora só a terminação daquele número já me desse jeito hoje.

Curiosamente, uma medida introduzida por mim, como inovadora à época, foi o de reunir os altos quadros dirigentes com os restantes trabalhadores em festas de natal, abrilhantadas com música, declamação de textos e cantigas alusivas à época natalícia, o que não era habitual numa terra mais habituada às grandes comemorações do *Kung Hei Fat Choi*, no início do novo ano chinês. São muitas as recordações que me veem à mente sobre esses anos. Uma sobressai, o das ameaças das tríades de que falei atrás.

O esforço do primeiro ano começou a dar resultados e logo que a Central de Coloane nos fosse entregue no ano seguinte no regime de chave na mão, estávamos prontos a tomar conta dela e geri-la. Descobri, entretanto, um esquema de corrupção na admissão de pessoal menor (serventes, condutores, auxiliares, etc.) em que os aspirantes a uma vaga pagavam antecipadamente um ano de vencimento para entrarem. Como resultado, passei a fazer essas admissões pois a descentralização de tarefas dera mau resultado. Uns dias depois de montar o novo esquema surgiram as retaliações.

O carro apareceu com os pneus furados, depois meteram-lhe sal no motor, o que obrigou a que fosse desmontado e lavado, peça a peça. Um dos alegados responsáveis pelo esquema de corrupção era meu subordinado e Chefe de Armazém (um simpático e prestável senhor A’Heng), nascido em Moçambique, de etnia chinesa, que, solícito, veio dizer-me que conhecia pessoal numa seita de Macau (a mais conhecida era a sap sei kei ou 14 quilates) e podia descobrir quem estava por detrás daquilo para me proteger de futuros eventos. Agradei, mas não aceitei. Recusei.

Habituei-me a lidar com isso sem esmorecer. O mais esquisito foi quando um dos candidatos a empregado de limpeza me veio perguntar porque é que não o admitira pois tinha pago o que lhe tinham pedido. Disse-lhe para tentar pedir o reembolso à origem porque ali ninguém cobrava nada... Depois de repetições da sabotagem à viatura particular e à de serviço, como não dispunha de garagem passei a dispor de proteção policial todas as noites.

Mal sabiam os meliantes, ao praticarem atos de vandalismo na minha viatura ou na de serviço (a norma era quatro pneus furados) que a CEM se responsabilizava pela total reparação e indemnização... o prejuízo ia para o erário público. Mais uma vez venci as adversidades sem me dar por vencido. Em breve troquei o carro por um novo que custou três meses de vencimento, o último modelo da Toyota, um Cellica A40 Liftback ST de 1,6 litros (segunda geração Cellica nunca existente em Portugal).

Para que conste, e ao contrário de deputados da nação que se esquecem de fazer a declaração de bens e interesses, possuo ainda hoje o relógio *Cartier* e o isqueiro *S. T. Dupont* oferecidos por funcionários no meu casamento. Ambos, ironicamente, foram despedidos pouco depois, fruto de terem um terceiro processo disciplinar, mas isso dava para mais um capítulo completo.

Em Braga, um bolo-rei com 120 metros; Olhão, bolo-rei de 100 metros; Pombal, 50 metros; Loulé, 75 metros; Câmara de Lobos, 120 metros; Machico, bolo-rei mais modesto, com 10 metros, mas no Porto Santo, com 25 metros. Portanto, as finanças locais dão para muita fruta cristalizada. Abomino estas tendências pindéricas de armar ao pingarelho quando nem sequer se respeitam grandes valores que até existiram..., mania de que “nós portugueses somos grandes”, nós que já fomos os maiores... Lembro-me de me contarem que ao inaugurarem o Centro Comercial Brasília do Porto em 9 de outubro 1976 o proclamavam como o maior da Europa... Esta frustração edípica, que Freud explicaria, leva a que entre as maiores imbecilidades do mundo estejam tantos portugueses, com a maior sopa, a maior feijoada, a maior assadeira de castanhas em Vinhais, a maior isto e aquilo.... Será que o tamanho conta? Como disse e bem o Presidente da Porsche, Wendelin Wiedeking “Se o tamanho fosse importante os dinossauros estariam vivos”.

É esta a Lusofonia que não quero e me leva a sentimentos de repulsa quando é proposta uma bandeira com a esfera armilar. Há uma Portugalidade incompatível com a Lusofonia....

CRÓNICA 99. DA FUGA DOS LIVROS PARA O EGITO E SANTA MARIA DOS AÇORES 14-26 junho 2011

Uma tarde veio o Daniel de Sá contar num dos fóruns açorianos a que pertencemos:

Minha gente

Estive esta tarde com Maria Alice num concerto de sonho nas Capelas. Para começar, as Capelas são um dos espaços açorianos de que mais gosto. Para continuar, a tarde estava linda. Para encher os sentidos e os sentimentos completamente, um concerto de violino perfeito. Quem? A Micaela, a filha mais nova do nosso amigo, para mim "irmigão" (foi ele o inventor do nome), Carlos Sousa.

Tratou-se das peças escolhidas para o seu exame de 8º grau antes do acesso ao Curso Superior de Violino. A miúda não jogou à defesa, de maneira nenhuma. Peças difíceis de interpretar, com muito "presto" e muita 1ª corda, que é sempre a pedra de toque dos grandes violinistas. Se os agudos não incomodam, o violinista é bom. E a Micaela deliciou uma sala completamente cheia no Hotel da Quinta do Navio, um lugar paradisíaco. Se eu não a conhecesse desde pequenina, poderia ter pensado que fora um anjo que ali descera para fazer jus à paisagem.

À margem do concerto, o encontro com alguns amigos. Um deles, o Guálter Dâmaso, amigo dos tempos de Sta. Maria e que foi colega no seminário do Carlos Sousa e do Onésimo, entre outros. Contou-me que foi há dias à Roménia e que uma guia turística lhe disse que conhecia escritores portugueses. O Guálter observou que ela não conheceria certamente escritores açorianos. E ela desata a falar-lhe dos livros e do estilo do Onésimo, dos do Cristóvão, dos meus... Já lera quase tudo o que a gente publicou! O Guálter não se lembrava bem do nome, mas disse que era algo como Carina. E aqui entra a diferença entre o que é ser guia turístico na Roménia e aqui.

É que esta senhora é provavelmente a Crina Voinea, professora universitária, que anda pelos Colóquios do Chrys distribuindo simpatia e que vai traduzir para Romeno alguns autores açorianos. Parece-me coincidência demasiada tratar-se de outra pessoa. Mas, apesar da sua imensa cultura (ou decerto por isso) é capaz de acompanhar como guia turística um grupo de portugueses. Talvez por esta e por outras é que a Roménia, mais dia, menos dia, passará à frente a Portugal em termos de desenvolvimento.

Abraços. Daniel

A isto respondi eu:

Muito provavelmente, ou mesmo de certeza que é ela, como já foi ela há tempos que apareceu num programa multicultural que a RTP apresentou... Provavelmente leu mais autores açorianos que muitos açorianos juntos...

Já lhe perguntei (a ela Marilena Crina Voinea). Ela traduz atualmente Cristóvão de Aguiar "O passageiro em trânsito" e seguidamente traduzirá Daniel de Sá, Vasco Pereira da Costa e Eduardo Bettencourt Pinto, cortesia dos Colóquios da Lusofonia de levarem estes e outros escritores a locais inimagináveis (Polónia, Ucrânia, Rússia, Eslovénia, Itália, França...) Um abraço do tamanho do mar a todos os que leram livros de autores açorianos...

Ainda ontem me indignei com a SIC, na reportagem sobre S. Jorge e Pico, com os apresentadores com o livro de Melville nas mãos em vez de um de Dias de Melo, por exemplo...claro que nunca ouviram falar dele e estavam entusiasmados como o Melville...santa ignorância...

Daniel de Sá respondeu:

Chrys, isso é verdade, triste verdade, a respeito de muitos portugueses continentais. Mas também de muitos portugueses açorianos. Já se escreveu igual pelo menos e mais atualizado que o que fez Raul Brandão, mas este continua a ser idolatrado em detrimento de gente de cá. Que não se o esqueça, por amor à literatura, mas tudo tem um limite. Veio aí o Tabucchi, disse umas coisas, e foi endeusado. E há cá quem escreva tão bem como ele e conheça as ilhas e seus costumes um pouco melhor.

Acabo de falar do concerto da Micaela. A moça toca angelicamente. Pensas que o Teatro (leia-se GRA) lhe abrirá o palco? Ou o Coliseu (leia-se BC)? Mais fácil vir o Quim Barreiros ou a Mónica não sei quantos.

Diz Chrys:

Infelizmente pertenço às elites, aquela coisa que o 25 de abril quis terminar tal como o Mao na China, mas aqui não nos mandaram para campos de trabalho, espezinhados até morrermos, obrigam-nos a ouvir c's e f's todos os dias, mas respondo-lhes eu com um c e que grande f para eles todos quer se digam de direita, esquerda ou do raio que os parta...é com orgulho que pertenço às elites que pensam e leem.

Se eu chamasse o roberto leal, o quim barreiros ou o tony caganeira (perdão carreira) tinha os Colóquios cheios, mas prefiro comer bacalhau a cheirá-lo. ...assim como prefiro fazer os Colóquios com 30 ou 40 pessoas dedicadas que nos acompanham o tempo todo e ajudam nos projetos como a Crina Voinea, Iliyana Chalakova, Larysa Shotropa, Iovka Tchobanova e outros lusófonos e lusófilos. A igualdade das massas é igual a mediocridade (ai agora é que me mandam mesmo fuzilar), nós não somos todos iguais e não podemos ser feitos iguais à pressa, à pressão ou por decreto.

Deve dar-se mérito a quem o tem, independentemente do nome ou do bairro onde nasceram, em vez da fantochada dos axiónimos: são todos doutores, engenheiros ou arquitetos da mula russa (poucos conhecem esta terminologia cota) neste tipo de educação para todos, feita à força e que não cria uma população mais culta, apenas uma massa de tipos e tipas com canudos que não correspondem a saber, nem capacidade de resolução de problemas.

Já tive empregadas domésticas com a velha quarta classe mais cultas do que alguns dos professores formados a martelo nas fábricas de salsicha atuais (perdão, fábrica de canudos).

Desabafado isto, politicamente incorreto, acho que o Quim Barreiros e quejandos têm o seu lugar, tal como as telenovelas e outras coisas, para dar razão aos que parafraseiam Pedro Homem de Mello (esse coevo de Afife como o meu pai) "é disto que o meu povo gosta..."

Assim sendo, em vez de contratar um artista popular para lançar o meu livro vou ter a Ana Paula Andrade que nos Colóquios toca com uma soprano excecional, a jovem Raquel Machado.

Enquanto me deixarem vou continuar nas elites dos que leem, dos que continuam a aprender e a estudar com esta idade, dos que apreciam essas "chachadas de ópera" a que o Daniel foi...e que como todos sabem não têm tarelo nenhum e põem uma pessoa menente com aqueles sons esganiçados do violino que parece um porco na antecâmara da morte...

14 junho 2011

Naufraquei

Na ilha

Acordei

Sem saber onde

Quem sou?

De onde vim?

Para onde vou?

Foi então que vi os livros do Cristóvão de Aguiar na sua casa em S. Miguel Arcanjo com vista sobre Sto. Amaro a fugirem a sete pés da sua falsa.

Que se passaria?

Ele não estava e os livros fugiam em correria desenfreada rumo às Poças onde costumava ir ao banho matinal.

Seria isto que acontecia aos livros quando não estava na ilha? Porque fugiam?

De quem fugiam?

Há quem diga que a infância infernizada do Cristóvão se encarregou de geneticamente o levar a hereditarizar nos que o rodeiam.

Dizem que ele é o exemplo vivo do inferno na terra, para ele e para os que se acercam. Eu não sei se seria por isso que os livros debandavam?

Quis aproximar-me, mas não podia de tão tolhido que estava pela sua última diatribe.

Náufrago de amizade recente, mas perene.

De repente, apercebi-me de que os livros em fuga eram os que ele escrevera, os dos outros autores andavam numa roda-viva, em acesa discussão sobre quem era o mais açoriano e o melhor representante da açorianidade. Afinal, as tertúlias que tive em sua casa em 2009 haviam passado para os livros que decoravam - como se de mobílias se tratasse - a sua falsa no Pico.

Era o exemplo mais vivo do que são as personalidades açorianas que escrevem livros. Apresentam uma fachada manuelina, bem compostinha embora, nalguns casos, se notem as fissuras da idade naqueles rostos martelados na pedra.

Aprenderam com os estrangeiros a comportarem-se para ocultarem a sua terrível herança feudal que os condiciona ainda hoje, mas quando o verniz estala tudo vem à tona.

É uma canga pesada para que se libertem em apenas três décadas desde que a democracia voltou. Ocupam as cores do arco-íris nos quadrantes políticos e dizem-se todos - mas mesmo todos - muitos amigos, uns dos outros. Dificilmente se toleram fora das cliques e claques onde pontificam e se as não tem a sua sobrevivência como escritores está quase irremediavelmente comprometida e condenada ao fracasso.

Poderíamos extrapolar sobre o que fazem os livros do Daniel de Sá, se não fugirão também, todas as noites até Sta. Maria?

Será que saem silenciosamente da casa na Maia (S. Miguel), paredes-meias com o Solar de Lalém e vão primeiro para a Travessa dos Foros onde viveram décadas, para matarem saudades antes de aventurarem por mares alterosos para regressarem à Ilha-Mãe tão celebrada, em busca das pedras de antigas casas mitológicas que preenchem os seus sonhos e serviram de motivo para o pastor das Casas Mortas.

Estou mesmo a imaginar todos os livros em fila açoriana a saltar de ilha para ilha em busca do Santo Graal que aquelas pedras encerram.

Felizmente que os tempos são outros, pois no tempo do pai do Daniel era preciso uma espécie de “passaporte” para se ir de ilha a ilha, mais ou menos o que acontece agora na China com Macau e Hong-Kong, um país e dois sistemas.

No verão deve ser mais fácil aos livros aventurarem-se no Grande Mar Oceano, que os invernos trazem ventos e marés de virar barcos bem pesados, alguns dos quais desaparecem sem deixarem rasto.

Foi o que aconteceu há meses¹³⁰ com o barco de pesca “Ana da Quinta”, de um armador de Vila Praia de Âncora que desapareceu a cerca de 150 milhas da Ilha das Flores, nos Açores, onde andava à pesca ao espadarte. Não houve qualquer contacto por parte dos nove tripulantes que seguiam a bordo. São cinco pescadores de Vila Praia de Âncora e quatro de origem asiática, todos com idades acima dos 40 anos e larga experiência marítima.

Não há explicação para o sucedido porque, apesar de na altura se registarem no local ondas de cinco metros, o barco “Ana da Quinta” em ferro com 20 metros de comprimento e mais de 100 toneladas... nunca apareceu tendo sido encontrado um corpo.

Talvez os livros só passem entre a Maia micaelense e Santana mariense no estio.

O certo é que não tenho coragem de pedir aos autores autorização para comprovar esta minha fé inabalável nos movimentos secretos dos livros que preenchem as suas bibliotecas. Teria de me postar em posição de atalaia, como se fosse um vigia de baleias à espera de os ver sair, a menos que se consigam teletransportar que é isso que, por vezes, acontece com o conteúdo das obras de muitos autores açorianos.

Depois, ficaria à espera para saber que novas histórias tais livros poderiam contar ao regressarem calma e silenciosamente às suas bibliotecas, aguardando que os donos os vão consultar, já que não foram escritos para ficarem a apanhar pó nem para embelezarem um qualquer armário.

Certamente com a criatividade da Engenharia, da Arquitetura e da Historiografia tais ideias podem transformar qualquer das ilhas na verdadeira Ilha da Fantasia, enriquecendo os atrativos para os seus habitantes e visitantes, gerando mais e bons empregos, mais atividade ao comércio, mais impostos, etc.



CRÓNICA 100 MAIA 5 SÉCULOS E UM LIVRO. 1 julho 2011 **100.1. CHRÓNICAÇORES UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO, VOL. 2**

Há momentos mágicos na vida, dos que queremos perdurem não só na memória, perpetuados numa animação suspensa, como se fosse possível parar o tempo e fixá-lo numa determinada imagem de um instante, nesta fugaz existência que nos permite andar a vaguear por este geóide, achatado nas calotes polares, a que chamámos Terra.

*Dia 1 de julho na Maia foi um desses momentos graças à música açoriana interpretada pela Ana Paula Andrade e filhos Carolina e Henrique, que serviu de prelúdio a uma magistral digressão pelo tempo e pela geografia, a cargo do Pedro Bicudo, na apresentação nacional do *CrónicaAçores: uma circum-navegação* (vol. 2).*

Meia centena de pessoas abdicou do lazer destinado à noite de sexta-feira (a pausa de descanso do guerreiro) para ouvir falar de um autor “outsider”, que fala de açorianidade como se nela tivesse nascido. Foi uma honra ter na assistência José Carlos Teixeira, Urbano Bettencourt, Daniel de Sá, José Francisco Costa, além de amigos, conhecidos e desconhecidos, como a Joana Motta Vanzeller que só conhecíamos ciberneticamente, uma mão cheia de professores da escola, normalmente avessos a estas iniciativas, o Manel Sá Couto, o Zé Soares, e tantos que estoicamente estiveram duas horas, sob os olhares atentos da RTP-Açores, que subiu à costa norte para a primeira iniciativa dos 5 séculos da Maia.

Não esperei que tantos acorressem a um local, esquecido na geografia da ilha, afastado dos centros de poder para a apresentação do livro de um jornalista reformado, politicamente incorreto, confesso ateu e inconformista e que apenas ciclicamente é mencionado a propósito dos Colóquios da Lusofonia.

*Pena foi que as velhas rivalidades, e outras questões comezinhas, impedissem a presença de mais gente da Lomba da Maia, que o autor já considera sua, e homenageia neste livro com uma monografia. O que consta e que ficará registado é que ali não estava ninguém por obrigação, social ou outra, para ouvirem falar de autores açorianos como Cristóvão de Aguiar, Vasco Pereira da Costa, Daniel de Sá e outros que percorrem em diálogos variados as páginas de *CrónicaAçores* (vol. 2), na génese de sucessos que os Colóquios da Lusofonia têm alcançado numa constante viagem de achamento da açorianidade, levando esses autores a traduções em línguas menos conhecidas (romeno, polaco, russo, búlgaro entre outras), à divulgação nos *Cadernos Açorianos*, à inclusão na *Antologia de Autores Açorianos contemporâneos* e à versão bilingue que daquela se constrói.*

Disso se falou e da herança de judeus conversos, na noite em que as imagens das ilhas serviam de pano de fundo preparando a audiência para o magistral concerto do Cancioneiro Açoriano que precedeu a mais formal apresentação do livro. Éramos todos açorianos nessa noite, apesar de nascidos nos mais diversos países e regiões, e o livro serviu de desculpa para uma tertúlia de histórias que se prolongaria noite adentro, em casa do Daniel de Sá, ao lado do imponente Solar de Lalém prenhe de história. Resta-me acrescentar.

100.2. TEXTO DE AGRADECIMENTO, CHRÓNICAÇORES VOL 2 LANÇAMENTO MAIA

Iniciarei o ritual de agradecimentos pelo Jaime Rita por me ter incluído na celebração dos 5 séculos da Maia e desejar que esta cumpra aspirações ancestrais e que breve seja elevada a Vila como já é sentida por muitos. Uma palavra de apreço à Professora Ana Paula Andrade pela sua amizade e pela total disponibilidade para nos presentear com excertos do Cancioneiro Açoriano bem apropriados a este livro.

*Sinto-me grato pela magistral apresentação do Dr Pedro Bicudo de quem partiu a ideia de se fazer o lançamento nacional da obra na Maia nas celebrações dos 500 anos, e ao Francisco Madruga, da Editora Calendário das Letras, por ter acreditado que valia a pena publicar este livro e por último, já que isto se assemelha à apresentação dos Óscares em Hollywood, devo agradecer à minha mulher por ter casado comigo. Sem ela, estaria na Austrália, nunca teria conhecido os Açores nem sentido a açorianidade que através dos Colóquios da Lusofonia temos levado aos quatro cantos do mundo e que é tratada na *CrónicaAçores*.*

Por isso, falarei pouco do livro onde explico como vindo de outras culturas e continentes me deixei apaixonar pela ilha. Os outros mundos, lá fora, perderam importância e servem só para divulgar um dos segredos mais bem guardados: o da existência de uma importante literatura de matriz açoriana. Existem muitos que merecem ser lidos. Hoje a internet, televisão, jogos de consola e outras diversões mais mundanas afastam-nos da leitura como forma de aquisição de saberes. Temos mais informação do que em qualquer outra era, mas estuda-se menos, lê-se menos e subsequentemente sabe-se menos.

Nem todos os escritores são complexos como Cristóvão de Aguiar. Uns falam da vida árdua e da fome dos baleeiros do Pico, como Dias de Melo. Outros são poetas como Vasco Pereira da Costa e Eduardo Bettencourt Pinto. Mas poucos são tão acessíveis como o nosso maiato condecorado, Daniel de Sá que tanto gosta de ensinar História enquanto nos conta estórias. Outros nomes havia, mas escolhi os que melhor conheço e a quem chamo amigos. Como tradutor de Daniel de Sá fiquei cativo e apaixonado e tive de escrever este livro para me libertar da poção mágica da sua escrita e daí nasceu “Crónica Açores: uma circum-navegação”.

Se bem que a minha pátria seja a Austrália eu conjugo-a com a de Fernando Pessoa, a Língua Portuguesa. Se hoje tenho como mátria Bragança no nordeste de Portugal, aos açorianos o devo, pois foram eles quem me ensinou a ter amor às verdadeiras raízes onde quer que se viva. Ao vê-los tão amantes das suas terras tive de ir descobrir as minhas origens a Bragança embora lá vivesse menos tempo do que em qualquer outro lugar. Sinto como todos transportam esse sentimento de pertença aqui e no estrangeiro. Aliás, estou convencido de que uma das razões para haver tantos escritores nos Açores se deve exatamente ao facto de vivermos nestas ilhas. Em S. Miguel o verde dos montes, as vacas alpinistas e o mar que nos circunda são responsáveis por nos levarem a escrever.

Num mundo marcadamente materialista como este, decidi que a minha herança para os filhos seria só a riqueza dos conhecimentos que andei colecionando ao longo da vida em circum-navegação e que agora condensei em livro. Aprendi mais nos países onde vivi do que qualquer universidade me poderia ensinar. Com os aborígenes australianos entendi como é possível preservar a língua e cultura mesmo sem haver escrita há 60 mil anos. Com os chineses apreciei o valor do futuro com base nos ensinamentos do passado, e com os timorenses, macaenses e outros aprendi saberes que fazem parte do meu quotidiano. É disso que este livro fala. A ilha para Natália Correia é Mãe-Ilha, para Cristóvão de Aguiar, Marilha, para Daniel de Sá, Ilha-Mãe, para Vasco Pereira da Costa, Ilha Menina, para mim nem mãe, nem madrastra, nem Marília nem menina, mas Ilha-Filha, que nunca enteada. Para amar sem tocar, ver dilatar nas dores da adolescência que são sempre partos difíceis.

Toda a vida fui ilhéu. Perdi sotaques, mas não malbaratei as ilhas-filhas. Trago-as comigo a reboque, colar multifacetado de vivências de mundos e culturas distantes. Primeiro em Portugal, ilhota perdida da Europa no Estado Novo, depois em um capítulo naufragado da História Trágico-marítima nas ilhas de Timor e de Bali, seguido da ínsula de Macau (fechada pelas Portas do Cerco), da imensa ilha-continente Austrália, e na ilhoa esquecida de Bragança no nordeste, antes de arribar a esta Atlântida Açores.

A Crónica Açores, vol. 2, retrata os amores ilhéus. Além da literatura dos Açores, contém a primeira monografia da Lomba da Maia (onde vivo) viaja de Bragança à Austrália, e aos meus amores por S. Miguel, Sta. Maria, S. Jorge, Faial e Pico. Aliás a inquietude persegue-me desde que saí da Europa em 1973 e me abri ao conhecimento universal e multicultural. Adquiri uma errância mais própria de nómadas ciganos do que das origens sedentárias de marrano galaico-português. Esta inconstância assola-me desde que me arquipelizei nos Açores há seis anos. Sou conhecido pela infidelidade no amor às ilhas que habito. De cada vez que saio da Ilha verde - e visito nova ilha – enamoro-me loucamente como um jovem adolescente de sangue quente em busca de paixões avassaladoras como são os amores da juventude. Só posso viver numa, mas em todas quero estar em simultâneo, pois nelas me sinto em casa.

Quero salientar que é uma honra estar aqui nos 500 anos da Maia embora saiba que a minha terra, a Lomba da Maia ainda não recuperou da tentativa de mudar o nome para N. Sra. do Rosário, ferida pela desfeita real de 1699 quando “...o Rei Dom Pedro II, o Pacífico, por certo, não hesitou em desautorizar o bispo D. António, e a Lomba da Maia, sob a jurisdição paroquial da Maia, não chegaria a ser paróquia porque o Rei quisera acautelar a integridade dos rendimentos dos párocos da Maia.”¹³¹

Hoje somos vizinhos nesta autonomia democrática e temos de esquecer as rivalidades ancestrais para crescermos em conjunto e não de costas voltadas. Se a Maia está mais voltada para o mar e a Lomba para as vacas, temos de aproveitar as diferenças para incrementar as potencialidades de atrair turismo para ambas as valências, oferecendo a nossa imensa hospitalidade, gastronomia, os montes e mares pois pode estar aí o crescimento económico e a solução para o desemprego crescente que começa a ameaçar a estrutura familiar das nossas gentes. Saibamos aproveitar as semelhanças em vez de realçar as diferenças pois na união está a força.

Na Maia e na Lomba, somos diferentes, somos da costa norte. Não importa que a costa sul nos esqueça. Temos orgulho nos nossos mares agrestes, nos nossos ventos mata-vacas e temos a dignidade de cinco séculos de história e de trabalho árduo com a memória da pesca, do linho, do tabaco e das telhas.

Esta a mensagem final que entenderão melhor se lerem Crónica Açores.

Bem hajam pela paciência para me ouvirem.



131 (in Mário Moura: A criação de uma paróquia, Sra. da Conceição da Ribeira Grande")

CRÓNICA 101 NASCIMENTO DA LEONOR, NETA SEGUNDA, 25-27 julho 2011

Seria coincidência ou fortuito acaso? Após quase cinco anos de silêncio, os sinos da Igreja da Lomba da Maia (há muito silenciados por razões que desconheço) voltaram a tocar na hora certa e pela meia hora, como que a anunciar a vinda de uma segunda neta.

Nestas coisas os sinos costumam ser mais frequentemente associados a enterros e avisos de falecimento do que a alegrias...

Como dizia o poeta António Gedeão, “*eles não sabem nem sonham que o sonho comanda a vida*” e assim tem sido comigo. Resta-me desejar que o mesmo lhe suceda.

Vieste do nada numa madrugada longa sem luar, enquanto o mar rugia ao longe na Praia da Viola, percorreste o caminho das estrelas como tantas outras antes de ti, mais parecias um cometa deixando um rasto indelével na ansiedade da tua avó, bis-avó (que é uma avó bis), ansiando abrir as asas e voar até ti, agarrar-te e dar-te todo o carinho do mundo como só as avós sabem.

Na ilha fez-se silêncio em tua honra, antes de os cagarros começarem a cantar a sua ladainha noturna e antes mesmo de os milhafres fugirem assustados para as suas tocas, altos poleiros em postes na estrada vizinha.

Nem um só barco saiu à pesca nessa noite, acenderam-se velas nas aldeias, ditas freguesias, e se houvesse Romeiros, seria em tua honra. As vacas mugindo, pediam para serem esvaziadas as suas tetas úberes num afã de te darem alimento. Os sorrisos que irás trazer acalentam muitos corações e fazem esquecer a solidão dos dias horizontais enquanto na vizinha Maia os foguetes estrelejam pois ao fim de cinco séculos vens anunciar uma boa nova.

Enquanto isso, o poeta continuava mergulhado nos seus pensamentos, em frente às rochas, a que chamam piscinas naturais ou poças, incapaz de um poemato que o levasse do papel à ação. Ouvia as falésias a cantarolarem canções de embalar a que chamavam “*lullaby*” para te embalarem no remanso das ondas sob o olhar atento dos garajaus.

E ao fundo, na bruma do amanhecer, ver-se-á mais uma ilha enevoada daquelas que costumam surgir com os nevoeiros de S. João e chamar-se-á Leonor.

Bem-vinda neta que fazes sentir o calendário dos dias nos anos deste avô que nunca escreveu poemas no nascimento dos filhos.



CRÓNICA 103 CARAVELAS DO PICO, 9-10 agosto 2011

O Hotel Caravelas tem um nome que já não corresponde à atual volumetria. Com as recentes obras, os quartos que - em presépio - se voltavam para a Horta, passaram a ficar voltados uns para os outros sobre a entrada da garagem. Decerto que a ideia era a de recriar o pátio romano ou árabe, em torno do qual toda a atividade do “lar” se desenrolava, e assim quando alguém ia a uma varanda fumar podia vigiar e espiolar o que os vizinhos faziam nos seus quartos, numa política de aproximação e integração dos hóspedes na vida comunitária.

Claro que perderam a soberana vista sobre a vizinha ilha do Triângulo, mas ganharam uma visão privilegiada: uns sobre os outros. A fachada principal passou para uma rua das traseiras com uma imponente vista do Pico, mas os vidros estiveram tão sujos (durante uma semana) que nem se via a montanha. Obviamente, um mero pormenor que não mereceria reparos, quem quiser ver o Pico que vá lá vê-lo e não fique no Hotel a observá-lo.

O Hotel, na sua imponência, sobranceiro ao pequeno porto da Madalena ocupa um lugar privilegiado na ilha, por ser a única unidade hoteleira a funcionar, digna desse nome e capacidade pouco abaixo de uma centena de quartos. As vistas para o Faial e a localização privilegiada no coração da Vila da Madalena não podem, no entanto, servir de desculpa para o péssimo serviço que o Hotel Caravelas proporcionou no verão de 2011 aos seus hóspedes.

Logo que chegam à receção, os clientes são avisados que o insólito check-in ocorre apenas pelas 16 horas.... No caso vertente, após algum esforço e simpatia foi possível convencer a sobrecarregada equipa de quartos a proceder aos trabalhos de limpeza do mesmo antes das 15 horas. A mala vinda no voo da manhã de S. Miguel, que aguardava, pacientemente, num canto da receção desde as 09.30 foi finalmente desmanchada, depois de termos sido surpreendidos pelo pedido de pagamento prévio da ocupação dos quartos., supomos que este método revolucionário de cobrar antes da estadia evita reclamações futuras.

Nesse dia e seguintes a bucólica calma da Madalena era interrompida pelo martelar pneumático de berbequins e outros irritantes aparelhos mecânicos na obra de mudança de painéis de madeira na receção e noutros locais e que decerto não poderia ser adiada para época mais calma (primavera, outono, inverno).

A juntar a isto uma carrinha dos trabalhadores de carpintaria ocupava um dos poucos lugares do estacionamento na garagem, tão mal concebidos que apenas davam lugar a uma dúzia de viaturas onde bem poderia caber o dobro...convenhamos que as reparações de emergência em pleno mês de agosto eram um abuso da paciência e do direito ao descanso dos veraneantes incapazes de dormirem a sesta que os locais acreditavam ser prerrogativa exclusiva dos espanhóis.

Ao pequeno-almoço, o café de saco foi servido frio, calculando-se que ali tivesse sido colocado pelas 07.30 e como a temperatura ambiente era de 28 °C os funcionários deveriam calcular que se mantivesse quente após duas horas. Quando interrogada uma funcionária sobre a possibilidade de ter um café expresso, foi dito perentoriamente que teríamos de nos deslocar à receção a pedi-lo pois ela não podia ir lá...mandou-me a mim...

Gostei da atitude que revela determinação e iniciativa, para os hóspedes não ficarem sentados à espera que as coisas lhes apareçam à frente e – como todos sabem – o exercício dos hóspedes faz bem à saúde do Hotel... Assim, contrariamente ao que acontece sempre, não tomei o café expresso ao pequeno-almoço.

A contragosto, contrafeito, contrariado, incomodado, irritado, saí e fui tomá-lo ao bar esplanada, ao lado, o Caipirinhas Park, onde o solícito brasileiro pela segunda manhã que me viu, mandou servir-me a italiana e o café curto da minha mulher...sem sequer ter tempo para o pedir... Não acredito que lhe deem emprego no Caravelas (é demasiado atencioso e eficaz).

Demos um passeio pela ilha até à inolvidável e sempre quente Prainha onde nos deliciamos ao almoço – *comme d’habitude* – no “Campo do Paço” restaurante recomendável a quem gosta de boa comida (infelizmente, fechara definitivamente em dezº 2017), embora o serviço seja lento, mesmo com pouca clientela.

Vimos dormir a sesta ao Hotel e para nosso espanto o quarto estava por arrumar, embora o sinal a pedir a limpeza do mesmo estivesse pendurado desde as dez da manhã...Nessas cinco horas a brigada de limpezas não tivera tempo.

Questionada a receção foi-nos dito que era por o Hotel estar cheio... Esta resposta, que não chegou para me enfurecer, daria motivo a reflexão diversa após termos constatado que a empregada da firma de aluguer de carros ajudava a limpar a piscina e ajudava na receção. O motorista que nos fora buscar ao aeroporto andava a aspirar e a fazer manutenção de equipamento da piscina...aliás este “multitasking” ou utilização intensiva de pessoal em tarefas múltiplas só demonstra a alta capacidade de motivação dos patrões que, com reduzido orçamento e um aproveitamento máximo dos recursos humanos, põem toda a gente a desempenhar todas as funções.

A ida à piscina do Hotel permitiu comprovar que a crise é um mito, e apesar destes turistas serem, na maior parte, do tipo mochileiro, ou pé descalço sem desprimor para os que optam por andar descalços...o certo é que os havia de todas as nacionalidades: franceses, alemães, espanhóis e italianos. As novas gerações cheias de tatuagens e “piercings” numa versão séc. XXI dos hippies que dantes havia, andavam pela ilha mais interessadas em baleias e mergulhos do que em gastar divisas noutras atividades, além dos habituais “copos”. Aliás, os turistas que enxameavam a ilha dividiam-se em dois grupos os de mais de 50 anos e os de menos de 30...

Eis senão quando na piscina irrompe uma senhora matrona, carregada de joias (embora não me pareça que a piscina seja o sítio ideal para tal ostentação..., mas é a minha opinião apenas) a admoestar em voz alta a adolescente que há meia hora insistia em saltar para a piscina junto das pessoas que ali nadavam. Depois de ralar profusamente com a jovem por esta não ter acorrido de imediato ao chamamento e à oferta de um gelado, a senhora bradando em alta voz negociava uma viagem de táxi na ilha de quatro horas, como se os restantes habitantes da piscina tivessem necessidade de o saber...

Mas os espanhóis que eram os mais alarves e ruidosos na multidão não pareciam incomodados por estas vocalizações propagadas pelo rossio que soprava do Canal. Ao observar estes seres humanos que me rodeavam – tive, uma vez mais – a sensação de estar num jardim zoológico preenchido por bípedes que tentam sobressair da turba abusando da voz. Até os pássaros andavam afugentados.

Podia inclusive haver alguém interessado em fazer um aprofundado estudo psicológico neste ambiente, mas pela parte que me dizia respeito tinha para ler um excelente livro de Deolinda da Conceição, mãe do meu amigo Toninho Conceição Jnr de Macau. “Cheong-sam (a cabaia)” descreve-nos em pequenos contos, delicados e deliciosos, diversas cenas da China e de Macau nos anos 50, e ali estava eu a observar um zoológico tão diferente no trato, na fala e nos costumes. Havia um enorme fosso a diferenciar o respeito pelos outros e pelas convenções sociais ou seria apenas por me custar deglutir o grotesco espetáculo que me rodeava e me invadia a privacidade desta escrita com seus sons tonitruantes e alarves?

Como sempre, esta ilha atrai-me com a magia magnética que nos persegue e a qual tentei traduzir no fecho do meu curto discurso na apresentação do meu livro nas Lajes do Pico, com a presença de mais de uma vintena de pessoas e para a qual a Direção da Cultura mandou deslocar da Ilha Terceira, o Diretor do IAC, Eng.º Paulo Raimundo, que juntamente com o Diretor do Museu dos Baleeiros, Manuel da Costa Júnior fizeram a abertura da sessão no próprio Museu dos Baleeiros.

Na assistência contava-se o bom amigo Vasco Pereira da Costa. Fiquei menente com a importância que a DRAC deu ao assunto e com a presença de tanta gente incluindo o nonagenário Comendador Ermelindo Ávila, jornalista, escritor e personalidade picoense emérita, bem lúcido nos seus 96 anos, presença que muito me sensibilizou, em especial ao ver que no final, na sessão de autógrafos, não aceitou passar para a frente das restantes pessoas, esperando pacientemente a vez.

A propósito, cumpre recordar aqui o que Ermelindo¹³² disse em entrevista ao Correio dos Açores:

“Julgo que tenho um relacionamento normal com todas as pessoas, das mais diversas atividades sociais incluindo, portanto, aqueles que são escritores. Recordo neste momento, além de outros, o Padre Xavier Madruga, que considero o meu Mestre, o escritor picoense Dias de Melo, a quem me ligava uma amizade familiar de muitos anos, o professor Emanuel Félix, já falecidos e dos vivos Manuel Ferreira e Daniel de Sá, além de outros mais. Nunca recebi qualquer quantia por aquilo que escrevo há setenta e oito anos. Se esperasse por algum provento da escrita, andava hoje a pedir esmola, ou estava internado num asilo. Escrevo porque isso me dá prazer e é o quanto basta neste ocaso da vida”



CRÓNICA 104 - PASSAGEIROS COM POUCO TRÂNSITO - 12 agosto 2011

Parado no aeroporto da Horta, não sou o *Passageiro em trânsito* do Cristóvão de Aguiar, nem transporto o *Fogo Oculto* do Vasco Pereira da Costa, antes deixo que os ponteiros do relógio caiam lentamente, minuto após minuto, por entre o linguajar dos que, comigo, esperam um avião. Como sempre me acontece, quando excursiono nestas ilhas atlânticas, nunca tenho vontade de partir: impérvio, permaneço sentado, quase imóvel, no pátio de observação do aeroporto da Horta. Estou de frente para o Pico que me pisca o olho, sorrateiro, por entre as nuvens, escondendo-se, amiúde, dos meus olhos perscrutadores. Ao contrário de Cristóvão de Aguiar não carrego comigo a ilha e a que transporto não é outra. Não trago a reboque este arquipélago, mas deixar a ilha é sempre uma partida sem regresso marcado, como quem faz um luto indesejado ao correr dos dias. Não levo comigo a dor nem a lágrima furtiva, apenas acalento sempre o desejo do regresso numa noite de luar como o de ontem. Quando houver estrelas no céu quero que sejam as minhas, colar de pérolas para afagar pescços.

Há por aqui passageiros dos quatro cantos do mundo, com especial enfoque para os de pé descalço ou mochileiros. Nem a todos descortino as línguas que falam, embora mais comuns sejam o italiano, francês, alemão e castelhano. Nos intervalos ouvem-se sons que não descodifico. Todas as pessoas inventam formas diferentes de esperar, mas hoje, a maioria está silenciosa, como o país, em luto prolongado por uma crise. Já são poucos os que falam. Uns leem, outros brincam com os novos gadgets de tecnologia avançada, tablets, telemóveis de última geração, I-pads, I-pods.

Dizia-me há dias o Victor Rui Dóres em Londres “devo ser o único aqui sem PC nem outro instrumento”. Não há português a viajar sem computador ou similar. Também viajava assim no início dos anos 90, mas agora que é comum, prefiro viajar sem eles e aproveitar para me desligar do mundo, em férias de notícias, desgraças, calamidades e correio eletrónico.

Há um casal de meia-idade e hábitos antiquados, sentado, não muito distantes, ele escreve à moda antiga em grafia rápida, com um cigarro na mão, ela lê um livro em papel. Calmos não temem a passagem do tempo, nem tampouco o apressam. Ele olha o Pico de frente, como um toureiro frente ao animal à espera que invista. Ela, de pele alva, abrigada sob o guarda-sol, de costas para a montanha, embrenhada na leitura.

Um açoriano pai ouve a filha com atenção, talvez não tivesse tido tempo durante o ano para a escutar e nem dá conta do zangão que voa agressivamente tentando pousar numa garrafa de cerveja abandonada.

Em volta, uma família emigrada prepara o regresso aos EUA com a avó a tiracolo, meio atarantada com o bulício em volta e com as netas que não param de teclar.

À direita, um casal alemão aparenta ter acabado de sair das águas do mar e ter-se esquecido de tomar banho de chuveiro na última quinzena.

Há espanhóis espalhafatosos, a falarem alto como é apanágio, talvez pensem que estão num “comedor” ou num “mesón” a degustar “tapas”.

Um pequeno grupo de italianos, de ambos os sexos, fala incessantemente na sua toada musical tão típica. Nunca soube distinguir, pelos sotaques, de que região provêm.

Um casal francês, ao lado permanece, silencioso. Nem uma palavra na última hora. Provavelmente já disseram tudo o que tinham para dizer ao longo dos anos e faltam as palavras para colmatar os silêncios. Nunca um silêncio alheio me tinha doído tanto. Ou será já o silêncio contentado? Que mistérios se encerrariam naquele emudecimento?

Entretanto, com a chegada do voo TAP de Lisboa, muitos se levantaram para o verem aterrar, debruçados nas amuradas de cimento vermelho e azulejos azuis. Muitos não voltaram às mesas da esplanada, deviam ter encontro marcado no voo de regresso.

Outros, prosseguiram como se nada se tivesse passado, como se aquele avião não lhes dissesse respeito, ou como se já tivessem visto demasiados aviões, e aguardassem a ligação interilhas. Lentamente, táxis, carrinhas de transporte e autocarros iam chegando e esvaziando o bojo de passageiros com encontro marcado com o destino e enchiam o estacionamento que estivera vazio toda a tarde. A senhora que lia um livro em papel, de vez em quando, erguia os olhos para o marido com um sorriso enigmático que só eles deveriam conseguir traduzir, enquanto fitava o Pico em busca de uma oportunidade fotográfica que a montanha continuava a recusar. Ambos vestiam roupa do Peter's da cabeça aos pés e carregavam mais em duas sacas da mesma marca. Piores que eu. Seria preferência obsessiva ou falta de alternativas? Esta e outras perguntas por fazer, levantaram-se, deitaram o lixo no contentor e seguiram para a sala de embarque.



CRÓNICA 105, LITERATICES, 19 agosto 2011

Nos Moinhos (de Porto Formoso) a manhã decorreu calma, como já não acontecia há muito tempo, sem gente nem sobressaltos, com a praia vazia esperando o nadador-salvador que só viria pelas 11 horas. A esplanada desocupada permitia aos pássaros tomarem conta das mesas e do chão onde se deparavam com opíparos restos de comida sobrantes das refeições da véspera.

Omnipresente era o silêncio das ondas na areia, sem as marés vivas que, nesta época, costumam assolar as costas do norte de Portugal. Havia cagarros, patos e outros pássaros entoando finas melopeias, que serviam de música ambiente à leitura que este ano anda tão atrasada.

Isto de literaturas açorianas tem muito que se lhe diga e não pretendo entrar em discursividades nem dissecar os ódios e amores transientes que unem e separam os diversos autores, pois isso daria material para vários volumes, mas é a altura de recordar aqui uns artigos e outras trocas de impressões nestes últimos doze meses, com o mercurial Cristóvão de Aguiar:

From: Cristóvão Aguiar

Sent: Wednesday, September 08, 2010 11:03 AM

Subject: OBRIGADO!

Caro Chrys:

Mas eu já não faço anos... Ainda para cúmulo setenta ou zero sete, que é mais agradável e me dá a possibilidade de entrar para a escola em outubro para fazer uma revisão geral da vida que me foi dado.

Muito grato, gratíssimo, pela tua lembrança.

O setuagenário chama-se Luís, o Cristóvão não cuida desses pormenores do tempo que passa, só daquele que amolece os miolos quando a humidade aperta o garrote.

Um grande abraço extensivo a todos vós do Cristóvão

From: Cristóvão

Sent: Friday, September 24, 2010 2:34 PM

Subject: AÇORIANICES

Meu Caro:

De facto, é tal a pobreza, que vou pôr pólvora no lume, se estiveres de acordo, com dois artigos publicados no Expresso das Nove, o último dos quais hoje, que me foram pedidos pelo Diretor Jorge Brum. Ambos, como poderás verificar são de temática "açoriana".

Abraço Cristóvão

Desafios dos Açores para o século XXI,

Cristóvão de Aguiar

"A atitude radical do ilhéu é chegar à porta de casa e interrogar o mar". Vitorino Nemésio, in Cor-sário das Ilhas.

"Como nada sei sobre o assunto proposto, vou fazer uma composição sobre a primavera" - aluno liceal numa prova escrita de Língua Portuguesa. Muito gosto eu de desafios! Quem me tira um tira-me o mar e tudo! Não sei se o Arquipélago gosta deles. É natural que sim. Pelo menos, as cantigas ao desafio têm sido timbre de qualidade da cultura popular das Ilhas todas. A Terceira e S. Miguel levam-lhes as lampas.

O velho Virgínio da Bretanha; o Pereira, da antiga Lomba de Sta. Bárbara, da Ribeira Grande; a Turlu e o José da Lata, da Terceira, foram dos melhores cultores do despique entoado no terreiro das cantigas ou nas cantigas de terreiro.

Devo ter deixado dezenas e dezenas na sombra... A omissão é filha legítima da minha ignorância. Para ela, peço uma indulgência plenária...

Sai o primeiro cantador, o Virgínio, e entoia:

"Entre merda foste nascido /

E na merda foste gerado /

*Muita merda tens comido /
E dela toda tens gostado...*

E o Pereira, da Lomba de Sta. Bárbara:

*“Ainda me chamas galo, /
Desses que andam pela rua /
Já me viste a cavalo /
Nalguma galinha tua?”*

Da Turlu, que, in illo tempore, ouvi despicar, boquiaberto, tamanho o aguçamento de língua e o seu poder criativo, estas duas cantigas:

*“A felicidade vagueia, /
Fumo que passa veloz, /
Está sempre na nossa ideia /
E tão distante de nós...” e*

*“A minha língua é comprida, /
O que diz não te convém... /
E a tua está torcida /
Por isso não fala bem...”*

A seguir, entra José da Lata e canta:

*“Deitei uma velha em choco, /
Dentro de um cesto de palha, /
Lá na Canada das Vinhas. //
Descascou-me vinte ratas, /
Cinquenta e duas patas /
E trinta e cinco doninhas. //
Tinha pombas e coelhos, /
Melros pretos e tentilhões, /
Uma porca com cabritos /
E uma cabra com leitões.”*

Quando há tempos recebi este desafio, por via eletrónica, para ser resolvido por escrito, em três mil caracteres, sem espaços – logo me ocorreu Frei João Sem Cuidados... O seu Rei era invejoso e não podia ver nenhum dos seus súbditos sem arrelias e apoquentações. Chamou um dia Frei João ao Palácio e fez-lhe três perguntas embaraçosas para serem respondidas num dado prazo. O frade saiu do Palácio real acabrunhado e cabisbaixo. Se respondesse errado, o Rei mandava-o matar... Por acaso, o moleiro do reino encontrou Frei João muito triste. Vivo e fino como azougue, logo se prontificou, depois de saber as perguntas, a apresentar-se ao Rei vestido com o hábito de Frei João. Respondeu às três perguntas como era dado, de tal sorte que Sua Majestade ficou toda contente e mandou o moleiro na paz do Senhor!

Com que se entretinham os Reis de algum tempo!

Ora, este humilde escriba acororado não tem moleiro para quem apelar! Nem moleiros existem já – os últimos que conheci iam da Freguesia para a Ribeira Grande moer a moenda nos moinhos de água da ribeira, já não sei se a do Paraíso se a do Inferno...

Três vezes por semana, com cães velhos e doentes amarrados ao eixo da carroça para serem lançados à Tarpeia Ribeiragrاندense...

Caso os houvesse ainda, qual deles seria capaz de responder direito a um século pejadinho de desafios? É muito desafio numa só molhada de brócolos!

Mas há um enorme desafio já proposto às Ilhas do Grupo Central, lançado não há grande tempo pelo eterno candidato à liderança do PSD, Castanheira Barros. Andou em digressão turístico eleitoral por aquelas Ilhas sem culpa da criatividade do social-democrata relapso. Prometeu mandar construir túneis entre o Pico e S. Jorge e entre a Madalena e a Horta. O ovo do Colombo, que resolveria a insularidade de uma assentada.

Em estando a obra feita e inaugurada, sempre que um ilhéu radical chegar à porta de casa para interrogar o mar, ficará menente e sem pé dentro de si: em vez de indagar o monstro de água, para ir à pesca ou contemplar a Ilha em frente para lhe sondar os ventos e as nuvens, meter-se-á logo a caminho da emigração, a cavalo no automóvel ou na camioneta da carreira...

Um Metro de Superfície, como o que está sendo construído em Coimbra, ficaria muito mais em conta, podendo estender-se às Flores - Corvo, à Graciosa - S. Jorge -Terceira, que também são filhos e filhas do mesmo magma...

Quanto a S. Miguel - Sta. Maria.... Aqui, sim, um túnel tipo Canal da Mancha, mas em formato maior, que os micalenses são assoprados e amantes fidelíssimos da monumentalidade...

Já excedi o número de caracteres.

Que o Eduardo Brum se não afromente, me perdoe a incontinência, e aceite os parabéns deste ilhéu desilhado, que muita lenha apanhou nas páginas do ora aniversariante Expresso das Nove....

Pois alevá!

Coimbra, 30 de janeiro de 2010

(EXPRESSO DAS NOVE, fevereiro de 2010)

A desunião faz a força,

CRISTÓVÃO DE AGUIAR, Escritor

A descontinuidade geográfica das nove Ilhas dos Açores, que só formam um Arquipélago nos compêndios liceais (agora secundários ou secundarizados) de Geografia Física (a Humana não conta nem poderia contar, visto serem muito sortidas as gentes que as povoaram, deixando fortes marcas de origem, ainda bem visíveis, sobretudo no vocabulário) – talvez seja uma das razões de uma congregação mais fictícia do que real.

Cada Ilha, quer queiramos quer não, constitui um mundo à parte, daí a quase impotência de se erigir um reino, com estandarte, bandeira, hino condicente e outras quinquilharias realengas, e sobretudo encontrar um monarca que incarnasse os valores e aspirações do povo das nove ilhas atlânticas.

Um Rei não seria muito difícil de conseguir (elegê-lo, não: há tanto sangue real escorrendo nas veias de micalenses e terceirenses – um desperdício para tantos hospitais carentes – que, espontaneamente, surgiriam meia dúzia, ou mais, de candidatos à sucessão do último Rei de Bragança...).

Depressa, porém, erguer-se-ia um grande alevante no peito robusto e aleitado da nobreza local, e não duvido de que as Ilhas acabariam por alombar com uma monarquia dual, com obediências diferentes, como na maçonaria, que as tem, e várias, o que acarretaria grande dispêndio para o erário público...

Não gosto da palavra unidade, conotada com uniformidade e com quartel, o que, para o caso, não conviria muito, embora, não raro, um ilhéu viva confinado a um desses cativeiros, que uma Ilha, como todos nós sabemos, é ao mesmo tempo uma prisão e uma livre extensão de horizontes que estimula a viagem e a aventura. Ou a emigração por causas outras, que agora não vêm a talho de podão.

Preferia uma república a uma monarquia. Além de se estar celebrando o centenário da República Portuguesa, as das Ilhas seriam uma grande achega para os festejos populares...

E, como o Presidente da República, no dia da eleição costuma proclamar, do alto da sacada de um Hotel:

“Serei o Presidente de todos os Portugueses, quer vós tivésseis ou não metido na racha da urna o boletim de voto a meu favor ou desfavor...”, ter-se-ia, então, nas Ilhas, um homem só e sólido ao leme das nove barcaças...

Mas, a República, nas Ilhas, daria azo a graves problemas. Teria de haver várias repúblicas independentes, tirante a do Corvo, que ficaria agregada à das Flores, a de Sta. Maria à de S. Miguel, a da Graciosa e o Ilhéu das Cabras à Ilha Terceira: caso contrário, os distúrbios sociais seriam inevitáveis... Mesmo assim, muita cautela com os Corvinos, Marienses e Cabréus...

Por outro lado, e há sempre um pozinho positivo em todas as controvérsias, deixava-se o sangue-azul a coalhar, para alguma necessidade imprevista, num boião, onde in illo tempore se conservavam os chouriços e os torresmos em banha de porco legítima...

Creio firme e finalmente que só a SATA continuará sendo a grande esperança da pátria açoriana, como escreveu o poeta Pedro da Silveira, que Deus tenha, uma vez que, no seu monopólio quase milenar, consegue construir uma resistente ponte de união entre ilhas...

A única e ténue ideia de Arquipélago pode ser averiguada in loco, e em parte, no Grupo Central, daí ter o ex-candidato a líder do PSD prometido, se fosse eleito, a construção de pontes para a outra margem... O Ovo de Colombo, que ninguém se dispôs a estrelar...

*EXPRESSO DAS NOVE, 24 de setembro de 2010 ***:*

in Nova Relação de Bordo, Publicações D. Quixote, Lisboa.

From: Cristóvão

Sent: Friday, 01, 2011 1:58 AM

Subject: Boa Madrugada

Caro Chrys:

Não sei nem me interessa saber o que irão dizer os pensadores e escritores da douta literatura açoriana ao lerem o teu segundo volume da CrónicaAçores. A falares tão insistentemente de mim e da minha escrita, hão de cogitar (desconfio que não usam fazê-lo) que és um vendido e andas a tirar das profundas um dos malditos tasmanos que estava já com a sua limpeza étnica concluída.

Põe-te em guarda, companheiro, que te podem encomendar uma excomunhão ao Senhor Santo Cristo, que, segundo a tradição micalense (o Sá deve sabê-lo) é terrivelmente vingativo... Não te agradeço as apreciações que fazes da minha obra; do meu carácter, temperamento e feito, sim, com as quais concordo, porque gostaria de ser ainda mais que assim.

Quanto às apreciações que teces sobre a minha obra (presunção e água benta...), embora me sinta lisonjeado, que não sou feito de pau, nem ando de pau feito, não sou nem serei talvez capaz de ficar de mente (des)obnubilada ao lê-las em letra de forma. Não quero contrair tentações, prefiro o lugar que há anos me reservaram, e ao qual me habituei tão bem, a ficar sendo citado por bocas que não sei que águas beberam ou que instrumentos tocaram...

E não te agradeço, não por má educação, que conscientemente não pratico. Mas pela razão óbvia de que o agradecimento se não enquadra em nenhum género literário, só no subgénero da etiqueta, que já se não usa, a não ser na literatura obituária.

De qualquer forma, envio-te um abraço.

Cristóvão de Aguiar

From: CHRYS C

Sent: Friday, April 08, 2011 10:21 AM

Subject: catarse

Como prometi acabei agora de ler o livro com tristeza múltipla, por ele ter chegado a este fim que não o é, por entender melhor aquilo que antevira na minha interpretação de ti como pessoa, por sentir o livro mais que uma catarse como um exorcismo...tive a felicidade de ter a tal conversa com o meu pai uns anos antes de ele morrer e já fiz há muito o mesmo com a minha mãe ora com 88...

Tento desesperadamente não repetir muitos dos erros do meu pai com o meu mais novo que tu conheces..., mas somos a herança genética dos nossos e de nosso só sobra aquilo que nos distingue deles e que construímos com muito sangue, suor e lágrimas como diria o Churchill.

Como deixei lavrado no meu CrónicaAçores 2 sobre ti:

“Como estive do lado de lá dessa fronteira invisível que é o Grande Mar Oceano, sendo emigrado e transmigrado sem nunca deixar de ser residente, vê as ilhas pelos seus olhos, dos seus pais, irmão e família emigrada nos EUA.

Também consegue olhar retrospectivamente para o Pico da Pedra onde nasceu, em S. Miguel, e ver a pequenez das gentes e das ilhas, contentadas com uma qualquer emigração económica de fuga à fome e à canga feudal que persiste. Voltam, regressam sempre, na aparência vitoriosos, mas sem trazerem na bagagem nada de valor para além de dinheiro e outros bens materiais. ...

Cristóvão é um permanente passageiro em trânsito, título do seu mais benquisto livro, sempre na rota do inconformismo. Ele é a voz que se não cala e tem o direito a tal. Chama os bois pelo nome sem se deter nas finuras das convenções do parece bem ou mal. É crítico impiadoso dos destinos que alguns queriam que fosse eterno, o da subserviência e submissão aos senhores das ilhas, descendentes diretos dos opressores da gleba.

Grandes narrativas que se assemelham a uma técnica de travelling em filmagem, com grandes planos, zooms, e paragens detalhadas nos rostos e nas mentes dos atores principais das suas Crónicas e outros escritos. A câmara detém-se e escalpeliza a alma daqueles que ele filma com as suas palavras aceradas como vento mata-vacas que sopra do Nordeste. Psicanalisando as gentes e a terra que o viram nascer adotou nova ilha mátria em 1996.

... Pressagio cordões umbilicais curiosos que nos unem. Se agora encontro neste amigo novo um escritor (ou terei encontrado um escritor que é um amigo novo?) que se crê maldito porque outros o fizeram assim, e porque é de si mesmo um ser acossado por tudo e por todos, mas sobretudo por si mesmo. Para ele, a escrita nunca será catarse pois ela é fruto de amores incompreendidos entre si e a sua ilha...

Quando aprecio a obra dum autor não sei como fazê-lo, nem hermenêutica nem exegese me tocam pois são ramos do conhecimento para além da minha compreensão que estudos em Humanidades não tive nem meus pais me deixaram, e sou como sou e a meu pai o devo tal como Cristóvão o é devido ao seu pai.

Continentes diferentes, mas uma só realidade, ambos criamos os sulcos que hoje trilhamos percorrendo as savanas e as estepes do sofrimento pessoal, das amarguras e romances que nos interrompiam a escrita e nos dispersavam da missão sagrada. Ambos plantamos árvores, publicamos poesia e tivemos filhos em buscas incessantes pelo Santo Graal e desconfio que ambos sabemos hoje que não existe, a não ser na busca incessante com que criamos uma raison d'être nas nossas mentes conturbadas. ...

A escrita lávica de Cristóvão fica retida a boiar no nosso imaginário. Foi ela que nos instigou a escrever esta lamentação com o frêmito ciumento de todos os que não conseguem escrever da forma única e inimitável como só ele sabe e sente sobre os Açores.

Essa a sua forma de amar e de recompensar a terra que o viu nascer...para que também ela desate as grillhetas que a encarceram no passado e ele se desobrigue finalmente dessa tarefa hercúlea de carregar a sua ilha como um fardo ou amor não-correspondido, que nisto de ilharias há muitas paixões não correspondidas”.

Ora bem, tudo isto foi escrito anos antes deste teu livro e sinto ter-te retratado bem...a nossa amizade é bem recente, mas mais profunda do que se poderia adivinhar...quicá eu te entenda melhor do que cada um de nós sabe.... Por favor dá isto a conhecer ao teu irmão por quem acabei nutrindo uma enorme admiração... Aquele abraço do tamanho deste Grande Mar Oceano

Chrys quase a partir para Macau

From: Cristóvão

Sent: Friday, April 08, 2011 10:33 AM

Subject: Catarse, Exorcismo

Gostei muito da tua crítica e concordo contigo no que respeita ao exorcismo.

O livro está sendo um êxito, pelo menos é o que me tem transmitido o editor, o Adelino de Castro, ex-sócio do inefável Madruga.

Vou neste momento a caminho de Lisboa: amanhã parto para o Pico. Vou primeiro aos implantes, depois aos lançamentos, 30 no Faial, 6 de maio em Angra, 13 e 14 no Pico, 20 na Ribeira Grande, onde espero ver-te. Também gostava de ver o Sá, para termos uma conversa, olhos nos olhos...

Um abraço do Cristóvão

From: CHRYS

Sent: Saturday, May 21, 2011 6:47 PM

Subject: Cristóvão de Aguiar é dragão

Gostei muito de estar contigo ontem. Foi uma alegria ver-te ali no covil do lobo em pleno Concelho da ribeira grande com tanta gente a assistir, mesmo descontando a tristeza que foi para ti não veres o Vamberto na assistência. Outros afazeres mais prementes naquela data e hora o deve ter prendido.

As tuas palavras foram emocionantes por falares de um tema que raramente se ouve naquilo que considero o maior desaforo a toda a minha geração e tua...de quem nos exigiram em média 3 anos de vida em troca de nada a não ser a destruição física, mental e até a morte.

Obrigado por te lembrares sempre de alertar as mentes esquecidas. Do livro nada digo, já to disse em ocasião anterior à ida para Macau quando o acabei de ler. Um excelente modelo de realidades, que INFELIZMENTE ainda vão sendo realidade em zonas rurais da Lomba da Maia...

Uma revisita aos tempos que te moldaram, com um pai cheio de amor e não só...

Também o meu, cheio de amor e sem saber como, me obrigava a ser mais do que eu podia e sem violência física, mas verbal me condicionou a vida até aos 45 embora tenha morrido quando eu tinha 42.

Cada um de nós a seu modo lidou com a situação, superando-a ou não, mas obviamente marcados pelos anos de formação.

Ainda hoje com o João tento desesperadamente (mas nem sempre com sucesso) evitar repetir muitos desses erros, mas sei que algum os repito. Deixo-lhe como herança alguns escritos e uma nacionalidade australiana para ele desbaratar como quiser.

Tu deixas muito mais e eu, que me sinto fraternalmente ligado a ti, jamais esquecerei as quatro excelsas noites de aprendizagem na tua casa em S. Miguel Arcaño de S. Roque do Pico.

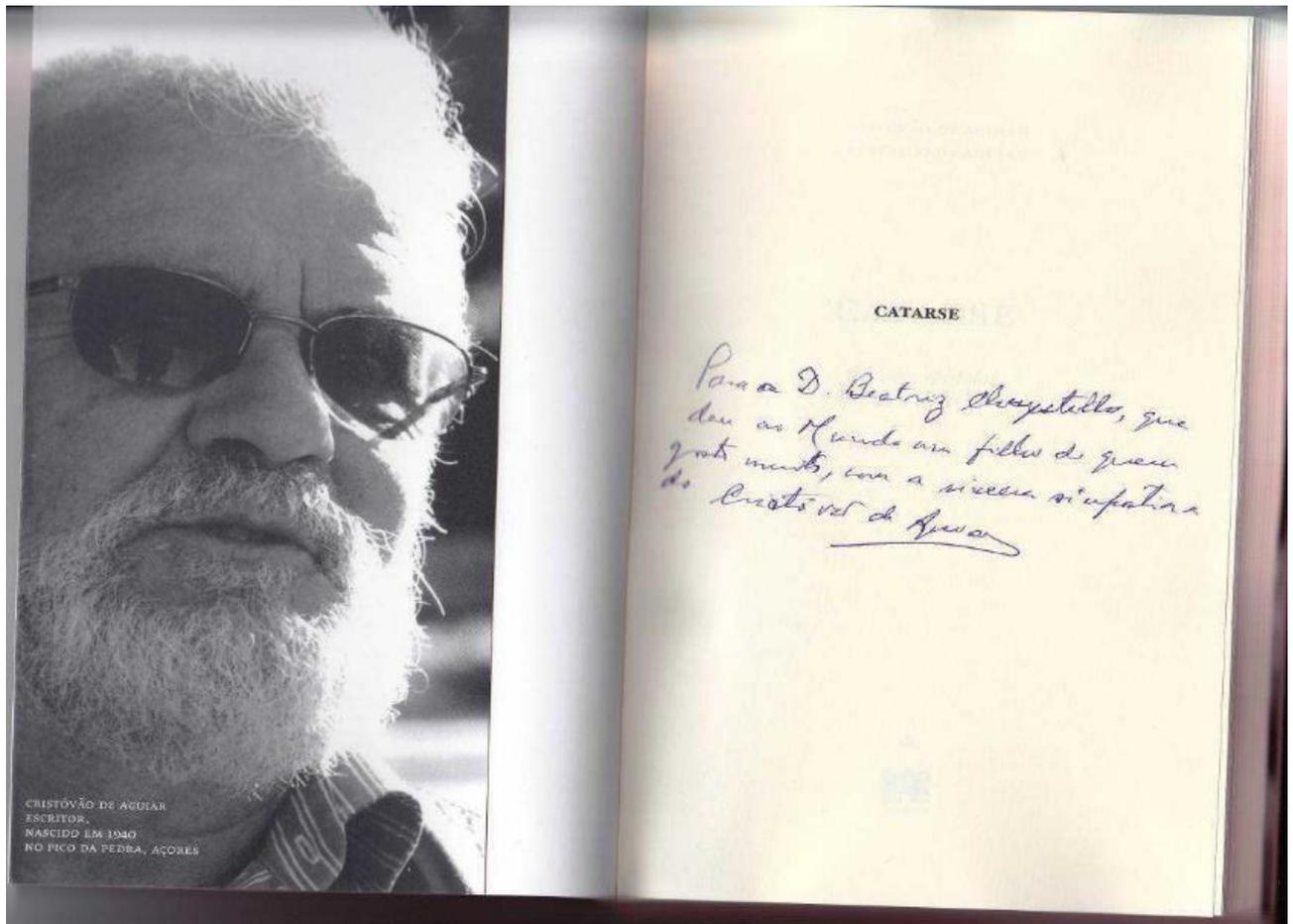
Deste-me mais do que muitas pessoas em toda a minha vida e espero ter a oportunidade de um dia aprender ainda mais e absorver por osmose um pouco da tua enciclopédica sabedoria.

*Sinto-me irrequieto e lamento não ter menos dez anos para fazer as malas e mudar outra vez. Anexo a esta - em tom jocoso - a tua ascendência de signo Dragão em chinês e um novo capítulo da *Crônicas Açores 3* que espero acabar em 2012...*

Não sou um escritor como tu, mas um mero escrevinhador, mas sei bem que há momentos na vida de cada um que guardaremos sempre e sei que o de ontem podes bem conservá-lo pelos seus múltiplos significados, ali tão perto do Pico da Pedra que não quebraste nem te quebrou antes te deu força para subires a outros Picos.

*Aquele abraço,
Chrys*

19 de maio: Cristóvão de Aguiar autografa livro para a minha mãe em que ficou escrito



CRÓNICA 107 FESTAS DE N. Sr.^a DO ROSÁRIO. 26-31 agosto 2011

A maioria das festividades dos Açores coincide (e não fortuitamente) com datas e acontecimentos religiosos, em particular relativos a santos, o que se explica por uma tradicional forte devoção do povo açoriano em geral. Destas festividades, uma boa parte é sensivelmente comum entre diferentes ilhas do arquipélago, como por exemplo as Festas do Espírito Santo que se celebram um pouco por todas as ilhas, com algumas variações e diferentes datas. Outras, são específicas de determinadas localidades, o que lhes atribui um carácter único, fazendo deslocar, em alguns casos, pessoas de várias partes dos Açores e do mundo a acorrer a elas.

Cada Freguesia tem um santo protetor ou padroeiro, a quem é dedicado um dia particular do calendário em que se celebram as Festas (é comum haver freguesias que partilham o mesmo santo padroeiro). Nas zonas piscatórias, é S. Pedro, protetor dos pescadores. N. Sra. do Rosário é normalmente festejada em outubro e as maiores festas a ela dedicadas são as da Lagoa (S. Miguel) e Lajes do Pico, mas convém não esquecer a pequena Freguesia da costa norte de S. Miguel, a Lomba da Maia, que celebra sempre no último domingo de agosto esta santa, tão venerada que até esteve para dar o nome à Freguesia...

"... O Rei, por certo, não teria hesitado em desautorizar o bispo D. António. Havia-o feito naquele mesmo ano de 1699. A Lomba da Maia, então sob a jurisdição paroquial da Maia, não chegara a ser paróquia porque o Rei quisera acautelar a integridade dos rendimentos dos párocos da Maia."

in Mário Moura: a criação de uma paróquia"

Passa esta população – maioritariamente rural - um ano inteiro na ansiada espera desta semana, fazem-se preparativos, vestidos, sonham-se casamentos e noivados, preparam-se refeições, convidam-se parentes emigrados, há uma sofreguidão imensa na voragem dos calendários. As casas são pintadas, retocadas, melhoradas, para estarem prontas na última semana de agosto. Colhem-se verdes e flores para enfeitar as ruas em modelos, mais ou menos elaborados, a fim de que a procissão de domingo ali passe.

Cabeleireiras e modistas não têm mãos a medir para tentarem que todos estejam no seu melhor, quanto a apresentação, na procissão e noutros eventos celebratórios. Toda a vida da Freguesia se centra em volta da semana de celebrações, procissões e libações.

O mundo podia acabar, mas continuar-se-ia a falar das Festas de agosto, em que a população residente é incrementada com o retorno de centenas de expatriados, uns com vozes anglicizadas e outros afrancesados. Reveem-se parentes, e aqui na Lomba da Maia, parece que todos são primos entre si há várias gerações. Há uma elevadíssima consanguinidade.

Todos põem a conversa em dia, bebem uns copos a celebrar o encontro, a fim de dar tempo a que todos narrem as suas proezas, riquezas, e outros mitos. Trata-se de uma semana completa de festejos, culminando com a rica procissão de domingo e na qual se incluem dignatários religiosos e autoridades civis, além das ditas forças vivas da terra.

Um verdadeiro desfile para impressionar, todos com seus fatos domingueiros ou melhores ainda se as posses assim o permitiram.

A procissão ricamente elaborada inclui a trasladação, na véspera, da imagem de N. Sra. do Rosário para a Capela (Igreja Velha) ao fundo da rua, seguida da visitação pelas ruas da Freguesia, partindo da Igreja, subindo ao Outeiro, descendo a Rua do Rosário, sem chegar à Lomba de baixo, e subindo em apoteose pela Rua da Igreja até se deter, de novo na Igreja de 1877. Este percurso sobre o asfalto, ricamente atapetado de verdes e quadrados floridos, demora três horas ou mais, com os andores a pararem várias vezes durante o percurso.

Em 2011 havia três bandas filarmónicas de dezenas de executantes, cada, antecedida por centenas de populares, e entidades oficiais que incluíam o Presidente da Câmara da Ribeira Grande, o Presidente da Associação Agrícola de S. Miguel, o Presidente da Junta de Freguesia local.

As Festas que se iniciam na quinta-feira pela noite, após se terem colocado os postes com flâmulas de duas cores, conforme as ruas, e instalação sonora, começaram atrasadas.

As decorações e iluminação da Igreja com uma enorme reprodução da santa padroeira nunca mais ficavam prontas e sábado ainda se trabalhava para as finalizar.

Assim, na quinta e sexta apenas se ouviam os acordes das discotecas improvisadas e o cheiro a fritos de algumas barracas no Largo da Igreja.

Finalmente, sábado à noite as pessoas começaram a sair à rua para se mostrarem e serem vistas, dando finalidade aos longos preparativos de todo o ano.

Mas o santo patrono da meteorologia resolveu brindar os festivos habitantes com uma enorme chuva torrencial e fortíssima trovoada, demonstração climática rara nesta ilha. Fez-se silêncio e recolheram a penates pela meia-noite.

Na manhã de domingo estrelevavam já foguetes bem cedo, a saudar mais um dia e já andavam a limpar as ruas, que esta gente não aprendeu a ser verde nem civicamente educada, e continua a deitar tudo para o chão...se esse problema se põe durante o ano imaginem o estado do pavimento nas Festas. A chuva amainou a meio do dia e veio uma tarde soalheira, quente e húmida como é vulgar nestas paragens.

Uma novidade a saudar neste ano da graça de 2011, os altifalantes que costumam debitar música pimba das oito da manhã até altas horas, não fizeram a sua aparição, talvez fruto da crise que não deu para pagar música encanada. Assim, os postes limitavam-se a ter as lâmpadas acesas (todas brancas em vez das habituais coloridas) e as flâmulas de duas cores a esvoaçarem, sem nos impingirem música que nada tem a ver com estas Festas nem com as tradições.

Os ouvidos agradecem e, em particular o autor, que é muito exigente na música que ouve e não gosta de sofrer a música dos outros. Já bastam os acordes sísmicos da música techno que ecoam na Rua do Rosário até às três da madrugada e aqui se propagam, sempre a martelar os sons bass. A música do “Ká t’espero” a trinta metros de distância, do outro lado nesta Rua da Igreja, não chega a incomodar, apenas as alterações dos seus patronos mais bebidos pelas cinco da manhã quando a tenda fecha...

Duma empírica observação, mais vocacionada a ser analisada por psicólogos e sociólogos, convirá referir que se verificava que os jovens do sexo masculino continuavam de uma forma geral a vestir normalmente como num qualquer dia, shorts ou jeans e T-shirt, enquanto elas, da mesma idade, estavam todas aperaltadas, decotadas, saias muito curtas, unhas pintadas e cabelos elaborados em penteados de festa, muitas já vestidas de cetim lustroso, preferencialmente preto, ou seda vermelha.

O mesmo se podia ver nas senhoras mais jovens e até à meia-idade, que se empoleiravam, com muita dificuldade, em saltos altos, tipo *stiletto*, a que obviamente não estão acostumadas...bamboleando-se para cá e para lá sem caírem...muitas queriam, e tentavam muito, que as tomassem por modelos saídas de capa de revista de modas não fosse o forte sotaque micalense

Os homens estavam, na sua maioria mais bem vestidos, usavam fato e gravata e privilegiavam o cinza brilhante com gravatas de cores que não correspondiam ao casaco...obviamente forçados a usarem uma vestimenta para a qual não estavam talhados, mas a que eram obrigados. O tal fato domingueiro de que a literatura tradicional fala quando se refere às aldeias e à maneira de vestir das pessoas para irem à missa...

Mais parecia um desfile de trajes para casamento (até poderiam ser os trajes que usavam normalmente nos casamentos e como era a festa anual da Lomba da Maia isso era equivalente a um casamento...) e era vê-las a passar impantes de orgulho no seu “*special look*” anual com os homens atrelados a curta distância ou ao lado, cabeças bem erguidas atravessando as ruas da aldeia (já sei, já sei, os açorianos ficam todos furiosos quando digo aldeias, pois pensam que aldeia é um termo inferior em estatuto ao de Freguesia... mas a minha Freguesia queiram ou não, é uma aldeia e eu gosto dela, assim, aldeia...).

No cortejo processional, ouvia-se para além do falar micalense, algumas corruptelas de francês e inglês, nem sempre fáceis de decifrar. Depois dos andores todos, e do pálio com vários concelebrantes, que não soube identificar, além do pároco cessante da Freguesia, vinham as pessoas por ordem hierárquica de castas sociais, das mais ricamente vestidas às mais humildemente vestidas, talvez segundo tradição ancestral.

A nossa Berta (empregada, dantes chamada mulher a dias) estava irreconhecível de cabelo solto, tacões altos e vestido cintilante.

Chegada a imagem à Igreja, depois do seu périplo pela Freguesia, foi a debandada geral.

Nessa noite, após o jantar, as ruas tornaram-se alamedas pedestres até depois da meia-noite com tolerância de ponto para as crianças.

Um apontamento triste foi ver muitos jovens de tenra idade a fumarem... e na manhã seguinte uma carrinha carregava vinte e quatro barris de cerveja vazios que, pelos vistos, na véspera correram bem pelas gargantas abaixo, no “*Ká t’espero*” que, para estas coisas, não há crise que chegue para matar a sede...

Lia-se nessa data em editorial de SN no Atlântico Expresso:

Aqui pelos Açores, o Governo Regional, através das suas empresas satélite, Câmaras e Juntas de Freguesia esqueceram-se da crise e estouraram milhões de euros em festas para consolo do povo, iludido e contente, regado, bebido e drogado, que agora vai acordar para um ano difícil de trabalho.

Os milhões gastos em festas não são alavancas económicas, mas sim ocasião de enriquecimento de alguns que, a troco de umas noites de engano, fazem esquecer a realidade e conduzem as pessoas a uma anestesiante visão da sociedade que só interessa a quem delas tira dividendos. Agosto está a terminar e este é mais um verão para esquecer. Muita festa, muita dívida, muita promoção malfeita e muita gente enganada. Milhões de euros deitados à rua e agora vão começar os queixumes.

As Juntas de Freguesia vão dizer-se esmiúçadas, sem dinheiro; as Câmaras vão continuar a endividar-se ou a recorrer aos Fundos de emergência porque estão falidas; os fornecedores vão continuar a esperar: o Governo vai assobiar para o lado, porque a despesa da festa vai estar na conta de empresas criadas para a “cultura e turismo” e tudo vai ficar assim mesmo.

Entretanto, os políticos vão começar outro tempo de festa. Para o ano há eleições e, portanto, há que mostrar serviço. Há que prometer, há que entreter e há que cativar votos. Não vai ser fácil o ano que agora começa, depois das férias. Há muito interesse a defender e há muitos novos-ricos que de nada se querem privar.

Com um povo cansado, com empresas em dificuldades, não será difícil morder o isco que se prepara para ser lançado. Mas uma coisa é certa: vamos pagar muito caro os foguetes que hoje se atiram e o acordar vai doer a muita gente. Não estamos no bom caminho!

Entretanto a amiga Graça Castanho, atual diretora regional das comunidades, alertava para o facto de a “... grande maioria dos emigrantes regressados ter mais de 60 anos e poucos estudos” ...

O estudo da direção regional revela que a maioria de emigrantes regressados tem sessenta ou mais anos, reformados (os que ainda trabalham regressaram das Bermudas) e têm uma baixa literacia. O estudo permitiu identificar os que se fixam, para períodos cíclicos anuais, e os que voltam com condições financeiras confortáveis ou com necessidades...

Mas na aparência tudo corre bem e não estamos no reino da Dinamarca.

O único restaurante, “O Cordeirinho” que se debate com excesso de clientes por causa dos trabalhadores das SCUT ainda não sente crise nenhuma e sem marcação não se consegue mesa ...

E como dizia o amigo Sá Couto, “crise? Não há carne nem peixe, ninguém os pode comprar e, coitados com a crise vão todos ao restaurante jantar!”

E nesta inconsciência se passam as Festas, mostrando uma fachada de riqueza e de aparato que se não coaduna com a realidade, mas é assim este povo.

Não falei dos entretenimentos e das tendinhas, por não os considerar relevantes nem específicos destas celebrações que se vão prolongar, até quarta-feira.

Depois, começarão as aulas e os problemas do país hão de finalmente arribar a estas costas, onde os roubos se sucedem a uma frequência jamais imaginada, numa terra em que as pessoas até há pouco deixavam as portas abertas e a chave no trinco. Há quem lhe chame a rota inexorável do progresso...

Como a melodia “No pasa nada” e relembrando os tempos da Mocidade Portuguesa de triste memória “... cá vamos cantando e rindo...”

Hoje ninguém limpou as ruas pejudadas de destroços dos lindos tapetes que ontem orlavam os locais por onde a procissão passava, acrescidos de lixo criado pelos que comeram e beberam, deixando atrás um imenso rasto de detritos e de poluição... a educação ambiental não chegou cá nem consta que seja matéria estudada nas aulas.

Ao acordarem as pessoas começam a fazer planos para a festa do próximo ano e as jovens que tiveram a sorte de começar namoros ou acertar noivados, como é costume nestas ocasiões, continuarão a sonhar com a felicidade ao virar da esquina e como é sabido não há crise que chegue aos sonhos, pois são mais livres do que aqueles que os sonham. A Igreja, as tendinhas, as discotecas e locais de vendas começam a fazer contas à vida no deve e haver de todas estas festas.



CRÓNICA 108 – ODE A S. MIGUEL E DENTISTAS, 15 setº 2011
108.1. ODE A S. MIGUEL NOS MOINHOS DE PORTO FORMOSO

Levantei-me cedo, como é usual, levei a senhora professora, minha mulher, à escola, para as infundáveis reuniões de começo de ano escolar, e o filho foi ver o horário do 10º ano. O dia estava radioso como, aliás, foi apanágio neste verão de 2011 na Ilha do Arcaño. Como já escrevi muitas vezes, existe um pequeno recanto nesta costa norte (os Moinhos de Porto Formoso), onde encontro sempre uma versão muito minha do Éden.

A praia estava quase deserta dez pessoas apenas, maioria turistas, e uma esplanada toda para mim, para bebericar a minha “italiana” (café supercurto, também designado como “Ristretto” na Austrália e EUA) e a água sem gás, sempre muito gelada. São estes os companheiros fiéis das minhas leituras.

Quanto a leituras, a escolha deste ano recaiu e foi dedicada a José Martins Garcia, prolífico autor, infelizmente liberto de pensar no mundo dos vivos. Apesar de ser notável a sua obra, hoje serve para deleite dos curiosos e estudiosos, grupo no qual ainda me incluo.

*Ouço as ondas
aqui onde o mar é Rei
e senhor de todas as horas.
fui ao lado outro da ilha
lá onde nunca ninguém vai
e vi que era verdade
só há mar, nada mais
por todos os lados menos por um*

A terra é um mero escolho, um grão de poeira no deserto, no meio deste Grande Mar Oceano para colorir o mar em tons de verde, cor desta ilha. A terra é finita e bem mais nova, saída das entranhas do fogo, em eflúvios de magma, a mágica lava que encanta e seduz quem a vê brotar à distância segura de um qualquer abrigo. O mar, condescendente, acedeu a envolver a ilha no manto de espuma, fez dela o seu brinquedo, entretendo-se a burilar as abruptas escarpas, nalgumas baías acedendo a depositar uns grãos de areias fina e enegrecidas, sem jamais deixar de as lavar, pondo e tirando a seu bel-prazer, mas sempre lavando, sem nunca as deixar brancas. Para preservar o brinquedo evitou dotar a ilha de angras ou portos naturais com fáceis acessos a forasteiros, evitando que a viessem perturbar com seus botes.

A ilha quer-se sozinha, sem invasores, e assim, ao longo dos tempos, sempre se repeliram as investidas desde fenícios a mouros, corsários argelinos, franceses, ingleses e outros, repetidamente remetidos à proveniência sem mais danos do que raziarem as terras, tomarem cativos os habitantes, para venderem como escravos, e usarem as mulheres para outros fins soezes como era hábito nesses tempos. Os que foram ficando, tementes a deus, tornaram a cultivar a terra, arando os solos que a fúria dos fogos e tremores das entranhas da terra ia vomitando, tentando aplacar a fúria e castigo divino com preces, procissões e romarias.

Na ilha, de costas voltadas ao mar, como a maioria das suas igrejas, todos passam o ano a olhar para o próprio umbigo, seja ele de vacas leiteiras raçadas de alpinistas que poluem montes, lagoas e ribeiras, sejam campos de milho, batatas, beterraba, inhame ou outros frutos da terra, que as generosas chuvas insistem em regar de forma copiosa, até conseguirem mais do que uma colheita ao ano.

Enquanto no Faial e Pico e outras ilhas do Triângulo, as pessoas vivem do mar e para o mar, nesta Ilha de S. Miguel Arcaño, sempre tão de costas voltadas para o mar, ignoram-no, esquecendo já que era o único passaporte de saída para a alforria do feudalismo que imperava nas ilhas e as agrilhoava.

Na pequena baía dos Moinhos de Porto Formoso, sem baleias, nem golfinhos ou tubarões à vista, as ondas vão cumprindo o ritual lunar, e eu aqui, parado, a vê-las, a ouvi-las deixando-me encantar com o ritmo, a cadência incerta que as leva para longe, lá, onde só o pensamento conta e a vontade dos homens não domina.

Hoje, não me sinto naufrago nem perdido, apenas marinheiro de águas profundas embalado pelos ténues ventos que me levam à deriva. Ah! Como gostava de perpetuar momentos destes e torná-los permanentes, libertar-me da escravatura que nos impõem como preço de vivermos.

Aqui, neste paraíso, que o inverno torna bem agreste, as palavras fluem como ondas e vêm desaguar sempre numa qualquer folha de papel. A mente liberta-se das peias do quotidiano e voga ao sabor do mar, como se

viver fosse útil ou até necessário. Por vezes, saio de dentro das ameias do meu “castelo” e venho sentir-me liberto, nesta prisão sem grades que as ilhas todas tendem a ser. Podemos ser livres dentro da prisão e não precisamos de voar como os pássaros, nem nadar como os peixes, basta uma dose de mar e sol, e deixar a mente vagar, vogando no salgado das ondas ...

a ilha é linda, mas digo-vos do outro lado dela só há mar....

*Ouço as ondas aqui
onde o mar é Rei
e senhor de todas as horas.
fui ao lado outro da ilha
lá onde nunca ninguém vai
e vi que era verdade
só há mar, nada mais
por todos os lados menos por um*

108.2. DENTISTA NA PRAIA EM FÉRIAS A AVIAR DOENTES

Nessa tarde não resisti e voltei aos Moinhos, já com meia centena de banhistas. A minha leitura, iniciada de manhã no mesmo local, foi interrompida pelo tonitruante vozear de um senhor atarracado, cabelo curto, alourado, acompanhado de uma jovem com tranças, de 4 ou 5 anos, permitindo as habituais conjeturas sobre se seria pai solteiro, viúvo, divorciado ou meramente um pai que foi com a filha à praia, enquanto a mulher foi ao cabeleireiro ou às compras.

O senhor que se sentara na mesa ao lado, debatia-se freneticamente com dois telemóveis e não se coibia de receitar Nimed e Amoxil a um pobre senhor Joaquim, a quem fizera uma intervenção cirúrgica dentária e que obviamente manifestava uma infeção no maxilar.

Sem dúvida que a memória desses dentes voltara para o assombrar e atormentar nesta tarde, em pleno gozo das suas - crê-se que merecidas - férias numa soalheira tarde na esplanada dos Moinhos.

Há dentes assim, mesmo depois de retirados do maxilar, ficam com saudades e querem voltar para assombrar o dono do maxilar. Poderia ser este o caso.

Ouvia-se falar de troca de receitas de medicamentos, retirados de circulação, e recomendações de antibióticos sem recorrer à penicilina e sem descurar a cortisona a que o doente podia ser alérgico, mas não era, dado que já lha receitara antes.

O ilustre veraneante, médico dentista e cirurgião, em férias na esplanada dos Moinhos de Porto Formoso, impotente, com dois telemóveis a falar, ora com o doente, ora com o protésico, ora com a sua secretária para que marcasse ao senhor Joaquim uma consulta de urgência com o colega que ficara de serviço, deixava a pequena lambuzar-se de gelado, sem notar que o mesmo se derretia e ia escorrendo para o fato de banho.

E eu em busca de sossego e do marulhar dei comigo a pensar na saga dentária do Cristóvão de Aguiar que foi tirar dentes a um especialista privado, em Coimbra. Apanhou uma infeção no maxilar, teve de fazer um enxerto do ilíaco, ficou com enorme hematoma, que o pôs numa cadeira de rodas, a mastigar papas de bebé, sem dentes, sem poder caminhar e a gastar muito mais em médicos e clínicas.

Depois, contratou um advogado para intentar uma ação judicial contra o afamado cirurgião dentista, formado em Paris e a quem atribuía a sequência de males de que padecera durante longos meses.

Acalentei secretamente a esperança de ser o mesmo dentista, o que tornaria a Crónica mais interessante pela coincidência (que como todos sabem, não existem, mas têm causas matematicamente prováveis), mas tive de me contentar com a atrás narrada cena sem coragem de perguntar ao ilustre dentista se tratara o Cristóvão.

Terei de regressar em mais idílico momento, pois há pessoas que usam o telefone móvel como um megafone para que todos se inteirem das suas conversas, em direto e ao vivo, como se a alguém pudessem interessar. É pena não haver um padrão universal para telemóveis e eu poderia emprestar os meus auriculares... *O Português Contrabandista* de J. Martins Garcia a piscar-me o olho e eu sem o poder desfrutar numa leitura de remanso como esta manhã.

Esta ilha é linda, mas digo-vos do outro lado dela só há mar...



CRÓNICA 109 DOS BRANDOS COSTUMES, 14 outº 2011

Há muitos anos escrevi algo sobre isto no *Crónica Açores* vol. 1...

... o mundo está na mão dos neoliberais, há mais de duas décadas, apoderaram-se de todos os governos legitimamente eleitos e neles exercem as mais fantasiosas chantagens, o que levou ao desvario em que as nações andam a pagar não só os erros de governação (e são mais que muitos) mas sobretudo as perdas dos bancos e os maus investimentos, aliados a políticas de ganância como não há memória ...

A falta de líderes com visão na Europa, o "squeeze" norte-americano na defesa dos seus interesses (\$\$\$\$) e a especulação desenfreada dos mercados causou isto.

Há alternativas (a Islândia não cedeu e não acabou como país, ...pelo contrário vai de vento em popa) e a receita aplicada à Grécia, Irlanda e Portugal vai causar recessão, estagnação da economia, anos a fio, desemprego maciço, fome, pobreza, sem aumentar um só ponto que seja de crescimento económico...pois o país cada vez produz menos, cada vez gasta menos e a economia continuará a contrair-se...

Estes cortes brutais aplicam-se ao povo, e às Juntas de Freguesia, que nas Câmaras já é mais difícil tocar e daí para cima impossível....

Imaginem, os ministros a deslocarem-se (como na minha Austrália) de metro ou autocarro para o emprego...para não falar do Cavaco Silva que veio aos Açores com médico, enfermeira, etc., (esqueceu-se do barbeiro e manicura).

Há diretores, ministros, secretários, assessores a mais e soldados a menos.

Cortam retroativamente tudo menos os privilégios dos que estiveram no poder após o 25 de abril...

Francamente não foi para isto que houve um 25 de abril...

estão todos lá para se servirem e não para servir o país (cá e noutros países é tudo o mesmo) ...

a Europa está falida de ideias e soluções e não admira: um Barroso que fugiu, um Constâncio que nada viu no Banco de Portugal...

Já andamos nesta fona desde 2000 e a situação não cessa de piorar após 2008, e o mais que se verá quando nos vierem dizer que afinal não chegou e é preciso mais ...

... depois virão outra vez com novo orçamento retificativo que é disto que a casa gasta...

... nunca chega enquanto se não acabarem com as mordomias e desigualdades sociais!

Infelizmente, dos meus filhos uma é australiana e outro (nascido cá) também (pelo que pode ir para lá quando crescer) mas os que não são australianos, nem presente nem futuro têm, tal como eu e os mais velhos...

Depois há o BRICS (eixos mundiais da China, Índia, Rússia, etc.) que aguardam a queda do Império Romano (perdão, do mundo ocidental como o conhecemos ... haja saúde...

Mal acabei de escrever estas notas recebi o seguinte correio que passo a citar:

De quinze em quinze dias poderíamos aplicar uma destas medidas para voltarmos a ter um país decente, mas nenhum governante vai querer:

Reduzir as mordomias (gabinetes, secretárias, adjuntos, assessores, suportes burocráticos, carros, motoristas, etc.) dos ex-presidentes da República.

Redução do número de deputados da Assembleia da República para 80, profissionalizando-os.

Reforma das mordomias na Assembleia da República, como almoços opíparos, com digestivos e outras libações.

Acabar as centenas de Institutos Públicos e Fundações Públicas.

Acabar as empresas municipais.

Redução drástica das Câmaras, Assembleias Municipais, Juntas de Freguesia numa reconversão mais feroz que a da Reforma do Mouzinho da Silveira, em 1821.

Abolição das senhas de presença.

Acabar com o Financiamento aos partidos, que devem viver da quotização dos seus associados e da imaginação que aos outros exigem, para as suas atividades.

Acabar com a distribuição de carros a Presidentes, Assessores, etc., das Câmaras, Juntas, etc., que se deslocam pelo País.

Os carros de serviço serão partilhados por todos os que deles necessitem em deslocações oficiais

Acabar com os motoristas particulares 24 h/dia, com o agravamento das horas extraordinárias...

Acabar com a renovação automática da frota dos carros do Estado e entidades públicas.

Chapas de identificação em todos os carros do Estado.

Não permitir de modo algum que carros oficiais façam serviço particular tal como levar e trazer familiares e filhos, às escolas, ir ao mercado a compras, etc.

Acabar com o vaivém semanal dos deputados dos Açores e Madeira e respetivas estadias em Lisboa em hotéis de cinco estrelas pagos pelos contribuintes. Idem para os que não têm domicílio em Lisboa. Haverá apenas uma verba fixa para as suas deslocações.

Controlar o pessoal da Função Pública (todos os funcionários pagos por nós) que nunca está no local de trabalho.

Há Quadros (diretores gerais e outros) que, em vez de estarem no serviço público, passam o tempo nos seus escritórios de advogados a cuidar dos seus interesses.

Acabar com as administrações numerosíssimas de hospitais públicos e outras entidades, que servem para garantir tachos - há hospitais de província com mais administradores que pessoal administrativo.

Acabar com os milhares de pareceres jurídicos caríssimos, pagos aos escritórios que têm canais de comunicação com o Governo, no âmbito de um tráfico de influências que há que criminalizar, autuar, julgar e condenar.

Acabar com a acumulação de reformas do pessoal do Estado e entidades privadas, que passaram fugazmente pelo Estado.

Deve haver um sistema de reforma universal para todos com um teto máximo.

Pedir o pagamento dos milhões dos empréstimos dos contribuintes ao BPN – BPP - BANIF.

Perseguir os milhões desviados por Rendeiros, Loureiros, Vara, e quejandos, onde quer que estejam.

Acabar com os salários milionários da RTP.

Acabar com milhares de funcionários e empresas fantasmas que cobram milhares e que pertencem a quadros do Partido (PS + PSD).

Acabar com o regabofe das PPP (Parcerias Público Privado), que mais não são do que formas habilidosas de uns poucos patifes se locupletarem com fortunas à custa dos papalvos dos contribuintes, fugindo ao controle seja de que organismo independente for e fazendo a "obra" pelo preço que "entendem".

Criminalizar, imediatamente, o enriquecimento ilícito, perseguindo, confiscando e punindo os que fizeram fortuna e adquiriram património de forma indevida, manipulando e aumentando preços de empreitadas públicas, desviando dinheiros segundo esquemas pretensamente "legais", sem controlo, e vivendo à custa dos dinheiros que deveriam servir para o progresso do país e para a assistência aos que efetivamente dela precisam.

Controlar rigorosamente toda a atividade bancária e sua especulação para que, daqui a uns anos, não tenhamos que estar, novamente, a pagar "outra crise".

Não deixar um único malfeitor de colarinho branco impune, fazendo com que paguem efetivamente pelos seus crimes, adaptando o nosso sistema de justiça a padrões civilizados, onde as escutas VALEM e os crimes não prescrevem com leis à pressa, feitas à medida.

Impedir os que foram ministros, secretários de estado, etc., de se tornarem gestores de empresas que tenham beneficiado de fundos públicos ou de adjudicações decididas pelos ditos.

Fazer um levantamento geral de todos os que ocuparam cargos políticos, central e local, de forma a saber qual o seu património antes e depois.

Dito isto nada mais a acrescentar.



CRÓNICA 115. O MANIFESTO DO 17º COLÓQUIO DA LUSOFONIA, 3 maio 2012

115.1. COMO A IMPRENSA VIU AS CONCLUSÕES:

A criação de bolsas de estudo nas universidades portuguesas e brasileiras dedicadas a estudos da lusofonia para estudantes de vários continentes foi defendida no 17º Colóquio da Lusofonia, em S. Miguel, Açores.

“Numa altura de crise, estas bolsas justificam-se mais do nunca, tendo em vista a difusão da Língua Portuguesa e porque serve para criar contrapartidas económicas quando os alunos bolseiros regressarem aos seus países de origem”, defendeu Chrys Chrystello, Presidente da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, em declarações à LUSA.

Os Colóquios estão a decorrer na Lagoa, S. Miguel, Açores, sob o tema: “MANIFESTO contra a crise: A língua como motor económico”. Entre as sete propostas apresentadas no manifesto consta a “criação de pelo menos 500 bolsas de estudo nas universidades portuguesas e brasileiras”, tendo Chrys Chrystello referenciado o caso da China com “um forte investimento na Língua Portuguesa, com milhares de alunos licenciados em português.”

A criação de bolsas permite “rentabilizar” a língua que atualmente representa 17 por cento do Produto Interno Bruto, não só em serviços, como na educação”, acrescentou.

A proposta vai no sentido de o “Brasil disponibilizar 350 bolsas e Portugal 150 para estudantes de licenciatura, de mestrado ou de pós-graduação e terminada a presença dos alunos no país de acolhimento, os bolseiros terão adquirido a função de embaixadores da Língua Portuguesa nos seus países de origem”.

O manifesto defende a criação de “antologias bilingues para a disseminação de obras de autores lusófonos” e distribuição nos “países onde o português é ensinado como língua estrangeira”. Além disso, é proposta “a disponibilização gratuita de excertos de obras selecionadas de autores lusófonos para despertar o interesse por aqueles escritores” e “convidar as editoras de Portugal e do Brasil a fim de criar com as Academias e outras entidades uma bolsa de edições para promover as obras dos maiores vultos que representam a escrita de cada um dos países lusófonos”.

O reforço dos cursos de Língua Portuguesa, tanto presenciais como online são outras das sugestões do manifesto. Para o Presidente da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, são propostas “realistas aos Governos de Portugal e do Brasil”, lamentando que a cultura “seja sempre a primeira área com cortes”. “É o parente pobre, porque não dá votos. É muito mais fácil trazer um artista pimba que atrai centenas de pessoas”, sublinhou o especialista em linguística. Os Colóquios da Lusofonia constituem um espaço privilegiado de diálogo e intercâmbio de ideias entre investigadores e estudiosos sobre literatura, linguística e história e contemplou “este ano pela primeira vez, uma homenagem conjunta a nove autores” e três lançamentos literários, entre os quais a Antologia bilingue de 15 autores açorianos contemporâneos, referiu Chrys Chrystello.

115.2. MANIFESTO AICL 2012 CONTRA A CRISE, A LÍNGUA COMO MOTOR ECONÓMICO

A Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia (AICL), preocupada pelas recentes decisões de natureza económica que põe em causa o cultivo e mesmo a continuidade da Língua e Cultura em Portugal, vem apresentar, pelo presente, algumas ideias que visam um estímulo económico através da língua e cultura, devendo a médio prazo servir para um estímulo maior à economia. Brasil e Portugal são os países que juntos reúnem melhores condições de proporcionarem o arranque deste projeto, fica desde já a ressalva de que a eles se deverão juntar os restantes países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) quando estiverem dispostos a fazê-lo sem quaisquer receios de Quintos Impérios e de neocolonização cultural.

1.º. Buscar consensos entre os governos do Brasil e de Portugal para que sejam reforçados e lançados cursos de Língua Portuguesa – tanto presenciais como online - nas suas vertentes de ‘Português Língua Materna’ (PLM) e ‘Português Língua Estrangeira’ (PLE) em todos os quatro cantos do mundo. Deve ser utilizada uma nova fórmula de conservação e propagação da lusofonia a nível mundial, como até agora não foi proporcionada quer pelo Instituto Camões quer pelo Instituto Machado de Assis e a CAPES, em três vertentes:

- a) aprendizagem e melhoramento da Língua Portuguesa como PLM ou PLE,*
- b) literatura lusófona e,*
- c) ciências de tradução.*

Dever-se-á utilizar-se o Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP) da CPLP e o apoio de universidades e politécnicos dos dois países para tal fim.

Justificação:

Os cortes, por parte do Governo português, tanto no sistema no ensino de PLM (para filhos de pais lusófonos residentes em países não-lusófonos), como nos sempre escassos apoios à divulgação da lusofonia através de cursos de PLE (para apoiar o ensino a nível secundário e superior em países não-lusófonos) têm-se mostrado sumamente prejudiciais ao cultivo da lusofonia em países não-lusófonos. Como fruto desta política de abandono, não só acaba por ser posta em questão a capacidade dos filhos de emigrantes portugueses de comunicar de forma adequada em todos os níveis na língua materna, mas também a aquisição da Língua Portuguesa nos países não-lusófonos onde a cada vez maior ausência do Instituto Camões tem servido como justificação de eliminação de cursos de português.

No Brasil, dá-se semelhante abandono do ensino de PLM e PLE nos países não-lusófonos. Apesar da existência do Programa de Leitorado nalgumas universidades em países não-lusófonos, organizado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em parceria com o Ministério das Relações Exteriores (MRE), a rede é bastante reduzida e fica longe de atingir a importância que caberia ao Brasil numa escala internacional. Não consta a existência de uma rede de ensino de PLM, organizada pelo Estado brasileiro e que vise o ensino de PLM aos filhos de cidadãos brasileiros residentes no estrangeiro.

2.º. Buscar apoios das Academias nacionais de Língua Portuguesa existentes, da CPLP, e de todas as restantes instituições para que contribuíssem para este projeto que deve abranger todo o mundo onde haja lusofalantes e interessados na aprendizagem da Língua Portuguesa.

Justificação:

No mundo lusófono existem várias Academias que se dedicam ao cultivo e à normalização da Língua Portuguesa, nomeadamente em Portugal a Academia das Ciências de Lisboa (ACL), no Brasil a Academia Brasileira de Letras (ACL), bem como a Academia Brasileira de Filologia (ABRAFIL) e na Galiza a Academia Galega da Língua Portuguesa (AGLP). Para um projeto que visa fortalecer o ensino e a aprendizagem da Língua Portuguesa em todo o mundo, consulta e o apoio por estas organizações não só é uma mais-valia, mas torna-se mesmo indispensável.

3.º. Criar pelo menos 500 bolsas de estudo anuais dedicadas a estudos relacionados com a lusofonia para que estudantes oriundos de países de todos os continentes possam frequentar universidades brasileiras e portuguesas.

Justificação:

Em conformidade com as capacidades financeiras dos países envolvidos, o Brasil poderia disponibilizar 350 bolsas e Portugal 150 para os melhores alunos dos cursos referidos em 1.º. Terminada a presença no país de acolhimento, os bolseiros terão adquirido a função de embaixadores da Língua Portuguesa nos seus países de origem. Num regime a definir, a atribuição das bolsas poderá funcionar de forma semestral (p. ex. para estudantes de licenciatura), anual (p. ex. para estudantes de mestrado) ou plurianual (p. ex. para estudantes de pós-graduação).

4.º. Convidar as editoras de Portugal e do Brasil a fim de criar com as Academias e outras entidades uma bolsa de edições a promover em todo o mundo as obras dos maiores vultos que representam a escrita de cada um dos países lusófonos, as quais seriam disponibilizadas nos vários países.

Justificação:

Uma vez que a unificação da ortografia permite a divulgação do mesmo texto em vários países, a disponibilização das obras literárias mais representativas de cada país aos outros países não só facilita o acesso recíproco a todas as literaturas lusófonas, mas permite a publicação de edições únicas que poderão entrar em vários mercados livres.

5.º. Criar antologias bilingues para a disseminação de obras de autores lusófonos e promover a sua distribuição nos países onde o português é ensinado como língua estrangeira.

Justificação:

À semelhança do que se realizou através da Antologia Bilingue de Autores Açorianos (2011), o fornecimento de antologias bilingues de textos literários de referência pode tornar-se indispensável numa primeira aproximação a textos portugueses tanto por parte de estudantes estrangeiros como de falantes da respetiva língua em que a antologia foi publicada.

6.º. Criar e despertar o interesse por autores lusófonos, através da disponibilização gratuita em linha de excertos de obras selecionadas de autores lusófonos.

Justificação:

Desde que se trate de obras isentas de direitos de autor ou que forem publicadas com consentimento dos autores, a divulgação de textos literários de forma digital, tal como está a ser feito com textos literários

açorianos nos *Cadernos de Estudos Açorianos*, tem-se mostrado muito benéfica por ter atraído bastante interesse por parte dos utentes.

7.º. Evitar que as burocracias ministeriais e governamentais impeçam a imediata consecução deste projeto, pelo que deverá ser nomeada uma comissão de sábios para definir em detalhe este projeto, seu cronograma e custos.

Este manifesto foi precedido da leitura do seguinte artigo.

115.3 CRISE DE IDEIAS - MANIFESTO 2012 17º COLÓQUIO 30 mar - 3 abril 2012 LAGOA

Em minha opinião, a crise do país [seja Portugal ou o Brasil] é mais do que tudo uma crise de ideias, de líderes, de pensadores e intelectuais, aliada ao capitalismo selvagem, dito neoliberalismo, que desde os anos 90 vem tomando dos meios de produção globais e manipulando os governos do mundo ocidental.

O país precisa mais de se servir dos seus «sages» para usar um termo francês em vez do mais habitual vocábulo “pensadores ou filósofos”. Um Conselho de Sábios, seria aquilo que o país necessita para vencer a crise e sairmos da podridão da partidarite viciada em cunhas, nepotismo e esquemas.

Teríamos depois, de estabelecer consensos alargados e um plano de ação a muito longo prazo, e buscar a força e iniciativa dos mais jovens para as levar a cabo. Não devemos deixar que Portugal se perca na sua atual insignificância quando grande parte da sua história foi feita de grandes homens que se sobrepujaram, pela sua visão, a gerações de Velhos do Restelo. São estes que hoje guiam os nossos filhos e netos para a subserviência e dependência total ao grande capital internacional sem esperança de vida melhor. Trata-se de um retrocesso ao pior da Grande Revolução Industrial ou rumo a uma criação de novos servos da gleba, automatizados, controlados e vigiados, mas intelectualmente deficientes.

A receita universalmente seguida é a da ignorância, em que quase todos hoje vivem, aliviada com um voyeurismo exacerbado em Big Bordel (perdão Big Brother) e quejandos, e outras telenovelas da vida real que a TV projeta incessantemente nas horas poucas de lazer. Acrescentemos a esta fórmula mágica o entorpecimento futebolístico que ajuda a exacerbar paixões e ventilar frustrações recalçadas e temos o caldo mágico para as gerações futuras.

Um sistema educacional e cultural forte seria a base para o futuro em que ainda acreditamos. Temos exemplos de gente excepcional, mas, infelizmente, a grande maioria emigrou e faz carreira no estrangeiro porque o país só apoia a mediocridade. Tratou-se de alunos que se não contentaram com a mediania do ensino e brilharam sem se deixarem enredar na modorra anquilosante dos que os governam. É esta situação de exceção que traz algumas esperanças.

A minha geração e, antes dela, a dos nossos patronos, foi criada na certeza de que nada era fácil nem havia almoços grátis. Havia trabalho, muito e mal pago, e a esperança de que fosse reconhecido pois todas as promoções eram a pulso na longa escalada que encetámos. Assim, essa geração subiu a novos patamares à custa de trabalho, esforço, estudo e aprendizagem contínua. Tínhamos coisas sagradas a que chamávamos princípios e ética. Líamos, debatíamos, estudávamos e aprendíamos toda a vida.

Hoje constata-se o que foi feito nas últimas duas décadas para destruir o tecido escolar, com a facilitação extrema para falsificar estatísticas, programas especialmente elaborados para ninguém ficar para trás, a redução substancial da quantidade e conteúdo de matérias a aprender, o lento esquecimento a que a História foi votada porque os nossos antepassados eram politicamente incorretos, a marginalização da Filosofia porque poderia levar os jovens a pensar e os maus-tratos dados à Língua Portuguesa.

Temos hoje uma vasta gama de professores incultos, e a maioria dos alunos analfabetos funcionais, incapazes de compreender ou debater o que leem. Os autores que estudamos foram substituídos para que hoje fosse quase impossível criar uma geração filológica-linguística como a do Cenáculo133 ou até mesmo compreender esse fenomenal, extraordinária e inexplicável centro de espírito e de estudo, de fantasia, de ideias numa sociedade banal como era Lisboa naquela época.

O Cenáculo era uma reunião permanente de jovens em casa de Antero [de Quental], dia e noite, todos tinham ali os seus melhores livros, notas, provisões de princípios e de tabaco. Cada um deles possuía conhecimentos profundos sobre, pelo menos, uma das ciências base que são a matriz do conhecimento: física, química, matemáticas, filosofia, direito, história e linguística. Quando Antero regressa do estrangeiro, pleno de ideias e leituras novas, é como que a vinda do Rei Artur à Corte de Camelot e daí nasceram as Conferências do Casino, cheias de cultura europeia, fervor revolucionário, romanesca efervescência intelectual e sentimental.

Era uma tertúlia sobretudo anárquica em que se insultavam todas as instituições da sociedade portuguesa da Regeneração, contra os seus bacharéis, ministros, escritores, mas também contra tudo em geral, contra Deus, contra o Universo, era acima de tudo uma “Boémia feroz” ruidosa, tumultuosa, adolescente.

Foi então que o grupo inventou uma personagem, um poeta satânico à maneira de Baudelaire, chamado Carlos Fradique Mendes, e que lhe produziu um livro chamado “Poemas do Macadame”. Este poeta fictício era um exótico personagem, culto, viajado, sempre a par das novidades da ciência, excêntrico e irreverente. Muito posteriormente Eça de Queiroz iria repescar esta figura e atribuir-lhe epístolas no livro “Correspondência de Fradique Mendes”.

Antero de Quental veio pôr uma certa ordem naquela boémia de tiradas líricas, ditos espirituosos e noitadas ruidosas. Trouxe e contagiou o grupo com a paixão por Proudhon e o reformismo social, a paixão pela Sociologia e a discussão séria sobre a Metafísica. A inquietação desordenada do grupo tinha agora um líder, capaz de encaminhar as forças desses jovens intelectuais.

Foi no seio do Cenáculo que surgiu o projeto da realização das Conferências do Casino. Digamos que, de certa maneira, são a sua expressão exterior, pública, de um grupo privado de amigos. Essa geração de jovens tentou trazer algo de novo e bom à nossa cultura, debatendo o Estado da Nação. Perdoem esta digressão para vos explicar o que pretendo.

As Conferências do Casino podem considerar-se um manifesto de geração. Denominam-se assim por terem tido lugar numa sala alugada do Casino Lisbonense e foram cinco palestras do grupo formado pelas mesmas pessoas que constituem a Geração de 70. Antero é o grande impulsionador desde 1868.

A 18 de maio 1871 foi divulgado o manifesto, já distribuído em prospectos, e assinado pelos doze nomes organizadores destas Conferências Democráticas.

22 de maio de 1871- A 1ª: “O Espírito das Conferências”, por Antero de Quental consistiu num desenvolvimento do programa previamente apresentado. Antero referiu-se à ignorância e indiferença que caracterizava a sociedade portuguesa, falando da repulsa do povo português pelas ideias novas e na missão de que eram incumbidos os “grandes espíritos” e que consistia na preparação das consciências e inteligências para o progresso das sociedades e resultados da ciência.

Para Antero o ponto fulcral seria a Revolução, o seu conceito, que define como um conceito nobre e elevado. A conclusão da palestra termina com o apelo às “almas de boa vontade” para meditarem nos problemas que iriam ser apresentados e para as suas possíveis soluções.

27 de maio de 1871- 2ª: “Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos últimos três séculos” também proferida por Antero. Em primeiro lugar, Antero julga a História, como uma entidade, o juízo moral, social e político. Em seguida enumera e discute as causas da decadência.

Apona o Absolutismo, a Monarquia Absoluta que constituía a “ruína das liberdades sociais”, o centralismo imperialista que coartara as liberdades nacionais, rumo a uma cega submissão; por fim, o desenvolvimento de hábitos prejudiciais de grandeza e ociosidade que conduziram ao esvaziamento de população de uma nação pequena, substituindo o trabalho agrícola pela procura incerta de riqueza, a disciplina pelo risco, o trabalho pela aventura.

Para Antero a solução destes problemas seria: “(...) a ardente afirmação da alma nova, a consciência livre, (...), a filosofia, a ciência, e a crença no progresso, na renovação incessante da humanidade pelos recursos inesgotáveis do seu pensamento, sempre inspirado. (...) a federação republicana de todos os grupos autonómicos, alargando e renovando a vida municipal (...) à inércia industrial oponhamos a iniciativa do trabalho livre, a indústria do povo, pelo povo, e para o povo, não dirigida e protegida pelo Estado, mas espontânea (...), organizada de uma maneira solidária e equitativa...”¹³⁴

A conclusão insere uma dimensão progressista, a instauração de uma revolução, a ação pacífica, a crença no progresso inspirado na moralização social (Proudhon), num tom idealista e retórico.

5 de junho de 1871- 3ª: “A Literatura Portuguesa” proferida por Augusto Soromenho, professor do Curso Superior de Letras que faz uma crítica aos valores da literatura nacional. Cita a negação sistemática dos valores literários nacionais, excetuando escritores como Luís de Camões, Gil Vicente e poucos mais. Tem a sua vertente revolucionária ao inculcar a ideia de que a literatura portuguesa deverá ter caráter nacional, pautada por valores universais. O modelo e guia desta renovação salvadora da literatura nacional seria Chateaubriand, com o conceito de Belo absoluto como ideal da literatura, constituindo esta um retrato da Humanidade na sua totalidade.

12 de junho de 1871 - 4ª: “A Literatura Nova ou o Realismo como Nova Expressão de Arte” por Eça de Queirós salientou a necessidade de se operar uma revolução na literatura. A revolução é um facto permanente, porque manifestação concreta da lei natural de transformação constante, e uma teoria jurídica, pois obedece a um ideal, a uma ideia. É uma influência proudhoniana.

134 [1] Quental, Antero de, 2ª Conferência: Causas da Decadência dos Povos Peninsulares, Casino Lisbonense, 27 de maio de 1871 in Medina, João, Eça de Queiroz e a Geração de 70, Lisboa, Ed. Moraes, 1980, 1ª ed., pp. 157-158.

O espírito revolucionário tem tendência a invadir todas as sociedades modernas, afirmando-se nas áreas científica, política e social. A revolução constitui uma forma, um mecanismo, um sistema, que também se preocupa com o princípio estético. O espírito da revolução procura o verdadeiro na ciência, o justo na consciência e o belo na arte. A arte, nas sociedades, encontra-se ligada ao seu progresso e decadência e o artista sob a influência do meio, dos costumes, do estado dos espíritos, do movimento geral... Foca as relações da literatura, da moral e da sociedade. A arte deve visar um fim moral, rumo ao desenvolvimento de justiça nas sociedades. Fazendo a crítica dos temperamentos e dos costumes, a arte auxilia a ciência e a consciência.

19 de junho de 1871 - 5ª: "A Questão do Ensino" por Adolfo Coelho traça o quadro desolador do ensino em Portugal, mesmo o superior, através da História. A solução proposta passa por uma mais ampla liberdade de consciência. Tomando isto em consideração, o remédio seria apelar para a iniciativa privada, para que esta difundisse o verdadeiro espírito científico, o único que beneficiaria o ensino.

26 de junho de 1871 - Quando Salomão Saragga se preparava para realizar a sua Conferência "História Crítica de Jesus", o Governo, mandou encerrar a sala do Casino Lisbonense e proibir as Conferências. No mesmo dia, Antero redige um protesto no café Central, hoje Livraria Sá da Costa.

115.4. NO SÉCULO XXI

Vivemos hoje uma encruzilhada como a da Geração de 1870 e das Conferências do Casino, sendo a enumeração de problemas semelhante à de então. Embora maioritariamente preocupados com os aspetos mais vastos da Língua Portuguesa, linguística, literatura, história, também nós constituímos um grupo heterogéneo, unidos naquilo que é comum, a língua de todos nós.

A língua configura o mundo, sem esquecer, porém, que Wittgenstein disse que o limite da nossa nacionalidade é o limite do nosso alcance linguístico.

Os Colóquios são a prova insofismável de que tudo é possível com custos mínimos desde que se dê liberdade às pessoas para criarem no seio da nossa associação projetos com os quais se identifiquem e que se destinam a pensar e debater amplamente, de forma científica, a fala comum: a Língua Portuguesa de forma conducente ao reforço dos laços entre os lusofalantes – no plano linguístico, cultural, social, económico e político – na defesa, preservação, ensino e divulgação da Língua e todas as suas variantes.

Em defesa da Lusofonia, propugnamos a nossa identidade como pessoas e povos, em prol da língua comum com todas as variantes e idiosincrasias, impedindo que outras culturas e povos nos dominem cultural, económica ou politicamente, como alguns, ostensiva e claramente, defendem.

É no nosso seio de oradores e patronos, que nos podemos afirmar como plataforma de arranque de uma congregação de um Conselho de Sábios e de jovens cultos e dinâmicos para pensar e agir rumo ao futuro sem nos deixarmos abater pelo negativismo da crise que visa embotar a nossa capacidade de realização. Resumidamente foi isto que os Colóquios fizeram ao longo de uma década, numa prova da vitalidade que a sociedade civil atuante pode ter quando se congregam vontades e esforços de tantos académicos e investigadores como os que dão vida aos nossos projetos. Resta que todos se juntem à AICL – Colóquios da Lusofonia para fazermos chegar o nosso MANIFESTO a toda a gente e aos governos dos países de expressão portuguesa e que este sirva de ponto de partida para o futuro que ambicionamos e sonhamos. Com a vossa ajuda e dedicação muito mais podemos conseguir como motor pensante da sociedade civil.

PARA TERMINAR INTERROGAMOS:

Quanto vale um idioma?

Se a Língua Portuguesa estivesse na prateleira de supermercado, estaria num nicho de luxo ou esquecida, para promoção de minimercado? Estamos acostumados a medir o valor económico dos objetos a que um idioma dá nome, e não do idioma em si. Um estudo solicitado pelo Camões ao Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), em Portugal, encarou o desafio de medir essa grandeza, e revela que 17% do PIB do país equivale a atividades ligadas direta ou indiretamente à Língua Portuguesa.

- É um percentual interessante e conveniente, por ter ficado ligeiramente acima do que se apurou na Espanha relativamente ao espanhol (15%) - analisa Carlos Reis, da Universidade de Coimbra, professor visitante da PUC-RS e um dos fundadores da Universidade Aberta em Portugal, da qual foi Reitor até julho passado. O índice leva em conta a importância relativa da comunicação e da compreensão em campos de atividades económicas. Privilegia, relações económicas que exigem uma dada língua. E descarta atividades que podem ser executadas por trabalhador de outra nacionalidade ou competência linguística. Por essa lógica, ramos como ensino, cultura e telecomunicações seriam celeiros automáticos de atividades em que a língua é fulcral. Além das "indústrias da língua" há as ligadas a fornecedores de produtos em português, como a administração pública, e as que têm forte conteúdo de língua, como o setor de serviços, ou a que

induz maior conteúdo de língua para a economia como um todo, da indústria de papel à de eletrodomésticos. Línguas com muitos utilizadores fornecem mercado maior para bens culturais.

A diferença entre os países pobres e os ricos não é a idade do país. Isto está demonstrado por países como o Egito, que têm mais de 5.000 anos, e são pobres. Por outro lado, o Canadá, a Austrália e a Nova Zelândia, que há 200 anos eram inexpressivos, hoje são países desenvolvidos e ricos. A diferença entre países pobres e ricos também não reside nos recursos naturais disponíveis. O Japão possui um território limitado, 80% montanhoso, inadequado para a agricultura e para a criação de gado, mas é a segunda economia mundial. O Japão é uma imensa fábrica flutuante, que importa matéria-prima do mundo inteiro e exporta produtos manufaturados. Outro exemplo é a Suíça, que não planta cacau, mas tem o melhor chocolate do mundo. No seu pequeno território, cria animais, e cultiva o solo apenas durante quatro meses ao ano. No entanto, fabrica laticínios da melhor qualidade. É um país pequeno que passa uma imagem de segurança, ordem e trabalho, pelo que se transformou no cofre-forte do mundo. No relacionamento entre gestores dos países ricos e os seus homólogos dos países pobres, fica demonstrado que não há qualquer diferença intelectual. A raça, ou a cor da pele, também não são importantes: os imigrantes rotulados como preguiçosos nos seus países de origem, são a força produtiva dos países europeus ricos. Onde está então a diferença?

Está no nível de consciência do povo, no seu espírito. A evolução da consciência deve constituir o objetivo primordial do Estado, em todos os níveis do poder. Os bens e os serviços são apenas meios...A educação (para a vida) e a cultura ao longo dos anos, deve plasmear consciências coletivas, estruturadas nos valores eternos da sociedade: moralidade, espiritualidade e ética.

Solução-síntese: transformar a consciência do Português.

O processo deve começar na comunidade onde vive e convive o cidadão. A comunidade, quando está politicamente organizada em Associação de Moradores, Clube de Mães, Clube de Idosos, etc., torna-se um microestado.

As transformações desejadas pela Nação para Portugal serão efetuadas nesses microestados, que são os átomos do organismo nacional – confirma a Física Quântica. Ao analisarmos a conduta das pessoas nos países ricos e desenvolvidos, constatamos que a grande maioria segue o paradigma quântico, isto é, a prevalência do espírito sobre a matéria, ao adotarem os seguintes princípios de vida:

- 1. A ética, como base;*
- 2. A integridade;*
- 3. A responsabilidade;*
- 4. O respeito às leis e aos regulamentos;*
- 5. O respeito pelos direitos dos outros cidadãos;*
- 6. O amor ao trabalho;*
- 7. O esforço pela poupança e pelo investimento;*
- 8. O desejo de superação;*
- 9. A pontualidade.*

Somos como somos, porque vemos os erros e só encolhemos os ombros e dizemos: “não interessa!...”

A preocupação de todos deve ser com a sociedade, que é a causa, e não com a classe política, que é o triste efeito.

Só assim conseguiremos mudar o Portugal de hoje.

Vamos agir!

Reflitamos sobre o que disse Martin Luther King:

“O que é mais preocupante, não é o grito dos violentos, dos corruptos, dos desonestos, ou dos sem-ética. O que é mais preocupante é o silêncio dos que são bons...”



CRÓNICA 116 AUTONOMIAS, 16-26 junho 2012

116.1. GOSTAR OU NÃO DE PORTUGAL

Há dias assim, acordo ao nascer do sol, olho para as faldas da Bretanha, vejo o mar chão, os montes em frente com as vacas alpinistas e penso...tenho de fugir daqui...isto é uma ilha, e é pequena...nada como a minha Austrália com espaço para dar e vender e apenas 22,5 milhões de almas incluindo as penadas. Noutros dias acordo e nada se vê, chuva, nevoeiro cerrado e sinto-me como um génio, sem capacidade de oferecer os 3 desejos a quem me tirar da garrafa.

Nada disto melhora quando leio “*O Chrys está sempre a atacar Portugal e a dizer mal...*” (in Daniel de Sá). A propósito da frase descontextualizada e supracitada, lembrei-me de que se há muitos modos de se ser um bom católico, além de ir à missa e bater com a mão no peito, também existem diversos modos de se gostar de Portugal, mesmo quando aparentemente *se está a atacar Portugal e a dizer mal*.

Gostar de Portugal ou dizer bem, não são a única forma nem tampouco as mais representativas de se gostar do país e daquilo que nele existe.

Quando aparentemente se diz mal ou se aparenta não gostar, uma pessoa pode, de facto, estar a desejar que o país seja aquilo que não é, melhor do que a soma dos seus habitantes dá a entender. Só quando se gosta de um país se deseja que não seja viciado pela corrupção, nepotismo, falta de educação e de conhecimentos, e tantos outros mínimos denominadores comuns que o têm vindo a caracterizar nas últimas décadas.

Para se amar um país pode desejar-se que ele seja melhor do que na prática é, devendo dar a conhecer todos erros e limitações que o impedem de ser melhor, lutar para que as desigualdades gritantes que se têm vindo a intensificar nos últimos anos se reduzam, para que o fosso entre os ricos (novos-ricos de riqueza cuja origem é dúbia ou incerta no tocante à sua legalidade) e pobres não aumente exponencialmente como acontece, para que a educação redutora do atual facilitismo se converta numa educação capaz em vez de produzir doutores e engenheiros (e etc.) para o desemprego, para que a ignorância generalizada das pessoas as não leve a eleger os maiores demagogos e aqueles que nunca nada fizeram na vida além de trabalharem para o partido e no partido... .. é exigir uma nova atitude cívica.

Foi o que sugeri no 17º colóquio na Lagoa ao escrever que “A educação (para a vida) e a cultura ao longo dos anos devem plasmar consciências coletivas, estruturadas nos valores eternos da sociedade: moralidade, espiritualidade e ética.

116.2. ALGUÉM FALOU DE PROVINCIANISMO?

(o Alberto João Jardim, fez obra, o progresso do betão, foi à falência, embora se mantenha muita miséria).

Desde o início da minha estadia nos Açores, sempre pautei a posição pessoal pela defesa despudorada da verdadeira emancipação do arquipélago, em vez do arremedo de autonomia envergonhada em que se vive, dependente do humor de quem está no poder em Lisboa.

Ou como se assiste a um esvaziamento de competências decisórias “à cause de la crise”.

O centralismo onipotente no seu melhor, sem respeito pela Constituição nem pelas leis da autonomia que tem progredido lentamente, e em casos pontuais, para satisfazer os nativos, sem incomodar os centralistas macrocéfalos em Belém, como o novo estatuto de autonomia inicialmente vetado pelo Presidente da República, Cavaco e Silva, que acabaria, contrariado, por promulgá-lo a 29 dezembro 2008.

Claro que sei, e nisso concordam alguns nativos, que há provincianismo e falta massa crítica e intelectual, e muitos temem a verdadeira autonomia e mais ainda a independência.

Há países mais pequenos, sem meios (bem menos que os Açores) e que são independentes, de uma forma ou outra há décadas ... estou a lembrar-me de uma dúzia de repúblicas do Pacífico Sul, ...bastava ver como resolveram o problema da distância de milhares de quilómetros entre ilhas.

Vivendo à custa de Lisboa é fácil atirar as culpas para o parceiro, mas elas são dos sucessivos governos açorianos que nada fizeram para melhorar este estado de coisas, por lhes convir manter o *status quo* e menos se aplicaram para ampliar a autonomia e dar-lhe significado...aceitaram-na como um presente de meninos bem-comportados.

A visão açoriana do mundo é de tal forma paroquial que o arquipélago dificilmente seria independente, nem haveria gente com “*cojones*” para o tentar. É uma utopia pensar nela pois não haveria capacidade de aproveitar a riqueza da zona marítima exclusiva (afinal só foi descoberta ao fim de 37 anos de autonomia...) nem as outras potencialidades exclusivas dos Açores (se calhar não dava votos e não se fez nada por causa da necessidade que os políticos têm de se agarrarem ao poder através do voto popular).

Depois haveria outro problema, quase todos vivem de subsídios e nada sabem fazer sem eles...vai ser difícil desabitua-los

Curiosamente, acusam as 8 ilhas de estarem contra S. Miguel como esta ilha acusa Lisboa...a macrocefalia de PDL é igual à de Lisboa, salvaguardadas as respetivas escalas. Se fizessem um referendo, a autonomia perdia esmagadoramente pois é melhor culpar o Governo de Lisboa do que os governos regionais e estes mantêm-se, como os de Lisboa, graças aos clientes, digamos freguesias, isto não passa de uma grande Freguesia.

Não me espanto quando leio o que Daniel de Sá proclamou: “Um dos meus princípios radicais é que quem não vive nas ilhas não tem direito a voto, a não ser para a Presidência da República. Para problemas bastamos nós mesmos.”

Ele crê que a independência nunca será viável (por que é têm, todos, tanto medo dela?)

“18/6/2012 - Chrys, tens razão em quase tudo. Mas pergunto para que serviria uma independência só por uma questão de capricho, se afinal iríamos viver muito pior?

Que é que haveríamos de ser?

Uma espécie de Tuvalu ou Nauru, que alicerçaram a sua independência nos fosfatos, e, quando se estes se esgotaram, ficaram sem riqueza e quase sem solo onde pôr os pés?

A quem haveríamos de acolher-nos?

Aos States, como Nauru à Austrália, servindo quase como colónia penal desta?

Poupa-me. E essa de acusar quem discorda pondo as razões do diferendo na ausência, mas deixando implícito que os “ausentes” sabem tanto o que se passa como quem cá está, não tem defesa possível.

Eu vivi 65 anos nestas ilhas, três em Espanha e oito meses no Continente.

Acompanhei todas as misérias, sei quem eram os principais culpados e o mais que não podes arrogar-te a presunção de teres aprendido em meia dúzia de anos, nem tão pouco o xxxxxx, ausente, deixando-se levar muito pelo impulso embora temperado com alguma ponderação.

Um dos meus princípios radicais é que quem não vive nas ilhas não tem direito a voto, a não ser para a Presidência da República.

Para problemas bastamos nós mesmos.”

Esta resposta entristece e leva-me a contestar:

“Mais autonomia ou independência não sei, quem vota nas ilhas devia decidir...”

Em relação à afirmação “um dos meus princípios radicais é que quem não vive nas ilhas não tem direito a voto, a não ser para a Presidência da República.

Para problemas bastamos nós mesmos” discordo, nunca entendi democracias com cidadãos de primeira e de segunda, que era o que acontecia se os expatriados não votassem, para eles não votarem devia ser-lhes retirada a cidadania (açoriana).

Entendo a autonomia dos Açores (passada, presente e futura) como consequência do feudalismo arraigado que dominou as ilhas por séculos e hoje surge a outro nível e com outras roupagens.

O princípio que cita Daniel “*Acompanhei todas as misérias, sei quem eram os principais culpados e o mais que não podes arrogar-te a presunção de teres aprendido em meia dúzia de anos*” excluiria todos os jovens votantes que não vivenciaram isso e teríamos então apenas direito de voto do género para maiores de 65 anos, residentes na ilha há mais de 50?”

116.3. OPINIÃO - “UM POVO QUE SE FAZ NAÇÃO”

Este tema sensível foi recentemente abordado no jornal “Expresso das nove” 18 junho 2012, pelo expatriado Manuel Leal¹³⁵ nestes moldes:

Se julgarmos o sucesso de um evento público pelo número de participantes, a celebração do 6 de junho pela Frente de Libertação dos Açores seria um fracasso. Todavia, eu diria o contrário. A FLA saiu à rua agora para mostrar a face de figuras que se identificam com as cúpulas de ontem e de hoje e reiterar a sua determinação política e os valores revolucionários e açorianistas por que se rege.

A FLA considera o momento atual de grande perigo para a liberdade dos Açores e o bem-estar das suas populações, fazendo eco veemente do alarme dos líderes das instituições que se pressupunham autonómicas.

Como no seu início conturbado e histórico, o propósito da mensagem da FLA foi, declaradamente, depor de novo ao julgamento da gente do Arquipélago a prepotência e arbitrariedade do Governo da República. A participação de José de Almeida, que um dia teve por título “Presidente do Governo Clandestino dos Açores”, assumiu um significado que transcende a própria celebração. Já ancião, de idoneidade demonstrada na sua formação académica e nas funções que ocupou na sua experiência de político e revolucionário, profundamente açoriano, veio entregar à consciência açoriana e da solidariedade insular, como num sacrifício simbólico, a sua liberdade e a açorianidade política.

Mártir na colisão com a elite política obediente aos partidos portugueses e vítima das convulsões da própria FLA, perseguido como um criminoso pelo Governo da República, Almeida descobre o peito para oferecê-lo como alvo da retaliação potencial dos sobas políticos que destroem Portugal e com ele os Açores e a Madeira.

A FLA durante muitos anos foi vítima de uma imagem falsa disseminada pela República e pelos seus detratores insulares que a demonizaram, tentando retirar-lhe o cariz profundamente nacionalista e lusíada e impor-lhe uma máscara violenta.

A propaganda portuguesa refletiu-se na política do general Altino de Magalhães. Nos anos 70 do século passado, aos soldados açorianos o general ofereceu viagens à Metrópole, a fim de lhes fazer uma “lavagem” medíocre ao cérebro acerca das virtudes da soberania portuguesa.

Responsável pelas prisões do 9 de junho, a política de Magalhães revelava um infantilismo ou regressão cognitiva quase inacreditável. A manutenção do colonialismo nos Açores fez-se através de uma política multissecular de supressão do desenvolvimento insular. A partir da resposta mundial no séc. XX à doutrina de Woodrow Wilson, que defendeu a autodeterminação dos povos coloniais - e mudou o rumo da perceção política na opinião internacional -, o neocolonialismo no Arquipélago concretiza-se de maneira subtil através da Autonomia.

Mas a autonomia, caracteriza-se pela prática de um colonialismo transvestido na linguagem constitucional permitindo ao Governo da República a violência institucional e arbitrária contra a liberdade do Povo Açoriano. Prossegue agora com mais intensidade sob a presunção decetiva da crise económica e financeira.

No discurso que José de Almeida proferiu no dia 6 de junho, em Ponta Delgada, a sua mensagem relacionava-se com a perceção e experiência da liberdade. O seu argumento não se fundamentava, propriamente, na vida histórica das populações açorianas em que há evidência abundante da opressão portuguesa, mas num quadro psicossociológico e pragmático da realidade atual.

O verdadeiro “espírito de independência”, declarou ele, nasce quando o indivíduo por sua livre vontade cessa a submissão “ao jugo de uma autoridade prepotente”. A pessoa nega-se, assim, a aceitar um poder cuja política e “imposições” são contrárias ao bem-estar societário, “lesivas dos seus interesses e da sua liberdade de agir”.

Disse José de Almeida que “O desejo de independência é, pois, [...] indissociável do conceito de liberdade, considerado no seu sentido mais lato”. Não estou convencido, porém, de que os açorianos são já uma nação, mas sinto em introspeção que se fazem uma nação. A adesão a uma identidade, que neste caso possui o rótulo de açorianidade, não implícita, necessariamente, a presença plena dos fatores que escoram a experiência psicossocial de nação que não nasce apenas de uma identidade forte associada a um território específico. Possui um sentido de solidariedade e de identidade comunitária – os processos de grupo – que não rejeita e contesta só a “autoridade prepotente”, mas também a presença dessa autoridade a cuja identidade política e jurídica, e, ao poder exterior e opressivo, o indivíduo e o grupo se perpetuam vergados.

Nos Açores existem duas identidades que definem o nacionalismo ou a ideologia que é o alicerce da nação ou o sentimento exato da identidade da pessoa e do grupo com a nação. As pessoas com a mesma identidade nacional veem-se num destino comum, irmanadas num ideal de igualdade, solidárias na sua

135 Pela opinião do Daniel de Sá este nosso amigo comum, expatriado, nada teria a dizer nem a votar...

condição mútua e intervenientes no processo coletivo de valorização e desenvolvimento integral da pessoa e do grupo.

Na prática e num sentido filosófico, e num significado vernacular que o Estado adotou para defender-se, corresponde ao juramento de lealdade contido na legenda medieval de “um por todos e todos por um”. Neste contexto, de um lado estão os portugueses dos Açores, os açorianos que se sentem portugueses. No outro os açorianos que são portugueses apenas numa dimensão jurídica decorrente da nacionalidade. Aceitando a existência de uma nação açoriana, os últimos rejeitam a sua participação na nação portuguesa, sem embargo da adoção no conceito de pátria como a definiu Fernando Pessoa. “A minha pátria”, escreveu o poeta, “é a Língua Portuguesa”.

A FLA de José de Almeida filia-se na nação açoriana e abraça a noção quase mística do Quinto Império como amplexo fraternal, forte e multifacetado, das nacionalidades e dos grupos que se expressam em português, incluindo dimensões políticas, económicas, linguísticas, e quiçá ainda de defesa mútua. O maior reforço ao argumento de José de Almeida justificando a independência dos Açores é a política arbitrária, discriminatória e, agressiva, do Governo da República.

O tempo constitui um aliado da FLA. Mas falta-lhe a capacidade de intervenção no processo persuasivo de rejeição do neocolonialismo português porque os meios necessários à divulgação da sua mensagem estão sob o controlo dos partidos portugueses.

Por isso o Governo da República e as instituições legislativas que os partidos controlam opõem-se, intransigentemente, à legalização dos partidos regionais.

Obviamente, a FLA não recebe proclamar o que é. O Governo da República projeta até, por outro lado, o receio claro de que ela seja o que diz ser.

A celebração do 6 de junho foi, além da mensagem de que existe, um repto à prepotência dos donos da Estado Unitário. Porque ao tomar medidas discricionárias de repressão, que não seriam incompatíveis com a política histórica do poder, Portugal reforçaria a solidariedade açoriana.

“Não é crime – advertiu José de Almeida – desejar ser-se independente [...]”.

E deixou, ao mesmo tempo, o que poderá ser um aviso, ao completar aquela frase “[...] e lutar pela concretização desse objetivo”.

O erro de Portugal no Brasil, quando as Cortes do Porto ignoraram em 1820 a mensagem pluricontinental do Reino Unido de 1815 foi deixar que os rancores alicerçados na prepotência do poder centralizado concluíssem o fenómeno que Euclides da Cunha – que teria ascendência açoriana – sintetizou no livro “Os Sertões” numa frase brilhante explicando a independência quando “o povo era já Brasil”.

Os açorianos, neste contexto, são “Um Povo que se faz Nação”, usando a expressão de Almeida. Suspeito, todavia, de que não será a FLA a fazer-lhes a independência, ainda que a promova. Isso caberá à política separatista na persistência neocolonial do Governo da República.

2012-06-18 07:00:00

E assim vai a autonomia açoriana...

116.4. ILHA DA AUTONOMIA

Da “falsa” (termo micalense para o sótão), a janela do meu “castelo” desabrocha sobre o mundo. Enxergo mares. Lobrigo montes. Diviso nevoeiros que desaparecem sem rasto. Vislumbro vacas fiéis ao destino ruminante sem desfraldarem queixumes. A chuva inclemente e desapiedada, ora do agreste nordeste (o *mata-vacas*), ora de suão e fenestra o meu “castelo”. As pingas corriam janela abaixo, infiltradas na caleira minúscula sob o caixilho. Toldavam-me o juízo, arrefecendo a minha paciência oriental, gotejando lentamente para o chão. Mais um inimigo invisível quebrando o cerco permanente que sinto do lado de fora das minhas ameias. Entrei no café. Ao balcão, os do costume. A humidade goteja-lhes nas faces como se fossem paredes. Ninguém parece aperceber-se.

Fantasio, de quando em vez, que a verdadeira autonomia se abaterá sobre este arquipélago criado a ferro e fogo. Aí se vislumbrará a tal ínsula nova. Com ela devaneio. Se a antecipo encoberta componho os óculos, arregalo a íris, foco o invisível. As ondas e as nuvens também conspiram para a ocultarem. Careço de um cartógrafo para a mapear. Enxergo-lhe contornos como se a visse em Braille. Ia jurar tê-la avistado, mais do que uma vez. A minha mulher disse-me que alucinava.

O mar confunde-se com o céu. O horizonte indistinto, em constante mutação, ora cinzento ou azuláceo perde-se para além do alcance da visão. Quando fito o Grande Mar Oceano, estou sempre expectante de vislumbrar a ilha nova a desenhar-se no firmamento. Todos os dias sonho com ela, ora encoberta ora invisível. Acredito

piamente que exista para lá da linha imperceptível. Por vezes, as próprias formas e cores das nuvens afiançam esse mistério que os mapas não cartografaram.

Confio devotamente. Sei que virá ao meu encontro. Tal como a ilha Sabrina de antanho, ou outras que surgiam e desapareciam das cartas de marear na época de S. João. Esta é especial. Sempre que posso, perscruto o futuro em busca dela. Esta a realidade que me escapa e, no entanto, está lá. Quando a vir, clamarei o direito a denominá-la. Designá-la-ei **Autonomia**. Ia jurar tê-la visto por entre um belo arco-íris que ia da Lomba da Maia à semiencoberta Bretanha.

Os vaqueiros levantam-se noite cerrada. Continuam a acamar-se cansados, dia após dia, semana ou ano de trabalho. Rotinas entrecortadas pelas festas da Freguesia. Uma ou outra procissão. Sem queixumes pela má sorte. A mesma que lhes repete destinos ingratos.

Resignação amargurada. Lobrigada nas comissuras de peles rugosas, encarquilhadas e sequiosas, sorvendo um copo de mistura ou um abafado. Os campos continuam a ser arados. As vacas mungidas. Chova ou faça sol. Feriado ou fim de semana. A terra e as vacas são elementos únicos mensuráveis da riqueza.

Estes vaqueiros só mourejam, como já escrevi algures. Jamais ouviram falar da semana-inglesa. Quase todos andam nas vacas. Ou as têm ou trabalham-nas para terceiros, 24/7/365 (todo o dia, todos os meses, todo o ano). Chova ou faça sol.

De tantas em tantas horas estão a mungi-las. A levá-las de um pasto para o outro, que todo o inverno a ilha se mantém verde. Os rendimentos são inferiores aos de Portugal (a que chamam o Continente) mas há subsídios para rações, produção de mais leite e sabe-se lá que mais que os burocratas de Bruxelas inventaram e os subsídio-dependentes açorianos exploram.

Nas zonas rurais os filhos, que vão abundando, usam a escola nos interregnos da labuta nos campos. Se faltam e não fazem os trabalhos de casa é porque foram às vacas. Não é opção, mas obrigação. Solidariedade familiar.

Queiram ou não, cumprem o destino boieiro e a vontade paterna, herdada de séculos, sem sombra de desfortuna.

O fatalismo ou destino insular pode ser explicado pela brutal aspereza dos elementos: o fogo e as manifestações telúricas, nunca se interrogam, apenas o cumprem. Vá-se lá a saber. Os medidores de felicidade são pouco fiáveis. O açoriano vive do imediatismo. Futuro nunca, mas presente sempre à vista, nada arrisca nem previne.

O açoriano é diferente do antepassado que, no séc. XIX com menos estudos, sem universidade nem Novas Oportunidades, criou a Sociedade da Agricultura Micaelense, quiçá a mais importante da história dos Açores. Hoje, as ilhas transfiguraram-se em vacaria, uma imensa leitaria. O quotidiano açoriano, fora das pequenas urbes, é similar à escravatura de antanho. Cuidar de vacas doutrem a troco dum soldo miserável, sem direito a férias, doenças, feriados é servidão. A gleba cumpre horários sagrados sem calendário, religiosamente acatados por homens e mulheres. Apesar de poucas, também por aí andam. Supõe-se que interrompam as lides aquando da gravidez.

Para 2015 antecipa-se o fim das quotas leiteiras, um remate anunciado há muito para essa riqueza artificial. O comércio da laranja extinguiu-se vitimado por uma doença quando a exportação estava numa fase de ampla expansão, tendo atingido o máximo três décadas depois de ter surgido a ideia de criar a tal sociedade.

O que esses antepassados anteviram foi que aquela riqueza não seria duradoura devido aos avanços da produção e do transporte, em especial na Península Ibérica. No séc. XVIII ninguém pudera prever a data exata do fim da exportação das laranjas.

Nos últimos anos aumentou a produção anual de leite sem que o Governo, as autarquias ou as gentes iniciem qualquer ação, individual ou coletiva, que comece a prevenir o futuro, exceção feita aos pedidos de subsídios, uns atrás dos outros, ano após ano.

Claro está que os pastos se podem converter em terras de cultivo antes que o diabo esfregue um olho, mas os trezentos mil animais não se desvanecem num ápice. Sete anos antes do fim das quotas, abordei o Presidente da Junta propondo uma reunião de esclarecimento onde os locais pudessem discutir ideias (se as tivessem) sobre a reconversão. Nem um se mostrou interessado, decerto pensaram que um urbano como eu nada teria para lhes comunicar sobre o ganha-pão deles. Daqui a pouco acabarão os fundos europeus para a produção de leite das ilhas e ficarão sem nada.

Depois do fim da gesta heroica e brutal dos baleeiros, que Dias de Melo retratou, aproxima-se o fim da era do leite. Virão dias de fome e de aflição. Nada ou pouco foi feito para a reconversão de milhares de famílias que vivem do “leite” num ciclo vicioso de maiores produções para “sacar” maiores fundos europeus.

Quem sabe se, lentamente, não poderiam trocar as vacas leiteiras para produzir carne da melhor qualidade para exportação (a carne das vacas felizes substituindo o leite)? Podiam usar a mão de obra atual sujeita a uma apropriada componente de atualização de formação e desenvolvimento pessoal. Nos EUA há quem aproveite o estrume do gado bovino para produzir energia ecológica...será que estes campos podem produzir biodiesel?

Como a terra é fértil, quando se acabarem as vacas gordas leiteiras podiam diversificar e manufaturar queijos, aproveitar os solos úberes com criar produtos agrícolas para mercados de nicho e exportar. Infelizmente, não vi nem ouvi nenhum dos técnicos agrários, propor ou estudar os mercados de nicho que estas férteis terras poderiam fornecer.

Falta visão como quando o chá sucedeu às laranjas. Os políticos insulares, vivem em torres de marfim condicionados ao ritmo da reeleição sem visão para “imaginar” os Açores daqui a 10 ou 30 anos, tudo é feito pelo imediatismo da próxima contagem de votos, nada se faz nem se percebe que haja quem o queira fazer.

Reservo-me o direito de emitir opiniões e ser controverso ao afirmar que nos meios rurais, os açorianos continuam escravos, tal como seus antepassados. Mesmo sem o saberem.

Há quem alegue que a escravatura hodierna é mais humanizada e de matizes mais esbatidos (decerto nunca foram escravos para o afirmarem...é como o país de brandos costumes). Seguem destinos tradicionais sem os questionarem.

Nesta ilha (ao contrário das restantes) as gentes vivem de costas voltadas para a água que as rodeia por todos os lados. Com o credo na boca sob a permanente imposição férrea de normas, que aceitam sem discutir, como se vivessem com medo da sociedade feudal, a mesma que persiste nos monopólios económicos, sem se preocupar com a aparência de democracia e igualdade, que a constituição do país consagra no papel.

Tal como no ciberespaço, na sociedade do “*Second Life*”, esta democracia, tal como a autonomia, é virtual. A fome será menor que dantes. A dependência, dissimulada de vontade própria, perpetua-se, em nome das santas tradições, procissões, festas, Divino Espírito Santo e Santo Cristo. A energia positiva dos vaqueiros é canalizada para ações do culto, eivado de paganismos, como as romarias.

Existem alternativas, mandar a escravidão às urtigas e viver do rendimento de inserção social. É o sistema da “Faixa de Gaza”, para os lados de Rabo de Peixe. A maioria das famílias (com excelente taxa de natalidade), jamais empregadas nem empregáveis, vive dele. Trabalhar é só para os inúteis.

A autonomia, constituída no papel, ciclicamente pedida com salamaleques e, sempre que necessário, contestada pelo governo central, dá a aparência de liberdade ao ciclo secular repetido. Aquando das grandes tragédias, fruto dos elementos telúricos, fogo e água, a revolta popular manifestava-se nos pés dos que se punham a caminho.

A emigração foi sempre a fuga à fome e escravidão. Iam para paraísos terrenos no lado outro do Grande Mar Oceano, lá donde os parentes tornavam contando maravilhas. Ainda hoje, com a exceção do Havai, o Éden açoriano há séculos que se conjuga nas Américas.

Daniel de Sá escreveu “Sair da ilha é a pior maneira de ficar nela”, Onésimo diria que era a “melhor”, mas continuava a haver um ou outro revoltado com a miséria, a falta de futuro, a ausência de presente e o excesso de passado, sempre pronto a meter pés ao caminho. Rumo à verdadeira autonomia do dinheiro. A única que permite sonhar.

Não há democracia sem capital. Karl Marx nunca o soube. Só com poder de compra se pode ser livre. Sem posses os pobres não podem almejar a liberdade. A emigração é a face visível da emancipação açoriana.

Aqui há imensas réplicas de macrocefalia. Governam como na monarquia absolutista. Nem os cães ladram quando a caravana passa. Até os cachorros são indolentes. Mimetizam as pessoas, acomodadas e aburguesadas. O insuportável e fedorento colonialismo paternalista de Lisboa manter-se-á até as turbas saírem à rua. Aí sim, pode haver autonomia. Eu clamava, tal como, em tempos, exprimira aos líderes timorenses antes da independência, que competia aos locais decidirem e traçarem o seu destino. Já o escrevi no início de 2008.

Em risco de ser, de novo e involuntariamente controverso, creio haver regionalismos autonómicos, que deveriam ser incentivados. O desprezo constante a que votam os ilhéus é tão mau como a tentativa forçada de desertificação humana no interior profundo.

Para os continentais, quando se fala dos Açores é quase como discursar de Timor Português quando fui para lá em 1973. Sabiam que eram ilhas e pouco mais. Quase como a anedota da pergunta insólita “a senhora é dos Açores, mas é branca?” Não avisaram que a paisagem é verde, as pessoas não. O orgulho em ser-se açoriano é profundo, arreigado ao húmus, mas difuso. Confunde-se com bairrismos de cada ilha ou insularismos de cada Freguesia.

É prejudicado pela idiosincrasia micaelense de chamar Açores às outras ilhas. Como se S. Miguel fosse o continente perpetuando noções de dependências e vassalagens obsoletas. Fruto da herança ancestral, do obscurantismo de 48 invernos salazarentos e 35 primaveras bafientas da 3ª República entorpecente e anestesiante, alegadamente democrática...

A história ilustra a luta entre a Terceira e S. Miguel pela supremacia dos capitães donatários, titulares da efémera nobilitude de “capital do arquipélago”. Estes vícios repetem-se hoje.

Dado o desdém com que os continentais tratam os autóctones (basta ignorá-los), seria de esperar maior unidade e desejo autonómico. De emancipação. Não independência. Salvo raras exceções, poucos manifestam tais desejos face ao poder central cego e cabeçudo.

Parecem satisfeitos com a submissão à macrocefalia de Ponta Delgada, que espelha Lisboa. Em tempos, o açoriano expatriado Manuel Leal escreveu:

“A revolução açoriana vem-se mostrando à janela há séculos. Nunca teve uma face persuasiva. Não a possui em ideologia, embora exista quem assim apregoa. Fazem-no nos cafés, numa elite dentro da ilha e sem eco. A revolução à mesa do café não chega a parte nenhuma”.

Se preferissem a emancipação total poderia ser tanto ou mais viável que a do Kosovo, Kiribati ou da Ossétia do Sul. Cristóvão de Aguiar aventava que teriam de ser nove as independências, mas talvez quatro bastassem: S. Miguel e a colónia de Sta. Maria; a Terceira e a colónia da Graciosa; o Faial e a colónia do Pico e, por fim as Flores e a adjacente Corvo. Podiam considerar Toronto, Nova Bedford e outras tantas como possessões ultramarinas.

Chegou o tempo de o povo demonstrar capacidade identitária e poder de intervenção perante um país resumido a Lisboa e submisso perante uma Europa dominadora que julga os cidadãos como números, para aumentar ou estabilizar orçamentos.

Cito, Martin Luther King “I had a dream”. Sem macrocefalias nem subalternidade. Um Governo Regional autêntico, sem ser filial de Lisboa, reclamando a verdadeira autonomia sem se arvorar em defensor dos interesses dos que sempre exploraram os ilhéus, sombrias e persistentes personagens que perenizam monopólios. Arrivistas com iniciativas pequenas e isoladas.

Limitadas como as ilhas e o país. A autonomia vive-se em círculos muito restritos, e em escritores e “expatriados” em Portugal e nas Américas. Surgirá - cremos, um dia -, não à mesa do café, mas da escrita, da “elite esclarecida” (à falta de melhor adjetivação) qualquer movimentação nesse sentido. Haverá elites pensantes açorianas para além das que se emproam em encontros de intelectuais representando a fina-flor dos que têm direito a nome no jornal?

Uns pararam no tempo, outros andam em busca dele, que nunca à frente. A população não os segue nem os entende. Nem mesmo os ditos. Apenas ufanos por preencherem as revistas cor-de-rosa? Todos. Incapazes de congregarem mentes, mentem sem insistirem no tema. Temerosos de perderem a caleche em que se pavoneiam na avenida marginal tal como os antepassados de 1890.

Agora, compete aos mestres da palavra fácil indoutrinarem e mostrarem o caminho da Atlântida perdida a que chamam autonomia. Só então cortarão os cordões umbilicais, alcançando a independência dos que escrevem e partilham a açorianidade. Com a sagesa dos seus conhecimentos sonharão o momento de libertação tal como inventaram a literatura açoriana para que ninguém se esquecesse deles e o mundo não os deixasse para trás na sua voragem.



CRÓNICA 117, PORTUGUESES, 30 junho 2012

Este foi o discurso que nunca cheguei a ouvir, mas imaginei:

Portugueses, portuguesas

É mentira que o Governo esteja a preparar novos impostos, novas subidas de preços e mais cortes nos benefícios de empregados e desempregados, reformados ou no ativo.

Nunca foi intenção deste Governo aumentar a pobreza, o desemprego, a fome no país, mas herdámos uma pesada herança do Governo anterior que vai demorar várias gerações a pagar e temos que satisfazer os compromissos assumidos por anteriores governos.

Nunca foi nossa intenção dar dinheiro à Banca que causou esta crise, mas somos obrigados por contratos anteriormente firmados e que bloqueiam qualquer hipótese de renegociação, motivo pelo qual fomos cancelando benefícios aos nossos funcionários, que infelizmente terão de suportar as reformas estruturais que pretendemos implementar no país e que resultam obviamente do que foi negociado no passado por anteriores governos e que nos impõe esta necessidade de trazer sanidade às contas públicas.

Teremos assim de vender os anéis para que sobre os dedos e mesmo assim não temos garantia de que isso seja suficiente. Destarte vendemos a energia da EDP, a distribuição da REN, negociamos a venda das águas, da companhia aérea, dos aeroportos e outras infraestruturas, muito mais rentáveis se forem os estrangeiros a geri-las porque francamente o Estado não tem capacidade para gerir tão variados bens.

As portagens introduzidas nalgumas SCUT visam aumentar a utilização pelos turistas que aqui vêm deixar divisas e reduzir o tráfego de viaturas portuguesas, o que permitirá aos turistas andar mais livre e desafogadamente nas estradas a fim de regressarem aos seus países com melhor impressão de Portugal.

Ao enviarmos os jovens licenciados e desempregados para outros países exportamos os conhecimentos que fizeram dos portugueses um povo de navegantes e descobridores. Estamos convictos de que também virão a descobrir novos mundos e formas de vida, permitindo aumentar a importância dos portugueses nessas sociedades de acolhimento e obterem posições de relevo importantes para o orgulho nacional.

Temos tomado inúmeras medidas como o encerramento de hospitais, maternidades, centros de saúde, tribunais e outros serviços cuja produtividade era baixa e custavam imenso a manter, pois estudos recentes provam que algumas das medidas tomadas pelo Governo antes de 1974 eram bem mais económicas que as atuais e conduziram o país a uma riqueza de que só resta a memória hoje.

Com todas estas alterações estruturais estaremos a criar sólidas bases para a riqueza de Portugal. Pretendemos - em breve - expropriar todos os terrenos agrícolas não cultivados e entregá-los aos estrangeiros para que, com as suas técnicas mais evoluídas, possam obter uma produção agrícola que nos permita voltar aos tempos dos celeiros da nação. Sabendo exígua a oportunidade de emprego no interior, estaremos a contribuir para a redução do desemprego local.

Além das reduções dos elementos autárquicos base, as freguesias, estamos a criar uma nova dimensão do país que nem havia sido tentada desde Mouzinho e que permitirá reduzir os bairrismos que tanto têm servido para dividir o país em pequenas parcelas em vez de o aglutinar.

Estamos cientes de que a situação geral do país irá melhorar com todas estas medidas e em breve nos orgulharemos de ser um país que todos invejam.

Aproveito para relembrar alguns dos meus escritos (2005 a 2008 no anterior Governo socrático). Mudou o Governo e o primeiro-ministro, os discursos são mais nacionalistas e acompanhados do hino nacional, mas o país segue na mesma direção do abismo...

..., mas não se iludam, não é só cá, é em todo o mundo ocidental...

Desacreditando os professores e a profissão, abalando os alicerces do ensino público com normas pouco exequíveis ou fiáveis, de resultados estatísticos garantidos, sem que represente qualquer grau de conhecimentos técnicos, científicos ou académicos, a reforma do ensino privilegia títulos obtidos nas escolas privadas.

Exclui-se a Universidade onde o senhor primeiro-ministro obteve um diploma por fax e TPC (trabalhos de casa) pois já fechou.

As massas continuarão a enviar as crianças para a escola sem se aperceberem que os paradigmas do séc. XX já não vigoram. Os estudos não indicam nada do que significavam.

Isto não é mais do que a aplicação da minha velha máxima pessoal ao afirmar que um dia destes, um décimo segundo ano equivale a uma quarta classe da infância e uma licenciatura não é mais que um velho 5º

ano do Liceu (curso complementar) e assim sucessivamente até ao mestrado que terá o valor dum antigo bacharelato e o doutoramento equivale à velha licenciatura.

Ridículo?

Ousado?

Despropositado?

Não?

Comparem o conteúdo curricular dos vossos filhos ou netos com o vosso e depois conversamos. Agora com a passagem obrigatória de todos os alunos, mais as “Novas Oportunidades” vai Portugal finalmente baixar o coeficiente de iletrados, mas não vai deixar de ter iletrados, vai ter iletrados com diplomas.

Nada disto é feito à toa, nem é por birra do senhor primeiro-ministro, que não nutre grande afeto pelos que ensinam, fruto de qualquer frustração infantojuvenil que não se pode confirmar.... Já foi feito nos EUA, na Austrália, no Reino Unido, onde escolas secundárias custam tanto ou mais que universidades privadas....

Aliás não é só na educação, aconteceu com a justiça naqueles países e irá acontecer em Portugal. Na saúde é ainda pior.

Veja-se, a título de exemplo, os médicos do “ER” (série televisiva Serviço de Urgência) a atenderem os doentes consoante têm seguro privativo (e conforme a cobertura deste) ou não, logo despachados para a rua depois de tratados sumariamente.

Assim irá acontecer neste jardim. Mal um Hospital ou uma urgência fecham, aparece um grupo privado a construir um Hospital com urgências médicas. É curioso que o ex-ministro Correia de Campos lidere esses grupos de saúde privados.

Claro que quem vive no Bronx não pode ter a mesma qualidade de vida dos que vivem em Manhattan (não sei se me entendem). Isto é, em termos indianos há uma zona de sudras e vaixias onde poucos se deslocam. Mesmo a polícia tem medo de lá ir, pode ser que a ASAE depois de preparada militarmente nos EUA lá possa entrar. Como que se fossem favelas, ou bairros-de-lata.

As “pessoas de bem” e pilares da sociedade vivem em zonas mais abrangentes em termos de serviços e de oportunidades.

Muita sorte têm as castas menores em disporem de água potável e eletricidade.

Teremos assim, um país (e o mundo) cada vez mais a duas velocidades, a dos que têm e a dos que não têm.

Por isso ninguém se parece preocupar com os desempregados vitalícios que começaram a surgir (no fim da década de 80 na Austrália e agora em Portugal).

Ninguém parece perder o sono ou o apetite (estamos a ficar todos obesos) pelos sem-abrigo que se propagam mais depressa que coelhos nas cidades, esvaziadas de Humanidade.

Autênticos desertos à noite.

Isto enquanto o camartelo municipal não chega para demolir as casas para serem “gentrificadas” dando origem a condóminos de luxo a quem possa pagar. Assim, os velhos subúrbios da gente do povo e classes menos abastadas passam a ser áreas VIP.

Mas a diferença é que nalguns países, ditos democracias, existe um mínimo de pudor, decência, bom senso e dignidade. Os casos de corrupção, nepotismo e outros, impunes em Portugal, ainda vão sendo punidos nesses países

Voltando à emigração, recorde-se a tragédia dos anos 60 e 70 do século passado quando as pessoas tinham de fugir “a salto” para sobreviverem à custa do trabalho braçal, numa Europa em crescimento, que carecia de mão de obra barata e silenciosa. Havia outros que se exilavam para lutarem contra o regime colonial da Ditadura. Os que ora emigram fazem-no numa sociedade consumista cada vez mais exigente. Ninguém está para grandes sacrifícios. Lá fora ganha-se bem mais, para o mesmo trabalho indiferenciado e escravo que faziam aqui.

Só não se entende porque é que aqueles açorianos (que regularmente são repatriados dos EUA e Canadá) não emigraram pela via normal e legal. Premeditadamente, iam com vistos de turista, que há muito prescreveram, e deixaram-se ficar na miragem duma amnistia. Mas ouvi-los falar de injustiça custa a engolir, quando criticam a falta de apoio português. Onde é que viveram nos últimos trinta anos?

Não sabem o que é e como funciona o Estado português. O mesmo que agora manda centenas de crianças de Elvas e locais limítrofes nascerem em Badajoz, porque não compensa ter abertas maternidades no interior desertificado do país (sem perguntar ao vizinho Estado soberano espanhol se estava pelos ajustes) ...

Já estou a imaginar o problema burocrático daqui a uns anos. Onde nasceu? Em Badajoz, então mostre-me a sua documentação. Tem autorização de residência neste país? Mas eu sou português, a minha mãe é que teve de ir ao lado de lá da fronteira para a maternidade. Pois bem se nasceu em Badajoz não pode ser português... Se o problema demorar tanto a resolver como o dos portugueses que por nascerem em Angola ficaram apátridas, bem podem esperar sentados.

Em 31 outubro de 2011: “O jovem desempregado em vez de ficar na “zona de conforto” deve emigrar”, disse o secretário de Estado da Juventude e do Desporto. “... no desemprego, temos de sair da zona de conforto e ir para além das nossas fronteiras”, disse o governante para uma plateia de representantes da comunidade portuguesa em S. Paulo. “... o país não pode olhar a emigração apenas com a visão negativista da “fuga de cérebros”.

Para Miguel Mestre, “se o jovem optar por permanecer no país que escolheu para emigrar, poderá dignificar o nome de Portugal e levar know-how daquilo que Portugal sabe fazer bem”.

Caso a opção seja por, no futuro, voltar a Portugal, esse emigrante “regressará depois de conhecer as boas práticas” do outro país e poderá “replicar o que viu” no sentido de “dinamizar, inovar e empreender”.

Com o intuito de capacitar o jovem português e aumentar os laços com outros países, o responsável diz que o Governo português pretende incentivar os intercâmbios estudantis e estágios no estrangeiro.

- A maior desgraça de uma nação pobre é que em vez de produzir riqueza, produz ricos. (Mia Couto).

Emigrem todos! Deixem aqui apenas os “orientados”, os “apadrinhados”, os lambedores de botas... Vamos lá para fora, fazer pela nossa vida e pela deles. Quanto mais mão de obra exportarem, mais remessas entram e mais fácil será governar o país.

O primeiro-ministro (Passos Coelho), que há meia dúzia de meses tinha a solução para todos os problemas, convidou os quinze mil professores desempregados, a emigrar, porque em Portugal não lhes prevê futuro. Bem, no que toca a soluções, o homem prometeu e fez!

... Emigremos! Ou não fossemos nós um povo nómada, acostumado a passar metade da vida de mala na mão, com a alma e o coração dividido entre “lá” e cá. A diferença é que no século passado emigravam os incultos, aqueles a quem a pobreza impossibilitava o acesso a uma licenciatura. Virado o século, depois de andarem anos a incentivar-nos ao ensino, dos pais se terem sacrificado para formar os filhos, vem o senhor e diz-lhes que façam as malas! Solução fácil e conveniente.

Vão, mas não cortem os laços! Façam vida de emigrante, trabalhem muito e vivam pouco, juntem dólares e enviem para cá, porque a banca, a quem os vossos pais se empenharam para vos dar um curso, e tem dois terços da sociedade escravizada, mais do que nunca precisa das vossas remessas.

Enviem para cá muito dinheiro. Construam muitas casas, comprem carros, comecem a pagar impostos, que as nossas finanças precisam urgentemente de receita. É preciso manter a máquina e se a verba vier de fora, sem criar postos de trabalho e investir numa vida digna para os cidadãos, é ouro sobre azul.

Emigrem! Professores, médicos e enfermeiros, pequenos empresários, a quem a austeridade lançou para a ruína e no desemprego. Os da restauração, do comércio tradicional, os que fecharam portas e não conseguiram colocação nas grandes superfícies. Os agricultores, a quem pagaram para que não amanhasssem as terras. Os pescadores, que receberam para não sair para o mar, os operários que perderam o trabalho de toda a vida. Os mecânicos, os trolhas, os eletricitas...e os seus filhos e netos e as gerações seguintes...

Mais dinheiro a entrar e menos bocas a reclamar, facilita a vida a qualquer político. Ficará tudo mais fácil e mais vantajoso, principalmente para os que cá ficarem. Depois edificam-nos estátuas e dedicam-nos avenidas. Aos emigrantes, otários, que desta feita já não viajarão com a cesta de vime e o garrafão, que já não trocarão o V pelo B, mas que serão rotulados por outro motivo qualquer. Vamos, mandem muito dinheiro para a terra, mas fiquem lá! Nada de vir para aqui no fim da vida, a dar despesa ao Estado; a ocupar bancos de jardim, lares de idosos, centros de saúde e parcelas nos cemitérios. Isso é para os que cá ficaram!

Sendo um otimista nato que sobreviveu a muitas crises e desgraças, encontro-me na posição de nada ter a dizer quanto ao futuro, que não seja repetir as palavras do primeiro-ministro: emigrem. Mas para os mais velhos, como eu, na alvorada da Terceira-Idade, sem reforma ou com reformas reduzida para a minha mulher, é preocupante saber que poderemos não ter pão para comer nem teto para nos abrigarmos. Busco uma réstia de otimismo e não a encontro no país, e na maior parte do mundo ocidental, empenhados todos numa espiral auto-destrutiva do lucro, ganância, especulação e dinheiro a todo o custo.

Resta saber o que as potências emergentes (China e Índia) farão quando o grande império ocidental se desmoronar. Há quem diga que os dias não correm a favor de nacionalismos independentistas, antes se caminha rumo à aglutinação forçada, mas duvido que assim seja....

Creio que, com esta crise, se caminha para uma nova pulverização de velhos ódios tribais europeus e uma balcanização de alguns estados. Um novo tipo de guerra sem tiros, os mortos e estropiados são-no pela fome, miséria, sem-abrigo e desemprego, da exploração desenfreada da Banca mundial. Mesmo assim não me queixo.



CRÓNICA 119 O ÚLTIMO VERÃO 24 julho 2012

Muitos morrerão pelo caminho, outros afundar-se-ão na miséria, e disso não falarão as televisões... A fome alastrará e haverá violência, e o povo português, tal como as chocas das touradas da minha infância, continua «manso», abúlico, anestesiado, prosseguindo a herança feudal de escravo. Tal como a avestruz de cabeça na areia porque não era nada com ela ou a nêspira de Luiz Pacheco *quieta e calada*, à espera que viessem e a comessem.

João Franco (Revista Nova Águia, nº 8) interroga «*se Portugal ainda existirá no séc. XXII?*»

- Dois caminhos à nossa frente, a escolha determinará a sobrevivência ou o desaparecimento do país. Por um lado, o caminho da perda de soberania, com o esboroar de Portugal, diluído na Europa burocrática e cinzenta, ou numa Ibéria. Por outro, o caminho de um reerguer nacional, em que Portugal recupere independência, isto é, a capacidade e autonomia de tomar decisões quanto ao seu futuro.

Confúcio disse «*não tento conhecer as perguntas; tento conhecer as respostas*», eu estou pior, pois nem perguntas nem respostas. Não são poucos os que defendem que por detrás da «crise da dívida soberana» se encontra um impulso, mais ou menos subterrâneo ou intencional, para criar uma «federação europeia», não-democrática, dominada pelas elites económicas e financeiras do norte.

Até europeístas convictos começam a ter dúvidas. Sei que não existem líderes europeus como os que sonharam a Europa, mas a sistemática destruição da unidade europeia, a troca de trinta moedas, encapuçada na tirania mundial sem cara, nada augura de bom. Não creio que surjam líderes capazes de se oporem à oligarquia do lucro sedeadada na América, com agenda secreta de aniquilar a Europa e salvaguardar os interesses do dólar.

Convém não esquecer que os EUA estão falidos (mais falidos que a Europa dos 27), e a sua dívida soberana está quase toda nas mãos dos chineses, a autonomia ou independência norte-americana estão tão comprometidas como a europeia.

Por outro lado, a Europa, de tão envelhecida que está, corre o risco de se tornar deserta de europeus a curto prazo, substituída, nalguns países, por muçulmanos com elevada taxa de reprodução, nacionalidade e descendência e que, mais dia, menos dia, passarão a governar, de burca e sharia, a velha Europa, embora não se possa dizer isto por ser politicamente incorreto.

Claro que devemos ouvir e calar, como a 23 de julho de 2012, quando a Ministra dos direitos da mulher em Marrocos disse “não há motivo para se preocuparem com as violações das mulheres e o casamento abaixo da idade, não são problemas da sociedade marroquina” ...

Nem nos devemos deixar apoquentar por seguirem normas islâmicas da Idade Média (da civilização dita ocidental), quando apedrejam uma mulher até à morte ou executam outra no Afeganistão por adultério, o qual nem sequer era verdade. Não devemos dizer nada e devemos respeitar tais civilizações e religiões, mesmo que continuem a viver na Idade da Pedra dos direitos do homem e sobretudo, da mulher.

A crise internacional instigada pelos especuladores bancários do ocidente continua a ameaçar os cidadãos europeus com o Medo (do Desemprego, da Recessão, do Caos, etc.) e estes interesses estariam a confrontar os cidadãos, pouco a pouco, com a «inevitabilidade» da entrega dos derradeiros limites de soberania à “união” europeia. Os pretextos para este falso «federalismo» (mais justamente chamado de «nortismo neoliberal», pois assenta no norte da Europa) estão aí, à vista de todos: um sistema fiscal único, abertura total de fronteiras, moeda única, soberanias limitadas e governos «autocráticos», etc.

A Islândia, em 2008 deu-nos a lição de que é preferível deixar os credores perder os investimentos especulativos a reduzir pensões, benefícios sociais e criar o caos na sociedade. Em vez de salvar Bancos a todo o custo e sacrificar toda a sociedade, preferiu deixá-los falir, salvando a economia.

Almeida Garrett em *Viagens na Minha Terra* perguntava aos economistas políticos, aos moralistas se «*já calcularam o número de indivíduos que é forçoso condenar à miséria, ao trabalho desproporcionado, à desmoralização, à infâmia, à ignorância crapulosa, à desgraça invencível, à penúria absoluta, para produzir um rico... cada homem rico custa centos de infelizes, de miseráveis.*»

Claro que não, pois nem sequer dão conta da existência desses seres, quando muito algarismos desgarrados, sem família nem existência própria, meras casas decimais nos cálculos de lucro. Muitas vezes sem sabermos, nem vermos, nem ouvirmos, as famílias vão morrendo asfíxiadas na miséria, pobreza e humilhação... famílias que eram pilares da comunidade...

Esta Terceira Guerra mundial, a que ora assistimos, é mais impiedosa e brutal que a depressão de 1929, mas nem por isso menos mortífera. E o povo iletrado - mas licenciado com canudo e tratamento por doutor - assiste a tudo incrédulo refugiando-se numa qualquer telenovela, com futebol, Fátima e fado, como sempre foi seu apanágio. As elites - que depois do 25 de abril foram chamadas fascistas e fascizantes - sempre lideraram movimentos - mas como estão em vias de extinção não lideram nada.

Faltam Movimentos como um novo *MDP* (na fase original)¹³⁶ ou a *Seara Nova* para aglutinar a *intelligentsia* que resta, e dar o grito do Ipiranga que tanto é necessário neste país. Não contem com os militares que nem com eles podem contar... logo, qualquer revolução militar está fora de questão.

Também não acreditem em referendos populares que funcionam bem no papel, mas na prática deixam muito a desejar. Se já tiverem uma idade respeitável, como a minha, em que emigrar está fora de questão, as alternativas são poucas...

Na mesma linha de pensamento Clara Ferreira Alves¹³⁷ (com quem raramente concordo) escrevia «*É a falta de cultura, estúpido!*»

Portugal tem hoje uma pequeníssima elite que consome cultura, quase toda velha e sem sucessores...merecemos...elegemos esta gente...não somos muito diferentes...convém não esquecer o que nos separa, exatamente, do Relvas. Pouco.

Não é um espécime isolado, um pobre diabo animado de força e disposição para fazer negócios e trepar na vida, que entrou em associações e cambalachos, comprou um curso superior e...se autoinstituiu em conselheiro do Rei. ... o que o país tem para mostrar como elite é pouco.

Nada distingue hoje a burguesia do proletariado.

Consumem as mesmas revistas do coração, leem a mesma má literatura, veem a mesma televisão, comovem-se com as mesmas distrações.

Uns são ricos, outros pobres. A elite portuguesa nunca foi estelar, e entre a expulsão dos judeus e a perseguição aos jesuítas, dispersámos a inteligência e adotámos uma apatia interrompida por acasos históricos que geraram alguns estrangeirados ou exilados cultos permanentemente amargos e desesperados com a pátria (Eça, Sena) e alguns heróis isolados ou desconhecidos (Pessoa, O'Neill).

A literatura, o poder das palavras para descrever e incluir o mundo num sistema coerente de pensamento, é, como a filosofia e a história, tão importante como a física ou a álgebra. Não estamos sós. Como bem disse Vargas Llosa, em vez de discutirmos ideias discutimos comida. A gastronomia é a nova filosofia. Ferran Adrià é o sucessor de Cervantes e de Ortega y Gasset."

Dito isto, creio que a hipótese é juntar a elite que resta, criar um Governo de salvação nacional e liderar, antes que se afaste como a «*Jangada de Pedra*» rumo (não ao oceano) ao abismo para onde caminha demasiado depressa para que o possamos parar. Pode nem ser a tempo, mas ficaríamos com a sensação de que salvaríamos o país.

Com esta gente (e partidos) não há democracia que resista e teremos mais do mesmo, qualquer que seja o partido ou a coligação no poder. Criaram o «sistema» da impunidade na justiça, da não-educação no ensino, da saúde que nos querem tirar e da forma de entrelaçarem os negócios para saírem sempre vencedores, qualquer que seja o partido no poder.



136 O Movimento Democrático Português / Comissão Democrática Eleitoral (MDP / CDE) foi uma organização política da Oposição Democrática ao Estado Novo, antes do 25 de abril. Fundado em 1969, atuou através de comissões democráticas para concorrer às legislativas. Em 1973 participou no Congresso Democrático de Aveiro. Depois do 25 de abril constituiu-se como partido, fazendo parte de todos os Governos Provisórios, com exceção do VI. Concorreu à eleição para a Assembleia Constituinte de 1975 sozinho e, a partir de 1976, em coligação com o PCP (APU). Em 1987 apresentou-se com listas próprias. Em 1994 fundiu-se com o grupo da revista "Manifesto", no movimento Política XXI, corrente fundadora do Bloco de Esquerda

¹³⁷ Clara Ferreira Alves. Expresso 21-07-2012

CRÓNICA 120, OUTRA VEZ, O ROSÁRIO DAS FESTAS DA SENHORA Lomba da Maia, 28 agosto 2012,

Nem tive coragem de lhes dizer que Andrómeda se prepara para deglutir a Via Láctea (daqui a uns milhares de anos) ... um cataclismo enorme que converterá a Terra em poeira cósmica ou lançá-la para o enorme buraco negro (de energia negra) que enche o universo e lhe dá consistência. Mas não assomei à janela para os alertar. Estavam tão felizes na minha aldeia da Lomba da Maia (Freguesia da Lomba da Maia, aqui não chamamos aldeia, sussurram-me, de novo).

Havia centenas de pessoas aglomeradas, ruas engalanadas com postes, bandeiras e as luzinhas do costume.

A Igreja enfeitada por dentro e por fora, apresentava o aspeto mais feérico do ano, as gentes vestiam os fatos domingueiros, outros usavam vestes nupciais para darem mais solenidade ao evento. Os homens que ao domingo, normalmente, ficam de fora da porta da Igreja, andavam com capas brancas, capelinas de azul céu, prontos a levarem o andor de N. Sra. do Rosário.

A parada da charanga dos bombeiros de Nordeste só viria troar os tambores na segunda-feira, dia da procissão ao cemitério e da procissão da mudança à noite, e isto era domingo, dia maior da procissão, com estradas e ruas cortadas pela PSP, enquanto os nativos afanosamente atapetavam de flores as ruas por onde a procissão passa.

Entretanto, o Manel Sá Couto de dez em dez minutos botava fotos no Facebook para os emigrantes que não puderam vir à festa, verem o que se estava a passar, quem estava, quem não estava, quem vestia o quê, quem não pusera colchas à janela, quem fechara as portadas das janelas, quem não fora à missa,

Tudo documentado fotograficamente para memória futura, conversas intermináveis de café e ajustes de contas eternos.

O desfile de carros alegóricos foi dos mais pobres dos últimos anos, refletindo a crise financeira, de ideias e de falta de jovens empenhados em manter viva a tradição.

Dizia eu que me esquecera de os avisar que todas as festas e procissões acrescidas de rezas e promessas não iriam impedir Andrómeda de vir deglutir a mais pequena galáxia da Via Láctea, em que está o pequeno planeta azul onde vivemos. Andavam tão felizes, a realizar o sonho anual de diversão e fé.

Compreendo que – dantes - fosse esta a ocasião maior do ano, para se celebrarem casamentos, e haver uns dias de festa a compensar o trabalho escravo dos que labutam de sol nascer a sol-posto, mas hoje em dia a situação é diferente.

Estamos já no séc. XXI, os casamentos já não são arrançados entre parentes e vizinhos, muitos casam fora do círculo lombadamaicense, há os que nem sequer trabalham e vivem dos rendimentos mínimos ou de inserção social como párias que são, outros preferem a vida fácil de drogas e furtos, a sociedade já não tem o tecido moral e cívico de antanho.

Mas no inconsciente rural a festa continua a simbolizar a liberdade de uns dias fora da escravatura do trabalho. Gastam fortunas a preparar as comidas, as vestimentas, os andores, as ruas, é a consumação, que se presume alegre e embebedada, na maior parte dos casos, dos sacrifícios e das poupanças feitas ao longo do ano para serem dissipadas nestes 5 ou 6 dias de festividades.

Não entendem o meu alheamento, o silêncio a que tenho direito, a paz e sossego que aqui busquei e muito menos entenderiam a Andrómeda. Talvez me perguntassem se era uma personagem da telenovela favorita. Nem entendem que fuja nesta época do ano para outras ilhas ou me encafue na falsa - de portadas e janelas fechadas - tentando abafar o som tonitruante da discoteca improvisada na Rua do Rosário que abana as ruas e as casas até às 3 da manhã.

Nem me dou ao trabalho de explicar que sou a favor de tradições e festas populares, mas creio que a abordagem, pouco lógica e não-analítica dos locais, é já uma encenação da tradição, desvirtuada de mil e uma maneiras, e não se justificam as libações anuais da festa nos moldes em que originalmente foi concebida. Sei que, além de desconhecerem a Via Láctea e Andrómeda e outras galáxias, isso não os afeta (a tantos milhares de anos no futuro que nem sequer entenderiam), mas o que queria dizer-lhes, era que os sacrifícios, as rezas e festas de nada servirão e não impedirão o choque de galáxias. Dir-me-iam que me falta a fé e se tal acontecer essa é a vontade do Senhor e as galáxias teriam de obedecer já que eu não o faço...

Depois da procissão, os homens tiraram as capas com que desfilaram e foram juntar-se nas tendinhas improvisadas que surgem nestes dias pois as tabernas locais (de dia, cafés) não chegam para tanta sede.

Numa delas “Ká t’espero,” que todos os anos surge como um cogumelo, mais acima, do outro lado da rua, eram sete da manhã, as portas ainda não tinham fechado, as vozes entarameladas, os discursos desconexos, as bravatas de sempre até que a luz finalmente se apagou, pois, o sol nascera e entre gritos e imprecações cada um regressou para penates donde viera.

Aumentada a autoestima e orgulho dos locais, a aldeia vai voltar a hibernar, presa a tanta grilheta do passado, por entre casos de violência doméstica, pedofilia e feudalismo encapotado, que coexistem com os ladrões e pequenos meliantes do gangue da droga, que se reúnem no Largo da Igreja.

Irão prosseguir as queixas e invejas contra a vizinha Maia, que se quer alcandorar (e justificadamente) a vila, enquanto a Lomba permanece parada no tempo e no espaço à espera de Andrómeda, sem ideias nem jovens, sem ousadia nem visão, para o futuro que já se vive noutros lugares.

Em todas as ilhas, de junho a setembro, vão prosseguir nas aldeias (senhor, chame-lhes freguesias que aqui não temos aldeias) as festividades em honra dos santos da Santa Madre Igreja que vai tendo influência, no seio das mulheres e jovens das aldeias, mas incapaz de captar a maioria dos adolescentes.

Os homens disponibilizam-se para colaborar em festas, procissões, enterros e romagens, ficando do lado de fora da porta das igrejas ou no bar em frente.

A intriga, as telenovelas e o clima irão continuar a preencher o quotidiano das gentes, a cada ano nascerão menos crianças, e mais se libertarão das grilhetas do passado.

Os que emigraram continuarão a manter arreigadas estas tradições e a tentar perpetuá-las como se o tempo tivesse parado na memória da infância e juventude, mantendo viva a sua peregrinação anual de volta à aldeia para as festas da padroeira, reforçando os laços que os unem à terra e a reproduzirem nas suas novas terras as tradições com os meios locais de que dispõem, o que cria festas híbridas incorporando aspetos de culturas distintas, como tive oportunidade de pacientemente observar em vídeos que o Dr Luciano da Silva¹³⁸ me mandou para estudar o portuguesismo açoriano.

Ao observar as festas, com tanto elemento exógeno incorporado e pouco genuíno, interroguei-me se as crianças que ali participavam, sem falarem português, iriam preservar a língua ou se apenas iriam associar a açorianidade àquelas festas travestidas.

Afinal, todos recordamos as festas da infância e quando envelhecemos refugiamo-nos nelas para nos protegermos do que nos ameaça nesta sociedade em constante evolução. Lembro que as festas da juventude, nas aldeias transmontanas, parecem ainda hoje, mais genuínas do que as que se desenrolam cinquenta anos mais tarde nesta ilha. Apesar das semelhanças exógenas óbvias, cinquenta anos são duas gerações em que se espera haver alguma evolução e mudança, aquilo a que vulgarmente se chama “progresso” e é sempre o bode expiatório de todas as alterações da identidade de um povo.

E as festividades locais vão prosseguir mais dois dias, mas o movimento é sobretudo dos vendedores de cachorros quentes, pipocas, pequenos brinquedos e das “discotecas” e tabernas improvisadas.

Para o ano, tudo se repetirá inexoravelmente nos mesmos moldes se, entretanto, o mundo não acabar como dizem as alegadas profecias maias e outras.

Para muitos – como eu – o mundo já acabou há muito e já vivemos noutro mundo bem diferente daquele que sonhámos na nossa juventude.



138 o da Pedra de Dighton e de Colombo Português, n. 1926 falecido em 2012

CRÓNICA 121 LUSOFONIAS: DO CANADÁ À GALIZA, 26 outº 2012

O tempo anda mais louco que os deuses e os políticos, parti dos Açores rumo a Toronto com chuva. Depois de sair veio mais um furacão, ou seja, outra vez, a mesma furacoa (será o feminino de furacão) Nadine, agora transvestida de tempestade tropical, ao regressar um mês depois ainda há chuva, vento e tempo cinzento...mais próprio de fevereiro do que de outubro.

O voo para Toronto sem nada digno de registo, exceto a funcionária afro-europeia da SATA que embirrou com a minha dupla nacionalidade e identidade e não me deixava embarcar com o meu nome...

Um dia destes vou ter de me chatear a sério com as autoridades e tenho mesmo de ir – outra vez - ao registo civil expurgar a identidade original que abandonei há trintena de anos e que me daria direito a viagens SATA a preço de residente enquanto a atual não dava por ser estrangeiro...Isto apesar de a ter usado nos últimos oito anos sem embargo algum.

Acabaria por conseguir essa uniformização apenas vinte anos depois de a ter tentado pela primeira vez, em setembro 2013.

121.1. TORONTO 2012

Ainda brilhava o sol na bela cidade do Ontário quando aterramos. Dentre os passageiros, no avião lotado, ia a ex-secretária de estado da emigração, Manuela Aguiar¹³⁹, que nos fez companhia com o seu tema favorito, feminismo....

Contudo, a cena que ficará registada na minha memória, foi a da verdadeira guerra campal, sem tréguas nem pausas, entre açorianos e lusodescendentes, que à chegada se atropelavam uns contra os outros, se atiravam com malas e tudo para tentarem retirar, antes de mais alguém, a sua bagagem do carrossel ... Juro nunca ter assistido a nada semelhante, pior que um pisoteamento como os que ocorrem quando uma grande multidão está tentar ir para um mesmo lugar, normalmente quando os membros da parte de trás da grande multidão continuam empurrando para a frente sem saber que os da frente estão a ser esmagados.

Só não caí, por mais que uma vez, devido a uma visão estereoscópica aliada aos rápidos reflexos que me restam...e assevero JAMAIS TER VISTO algo semelhante de brutalidade, falta de civismo, primitivismo. Nem nos países mais atrasados da Ásia há 40 anos se via uma cena destas, vergonhosa....

Deixei que a turbamulta se afastasse toda, e o carrossel ficasse quase vazio antes de me aventurar a retirar a nossa bagagem...

À espera na saída do aeroporto, uma limusina (das normais às esticadas, vulgo “stretch”) esperava à saída do aeroporto, mas modestamente escolhemos um vulgar táxi, com a notável característica de o taxista não nos importunar com as suas ideias sobre a política ou outras... Deixou-nos no *Comfort Inn* na esquina de *Charles* e *Yonge* (pron. Young) na baixa citadina. A multa por fumar no quarto era de \$250 segundo nos avisaram ao fazer o *check-in*. Demos umas voltas pelas redondezas e jantamos num restaurante asiático com comida chinesa, japonesa, tailandesa, vietnamita, etc.

*Na manhã seguinte tínhamos o dia livre para ir às cataratas do Niágara com o casal Malaca Casteleiro, pois a Conceição nunca lá estivera. Um SUV (de motorista fardado a rigor) com capacidade para oito pessoas, veio buscar-nos (parecia saído do filme *Men in Black*) e levou-nos a uma companhia de indianos que nos haveriam de levar, com boa disposição, pelas margens dos lagos Ontário e Eyre até às cataratas.*

Passamos e paramos num aérodromo, para quem queria optar por voar ou andar de helicóptero e tivemos uma longa paragem comercial num vinhedo onde se produzia o elusivo ice wine que é colhido aquando dos primeiros nevões...uma gota de cada bago ... Se bem que a experiência de vinhos me não agradasse pois não os podia provar, os restantes gostaram imenso.

Chegamos ao enorme e intenso espetáculo das cataratas. Um negócio milionário a explorar uma das maiores belezas naturais da humanidade, que não cessa de impressionar, por mais que a visitemos. A quantidade de água que, incessantemente transborda do Lago *Eyre* para *Ontário* deixa qualquer um boquiaberto. Continua a seduzir-me a pequena ilhota mesmo antes da queda da água, no lado canadiano, eterna atração pelo abismo.... Apetecia ficar ali eternamente à espera que a ilhota se desprendesse e fosse arrastada pela catarata abaixo. Já em 1999 tive esse sentimento de ir a nado contra a corrente, ficar sentado na ilhota e esperar...

139 Ela também se deslocava para o Simpósio dos 65 anos de Português na Universidade de Toronto

Gostei de revisitar a pequena, mas atraente *City of Niagara Falls* com construções arquitetónicas bem interessantes, a Igreja mais pequena do mundo, limpeza impecável, ruas e jardins bem cuidados....

Até apetecia ficar lá a viver e aproveitar os milhões de turistas de todo o mundo que a visitam e lhe dão vida. Não houve tempo, pois íamos a pé e gastamos o intervalo no *Prince of Wales* a comer umas belas sanduíches de carne canadiana.

Desde que ali estivera (nas cataratas propriamente ditas) em 1999, notou-se do lado americano, a construção de um enorme mirante ao nível da queda e a construção de atalhos descendo até à base das cascatas, para os turistas americanos verem o que há para ver, se bem que muito menos interessante do que na metade canadiana...

Desta vez, devido a ventos contrários, apanhou-se imensa água pois a enorme coluna de vapor, ia a uma enorme altura caindo sobre todos os que andavam nos barcos *Misty Maid* e aos que em terra faziam a marginal de dois quilómetros até *Table Rock*. Mais uma experiência que as inúmeras belas imagens não deixarão esquecer¹⁴⁰.

Nessa noite, jantamos ao lado do Hotel, no restaurante Wish, com o casal Bechara acabado de chegar, e no dia seguinte, depois de levantar cedo, fomos ao restaurante japonês também ao lado do Comfort Inn onde se podia tomar um pequeno-almoço por 7,50 dólares canadianos (±6 euros).

Pusemos os pés à marcha rumo ao Simpósio, liderados pelo caminhante com passo de ganso, Malaca Casteleiro, que anotara o trajeto...

A Manuela Marujo que patrocinava a ida (65 anos do Dept.º de Estudos Portugueses e Espanhóis) avisara que em marcha lenta demoraria dez minutos do Hotel ao Victoria College... estranhamente passaram 45 minutos até chegamos ao campus, liderados por um sueco, que ali trabalhava e falava português com sabor brasileiro.

Afinal, em vez de seguir em linha reta na Charles Street que distava dez minutos, afastáramo-nos da rota e fomos para outra porta da Universidade que é uma cidade dentro da cidade...

As sessões decorreram bem, mas com pouca assistência, mas a melhor parte não era nas sessões, mas a sensação única, surreal e fantasmagórica de almoçar na cafetaria ou refeitório onde foi gravado o cenário dos filmes de *Harry Potter*....

Estar ali naquele cenário assombroso era fazer parte da História, se bem que fosse de ficção...



Ao fim do primeiro dia fomos agraciados com um jantar volante no belo terraço panorâmico da casa dos anfitriões Manuela Marujo e Domingos¹⁴¹. Lá fomos num táxi com capacidade para seis pessoas, mas o condutor

140 Imagens <https://youtu.be/PCKDHWIKS80> <https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2157-toronto-2012.html>

141 (era um verdadeiro ayatollah na sua campanha antitabagista, mas isso dá material para outra Crónica...).

do Paquistão (os outros eram do Afeganistão, Bangladeche, Iraque, etc.) andou perdido por zonas menos recomendáveis da *George Street* sem GPS...ficou de nos ir buscar pelas 22.00, e como não chegava e tivemos de pedir outro na portaria

Ao quarto dia, estávamos nós, os Malaca (ficavam mais dois dias), e os Aguilar, de Montreal, pois o casal Bechara regressara na véspera de tarde.

Como íamos partir ao começo da noite, visitamos a torre (*CN Tower* 474 m. de altura), tendo passado parte do dia nas alturas. Compramos mais lembranças a acrescentar às que fizéramos nas cataratas e nas redondezas do Hotel. Regressamos da bela cidade com esperanças poucas, num colóquio em Toronto (foi para isso que lá fui) e algumas para Montreal onde o casal Aguilar do Instituto Camões parecia capaz de organizar patrocínios...

121.2. DO CANADÁ PARAGEM CURTA EM PONTA DELGADA RUMO À GALIZA

Chegamos a PDL de manhã cedo e ainda não chovia. Fomos diretos à Audi (J H Ornelas) onde o carro ficara para substituição de peças ordenada pela marca, por um qualquer defeito de fabrico, mas era demasiado cedo e tivemos de aguardar meia hora para que abrisse....

Levantada a viatura viemos à Lomba da Maia onde deixáramos o João. Mudamos as malas, preparamos o que havia a preparar, com chuva e ameaça do regresso da Nadine partimos para o Porto, via Lisboa.

Tal como é costume, sempre que fazemos desvio pela capital do reino, as malas ficam para trás.... Seriam entregues na manhã seguinte.

Dois dias a matar saudades da neta mais velha e ver o crescimento da mais nova, que apesar de ter 14 meses mais parece ter 7...e vi a minha mãe ainda rija (89 ½ anos) a celebrar os 63 do filho primogénito, mais a minha irmã e sobrinho.

Depois fomos trocar da viatura individual para uma carrinha de 9 lugares e rumámos à Galiza (Ourense) com o escritor Álamo Oliveira, o artista plástico Zé Nuno da Câmara Pereira, a pianista Ana Paula Andrade do Conservatório de Ponta Delgada e a filha Carolina, exímia violinista e aluna de Matemáticas Puras, mais o artesão Paulo Melo do Nordeste (Caldeirões), o editor Francisco Madruga (que ia de castigo a conduzir), e nós dois já bastante cansados antes do 18º colóquio começar.

O GPS que aluguei por 30€ ao dia foi bom, mas as ruas estavam fechadas com pinos chamados bolardos e mandava-nos ir para locais onde não se podia entrar sem abrir os pinos meia hora às voltas sem atinar como entrar no casco histórico onde se localizava o nosso Hotel Irixo....

Telefonamos aos amigos da Academia Galega para nos virem salvar...afinal estivéramos mais perto do que parecia... só que havia que subir o passeio, junto à Igreja, para se entrar na zona exclusivamente pedonal.

Alojados numa praça com “movida” até altas horas (onde está a crise com esta gente toda a comer e beber fora todos os dias?), bem instalados num quarto com amplo terraço onde pude fumar, ali ficamos 4 noites. No dia seguinte teve início o colóquio que se desenrolou bem, mas com pequena adesão de público local, e com a novidade de duas exposições, uma de Manuel Policarpo (aliás Vasco Pereira da Costa), a outra de fotos de Zé Nuno da Câmara Pereira, mais a mostra de artesanato do Nordeste de S. Miguel.

Antes das formalidades da AGLP fomos prestar preito à Consellaria (Câmara Municipal) onde a Presidente¹⁴² interina nos recebeu e agradeceu.

No primeiro dia houve uma sessão especial da Academia onde foram empossados 8 novos académicos correspondentes da AGLP....

Foi um momento emocional, jamais pensaria estar em tão ilustre companhia¹⁴³...não vindo para as línguas pela via académica, mas antes pela via da tradutologia...

O lançamento literário foi interessante pois celebrei 40 anos de vida literária lançando um CD de Timor e um livro em capa dura, uma coletânea de 5 volumes de poesia abarcando de meados de 1960 a 2012, que integra vários planetas como Açores, Macau, Timor, etc.

121. 3.1. DA GALLICIA À GALIZA – DISCURSO DE ABERTURA

Para terminar, como falava de emoções, o testemunho dos discursos:

142 Era a terceira Presidente em menos de 3 semanas...o eleito fora preso, substituído pela vereadora da cultura e agora esta.

143 depois da emoção em 30 de março de 2010 ao preferir uma palestra na Academia Brasileira, agora esta imerecida honra que aceitei em nome coletivo dos Colóquios da Lusofonia

Estamos na cidade que teve origens no Paleolítico, na Idade do Bronze, e se desenvolveu com os Romanos, com as águas termais das Burgas e sua localização na via de Braga a Astorga. Teve relevo com os Suevos quando foi capital, ligada à lenda da sua conversão ao cristianismo.

Foi anexada pelos Visigodos em 585 e não sofreu a invasão muçulmana antes da invasão normanda (1008-1015).

Em 1122, Dona Teresa (Tareixa) de Portucale concede ao bispo Diego III a jurisdição sobre Ourense que, em 1188, passa a ter município.

Em 1386, o inglês Duque de Lencastre na sua marcha rumo a Babe, Bragança, faz-se coroar Rei de Castela, firmando um pacto com Juan I, mas não passou de Leão. Segue-se um período de invasões, guerras, e destruições até que os bispos que partilhavam o poder com os senhores feudais o começam a perder entre 1586 e 1628.

Apesar de continuarem a existir mosteiros e conventos em quantidade, os franciscanos cedem terreno aos dominicanos e jesuítas, que mantêm a urbe medieval com 3 mil habitantes em 1752. Começa a desenvolver-se a partir de meados do séc. XIX e a expandir-se em crescimento até hoje.

Esta comunicação não é académica. Jamais poderia falar academicamente da Galiza, pois nem amores nem sentimentos se podem dissecar num laboratório.

A minha ligação à Galiza data de 1030 AD, segundo me ensinou a minha avó paterna que até era brasileira. Fui ver o sítio onde tudo (a família paterna) começou, e imaginei-me celanovês num passado longínquo, coevo de D. Nuno de Cellanova, senhor do condado, sogro da Infanta D. Sancha Henriques, filha de Henrique de Borgonha, Conde de Portucale.

Ao regressar à realidade - já no século 21 - conheci no 1º colóquio da lusofonia (2002) um jovem empresário, Ângelo Cristóvão, que sonhava com a Galiza lusófona, e foi o meu guia da história da Galiza que não aprendemos. Portugal e Galiza são povos irmãos que vivem de costas voltadas, como se um imenso mar os separasse.

O desconhecimento mútuo é generalizado e aumenta à medida que a ignorância dos mais jovens se solidifica em resumos da História, que deveríamos estudar em detalhe e minúcia. Na escola falamos da variante galega da língua como quem fala das guerras de Esparta e Atenas, num passado longínquo, nesta portuguesa mania de desvalorizar a história, que fez de todos nós o que somos hoje.

O problema é político e sensível, de difícil resolução e menos vontade política de o abordar. Só os poetas e os utópicos, essa elite que pode mover nações e gerar a diferença entre a vida e morte das civilizações, acreditam que o futuro da Galiza passa pela unificação da língua escrita, de que o Acordo Ortográfico de 1990 é o instrumento a brandir contra o status quo da imutabilidade histórica dos reinos.

Sabemos que a história sempre se fez de guerras e de casamentos entre as tribos, mas hoje faz-se pela globalização económica, que desconhece as fronteiras de tempos imemoriais e é aí que a língua comum assume um papel vital de moeda de troca. Mesmo os que sempre se insurgiram contra a Lusofonia surgem como vocais paladinos da mesma, como instrumento de captação de um mercado de 240 milhões.

Se a guerra dos afetos entre povos irmãos parecia exclusiva da coutada dos poetas, agora desponta o interesse económico nessa cruzada da língua comum, como motor capaz de inverter políticas centralistas e nacionalistas de séculos. Nisso reside a grande arma que devemos utilizar, no longo caminho de sobrevivência através da língua e cultura comuns, em vez de marginalizados em variantes e dialetos redutores da enorme identidade global que é a Lusofonia sem distinção de nações, credos ou etnias.

Não queremos um Quinto Império para reviver glórias, pretendemos dar voz aos que se expressam e trabalham nessa língua. Foi o que nos trouxe à Galiza neste 18º colóquio para que juntos possamos fortalecer o que nos une e que é património imaterial de tantos.

Fala-se mais Português em Angola hoje do que no tempo da presença portuguesa, apesar da forte competição das línguas nativas.

Em Goa existe um recrudescimento do interesse pela Língua Portuguesa e novos livros têm surgido mais de 50 anos após a extinção da presença lusófona.

Em Macau a Língua Portuguesa é mais falada e estudada hoje do que quando os portugueses lá estavam.

Em Timor, como segunda língua oficial, já há mais de 25% de falantes quando há dez anos nem a 5% chegava. Lembro a importância da Língua Portuguesa em contextos hostis como no caso de Timor-Leste, onde sob a ocupação neocolonial indonésia, as novas gerações impedidas de o falar começaram a usá-lo como língua de resistência.

Na Espanha há quem o fale como língua de resistência ao domínio cultural que faz sujeitar a escrita do galego às normas ortográficas castelhanas obviando a preservação da identidade cultural do velho reino. A língua galega é sob todos os aspetos (históricos, filológicos e paleolinguísticos), português da Galiza, mas português.

Na Extremadura, onde nunca houve língua comum, é ensinado a milhares de pessoas. A língua não é só um meio de comunicação nem uma arma económica, expressa o sentimento dos povos, permite a preservação das lendas e narrativas, recria as baladas dos bardos, favorece a leitura dos clássicos, aproxima povos e perpetua o ADN nacional.

É nossa vontade e desígnio que na Galiza se proceda à reintegração total da língua na Lusofonia e, por isso, apoiamos desde a primeira hora a criação da AGLP. As diferenças entre o galego e o português são insignificantes, a questão da ortografia é meramente política, sendo grave erro estratégico não afirmar perentoriamente que “galego e português são a mesma língua”.

Tem faltado construir pontes com políticos portugueses, sempre temerosos de ofender a vizinha Espanha e os políticos galegos temem que depois da autonomia cultural venham outras.

Vários idiomas da Tailândia, Malásia, Índia e Indonésia têm palavras portuguesas/galegas.

A própria língua japonesa tem várias palavras portuguesas/galegas como: álcool, veludo, jaqueta, bolo, bola, botão, frasco, irmão, jarro, capa, Capitão, candeia, castela (bolo de pão-de-ló), copo, vidro, tempero, tabaco, sabão, sábado, choro, tasca, biombo etc.

Há ainda um idioma próprio falado na Malásia, Singapura, Tailândia, Ceilão e Indonésia que se chama Papiá Kristang (língua cristã) ou português de Malaca que é constituído por palavras portuguesas/galegas com formas gramaticais diferentes. Existe ainda o Patuá de Macau em vias de extinção.

Os portugueses/galegos falam com estas gentes sem dificuldade. Os povos só evoluem intelectualmente quando se expressam bem na língua materna e não na estrangeira colonizada, como o inventado «castrapo» para impor a esta Nação milenária.

Escrever galego-português na norma lusófona dá-lhe dimensão mundial e é a única forma de salvá-lo da morte. O português-galego não é um idioma de Portugal, mas dos países que o adotaram como oficial, além da Região Autónoma Especial de Macau na China.

Além do mais, lembremos que Afonso X, Rei castelhano, trovou em galego-português por ser uma língua melódica.

Com a vinda à Galiza acreditamos poder criar novas pontes culturais entre duas regiões autónomas cercadas por culturas dominantes e que têm um número incalculável de autores que merecem ser estudados, traduzidos e divulgados em todo o mundo lusófono. Queremos criar intercâmbios entre os Açores e a Galiza para juntos, incrementarmos as relações comerciais e culturais entre as regiões, porque falamos a mesma língua. Aos que aqui estão o nosso obrigado e até sempre que nos queiram receber.

123.3.2. DISCURSO DE ACEITAÇÃO DE ACADÉMICO CORRESPONDENTE DA AGLP

Em 30 de agosto de 2002 Timor-Leste tornava-se independente e em 18 de outubro conheci Ângelo Cristóvão que ficou boquiaberto quando lhe disse que «Este 1º Colóquio da Lusofonia deveria chamar-se o Genocídio da Língua (Portuguesa) na Galiza, mas a entidade patrocinadora [SLP] não deixou.» Deve ter imaginado que ou era louco ou um agente provocador do reino de Espanha. Uns anos mais tarde (2007) seria aquele o título de novo colóquio no qual foi proposta oficialmente a criação da AGLP, a que assistimos em 2008. Tive a oportunidade de dizer o que pensava do problema da língua, salientando que, porfiando 24 anos pela independência de Timor, tentaria transpor para a Galiza alguma da minha experiência e aplicá-la no campo da língua.

Com a enorme capacidade que só os visionários têm, um grupo restrito de galegos e galegas atravessaram o rio Minho em busca do sonho de recuperar a língua de seus antepassados e parte integrante da História, tal como fizera a antiga Irmandade das Falas, entre 1916 e 1936, depois renascida na década de 1980 como Irmandade das Falas da Galiza e Portugal. Aos poucos, começou a falar-se do problema que, infelizmente, continua ignorado pela maioria dos portugueses, mas o pequeno grupo, como cavalo de Troia que era, soube conquistar personalidades importantes para a luta e desde a sua criação, que a AGLP, a sua Fundação e a Associação PRÓ-AGLP, não têm parado de aumentar os convénios e protocolos com entidades de todo o mundo lusófono. Ao tomar conhecimento oficioso de que o meu nome iria constar da cerimónia, entendi que os Colóquios da Lusofonia mereceriam mais essa honra do que eu, a nível pessoal, dado não ser mais do que um mero facilitador de vontades entre os associados da AICL, os projetos e sonhos que temos vindo a construir. Aos 22 anos, em 1972, lancei o primeiro livro de poesia, a que outros de Crônicas e de ensaio político se seguiram.

Fui sempre jornalista e tradutor e só nas últimas décadas pude escrever o que queria e sentia. Faço agora 40 anos de vida literária e mais de 47 de jornalismo sem jamais ter acalentado grandes ilusões ou sonhos quanto ao valor dos meus escritos. Considero ter sido uma honra maior do que merecia ter tido a oportunidade de ser convidado a proferir uma palestra dia 29 de março de 2010 na Academia Brasileira de Letras. Hoje, segue-se a segunda maior honra da minha vida, estar aqui a ler estas palavras evitando os improvisos emocionais para vos confessar que a AGLP pode continuar a contar com o total e dedicado

apoio, na luta para a reposição da Língua Portuguesa da Galiza, em todas as esferas da vida e nos fóruns internacionais. Espero nunca vos desiludir.

Citando o embaixador José Augusto Seabra, primeiro patrono: ... A disseminação de uma língua que, a partir da sua matriz galaico-portuguesa, se tornou primeiro uma língua nacional e depois uma língua de contacto entre civilizações, cumpriu-se de facto, a partir da grande empresa marítima das Descobertas...

O nosso idioma apresenta todas as características da universalidade: disperso por todos os continentes, não é restrito a um grupo étnico, a uma comunidade religiosa, a um tipo de sociedade ou um regime político, sendo língua de mestiçagem cultural, de contacto e de diálogo entre povos. Se a comunicação e o cordão umbilical entre os dialetos galego e português perduraram até hoje, a diversificação tornou-se mais nítida nas rotas do Atlântico, do Índico e do Pacífico, do Norte ao Sul e do Ocidente ao Oriente.

Pode dizer-se, em suma, que a diversidade se tornou uma condição da unidade, mas não da unicidade, da Língua Portuguesa. Nesta época de desassossego global, em que o retorno dos fanatismos, dos fundamentalismos e dos terrorismos de toda a ordem, impende sobre a nossa condição planetária, saibamos ser de novo, através da nossa portuguesa língua, interlocutores de um polígono de civilizações, culturas e religiões. Símbolo de uma língua que se tornou uma pátria de tantas pátrias quantas são as nossas, de tal modo que poderíamos dizer, parafraseando uma vez mais Pessoa «Nossa Pátria é a Língua Portuguesa. Mas foi como língua de civilização e cultura que o Português se impôs historicamente, na sua irradiação pelo mundo, como profetizou o poeta-humanista António Ferreira:

Floresça, fale, cante, ouça-se e viva

A portuguesa língua e lá onde for

Senhora vá de si, soberba e altiva...” (fim de citação)

Termino dizendo que falta apenas concluir a unificação ortográfica da língua de todos nós, elevando-a a uma maior dimensão. Nisso quer a AICL quer a AGLP estão unidas, pois podemos preservar todas as nossas diferenças, mantendo unificada a escrita da língua. Respeitando a diversidade do Português, que é, aliás, a sua grande riqueza, impõe-se fazer um esforço no sentido da aproximação das suas formas, sim, mas em domínios ligados ao seu uso contemporâneo, como é o caso da terminologia científica e técnica e dos neologismos decorrentes de novos modos de vida e de convivência internacional, sem prejuízo da salvaguarda das especificidades de cada variante, enquanto manifestações que são de identidades e alteridades culturais irredutíveis. Cito Jack Kérouac:

“Aqui estão os loucos. Os desajustados. Os rebeldes. Os criadores de casos. Os pinos redondos em buracos quadrados. Os que fogem ao padrão. Aqueles que veem as coisas de um modo diferente. Não se adaptam às regras, nem respeitam o status quo. Pode citá-los, discordar, glorificá-los ou caluniá-los. Mas a única coisa que não pode fazer é ignorá-los. Porque eles mudam as coisas. Empurram a raça humana para a frente. E enquanto alguns os veem como loucos, nós vemos-os como geniais. Porque as pessoas suficientemente loucas para acreditar que podem mudar o mundo, são as que o mudam”.

Obrigado uma vez mais por aceitarem este mero aprendiz de feiticeiro da escrita no vosso seio de académicos bem mais distintos e qualificados do que eu. Como simples artesão da palavra, poeta e sonhador de utopias mantereirei a minha saudável loucura ao serviço da Língua Portuguesa, em pequenos poemas como este:

Galiza como Hiroshima mon amour

acordaste e ouviste o teu hino

bandeira desfraldada ao vento

ao intrépido som

das armas de breogán

amor da terra verde,

da rubra terra nossa,

à nobre lusitânia

os braços estendes amigos

desperta do teu sono

pega nos irmãos e irmãs

caminha pelas estradas

ergue bem alto a tua voz

diz a quem te ouvir quem és

orgulhosa, vetusta e ativa

indomada criatura

nenhum poder te subjugará

nenhum exército te conquistará

nenhuma lei te aniquilará

és a Galiza mon amour



CRÓNICA 122 O FIM DE UMA TRADIÇÃO novº 1, 2012

122.1. A MORTE DA TRADIÇÃO

Termina hoje sem pompa nem circunstância, nem tampouco notícia no jornal, uma tradição milenar. Não morreu por falta de entusiasmos ou de praticantes, morreu por mero decreto governamental, que, obviamente, nunca ouviu falar dela, jamais a partilhou, ou sentiu, habituados que estão agora acomodarem-se nas suas torres de marfim, longe de tudo e de todos, alheios ao povo que sugam com impostos como sanguessugas que são, sem tempo para tradições ou costumes. Falo do *Pão por Deus* que, na pacata Lomba da Maia nos obrigou a levantar antes das nove da matina, com bandos de crianças a baterem à porta pedindo o Pão por Deus. Uma chusma, perdi a conta, mas bateram uma dúzia de vezes até ao meio-dia, em grupos, maiores ou menores, de uma dezena ou mais.

Não se trata do Halloween nem do trick or treat com jovens disfarçados de bruxas e quejandos que batem às portas dos norte-americanos na noite de Halloween. Eram jovens desde a primária até à secundária (a partir dos 14 ou 15 anos desinteressam-se destas tradições) que sem o saberem cumpriam este ritual pela última vez, dado que o - cada vez mais tirânico e déspota Governo do senhor Passos Coelho - assim o decretou.

O feriado de Todos-os-Santos, acaba em 2012¹⁴⁴. Não virá grande mal ao mundo e quem mais o lamentará serão os vendedores de flores, de velas e outros artefactos desta homenagem aos mortos. A Santa Igreja também entende que prestar preito aos mortos nai muitos adeptos e acedeu a este cancelamento da data feriado. Com a dificuldade em atrair vivos, não ficaria mal ter persistido em manter os mortos na cena das celebrações em dia feriado. Foi um feriado tradicionalmente utilizado para recordar entes falecidos.

O Dia dos Fiéis Defuntos é a 2 novembro, mas, por questões práticas, passou-se a usar o 1 novembro para visitar e recordar os falecidos. Foi celebrado pela última vez em 2012 pois para o ano todas as criancinhas estarão nas escolas e daqui a algum tempo, mais ninguém se vai lembrar de como era costume andarem em bando a bater às portas.

Não me lembro, ao crescer na urbana cidade do Porto, de tal tradição embora se mantivesse viva nas zonas mais remotas e nas aldeias do interior até recentes anos, mas aqui nos Açores, desde há oito anos que nos acostumámos a ela...o toque incessante da campainha e a dádiva de rebuçados e doces...num dos anos até acabaram e tivemos de ir reforçar o estoque.

Narro a génese da tradição, ora terminada, na [Crónica 31](#).

A propósito acrescentava a Joana Mota Vanzeller

Aqui que eu saiba “Pão por Deus” não era uso. A primeira vez que ouvi, foi em S. Miguel. Ia na rua e uma velhinha disse-me “pãprdé” ... Não percebi, e perguntei se tinha perdido alguma coisa e ela repetiu umas poucas de vezes e eu envergonhada pedi desculpa e deixei-a. Cheguei a casa e contei ao meu Pai - Riu-se - traduziu...

Hoje, claro fui à missa....

Já nem me lembrava que este era o último Dia Santo, dia 1 de novembro o dia de Todos-os-Santos! Em que para acumular se junta mais ou menos o dos Fiéis defuntos” que tenho ideia de, em pequena, ser feriado também. Esse é que era o dia de ir aos cemitérios....

Recordar e rezar pelos mortos da nossa Família..., mas acabou foi considerado inútil e ridículo substituído pelas bruxas...

Uma tradição cheia de nexos... A vez de quem vende chapéus em bico e abóboras. Todos têm direito a ganhar a sua vida.... Lá andam os meninos com a ridícula fardeta de bruxa...deambulando sem sentido por essas ruas... Mas ainda há gente gastando, para bem das floristas, o dinheiro que tem e não tem, para pôr a campa mais enfeitada do que a do vizinho....

Chegam ao ponto de fazer roupa...para bem dos vendedores de roupa, certamente dos Chineses, que o dinheiro não dá para mais...para estar o dia no cemitério! Eu, como os cemitérios onde está a Família, estão longe - um em S. Miguel outro em Aveiro...mando pôr lá duas velas um ramo de Verdes para não ficar com ar de abandonado....

144 Foi restaurado em 2017 pelo governo socialista de António Costa

Eu agora irei lá, como se costuma dizer, com os pés para a frente... ou mais moderno, num potinho com tampa...

O acabar de dias santos era para serem todos e ficaria suponho que só natal. Natal, com o Pai Natal. E a Páscoa - com o coelho que põe ovos....

Uma coisa que tenha interesse, enfim alguma coisa original e com piada! Que isto de poder ser católico é uma coisa que não tem razão de ser... Religião que se respeita só a dos árabes....

As autoridades da Igreja conseguiram negociar acabar dois dias (já não me lembro qual é o outro) contra dois feriados civis...) O Padre lastimou que governos quebrassem tradições, tirassem as memórias e história dum costume que em toda a Europa há, penso eu. Pelo menos em França era um dia marcado dantes. Agora com esta preocupação de manter o pessoal a trabalhar, não sei... Agora aqui os palermas dos nativos "Vai trabalhá Vágábundo" que tem que se pagar a quem não trabalha... bj Joana

122.2. CREMACÃO

Observo, empiricamente, um nítido decréscimo de participação nos ritos, comparativamente à infância. Há menos gente a acreditar na vida além-túmulo ou a participação restringe-se aos mais velhos. O decréscimo de crentes em Portugal é notável. No último censo eram 92,2 %, mas só 10 % ia à missa....

Opino não ser preciso haver um dia no calendário, propositadamente colocado a seguir ao Dia de Todos-os-Santos, que é uma data com relevo. Obviamente, dia de Finados em laboração normal não deixa grande margem de manobra para ir aos cemitérios, depois de levantar cedo, pôr os filhos na escola, voltar do trabalho, ir buscar os filhos ao ATL (Tempos Livres), preparar o jantar, etc.

Cada um, na reclusão do lar, deve dedicar os momentos que sentir necessidade para homenagear os mortos, da forma que melhor entenda. Por vezes, bastará um pensamento ou lembrança em instâncias de dor, alegria ou dúvida. Seria mais adequado para evocar os que mereciam ser recordados. Não o neguem, há muitos cuja ausência não é sentida, quer pela sociedade, quer pelos familiares. Outros deveriam ser proibidos de serem evocados.

A religião cria hipocrisias que levam a venerar os mortos mesmo os que não merecem qualquer espécie de sentimento ou antepassados que nunca conhecemos. Há muito que dedico momentos de pausa para recordar, os que gostaria que ainda estivessem comigo, para saborearmos juntos uma vitória pessoal ou profissional. Para partilharmos um triunfo particularmente interessante. Tão-só para receber uma palmada congratulatória nas costas. Somos companheiros de sempre. Mesmo que já não estejam no rol dos presentes. Por vezes, dialogo com eles, de forma não audível. Falo-lhes. Mesmo sem respostas, continuo num feliz solilóquio. Talvez gostem de ser recordados assim. A sua memória perdura. Dessa forma os homenageio. Sem vasos nem flores, nem peregrinações ao sítio onde deixaram as ossadas terrenas, ao contrário da minha mãe que mantém, há décadas, uma romagem semanal ao cemitério de família (Agramonte, Porto).

Durante anos tive a cláusula da cremação no Pacífico, num testamento, o que muito espantara a minha mulher, descrente de coisas dos orientes exóticos. Sabida a distância, o Atlântico deve bastar, pois a viagem para o outro oceano é longa. Talvez mais demorada do que para a outra vida em que não acredito. Nem na luz ao fundo do túnel. Não pretendo ter os ossos esquecidos no jazigo de família sem alguém que vá e me visite. Não quero que a Capela onde repousam gerações de antepassados fique cheia de ervas daninhas. Não terei a visita de filhos na última morada, já que não vêm enquanto cá ando e mais difícil seria que me fossem saudar no eterno repouso inventado pelos cristãos.

Prefiro que as cinzas desapareçam, e a remanescer, que reste a memória e os escritos. Tudo porque assisti em 1975 em Bali à cerimónia religiosa que me marcou: o *Ngaben*, cremação ([Crónica 10](#)). A religião hindu balinesa crê que a alma se reincarna. As procissões, coloridas e festivas, são complicadas e andam em círculos. Vale tudo para confundir os espíritos.



CRÓNICA 123, DO FIM DO MUNDO, 21 dezº 2012

Ainda não são 10.43, escrevo do “bunker”, sob o torreão do meu “castelo”. Quando chegar a hora do almoço vou sair, que nem tomei o mata-bicho (café da manhã) e preciso de um bom banho quente pois os “mestres” do bunker, ligaram a água ao poço artesiano do quintal, vindo dum tubo lávico da falha Fogo-Congro pelo qual se exalam cheiros diabólicos. Sempre gostei de estar em contacto com a natureza profunda! Pelo periscópio montado na seteira, vejo o céu acinzentado escuro, o vento a soprar com força e a chuva impiedosa...não consigo ver o alinhamento dos planetas nem as explosões solares, mas temo que as previsões do fim do mundo sejam como as do Ministro Gaspar...



Programação
Fim do Mundo

- 06:30 - Início do Fim
- 07:00 - Chuva de meteoritos
- 08:30 - Chegada do primeiro tsunami
- 10:00 - Boas vindas dos OVNI's
- 10:30 - OVNI's a dançarem o Gangnam Style em flashmob
- 11:36 - Início da Destruição
- 12:00 - Eclipse e alinhamento de todos os planetas do sistema solar
- 12:00 a 14:00 - Pausa para almoço
- 14:15 - Inversão dos Pólos Magnéticos da Terra
- 15:00 - Super Aquecimento Global
- 16:30 - Início da Aniquilação dos Terráqueos
- 18:00 - Revelação de Terráqueos Alienígenas
- 19:00 - Resgate de prisioneiros da área 51
- 20:00 às 21:00 - Pausa para jantar
- 21:10 - Aproximação do planeta Nibiru
- 22:00 - Revelação de amigo secreto dos UFO's
- 23:00 - Chegada do Tinhoso pra terminar o serviço
- 23:30 - Fim do Mundo

www.fim.com/vicardocostadesign

Hoje imaginava na Lomba da Maia, na rural costa norte de S. Miguel, que o mundo ia acabar, fosse por que razão fosse (um tsunami avassalador, uma explosão atômica, a queda de um asteroide) e ninguém na pacatez de vacas leiteiras se aperceberia disso.

Não é que tivesse grande importância, a não ser alterar o ritmo secularmente lento e repetitivo das suas vidas. Era mais uma chatice a obrigar a uma promessa no Santo Cristo ou ida com os Romeiros à volta da ilha para persignar pecados velhos em troca de penitência.

Na R P da China (lá, onde levam tudo a sério) prenderam centenas de pessoas de uma seita que anunciou o fim do mundo por perturbarem a ordem pública.

Aqui na Lomba da Maia não se viram manifestações similares pois era tempo de fazer os preparativos do natal, que esse costuma vir sempre a horas todos os anos.

Admirei-me por o Presidente do Governo Regional não ter ido à TV (RTP-A) apelar à calma, mas depois dei conta de que mandaram fechar a “janela” da TV açoriana e só pelas 17 horas temos notícias locais.

Espertos foram os do parlamento regional em férias com a família para estarem juntos no fim do mundo, em vez de ficarem em plenários a fingir que resolvem os problemas açorianos.

A Casa Real de Bragança teme que o fim do mundo seja aproveitado para o regresso de D. Sebastião o que prejudicaria os interesses legítimos do pretendente ao trono que não existe.

Para já a programação que recebi não está a ser cumprida, deve ter sido organizada por portugueses, que nunca estão a horas nem sabem cumprir horários, mas não entendo isto dos Maias, os que conheci eram os do Eça de Queirós, gente fina que não se metia a fazer disto.

Dizem-me que o Governo não vendeu a TAP para os seus voarem para longe do país, mas tratou-se de mais um boato sem fundamento... não havia classe executiva suficiente para tanta gente... e nem todos garantiram “tachos” para abandonarem a ação misericordiosa, mal compreendida e mal paga que é estar no Governo, tarefa bem mais espinhosa que governar!

Os invejosos do “El País” noticiavam que Portugal estava à venda, completa mentira, pois o país já foi vendido a retalho e o que sobra mal dá para pagar o café e um maço de tabaco.

Também não é verdade que vai acabar o SNS (Serviço Nacional de Saúde) pois o que se pretende é acabar com as “baixas” arditosas com que alguns tentam defraudar os empregadores, em especial na função pública.

Com o tempo de espera, para casos não-urgentes, igual ou superior a doze horas acabam-se as baixas fraudulentas... não há estômago que aguente!

Igualmente falsa é a asserção de que o Governo pretenda privatizar o ensino público, pois sabemos como tem sido essencial para colocar este país nos lugares cimeiros das estatísticas em Bruxelas.

Os privados continuam a ser coutada de privilegiados, que nada acrescentam ao saber nacional, a acreditar nas licenciaturas de tantos dos principais partidos que nunca tiveram tempo de estudar para doutor devido aos afazeres político-partidários.

Quanto à justiça, temos um dos sistemas mais bem preparados de todo o mundo, com um longo prazo de investigação a fim de se apurarem todas as responsabilidades e as “fugas ao segredo de justiça” são uma forma elaborada de descobrir quem são os verdadeiros criminosos para que o povo esteja atento, ainda antes de contra eles ser formada culpa.

As inúmeras formas de apelação existentes permitem aos que foram injustamente acusados, como o major Valentim, o Isaltino Morais, Armando Vara e outros, de se poderem defender de cabalas monstruosas montadas pelos que os não conseguem vencer de forma limpa em eleições livres!

E, por fim, a Banca internacional está com alguns problemas de liquidez depois de terem tornado o dinheiro da lavagem de capitais em ativos tóxicos, mas tudo isso se cura.

Se a crise global continuar, para o ano somente dois bancos ficarão operacionais: o Banco de Sangue e o Banco de Esperma!

Mais tarde estes 2 bancos serão fundidos, internacionalizados e chamados: “The Bloody Fucking Bank”.

E é com eles que contamos para a retoma financeira e o aumento das taxas de natalidade europeias.



CRÓNICA 124 DOM XIMENES BELO 19º COLÓQUIO DA LUSOFONIA 26 março 2013

Rudyard Kipling está celebrizado pelo «*If*» («*Se*») que é o oposto do que rege os Colóquios «*Não prometemos, fazemos*». Só que, desta vez, saboreamos o verdadeiro significado da insularidade, ou seja, o acre travo das provações climatéricas que quase comprometiam de forma terminal o 19º Colóquio de 14 a 17 de março na Maia, S. Miguel, Açores.

Uma depressão cavada e estacionária por cima do arquipélago trouxe chuvas torrenciais, ventos ciclónicos, desabamentos de terras, naufrágios e um total de seis mortes, a estas ilhas tão fustigadas e impediu a aterragem de aviões de Lisboa e Porto a partir do dia 12.... Os nossos oradores que iriam chegar a partir daquela data viram os voos adiados, cancelados. 1120 pessoas esperavam nos aeroportos de Lisboa e Porto um voo para a Ilha do Arcaño. Todos os planos foram literalmente por água abaixo. Recorreu-se ao plano «B», mas houve novos cancelamentos e adiamentos, horas desesperantes de espera no aeroporto em PDL, fizeram gorar as esperanças. Elaborados planos alternativos enquanto os telemóveis se agitavam com mensagens, telefonemas e adiamentos. Os planos quase esgotavam o alfabeto disponível e cancelamos tudo o previsto para os dois primeiros dias do evento.

No jantar de boas-vindas, em vez de 25 éramos seis ou sete. Na manhã do primeiro dia a palestra na escola da Maia, sobre a paz, por Dom Ximenes Belo, Prémio Nobel da Paz 1996 e a apresentação da Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos em dois volumes. O lançamento anunciado em toda a ilha por todas as escolas não podia ser alterado, mas o resto da programação foi.

Cancelaram-se recitais, grupos musicais e passeio para haver sessões formais do Colóquio, sábado. Finalmente dia 15 começaram a chegar oradores e presenciais...em três aviões consecutivos de Lisboa. Ao almoço na Maia éramos mais de 20 pessoas e improvisou-se na escola a palestra de Dom Ximenes Belo.

O 19º Colóquio começou no sábado e prolongou-se até domingo, o mais curto desde 2001-2002, com personalidades que, pela primeira vez, estavam presentes, a representação do Camões ora denominado Instituto da Cooperação e Língua, e o Diretor Executivo do IILP (Instituto Internacional da Língua Portuguesa) da CPLP.

Tudo correu dentro do apertado horário com a precisão de um relógio suíço, sem mais percalços ou incidentes. Depois das boas-vindas pelo Presidente da Junta da Maia (foi a primeira vez que os Colóquios se realizaram numa Freguesia), Jaime Rita fez a apresentação da mostra de Artesanato local e de fotografias da Maia e a mostra de livros da editora Calendário de Letras. Depois, vídeos, a história e as belezas e riqueza da Maia e a AICL recapitulada em imagens de 18 Colóquios. Seguiram-se os discursos.

A costa norte de S. Miguel, tantas vezes esquecida ao longo dos séculos recebeu-nos bem. Entre os edifícios notáveis, encontra-se o Solar de Lalém, do séc. XVIII, com a Ermida de S. Sebastião de 1687. Ali se realizaram em 87 e 89 dois Encontros de escritores açorianos. Tentamos, em sua memória, que a comitiva ficasse alojada no mítico, ora privado, Solar de Lalém, mas preços exorbitantes, exigências e alterações ao previamente acordado levaram-nos a ficar alojados no paradisíaco coração da ilha - Vale das Furnas.

Nos últimos dois anos uma rica panóplia de eventos celebrou os 5 séculos da Freguesia. Ao apostar neste apoio, quando municípios o declinaram, a Junta deu um exemplo de que os cidadãos não precisam só de obras de construção civil, ou solidariedade social, nem apenas das hortas comunitárias, nem só dos festivais pagãos e religiosos. A cultura e a educação são a maior riqueza de um povo que não se contabiliza na fria natureza da economia e finanças. Um povo culto busca soluções para as crises, um povo orgulhoso da sua língua não se deixa silenciar para pagar as dívidas da banca mundial. É esse que visamos conquistar.

Advogamos sempre que um povo que lê não se deixa esmagar pela fria ditadura dos impostos, não se deixa dominar e toma decisões conscientes, bem prementes nestes dias de globalização neoliberal desenfreada, guiada pelo paradigma único do lucro a qualquer custo.

Apostamos na Humanidade de homens e mulheres com princípios sãos.

Sustentamos a igualdade, a justiça e o mérito irmanados por um poderoso elo comum: a língua de todos nós, seja de origem ou adquirida, mas a língua em que comunicamos, trabalhamos e vivemos. Não somos donos da língua apenas meros amantes e utilizadores da mesma, e nela queremos congregarmos não só os países de língua oficial portuguesa como todas as comunidades onde existam lusofalantes independentemente da sua matriz de origem. Queremos partilhar a enorme riqueza da língua comum, com enorme valor no PIB, como elo motriz que a catapulte da sua eterna semiobscuridade para a ribalta dos fóruns mundiais onde já é a quinta mais falada ou no seio da internet onde surge como terceiro idioma mais usado.



CRÓNICA 125 PENSAMENTOS AVULSOS, 10 abril 2013

O tempo amanheceu mal-amanhado, caramónico até, antes de o sol despontar e lembrar por que é o astro-rei que domina e ilumina os nossos dias. Nada disto faria diferença e se não tivesse parado para pensar no que me rodeia, na nova Ditadura encapotada de democracia musculada, quando o Ministro das finanças resolveu suspender o país e proibir despesas. Revi a situação do país onde me encontro, da Europa onde estou inserido e do resto do mundo ocidental, para dar conta de que não fui mudei, mas sim o que me rodeia.

Cresci num pós-guerra espartilhado por princípios sólidos e fortes, que duravam desde antes da primeira Guerra Mundial, onde a palavra do homem tinha valor, bem como a sua família, honra e outras noções, hoje alienígenas para a maioria dos habitantes.

Foram esses princípios que me trouxeram a sexagenário, sem bens materiais, mas com uma enorme riqueza cultural e pessoal que não se mede em Euros ou dólares.

Não mudei, apenas o mundo circundante resolveu inverter as regras a meio do percurso e deixá-los, a todos os que cresceram e atuaram como eu, perdidos na nova selva, sem instrumentos que nos capacitem para reagir e integrar na nova ordem mundial da mentira, do roubo descarado, das farmacêuticas que fazem vacinas para matar gente e vender mais, dos construtores de países em ruínas que vão enriquecer e não reconstruir (Dick Cheney e Halliburton), de firmas que se aproveitam da crise para contratarem ao salário mínimo ou como voluntários, os jovens estagiários desempregados.

De como a Europa [e ando a dizê-lo há meses] deixa que os novos campos de concentração sejam as ruas peçadas de sem-abrigo, as casas sem água nem luz ocupadas por despedidos, e os suicídios que se sucedem de gente sem casa nem dinheiro.

Esta é a nova versão da guerra, sanitizada e pura, sem disparar um só tiro. Os velhos a morrerem longe dos hospitais, que não servem para atender doentes; as escolas destruídas, sem ensinarem nem formarem novas gerações; as universidades a produzirem licenciados, mestres e doutores do desemprego, sem dinheiro para pagar bolsas a quem merece; os pais a inscreverem os filhos nos principais partidos que se tornaram no principal empregador de talentos jovens...por toda a parte o que em tempos se chamava escandaloso, ministros corruptos sem irem para a prisão e a serem reeleitos, compadrios, nepotismos, favorecimentos e um sem fim de mordomias para os «eleitos».

Que mundo é este e como posso preparar o meu filho? Dizendo-lhe “*vai roubar ou vai para a política para ficares rico*”?

Interrogo-me como sobreviver à avalanche de casos que diariamente recolho, sem que muitos cheguem à televisão, anestesiante e anquilosante, que só dá conta de tragédias, de ameaças governamentais, instilando o medo como arma principal de controlo de massas.

Escrever não basta e tem o efeito das manifestações públicas, mal preenchem intervalos nos telejornais, ninguém as vê nem se interessa. Para ser Ministro é indispensável não ver *manifs* nem TV, e ter carros de alta cilindrada importados da Alemanha com vidros fumados para esconderem a realidade. Que nessas coisas caras não cortam eles, coitadinhos, que se deslocam a alta velocidade, com todo o conforto em nome da nação que espoliam a cada minuto.

Interrompo para ler o que acabei de escrever a um camarada jornalista acabado de ser dispensado da RDP por telefonema «oficial» (teve sorte podia ter sido SMS ou gravação no «*voice-mail*» (caixa de mensagens).

*Há muito que deixei de escrever Crónicas depois do livro *Crónica Açores* (vols. 1 e 2, 2005-11), pois adivinhei o que estava para vir....*

Agora voltei ao início, aos começos literários, escrevendo poesia pois, meu caro leitor, ela é uma arma carregada que ninguém pode silenciar...se a minha mulher não fosse portuguesa já tinha regressado a Sydney, mas não tem cidadania, nem saúde, nem idade para mais mudanças.

Hoje foi anunciado que as deslocações dos deputados ficam fora dos cortes orçamentais. O Orçamento da Assembleia da República para 2013 prevê cortar 10% nos contratos de aquisição de serviços, mas a rubrica que representa a maior despesa, 3,5 milhões de euros, não entra para as contas. Claro que tinham de ficar fora, então os desgraçados têm de fazer viagens para os distritos de origem, que nem conhecem e só visitam em véspera de

eleições ...e têm de ir ao estrangeiro aprender como se faz... e visitar quem votou neles antes das próximas eleições para serem votados outra vez ...também há gente implicativa agora a meter-se com o custo das viagens...qualquer dia também protestam contra o champanhe francês que bebem no refeitório da AR a 1.50€...

Nessa data alguém questionava *Help (a pergunta, 64 million dollar question, eu sei...)* mas como é que se arranjam viagens em conta para os Açores (Horta) sem restrições de data? Alguém consegue comprar as tarifas promocionais? Apressei-me a responder:

... entrando na SATA ou no governo...tendo um amigo deputado...claro que há outras opções.

Tem várias hipóteses.

Conhece algum dos secretários regionais? Junte-se a eles.

Conhece algum dos administradores da SATA? Se sim, pode seguir essa via.

Caso contrário pode tentar arranjar emprego na SATA e sempre viaja de graça.

Alternativa: casar com alguém que trabalhe na SATA.

Hipóteses legais serão só estas.

Existem outras, tipo barricar-se num dos balcões da SATA ou raptar um filho de um administrador, mas que apesar de terem hipóteses de poderem atingir o objetivo não recomendo.

Fora estas, é pagar 400, 500 ou 700 Euros. Afinal de contas os Açores são um paraíso.

Vive-se num país de faz-de-conta. Como Roberto Y Carreiro escreve nesta data:

Há muito sustento a ideia: «quanto mais impostos, mais miséria». Uma sociedade só é livre e independente quando o nível de impostos é suportável e são direcionados exclusivamente para as funções básicas dos serviços públicos ou universais e não para sustentar aristocracias de funcionalismo público e novas experiências sociais, como tem acontecido nas últimas décadas, onde se criaram «necessidades» para dar emprego a alguns ou para beneficiar setores empresariais, «fornecedores» da «res publica» ...

Liberdade de produzir, usufruir, poupar, gastar e - ou investir deve ser o lema para qualquer sociedade que se quer livre e próspera, tendo como balizas a Lei como mecanismo do Interesse Público e Geral e não para proteger determinados setores sociais e económicos, privilegiados em relação à maioria dos cidadãos, como acontece na República Portuguesa, cujos efeitos e consequências têm sido aprofundados pelo Governo de Lisboa.

Conclusão: menos impostos, mais Liberdade e mais Prosperidade.

Com a promessa de se legislar a favor da idade de reforma aos 67 anos, deem graças aos santinhos por ninguém se ter lembrado do cineasta Manoel de Oliveira trabalhar aos 104 anos, podiam ter imposto a idade mínima aos cem anos!

Claro que não me canso de dizer - há anos - que se entrou na nova era, idêntica à da Revolução Industrial em que as pessoas são números na máquina produtiva e de enriquecimento (não das nações, mas da banca internacional) reminescente das condições que regiam os servos da gleba.

Reafirmei-o no discurso de abertura do 19º Colóquio:

A cultura e a educação são a maior riqueza de um povo que não se contabiliza na fria natureza dos números da economia e finanças. Sem desmerecer os méritos do sistema capitalista, apostamos mais na Humanidade feita de homens e mulheres com princípios sãos.

Sustentamos a igualdade, a justiça e o mérito irmanados por um poderoso elo comum: a língua de todos nós, seja ela de origem ou adquirida, mas a língua em que comunicamos, trabalhamos e vivemos. Esse laço comum não distingue nem discrimina.

Podemos fazer a diferença, congregados em torno dessa ideia abstrata e utópica de irmanação pela Língua numa escrita unificada.

E, de volta à realidade temos de assistir ao fim da civilização dita ocidental que se esvai lentamente no seu próprio vômito como aconteceu ao Império Romano e a outras civilizações “superiores” que dominaram o mundo em vários períodos da existência humana...



CRÓNICA 127. DAS CRISES SÍSMICAS 2 maio 2013

Foi uma semana complicada, diria mesmo, um mês espinhoso. Tudo começou com o nosso 19º Colóquio que quase ia sendo anulado pela chuva e falta de voos para cá. Depois, aliviou até ao rali da SATA e esta companhia aérea, em permanente estado de falência, começou uma longa greve que se mantém para coincidir com o Santo Cristo neste fim de semana. No rali o mau tempo manteve-se. Depois vieram dias de sol até 30 de abril em que veio o susto. Foi um sismo muito forte (o maior desde que cheguei há 8 anos, durou perto de 1 minuto), abanou vivamente, a cama batia contra a parede, o candeeiro no hall de entrada ficou dez minutos a pendular...nada caiu ao chão, nem se partiu...exceto um *passepourtout*...a cadela não ladrou, mas entrou em pânico... e eu, que durmo com a consciência tranquila dos justos, continuei a dormir até me acordarem a meio. Não há danos em S Miguel, Sta Maria ou Terceira..., mas assustou, mesmo quem, como eu, acordou a meio...pensei que tinha voltado a Timor onde isto era vulgar... foi o mais violento ... e só vem provar a fragilidade do ser humano nas ilhas onde o culto ao Santo Cristo dos Milagres se iniciou por factos idênticos há centenas de anos.

Não era isto que vos queria dizer...queria falar do tema único e perverso da crise que impingem todos os dias em noticiários de medo. Não posso dizer para saírem à rua e pegarem em armas pois pode ser considerado um ato de incitamento ou de terrorismo. Não vos posso dizer que há solução e ela não é pacífica, pessoas com medo nem pensam nem sonham. Também não quero acreditar nas teorias do oculto que dizem que estamos a ser governados por extraterrestres, os que nos comandam são humanos ... pessoas sem moral, nem princípios, volúveis, corruptas e com um preço acessível para dominar o mundo em nome do vil metal.

As estatísticas afirmam que os cortes impiedosos nos vencimentos, feriados, função pública, benefícios sociais, Estado Social em geral, acoplados a aumentos brutais nos impostos (IVA, IRS ou outros) só aumentam o desemprego, a pobreza, a miséria humana sem reduzirem a dívida.

Ninguém parou para dizer às bestas que governam Portugal que, ou, saem a bem e já, ou saem a mal. Ninguém fez contas, ninguém ouviu que a dívida de Portugal é a dos investimentos tóxicos da banca nacional e internacional e apenas uma pequena parte é dívida da nação, acumulada em especial nos últimos 3 anos. Quando o triunvirato, a troica que é mais fino, chegou com 83 biliões de Euros prometidos, o dinheiro emprestado foi para a banca e não para Portugal...depois, a dívida aumentou e nunca mais parará, pois congregam-se juros e mais juros (os chamados juros compostos), e daqui a vinte anos (nessa época já todos pagam para trabalhar e morrer à fome) a dívida lá estará como monstruosa hidra à espera de mais resgates...

Senhores, sei que na infância gostavam de jogar ao monopólio e comprar o Rossio e Rua Augusta mas agora que já venderam tudo que era riqueza no país, nada resta para darem de mão beijada aos privados.

O país já não existe, sem uma única marca portuguesa, apenas o nome se mantém a fingir.

Os emigrantes que saíram depois de 2000 não são como os dos anos 1960 e 1970, mandam menos remessas e não regressam. Entretanto, no interior profundo, abandonados e sem serviços, os poucos resistentes começam a morrer e as terras ao abandono, mantendo-se o envelhecimento do país, assoberbado pela sobrepopulação da costa, onde se concentram os serviços de Estado que sobraram.

O remanescente é uma enorme manta de retalhos, sem gente nem serviços, envelhecendo a um ritmo acelerado sem trabalhadores suficientes para sustentarem uma pensão de miséria sequer. Sem esperança, dominados pelo medo, inseguros sobre os cortes que se sucedem, mês após mês, os idosos temem o amanhã como se o inferno pudesse ser pior. Os que trabalham veem os salários reduzidos, os impostos aumentados, cortes na saúde, educação, justiça. Somos todos, vítimas da chantagem, é uma "sorte" ter emprego e esquecem que o direito ao trabalho é um dever de nação civilizada, dizia Caetano Veloso "O Haiti não é aqui"¹⁴⁵.

Os pobres morrem nas esquinas, nos vãos de escada, sob as pontes, sós e abandonados em casa, em lares, onde calha, sem dinheiro para pagarem as taxas moderadoras nos hospitais, sem dinheiro para ajudarem os filhos e sem comida para dar aos netos que não podem ter educação porque famintos. Os horários de trabalho aumentaram, salários miseráveis como no tempo do fascismo a níveis que se aproximam dos da Revolução Industrial.

145 (ver e ouvir em <https://www.youtube.com/watch?v=TzIFn-Eq15w> / <https://www.youtube.com/watch?v=nSJHrHrBkPI>)

Dizem que o pior está para vir...

Claro que o país está a saque e à venda por tuta e meia...os que se meteram na política juntaram o pecúlio dos seus roubos descarados e legais, baseados em legislação que aprovaram na Assembleia da República (mais parecia a confraria de amigos) e continuam a desfrutar de férias no estrangeiro e brutas mansões até ao dia em que o povo se revolte e lhes ataque as mansões, lhes roube o dinheiro...

O tempo urge, o povo não saiu armado para a rua onde o esperam a polícia de choque com gás lacrimogéneo ou mostarda para ensinar quem manda. Continuam a votar acreditando que votam... ditaduras transvestidas de laivos de democracia, sem direitos nem voz, como se alguém prestasse atenção a esses resquícios do séc. XX. Cada dia em que façam greve menos ganham e mais o Estado amealha.

Zeca Afonso, depois de morto, canta para os saudosistas, mas já não há homens nem mulheres capazes de levar a revolta à rua, amolecidos pelas mordomias burguesas conquistadas após o 25 de abril de 1974. Estão anestesiados pelo flúor que lhe deitam na água, pelo espetáculo circense do futebol, pelas novelas e pelo voyeurismo da Casa dos Segredos ou dos degredos uma nova versão do Big Brother.

Incapazes de pensar, pois foram educados a não o fazerem e são intelectualmente iletrados ou funcionalmente analfabetos, incapazes de compreenderem ou analisarem qualquer texto mais complexo que um resumo de um jogo de futebol. Há muita gente com influência nos meios de comunicação social, fazedores de opinião, construtores de falsos paradigmas, que optam por repetir que não há alternativa e que, se houver, tudo será pior! E há muita gente que vai na conversa! É preciso agitar as consciências para que pensem.

Como escreveu Alexandre Paes in Revista Sábado: “Epitáfio do mês”:

“... Portugal surgia como uma terra magnífica até o Criador ter tomado a decisão, generosa, mas errada, de cá meter os portugueses.”

Ou como hoje escrevia Daniel de Oliveira no Expresso XL:

“Não podemos permitir que aqueles que conduzem aos maus resultados andem sempre de espinha direita ... Não podemos permitir que os que estão nas empresas privadas ou no Estado fixem objetivos e não os cumpram. Sempre que se falham os objetivos, sempre que o Orçamento derrapa, sempre que arranjam buracos financeiros onde devíamos estar a criar excedentes de poupança, aquilo que se passa é que há mais pessoas que vão para o desemprego e a economia afunda-se. Quem impõe tantos sacrifícios às pessoas e não cumpre, merece ou não merece ser responsabilizado civil e criminalmente pelos seus atos?”

Não se assustem. Estou a falar da forma como se faz política. Das coisas inacreditáveis que se dizem para ganhar eleições e das coisas tão diferentes que se fazem depois de as ganhar. É que, ficam as minhas desculpas pela ausência de aspas, todo o primeiro parágrafo deste texto não é de minha autoria. São palavras de Pedro Passos Coelho a 6 de novembro de 2010. Sem uma vírgula a mais¹⁴⁶.

Na Somália morreram de fome 250 mil pessoas em dois anos e nem um pio se ouviu.

Tudo na modorra habitual sem que as pessoas se apercebam da crise, embora a citem no quotidiano linguajar, e depois há sempre um Santo Cristo a quem rezar, uma romaria anual para fazer, e umas oferendas em nome d'isto ou daquilo. Mesmo assim, os mesmos que vão ao Santo Cristo e compungidos cantam orações nas romarias, são os que, ao domingo, ficam à porta das igrejas ou vão para a taberna passar o tempo do santo sacrifício da missa.

Atavismos de séculos que o medo dos tremores e dos vulcões, nos últimos quinhentos anos perpetuaram no ADN das gentes, acostumadas a aceitarem todos os fados como desígnio divino.

Nada fazem para mudarem o que podem e aceitam tudo o que não podem mudar, mas ao contrário dos Alcoólicos Anónimos não sabem a diferença. ...se batem na mulher e filhos não é pelo álcool, mas por herança genética. Curiosa terra em que nada parece passar-se, nove ilhas diferentes e separadas por bairrismos ancestrais. Aqui viveram muitos revolucionários e grande parte da história passou por aqui, desde a oposição aos Filipes, às guerras liberais e ao 25 de abril, mas nesta pretensa autonomia não vislumbro homens capazes de libertarem Portugal do jugo do triunvirato que nos administra como colónia do dinheiro mundial ...e eu sem nada poder fazer a não ser cronicar o fim, esta morte há muito anunciada.



CRÓNICA 129, DA MINHA JANELA, 13 maio 2013

Das ameias do meu “castelo”, desta janela aberta sobre o mundo vi muita coisa, e continuo a ver um planeta em permanente mudança. São os vaqueiros que passam a cavalo, em carroça ou carrinha, rumo às vacas e aos depósitos de leite, logo pelas cinco e meia da manhã em rotinas que se repetem - duas ou três vezes ao longo do dia - até ao anoitecer quando regressam dos pastos pela última vez.

Vejo tratores mais apropriados ao celeiro do Oeste norte-americano, às pradarias, à amplidão dos campos australianos ou aos vastos terrenos da Extremadura espanhola do que ao minifúndio micalense, depois há uns que são menos gigantescos, mas – mesmo assim - demasiado grandes para estas terras minúsculas, ..., todos enormes para os minifúndios aqui na Lomba da Maia.

Vejo catraios barulhentos ao voltar da escola primária ou catequese, a correr, aos berros, à pancada umas com as outras, desobedecendo a mães e avós, a atirarem papéis para a rua, a comportarem-se como pequenas bestinhas que serão quando crescerem, saltando para o meio da rua, impérvias ao trânsito e à vida que lhe podem roubar a cada momento.

Vejo anciãs, de xaile ou lenço na cabeça lenta, mais parecem daguerreótipos do séc. XIX, que vagarosamente sobem a rua rumo aos deveres eclesiásticos da fé, sejam missas, novenas, enterros ou procissões. Parecem viúvas, a viver num mundo que já não existe e onde não compreendem a realidade em que estão inseridas...

Imagens tiradas doutras eras falando de um passado ancestral imutável durante séculos e que ora deu um pulo para o espaço sideral.

Vejo a vizinha da casa de baixo, sempre a espreitar pela porta quem entra, quem sai, quem passa, ocupando o tempo que lhe falta na sua octogenária vida, enquanto aguarda que filhos e netas a venham visitar ou a venham buscar para levar a passar uns tempos em casa deles. Cumprimenta sempre e pergunta pela saúde.

Vejo pela janela entreaberta da casa em frente, uma televisão sempre a debitar telenovelas e quejandos, entretenendo os anos de vida que faltam à moradora cidadina que aqui se desloca em feriados, férias e fins de semana...por vezes com filhos, netos e seus amigos.

Desta janela não vejo, na casa ao lado dessa, o marido que bate na mulher, mas observo a mulher que bate nos filhos, (bem casada ou mal casada?) que não cessa de entrar e sair para falar com todos os homens da aldeia, mais os fornecedores do pão, da fruta, da carne, das roupas e todos os restantes fornecedores das carrinhas que aqui aportam diariamente para venderem os seus produtos.

Nas lides da casa não se ocupa pois falta-lhe tempo, pois aguarda sempre aperaltada, com a convicção de ser sexy, que o marido siga para as vacas e vai lampeira em busca de homem que a ouça e à sua língua viperina, vivendo no quotidiano os sonhos imaginados de telenovelas que lhe encham as noites. Há mais homens e mulheres assim, rua abaixo e em outras ruas, em freguesias perto e longe.

Da janela vejo aos domingos os homens com fatiotas melhoradas encostados à porta da Igreja ou a beberem uns copos na taberna mais próxima. São os mesmos que não entram na Igreja o ano todo, mas depois se fazem à estrada como Romeiros, arrostando com frio, chuva e outras privações.

Vejo ainda os outros, os que escapam sempre, sobre quem não impendem acusações de violência doméstica, de pedofilia, de abusos, de alcoolismo, mas que cumprem religiosamente tradições ancestrais que nem sabem explicar nem compreender.

Vejo enterros, procissões, casamentos, crismas e batismos (cada vez menos), vendedores (avulso) de cracas e lapas, vendedores de tudo soando as tonitruantes buzinas em carrinhas barulhentas na sua distribuição e aliciamento de clientes em tempo de crise.

Vejo os montes ora verdes, ora verdes, consoante a estação do ano, e o que lá se planta.

Mas o que nunca vi desta janela foi alguém a ler um livro...



CRÓNICA 130 - DUAS MORTES E UM PAÍS EM SUICÍDIO LENTO, 16 junho 2013

Como disse Mariano Larra, escritor e jornalista espanhol do início do séc. XIX:

“Um povo emudecido é um povo de atordoados e medrosos, a quem um prolongado costume de calar entorpeceu a própria língua. “

A isto assisto, pouco mais do que mudo e calado - digerindo lentamente as vicissitudes da vida e da morte com a minha perspetiva oriental de que a morte não passa senão de uma fase. Assim como à infância se sucede a juventude e a adolescência, a vida adulta, e a Terceira-Idade, a esta, normalmente, segue-se a morte, um estágio diferente apenas porque o eu se desliga das vestes terrenas, o corpo.

Sem lágrimas, nem culto dos mortos, esse novo estágio pode ser encarado de várias óticas que normalmente são estigma para as gentes do mundo ocidental. Também se não professam aqui crenças de 72 virgens nos céus para mártires do islamismo. Aceito como uma etapa natural e não um fim, em si.

No último mês morreu o Zé Bé (José Alberto de Sousa), jornalista da RTP (de quem pessoal e profissionalmente fui amigo em Macau aquando da tomada do controlo da ERM - emissora de radiodifusão de Macau - pela RTP).

Mais recentemente (como assessor do Ramos-Horta) tentava que eu levasse os Colóquios da Lusofonia a Timor. Era do tempo em que a Judite de Sousa era menina de 18 anos a estagiar como locutora, junta com o José Rodrigues dos Santos que estudara no Liceu de Macau.

Tanta memória e recordação que borbulharam à tona dos sentimentos. Morreu um jornalista e um amigo trazendo-me, de volta, à realidade da efémera passagem por esta vida e o resto não se escreve, sente-se, e partilha-se com o ego, enquanto a memória o permitir.

O Zé Bé um impecável amigo, crescera em Lisboa, no Largo onde cresceram uns primos Jorge da minha ex-mulher, que bem conhecia.

Faz-nos pensar, hoje ele, amanhã eu....

Não refeito de mais esta perda, faleceu o vizinho maiato Daniel de Sá, o primeiro escritor açoriano que conheci, o primeiro que traduzi, e o homem que prefaciou o primeiro *CrónicaAçores*.

Fizemos nos Colóquios da Lusofonia várias homenagens em vida do escritor (2008-2012) e agora, depois de morto, todos o irão lembrar. Melhor fora lutar para que a sua obra fosse lida e os seus livros não ficassem esquecidos na pequenez das ilhas e do Continente português.

Nada ficou por dizer e o que foi dito e escrito não importa aqui realçar, mas o sentimento de perda foi profundo, apesar das inúmeras diferenças que nos uniam na história, na política e no demais. Passadas estas semanas todas ainda me custa abordar o assunto.

Conhecia-o bem melhor do que muitos que o rodeavam e fazia parte do meu quotidiano, com a sua agorafobia que o impedia de se deslocar muito para além da área de conforto da Maia.

Se ele acreditava que os portugueses haviam sido os primeiros nas ilhas e eu discordava, se ele era dogmático por formação e convicção e eu era mais tolerante, se ele era unicamente português e contra a independência e autonomia ao contrário de mim que sonho pela independência dos Açores, nada disso obstava a que se tivessem criado laços de amizade da minha parte que ficaram irremediavelmente afetados por esta partida.

Por outro lado, o filho adolescente continua a impor-nos as suas dores de crescimento, de uma forma injusta e com a qual nos debatemos para aprendermos a lidar com ela. Tem sido uma fase difícil pois já nem putativos candidatos a emigrantes me enviam os seus processos para emigrarem. Andam todos tão depauperados que nem dinheiro têm para iniciar o processo de emigrar para a Austrália...

Embora continue a assistir incrédulo ao governo e Presidente da República que, impunes, vendem o país ao desbarato, enquanto a dívida interna passa os 120% e várias gerações futuras estão já irremediavelmente comprometidas e endividadas, o certo é que o povo continua manso. Fazem-se umas *manifs*, umas greves, e tudo continua na mesma. O país permanece sob ocupação estrangeira de uma troica do BCE, FMI e quejandos,

que o dirige com o apoio da nova nobreza em defesa de “interesses” do povo português que fariam inveja a qualquer Miguel de Vasconcelos e Duquesa de Mântua da dominação filipina.

Pouco haverá ainda por vender, e os anéis que se venderam junto com os dedos, nem para pagar os juros agiotas chegaram. A dívida continua a aumentar (cada vez aumentará mais) e já não há joias da coroa para vender... Entretanto a sanha devastadora de fundamentalismo neoliberal destrói a educação, a saúde, a justiça e lança mais de milhão e meio no desemprego, 3 milhões na miséria e nenhuma luz ao fundo do túnel....

Creio mesmo que o túnel não tem fim nem luz...ou então, se calhar, nem sequer existe: esqueceram-se de construir o túnel. Sabemos todos da orquestração da banca mundial em dominar os países mais fracos acabando com a democracia que ainda resta e estender esse domínio, que a guerra não permitiu, a toda a Europa.

A escravatura aumenta, as pessoas vão-se matar umas às outras para sobreviverem, sem tempo para viver, sem dinheiro para comer, estudar ou sonhar. Os novos gulagues e campos de concentração não precisam de gás nem de câmaras de extermínio, basta o desemprego sem direito a subsídio e eles morrem lentamente fora dos olhares atentos da TV, sem deixarem marcas. Os velhos sem hospitais, médicos ou dinheiro para ali se transportarem ou para pagarem fármacos, morrerão (silenciosamente, como viveram) nas aldeias, já quase desertas do país. Nas cidades, as crianças irão para a escola pública com fome, enquanto os pais se suicidam por não terem comida para dar aos filhos, e as polícias atacam quem se manifesta. Entrementes, o governo ignora tudo e todos, na sua agenda cega de cumprir a destruição do Estado Social que demorou décadas a erguer.

Que pode um homem da cultura fazer enquanto isto acontece?



CRÓNICA 131. IMPUNIDADE, 20 junho 2013

Adoro este país em que vivo, não só pelo sol abundante que na maior parte dos anos nos chega de borla, como pela riqueza das suas paisagens variadas de norte a sul, e pelo mar adentro até aos arquipélagos da Madeira e Açores.

No entanto há umas pequeninas coisas que podiam ser melhoradas, uma delas é a IMPUNIDADE, ninguém é condenado (e se for é com pena suspensa, que as cadeias estão cheias a abarrotar (e não convém meter lá gente fina que teve um deslize ou outro, mesmo que seja de uns milhões.) Outras das coisas de que gosto neste país é a capacidade de mobilização contra um Acordo Ortográfico datado de 1990 e do qual se lembraram tardiamente.

Os contristas são capazes de animar um morto e ressuscitá-lo do seu letárgico torpor contra esse crime de lesa língua que entendem matar todas as tradições históricas e a alma do povo português. No entanto esse mesmo povo manifesta uma total incapacidade, insensibilidade e inépcia de mobilização para o roubo descarado feito pelo governo na saúde, educação, justiça, nos vencimentos, nos subsídios de férias e de natal, e nas regalias que ao longo de décadas foram penosamente conquistadas.

É um povo que se queixa muito nos cafés, que mal frequentam já pois nem dinheiro têm para a bica, nos fóruns cibernéticos. Não vai muito em manifs de rua que para nada servem já, em greves a que não aderem para não perderem mais dinheiro, mas quanto a fazer uma revolução, uma revolta, que faça tremer o governo, lá isso não sabem fazer, mandam umas vaias e assobios em público, umas bocas foleiras que podem dar cadeia ou indemnização, ou, se forem mais politizados, ainda entoam os primeiros acordes da Grândola, Vila Morena, apesar de mal saberem a letra. Um povo de cornos mansos e vacas chocas, sem espinha vertebral que vai continuar a votar nos mesmos que o defraudaram e roubaram ao longo de 38 anos da dita democracia, e se diz saudosos de líderes salazarentos, que eram honestos e mantiveram o país num feudalismo medieval, de analfabetismo, fome, futebol, Fátima e Fado.

O mundo agita-se em vários países e continentes, mas em Portugal “no pasa nada”, tudo calmo e tranquilo apesar dos 402 políticos com pensões vitalícias custando 6,4 milhões de Euros, e inúmeras pessoas reformadas a ganharem fortunas noutras posições executivas. Crê-se que Portugal é dos que mais reformados ativos tem, mesmo os que se aposentaram por baixa médica de incapacidade, mas que saltaram para uma empresa ou outra a auferir milhões mensalmente....

Portanto aparte aquele problema da impunidade, que me incomoda, e facto de os portugueses serem um povo pacífico, que todos os dias lê imenso (jornais desportivos e magazines cor-de-rosa), vê TV (todas as telenovelas possíveis até se deitar exausto), não perde um jogo de futebol, não vejo por que razão não deveria eu gostar deste país. Só se for por ser ferozmente contra as touradas....



CRÓNICA 132 TROICAS LARO(I)CAS... 1 julho 2013

A troica quer baixar salários mínimos e reduzir indemnizações por cada ano de trabalho. “*É a única solução*”, disseram o Chefe da *Sonae* e do *Pingo Doce*. Os portugueses não entendem que enquanto o salário mínimo não baixar até 100€ brutos a economia não cresce...

Se isto não chegar, deviam obrigar as pessoas assim escravizadas a pagarem para trabalhar como nos países mais civilizados de Andrómeda...

Penso que o melhor é fechar tudo, acabar com todo o emprego, começando pela Assembleia da República, ministérios, secretarias de Estado, institutos, fundações, empresas.

Fechar tudo...sem exceção. Neste contexto, deveria ficar a funcionar apenas o Ministério da Morte, gerido por almas do outro mundo que teriam a responsabilidade de fazer embarcar para o inferno, em primeira mão, todos os corruptos, aldrabões, e malfeitores do país.

Quem tem coragem de apresentar esta estratégia à Troica?

(mamã, já chegamos à Idade Média ou ainda falta muito? continua a remar José...)

Da Austrália (Manuel Augusto) adianta que: “o trabalho dá saúde; portanto podemos e devemos pagar para trabalhar, pois é a única saída para Portugal e este governo misericordioso que têm tentado tudo para evitar esse momento, mas como todos sabemos os portugueses são uns piegas ingratos.”

Victor N Pereira adianta: “estamos quase a ser os chineses da Europa.”

Da Austrália (Nuno Pinto do Souto) interroga-se: “Quase?”

Da Madeira (J. Gomes Bulhão) diz-me que sim. Sim, a solução está no empobrecimento, levá-lo a níveis de miséria, o problema é que já temos tanta e boa concorrência com o sistema da escravização que chegamos tarde, mas vale a pena tentar...Salário mínimo de África / Ásia, 1 dólar / dia e seremos um grande país, competitivo, onde vale investir, com pleno emprego...

Da Galiza (António Gil H) aventa: Vale a pena a UE? Não será ótimo para Portugal, Grécia, Itália, Espanha e mesmo França sair do Euro, pelo menos, como está o Reino Unido?

A todos respondo: SIM E MIL VEZES SIM. Os islandeses bem o entenderam e estão livres do Euro.

E por fim dos Açores (Graça Castanho encerra o diálogo desta forma): Já ninguém aguenta tanto corte!

E depois o diálogo continuou em discurso direto. Victor N Pereira: Nem tanto ao mar, nem tanto à terra. Portugal viveu crises iguais e arranjou meio de manter a cabeça fora de água. O que precisa e não tem é um Plano Estratégico para criar riqueza e existem Portugueses à altura. Navegamos à bolina desde 1974, sem comandantes clarividentes com a mão no leme que saibam rumar a um porto de abrigo. A Nau ou Caravela está a adornar e os tripulantes a entrarem em pânico. Há que serenar os ânimos e ter esperança...os tempos são preocupantes, mas não podemos atirar a toalha ao chão.

Luna Telles Ribeiro: Amigos, enquanto não houver comandantes capazes, competentes e defensores desta pátria continuaremos à deriva. Precisamos de comandantes ou almirantes que levem este barquinho a bom porto!

João Oliveira: Isto só vai parar quando os trabalhadores começarem a perguntar ao patrão no final do mês: “Ó Chefe! Quanto é que lhe devo este mês pelo meu trabalho?”

Nuno Pinto Do Souto: Amigos, deixem-se de Sebastianismos. Não há “salvadores da Pátria” e esperar que um apareça é simplesmente deixar a porta aberta ao descalabro. Prova? Olhem para o país desde 1974.

Têm que começar a aceitar a responsabilidade da liberdade. E isso é mesmo difícil, não pensem que é demagogia...

Continua a remar José...já falta pouco para chegarmos...



CRÓNICA 134 – A MINHA VISITA ÀS FLORES E CORVO 26-31 agosto 2013

134.1. FLORES

A ilha das Flores tem 143 km², 17 km de comprimento, 12,5 km de largura e dois municípios - Sta. Cruz das Flores e Lajes das Flores. Com o Corvo, forma o Grupo Ocidental. A 26 de maio de 2009, foi classificada pela UNESCO como Reserva da Biosfera. Dispõe de um aeródromo onde opera a SATA Açores, com ligações aéreas regulares com a Horta, Lajes (Terceira), Ponta Delgada e Corvo.

Entre julho a agosto, a Atlanticoline assegura (de forma mais irregular do que o previsto nos horários oficiais) as ligações marítimas de passageiros e viaturas entre o porto da vila das Lajes das Flores (via Horta) com as restantes ilhas e o transporte regular de passageiros entre as vilas das Lajes e Sta. Cruz das Flores e a Vila do Corvo.

134.2. CORVO

A primeira citação da ilha surge em 1351 no Atlas Médici como Ilha dos Corvos Marinhos e em 1375 no mapa Catalão surge já distinta das Flores. Diogo de Teive, navegador português, tê-la-á descoberto oficialmente para a Coroa, em 1452, ao regressar da Terra Nova. Quanto ao nome teve vários: Ilha dos Corvos Marinhos, Ilhas Floreiras, Ilha do Farol, Ilha Nova das Flores, Ilha de Sta. Iria, Ilhéu das Flores, Ilha da Estátua, Ilha do Farol, Ilha Negra, Ilha de S. Tomás, Ilha do Marco.

A Ilha do Corvo é a mais pequena e a mais setentrional dos Açores. Localiza-se no Grupo Ocidental, 6 milhas náuticas a norte das Flores. A ilha tem 6,24 km de comprimento e 3,99 km de largo, 430 residentes (dados de 2011). Pertence ao Grupo Ocidental com as Flores, que distam 17,9 km. O ponto mais elevado, 720 m., está na zona do Estreitolinho, em cima da placa tectónica norte-americana.

Tem uma única montanha vulcânica extinta - o Monte Gordo, com ampla cratera de abatimento chamada Caldeirão onde se aloja a Lagoa do Caldeirão, com lagos, turfeiras e pequenas "ilhotas", duas compridas e cinco redondas, 3,7 km de perímetro e 300 m. de profundidade, a crista a 600 m., o Morro dos Homens atinge 718 m., tendo-se formado há cerca de 1,5 milhões de anos. Destacam-se ainda: a Lomba Redonda, a Coroa do Pico, o Morro da Fonte, o Espigãozinho e o Serrão Alto.

Todo o litoral é alto e escarpado, constituindo o cone central do vulcão, com exceção da parte sul, onde numa fajã lávica se estabeleceu a Vila do Corvo, a única povoação. As terras em redor da povoação e uma pequena zona abrigada na costa leste (as Quintas e Fojo) são as únicas em que é possível praticar a agricultura e manter árvores de fruto. As melhores pastagens para o gado ficam nas Terras Altas.

Na Enseada de N. Sra. do Rosário, existem três cais de desembarque – o Porto Novo (não usado), o Porto do Boqueirão e o Porto da Casa, o maior e o único utilizado no tráfego comercial. O Portinho da Areia, no extremo oeste da pista do aeroporto, é o único areal da ilha e a principal zona balnear. É o único município sem qualquer Freguesia cujas funções são assumidas pelos órgãos municipais.

Começou a ser habitada por 30 pessoas lideradas por Antão Vaz de Azevedo (da Terceira), e, depois pela família Barcelos (da Terceira), mas ambos a abandonaram. Em 1548 Gonçalo de Sousa, Donatário foi autorizado a mandar vir escravos de Sto. Antão (Cabo Verde) como agricultores e criadores de gado. A primeira Igreja data de 1570, a primeira paróquia de 1647 e a primeira administração civil de 1832.

Na ilha teriam sido descobertas cerca de uma centena de hipogeus (estruturas de terra cavadas na rocha, primitivamente usadas como sepulturas há dois mil anos), incluindo algumas na cratera e aguarda-se o seu estudo. Quando os navegadores portugueses aportaram à ilha, em meados do séc. XV, encontraram uma intrigante estátua de pedra, representando um cavaleiro com traços do norte de África.¹⁴⁷ Este episódio, totalmente obliterado pelos manuais escolares, constitui ponto de partida fulcral para a grande interrogação: quem descobriu os Açores? Sabendo-se das diferenças qualitativas, não só etimológicas, entre "descobrimento", "descoberta" ou "avistamento", importa conhecer as etapas que fizeram da gesta das Descobertas mais uma consequência do que antecedência.

Obviamente não existem provas de que os Açores sejam o remanescente da mítica Atlântida, berço de uma próspera e culta civilização, desaparecida nas profundezas do oceano. Curiosamente, no livro de banda desenhada, O Enigma da Atlântida de Blake e Mortimer, S. Miguel é uma das portas de saída da Atlântida. Mesmo que os Atlantes tenham habitado nos Açores, não foram descobertos vestígios arqueológicos. Falta explorar as insondáveis profundezas dos mares e mesmo aí é dúbio que algo possa ser encontrado e que sucessivos milhares de tremores e erupções submarinas não tenham escondido ou destruído.

Pelos exemplos da violência dos tremores e erupções dos últimos quinhentos anos, dificilmente se encontrarão artefactos ou restos civilizacionais da Atlântida perdida dos escritos de Platão. Foi sempre motivo de cogitações e explorações fantásticas e recentemente, escritores, jornalistas, romancistas e cineastas, reconstituíram, com imaginação, a arquitetura, o traçado e os materiais de construção da capital da Atlântida. Confabularam o vestuário, o modo de vida; a economia, as classes sociais, a religião, os deuses e demónios; os imperadores; as orgias, a beleza estranha da soberana do reino submerso.

Platão tem sido submetido a uma das mais ferozes análises críticas, na tentativa de descobrir um pormenor que conduza à localização da misteriosa Atlântida. Quiseram geógrafos e historiadores ver na narrativa do filósofo grego uma alusão poética a um muito antigo conhecimento da América. O facto não é tão extraordinário como parece, se considerarmos o arrojado marinheiro dos fenícios, e se juntarmos recentes travessias do Atlântico por navegadores solitários em frágeis embarcações.

O historiador *Pausanias* diria em 150 a.C.

“Existia em pleno oceano, longe, e a oeste, um grupo de ilhas habitadas por homens de pele vermelha e cabelos como crinas de cavalo”.

Narrativa extraordinária, pois, ou pura imaginação que, coincidentemente, iria encontrar eco na realidade descoberta 1600 anos depois? *Plutarco*, entre 40 e 120 d.C., escrevia

“Existem a oeste, no oceano, na mesma latitude da Grã-Bretanha, ilhas atrás das quais se estende um vasto continente... caracterizam-se pelo fato de que o sol aí brilha ininterruptamente durante trinta dias. À noite, o astro recolher-se cerca de uma hora, mas mesmo nessas alturas, a obscuridade não era total, porque o horizonte, a ocidente, ficava sempre iluminado por um crepúsculo”.

Plutarco descrevia, sem dúvida, terras próximas do círculo polar. O continente referido poderia ser a América. Juntem-se as narrativas à hipótese de que, antes de Cristo, já os Açores e a Madeira terem sido explorados pelos fenícios, e não acharemos tão improvável o facto de que o Novo Mundo fosse conhecido na antiguidade.

A Atlântida não seria o continente sul-americano? O poderoso reino a que se referia Platão não seria o império asteca? Convirá referir que é mais aquilo que desconhecemos do que o que sabemos sobre grandes civilizações da antiguidade. Muitas delas sumidas misteriosamente. Extintas, sem qualquer razão aparente, para além de colisões de meteoritos, mudanças climáticas ou causas por desvendar. As viagens de Fenícios e Cartagineses tiveram grande importância para fins comerciais.

As que poderiam ter levado a um reconhecimento dos Açores, foram a circum-navegação do continente africano, de Oriente para Ocidente, a mando do faraó Necho em finais do séc. VII a.C. e a viagem do cartaginês Annone, perto do fim do séc. V a.C., quando abriu as velas de Cartago rumo ao Atlântico, passou as Colunas de Hércules (Gibraltar) e chegou ao Golfo da Guiné.

É curioso que as únicas referências ao conhecimento dos Açores, anteriores aos Portugueses, sejam fenícias e ambas relativas ao Corvo. Como dizia nos anos 70 num dos meus programas de rádio em Macau *“Todas as coincidências têm uma causa matematicamente provável”*. Neste caso podem existir também causas cientificamente prováveis. Fazendo fé na historiografia, a probabilidade de os fenícios terem chegado aos Açores, é elevada.

Humboldt refere no "Examen Critique" que em 1749, uma tempestade violenta teria abalado as fundações de um edifício parcialmente submerso na ilha do Corvo. No fim da borrasca descobriu-se nas ruínas, um vaso com moedas de ouro e cobre que foram levadas para um Convento, e das quais nove foram preservadas e enviadas ao Pe. Enrique Flores (Madrid) que as cedeu a J. Podolyn da Academia de Ciências de Estocolmo.

Um apresentavam a figura de um cavalo por inteiro, outras somente a cabeça desse animal. Alguns peritos afirmaram com suficiente grau de certeza que se tratava de moedas fenícias do norte de África (antiga colónia grega de Cirene [em grego Κορήνη, Kurene] na atual Líbia, a mais antiga e mais importante das cinco cidades da região). As restantes sete eram cartaginesas.

A primeira publicação de carácter científico referindo as moedas do Corvo deve-se a *Johann Frans Podolyn*, um numismata sueco que publicou, em 1778, a notícia intitulada *“Algumas anotações sobre as viagens*

dos antigos, derivadas de várias moedas cartaginesas e cirenaicas que foram encontradas em 1749 numa das ilhas dos Açores.”

No artigo, Podolyn afirma que em 1749, depois de vários dias de mar tempestuoso de oeste, que expôs parte da fundação das ruínas de um edifício de pedra numa praia da ilha do Corvo, foi descoberto um vaso de barro negro, quebrado, contendo no interior um grande número de moedas desconhecidas que foram levadas para um Convento.¹⁴⁸ Parte das moedas foi para Lisboa e daí para Madrid para o Pe. Enrique Flórez de Setién y Huidobro (*1701 – †1773), da Ordem de Sto. Agostinho, conhecido historiador espanhol, à época o mais conhecido numismata ibérico. Desconhece-se o número de moedas no vaso e quantas foram para Lisboa.

O Padre Flórez recebeu nove (9) moedas, por ele descritas e estudadas: duas cartaginesas de ouro, cinco cartaginesas de cobre e duas cirenaicas de cobre. O padre Flórez cedeu as moedas a Podolyn quando este visitou Madrid em 1761, dizendo-lhe que as moedas "representavam todos os tipos encontrados no Corvo" e que eram as mais bem preservadas da coleção. Na notícia com a imagem das moedas, Podolyn afirma que as mesmas, com exceção das de ouro, não são raras, sendo notável o sítio onde foram encontradas, já que não se conhece notícia da presença de cartagineses nos Açores, embora seja possível ligar a presença à famosa estátua equestre e inscrição que teria sido encontrada no Corvo à época do povoamento.

Faria e Sousa (História de Portugal) relata a estátua, como possivelmente de origem chinesa, o que levou Gavin Menzies¹⁴⁹, a usá-la como “prova” da descoberta chinesa dos Açores antes dos Portugueses.

É relatado por André Thevet, um francês do séc. XVI, que um descendente mourisco ou judaico encontrara uma inscrição com caracteres hebraicos numa gruta de S. Miguel, durante os Descobrimentos, mas não foi capaz de a ler, alguns supuseram tratar-se de caracteres fenícios.

Em 1976, na mesma ilha, seria desenterrado um amuleto com inscrições de escrita fenícia tardia, dos sécs. VII e IX da era cristã. A maioria dos historiadores contemporâneos, como é habitual, nega validade à afirmação, o que não a impede, de ser verídica.

No séc. XVI, Générand referiu-se à existência dum túmulo com inscrição hebraica em S. Miguel, mas são caracteres fenícios de Canaã erroneamente qualificados de hebraicos, pela semelhança entre o alfabeto cananeu e o dos antigos hebreus. O texto decifrado permitiu a Manasseh ben Israel, sábio hebreu do séc. XVII ler a inscrição como “Mektabel Suai, filho de Matadiel”¹⁵⁰.

Damião de Góis escreveu na "Crónica do Sereníssimo Príncipe Dom João" que quando os portugueses chegaram à remota ilha do Corvo encontraram uma estátua equestre no noroeste da serra, colocada sobre um pedestal quadrado.

No cume, que parecia servir de marco aos navegantes, estava o vulto de um homem de pedra, num cavalo sem sela. Era uma estátua construída, não se sabe por quem, num único bloco de pedra e representava um homem, de cabeça descoberta, tapado por uma espécie de manto. As faces do rosto e outras partes estavam sumidas, cavadas e gastas pelo tempo e supõe-se que pela erosão. Sobre as crinas do cavalo, o qual tinha uma perna dobrada e outra levantada, estava a mão esquerda do homem, enquanto o braço direito estava estendido e com os dedos da mão encolhidos. Só o indicador estava aberto e apontava para o poente, para as regiões onde o sol se oculta, a grande terra dos bacalhaus, a América ou o Brasil, terras que não tinham sido descobertas pela civilização ocidental.

O Rei Dom Manuel I teria mandado a Duarte D'Armas que fizesse um desenho da estátua e ordenou o seu transporte para a corte de Lisboa, mas só recebeu pedaços do monumento: a cabeça, o braço e mão direitos e parte do cavalo. Teriam sido guardadas no Palácio real, mas perdeu-se o seu rasto. Na base - deixada no Corvo - existiriam letras numa escrita desconhecida, copiadas em 1529 por Pedro da Fonseca, mas cujo teor ninguém conseguiu identificar.

Diria o cético Daniel de Sá¹⁵¹ a este respeito

“...há outra novidade nas livrarias, que versa sobre uma famosa estátua que teria sido encontrada na ilha do Corvo pelos primeiros povoadores. Prova irrefutável de que por ali andaram cartagineses muito

148 (provavelmente o franciscano de S. Boaventura, em Sta. Cruz das Flores).

149 Menzies é alegadamente uma fraude como historiador, ao contrário do inventonista que é o loquaz e ótimo comunicador José Hermano Saraiva, que usa qualquer facto para criar uma novela com laivos históricos.

150 (de acordo com Pierre Carnac em “A Atlântida de Cristóvão Colombo”)

151 (jornal Público 20 julho 2008):

antes de Cristo calcorrear a Galileia. Falou dela Damião de Góis, que a descreve em pormenor, mas não a viu.

Como convém nestes casos, não ficou nem um pedacinho da escultura, que teria sido levada para a corte no tempo de D. Manuel. Nem qualquer marca na ilha. E também desapareceram as moedas cartaginesas encontradas lá nos finais do séc. XVIII. Desaparecimentos deste tipo dão sempre jeito para uma história revista e aumentada.”

Meses depois, insiste Daniel de Sá a respeito de: ***Quem construiu a estátua da ilha do Corvo?***¹⁵²

O autor invoca uma série de testemunhas. De nenhuma há um testemunho direto, porque só se sabe o que disse Damião de Góis. O Dr. Gaspar Frutuoso, bem como Frei Diogo das Chagas e outros, limitou-se a copiar o que escreveu o cronista, que deve ter ouvido a história, porque se percebe pelo relato que o próprio não chegou a ver os despojos do achado.

O basalto é uma pedra muito difícil de esculpir. Seria quase impossível conseguir pormenores que fizessem o cavaleiro parecer-se a um magrebino. O que aliás contrasta com o que diz Frutuoso do que afirmavam os naturais das Flores e Corvo: que a estátua “estava carcomida, com as faces do rosto e outras partes do corpo sumidas e quase gastadas”.

Quanto às letras gravadas na rocha, estariam em lugar tão inacessível que teria sido necessário descer por cordas a quem lhes tirou o molde. Como teria sido possível o trabalho de as esculpir?

E por que razão, sendo este episódio do tempo de D. Manuel, o conta Damião de Góis na Crónica do Príncipe D. João? Aliás, o célebre humanista não era um historiador, mas um cronista. O seu pouco rigor chegou mesmo a causar-lhe complicações com a justiça real.

Que dizer das moedas achadas nas ruínas de uma casa? Que, se existiram, foram para lá levadas depois do povoamento.

Das inscrições numa gruta em S. Miguel, basta dizer que nunca se encontrou a gruta. E, quanto aos caracteres em pedra nas Quatro Ribeiras, quase todos que os viram afirmam ser uma formação natural.

Quanto ao saber marítimo dos fenícios, não consta que tenham sido mais do que bons marinheiros de cabotagem.

Os portugueses foram os primeiros a navegar sem terra à vista. Os próprios viquingues chegaram à Gronelândia fazendo escala nas ilhas Faroe e na Islândia, já habitadas. E, da Islândia à Gronelândia (300 km), com boa visibilidade viaja-se sempre tendo a terra como referência: até meio caminho continua a ver-se a Islândia, daí para diante já se avista a Gronelândia.

Daniel de Sá, Maia, S. Miguel, Açores

Já o célebre historiador e estudioso de fenómenos esotéricos, Joaquim Fernandes (um brilhante aluno e meu antigo colega de Liceu) responde assim a Daniel de Sá:

“... Pretendera beliscar uma dupla credibilidade: a de Damião de Góis, que descreve com algum detalhe, o episódio da estátua equestre encontrada pelos portugueses na ilha do Corvo, e o historiador no papel de autor do romance O cavaleiro da Ilha do Corvo, que embora em tons de ficção, fá-lo com a segurança e credibilidade que lhe confere uma investigação documental de centenas de referências bibliográficas, de Aristóteles à pesquisa atual, disponível no final do citado livro.

Desde o arquiteto Duarte D’Armas, que El-Rei mandou ao Corvo fazer o desenho da estátua, aos pedreiros enviados ao ilhéu com a incumbência de trazerem o monólito para Lisboa, passando pelo Donatário Pedro da Fonseca, que em 1529, se deslocou ao Corvo para recuperar uma legenda em caracteres não-latinos descoberta no sopé, onde antes existira a estátua do cavaleiro com “traços africanos”, seguindo a descrição de Góis.

E o mapa dos irmãos Pizzigani, de 1367, que confirma a tradição árabe das estátuas marco no centro do Atlântico?

Ou seja, o autor da Crónica do Príncipe D. João é digno de crédito para descrever a chegada do primeiro rinoceronte a Lisboa; mas já não serve quando relata a chegada ao Paço dos destroços do monumento, que a imperícia dos pedreiros provocara....

Quatro séculos passados persistem aqueles que minimizando a integridade de Damião de Góis, tentam fazer da História um livro fechado:”

Sei-o, por experiência própria, que sempre que se quer alterar o que, ao longo dos séculos, vem passando por História, um enorme coro se levanta a defender a versão anterior e o *status quo*. Faz parte da mente humana

a recusa em aceitar novos factos, provas ou teorias, que contradigam aquilo em que se acredita desde a idade de formação intelectual. A fé suplanta a ciência nessas mentes.

O primeiro romance do investigador Joaquim Fernandes, "O cavaleiro da ilha do Corvo"¹⁵³, promete criar polémica, ao sugerir que os navegadores da Antiguidade terão conhecido os Açores séculos antes de os portugueses ali terem chegado. Na base da tese defendida no livro, alicerçada em anos a fio de investigações, encontra-se um dado para muitos desconhecido: quando os navegadores portugueses chegaram à ilha do Corvo, nos Açores, em meados do séc. XV, encontraram ali uma intrigante estátua de pedra, representando um cavaleiro com traços caraterísticos do norte de África. A existência do referido monumento até poderia ser uma simples lenda não fosse dar-se o caso de o relato da descoberta ter sido escrito pelo grande humanista dos Descobrimentos Damião de Góis, cuja "obra e crédito são dificilmente questionáveis", adianta Joaquim Fernandes. Obra de ficção que, segundo o autor, "não deixa de ser também um ensaio histórico".

"O cavaleiro da ilha do Corvo" levanta questões várias ("e se a tal lenda de um tal cavaleiro em pedra que aponta, do mais alto cume da ilha, em direção às Américas fosse apenas uma tentativa de insinuar a descoberta por outros povos do que Colombo definirá de Novo Mundo?", questiona) numa trama conspirativa destinada a relançar o debate em torno dos Descobrimentos. "O livro defende, em suma, a plausibilidade da hipótese da navegação no Atlântico mil anos antes de os portugueses darem início à sua aventura marítima", explica o especialista no estudo do imaginário português.

O docente da Universidade Fernando Pessoa, no Porto, tem outros projetos que aguardam publicação como o ambicioso volume "O livro dos portugueses esquecidos": em mais de meio milhar de páginas, Fernandes recorda a vida de 300 figuras nacionais dos sécs. XVI a XIX que, devido a perseguições várias, se viram obrigadas a procurar refúgio noutros países, nos quais atingiram relevo em áreas tão distintas.

Desde José Carlos de Almeida, o fundador da Sociedade Francesa de Física, ao Padre António de Andrade, o primeiro europeu a chegar ao Tibete, há biografias para todos os gostos. Do conjunto extrai-se a ideia de "um país que sempre conviveu mal com a diferença, exibindo sinais de uma intolerância, sobretudo política e religiosa, catastrófica para o seu desenvolvimento, ao dispensar um número avultado de talentos".

A lista poderia ser ainda mais vasta se incluísse figuras como Damião de Góis ou Pedro Nunes, que abandonaram o país nas mesmas circunstâncias dos restantes biografados, mas o organizador da antologia entendeu privilegiar figuras que, apesar da sua valia, foram esquecidas com o decorrer dos anos. Para investigar esta autêntica 'fuga de cérebros', Joaquim Fernandes surpreende-se com a quantidade de 'estrangeirados' que Portugal foi acumulando ao longo dos anos. "Boa parte dessa elite foi enriquecer sociedades como a alemã ou a holandesa", lamenta o autor.

Quando os navegadores portugueses aportaram pela primeira vez à pequena ilha do Corvo, nos Açores, em meados do séc. XV, encontraram ali uma intrigante estátua de pedra, representando um cavaleiro com traços caraterísticos do norte de África.

Este episódio, constitui um ponto de partida para a grande interrogação: quem descobriu pela primeira vez os Açores? ... importa conhecer as etapas que fizeram da gesta das Descobertas Marítimas do Renascimento mais uma consequência do que antecedência gerada no zero dos saberes e da ignorância total sobre rotas oceânicas e capacidades náuticas epocais.

(in RTP-Açores Comunidades de 13/6/2009)

Quem foram os construtores da Estátua da Ilha do Corvo?

"Esta surpreendente revelação tem sido regularmente refutada pela historiografia mais conservadora, que a tem crismado de "rumor", "lenda" ou mesmo "fraude". Mas, existe uma fonte autorizada - de entre outras de diversa natureza - por muitos silenciada ou ignorada ao longo dos séculos. Quem a forneceu à posteridade tem obra e crédito dificilmente questionáveis: Damião de Góis (1502-1574), o grande humanista português do Renascimento, que descreve, com algum detalhe, no capítulo IX da sua Crónica do Príncipe D. João, escrita em 1567, as circunstâncias em que o inesperado monumento - "antigalha mui notável", assim lhe chama o cronista - foi achado no noroeste da pequena ilha, a que os mareantes chamam "Ilha do Marco". Quando?

"Nos nossos dias", afirma o cronista régio, na mesma Crónica, ou seja, no seu tempo de vida, provavelmente entre os finais do séc. XV e os inícios de XVI, no decurso do reinado de D. Manuel I e durante as primeiras tentativas de colonização da ilha do Corvo.

O que era, então, esse insólito e inesperado "monumento"?

¹⁵³ Jornal de Notícias 6/6/2008

"Uma estátua de pedra posta sobre uma laje, que era um homem em cima de um cavalo em osso, e o homem vestido de uma capa de bedém, sem barrete, com uma mão na crina do cavalo, e o braço direito estendido, e os dedos da mão encolhidos, salvo o dedo segundo, a que os latinos chamam *índex*, com que apontava contra o poente".

"Esta imagem, que toda saía maciça da mesma laje, mandou El-Rei D. Manuel tirar pelo natural, por um seu criado debuxador, que se chamava Duarte D'Armas; e depois que viu o debuxo, mandou um homem engenhoso, natural da cidade do Porto, que andara muito em França e Itália, que fosse a esta ilha, para, com aparelhos que levou, tirar aquela antigualha; o qual quando dela tornou, disse a El-Rei que a achara desfeita de uma tormenta, que fizera o inverno passado. Mas a verdade foi que a quebraram por mau azo; e trouxeram pedaços dela, a saber: a cabeça do homem e o braço direito com a mão, e uma perna, e a cabeça do cavalo, e uma mão que estava dobrada, e levantada, e um pedaço de uma perna; o que tudo esteve na guarda-roupa de El-Rei alguns dias, mas o que depois se fez destas coisas, ou onde puseram, eu não o pude saber".

O cronista pormenoriza ainda que, "em 1529, o Donatário Pêro da Fonseca, das ilhas das Flores e do Corvo, soube dos moradores que na rocha, abaixo donde estivera a estátua, estavam entalhadas na mesma pedra da rocha uma letras; e por o lugar ser perigoso para se poder ir onde o letreiro está, fez abaixar alguns homens por cordas bem atadas, os quais imprimiram as letras, que ainda a antiguidade de todo não tinha cegas, em cera que para isso levaram; contudo as que trouxeram impressas na cera eram já mui gastas, e quase sem forma, assim que por serem tais, ou porventura por na companhia não haver pessoa que tivesse conhecimento mais que de letras latinas, e este imperfeito, nem um dos que ali se achavam presentes soube dar razão, nem do que as letras diziam, nem ainda puderam conhecer que letras fossem".

Rumores lendários ou testemunhos factuais?

"Quais as testemunhas documentalmente identificadas, sem equívocos, diretamente envolvidas no episódio histórico em torno da chamada *Estátua Equestre da Ilha do Corvo*?

Num primeiro grupo podemos incluir: D. Manuel I, 14º Rei de Portugal; Duarte D'Armas, arquiteto e desenhador da Corte, autor do debuxo do monumento; um mestre pedreiro, natural do Porto, incumbido pelo Rei da missão de desmontar e transportar o monumento para Lisboa; Damião de Góis, moço de câmara, cronista régio e guarda-mor da Torre do Tombo; Frutuoso de Góis, guarda-roupa do referido soberano e irmão mais velho do anterior; Pedro da Fonseca, Donatário das Flores e do Corvo, em 1529.

Acrescentemos a estes um segundo grupo de outros presumíveis testemunhos, embora não referenciados nos documentos, como Antão Vaz Teixeira, colono da primeira vaga de ocupação da ilha (entre 1508 e 1515); os irmãos de apelido Barcelos, depois de 1515, na segunda tentativa de povoamento do Corvo, talvez os mesmos que alertaram Pedro da Fonseca, em 1529, e os que acompanharam o Capitão da ilha ao local da laje para copiar a legenda da estátua.

Finalmente, um terceiro núcleo de individualidades, mais ou menos coevos dos protagonistas da fase da recuperação da legenda, como sejam o Dr. Gaspar Frutuoso, o primeiro historiador açoriano, contemporâneo de Damião de Góis, ainda que um pouco mais novo que este; Fr. Diogo das Chagas, escritor, que confirma a presença do Donatário Pedro da Fonseca, na ilha do Corvo, em 1529; o Dr. Luís da Guarda, corregedor dos Açores entre 1548 e 1552, referenciado por Gaspar Frutuoso como tendo sido uma das pessoas ("ou outro seu propínquo antecessor", supõe o historiador) que "pretenderam alcançar o segredo daquela antiguidade", que, segundo os naturais das ilhas das Flores e do Corvo, ainda de acordo com Gaspar Frutuoso, "estava carcomida, com as faces do rosto e outras partes sumidas, cavadas e quase gastadas, do muito tempo que tudo gaste consome".

Embora Damião de Góis nos informe, textualmente, "em nossos dias se achou", não aponta uma data. Sugere, quando muito, que a descoberta dessa "antigualha assaz antiga" - como ele a descreve - é contemporânea dele, do seu tempo. O facto de ter sido D. Manuel I a mandar investigar e a recolher o monumento aumenta essa probabilidade. Mas não é impossível que a informação tenha chegado antes à Corte portuguesa. É nesse conhecimento anterior a D. Manuel e Damião de Góis que se funda a tese da estátua do Corvo como elemento decisivo e impulsionador das explorações portuguesas de longa distância.

Se o monumento existiu, de facto, quem poderia tê-lo construído? Para o cronista régio e arquivista da Torre do Tombo, "esta gente que veio ter a esta ilha e nela deixou esta memória poderia ser da Noruega, Gótica, Suécia ou Islândia", divergindo assim da hipótese fenícia ou cartaginesa defendida pelo seu contemporâneo açoriano Gaspar Frutuoso. Recorde-se que o jovem Damião¹⁵⁴ entrou ao serviço do Rei

154 Damião teve mestres de várias disciplinas, como mandava a refinada educação palaciana da época, começando como pajem da lança, servindo o Rei à mesa. Passou também a estudar música, para satisfação do Rei, um refinado melómano, estivesse em despacho ou na sesta. Mais tarde, foi moço de câmara, um lugar de intimidade no protocolo régio, sendo dos poucos que se permitia entrar na régia presença em pelote, que, ao contrário do que se possa pensar, era uma capa forrada de peles. Rezam as Crónicas que segurava o bacio do penteador, enquanto o irmão Frutuoso penteava D. Manuel I

Venturoso com apenas nove anos de idade, fazendo companhia ao seu irmão mais velho, Frutuoso, guardarroupa do soberano no Paço da Ribeira.

Temos, pois, reunido um séquito de testemunhos diretos, muito próximos, além dos indiretos, cuja concordância confere algum peso qualitativo à presunção da existência de facto do dito monumento, porventura perdidos os seus destroços entre as brumas da memória e das ruínas humanas.”

Em 1587, o Corvo foi saqueado e as suas casas queimadas pelos corsários ingleses, que já haviam atacado as Lajes das Flores. No ano de 1632, a ilha sofreu duas tentativas de desembarque de piratas da *Barbaria*, no atual cais do Porto da Casa, que era, à época, apenas uma baía. Duzentos corvinos usaram tudo para repelir os atacantes que acabaram por desistir com baixas. A imagem de N. Sra. do Rosário foi colocada na Canada da Rocha e diz a lenda que protegeu a população das balas disparadas.

No séc. XVIII, com a chegada dos baleeiros norte-americanos às Flores para recrutar tripulação e arpoadores, uma vez que os corvinos eram apreciados pela sua coragem, iniciou-se uma estreita relação com a América do Norte, que passou a ser o destino de eleição para a emigração corvina e de onde chegavam praticamente todas as novidades à ilha, a qual manteve, durante muito tempo, uma relação mais estreita com Boston do que com Lisboa. A emigração clandestina era uma constante da ilha, apesar dos esforços repressivos das autoridades portuguesas, preocupadas com a fuga ao serviço militar obrigatório e com a perda de mão de obra. Os corvinos pagavam um pesadíssimo tributo aos capitães do Donatário. Manuel Tomás de Avelar foi o Chefe da delegação de corvinos que foi a Angra fazer a petição, despertando, pela sua sabedoria e maneiras, o espanto da liderança liberal da Regência.

Mouzinho da Silveira, impressionado pela quase escravidão em que vivia o povo do Corvo, obrigado a comer pão de junca para poder pagar o tributo a que se encontrava obrigado, propôs a redução para a metade, do pagamento em trigo e anulou o pagamento em dinheiro, fazendo assim a felicidade dos corvinos. A impressão foi tal que Mouzinho da Silveira, hoje homenageado como patrono da Escola Básica Integrada do Corvo, anos depois escreveria no seu testamento que gostaria de estar sepultado na ilha, "cercado de gente que na minha vida se atreveu a ser agradecida". O decreto, datado de 14 de maio de 1832, e assinado em Ponta Delgada por D. Pedro IV, reduziu à metade (20 moios) o pagamento em trigo que os corvinos faziam a Pedro José Caupers, então Donatário da Coroa, e eliminou o pagamento em dinheiro de 80 mil réis. Em contrapartida, a Coroa assumiu indenizar o Donatário. O tributo apenas foi completamente abolido em 1835. Noutro decreto, o rei elevou a povoação do Corvo à categoria de vila e sede de Concelho (20 de junho de 1832¹⁵⁵) e determinou que se chamasse Vila do Corvo, e não Vila Nova como por vezes aparece grafado. Antes disso, esteve sob jurisdição de Sta. Cruz das Flores.

134.3.1. FLORES. PRIMEIRAS IMAGENS. 26 agosto 2013

Da cama deste Hotel do Inatel, vejo o Corvo, esse teimoso rochedo em formato de bota medieval, pontos brancos no sopé a indicar a presença humana, no tacaço. Uma ilha totalmente inviável não fora a teimosia secular dos seus habitantes. Da varanda, vejo uma baleia (em molde de gesso) decepada no átrio do Museu da Fábrica da Baleia (que ainda não abriu ao público na antiga fábrica de retalhar cetáceos¹⁵⁶). Sta. Cruz das Flores tem cerca de 2 mil almas, e mantém uma vida pachorrenta neste bulício de verão. Em volta há mar até às Américas, que isto de Europa já nada tem. Se Galileu não o tivesse dito, a Terra podia ser plana, tão vasto e reto é o horizonte que se confunde com o oceano. Nem imagino como será aqui a longa invernia de mares alterosos, onde hoje há um espelho de água que lembra a Baía de Díli, em frente a Lecidere, nos anos 70 do século passado....

Depois de analisadas as instalações hoteleiras e de darmos umas voltas pela urbe fomos almoçar ao pequeno *Boston Super Hambúrguer*, bom e barato 6.00€ PAX para refeições ligeiras. À porta da Farmácia de Sta. Cruz, parado no carro, à espera da minha cara-metade e de reforço aos seus remédios, vejo aproximar-se e parar, um simpático agente da autoridade numa viatura da Polícia Marítima, o qual, cortês, me chama à atenção de que estou contra a mão. O mesmo me acontecera em S Jorge. Estou sempre contra qualquer coisa. Já é mania.

Ao jantar fomos ao *Restaurante Rosa* (frente à Igreja) com comida aceitável por 11.00€. No apinhado restaurante, os funcionários preocupados pediam desculpa pelo atraso em servirem-nos, por entre a confusão de atenderem duas mesas de 25 excursionistas doutra ilha.

155 Atualmente o dia 20 de junho é feriado municipal

156 Abriu finalmente em 19 de dezembro de 2014

Depois de uma ida à piscina e ao ginásio fomos repousar cedo. O sol pôs-se por detrás dos montes, vieram as estrelas e os cagarros, o marulhar calmo das ondas, contrastando com os gritinhos quase infantis e divertidos destas aves, sobre a piscina iluminada. A Ursa Maior apontava o caminho e a Ursa Menor me atraía e me confundia entre as constelações Pégaso e Oríon, esquecido que estou de olhar os céus, nomes perdidos na memória de anos idos.

Ao longe há cento e tal casas alumiadas no Corvo, e mais meia dúzia a meia encosta. Vi os faróis de um carro rumo à Caldeira. Parece estar aqui tão perto, essa terra de lendas e povos antigos. Este silêncio, esta paz, a gentileza das gentes.

Apetece fugir para cá, apesar de não haver gelados em parte alguma, porque de acordo com o que me foi gentilmente explicado “esta terra é assim”.

Apetece fugir das guerras, da fome, dos governos que nos desgovernam e passar despercebido do mundo. Terra ideal para escrever, como Roberto Mesquita e Pedro da Silveira fizeram, enquanto iam ao mar buscar laranjas. Uma terra com a dimensão pouco maior do que a Maia (S. Miguel) virada para o mar por todos os lados (e a atestá-lo a numerosa flotilha de barcos e barquinhos a toda a hora cruzando o canal para o Corvo), ilha esquecida pelos governos centrais e regionais (exceto em tempo de eleições quando é hora de alcatifar estradas e caminhos).

Amanhã vou ao Corvo...ver grutas e sonhar com golfinhos e baleias. Da varanda continuo a ouvir a dança louca dos cagarros, cada um com cântico de guerra distinto.... Olho o botim do Corvo na lonjura, ou mais romanticamente, um navio à medida da Jangada de Pedra do Saramago à deriva no Atlântico Norte. Se ao menos tivesse asas como os cagarros deixava-me ir, mesmo sem lhes conhecer o alfabeto nem o sotaque dos seus constantes ralhos.

134.3.2. COMO VI O CORVO 27 agosto 2013

Amanheceu frente à janela da suíte e, talvez, pela primeira vez (desde que me lembro), vi o sol nascer sobre o mar, momento inolvidável de beleza e magia que marcaria o resto do dia de ida ao Corvo.

Sáímos (12 pessoas) num barco semirrígido Zodiac, para uma viagem de menos de 40 minutos (15 milhas) ao custo de 30€ PAX, com direito a ver grutas. Os prometidos cetáceos e golfinhos devem ter feito greve nesse dia e nem um se vislumbrou nos mares. O guia, navegador há 20 anos, apoia a Universidade e seus biólogos, dando explicações detalhadas sobre cagarros, a pesca do atum e vida marinha. A viagem correu sem sobressaltos, e - para enorme desapontamento da minha mulher - sem se vislumbrares os prometidos golfinhos e cachalotes que há anos fogem dela. Lembro que no ano do casamento na Austrália a levei a Palm Beach, a Avalon Beach (Whale Beach), 40 km a norte de Sydney, onde sempre se avistavam baleias e na tarde em que lá estivemos, nem uma se via. Doutra vez marcou uma ida de barco do Whale Watching com os alunos para ver os cetáceos e a viagem foi cancelada por mau estado do mar...

No Corvo, muito calor à chegada ao pequeno cais, o Porto da Casa, onde 3 carrinhas de 9 lugares esperavam a chegada do barco para nos levar ao Caldeirão, ponto obrigatório de visita, a um custo de 5€ euros por pessoa. Felizmente, a névoa ainda não chegara. Muitas pessoas largaram o grupo e foram caminhar pelos trilhos, monte acima ou monte abaixo, descendo depois os 8 km a pé até à vila, e única povoação.

Na curta e única estrada para a Caldeira havia muito movimento para uma ilha tão pequena e despovoada: carrinhas de vaqueiros, pequenos tratores, moto-quadro conduzidas por idosos, jovens e até por uma mulher (parabéns! a igualdade de género já chegou ao Corvo). Em vários pontos, camiões e equipamento pesado de construção indicavam um surto de edificação necessário.

Perguntei ao motorista como era a vida no Corvo, face às noções que fui acumulando ao longo dos anos, sobre privações, a pouca população (menos de 400 pessoas), as longas noites de inverno, vagas alterosas de mais de doze metros, semanas sem comunicação com o mundo exterior, de barco ou avião (a fibra ótica está a chegar). O motorista disse que não era tão mau como fora, pois, as pessoas tinham meios de se abastecerem e suportarem os cortes de suprimentos pela falta de comunicações marítimas e aéreas.

A ilha aparenta pobreza, sujidade, falta de cuidado na manutenção e pintura dos velhos edifícios, alguns com o tradicional carabelho, fechadura típica que só recordo ter visto em Bragança (mais propriamente em Rio de Onor).

Alguns edifícios mereciam ser recuperados, e mantidos nas estreitas canadas. A origem medieval da vila tem casas encostadas umas às outras (com pequenas canadas ou minúsculas passagens entre elas). A degradação do parque urbano habitacional, se bem que parcialmente explicado pela desertificação humana (emigração), carece de uma política mais proativa para a sua recuperação. No estado atual é um mau cartão-de-visita. Vi muito (mas mesmo muito) lixo atirado para as ruas e canadas, por entre os prédios

seculares, muito mais do que esperava ver numa terra que ostenta os mais modernos ecopontos e contentores ecológicos de separação de conteúdos. São necessárias campanhas de sensibilização de lixo. Outro mau cartaz para o turismo.

Ao lado da assustadoramente pequena pista do aeródromo, estavam, três moinhos a serem reconstruídos, dois caiados e outro mantendo a pedra original à vista. Qual não é o meu espanto ao ouvir chamar o meu nome (ó professor!) e deparar com o mestre carpinteiro José Moniz, da Lomba da Maia e o Mestre José Alberto, da Lombinha da Maia, os quais costumam fazer trabalhos de manutenção da minha casa. O mundo é assaz pequeno. Fiquei satisfeito por encontrar conterrâneos¹⁵⁷, tão longe de casa e observar o importante trabalho para que foram chamados por serem especialistas no restauro de moinhos de vela triangular, rara nos Açores. Uma excelente recuperação do património histórico.

Outra prova de que o mundo é redondamente pequeno, no nosso semirrígido e na carrinha ao Caldeirão do Corvo vinha um casal de idade e um filho trintão, que descobrimos serem a irmã, cunhado e sobrinho do (então) secretário regional da cultura Luiz Fagundes Duarte.

No resto da curta estadia de meio dia no Corvo houve passeio a pé pela pequena vila, entrecortado por um almoço na *Traineira*, único restaurante em funcionamento, com 4 pratos e sobremesa ao custo de 8,50€ PAX. Muito calor preencheu a estadia. Antes de embarcarmos tivemos uma oportunidade excepcional de observar a manobra de carga de gado para o navio que viera de manhã com mantimentos. Curioso ver a vaca transbordada. Dantes era bem pior e mais desconfortável para os animais...



carabelho

Degradação do parque habitacional do Corvo



Moinhos do Corvo, um ex-líbris



Transporte de gado agora no Porto da Casa e dantes

GRUTAS E ROCHAS NA COSTA DAS FLORES



¹⁵⁷ Apesar de não ser nativo dos Açores, senti-me irmanado de um açorianismo que me levava a considerar conterrâneo daqueles dois vizinhos. Era quase como ver familiares num país distante.

ROCHA DOS BORDÕES CALDEIRAS FUNDA E COMPRIDA NÃO SÃO OS BORDÕES. (MORRO DOS FRADES)

A viagem de regresso foi mais agitada, contra o vento e ondulação mais forte forçando o semirrígido a bater bem na mareação.

O momento alto surgiria na visita a enseadas, ilhotas e espantosas quedas de água em grutas. Senti-me verdadeiramente transportado para o cenário de Os Salteadores da Arca Perdida...

Uma rocha furada em círculo evocava o dedo de deus na costa de Toledo no norte de S. Jorge, mas havia outras peças da arquitetura da natureza com uma beleza que só ela consegue.

Misturar uma queda de água à entrada de uma gruta é de uma suprema beleza que nenhuma obra humana consegue superar.

Noutro caso, uma gruta aberta dos dois lados (quase dava para o barco passar em ambas as entradas) a montanha descendo ao nível do mar, interrompendo o maciço rochoso para águas de um azul-turquesa, mais próprio dos Orientes exóticos e do Pacífico, criando uma enorme mancha à superfície.

A natureza não parava de nos surpreender com belas imagens. Havia formações rochosas com formato e feições de animais, sempre com o pano de fundo, da bota do Corvo, de um lado, e do outro, a pipoca das Flores.

Nessa tarde repetimos o jantar, no restaurante Rosa, a 14.00€ PAX.

[interrompem-me os cigarros com os cânticos de velhas rezingonas, parece que falam ou ralam entre si, e depois surge outro no meio da conversa, seu intrometido, com um cântico diferente, antes de todos se calarem por instantes, e recomeçarem a agitada conversação...adoro esta fofoca de cigarros]

134.3.3. FLORES TURISMO 28 agosto 2013

As imagens¹⁵⁸ falam melhor do que as palavras que perdi quando vi o segundo amanhecer dia 28. O sol ainda mais belo, num céu quase desprovido de nuvens. Glorioso dia nas Flores, quando nos fizemos à estrada para conhecer os seus mil e um recantos encantadores.

Fomos ao Monte, visitamos o parque florestal¹⁵⁹ Paulo Camacho onde vimos gamos, oito subespécies de faisões, galinholas, codornizes, pavões, melros, patos, gansos, coelhos, árvores nativas e invasoras, devidamente assinaladas. e um viveiro de truta arco-íris. Um local extremamente bem tratado, com facilidades para piquenique e crianças, a minutos de Sta. Cruz.

Descemos à Ponta Ruiva, numa estrada nova, curiosamente marcada a tinta branca no pavimento, com dizeres alusivos aos abusos do Presidente da Junta. Esta manifestação pictográfica prolongava-se por centenas de metros listando todos os alegados abusos. Uma forma original de campanha eleitoral.

Subimos aos Cedros (mais um nome que se repete de ilha para ilha, numa total falta de originalidade toponímica) sem nada a assinalar exceto o facto de podermos ver bem como era delgada a Ponta Delgada das Flores, numa fajã até ao Farol (da Ponta) de Albernaz, de 1925, com muitas semelhanças ao derrocado Farol da Ribeirinha, Faial, atingido pelo sismo de 1998, embora este tivesse só um piso com uma espraiada vista sob a costa oeste. Uma criança bem pequena deliciava-se numa minipiscina transparente, enquanto o resto do pessoal em serviço no Farol, se mantinha circunspeto, impedindo que nos abeirássemos e pedíssemos autorização para visitar o Farol mais ocidental da Europa.

Dali avistamos o ilhéu de Maria Vaz, antes de subir a estrada de terra batida para o Pico da Burriinha. A estrada marginava a caldeirinha, uma pequena lagoa perto da Vigia da Rocha Negra...descemos depois pela Estrada dos Morros rumo às Fajãs.

Dado ser hora de almoço rumou-se à Fajãzinha, onde há 18 meses ocorreram trágicos desabamentos de terras e inundações, causadas pela Ribeira Grande, sendo as derrocadas visíveis do Miradouro Craveiro Lopes, sobre cinco ou seis quedas de água magistrais que alimentam a Ribeira do Ferreiro e Ribeira Grande.

Na Fajãzinha fomos experimentar o afamado Restaurante Pôr-do-Sol, com decoração típica, recheada de instrumentos e artefactos da primeira metade do século passado, desde telefones a ferros de brunir, lamparinas, rádios, etc. Excelente e saborosa comida com vista que promete inolvidáveis momentos no pôr-do-sol. O preço de 14.00€ PAX foi apropriado ao ambiente e comida.

Após o almoço, vista a pequena praia rochosa, desviamos para a recuperada Aldeia da Cuada, maior do que imaginava, um lugar à medida do isolamento das Flores. Abandonada nos anos 60, quando os

158 não perca as fotos nas Flores e Corvo https://www.youtube.com/watch?v=FrF_9UrceZc ou em <https://www.lusofonias.net/a%C3%A7ores/flores/1874-00-diaporama-flores-e-corvo-chrys-2013.html>

159 (antiga Reserva Florestal da Fazenda de Sta. Cruz)

habitantes emigraram para a América, a Aldeia foi recuperada por Teotónia e Carlos Silva que sabiamente ali se estabeleceram, fazendo a ligação entre passado e presente, recuperando a traça rural das casas de pedra e adaptando-as às atuais necessidades com eletricidade e casas de banho.

Está rodeada de loureiros com o perfume adocicado da cana roca. Existe mais de dezena e meia de casas recuperadas na aldeia ecológica, privada e com a proibição de fumar dentro dela. Por isso, não me demorei muito...

Dali partimos para a Fajã Grande que impressionou por ser bem maior, bem pintada e tratada, com muitas casas em bom estado de conservação, mansões modernas e uma avenida à beira-mar, rodeando a enorme extensão de lava negra, semelhante à do Pico (Cachorro e Lajedo,) coberta de pequenos pontos verdes, plantas que teimaram em crescer no seio da rocha na praia sem areia.

Depois, rumo a Mosteiro, para, de seguida, sermos confrontados com o impacto da magistral Rocha dos Bordões, formação geológica de enormes colunas de basalto, no Cabo Baixo das Casas. Imponente acidente geológico, único do género nos Açores, notabilizado pela solidificação da rocha em altas colunas prismáticas verticais, de forma alongada. Junto do sopé existe uma singularidade geológica a que foi dado simplesmente o nome de Águas Quentes, caldeiras ferventes de água sulfurosa de pequena dimensão.

Estávamos em pleno coração da ilha, com a Caldeira Funda e a Caldeira Comprida, seguidas da Caldeira Seca e da Caldeira Branca.

O Vale do Pico dos Sete Pés impressiona. Aliás, esta ilha cuja altitude máxima é de 915 m. no Morro Alto, deixa a sensação de ter a maior parte das suas belezas lá nas alturas, por vezes, assustadoras com estradas estreitas orlando descidas a pique para o mar...

Passámos pela Testa da Igreja, um acidente geológico a 812 metros de altitude perto do Pico da Sé, Morro Alto, Pico da Burrinha e Pico dos Sete Pés. Ali nasce a Ribeira de Badanela.

As Flores são uma ilha bem ativa, maior do que parece pelas suas dimensões, majestosa nos seus vales e sobranceira nas suas elevações.

Descemos de novo aos Cedros sem se perder de vista o Corvo.

Enquanto escrevia chegou o *Zodiac*, que ontem nos levou ao Corvo, e apetecia perguntar, “*viram algum golfinho ou cetáceo?*” ... decerto que não, publicidade enganosa... Vinha também (como nos outros dias) uma pequena traineira lançar as redes, na enseada em frente ao Hotel, para de manhã voltar e recolher o peixe pequeno que servirá de isco para o atum.

Antes de nos deitarmos, bandos de cagarros cantavam a sua melopeia estranha e nós resolvemos fazer uma experiência. Colocamos na varanda o som da gravação que fizemos dos cagarros de Sta. Maria (ou seria de São Jorge?), mas os resultados foram o oposto do desejado. Amedrontados, estes cagarros desapareceram todos, silenciosamente, da ameaça gravada.

Seria sintoma de que não entendem a fala dos de Sta. Maria? Seria por temerem outros bandos que não reconheciam? Também nos cagarros haveria o bairrismo que separa as ilhas do arquipélago? Seria caso para levar os bairrismos a um extremo, no mundo animal. A dúvida fica para um ornitólogo resolver. Ao jantar, repetimos o *Boston Hambúrguer* onde pagamos 5,65€ PAX.

134.3.4. FLORES TURISMO 29 agosto 2013

Na manhã de 29 houve novo nascer do sol, diferente dos anteriores com uma estreita e longa camada de nuvens pairando no horizonte. Começou a mostrar-se entre as nuvens, ora se descobrindo, ora se escondendo. O mar continuava o calmo marulhar de plácidas águas e os pombos e pardais debicavam migalhas no jardim do Hotel em frente ao salão de jantar. Este bucolismo de acordar a dez metros do mar em frente a um rochedo com outrotanto de altura, coberto de urze é uma imagem que decerto vai perdurar.

Se ontem víramos centenas de melros em todas as estradas e uma dezena de coelhos bravos de pequeno porte, esta manhã só se ouviam pardais. Não vimos um único milhafre que são frequentes nas ilhas orientais. Investiguei e não existem aqui aves de rapina [no Corvo e Flores não existe esta espécie].

Na varanda virada a oriente existem rochedos, desprovidos de verduras e com reentrâncias onde a água faz poças, constantemente renovadas, onde pequenas ondas se entrecrocavam, com pequenos leixões ou farilhões, entre dois rochedos. Apesar da maior parte dos ilhéus florentinos terem nomes, estes são demasiado pequenos para batismo. O de maior vegetação podia ser o Ilhéu dos Cagarros (existem vários ninhos) e o outro seria o das Poças por ter o que fez salientar o facto de já não conseguir recordar o princípio dos vasos comunicantes da Física, que ali estava em plena demonstração, ao vivo e em direto.

Em frente, o Corvo desperta, leve e lentamente, já banhado pelo sol nascente, e assim permanecerá até ao ocaso. A depressão de terreno junto ao mar é - de facto - o único local da ilha suficientemente recortado para ter sol todo o dia no verão. Também é o menos inóspito de todos e quem sabe se não foi essa exposição ao sol o que levou a que os habitantes inicialmente se fixassem aqui?

Podia ficar neste belo ponto do mapa a desfrutar a paisagem e aguardar o inverno com ondas de 8 a 10 m. que devem banhar a piscina e o jardim por baixo da varanda da suíte.

Sta. Cruz das Flores, um dos locais mais ocidentais da Europa, que está mais perto do Canadá e dos EUA, para uma pessoa como eu se perder na alvura das páginas e debitar lirismo.

Desde Timor (1974-1975) que não vivia tão perto do mar (em Macau a distância do delta era um pouco maior, uma avenida e um passeio). Em Timor havia bem perto de casa a lenda do crocodilo sagrado, que criou a ilha, aqui poderíamos criar a lenda dos cagarros como progenitores da ilha florida.

Acabemos com a divagação, o pequeno-almoço chama. Sonhar ainda é gratuito e o governo não instituiu nenhuma taxa.

O Hotel (Inatel) de 4 estrelas é decorado com fotos a preto e branco, de tamanho variável, da vida subaquática (autor Nuno Sá, fotógrafo consagrado). Parabéns pela bela decoração.

Saindo de Sta. Cruz na direção sul, tivemos a sorte de ver um avião Q 400 Bombardier da SATA a aterrar no horário habitual das dez horas da manhã.

Seguimos para o impressionante Miradouro da Fajã do Conde, bem pequenina lá no fundo, do outro lado do Morro de Sta. Cruz e cujo acesso nem quero imaginar, embora parecesse haver estrada Fomos pela estrada que corta a ilha ao meio, passando pelo Pico da Casinha e Miradouro, bem como inúmeros outros até chegarmos à Caldeira da Lomba, já visivelmente eutrofizada.

Depois, entre a Lomba da Vaca e o Pico do Touro, passamos pelo Morro dos Frades, tornando a ver, de outro ângulo, as Lagoas Funda e Comprida., seguidas da Funda e Rasa antes de descer.

O pior foi no caminho da Costa do Lajedo (Ponta das Cantarinhas, Águas Quentes, e Ponta Negra). Todo o monte era alvo de enorme intervenção, provável reposição de taludes e realinhamento da estrada por efeito de derrocada. O piso em terra estava em obras, mal passava um carro, entre o abismo e os montes de brita na parte do talude. O carro resvalava e fizemos a 5 km/h aqueles metros, tentando não deslizar, sem o poder controlar, o declive ao lado, a centímetros das rodas...foi assustador..., mas não havia alternativa, para trás nem pensar e para a frente eram 30 m. sobre metros de brita solta.

Depois de tanto esforço nada havia de relevante no Lajedo que merecesse o susto, local muito quente e pequeno, de ruas e vielas estreitas, casas inclinadas pela subsucção das placas onde está assente, afundando-se lentamente. Foi dos sítios onde mais se notava o deslizamento do solo, e os telhados inclinados face ao nível da rua, sinal de que as fundações estavam a abater.

Saímos por outra via, asphaltada, desistindo de ir à Rocha Alta e à Costa, apesar de termos entrado quilómetros por essas estradas adentro, com montes abruptos e sempre muito íngremes, em que tão depressa se está ao nível do mar como se roda a 600 metros de altitude.

Após o Pico Negro seguimos pela maior reta da ilha rumo às Lajes, e à minúscula praia da Calheta. Esta mania de duplicar os nomes de outras ilhas e até da mesma: Fazenda (de Sta. Cruz das Flores) e Fazenda (das Lajes das Flores), Monte de Sta. Cruz e Monte das Lajes...duas Lagoas ou Caldeiras Fundas, uma ao lado da Comprida e a outra ao lado da Rasa. Confusos? Também nós.

Passou-se pela Fazenda das Lajes sem descer à Ponta do Capitão, na Lomba sem se ir às Portas da Fajã, nem à Furna dos Incharéus, à Furna Jorge ou à Ponta da Caveira e rapidamente estávamos em Sta. Cruz, sãos e salvos.

Constateram que a GALP há dias que tem as bombas fora de serviço (avariadas ou sem combustível?) e tivemos de ir ao outro lado do aeroporto, à Azoria, reabastecer (meio depósito para mais de 300 km). Não sei haveria mais postos, mas não os vi pelos caminhos que percorremos.

Os bares, snack-bares e restaurantes nas Lajes não me agradaram, vá-se lá saber por quê, e escolhi a *Casa do Rei*, restaurante de uma alemã, na entrada da vila das Lajes, com vegetais biológicos ou orgânicos. Apesar de só abrir ao público pelas 18 horas, com amabilidade e gentileza inolvidáveis, condescendeu em servir-nos. Pouco depois entrava outro casal (que reconhecemos, por estarem hospedados no Hotel) e depois mais outro. A comida, esmerada e saborosa foi rapidamente servida, mal a dona a acabara de confeccionar. A casa rústica em pedra, de teto antigo com claraboias e paredes de tabique, estava bem decorada, música dos anos 60 (*Simon & Garfunkel, Joan Baez, etc.*) oito mesas e capacidade para 30 pessoas. O preço 14.00€ PAX valeu a pena.

Mais uma vez constatei, no quarto, que as mulheres da limpeza não tinham esvaziado nem lavado o cinzeiro de água. Pergunto-me se o sindicato do pessoal técnico de higiene da indústria hoteleira (ou lá como se chama) será antitabagista e as proíbe de limpar cinzeiros ou se é mera incúria das senhoras. Pequenos detalhes que nunca me escapam para depois os reportar ao Trip Advisor.

A tarde avança, mãe e filho deliciam-se, como ontem, na solarenga piscina do Hotel. Hoje, as temperaturas rondam, outra vez, os 30 °C nas Lajes, mas aqui apenas 24 °C. Antes de sair das Lajes andamos em busca de Artesanato, mas o único local apenas tinha mantas de retalhos e bordados (tipo *Doyles*).

Acabamos por descobrir o Museu Etnográfico numa casa tradicional, bem restaurada, cheia de utensílios e mobílias de tempos idos, numa bela coleção. No rés-do-chão uma oficina de carpintaria e outros mesteres com equipamentos de várias eras e apetrechos agrícolas de antanho.

Mais abaixo, a Câmara Municipal recuperara outra casa onde outrora funcionara uma Manteigaria e Queijaria. Ali observámos como se fazia manteiga e queijo em moldes artesanais, um belo exemplo de preservação da memória e da cultura do povo.

*A nossa guia oficial era micalense, como pudemos logo constatar ao ouvir “papeles” e a difícil conjugação verbal que troca **am** por **em** (levarem em vez de levaram) ... A miúda, deslocada nas Flores há dois anos, tão solícita e prestável que nem tivemos coragem de a corrigir, orgulhosa da herança micalense.*

E assim terminam cinco dias de descanso anual no Grupo Ocidental, com o pesar habitual de serem curtos, mas com a satisfação de servirem de recompensa para um ano difícil de trabalho, de tempo invernal inclemente e a continuação do ataque governamental aos assalariados e pensionistas.

No regresso à dura realidade, levamos na retina imagens de uma ilha diferente das que já conhecemos. Recordaremos as milhentas subidas íngremes e descidas assustadoras, muitas vezes sem “*safety rails*” (de proteção), nem renques de hortênsias a separarem-nos dos abismos, a pique sobre fajãs, e lugarejos perdidos da ilha pontilhada, aqui e ali, por casas habitadas e gentes ciosas da sua ilha e das suas origens. Uma ilha cheia de flores com muita água a cair dos inúmeros picos.

Terra de contrastes, pejada de subidas e descidas com montes e mais montes, que pareciam mais altos, vales profundos, fajãs, pequenos bosques, montes sem vegetação, estranhas formações vulcânicas como a majestosa Rocha dos Bordões e outras aparentemente semelhantes mas geologicamente distintas, o impressionante Miradouro Craveiro Lopes rodeando cascatas, quebradas e derrocadas, o vale costeiro ou fajã sob o miradouro suspenso da Fajã do Conde, tudo lembrava a resiliência das gentes, a sua fragilidade perante os onnipotentes elementos.

Há uma coisa que parece faltar nesta ilha. Apesar das muitas estradas e caminhos municipais razoavelmente asfaltados, para tão pouca gente, pela omnipresente Tecnovia, apesar de algumas construções modernas (o futuro centro Cultural das Lajes em acabamento), parece faltar massa crítica capaz de promover um maior desenvolvimento económico que liberte a ilha da estagnação e da sangria da saída dos jovens.

É imperioso criar condições para que não sejam obrigados a emigrar para ilhas maiores com maiores oportunidades. É preciso reinventar formas de os fixar sem ser nos meses mais buliçosos de verão e turismo (junho a setembro).

A continuar assim e à medida que a população envelhece, sem que os jovens aqui se fixem, arriscamos a assistir ao lento despovoamento e à inviabilidade económica das ilhas mais pequenas, tanto mais que o governo central (e agora também o Governo Regional) insiste em fechar serviços e valências desde correios a tribunais, finanças e centros de saúde.

O único artesanato, em vias de extinção, era o de mantas de retalhos e bordados sem grande imaginação e menor variedade, como nos explicou uma setuagenária nas Lajes na única loja de artesanato visível e anunciada.

É pena que a arte e a tradição do artesanato se estejam a perder sem haver quem siga as suas pisadas.

Por outro lado, esta ilha e a do Corvo são sempre as sacrificadas quando há avarias de barcos no verão, e no inverno são as dificuldades próprias destes mares que obrigam a ficarem, por vezes, semanas, sem receberem mantimentos e ligações ao exterior. Custa-me imaginar que todos os esforços e abnegação deste esforçado povo, ao longo de cinco séculos, se venha a perder e se possa caminhar para o fim da civilização florentina açoriana.

É uma pena imaginar que um dia - num futuro não tão distante como parece - estas ilhas sejam como as casas da Aldeia da Cuada, à espera de uns italianos, alemães, holandeses, portugueses ou outros, que venham cá para as comprarem e tornarem rentáveis.

Não tenho poder, nem financiamento, - nem mesmo ideias - capazes de alterarem este rumo, mas as ilhas menores do arquipélago rumam lentamente para uma eventual extinção. É uma pena que locais paradisíacos como este, que tantos escritores de valor produziram, não possam gerar uma espécie humana que os viabilize economicamente, sem se tornarem em cidades-casino como Macau ou pujantes como Singapura (e Hong-Kong), mas sem alma.

Serei o último moicano ou o último abencerragem da geração romântica? Espero que não e que estas ilhas possam progredir e viver em economia plena, responsável e sustentável, bem como as restantes.

Enquanto me preocupo com o seu futuro, de casa em S. Miguel dizem que a cadela Leoa está bem, e chega a notícia do dia, da semana, do mês, do ano, a ida, ontem à noite, do cantor popularucho, o celebrado cantante pimba Quim Barreiros, à Lomba da Maia, provocando engarrafamentos e uma avalanche de gente, como nem os idosos conseguem recordar. Jamais se registou um evento desta magnitude, o que ilustra o povo que temos, e diferentes noções de cultura.

Quem me ler pode chamar-me elitista.

Desde o Coliseu de Roma que o povo sempre preferiu este tipo de “cultura”. Não sei quem patrocinou a vinda do “cantante”¹⁶⁰ mas deve ter custado uns milhares de Euros, e, em véspera de eleições, pode ser voto certo. Um investimento de excelente retorno, dirão os profissionais da política.

Infelizmente, neste mundo, Quim Barreiros, Tony Carreira e outros, mexem com a pequena economia - a dos pobres - sem trazerem valor acrescentado à macroeconomia local ou regional. Se bem que o valor da sua atração se possa medir em votos, nada irá acrescentar para o futuro e sobrevivência das ilhas e dos enormes desafios da pobreza, desemprego, alcoolismo, droga e criminalidade crescentes que, lentamente, corroem o tecido social que manteve o arquipélago imutável ao longo dos séculos. Infelizmente, estes “circos” populares ou popularuchos servem para opiar o povo iletrado, inculto e ignorante que vota nos que melhor o exploram.

Este novo tipo de feudalismo e de escravatura visa perpetuar o fosso entre os que “têm” e os que não alcançam a alforria. A massificação da cultura “dita popular” versus a redução abrupta dos orçamentos culturais (artes em geral, teatro, literatura, etc.) perpetua o mínimo denominador comum de iliteracia. Um povo iletrado não pode ser livre nem preserva a sua autonomia, antes permanece subjugado e submisso aos que o espezinham. Eu aqui, na Ilha das Flores, preocupado com o futuro que ameaça tornar-se uma repetição do passado: os senhores nos seus castelos e os servos da gleba esmifrando as migalhas que lhes atiram das ameias, eternamente gratos, de chapéu na mão a agradecer tanta benesse e caridade.

Claro que, nem o país, nem as ilhas progredirão, pois, a manutenção do “status quo” preserva a ordem estabelecida. Pessoas como eu nem chegam a merecer convite para bobos da Corte. A crítica mordaz da alienação não agrada aos que são objeto da sátira e da jocosidade, de quem vê o mundo numa moldura maior do que as mentes tacanhas dos que detêm o poder.

Até nisto a História se repete e poucos foram os que, do olvido e da lei da morte, se libertaram, numa paráfrase livre desse épico Camões.

Resta lavrar aqui o meu desacordo e continuar a sonhar com a utopia (sempre inconseguida) de um mundo melhor, mais justo, mais equitativo, que é exatamente o oposto daquilo a que assistimos nas últimas décadas. Possa eu continuar a contar livremente esses sonhos e utopias, sinal de que os senhores do mundo ainda não calaram todas as vozes.

Aqui não é o Haiti (como dizia o Caetano Veloso) nem a Coreia do Norte e ainda tenho liberdade de pensar e de me exprimir. O meu voto continua sem estar à venda mesmo que o seu valor seja meramente estatístico e não garanta nenhuma representatividade eleitoral.

Controlado, vigiado, escutado, analisado e dissecado vou resistir enquanto puder (i.e., enquanto viver) a ser um mero píxel nos ecrãs dos controladores globais que nos programam a seu bel-prazer e não será pelo medo que estragarão os momentos livres e felizes que passei aqui no grupo ocidental dos Açores.

¹⁶⁰ Vim posteriormente a saber que tinha sido a junta de freguesia liderada ainda pelo meu senhorio, em fim de mandato, e que foram despendidos 17 mil euros...nem comento... e mesmo assim o candidato a presidente da junta iria perder as eleições por dois votos!

134.3.5. FLORES TURISMO 30 agosto 2013

Acordei como habitualmente pelas 07:15 e aguardei o aparecimento do astro-rei. Este Hotel subestima o nascer do sol e devia fazer dele um cartão-de-visita. Tal como noutros dias, sou o único hóspede a pé a esta hora e a ver o sol nascer. Este sentimento de partilhar com ele um novo dia, com a vista do Atlântico Norte sobre a Ilha do Corvo, cria um estado de espírito revigorado, dando alento para enfrentar as agruras quotidianas, sendo para mim a maior, esta noção de imponderabilidade terrena balanceada com a certeza de ter de deixar a ilha hoje.

Como costume dizer, sou infiel ao arquipélago. De cada vez que conheço outra ilha apetece-me deixar tudo para trás e viver nela. Admito que o rochedo do Corvo é demasiado pequeno e inóspito, mas nas Flores (pouco maiores do que Sta. Maria) não sinto a claustrofobia das ilhas pequenas. O acidentado terreno, a variedade geomórfica e o sentimento de inspiração criativa fazem dela uma ilha onde poderia viver, tal como vivo na Lomba da Maia.

Há também uma atração telúrica aliada à companhia permanente do Corvo na metade oriental da ilha. A outra metade virada ao continente norte-americano não tem a mesma atração. Sei que vou deixar as duas, mas farei como outros: levarei um pouco delas comigo, farão parte da minha bagagem como Sta. Maria 2006-2011, Faial e Pico 2007-2011, S Jorge 2008. Em todas me revejo um pouco, em todas me sinto em casa o que explica 25 páginas manuscritas em 4 dias.

As Lajes (das Flores) têm 70 km² e 1502 habitantes divididos por sete freguesias, enquanto Sta. Cruz tem 72 km² e 2493 pessoas em 4 freguesias. Distam 283 km de S. Miguel, 336 de Sta. Maria, 192 km da Terceira, 150 km da Graciosa, 144 km de S. Jorge, 135 km do Pico e 13 do Corvo.

Sou, de facto, um ilhéu (e apesar de a pátria estar em Sydney e a mátria em Bragança de montes e neves), a minha vida é indissociável das sete ilhas, que conheço e adotei, como se fossem minhas desde a memória inicial dos tempos (falta a Graciosa e a Terceira). Afinal, não é preciso nascer-se nos Açores para se ser açoriano. S. Miguel começa a ter os mesmos problemas de Portugal enquanto as ilhas mais pequenas, com menos serviços públicos, menos gente e menos valias culturais, continuam pequenos paraísos por descobrir, onde, se sente que o tempo parou, mas é possível coexistir com os nativos e partilhar as suas belezas. Ainda se tem a sensação de estar longe do mundo e dos seus problemas, que a vida em paz parece possível, e nesta idade, viver em paz é um bem demasiado precioso para se desperdiçar.

No fundo, em S. Miguel, na Lomba da Maia, vivo recluso no meu “castelo” mantendo uma política de boa vizinhança com os que me rodeiam, sem que interfiram na minha vida ou eu na deles... esse equilíbrio seria possível nesta ilha ou noutras (à exceção do Corvo com 400 habitantes pois até a Lomba da Maia tem 1200 votantes).

Sinto, por vezes, a falta da família e amigos, de quem gostava de receber mais visitas e mais frequentes, em vez de ser eu a arcar com as despesas dos reencontros.

Há a necessidade de falar, trocar ideias e impressões com outros seres vivos, que partilham de alguma da minha inquietude perante o mundo, mas a tranquilidade modorrenta desta vida de expatriado australiano vale bem a pena, enquanto puder ser compensada duas vezes ao ano com os Colóquios da Lusofonia, que sonho trazer às Ilhas do Triângulo e Flores.

Terei de inventar meio de sair das ilhas mais vezes, sem nunca as deixar para trás. Afinal, são Ilhas-Filhas, que trago a reboque, e constituem já a essência do meu ser.

Espero que a vinda às Flores e Corvo sirva de retemperadora inspiração, para mais um inverno cinzento e molhado. Dessas invernias que deprimem e anquilosam a mente e o corpo, irei fazer com que, esta experiência enriquecedora, perdure, dando forças e alento para um novo ano. Não me queixo, a vida tem-me proporcionado vivências inolvidáveis e variadas em todos os cantos do mundo, ao contrário de muitos que nascem e morrem confinados à pequenez das suas mentes ou prisioneiros dos locais onde vivem.

Tal como este mar, rico em peixe, espero que a vida me proporcione a facilidade de pescar novas experiências em mares desconhecidos. O oceano pontilhado de pequenos pontos, barcos de lazer, turismo e pesca, e

de repente, sem ruído, avisto a sombra curva nos céus entre o Corvo e as Flores, do pequeno avião que nos transportará logo. Entrou pelo norte permitindo uma sessão fotográfica diferente.

Sei que a ilha tem condições adversas no inverno, mas esta semana foi divinial, com um mar chão que mais se assemelhava a um lago imenso, tornando as ilhas ainda mais apetecíveis. Este silêncio quase absoluto entrecortado pelo sussurrar do mar sem ondas é revigorante. As borboletas, os zangãos, as pequenas aves saltitando entre os rochedos são uma noção de equilíbrio ancestral, mal se notando a presença humana das 3800 almas que vivem espalhadas pelas duas vilas, aldeias e fajãs, onde a pesca e a agricultura continuam a ser o quotidiano das pessoas, como sempre foram desde que há cinco séculos aqui arribaram.

Deve ser uma santa vida ser controlador de voo nas Flores e no Corvo, sem o stresse de outros locais e idêntico vencimento. É o trabalho do lá vem um...avião. Ser da PSP ou da GNR aqui deve ser uma profissão pacata sem se terem de preocupar com a caça à multa, assaltos, roubos e demais crimes. Não avistamos um só agente nestes dias, e estivemos sentados mais de meia hora num café na praça em frente ao quartel, exceção feita ao Polícia Marítimo a chamar-me a atenção por estar parado em contramão. Mas o que gostava era mesmo ser controlador de voo.

Se não fosse a bandeira azul com estrelas no aeroporto e o uso do Euro, ninguém pensaria que estamos na Europa e não é pelos dois mil quilómetros que nos separam da terra firme, mas pela diferença de paradigmas de vida, pelo ritmo cadenciado, pelas ondas e marés e não pelos ditames da burocracia. A identidade insular é distinta da portuguesa e para se cumprir falta apenas a vivência de uma autonomia plena que corte as amarras ao continente.

Pertence o arquipélago à Europa por mera e fortuita coincidência geopolítica, mas a alma das ilhas está equidistante de Américas e Europa. Ainda vou acabar por me naturalizar açoriano! Por outro lado, os jovens terão de emigrar para terem futuro, como era o caso do jovem especializado em Agronomia com mestrado completo, que nos atendeu no aluguer de carros, e nos disse da paixão pela Austrália (que incentivei, pois lá terá muitos mais hipóteses). Mais um caso de subemprego ou desemprego camuflado dos jovens. Quem sabe se um dia não estarei a traduzir o seu processo de emigração?

Como atrás disse, se não forem criadas condições de fixação de jovens a única saída que lhes resta é a emigração.... Foi ele que nos disse que as rachas na estrada da Fajãzinha não se deviam a qualquer sismo, mas ao mero aluimento de terras, ameaça constante que pode lançar a Freguesia no mar. Depois das inundações e derrocadas de fevereiro 2012, as estradas foram reconstruídas, mas estão a ceder. O mesmo acontece no Lajedo, pelo que a longo prazo estão condenadas a desaparecer levadas pelo mar. Agora entendendo o que na altura me deixou surpreso, que era ver casas com o telhado inclinado em relação ao nível da rua. Pensei que fosse defeito de fabrico, mas afinal era um mero aluimento progressivo (e constante) dos solos. Embora a Igreja e várias casas tivessem sido recuperadas depois das inundações (que deixaram a Fajãzinha isolada vários dias e obrigaram à evacuação da população) havia muitas habitações que apresentavam rachas e fissuras proveniente do lento deslizamento dos solos. As brechas no piso das estradas, algumas bem largas, prenunciam mais sofrimento e dor para as gentes da Fajãzinha.

No último dia houve várias estradas que deixamos de percorrer, algumas demasiado estreitas, a pique sobre o mar, centenas de metros abaixo..., e, francamente, gosto de descer suavemente até às fajãs. Noutras, como a subida do Farol de Albernaz para o Morro da Burra, íamos afastados do precipício, encostados ao morro na contramão. Cá em baixo o ilhéu de Maria Vaz, a Quebrada Nova e a Ponta dos Fanais. Tudo a pique, em declive a direito para as ondas, e pequenas fajãs lá em baixo e sabemos como nascem as fajãs.... a noção que perdura é a dos montes altos, sobem-se 300 metros em poucos quilómetros íngremes.

Não há muitas casas isoladas, como em Sta. Maria, agrupam-se em aldeamentos pequenos, mas coesos, sem a dispersão doutras ilhas. Talvez pela inclemência dos elementos tivessem necessidade de permanecer agrupados, segurança em números.

Ao contrário de outras ilhas, constatei a falta generalizada de crianças e de jovens. A maioria das pessoas eram já de certa idade. Começa a ser visível o envelhecimento populacional. Ainda hoje o secretário da educação, Luiz Fagundes Duarte referia haver menos 853 alunos este ano, tendência redutora que se verifica na última década. Começam a desaparecer as famílias numerosas de seis a dez filhos que eram normais na geração anterior.... Menos alunos significam menos professores, menos escolas, menos serviços, menos economia, menos contribuições fiscais e menos riqueza na região. O envelhecimento geracional e outros fatores pode conduzir à extinção das espécies, neste caso do povo açoriano, que nem atinge 250 mil pessoas nas ilhas embora sejam uns milhões expatriados. No entanto, em alturas de crise os nascimentos disparam, e resta esperar que a enorme crise traga um acréscimo de natalidade.



CRÓNICA 135. CIRURGIA INDISPENSÁVEL E VISITAS AUSTRALIANAS. 18-24 novº 2013

135.1. CIRURGIA ADIADA

Acordei cedo e em jejum como recomendado pela anestesista. Tive três dias para me mentalizar que a operação a uma catarata era um ato cirúrgico, tão normal como lavar os dentes. Estava calmo, mas sequioso, pois disseram para nada comer nem beber (nem água) depois da meia-noite. O dia ia nascer cinzento, mas de teto alto, que não é tão deprimente. A viagem para a cidade, capital da ilha, fez-se sem movimento, pois àquela hora já os vaqueiros tinham saído para as pastagens a mungir as vacas.

No Hospital (HDES) ainda não era chegado o bulício e encontrei lugar para estacionar em frente à porta do Hospital de dia. Cumprida a formalidade do autocolante para a acompanhante e fumados uns cigarros (que a manhã prometia ser longa) entramos para a cirurgia de ambulatório de oftalmologia. Passado pouco, uma enfermeira veio deitar umas gotas no olho a operar, depois outro enfermeiro disse que chegáramos cedo demais, a cirurgia estava marcada para as 11.00...seria o último de seis operados nesta manhã. Assim, fomos fazer o que havia para fazer depois da operação, tal como comprar mantimentos, quando o telefone toca. Era do Hospital. Admirei-me, ainda não eram dez horas e já me estavam a chamar? Ledo engano, o microscópio eletrónico havia avariado logo após a primeira cirurgia e a minha fora adiada *sine dia*... Tanto esforço para nada. A lista de espera é de mais de dois anos, e pedira ao oftalmologista e cirurgião (Luís Lima, primo do Urbano Bettencourt) compreensão para a cegueira galopante do olho esquerdo (menos de 10% de visão) e conseguira antecipar a minha vez...

O pior é que os hospitais dos Açores devem 60 milhões de Euros aos fornecedores e se o aparelho não for reparado localmente...terão de começar a pagar contas antes de o fornecedor o substituir ou arranjar. Coisa demorada. Na clínica do Bom Jesus há um igual ou parecido, mas como é privada e cobram bem (2500.00€ por cada olho) ...disseram-me que quando avariava, o técnico do raio-X o ia reparar. Esperemos que seja este o caso. Sei que milhares de pessoas recorreram a esta cirurgia banal, mas não deixo de me lembrar de seis doentes que no Hospital de Sta. Maria em Lisboa ficaram cegos por um mau medicamento que lhes foi ministrado... 99,9% dos outros ficaram bons..., mas aqueles ficaram cegos. Conformado, terei de aguardar a vez. Este problema tem tido um efeito pernicioso na minha psique e inspiração, limita as atividades diárias com a visão limitada a metade do ângulo...por isso se passaram meses desde a última Crónica que celebrava uns dias de férias...

Férias terminadas em acidente, pois logo que chegamos das Flores a minha mulher resolveu inovar e partiu o pulso em dois locais, ao subir as escadas para a falsa! A descer muita gente parte ossos, mas a subir, é obra. (Mais tarde soube-se que era já a maldita osteoporose que tanto a iria afetar). Meteram-lhe gesso que durou mês e meio e anda agora a recuperar lentamente o uso da mão esquerda ainda sem a força que tinha dantes.

135.2. VISITANTES DA AUSTRÁLIA

Passados poucos dias a começos de setembro, e tal como longamente antecipado, desejado e previsto chegaram o Frank (Xi Zé) e a Ana Lúcia, vindos de Sydney, amigos de há décadas, que iríamos rever depois de um hiato de dez anos. Mal desembarcaram iniciou-se a correria louca para lhes mostrar o máximo possível da ilha - tiveram sorte com o tempo pois (acabados de chegar) deu para ver as Sete Cidades e a Lagoa do Fogo, ambas sem nevoeiro nem nuvens baixas. Ao longo de cinco dias mataram-se saudades, deu-se a conhecer a ilha (tanto os encantou que começaram a ver preços de casas para viverem cá quando se reformarem). As Furnas e Nordeste eram os preferidos para viverem aqui... Com os meus primos em PDL recordaram locais da Angola natal, reviveram tempos comuns e contactaram com pessoas que a distância da Austrália tinha afastado. As fotos da estadia provam como os Açores, e esta ilha em particular, têm uma magia especial sobre visitantes insuspeitos. É sempre bom rever os poucos amigos que tenho, os especiais, para quem a distância e o tempo deixaram de ter contagens, antes pelo contrário, a ausência serve apenas para fortalecer os laços que são o tecido dessa amizade. Os anos vão e vêm, mas o que nos une fica alicerçado em sementes sólidas. Todos sabemos que conhecidos há muitos e amigos há poucos, a preservar, alimentar e regar com visitas curtas como esta para que seja duradouramente eterna a amizade que não se define nem se categoriza. Obrigado pela visita que forneceu um balão de oxigénio aos dias rarefeitos do quotidiano.



CRÓNICA 136 OH! WHAT TO DO? 3 dezº 2013

Dizia-me pessoa amiga, há dias, vais ver que quando menos se espera entra um maluco pelo parlamento adentro com uma AK-47 dessas que se vendem em qualquer esquina - desata aos tiros e depois suicida-se ou vai viver à nossa custa o resto da vida numa cadeia.... Ingenuamente inquiri, só uma pessoa? Pensei que era metade da população.

Devem andar todos anestesiados e passivos com o excesso de flúor na água potável, se não se precaverem vai acontecer como na Eslováquia, Hungria, França onde a extrema-direita nazi se acerca do poder com xenofobia, excesso de medidas de segurança, fecho de fronteiras, intolerância.

Em Espanha vão multar quem se manifeste e já fecharam uma estação de TV com a polícia de choque.

Nos EUA um Estado vai vigiar os cidadãos através de drones telecomandados e o exército português pediu autorização para a ciberguerra.

A ficção não consegue acompanhar a realidade: um Ministro japonês e a senhora que chefia o FMI clamam que os velhos não podem durar tantos anos. Podem começar a dar o exemplo e desaparecerem da face da terra...

Por toda a parte se ouvem clamores contra o Tribunal Constitucional que veta decisões inconstitucionais do governo, que queria viver sem a Constituição que jurou defender, mas não consegue. Se fosse na Ditadura (1926-1933) era mais fácil. Foi assim que o Salazar governou sem inibições.

O regime saído do golpe de 28 de maio de 1926 tornou-se uma Ditadura Militar ao suspender a Constituição de 1911. Na perspetiva dos militares, porém, a Ditadura não era um regime, sendo necessário instituir um novo regime republicano com nova Constituição. Na eleição direta do Presidente da República, marechal Óscar Carmona em 1928, encontraram a "legitimidade nacional" para elaborar a Constituição referendada em 1933 - o Estado Novo que durou até ao 25 de abril.

A caridadezinha que ora impera em Portugal leva a campanhas do Banco Alimentar que servem para enriquecer os grupos económicos dos supermercados *Pingo Doce* e *Continente*, mas os jornais relatam que alguns beneficiários (Ribeira Grande, S. Miguel) deitam ao lixo o que receberam...

De acordo com estatísticas publicadas na Revista "Time", o que os americanos desperdiçam num dia, em comida, daria para alimentar todos os pobres do planeta durante um ano.

Entrementes, o governo fecha serviços no interior, dilapida o serviço nacional de saúde, a ver se os velhos morrem todos e reduzem a pressão no pagamento de pensões, mas é uma chatice que eles são durões e não há meio de morrerem. Mesmo sem tratamentos, nem medicamentos, nem hospitais, continuam a respirar...enquanto as penhoras não cessam de crescer, as pessoas perdem casas, vencimentos, contas bancárias e os velhos que ajudavam os mais novos veem-se impossibilitados de manter viva a cadeia solidária das famílias.

Entretanto, as medidas transitórias e excepcionais que vieram para ficar são publicadas diariamente no Diário da República, coartando direitos adquiridos e inalienáveis, pervertendo contratos firmados há décadas e substituindo-os por uma mão cheia de nada. Assim se roubam as pensões aos idosos que para elas descontaram e, com base nisso, fizeram os planos de velhice.

O Estado faz tábua rasa desses contratos e considera-as uma benesse do governo. Depois, insatisfeito aumenta impostos, deduções e taxas. Por outro lado, não se cansa de exortar os jovens a emigrarem e assim reduz o desemprego jovem. O outro desemprego não para de crescer, os subsídios cortados até que as pessoas vão para a miséria total, e se transformem em sem-abrigo que a isso o governo os destina.

Há dias houve uma manifestação da polícia subindo as escadarias do parlamento, dias depois o Ministro anuncia promoções na carreira (congeladas em toda a função pública há 3 anos). Claro que é só um osso atirado aos polícias e que os legitima a carregar sobre manifestantes que tentem subir as escadarias do parlamento.

Nas televisões e jornais, desde há uns anos, a técnica de desinformação e lavagem cerebral é a do medo constante, o anúncio de coisas horripilantes para entreter, enquanto se introduzem medidas que acabam com todo o Estado Social, com as réstias de democracia que teimam em perdurar...e o medo alia-se aos despedimentos, as pessoas comem com medo, dormem com medo, sonham com medo e acordam com medo. Incapazes de reagir, nada mais fazem que queixarem-se publicamente no Facebook e redes sociais.

O idoso Mário Soares e outros militares do 25 de abril proclamam a necessidade de se fazer pela força o que as manifestações pacíficas não conseguem..., mas a democracia é assim, e nunca se esqueçam de que Adolf Hitler foi eleito.

A mentira, a manipulação permanente, os negócios e negociatas com amigos e conhecidos, que nem constam dos livros de corrupção, os desfalques e golpes para o erário público, a impunidade, o conluio entre os tribunais e os poderosos leva a que um jovem acusado de roubar (não pagar) 31€ de pizza, tenha direito a julgamento com 3 juizes e a ameaça de pena de 8 anos, enquanto outros crimes maiores prescrevem, levam com penas suspensas, ou pura e simplesmente nem são julgados.

Tudo é legítimo desde que seja roubar em proveito próprio, da banca que os alimenta e dos interesses que os manipulam como títeres.

Civilizações já caíram por menos do que isto, mas esta está a demorar o seu tempo e quando cair não será apenas Portugal, nem a Europa nem os EUA, mas todo o mundo ocidental como o conhecemos. Novas formas de barbárie e de escravatura vão sendo reveladas por entre notícias de xenofobia, discriminação e outras aberrações.

Tudo isto me lembra (para pior) histórias contadas na minha juventude pelo meu pai referindo-se ao período que antecedeu a segunda Guerra Mundial. Este capitalismo selvagem não só ameaça destruir a raça humana como o resto do planeta.

Não foi há muito tempo que o executivo chefe do conglomerado Nestlé, (podia ter sido o da Coca-Cola ou outro), dizia ser necessário privatizar a água de todo o mundo... claro que tomavam conta dela e o povo comprava. Sabe-se que a água é o bem mais essencial do séc. XXI com milhões de pessoas sem acesso ou com acesso limitado a esse bem...

Em Espanha já perseguem os cidadãos que criam redes domésticas de energia, solar ou não, como uma grave infração ao monopólio - oligopólio do fornecimento de energia.

Nos EUA um casal viu destruída a sua horta, que mantinha gloriosamente há 17 anos no jardim de casa, por estar em contravenção da política municipal...

Os ricos e poderosos compram tudo e todos, a começar pelos políticos. Só nos EUA há 400 bilionários que valem 32 triliões de dólares ou seja tanto como 150 milhões de americanos juntos.

Nunca se viu tanta desigualdade em mais de um século e toda fruto da corrupção. Mais tarde ou mais cedo em Portugal (e na Europa), será eleito um governo que tenha a coragem de um ato soberano democrático, recusando a chantagem de austeridade e desobedecendo às regras europeias que bloqueiam tudo menos o neoliberalismo.

Hoje há pessoas pagas pelos partidos, para colocarem comentários críticos nos jornais online e nas redes sociais a quem critica os partidos, os governos e as suas políticas. É a prova que estão em total descrédito e que recebem a opinião séria e responsável.

É Portugal que está em causa, o nosso futuro como povo independente e soberano, não podemos ficar em silêncio quando os partidos, as sociedades secretas e não tão secretas que os sustentam se limitam a liquidar o país, em saldo, até que nada mais reste.

Noutra onda, surgem relatos de “chemtrails”, aquelas nuvens esquisitas que duram uma eternidade e lembram rastros de aviões a jato, mas despejam nanopartículas de alumínio que podem ser responsáveis pelo surgimento de doenças neurodegenerativas como Alzheimer, Parkinson, Lou Gehrig (ALS).

Esta forma de geoengenharia destinada a mudar o clima, a criar chuva e coisas semelhantes existe desde os anos 50, mas não estava na esfera da CIA, NSA e outras agências norte-americanas de segurança nacional...

Se estas técnicas reduzem o aquecimento da atmosfera e aprisionam gases quentes a atmosfera, será bom recordar que o fazem com óxidos de metais de elevada emissão e baixa refletividade como o óxido de alumínio¹⁶¹.

E há a pergunta que gostaria de deixar a todos enquanto os poderosos tentam eternizar a crise para se manterem no poder e retardar a revolução.... fica para outra vez.



161 (ler mais <http://www.collective-evolution.com/2013/11/01/neurosurgeon-voices-health-concerns-over-geoengineering-and-chemtrails/>)

CRÓNICA 137, A SOCIEDADE DA SOLIDÃO I. 5 julho 2014

Começo com a constatação do dia: o ateísmo não preclui a aparição de dores nas cruzes. A contestação do dia é a mesma de sempre, fim ao capitalismo selvagem que, aliado ao eugenismo e malthusianismo decidiu perverter este mundo em que vivo, vai para 65 anos. Já o escrevi antes:

Animais de hábitos, repetimos percursos e tradições que nos permitam qualificar como classe em vias de extinção, a família. Já na Austrália me queixava de desgostar de 3% do que me rodeava, que era a falta de vínculos familiares da maioria das pessoas, mas deparo-me, em Portugal, com idêntica evolução, o dito progresso, que a todos consome e derrama gotas de ácido corrosivo em tecidos centenários que gerações perpetuaram, sem se questionarem. Portugal e a tendência suicida de copiar tudo mau que vem de fora.

O proverbial otimismo consubstanciado na celebrada frase minha “estou vivo, não me queixo,” infelizmente já começa a demonstrar sinais de extrema fadiga, que já não podem ser atribuídos ao inverno rigoroso que se abateu sobre os Açores. A continuada crise de saúde na família tem minado tal otimismo, já abalado pelo “passe-vite” governamental que a todos espreme, a fim de proporcionar aos donos do mundo uma pasta disforme de carne picada, de escravos sem voz nem querer na qual me não revejo.

Sempre trabalhei, fui criador e produtivo. Creio na justa remuneração e não neste alinhamento pelo menor denominador comum. Creio que os improdutos e incompetentes deveriam ser obrigados a terem formação pessoal e profissional adequada e só depois disso deveriam ser dispensados, em vez de se manterem gestores, professores e políticos improdutos e néscios.

*Perguntará o leitor menos esclarecido por que razão incluo professores nesta citação, correndo o risco de repetir a mensagem que deixei nos livros *Crónica Açores: os professores, capazes, bem formados e competentes*, são a base sustentável de um povo democraticamente esclarecido e produtivo. Sem educação não há país. Sem eles criaremos, cada vez mais, ditaduras de países irrelevantes, por mais importantes que aparentemente ser no dia-a-dia.*

Pequenos e irrelevantes países de gente inculta e ignorante predestinada à escravidão. Uma das razões pela qual deixei a prosa descansar nos meses de hibernação deve-se ao facto de não ter digerido bem a constatação de que a realidade virtual em que vivemos há muito excedeu a ficção e os efeitos especiais com que nos bombardeiam diariamente para fazerem crer que afinal existimos. A realidade, porém, é outra, (seria mesmo cómica se não fosse trágica).

Vejamos.

137.1. MONSANTO ACQUIRES RIGHTS TO THE SUN

Creve Coeur, Missouri, June 30 — in a ground-breaking move, Monsanto, a multi-national biotechnology corporation, acquired rights to the sun in a 5-4 decision by the U.S. Supreme Court. The decision, led by Clarence Thomas, was hailed by Monsanto President and CEO Hugh Grant as “good news for food producers, food consumers, and the future of humanity.” The decision allows solar energy used by Monsanto-crop farmland — including solar panels, wind turbines and the like — to be taxed at a rate of 10% per kilowatt hour. Approved in an unprecedented three months, the law will go into effect January 1, 2013. According to the new regulation, any action to “store, reuse or redirect” sunlight will be a prosecutable offense unless authorized by Monsanto.

Falta perguntar a que divindades pagaram eles esse direito universal, depois de terem patenteado a vida, de inserirem genes na cadeia alimentar e agora raptarem o sol de que depende a vida na Terra, para o calor e a fotossíntese. Os EUA já se tinham declarado donos da Lua, agora esta companhia que nos mata e geneticamente nos reprograma em todos os cantos do mundo quer tomar conta do sol?

137.5. COCAÍNA NO SUPERMERCADO. ESTE POVO NÃO PRESTA

Enquanto me preocupava com este problema, capaz de acelerar o crescimento de cãs na fronte, cada vez mais desnuda de apêndices capilares, descobri que as bananas do hipermercado Lidl estavam embaladas com enormes doses de cocaína, o que provocou enorme frémito e genica à Dona Firmininha.

Sinto-me cheia de energia hoje, cacete! Fui ao Lidl cedinho, trouxe bananas porque estava tudo a comprá-las e comi uma no caminho. Depois fui ao mercado, à peixaria e ao sapateiro e estou em casa agora. Vou fazer o almoço, aproveito e faço já o jantar, o almoço de amanhã e se calhar deixo já preparada uma marinada para o fim de semana. Enquanto as batatas cozem aproveito e tricoto uma camisolinha para o

meu neto. E tenho ainda tanta coisa por arrumar, hoje vai tudo a eito. Lavar os tetos, arredar móveis e bater tapetes. Está um belo dia para atividades do lar. Vou comer mais umas bananas que são mesmo boas...

Quase em simultâneo o meu amigo José António Salcedo escrevia:

Pelos montes do Gerês ecoam as músicas pimba emanadas das capelas com instalações sonoras potentes, numa manifestação inadmissível de imbecilidade coletiva, embora as gentes possam imaginar que é abençoada pelos deuses. Como gosto de referir, "A delusion is a delusion". Imagino que o volume do som seja ajustado dada a elevada distância que as superstições locais consideram existir entre a capela e o 'céu' onde pretenderão ver os deuses a dançar. Por mim, imagino-os com rolhas nos ouvidos e planeio o regresso à Noruega, onde o silêncio e a limpeza em Natureza são valores essenciais da sociedade, contrariamente ao que ocorre no Minho, onde nem uma coisa nem outra são apreciadas e, muito menos, mantidas.

Dou o meu acordo, citando Zack Magiezi:

"Causa mortis: traumatismo craniano. Fruto de mergulho profundo em pessoas rasas."

Seria esta a mensagem lapidar para o povo, que apesar da educação massificada continua generalizadamente ignorante, inculto e abúlico, como Eça o definia em 1872:

O ano novo interrogava o ano velho.

- Fale-me agora do povo; pedia o ano novo.

- É um boi que em Portugal se julga um animal muito livre porque não o montam na anca e o desgraçado não se lembra da canga; respondeu o ano velho.

- Mas esse povo nunca se revolta? Insistia o ano novo espantado.

- O povo às vezes tem-se revoltado por conta alheia. Mas por conta própria, nunca; respondia o velho.

- Em resumo, qual é a sua opinião sobre Portugal?

- O povo paga e reza. Paga para ter ministros que não governam, deputados que não legislam e padres que rezam contra ele. (...)

Pagam tudo, pagam para tudo. E como recompensa dão-lhe uma farsa. Este é o povo cretinizado, obtuso, que se arrasta subjugado, sem lamúrias (a não ser à mesa do café enquanto vê o futebol pois a crise não lhe permite ter TV Sport em casa), sem um lamento, sem um gesto de rebeldia, de raiva (nem que seja surda) e muito menos de revolta. Que se deixa levar, indiferente e passivo, por políticos sem escrúpulos, mentirosos congenitamente compulsivos, e por múmias silentes, em estado adiantado de decomposição mental, rodeadas de pompa e circunstância e dezenas de servis conselheiros pagos a preço de ouro para bajularem.

Os pobres (de espírito) alinhavam sempre com os que pareciam ter o poder e assim os legitimavam. Sempre comeram e calaram, gratos pelas migalhas que os senhores feudais jogavam pelas seteiras do castelo quando a turba suplicava para enganar a fome. Este povo inventou a padeira de Aljubarrota, a Maria da Fonte, a Velha da Ladeira (guerras liberais, S. Miguel, Açores) e outras figuras para escamotear o facto de se tratar de uma população perenemente amodorrada e crassa, capaz de aceitar todos os sacrifícios.

Basta atentar na lenda das tripas na defesa de Portucal. Povo de chapéu na mão, e espinha dobrada até a fronte beijar o chão que os senhores feudais pisam, antes de recuarem, gratos e venerandos pelas migalhas, bendizendo a generosidade dos donos.

Eu vivi nesse país, nesse "sítio" de que falava Eça, nessa "piolheira" a que El-Rei Dom Carlos se referia (um país de bananas governado por sacanas), fui governado por gente como o douto Conde de Abrahão "Eu, que sou o governo, fraco, mas hábil, dou aparentemente a soberania ao povo. Mas como a falta de educação o mantém na imbecilidade e o adormecimento da consciência o amolece na indiferença, faço-o exercer essa soberania em meu proveito ..." Ontem como hoje. O verdadeiro esplendor de Portugal.

É por estas e outras que eu e tu, meu caro José António Salcedo, seremos sempre parte intrínseca de uma elite pensante e culta, em total desacordo com quem vota os destinos do país e não adianta queixar-se. Se os ateus - como eu - têm dores nas cruzes, não devemos dizer "a culpa é do tempo". O tempo está bom, nós é que estamos mal... Ah! Esta eterna mania de culpar sempre os outros. Por outro lado, é verdade que não nos devemos autodiagnosticar com baixa autoestima ou depressão quando estamos rodeados por idiotas. É como aquela alegoria em que toda a gente fala de amor, mas poucos sabem amar... e é isso que nos falta hoje em dia, a capacidade de amar, de acreditar. Sabes, José António, isto das Festas e da fé, é um assunto complicado e mesmo sem pimba - atualmente indissociável das mesmas - é um tormento.



CRÓNICA 138, DA SOLIDÃO ÀS MEMÓRIAS DA JUVENTUDE. 5 julho 2014

138.1. CONFLITO DE GERAÇÕES

Vimos como se vive numa sociedade alienada em que as pessoas não passam de algarismos nos logaritmos de riqueza das elites dominantes. Este é o atual confronto geracional, entre os princípios em que uma pessoa cresce, a análise fria da realidade circundante, e a constatação de que nada é como era. Os princípios que sustentam a casa das nossas vidas deixaram de ser moeda corrente para a maioria da população. Os anos passaram e tememos os novos paradigmas, sinal evidente de envelhecimento, de insegurança, quando os filhos e os netos não dão a sensação de amparo que sempre demos aos nossos pais e avós.

É o tal conflito de gerações exacerbado por um extraordinário crescimento tecnológico que o cérebro e o coração nos impedem de acompanhar. Tememos ficar para trás, sermos descartados. Há quem fale em mudança de paradigma económico¹⁶² pretendendo, simplisticamente, significar alterações que diminuam direitos humanos e laborais.

O verdadeiro paradigma proposto pelo Papa Francisco, é radical: quem está desempregado, perde a dignidade humana. Esquecidos estão os veteranos de guerra com doenças físicas e mentais cujo custo de tratamento é superior ao das guerras em que tomaram parte. É este o mundo cão em que vivemos. A imprensa passou a entreter em vez de informar e o voyeurismo impera, com a impudicícia, tudo é legítimo com vista a qualquer mais-valia nem que seja um copo à borla.

138.3. RECORDAR TORGA

Do mundo em que li e cresci assomam à memória palavras de Torga:

Coimbra, 5 julho 1949 – Dizer tudo. Contar tudo. Passar para o papel a verdade inteira, sem deixar dentro da alma o mais pequeno segredo. No artista, até as contas do alfaiate interessam». Estes críticos esquecem-se de que os escritores são homens. Julgam que somos máquinas de varrer as imundícies dos outros e as nossas.

Dizer tudo, dizemo-lo nós, duma maneira ou doutra. Mas dizemo-lo como queremos, numa confissão que não tem direção, nem regras.

Um escritor como Eça de Queirós, o mais pudico dos nossos artistas – tão pudico que até as inofensivas intimidades da sua vida cobria dum véu literário –, não teria dito tudo? Ficaria dele algum segredo escondido? Alguém precisa ainda de saber mais? –

Miguel Torga, Diário V

138.4. EÇA

Por seu turno, Eça de Queirós propôs-se fazer um inquérito à sociedade portuguesa, “*pintando-lhe cruamente e sinceramente o feio e o mau, e não podendo na sua santa missão da verdade ocultar detalhe nenhum por mais torpe*”. À semelhança do que Gil Vicente fizera séculos atrás, o inquérito queirosiano tinha como finalidade criticar a sociedade para a corrigir. É o autor que afirma:

"O que eu quero fazer é dar um grande choque ao porco adormecido (refiro-me à pátria). Você dirá: qual choque, ingénuo?! O porco dorme; podes-lhe dar quantos choques quiseres, que o porco há de dormir! O destino mantém-no na sonolência e murmura-lhe: dorme, meu porco." Apesar desta incredulidade, Eça não desistiu de fazer o inquérito, de "dar o choque ao porco". A isto se entregou de 1871 a 1888. Depois desistiu.

*No entanto, Eça de Queirós não fez um inquérito sereno e objetivo à sociedade portuguesa. O seu contacto com o estrangeiro levou-o a dizer mal, por sistema, da sociedade portuguesa. Era tamanho o pessimismo, que João da Ega, em *Os Maias*, chega a afirmar que Portugal só poderia endireitar-se com uma catástrofe que tudo arrasasse¹⁶³.*

162 (Ministra da Economia de Portugal, julho 2014)

163 Influenciado por ele escrevi em 1971 que a solução para Portugal, no estertor da ditadura do Estado Novo, numa primavera marcelista estiolada, era termos um tremor de terra maior do que o cataclismo de 1755, que não deixasse pedra sobre pedra, para nos ser possível, a nós, jovens, reconstruir tudo do nada

Por outro lado, os valores defendidos pelo autor são discutíveis, é anticlerical e analisa a vida do clero segundo este prisma; a propósito dos problemas da família, não acredita na virtude das esposas de maridos ricos e considera que a mulher tem destino ou de dona de casa ou mulher de prazer; estava convencido da incompetência dos governantes, que considerava ou corruptos ou apáticos.

Para além disso, Eça tinha a perfeita noção de que o público só compraria os seus livros se fossem atrevidos ou escandalosos. A carreira política afastou-o da pátria, e teve pouco contacto com a sociedade que pretendia fotografar. "Convenci-me de que um artista não pode trabalhar longe do meio em que está a sua matéria artística... Eu não posso pintar Portugal em Newcastle".

N'O Crime Do Padre Amaro, mostra-nos um ou outro esfomeado [do povo] que se cruza nos passeios das ruas com os bem instalados na vida. Os ricos insultam-nos e eles desaparecem envergonhados, como se não lhes fosse permitido pisar a mesma terra das classes mais abastadas.

N'O Primo Basílio, a criada Juliana é examinada com certa minúcia, mas qualquer outro popular que surja na literatura queirosiana é apenas enquadrado no meio dos burgueses e é por elas manejado.

N'Os Maias critica a alta sociedade lisboeta, apontando o dedo à incompetência dos ministros, à influência dos endinheirados sobre jornalistas, literatos e políticos, à vaidade ridícula dos titulares e à falta de princípios morais das mulheres da alta sociedade e dos elegantes parasitas que as rodeiam. Começa por nos mostrar como é estéril a educação portuguesa ministrada aos meninos da alta sociedade, para depressa nos mostrar como o meio lisboeta é capaz de degenerar até os que, como Carlos da Maia, usufruíram de uma educação inglesa.

Banqueiros, políticos, têm uma visão muito limitada dos respetivos interesses e os intelectuais, ou contaminados pelo meio, ou erram desorientados, incompreendidos e até comprometidos financeiramente. E não fazem nada. Os da velha escola causam náuseas ao público evoluído. Os das ideias progressistas veem ruir um a um, todos os seus projetos.

Curiosamente escrevi eu, em 1971, que a solução para Portugal, naquele estertor da Ditadura do Estado Novo, numa primavera marcelista estiolada, era termos um tremor de terra maior do que o cataclismo de 1755, que não deixasse pedra sobre pedra, para nos ser possível, a nós, jovens, reconstruir tudo do nada. Tábua rasa de onde pudéssemos criar as nossas utopias. Ainda hoje acredito na maior parte delas...e o terramoto não chegou.

O país ainda mantém muita da inolvidável beleza, que a natureza lhe deu, mas o povo continua a ser um óbice tão grande como os ineptos que sempre o comandaram.

E queixa-se, no paraíso do Gerês, o Zé António Salcedo da música pimba misturada nas Festas com cultos religiosos, nas Festas paganizadas que a Igreja patrocina do Minho aos Algarves e ilhas?

Partimos da mesma base educacional da qual ainda não abdicamos, a de que só com muito trabalho, dedicação e perseverança se atingem as metas a que nos propomos, discordamos de muita coisa, (em especial nos meios e instrumentos para se atingirem os fins que propugnamos), mas concordamos em muitas outras.

Temos vivências e experiências diferentes, países adotados em moldes distintos, mas une-nos este desejo insanável de termos um país que nos mereça.

E não interpretem mal esta afirmação.

*O estilo é uma maneira muito simples de dizer coisas complicadas.
(Jean Cocteau)*

Ainda há dias tive o gratificante prazer de me reunir com a embaixadora australiana que veio a S. Miguel e queria congratular-me pelo meu trabalho confidencial de tradução que tinha ajudado a Austrália a garantir um lugar no Conselho de Segurança da ONU.

Fiquei honrado por este reconhecimento da minha modesta contribuição pessoal e um sorriso aflorou aos meus lábios.

Nunca devo ter feito nada por Portugal (nem mesmo pela sua língua e cultura, de que são exemplo 22 Colóquios em 12 anos) que merecesse reconhecimento....



CRÓNICA 140. O SILÊNCIO DA COBARDIA CÚMPLICE, 27 julho 2014

Tinha prometido não voltar a escrever prosa sobre o mundo louco que me rodeia desta realidade, que há muito ultrapassou a ficção das séries televisivas. Fico sempre com a sensação de que, com a minha visão para além do túnel, se tentar conjecturar alguma coisa, o futuro se encarregará de superar as minhas previsões. As anteriores foram largamente excedidas em menos tempo do que levei a escrevê-las. A recente guerra de extermínio na Palestina, Faixa de Gaza, é disso mais um exemplo cruel. Mas são tantas as que ocorreram desde que nasci que creio que daqui a outros sessenta e cinco anos, ninguém se lembrará desta. Claro que os alvos a abater pelas armas de destruição israelitas eram hospitais e há muito que se sabe também que as igrejas deixaram de ser locais de abrigo quando fanáticos islâmicos as incendeiam e queimam os cristãos em países africanos, longe dos olhares das televisões e dos meios de comunicação, tal como os indonésios fizeram em Timor-Leste. De uma forma geral o mundo nada fez, nem fará, para parar esta e outras mortandades. Acontecem longe do quintal de cada um, e sempre houve guerras entre árabes e israelitas.

Ao mesmo tempo, a agenda global de eugenismo e malthusianismo continuará imparável sob o olhar desatento e conformado das massas anestesiadas, por todo o mundo ocidental, assim como continuarão imparáveis os negócios de venda de armas. Agora na Lituânia uma Ministra alvitrava a eutanásia para os pobres.... Errou o alvo, eu usava-a nos políticos como ela.

Já há tempos a senhora do FMI (Christine Lagarde) dizia que para se acabar com os velhos...ou mais precisamente "os idosos vivem demasiado e isso é um risco para a economia global! Há que tomar medidas urgentes!" (concordo, podemos começar pela própria senhora Lagarde?)

Olho em volta e convenço-me de estar a assistir a uma repetição de eventos como os que levaram ao eclodir da Guerra Mundial, perante a passividade, cúmplice e cobarde, de todos os que cresceram à sombra de certos confortos materiais e nem se importam com a eleição de nazis e outros extremistas para um pouco dignificante Parlamento Europeu.

Na Ucrânia deitam abaixo um avião e a culpa morrerá solteira junto com os inocentes que iam a bordo, embora não se entenda como alguém se atrevia a voar sobre aquelas paragens. Para poupar combustível, diziam alguns, porque o avião foi desviado da rota, diriam outros. Isto depois do outro mistério de um avião malaio que desapareceu dos ares.

A NSA norte-americana pode vigiar-me e seguir todos os meus movimentos sem eu saber, mas alega desconhecer o paradeiro do avião desaparecido há 4 meses... centenas de mortos em dois incidentes como eu raramente assistira no resto da minha vida....

Claro que houve já abates de aviões como o coreano da KAL nos anos 80, numa confrontação russa e norte-americana; houve um avião iraniano abatido pelos americanos, e mais uns tantos, mas nada desta dimensão e com esta impunidade. E o mundo, ao qual pertença, o que fez?

Encolheu os ombros e saiu para jantar fora que a crise ainda permite esses luxos e esta vida são dois dias. Temos de aproveitar e comer.

Vemos governos, artificial e democraticamente eleitos, sabe-se lá como, que se comprazem em seguir as ordens do grande capital, destruindo os países, as indústrias e serviços, exportando a juventude, matando de forma mais ou menos acelerada os velhos a quem se retiram pensões, saúde, justiça e demais serviços. Criam-se vagas de pobres e desempregados que já nem a dignidade de números têm, como tiveram na Grande Depressão de 1929.

Temos conhecimento dos maiores desfalques, falcatuas, negociatas sem que a justiça funcione, prenda e condene os malfeitores. E tudo com o complacente beneplácito de um povo silente e amordaçado nas teias do medo, sem saber que há muito perdeu a liberdade de escolha, de poder influenciar os resultados eleitorais, de poder escolher o futuro...e em breve perderá a última conquista, a liberdade de sonhar. Virão aí novas ditaduras e guerras, de formas nem sequer imaginadas por George Orwell e eu, mais impotente que nunca, teclando palavras para uma minoria esclarecida e lúcida, mas sem poderes para alterar seja o que for. Refugio-me na diáfana ilusão das palavras que a poesia cria, na esperança infundada de que resistirão ao cataclísmico fim da civilização ocidental, como a conheci, numa repetição da queda do Império Romano ou de tanta civilização que desapareceu sem deixar rasto. Muito provavelmente nem sobreviverão as palavras que o reino da utopia ainda me deixa soletrar (e a vida terá sido um enorme vácuo contra a minha vontade), mas nada mais posso fazer, também eu cobardemente cúmplice, mas ainda não-silente.

Ah! Nunca quis tanto estar errado como hoje.



CRÓNICA 141 ESTA GUERRA SURDA QUE A TODOS ANIQUILA 14 setº 2014

A 13 de maio a morte do vizinho, e amigo desde a primeira hora, o filósofo e político Manuel Sá Couto serviu também para abalar a máscara humana que nos reveste de uma aparente impermeabilidade. Foi companheiro de muitas tertúlias, quer aqui em casa, quer nos Moinhos de Porto Formoso. Foi um fervoroso e ativo apoiante incondicional dos nossos colóquios na sua versão açoriana, que – graças aos seus conhecimentos e envolvimento político – nos ajudou a abrir portas no seio da burocracia do Governo Regional.

Nestes três meses os piores prognósticos vão-se confirmando: decapitações, crucificações, desmembramentos e outras brutalidades no Iraque, e noutros pontos do globo, sem que o mundo se preocupe, encolhendo os ombros, como quem diz, isso é lá longe. Só muda de figura quando decapitam um ocidental...e já vão três ...

Pela minha parte tem sido um ano difícil, saliento primeiro os positivos, o extraordinário sucesso do 21º colóquio da Lusofonia nos Moinhos de Porto Formoso em abril, quando tivemos sete dezenas de pessoas, e onde se cantou num 25 de abril a liberdade de expressão ganha há 40 anos e hoje tão ameaçada e silenciada pelo medo e pelos donos do mundo, essa hidra de sete cabeças que dá pelo nome de banca internacional.

Tive a alegria de saber do nascimento de 3 netas e um neto, mas a ausência e distância não me irá permitir vê-los crescer nem partilhar alegrias e tristezas. A isso já me acomodei. Os sentimentos, são, nesta idade, uma coisa fria e distante. Os princípios com que nos educaram de nada valem neste atropelo de interesses que subjagam as sociedades quotidianas.

A preocupação principal este ano tem sido a maleita que afeta a saúde da minha cara-metade, após meses sem dormir deitada, mas sentada no sofá, com dores e outras aflições. Depois de testes médicos, consultas sem conta, contas de farmácia astronómicas concluíram que tem duas hérnias disciais antigas que, no entanto, não explicam dores, dificuldades de locomoção e as maleitas novas: bicos de papagaio e a osteoporose.

Mas também não explicam as idas de urgência aos hospitais para lhe darem uma injeção a fim de aliviar as dores excruciantes de que se queixa. Um autêntico calvário para ela e para quem vive com ela, e se sente impotente para minimizar o sofrimento.

Este o motivo por que este ano não estou propenso a Crónicas, nem em prosa nem em poesia, a produção de 2014 fica muito abaixo da média. Quando o corpo e a mente estão doentes, a criatividade estagna, dizem.

Para aliviar valeu a ida à Graciosa por quatro dias para conhecer a ilha com uma paragem na Ilha Terceira para acabarmos por conhecer as 9 ilhas. Essa passagem pela ilha branca serviu para definir um futuro colóquio da Lusofonia para 2015. A sensação de férias nesses dias deu alento para continuar. Permitiu que decidisse sobre o futuro dos bens imateriais que têm povoado a minha existência.

Decidi que devem continuar a existir para além da minha vida e estou a encetar negociações para essa permanência, depois de ter doado o espólio relacionado com Timor à Torre do Tombo, como noutro lugar se explica.

Por último, o mais novo dos filhos e o único que conosco coabita continua a dar-nos preocupações, sem conta, pelo seu percurso escolar tendo completado os dezoito anos rumo a um futuro muito incerto...e quem é pai sempre se preocupa pelo bem-estar dos filhos, especialmente quando ainda pode influenciar positivamente esse desígnio.

Pode ser que o facto de ter uma namorada lhe incuta algum juízo e cresça...é um amor de pessoa, carinhoso e dedicado, mas, ao mesmo tempo alberga uma revolta infinda e uma impreparação para as injustiças do mundo.

A minha rebeldia foi sempre acompanhada de uma grande dimensão humanista e cultural, mas a dele não tem esse suporte intelectual, apenas tecnológico...

Sinto-me encurralado num mundo a que apenas pertença de corpo, mas a alma (que ficou na Austrália e agora tem coração nos Açores), tem dificuldades em estabelecer-se autonomamente quando todos os edifícios em que assentei esta vida ruem como em Gaza ruíram bairros completos sob a fúria vingativa israelita.

Tenho uma vontade enorme de resistir ao mundo de medo que os jornais e as televisões impõem, através de mensagens diretas ou subliminares, mas não tenho a vitalidade, nem física nem anímica, de outras eras para poder resistir. Será derivado da entrada na Terceira-Idade que se espera para a semana? Sinto-me naufragado em doca seca, astronauta à deriva e à espera do fim do oxigénio, sinto-me condenado à morte, à espera da data da execução, e não deixo herdeiro para perpetuar estes Colóquios da Lusofonia que me têm ajudado a sobreviver nesta década e meia....

Preocupo-me. Tudo o que escrevo é sentido e intelectualmente honesto, mas ninguém liga a isso, numa era em que todos escrevem como os políticos para o efeito momentâneo de rápido esquecimento. Já não creio ter mais nenhum grande livro para escrever e os que escrevi não tiveram grandes leitores. Já não tenho nada de importante para inventar, inventei tudo o que pude e quase ninguém deu conta. Fiz o que devia e podia, mas passei despercebido sem sequer merecer uma nota de rodapé nos livros da história que ajudei a escrever de Timor aos Açores. Não quero gratidão nem benesses, preciso de forças para resistir à desumanidade que me rodeia.

Não aceito a violência gratuita, muito menos a do Califado em nome de religiões e de passados que não se revisitam. Não me revejo em Igreja ou religião, não tenho partido e como simpatizante clubista não vou longe....

Temo que a democracia tenha sido apenas um interregno entre ditaduras.

Os dias de hoje assemelham-se a narrações que ouvi do meu pai antes da segunda Guerra, poucos prestam atenção ao avanço dos nazis, dos fascistas à velha moda, dos bufos, da cumplicidade dos medos, das guerras religiosas, dos fanatismos, da nova Inquisição, da nova censura e não me revejo nas novas Cruzadas.

Politicamente incorreto tento manter-me vivo e ativo, alerta e participante, mas a única arma que me resta é a escrita e todos sabemos como a poesia pode ser uma arma carregada.



CRÓNICA 142 ATERRAR NUM COMETA É COMO APANHAR UM TGV FORA DA ESTAÇÃO 13 dezº 2014

Aterrar num cometa é como apanhar um TGV fora da estação, mas foi o que aconteceu há dias. O homem na sua infinita sede de conquista alcançou nova meta e mais nenhum cometa pode dormir descansado com esta ambição voyeurista. Nem David Bowie esse camaleão marciano da música tão *avant-garde*, o adivinhava em *Space Oddity* ou em *Life on Mars...*

Depois de problemas na alimentação solar da sonda Rosetta, esta mandou dizer que a água do cometa 67P Churiumov-Gerasimenko. é diferente da nossa.

Se fossemos tão bons em humanismo e ecologia como somos em tecnologia, talvez não andássemos em busca de outro sítio no universo antes que este acabe, é o único que temos (enquanto não o destruimos por completo) e mais uma civilização ia para as calendas.

Os que sobrevivessem (menos tecnologicamente aptos) teriam de recomeçar do grau zero.

Na atual situação, face ao que observo, desde este longínquo arquipélago dos Açores onde nada de relevante para o futuro da humanidade acontece, os prognósticos são negros. A manipulação de imagens, textos e contextos com que rádios, televisões e jornais nos bombardeiam nada augura de bom.

Na Espanha já é proibido tudo, de filmar polícias a manifestações, a colocar tais imagens na Internet...convém evitar imagens da realidade alternativa para que a comunicação social imponha a sua versão, intoxicando uma população, cada vez mais inculta, impreparada e incapaz de discernir ou de pensar por si.

Somos uma minoria, ousou mesmo chamar-lhe elite, que sobrevive com capacidade de ver e ajuizar o que se passa em volta, com o ressurgimento de nazismo e outros ismos, intolerâncias, capitalismo selvagem em busca de lucro a qualquer preço, em que os homens e mulheres não são já meros servos da gleba como outrora, mas meros algarismos no deve e no haver das grandes corporações que tudo controlam.

Falamos da Monsanto dos OGM, às farmacêuticas que nos matam e envenenam, aos bancos que nos especulam e roubam os nossos impostos, manipulando os governos títeres que colocam no poder, aos conglomerados da massificação da comunicação social que operam a uma voz única em que apenas os apresentadores diferem, mas as notícias não.

Recentemente, dois jornalistas da Fox (Steve Wilson e Jane Akre¹⁶⁴) foram despedidos pelo trabalho investigativo de um documentário sobre a hormona de crescimento bovino da Monsanto, mas já não se encontra o link da reportagem, desapareceu! Isto para não falar em atropelos à dignidade humana que se escondem detrás do Patriot Act EUA, de 26/10/2001 que nos torna potenciais terroristas sem direitos, exceto o de sermos interrogados e torturados na tropicalíssima Guantánamo. Poucos escapam, a menos que vivam fora da sociedade consumista que nos aliena e aprisiona.

Há colegas jornalistas presos e mortos (em todo o mundo) em número tão elevado como não há registo anterior, a vigilância em linha¹⁶⁵ há muito que nos privou da privacidade e alienou em redes sociais (*Facebook*, *Twitter*, ou qualquer forma de nos ligarmos aos outros). A Internet pode (e tem sido) controlada pelos governos. Estamos, cada vez mais, vulneráveis a ataques por governos autoritários, militantes, criminosos, fundamentalistas, e terroristas de todas as cores, tamanhos e feitios. A globalização da corrupção e doutros atos criminosos, impunemente aceites e tolerados, é uma das maiores ameaças à liberdade de expressão...

Temos a nova censura¹⁶⁶ sob todas as formas do conhecimento, a reescrita orwelliana da História de acordo com os paradigmas dos poderosos...e recordo as descrições que o meu pai fez do nascimento dos nacionalismos exacerbados¹⁶⁷.

164 Mas saiba mais sobre eles em <http://www.goldmanprize.org/recipient/jane-akre-steve-wilson/>

165 (online surveillance)

166 (ou decommissioning na linguagem de George Orwell)

167 (que através de um voto pretensamente democrático levou Hitler ao poder legitimando-o com o apoio de massas incultas e lavadas ao cérebro, engolfadas num mundo em desalinho e insegurança que as levou a buscar o apoio de ditadores fortes (carismáticos ou não) e a segui-los carneiramente como convinha).

*Infelizmente a história repete-se e escrevi sobre o tema no livro *Crónica Açores* (2005-2008), mas como poucos o leram menos puderam ser avisados do que estava para vir, veio e continua a vir. Tenho tido o sonho recorrente de uma grande manifestação ou tragédia (lembra-se das Torres Gémeas e episódios semelhantes, capazes de unir e mobilizar nações inteiras?) a ser transmitida para todo o mundo. Sabemos das imagens manipuladas e feitas em estúdio, tipo hologramas, usadas em filmes com fundo azul ou verde conforme o destino e depois colocam-se os intervenientes frente a essas imagens de fundo para obter o efeito desejado.*

Pode tratar-se de uma invasão alienígena, da segunda vinda do Messias, qualquer ato mesmerizador que una as pessoas, prontas a aceitarem que o governo as defenda da ameaça. Depois limita-se o acesso de imagens alternativas da realidade (não transmitida pelas TV globais).

Basta impedir que sejam publicadas na blogosfera, se as redes sociais não as publicarem, elas não existem). Pelo subliminar todos identificarão com as imagens manipuladas e tomarão decisões baseadas nesse visionamento. Está assim completado o ciclo necessário para os governos¹⁶⁸ tomarem as medidas que entenderem. Se, apesar disto ainda surgir ou se infiltrar uma voz dissidente, fácil será silenciá-la com um escândalo sexual como fizeram com Edward Snowden, o pioneiro da WikiLeaks, sem terem de “suicidar” tais vozes (agora está na moda serem suicidados). Tem sido feito recorrentemente em tantos casos...

Há dez teorias de conspiração de que mais se fala, uma do eugenismo, malthusianismo, geoengenharia, e processos de controlo da população, por OGM, por “chemtrails” (nuvens artificiais que fazem lembrar o rastro de aviões), por vacinas do H1N1, Ébola ou quejandas¹⁶⁹, por alienígenas que já dominam governos e laboratórios de experiências subterrâneas para escravizar a humanidade, pelo aquecimento global, o Codex Alimentarius da FAO e OMS (1963) ou a Agenda 21 da ONU.

Existe uma dúvida que me assola nestas teorias, por mais que lhes reconheça validade, uma menor população mundial tornaria inviável os governos e os lucros dos que buscam reduzir a população e ver-se livres de desempregados, pobres e outros “inúteis”.

Mesmo com a robótica a tomar conta da produção vão sacar mais dinheiro de quem? Dos robôs? Isto se não deflagrar um grande conflito mundial EUA e Europa contra a Rússia...ou a China a demonstrar que é já a maior potência mundial, ou se o Califado apoiado pela NATO (ISIS é o nome de deusa egípcia do amor pouco apropriado a esses malfetores desumanos) continuar a andar a repor a verdade histórica de há séculos. Para incrêus, como eu, custa a aceitar a nova realidade mundial.

Cresci num mundo onde os valores fundamentais permaneciam inalterados há décadas. Há, com o avançar da idade, um aumento de conservadorismo, manifestado pela nostalgia dos tempos jovens onde a segurança e esperança abundavam. Não sei, nem consigo prever os negros dias futuros.

Quero crer que a bolha vai rebentar, pode ser como a bolsista de 1929, o desabar deste capitalismo neoliberal, do mais selvagem de que há memória. Pode ser outra bolha qualquer, um conflito local ou nuclear, mas vai rebentar e resta depois - então, sim - esperança em dias melhores, mas é uma incógnita bem cinzenta que vai ensombrar os anos derradeiros da minha passagem por esta Terra que todos destroem. Espero que um novo mundo não tenha nem mais um Illuminati. A palavra é latim e significa “iluminado,” representando a ordem ou sociedade secreta que tem o iluminismo como base da sua doutrina.

Como é um grupo secreto, está rodeado de grande mistério. Quase todos concordam que o objetivo dos Illuminati é alcançar o domínio total do mundo, através de influências e pressões políticas, económicas e sociais. A NOM (Nova Ordem Mundial), é um governo global, com autoridade sobre todo o mundo. Várias pessoas acreditam que um dos objetivos é manter a população mundial abaixo dos 500 milhões de habitantes pelo que muitos dos 7,4 biliões teriam de ser eliminados. Existem teorias que indicam que os Illuminati manipulam alimentos e a água, causando infertilidade e esterilização, diminuindo a população mundial.

Outra ligação comum é com o Clube de Bilderberg, uma associação ultrassecreta que organiza reuniões para 130 pessoas, e tem uma grande influência no mundo. Existe especulação que alega que o que é decidido nessas conferências dita o futuro de todo o mundo. O nome do clube deve-se à primeira reunião

168 (lembra-se do surto recente de Ébola que surgiu e desapareceu misteriosamente enquanto milhares de tropas eram enviadas África em missões das quais ainda hoje nada sabemos?).

169 (lembra-se das vacas loucas que vieram e foram? a gripe das aves, etc.)

(1954) que aconteceu no Hotel Bilderberg, na Holanda. Alguns dos símbolos mais conhecidos dos Illuminati são o triângulo ou pirâmide, o "olho que tudo vê", a coruja e o obelisco.

Vários autores relacionam os Illuminati com a maçonaria e por isso às vezes existem símbolos equivalentes. Vários cristãos acreditam que o líder da Nova Ordem Mundial e dos Illuminati será o Anticristo e o estabelecimento dessa ordem corresponderá ao início do fim do mundo.

Como filho da geração que ingenuamente acreditou no amor universal (anos 60), quero acreditar ser possível emergir uma nova ordem mais pacífica e amiga da Terra, onde a justiça e a equidade sejam, objetivos a atingir. Porém, a maioria das pessoas está demasiado ocupada e preocupada com a sobrevivência pessoal, com a manutenção do poder de compra consumista para ter divagações destas.

Eu, pouco ou nada posso fazer para garantir a sobrevivência, motivo que me leva a estas lucubrações, consciente de que mais gente pode partilhar a minha visão do mundo, exemplificada pelo paradigma dos Colóquios da Lusofonia a que me dedico a título gracioso em prol da defesa do imaterial: a língua e cultura de todos nós.

Se mais gente se dedicasse a título gratuito a defender utopias destas, bem melhor seria este mundo que também já não é o meu.



CRÓNICA 143, DE VACAS, LAGOAS E TURISMO, 3 janº 2015

Leio hoje que “está por estudar o perfil do turista que busca os Açores” segundo dizem os agentes de viagem” ... Deve ter sido uma surpresa saber de repente que vinham as companhias aéreas de baixo custo ou *low cost* e nada se sabia sobre o perfil do turista nos Açores..., mas no meu baú, encontro uma notícia já velhinha em que o Observatório Regional do Turismo dos Açores apresenta estudo sobre restauração:

17 de novembro de 2009 – O Observatório Regional do Turismo (ORT) revela que “está consciente da importância que a gastronomia tem na afirmação de um destino turístico quer pelos laços emocionais e afetivos que estabelece com o turista, quer pelo envolvimento que propicia na construção de uma cadeia de valor, a qual começa na produção dos alimentos e termina com a experiência gastronómica que se proporciona a quem descobre o território”.

Neste contexto, o Observatório Regional do Turismo dos Açores, decidiu em setembro de 2008, iniciar o estudo “A Restauração nos Açores”, adjudicando-o à empresa de consultoria RDPP e mais recentemente, Secretaria Regional do Mar, Ciência e Tecnologia.

Estratégia de Investigação e Inovação para a Especialização Inteligente (RIS3) Relatório 25-07-2014

Ex.mo Senhor Secretário do Mar, Ciência e Tecnologia,

No âmbito da estratégia de investigação e inovação para a especialização inteligente venho por este meio apresentar as seguintes sugestões:

Criação de um novo projeto intitulado Sustentur (turismo sustentável - sustentabilidade económica, social e ambiental); ou

integração das seguintes atividades nos vários projetos já existentes:

Projeto Marketur

- Atividade 1 - Conceção de um manual com os indicadores de turismo sustentável Projeto Marketur

- Atividade 2 Interligação com redes internacionais de monitorização de turismo sustentável (Organização Mundial do Turismo) Projeto Marketur –

- Atividade 4: Estabelecimento de um processo sistemático de levantamento e monitorização de indicadores de turismo sustentável Projeto Marketur –

- Atividade 5: - Conceção de novos produtos de turismo cultural em parceria com as empresas de animação turística e mapeamento cultural, conceção de guias digitais de turismo cultural; - Estudo e monitorização do Turismo Sénior a nível mundial; Caso exista a possibilidade de criar um novo projeto, como o Sustentur, o Ota está disponível para planear as atividades a desenvolver e esquematizar todo o cronograma.

Carlos Santos

(Presidente da Direção)

A partir daqui, e como se passaram seis anos sem nada acontecer, fiquei mais tranquilo e resolvi ir dar uma volta à ilha, mais especificamente ao lado oeste onde se situa a Lagoa das 7 Cidades, ex-libris da ilha. Constatei:

As vacas fazem parte de toda a paisagem da ilha. Quase que são a paisagem da ilha. Encontrei as ditas nos montes, nas chãs, na estrada e na orla da lagoa das Sete Cidades, em números consideráveis...ocupando vastas áreas das faldas da cratera vulcânica e espalhando-se até à borda de água.

O GRA [Governo regional dos Açores] gasta milhões atrás de milhões – desde 1983 - em campanhas dispendiosas contra a eutrofização das lagoas, adquirindo terrenos privados e usando várias tecnologias para evitar a presença de vacas e subsequente contaminação dos lençóis de água das lagoas. As causas foram sendo atribuídas à exploração agrícola¹⁷⁰ que, apesar de não ser a única, é talvez, a principal atividade responsável pela diminuição da qualidade das águas subterrâneas e de superfície.

¹⁷⁰http://www.academia.edu/5601305/ESTUDO_DA_EUTROFIZA%C3%87%C3%83O_E_DA_ZONA_N%C3%83O_SATURADA_DO_SIS-TEMA_AQU%C3%8DFERO_DA_LAGOA_DAS_SETE_CIDADES_S._MIGUEL_A%C3%87ORES_PORTUGAL] “A industrialização da agricultura tem levado ao uso de doses de adubos químicos cada vez maiores e à utilização de irrigações intensivas. Esta prática e a utilização de tecnologias erradas, tem-se mostrado desastrosa, quer ao nível da qualidade dos solos quer na qualidade das águas subterrâneas e de superfície. A perda de nutrientes e matéria orgânica através da erosão, provoca a diminuição da atividade de micro-organismos do solo, que aceleram a degradação de químicos agrícolas tóxicos, contribuem significativamente para a poluição.

Pude comprovar que o Governo podia ter poupado enormes montantes: as vacas continuam pachorrentamente a pastar nas margens da lagoa... e a culpa nem é delas, que carneiramente vão para onde as mandam. Já em 2008, o perito em solos Jorge Pinheiro dizia que a solução encontrada pelo Governo para combater a eutrofização da Lagoa das Sete Cidades não ia resolver o problema¹⁷¹.

Em abril 2014, continuava o Governo Regional a afirmar que o ia resolver,¹⁷² passados estes anos ainda ninguém leu o que se escreveu sobre a eutrofização, que aumenta de ano para ano, mau grado os milhões investidos...

Isso é mais evidente quando a luta contra a eutrofização se substitui por duvidosos e custosos projetos de embelezamento das margens... sem falar ainda na aberração das casotas em betão que o arquiteto Souto Moura plantou na Lagoa, uma das 7 Maravilhas Naturais de Portugal, as quais, à data, apesar das promessas todas não estão acabadas, nem habitadas, nem têm pessoas interessadas em habitar ou comprar. Mais um mamarracho ou elefante branco para o qual uma solução das inúmeras anunciadas tarda em chegar.

Convertam aquilo em aparthotel e pode ser que haja turistas interessados já que os locais as desdenham.

Além das obras de tão reputado arquiteto (devia estar pouco inspirado na altura em que as concebeu) existem ainda outras plantações metálicas junto à margem, de volumetria desajustada bem como os materiais utilizados que contrastam com a beleza natural da lagoa e ¹⁷³ já contestadas em 2013¹⁷⁴.

Dos espaços concessionados no início de 2015, (custo 4 M€) está o bar-restaurante, estrutura metálica ladeada de vidro, esplanada sem teto, aberta aos elementos e sem proteção do sol, além de ocasionais guarda-sóis (que suponho existirem no verão). Nesta tarde de sábado tinha 5 clientes, a contrastar com o velho bar-restaurante, frente à Igreja, a abarrotar, sintoma evidente de que a ideia não vingou, embora tenha a vantagem de proporcionar acesso rápido a uma casa de banho, ao contrário da outra unidade mais antiga. Teria ficado mais barato construir casas de banho do que este monólito metálico em madeira e vidro, espaços exteriores sem utilização e sem utilidade. Refiro-me às esquadrias metálicas, suspensas sobre o solo, que ladeiam a parte sul das estruturas e sobre a lagoa. São inclusive um perigo para as crianças.

Mas como dizia o Chefe do Governo em junho 2014:

“A requalificação das margens da Lagoa das Sete Cidades, investimento de quatro milhões de euros hoje inaugurado, reforça a rede de Centros Ambientais dos Açores e potencia a utilização dos recursos endógenos para criar riqueza e emprego.”

PS: adorei ver cortes arbitrários de criptoméria ao longo das vertentes da lagoa, parte do atual plano de desbastar matos e vender madeira para fazer dinheiro. Fez-me lembrar, vá-se lá saber porquê, a Indonésia e o Bornéu cujas florestas luxuriantes hoje desapareceram....

Mandem vir os turistas para apreciarem esse atentado, e depois tornem a estudar o modelo de desenvolvimento e o tipo de viajante que nos vem visitar...



171 [in <http://www.rtp.pt/acoes/?article=3871&visual=3&layout=10&tm=10>] o professor sustenta que para acabar com a eutrofização crónica da lagoa, é preciso atacar a causa e não as consequências.

172 Governo dos Açores anuncia medidas de combate à eutrofização. O Secretário Regional dos Recursos Naturais anunciou que prevê reduzir em mais de 50% a carga total de nutrientes que afluem à lagoa das furnas, no âmbito do combate à eutrofização, através da retirada das restantes áreas de pastagem das margens e com desvio dos afluentes da Ribeira do Salto da Inglesa.

173 [<http://www.publico.pt/ecosfera/noticia/ambientalistas-criticam-equipamentos-nas-margens-da-lagoa-das-sete-cidades-1598146>]

174 [<http://www.publico.pt/ecosfera/noticia/ambientalistas-criticam-equipamentos-nas-margens-da-lagoa-das-sete-cidades-1598146>]

Associações ambientalistas criticam a dimensão e tipologia dos equipamentos construídos na margem da Lagoa das Sete Cidades, para apoio às atividades do plano de água, considerando que a solução “destoa” da paisagem. Além de introduzir regras no uso da área protegida, foram construídos equipamentos de apoio ao plano de água, canoagem e atividades náuticas, um bar e área de apoio. A associação ambientalista Amigos dos Açores e a Quercus manifestam “reservas” em relação à arquitetura dos edifícios junto à margem questionando a integração paisagística e dimensão”, afirmou o presidente da Associação Ecológica Amigos dos Açores, em declarações à Lusa, a arquitetura dos equipamentos “não é a mais adequada” para o local, criticando a instalação “tão próximo do plano de água” da lagoa. “Poderia ter-se feito uma pequena estrutura, mais vocacionada para a reabilitação de edifícios, baseada no turismo de natureza”, defendeu.

CRÓNICA 144. ABATERAM OS CÃES RAIIVOSOS, MAS NÃO ABATERAM A RAIVA 9 janº 2015

Estou em choque desde ontem pela morte dos meus camaradas de trabalho que apenas exerciam o direito à liberdade de expressão, coisa que estas bestas fanáticas islâmicas não entendem.... Estão 600 anos atrasados em relação ao resto do mundo ocidental, vivem na Idade Média, usufruindo das vantagens do mundo democrático moderno.... Volte a pena de Talião para estes...nem no tempo do Califado ibérico se verificava nada disto, eram mais tolerantes e coexistiam. Agora, estes fanáticos, ignorantes, lavados ao cérebro, tentam instilar o medo no Ocidente. Se cedermos estamos mortos.

Hoje, seremos *Charlie Hebdo*. E os governos? acham-me politicamente incorreto, apodam-me de islamóforo sem perceberem quem sou. Fui uma, dentre outras centenas de australianos que delineou a política multicultural oficial da Austrália nos anos 80, assente na aceitação de premissas como o respeito pela cultura do país em troca da defesa dos interesses culturais dos emigrados.

Chegou o tempo de dizer basta! a estas bestas que dizem agir em nome de um Islão fundamentalmente extremista. O Islão não é isto, para uma grande maioria de pessoas oprimidas e com medo que o professam, nem para os que vivem a liberdade dos países ocidentais. O terror é isso, é apenas terror, não é islâmico nem cristão nem nada.... Mais um caso de reféns mortos... Como alguém disse, hoje abateram os cães raivosos, mas não abateram a raiva. Ainda vai no adro a procissão, já houve guerras mundiais que começaram por menos...e esta já vai bem lançada. Não me interessa saber se estes muçulmanos eram fanáticos, se foram criados, comprados e treinados pela *Mossad* israelita ou pela *CIA*, se fazem parte do plano original de criação do *ISIS* (pelos EUA para desestabilizar o Médio Oriente), se acreditam em Alá ou Jeová, se são crentes ou apóstatas, se são meros terroristas ou meros assassinos, se servem os interesses de *Marine le Pen* ou de quaisquer outros interessados em começar uma nova cruzada religiosa contra os infiéis,

Há um mês foi a vez da Austrália (que nunca mais será a mesma), agora é Paris, amanhã qualquer outro local, mas ninguém deu conta das atrocidades, violações, mortes, execuções, escravatura, etc. perpetradas ao longo deste último ano por estes primitivos bárbaros em países como o Iraque, a Síria, Líbia, etc. Quando o mundo ocidental começou com a patranha da primavera árabe destapou o caldeirão da morte...

Aqueles países eram, de facto, governados por ditadores (há tantos no mundo, mas nem todos têm petróleo) que faziam a contenção (brutal e totalitária) dos extremistas, fundamentalistas e outros "*istas*" que por lá havia, e agora estão à solta para destruírem o mundo civilizado onde quer que estejam...e nós todos vamos pagar a fatura...

Haja ou não medo...o que está a acontecer nestes dias não tem retorno...e não me interessa se aqueles animais raivosos agiram por conta própria ou de outrem...mas sei que a menor preocupação deles eram as ofensas contra Maomé...se fosse teriam destruído os arquivos todos do *Charlie Hebdo* antes de matarem os que lá estavam...

É isso que a lei corânica propugna...gostava de estar errado desta vez...

Recapitulemos, o Daesh foi inventado e criado e armado e apoiado pelos EUA para outros fins relacionados com as pretensas "primaveras árabes" que nunca floriram. E agora – a mando de quem ??? – anda o Daesh a atacar gente na Europa? A única razão é aumentar a islamofobia preconizada por Donald Trump, embora muitos atentados não tenham sido cometidos por islâmicos...

A NATO (OTAN) além dos exércitos, tem serviços de inteligência e comandos especiais de «ação interna» dentro dos países-membros, as eleições são manipuláveis e os votantes mudam a sua intenção de voto influenciada por estes eventos.

Começa-se pelo terror e morte e daí passa-se ao medo que a todos condiciona, direta ou indiretamente. E estes ataques irão continuar, aqui e ali, sempre que haja eleições ou a necessidade de mudar algo. Ou será que ando, outra vez, a ver teorias da conspiração onde elas existem?

CRÓNICA 145 HOJE DIGO SIM À VIOLÊNCIA 3 fevº 2015

A barbárie tem de acabar nem que seja pela lei de Talião...

Depois das execuções sumárias, das degolações constantes e mediatizadas, da violação e venda de mulheres e crianças, depois de atirarem homossexuais de alturas e matarem-nos à pedrada caso sobrevivam a queda, surge hoje a nota selvagem de que um piloto jordano caído em território do *ISIS* foi queimado vivo numa jaula.

Para isto não tenho princípios que resistam e se é isto que eles querem, atirem-lhes uma bomba atómica em cima a ver se acabamos com esta praga de selvagens como raramente se viu na mais recente história (nem *Pol Pot* no Camboja nem a Indonésia em Timor, para citar apenas dois casos).

Este mundo está definitivamente muito doente e não há hospitais para estes doentes, a doença deles combate-se com as mesmas armas que usam: a aniquilação de todos os seus membros. Talvez pela primeira vez na minha vida, hoje digo sim à violência. ...

E se mais não digo é por ter esgotado as palavras. Isto não acontece por acaso. Tentem não funcionar ao nível da reação primária emocional: há forças poderosas bem posicionadas e bizarras, em centros de decisão que insanamente lucram com este crescendo de trevas violentas.

Hoje não é possível surgir do nada, no meio do deserto, um exército poderoso de 10 mil homens fortemente armados, com equipamento o mais sofisticado possível, apoio logístico de transportes novos em folha, combustíveis e alimentação e fornecimento continuado de material de guerra para substituir os gastos.

Ou pensam que um exército de pé descalço sem uma poderosa logística e sem centenas ou milhões de dólares de apoio, para manter esta máquina moderna de guerra, poderia em 2 semanas surgir do nada e conquistar extensas zonas do território?

Quem os treinou?

Quem os armou?

Quem lhes dá apoio logístico?

A quem interessa este retrocesso civilizacional evidente?

Que forças se movem na sombra para isto ser possível?

Porque querem que a raça humana regreda para a bestialidade?

Urgente acordar e despertar para estas questões e não se ficar em reações emocionais condicionadas por estes grupos de violência programada. De facto, é triste como apenas neste séc. XXI já estamos nitidamente a fazer, em várias frentes, o retrocesso e a barbárie medieval programada metodicamente por forças sombrias que querem evitar a todo o custo a chegada e a instalação da Era da Luz.

Isto não é retórica, mas uma verdade pura que muita gente comum insiste em fazer política de avestruz por não querer ver o mundo sombrio e orwelliano desta sociedade a caminho da perversão total pré-programada.



CRÓNICA 147- DO ACORDO ORTOGRÁFICO, 13 maio 2015

13 de maio 2015 entra oficialmente em vigor, em Portugal, o AO 1990, atrasado vinte e cinco anos. Na rede cibernética muita gente se insurge como contrista, isto é, sendo contra...A todos, sejam quais forem as razões invocadas, digo que se não concordam com este acordo e se não se pronunciaram durante o período de debate público (talvez estivessem ocupados a ver telenovelas do Brasil) sejam, pelo menos, coerentes e não aceitem também os acordos ortográficos anteriores. Se não aceitam que o AO 1990 decrete algumas leves mudanças, não podem coerentemente aceitar outras alterações decretadas após 1911.

Como sabem, a partir de 2007 nós - AICL - COLÓQUIOS DA LUSOFONIA, fomos porta-vozes da implementação do acordo e sempre o utilizamos convertendo todos os textos para a nova grafia. Ao fim destes anos como “*fait accompli*” deixamos de responder aos ataques, que, esporadicamente, surgem de alguns vultos literários na sociedade portuguesa, que ainda se sente dona da língua. Sejam lógicos, escrevam na forma caótica como se escrevia dantes, pois essa era a Língua Portuguesa pura segundo o vosso pensar, ou então vão mais atrás e sejam leais e fiéis escrevendo como El-Rei D. Dinis, aliás Diniz. Ninguém vos obriga a seguir a nova ortografia, a menos que sejam funcionários do Estado e afins, escrevam como quiserem, mas aproveitem as energias despendidas contra o AO a lutar contra leis bem mais iníquas, como os cortes ilegais em reformas, salários, subsídios e feriados.

Fernando Pessoa continuou a escrever à moda antiga, mas ninguém o leu enquanto vivo.

Eu, na minha infância e juventude, só lia livros publicados no séc. XIX e isso não me confundiu a dar erros na escola primária e Liceu. Os jovens que aprenderam na nova grafia nestes seis anos também saberão distinguir entre as duas, como eu fiz. A mim preocupa-me mais a ignorância da língua manifestada diariamente, em órgãos de comunicação social, e noutros contextos, e essa nada tem a ver com acordos ortográficos: é pura ignorância, laxismo e desinteresse.

Preocupa-me a deficiente formação dos professores de Português (entre outras áreas do conhecimento) e o inusitado elevado número de erros de Português (sem falar de erros ortográficos) que surgem nas escolas de todo o país. Nunca, como hoje, houve tantos meios auxiliares para se escrever bem, desde corretores ortográficos ao acesso ilimitado que a internet permite.

Daqui a alguns anos todas as obras serão publicadas corrigindo a velha grafia e o vosso esforço de apego ao passado terá sido em vão. Hoje ninguém quer ler Antero, Eça ou outros clássicos na velha grafia e o mesmo se passará convosco, esgotadas as falácias e a desinformação que vem sendo timbre da vossa oposição desenfreada ao AO 1990. Se a história for benevolente merecerão nota de rodapé ou nem isso.

aos saudosos pré-AO1990 ...ISTO SIM É PORTUGUEZ ¹⁷⁵

Na noite amanhecendo para o domingo, primeiro dia do mez de maio do presente anno de 1808, tremeu a terra tão frequentemente que se contavam oito tremores por hora... estando já parte do povo na Igreja deprecando a Deus nosso pai, houve outro abalo tão forte que fez fugir todo o povo da igreja, das 11 para as 12 do mesmo dia houve outro tremor, e juntamente um estrondo tão grande que a todos amortiso, e de repente se vio levantar uma grande nuvem de fumo sobre o mais alto monte da freguezia da Urzelina, no pico d' António José de Sequeira, e bem defronte da igreja de S. Matheus ..., e em breve tempo engrossou e subindo ao mais alto ceo fez arco sobre parte da freguezia das Manadas e da Urzelina, indicando um terrível castigo já mostrando nas redobradas e negras nuvens uns incumbrados montes, umas medonhas furnas.

Da bocca daquele vulcão saíam estrondos tão fortes e medonhos sem intervalo que convidavam aos habitantes d'esta ilha para juízo. Correu todo o povo a deprecar a Deos, porém logo o povo da freguezia da Urzelina se assustou deixando o seu vigário o rev. Barcellos só no adro da sua Igreja, e choveu tanta areia de tarde que ficaram as casas cobertas de areia e os campos d'ahi para cima ficaram com altura de 7 palmos, e as vinhas dos Castelletes até à Ermida de Santa Rita, da freguezia das Manadas, ficaram cravadas e as casas quasi abatidas com o pezo, sahindo immediatamente línguas de fogo do centro que chegavam aos ceos, deitando pedras ignitas de 8 palmos, em distância dum quarto de legoa, outras de 16 palmos em quadro, subindo à mesma altura cahiam como densos chuveiros.



175 Na obra “Ilha de S. Jorge (Açores): Apontamentos para a sua História” está compilado um conjunto de descrições da erupção e dos acontecimentos que a rodearam. A mais extensa e circunstanciada deve-se ao padre João Ignácio da Silveira (1767-1852), então cura de Santo Amaro, que escreveu uma relação que o Dr. João Teixeira Soares publicou e, com variantes, o que João Duarte de Sousa seguiu.

CRÓNICA 148. DE AUTONOMIAS maio 2015

148.1. AUTONOMIAS NOMINAIS

“para saberes quem te governa descobre quem não podes criticar” Voltaire

Autonomias nominiais - FLA, 6 junho 2013

*hoje acordei sem voz
sem mãos,
sem pés
sem coração.
habito nove ilhas de mil cores
arquipélago de mil autores
num fiasco de autonomia
pobreza sem alegria
na independência poucos confiam
em busca de subvenções porfiam
melhor é ficar mudo e quedo
viver dos subsídios esmoleres
submissos e acomodados
pobres despreocupados
servos enfeudados
ingénuos explorados
na eterna espera de Godot
de um Mandela que não nasceu
assim se explicam os açores
ilhas de mil e uma dores.*

148.2. AUTONOMIA, LIBERTAÇÃO, AÇORES

Hoje falo de um tema controverso e minoritário: a autonomia como antecâmara da libertação e o direito a esta. Pode parecer fastidioso, mas como a maioria desconhece a história, e os que se opõem a autonomias também não sabem de que gema é feita esta gente, o melhor é relembrar tudo desde o início. Ao contrário do que possa decretar o Presidente da República, Cavaco e Silva, existe um povo açoriano, resiliente e capaz de vencer a adversidade, como o demonstra há séculos, sobretudo nos EUA e Canadá.

É esse povo que pode ajudar a atingir os desígnios da autonomia alargada que a todo o custo, o Governo central de Lisboa tenta evitar com a experiência de séculos de colonização. Um povo que não é nação só se realiza em plenitude se conhecer e honrar a sua história. Prova-o a resiliência dos aborígenes australianos que, sem escrita, conseguiram preservar a nação através da oralidade ao longo de 60 mil anos. Dizem os dicionários¹⁷⁶ que

Autonomia é um termo de origem grega cujo significado está relacionado com independência, liberdade ou autossuficiência. O antónimo é heteronomia, que indica dependência, submissão ou subordinação.

Em Ciência Política, a autonomia de um Governo ou de uma região pressupõe a elaboração de suas próprias leis e regras sem interferência de um Governo central nas tomadas de decisões.

Em Filosofia, autonomia é um conceito que determina a liberdade de indivíduo em gerir livremente a sua vida, efetuando racionalmente as suas próprias escolhas. Neste caso, a autonomia indica uma realidade que é dirigida por uma lei própria, que apesar de ser diferente das outras, não é incompatível com elas.

Em Educação, a autonomia do estudante revela capacidade de organizar sozinho os estudos, sem total dependência do professor, administrando eficazmente o seu tempo de dedicação e escolhendo de forma eficiente as fontes de informação disponíveis.

Para a autonomia dos Açores¹⁷⁷ teremos de levar em conta uma longa historiografia.

¹⁷⁶ <http://www.significados.com.br/autonomia/>

¹⁷⁷ http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_dos_A%C3%A7ores

Foi iniciada com textos de Diogo Gomes de Sintra e de Valentim Fernandes Alemão, relativos ao descobrimento do arquipélago e, posteriormente, pelos de Pompeo Arditì ("Il viaggio che fece Pompeo Arditì da Pesaro all'Isola di e alle Azorre"). A estes, soma-se a obra "Saudades da Terra", do douto padre Gaspar Frutuoso (1522-1591), um manuscrito, escrito entre 1586 e 1590, dividido em seis volumes, que se inscreve numa história mais ampla, a da região atlântica que hoje referimos como Macaronésia, ao abordar os arquipélagos das Canárias, Cabo Verde e Madeira, antes de se dedicar aos Açores.

No séc. XVII destacam-se o "Espelho Cristalino em Jardim de Várias Flores", entre 1646 e 1654 por Frei Diogo das Chagas (1584-1661), a "Fénix Angrence", entre 1683 e 1711 pelo padre Manuel Luís Maldonado (1644-1711), as "Crônicas da Província de S. João Evangelista das Ilhas dos Açores", até 1695 por Frei Agostinho de Monte Alverne (1629-1726), e a "História Insulana das Ilhas a Portugal Sujeitas no Oceano Ocidental", publicada em 1717 pelo padre António Cordeiro (1641-1722). Desse período, são também referidas obras menos conhecidas, mas não menos importantes, como, num viés temático, "A Margarida Animada", publicada em 1723 pelo Capitão Francisco Afonso de Chaves e Melo.

No séc. XIX, nomeadamente com o advento do Liberalismo, renovam-se os estudos sobre o tema, destacando-se a "Corografia Açórica" (1822), de João Soares de Albergaria de Sousa (1776-1875), ou obras de cunho mais restrito, como a "História das Quatro Ilhas que Formam o Distrito da Horta" (1871), de António Lourenço da Silveira Macedo (1818-1891), os "Anais da Ilha Terceira" (1850-1874), de Francisco Ferreira Drummond (1796-1858), e as "Épocas Memoráveis da Ilha Terceira dos Açores" (1890-1896) de José Joaquim Pinheiro (1833-1894).

Este período é marcado pela recolha de textos e documentos, como a "Coleção de Variedades Açorianas", de José de Torres (1827-1874), do "Arquivo dos Açores", por Ernesto do Canto (1831-1900), e as "Escavações", de Francisco Maria Supico (1830-1911).

Data desse século a obra do britânico Thomas Ashe (1770-1835), "History of the Azores or Western Islands; Containing an account of the Government Laws, and Religion, the Manners, Ceremonies, and character of the Inhabitants and demonstrating the importance of these valorable islands to the British Empire", publicada em Londres em 1831, que enaltece a proeminência geoeconómica dos Açores, situados entre a África, a América e a Europa, e sugerindo ao seu Governo em Londres que patrocine a independência do arquipélago, transformando-o em um Protetorado Britânico.

No séc. XX, embora todas as correntes ideológicas se encontrem representadas em termos historiográficos, um marco é estabelecido em 1976, a partir da fundação da Universidade dos Açores, sob a direção de Artur Teodoro de Matos, quando se regista um salto na produção historiográfica graças ao acréscimo do número de historiadores e da oferta bibliográfica. Destaca-se nesse contexto, a produção de Avelino de Freitas de Meneses.

148.2.6. EVOLUÇÃO

Em resultado da Lei Constitucional n.º 1/2004, de 24 de julho, que consolidou e alargou substancialmente a capacidade legislativa do Parlamento açoriano, foi concluído o processo de revisão do EPARAA, que aprofundou a autonomia política e legislativa, ficando aberto o caminho para a criação de direito regional (i.e. legislação açoriana especificamente concebida para a realidade insular) em praticamente todas as áreas que não correspondem ao núcleo das competências reservadas dos órgãos de soberania, podendo mesmo neste, mediante autorização legislativa a conceder pela Assembleia da República, ser produzido direito próprio.

A livre administração dos Açores pelos açorianos, a divisa dos autonomistas do séc. XIX, parecia finalmente aproximar-se da realidade política açoriana.

Se assim parecia no papel, os anos subsequentes vieram provar diametralmente o oposto, com o Governo central cada vez mais coercivo, coartando todas as veleidades legisladoras da Assembleia Regional e do Governo.

Não admira que se levantem vozes independentistas (a FLA e manifestações cívicas como a ACA) a reclamar a entrega aos açorianos das suas riquezas que continuam a ser exportadas e exploradas pelo Governo centralista em Lisboa. Se tiverem capacidade de motivar e captar as gerações mais novas o futuro pode ser diferente.

Pode demorar anos, décadas, mas tenho a certeza de que se trata de uma questão de tempo. O poder local limita-se a ser porta-voz dos interesses partidários instalados em Lisboa, a ausência – por força da lei – de partidos locais, e o desencanto com a alternância PS e PSD-CDS, podem trazer surpresas futuras.

É preciso que se saiba como estão a ser espoliados os açorianos das suas riquezas e se acabe de vez com a lamechice de dizer que Portugal faz o sacrifício de solidariedade de suportar os Açores, quando os gráficos da atividade económica global do arquipélago provam o contrário. Depois, há que investir na educação para a criação de uma massa crítica capaz de suportar os desafios de uma verdadeira autonomia.

CRÓNICA 149 DA INGRATIDÃO E DA LITERATURA, CRISTÓVÃO DE AGUIAR UMA CRÓNICA AMARGA. UMA VERGONHA PONTA DELGADA, 16/6/2015

Em 15/6/2015 na apresentação, pela diretora da Biblioteca Municipal de Ponta Delgada e pelo Dr Carlos Riley da Universidade dos Açores, dos dois primeiros volumes das obras completas de Cristóvão de Aguiar (50 anos de vida literária) éramos 10 na assistência e 2 eram do governo... Sei que há um mês houve uma sessão de homenagem (18 de abril na Casa Museu Guerra Junqueiro, Porto), em colaboração com a casa dos Açores e com o Departamento de Letras da Universidade do Minho onde se lançou a *Obra Completa*, 13 volumes, das Edições Afrontamento, do Porto, que ganharam o concurso lançado pelo Governo Regional dos Açores.

Sei que tu, Cristóvão, um dos dois insignes autores do Pico da Pedra, tens fama de ser um autor difícil, e és, pois, poucos dominam a Língua Portuguesa como tu, poucos burilam a palavra até à exaustão e perfeição como insistes em fazer.

Sei que a maioria das pessoas - embora possa saber cantarolar a popular Naufrágio¹⁷⁸ imortalizada por Duarte e Ciríaco - desconhece que a letra dessa clássica canção é tua.

Cristóvão, já o disse e escrevi, "é um autor difícil e o seu mau feitio é conhecido. Claro que sim, frontal e crítico, não entrou, nem quis, em cliques, clagues ou pseudo-tertúlias de intelectuais açorianos." Radicado em Coimbra desde 1960, antes de ser incorporado no exército colonial português para ir para a Guiné e de terminar os seus estudos em Filologia Germânica.

Cristóvão mudou-se para o Pico onde passa metade do ano. Em vez de voltar ao torrão natal de Pico da Pedra na ilha de S Miguel foi em 1996 para S. Miguel Arcaño [Pico], onde é carinhosamente tratado pelos seus novos conterrâneos.

Mas depois de 15/6/2015, estarei para sempre chocado e desiludido com Ponta Delgada. Como se compreende que a oportunidade de terçar palavras com um dos mais importantes escritores dos Açores do século XX ficasse desaproveitada sem assistência nem interesse das pessoas da maior ilha do arquipélago? Como se entende que um dos mais ricos e prolíficos autores, da verdadeira identidade dos Açores, ficasse a celebrar os seus 50 anos de vida literária para uma plateia com uma mão cheia de presenças?

Claro está que depois, na tua morte, serás aclamado por todos e a TV e rádio estarão lá para falar bem de ti, o autor que - como ficou demonstrado - não é benquisto na sua terra. Pequenez de mentes. Insensibilidade, incultura. País pequeno de mentes pequenas, arquipélago ingrato a quem tanto fez para dar a conhecer a identidade açoriana e não o postal ilustrado que se vende aos turistas sobre hortênsias e lagoas...

Não fiquei surpreendido, mas fiquei esclarecido sobre o valor que este país dá a um dos seus mais representativos ícones literários...fosse ele um cantor pimba ou outra qualquer personalidade famosa pelos seus pés de barro de fama fácil e o anfiteatro seria pequeno.

Não sendo escritor, sou como tu, Cristóvão, em muita coisa, mas ontem ao despedir-me rapidamente de ti, estava emocionado pela amizade que nos une e envergonhado dos meus concidadãos desta ilha que aceitei como nova pátria.

Queria pedir-te desculpa em nome dos 68 748 habitantes de Ponta Delgada e dos restantes 137 699 cidadãos da ilha (Censo 2011).

Queria dizer-te que não é verdade, que há quem te leia e ama os teus escritos, mas não estavam lá para to demonstrar.

Queria dizer-te que escreves melhor que muitos adulados, lisonjeados, sabujados, louvaminhados, engraxados, incensados, engomados, apajeados¹⁷⁹, bajoujados, escribas de Portugal e do arquipélago, mas só gerações futuras saberão reconhecer o teu valor.

Queria dizer-te que mereces muitos dos prémios anualmente distribuídos embora deles não precisas.

Queria dizer-te que nos Colóquios da Lusofonia somos poucos, mas muitos te apreciam e entendem, mas não estavam lá ontem para to demonstrarem.

Queria dizer-te que o teu invejável percurso nestas cinco décadas de escrita não tem paralelo, mas lá estaria eu a adjetivar-te e tu não gostas disso. Não faz mal, sem menosprezo dos restantes, há quem possa afirmar que és um dos mais notáveis escritores em português da segunda metade do séc. XX e que soubeste transmitir (mesmo negando a açorianidade) a verdadeira alma micaelense e quiçá açoriana.

178 <https://www.youtube.com/watch?v=uo5xbrMnA9A>

179 a-pa-je-ar - verbo transitivo, 1. Acompanhar (como pajem).2. Lisonjear, adular."Apajeados", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/Apajeados> [consultado em 13-01-2016]

Bem hajjas meu amigo pelos livros que nos deste e de que agora compilaram em Obras Completas estes dois volumes. Segundo Mário Mesquita, Cristóvão de Aguiar é um dos principais responsáveis pela afirmação cultural dos Açores após o 25 de abril, e a citar outros, poderia ser fastidioso e repetir aqui o que teu amigo e companheiro de muitas lutas (Medeiros Ferreira) escreveu sobre a tua obra, mas acabo de ler na Wikipédia:

“Depois de Vitorino Nemésio, [Cristóvão de Aguiar] é considerado o maior escritor da literatura de autores açorianos e um dos de maior importância no panorama da Literatura Portuguesa contemporânea.

Foi agraciado com a Ordem do Infante D. Henrique em 2001 e homenageado pela Faculdade de Letras e Reitoria da Universidade de Coimbra em 2005, por ocasião dos quarenta anos da sua vida literária, tendo sido publicado um livro, "Homenagem a Cristóvão de Aguiar", coordenado pela Prof.ª Doutora Ana Paula Arnaut, o qual contém a generalidade das críticas e ensaios publicados sobre a obra do autor durante a sua vida literária.

A trilogia romanesca Raiz Comovida (1978-1981) é uma das suas obras mais importantes, a par com a trilogia Relação de Bordo (1999-2004), um dos mais interessantes diários da literatura portuguesa.”

A tua alma mater (Universidade de Coimbra) explica que

“[Cristóvão de Aguiar] ...tem-se revelado um escritor de mérito, a avaliar pelos prémios recebidos: Ricardo Malheiros da Academia das Ciências de Lisboa, pela "Raiz Comovida"; Grande Prémio da Literatura Biográfica APE, pela "Relação de Bordo" e o Prémio Nacional Miguel Torga, pelo livro "Trasfega".

Foste um ilustre membro de uma “República de Estudantes de Coimbra” em cuja página¹⁸⁰ se pode ler:

A Real República Corsários das Ilhas foi fundada em 1960 por iniciativa de estudantes provenientes do arquipélago dos Açores. Nos seus 41 anos de viagens a «nau corsária» já albergou marinhagem que se mostrou distinta. A título de exemplo, ... e Cristóvão de Aguiar, escritor, viveram nesta República. Por falar neste escritor, o Zé Manuel deixou um comentário na anterior versão desta página que reescreve um passo do Relação de Bordo (1964-1988), livro do referido Cristóvão de Aguiar, em que lança um olhar sobre as suas experiências nesta casa quando por cá passou nos anos 60:

Coimbra, 1 de janeiro de 1964 – Na Real República Corsários das Ilhas, a cuja tripulação venho pertencendo desde 1961 (em outubro ascendi a 2º telegrafista), a passagem de ano foi, para mim, pavorosamente triste! De resto, nunca fui de grandes expansões nessas horas que a tradição instituiu como marcos de viragem não se sabe bem de quê. Alheio ao natural estardalhaço dos meus camaradas correpublicos, bem comidos e muito mais bem bebidos, encafuei-me no meu cantinho a ruminar.

É que 1964 vai ser o ano em que vou dizer adeus à vida de estudante (para sempre? e ela agora que me estava correndo tão bem: no terceiro ano sem nenhuma cadeira atrasada, mas é sempre assim). Isto porque já no próximo dia vinte e sete do corrente, numa segunda-feira logo de manhã, vou iniciar em Mafra o Curso de Oficiais Milicianos, com destino marcado para a guerra colonial.

Consta da guia de marcha que recebi há dias, não esse destino, mas outro que vai de certeza desembocar naquele. Por isso, logo ao bater da primeira badalada da meia-noite no relógio da torre da Universidade, senti que me estava afundando em terreno pouco firme e lodoso. Cheguei da Ilha em finais de setembro com uma mala na mão e sem dinheiro com que mandar cantar um cego, quanto mais para continuar os estudos. Havia justamente perdido a bolsa da Junta Geral do Distrito Autónomo de Ponta Delgada, novecentos escudos mensais, mas que me davam, resvês, para me ir sustentando em Coimbra. E perdi-a, não porque chumbasse, mas por não ter atingido a nota final de catorze valores, classificação exigida a partir do segundo ano até o final do curso para a manutenção da referida bolsa.

Podia ter pedido dinheiro emprestado, a juro de dez por cento, como é costume lá na minha freguesia, mas meu Pai zangou-se comigo devido a um namoro reatado que ele não queria, derriço que, uma semana após a minha chegada a Coimbra, se desmanchou na segura de meia dúzia de linhas de uma carta, que me acompanha, na carteira, dobrada em quatro, as dobras delidas e enferrujadas...

Por tal motivo, negou-se a ser minha fiança. Perdi a cabeça e pedi que me antecipassem a incorporação! Veja-se o paradoxo: em tempo de guerra ser meio voluntário, eu que, se tivesse coragem e juízo, devia, mas era desertar daqui para fora. Na Ilha não queria ficar. Minha tia Lurdes e o Ti José da Costa deram-me coragem e o dinheiro para a passagem de barco e ainda mais algum para me ir tentando. Cheguei à República e logo pus os meus companheiros ao par da minha situação.

Houve reunião de casa à noite e ficou decidido, por unanimidade, que eu ficaria lá na mesma com todas as prerrogativas de um Corsário e só pagaria as minhas despesas, que seriam apontadas pelo Comissário de Bordo da Nau Corsária, quando recebesse os primeiros ordenados de aspirante. Eram apenas quatro meses que ficaria a dever, de outubro a janeiro, que orçariam em cerca de três contos de réis.

Depois, quando viesse de Mafra passar os fins de semana, andaria à lebre, como se diz em linguagem académica. Suspirei de alívio e comovi-me com tamanho companheirismo de que poucos como os ilhéus, fora das Ilhas, são capazes. Por não conseguir perceber bem os motivos que levam um gajo a querer meter-se na guerra... terei que reconhecer que às vezes só se dá pelo erro depois de se ter dado o passo inexorável da tomada de decisão e consequente prisão às amarras que daí decorrem... nos tempos atuais, em boa consciência, eu, o corsário que escreve estas linhas, teria que manifestar, a um colega que se me aparecesse com o mesmo dilema existencial que fosse pedir telha e comida ao Exército para o qual fosse servir. Mas, excetuando este detalhe que se prende com a valoração do mundo e com a justiça, ou não das coisas, o texto retrata aquilo que os Corsários têm melhor sabido fazer, não deixar um irmão na mó de baixo. Termino citando os versos de Camões apostos numa das paredes da sala de refeições da Casa: “Mais vale experimentá-lo que julgá-lo, mas julgue-o quem não puder experimentá-lo”

Dito isto à laia de introdução tenho uma declaração de interesse pessoal a fazer:

Sou amigo incondicional do Cristóvão de Aguiar meu mentor de literatura açoriana na sua casa do Pico onde me recebeu, a mim e à minha mulher, como se de amigos de longa data se tratasse, nós que éramos de uma amizade recente surgida em colóquios da lusofonia. Durante os primeiros anos da nossa amizade cavaqueei longamente com Cristóvão de Aguiar. Ambos, permanecemos, exaltados e revoltados contra a injustiça, quimera ensinada em verdes anos. Com ele compreendi a canga que os cachaços insulares carreavam, muitas vezes, sem o saberem.

Uma prosa que se cola como uma sanguessuga e sorve o sangue impedindo a irrigação cerebral. Fica-se refém da sua escrita, que não sendo fácil, enleia e se insinua na tentativa de forçar o leitor a buscar a compreensão daquilo que lhe está subjacente. Embrenhei-me noutros escritores que fui desbravando.

Ao longo destes onze anos falei e escutei a maior parte dos autores. O dilema da pequenez das ilhas para um autor se afirmar sem ser reconhecido fora delas, a atração pelo mercado continental mais vasto como forma de afirmação e alforria literária criando um misto de desligamento e apertuguesamento dos autores que se mudaram de armas e bagagens para fora das ilhas, a inveja e ciúme dos que não conseguiram atingir esse patamar de reconhecimento continental, a emancipação de outros que venceram nos EUA e Canadá e a tarefa ingente dos que permanecendo conseguiram alcançá-lo a um reconhecimento externo. O que muitos deles não acreditavam era que por serem autores açorianos podiam aspirar a serem universais e não apenas insulares, e não apenas portugueses, se entrassem em mercados mais vastos da Europa e do mundo. Esses escritores poderiam chegar bem mais longe e libertar-se da prisão invisível que é a pequenez das 9 ilhas do arquipélago. Para isso, teríamos de mondar mercados novos e virgens, como a selva amazónica antes dos novos bandeirantes. Se não chegassem às novas gerações açorianas, poderiam alcançar descendentes, e expatriados que aprendem hoje o orgulho da nação açoriana, na cultura, tradição e outros valores primordiais que tão arredados das escolas andam hoje. Mas os colóquios queriam levá-los a mercados e leitores insuspeitos, incluindo a antiga Cortina de Ferro onde há enorme gosto e apetência por escritores lusófonos.

Para isso, idealizamos a série de Antologias, uma bilingue para captação do mercado norte-americano e canadiano, outra maior, em dois volumes, com uma seleção dos mais consagrados, uma coletânea de textos dramáticos para o ensino secundário e uma antologia no feminino, dado que as autoras são sistematicamente esquecidas nesta comunidade conservadora e machista como a açoriana. Todas as obras são didáticas para poderem ser estudadas nas escolas e assim se propagar este vírus altamente contagioso da escrita açoriana para leitores neófitos. Depois, deparámos com um fenómeno típico das sociedades insulares e bairristas, a existência de “capelinhas”, cliques e claques, em torno das quais gravitavam alguns autores. Nem todos de qualidade despicienda, mas dependendo dessas cliques para serem objeto de artigos de jornal ou de visibilidade através da recensão crítica.

Na década de 1990, lentamente, os escritores açorianos foram encontrando o seu espaço, não havendo minguagem de quantidade. Na maioria, sem projeção para além das ilhas, com exceções contemporâneas. Falta ainda destrinçar, entre as centenas de autores, aqueles que realmente merecem ser incluídos em coletâneas e os outros que se serviram do rótulo da açorianidade para terem alguma visibilidade que, de outro

modo, não teriam. A solução que adotámos foi a de ignorar quem era quem, e sermos nós e os autores dos nossos projetos, a avaliar a qualidade de tais autores, com a ajuda dos autores que já conhecíamos e em quem já confiávamos. Daí as escolhas primeiras das antologias à medida que os fomos descobrindo, sob o enorme guarda-chuva da Açorianidade que a todos alberga. Nem sempre é fácil, pois ao lado de autores como Fernando Aires, Cristóvão de Aguiar e Eduíno de Jesus surgem autores que podemos designar como a Maria das Capelas, o António da Lomba e o José de Rabo de Peixe. Importantes até poderão ser de um ponto de vista de cultura popular, regional ou local, mas não deveriam nunca estar sob um rótulo de literatura. Eu não mentia ao escrever o que escrevi sobre Cristóvão de Aguiar. Tudo o que saía era sentido e vivido. Cristóvão de Aguiar fora lisonjeiro ao dizer-me que também Torga nunca mentira ao escrever poesia. Havia tão-só a origem transmontana comum pois nem eu era Torga, nem exprimia senão sentimentos reprimidos. Após meses de silêncio exercitava a pena de croniqueiro com a verve de jornalista que nunca deixara de ser. Era isto o que a escrita de Cristóvão, lentamente descortinada além das brumas, me proporcionava.

Para Cristóvão nunca seria catarse, mas fruto de amores incompreendidos entre si e a ilha...enquanto para mim a escrita e os colóquios da lusofonia são a expiação constante da minha guerra colonial sem mortos nem feridos, nem tampouco tiros. No 9º colóquio da lusofonia (ou 4º Encontro Açoriano da Lusofonia - abril 2009), Cristóvão de Aguiar rejeitou (mais uma vez) o rótulo de literatura açoriana, por considerar que faz parte da produção literária lusófona. «O título (literatura açoriana) é equívoco, porque pode parecer que é uma literatura separada da literatura portuguesa», afirmou à Agência LUSA o escritor. Como diz o autor (*Relação de Bordo II pp. 199-200*):

Primeiro foi a ilha, nunca mais a encontramos como a havíamos deixado...trouxemos somente a imagem dela ou então foi outra Ilha que conosco carregámos...

Sou como sou e a meu pai o devo, tal como Cristóvão. Continentes diferentes, mas uma só realidade, ambos criamos os sulcos que hoje trilhamos, separados por nove anos, percorrendo as savanas e as estepes do sofrimento pessoal, das amarguras e romances que nos interrompiam a escrita e nos dispersavam da missão sagrada. Ambos plantamos árvores, publicamos poesia e tivemos filhos em buscas incessantes do Santo Graal. Desconfiei sempre que não existia, a não ser na busca incessante com que criamos uma *raison d'être* nas nossas mentes conturbadas.

Noutro qualquer dia escrevia eu que hoje mal se vislumbra a costa da Bretanha em frente à janela do meu castelo aqui nesta falsa¹⁸¹ na Lomba da Maia onde habito. O grande Mar Oceano confunde-se com o azuláceo ou acinzentado céu, depende da cor das lentes com que se acorda. Está um tempo caramónico, como dizem em Terras de Miranda, sem necessidade de escarrabunhar os pés por estarem carraspidos. Sinto a falta do sol que me anima e vitaliza nesta humidade entorpecente que amolece corações e fenece almas. Era assim que desabafava mutuamente numa guerrilha verbal contra esta falta da função clorofilina que cerceia as musas e embota mentes.

E era então que me contrapunha Cristóvão de Aguiar

“O tempo está mesmo abafado. Abafa o corpo e sobretudo a mente. Nunca mais há tempo decente”.

Retorquindo eu

Otimista acredito que melhores dias virão. Concentro-me numa conceção positiva rumo à realização dos objetivos que penso terminar durante o curto passeio terreno que me deram a oportunidade de usufruir. Os problemas, por maiores que sejam, são meras contrariedades. Umas maiores que outras. Assim repito para crer no que digo. O tempo as curará retirando-lhes o relevo ou resolvendo-as. Os momentos incomuns de felicidade e alegria devem ser fruídos em plenitude. Comemorados, celebrados, prolongados e recordados. Para isso sirvo-me da escrita. Para reviver momentos bons. Como são normalmente raros convém que perdurem, cinzelados nas pedras da lembrança. Criam esgares de sorrisos nas comissuras dos lábios.

Isto das ilhas tem muito que se lhe diga, algumas pessoas estão de costas voltadas para o mar, como S. Miguel, enquanto outras há que não vivem sem ele, como o Pico.

Sei que é uma questão de tempo até começarem a zurzir nos forasteiros que, como ele, ousam opinar sobre este arquipélago. Quando se perora sobre as nove filhas de Zeus urge não melindrar os interesses estabelecidos.

As visões críticas ou não conformadas aos cânones podem acarretar sérios riscos para a saúde mental dos seus autores. Vozes críticas ou arredadas dos estereótipos não abundam nem são benquistas. As elites dominantes e os poderes caciqueiros logo se insurgem. A ingratidão, vergonha e falta de patriotismo são epítetos comumente usados para denegrir os que ousam.

Citam-se páginas relevantes da heroica gesta açoriana, com destaque para as guerras liberais e inúmeras desventuras de emigrantes que triunfaram em terras da estranja. Surgem editoriais e recensões violentas nos jornais locais. Os caixeiros-viajantes da cultura logo se arrogam o direito de defender a açorianidade ofendida. Tais declarações de repúdio raramente extrapolam os cantos do arquipélago porque falar dos Açores ainda não é moda na grande capital do Império. Foi isto que, por mais de uma vez, aconteceu ao amigo escritor Cristóvão de Aguiar. Apodaram-no de tudo e mais alguma coisa, pois convém sempre ser mais papista que o Papa. Em meios pequenos é consabida a tendência para apoucar aqueles que das leis do esquecimento se desembaraçaram, como diria o vate, enquanto o Imperador e seu séquito distribuem viagens e mordomias. Terras pequenas, invejas grandes ou a reprodução literária do mote popular “a minha festa é maior que a tua”.

Para o comum dos mortais a vida prosseguiria o seu rumo. Os Açores não são senão uma réplica miniatural da corte lisboeta. As elites não perdoam aos que não comungam da verdade única com força de dogma. Cristóvão escreve com pluma incómoda. Reservou-se um papel de narrador que pensa, fala e escreve, sem recorrer ao lugar-comum que tamanho gáudio causa na população. Não reivindica verdades absolutas ou duradouras, limita-se a descrever o que sente e vê. Criaram-lhe a fama de irascível (quantas vezes com justas e fundadas razões?).

Eu receberei “avisos amigos” para tais perigos quando o convidei a estar na Lagoa (março-abril 2009) para o 9º colóquio (4º Encontro Açoriano da lusofonia). Congratulo-me que, relutantemente, Cristóvão tenha acedido. Ao longo de meses trocamos correios eletrónicos e telefonemas criando uma amizade saudavelmente aberta e crítica. Eu carecia de aprender mais com esta insondável personagem que tantos cuidados incutia aos arautos e defensores da paz podre açoriana. [Crónica 74.2](#)).

Estas são as imagens que guardo deste autor que tanto aprecio e que ontem foi ignorado pelos habitantes da ilha e em especial de Ponta Delgada. Está provado que Cristóvão de Aguiar não dá votos a ganhar. Ainda bem. E termino com o que lhe dediquei em 2013

644. Ao Cristóvão, Pico, 9 ago 2011/13 out 2013
descobriram no pico
marroços milenares
piramidais construções
galerias ocultas
sem múmias nem tesouros
sem origem nem fim conhecido
falaram de fenícios, cartagineses
gente da pré-história
mas a verdadeira pirâmide
reside mais a norte
em s miguel arcanjo
numa atulhada falsa
com vista para s. roque
é a universal biblioteca
da nova alexandria
é lá que todas as noites
os livros se põem a dançar
debatem e trocam impressões
dão conselhos e admoestações
referem prodigiosas citações
partilham bailhos e saber
da universidade da açorianidade.

«Há, na parte mais ocidental da Ibéria, um povo muito estranho: não se governa nem se deixa governar!» Esta frase foi escrita por um general romano em serviço na Ibéria em carta enviada ao Imperador. É atribuída ao General Galba, um dos primeiros governadores Romanos na península, no séc. III antes de Cristo. ([LER CRÓNICA 66](#))

Tenho amigos de todas as cores do arco-íris e nem por isso deixam de ser amigos¹⁸².

Há um princípio sagrado que sigo, sempre que posso, há décadas: política não se discute com amigos e família, ponto final. O país está como já esteve em 1975 de Rio Maior para cima e para baixo, mas agora mais parece uma divisão futebolística entre o FCP e o SLB (Porto e Benfica para os que não seguem a bola). Todos têm opinião -bem ou mal fundamentada - e desculpem que lhes diga, a maioria dos que têm opinião fazem-me lembrar os “contristas”¹⁸³

O país descobriu, 40 anos depois de abril, que nas eleições legislativas não se elegia um governo, mas um parlamento...demorou tempo, mas ainda bem que agora sabem. Como não percebiam de aritmética e agora já vão tendo umas luzes, aprenderam que, quando não há maiorias, o governo se faz com minorias e alianças dos grupos com representação na AR. Ao contrário do que pensam, não há coligações boas ou más, valem o que valem e os votos de uns valem tanto como os restantes, gostemos ou não deles....

Este país onde tive a desdita de nascer e que nada me deu nestes 66 anos de vida, a não ser desgostos e muitos, é um país malformado, mal-educado, malpreparado feito de gente diversa: os que nasceram mais ou menos bem, como eu, a chamada classe média (alta ou baixa não interessa¹⁸⁴), os trabalhadores, os empresários, os patos-bravos e arrivistas, os corruptos quaisquer que sejam as suas cores políticas (e felizmente para as minhas origens transmontanas, nem todos o são, embora avondem como dizem os galegos), os políticos de aviário (que jamais trabalharam um dia na vida e tiraram cursos esconsores em universidades dúbias, os que tentaram falsificar esses cursos e outros nem isso) e uma enorme massa humana a que se chama povo.

Este povo foi sistematicamente lavado ao cérebro, desde tempos imemoriais, sem jamais opor grande luta (exceto Viriato e Sertório) e foi subjugado por Romanos, Alanos, Suevos, Vândalos, Visigodos, Árabes, pela Santa Inquisição delatária (que deles fez um povo de “bufos”), pela Ditadura (de má-memória que deu 48 anos de obscurantismo em troca de alianças de paz com alemães, franquistas, americanos e britânicos para encher os cofres de ouro que não investiu).

É este povo, que encontrou a liberdade e a confundiu com libertinagem, e se deixou liderar por gente sábia na arte de roubar (lembra-se dos dinheiros da formação profissional da Europa que serviram para comprar carros de alta gama?), hoje vive satisfeito consigo e com a liberdade que nunca soube interpretar.

Nada aprendeu, a não ser substituir o fado, futebol e fátima, por mais fado, futebol e fátima, ao som de música pimba (quanto mais ordinária melhor), com telenovelas que fazem sonhar vidas que nunca terão, e inebriado pelo voyeurismo de Casas do Big Brother e da Quinta (onde a depravação e o sexo são a moeda corrente, e quanto mais melhor), totalmente anestesiado e tão inculto como no tempo do Salazar, embora agora seja senhor doutor, engenheiro, arquiteto e médico graças à massificação do ensino.

Um povo que nunca cuidou de se educar, de ter formação pessoal e profissional capazes (os governantes nunca o queriam nem deixariam: quanto mais incultos mais manipuláveis), sem gosto na sua história, na sua língua e na sua cultura, sempre as confundiu com atividades circenses, fossem elas touradas ou futebol.

Um povo anónimo como aquela mulher de Ponta Delgada que ontem mesmo dizia “eu não vou lá muito com a cara dele¹⁸⁵” e assim faz as suas opções políticas, mal dissimulando o seu racismo, xenofobia e preconceitos seculares, é este povo que vota e assim faz as escolhas sobre quem o vai governar... havendo outros que estarão ainda menos informados no seu analfabetismo disfuncional.

Olho pela janela e as brumas não auguram a chegada de nenhum Sebastião, desejado ou não. São apenas brumas e o Sebastião jamais chegará em dias de nevoeiro e mesmo que chegasse não salvaria o país. Está visto, o país partiu. A direita é direita, é direita. Porque sim. São dois quintos. A esquerda é esquerda, é esquerda. Porque sim. São três quintos. O centro, onde eu julguei que estava, desapareceu e agora? Dito isto, eu que

182 por chorarem a queda do governo Passos Coelho, ou por festejarem como um novo abril a coligação do PS, BE e PCP

183 Opositores do AO 1990, que sem lerem o AO 1990 falam de factos e fatos, de pactos com patos, cágados e cagados, sem jamais terem lido nada sobre as mudanças do AO 1990 e confundindo léxico com ortografia.

184 mas já interessou, pois, no meu tempo eu ia para o Liceu e os menos felizes para as escolas técnicas, comerciais, industriais, ou nem isso...

185 porque o putativo candidato a primeiro-ministro (de origem goesa) é “diferente”. Houve quem escrevesse no Facebook que deveria ir vender chamuscas e tandoori, forma dissimulada de lhe chamar monhé...

(deixei de ser monárquico aos 16 anos) sempre me coloquei no quadrante à esquerda, definindo-me (e ainda sou) social-democrata à moda sueca dos anos 70 (mas isso já não existe, dizem-me do lado!).

Direi também que comunistas e fascistas não têm grande simpatia ou estima na minha classificação (que me perdoem os bons amigos comunistas, os outros não, a menos que sejam da família e como todos sabem a família não se escolhe, nasce-se com ela como com um fato à medida, que depois quando a gente cresce pode sempre ir a um pronto-a-vestir e mudar de fato).

Há, no entanto, coisas que aprendi aqui e na minha Austrália e das quais não abduco, são princípios sagrados, dos poucos que ainda sobrevivem e aos quais me agarro.

Acredito na democracia participativa e aceito o voto da maioria mesmo estúpida, iletrada e portuguesa.

Acredito que o mérito é a única unidade de valor que interessa e não o compadrio, a cunha, o senhor doutor parolo da sociedade em que cresci.

Acredito que um país só é governável quando se rege pelos superiores interesses do país e não pelos interesses do partido, amigos e demais associados, "boys and girls".

Se é corrupto, prenda-se, julgue-se, sentencie-se e deite-se a chave fora. Os corruptos não têm reabilitação possível, mas obriguem-nos a trabalhar e a produzirem para a sociedade nem que sejam caixas de fósforos (esqueci-me de que já não se usam...pode ser, telemóveis, limpar matas, arar campos desertos, reabilitar casa devolutas...há tanto para fazer e poucos para o fazerem).

Acabem com as reformas milionárias, imerecidas ou injustificadas por deduções salariais.

Todos devem contribuir com descontos para a reforma, iguais aos que o estado deve colocar em fundos especiais, mas sem serem colocados em fundos de especulação bancária ou financeira.

O RSI - rendimento de inserção social ou mínimo, como quer que se chame hoje em dia - deve sempre contribuir para bonificar os que mais precisam, que o devem retribuir em trabalho para a sociedade, na medida das suas possibilidades e não para ficarem em casa a ver televisão.

Qualquer obra pública não pode ter derrapagem de custos, devem ser responsabilizados os culpados aplicadas coimas e deve ser indemnizado quem merecer ser.

As viaturas de estado devem ser reduzidas ao mínimo indispensável para o normal funcionamento dos serviços e não para a brutal ostentação inútil que se assiste em qualquer autarquia, repartição pública, ministerial, etc.

Na Austrália deslocava-me nos transportes públicos juntamente com membros do parlamento, ministros, etc....e os parentes nunca estiveram na lama...

A justiça deve ser feita de raiz ser célere e sem admitir prescrições...

Estado Social sim, mas com regras e inspeções (vejamos este exemplo a que assisti quando cheguei da Austrália, as casas sociais perto da minha no Porto, onde viviam pessoas sem posses, estavam todas com antenas parabólicas e carros melhores que o meu...isto em grupos familiares que não tinham rendimentos. Essas pessoas comiam diariamente nos cafés e restaurantes, coisa que eu não podia a não ser excepcionalmente), algo me diz que a distribuição é injusta e não fiscalizada.

A minha ética é o trabalho e se trabalho "pro bono (graciosamente)" nos colóquios da lusofonia e atividades paralelas, é a opção que não me remunera materialmente, mas me dá o prazer que o trabalho pago nunca me deu. Opções que não imponho a ninguém. Quando trabalhava por conta de outrem dei sempre mais do que recebi, na função pública ou na privada. Raramente vejo isso nos que me rodeiam, exceção feita à mulher que me aceitou a meio da vida e a uns tantos que conheço.

O restante (falo dos professores agora, para exemplo), são uma desgraça. Deveriam ser expulsos se houvesse sistemas de mérito na progressão de carreira e verificação de competências. São professores porque não podiam ser mais nada e não pela dedicação à nobre e decadente arte de ensinar. Entendo que o trabalho deve ser justamente remunerado e a carreira deve ter progressão, de acordo com o trabalho desenvolvido onde tudo é mensurável. Assim, os melhores devem ser recompensados, os maus retreinados ou formados, caso contrário, reformas compulsivas, sem apelo nem agravo.

Na Austrália os funcionários públicos eram avaliados assim e progrediam graças ao mérito. Era um sistema mais justo em que as sugestões dos funcionários iam até aos ministros, que muitas vezes, eram forçados a mudar as normas "Top Down" pois não funcionavam na prática e ninguém melhor do que os que estão na linha da frente para avaliar o impacto das mesmas. Hoje, no ensino (e função pública, em geral) qualquer norma é

rejeitada por ninguém querer mudar nem ter mais trabalho, os funcionários públicos regem-se pela lei do menor denominador comum ou do menor trabalho útil.

O parlamento britânico tem condições frugais para funcionar e labora melhor que o português, sem computadores, mal cabem nos lugares sentados, apinhados, sem gabinetes, nem telefones nem toda a parafernália eletrônica da Assembleia da República. Na Suécia os deputados de fora têm direito a um miniapartamento de frugal conforto, que é tudo o que necessitam.

Cá, há subsídios, mordomias, e o maior escândalo são os preços do caviar e do champanhe, quase gratuitos, no bar da Assembleia. Isto sem falar dos carros de luxo e viagens em classe executiva. Na Austrália, os transportes públicos são para todos e diariamente viajavam comigo ministros e altos funcionários do governo estadual sem os parentes caírem na lama.

Em terras de Portugal jamais esquecerei a cena ridícula dos ninjas que acompanharam (o então mais breve primeiro-ministro da História de Portugal) Pedro Santana Lopes para o protegerem de ameaças, quando foi numa visita relâmpago de 48 horas, (2004 ou 2005) a Bragança, com carros blindados, a guiarem na contramão para o levarem à Estalagem de S. Bartolomeu onde estava alojado, ... uma cena à fa-roeste....

Ora, como todos sabem, Bragança é um coio de terroristas do ISIS e Al-Qaeda. Ali ninguém se desloca sem batedores da polícia, guarda-costas e secretas como se fossem o Presidente dos EUA ou de Angola... vá lá o diabo tecê-las e serem atingidos por uma alheira, butelo ou – quem sabe? – uma posta mirandesa.

Dito isto falta tecer considerações aos anos de tortura do Governo sob a troica, manietado pela banca internacional de agiotas que tenta reger o planeta. Um governo bem-comportado que foi para além das exigências da troica e FMI, sem cortar um avo que fosse aos privilégios dos governantes, aos desmandos da banca e a outras benesses. Se ao menos ao fim desse período tivéssemos a certeza de ir ficar melhor o país e as gentes, ainda se compreendia o esforço, mas sabemos, de antemão, que de nada serviu e tudo continua na mesma.

Tudo à custa das classes trabalhadoras, a quem se retiraram direitos, feriados, salários, a quem se congelaram salários e pensões, se reduziram os benefícios arduamente conquistados depois das longas trevas da Ditadura, de promessas nunca cumpridas e de aumentos exagerados de impostos aumentando o fosso entre ricos e pobres, condenando milhares de portugueses a emigrarem, despovoando ainda mais um país envelhecido, reduzindo a quantidade de pagantes de impostos enquanto se aumentavam o número de milionários por meios obscuros e indignos para não dizer ilegais. Que o digam a Porsche e a Ferrari.

É o esquema 40-40-40: Faz alguém ficar rico, trabalhas 40 hrs semanais por 40 anos e reformas-te com 40% daquilo com que não podias viver quando começaste a trabalhar.

Ora esse governo insensível entreteve-se a dar ao desbarato (em troca de luvas e outras benfeitorias) tudo o que era nosso e tinha valor para os estrangeiros cobiçarem, hoje já há muito pouco de Portugal nos produtos portugueses. Quase tudo que leve o nome português pertence a estrangeiros.

Se as joias da coroa fossem bem vendidas ainda se admitia a privatização, mas dar ao desbarato coisas que nós pagamos exorbitantemente é um crime de lesa-pátria. Primeiro começavam uma campanha contra a ineficiência de qualquer bem a vender, cortavam-se os meios de terem lucros e de funcionarem e depois entregavam-se de mão beijada aos amigos e aos que mais luvas pagavam.

Foi assim com a EDP, REN; TAP; CTT, etc., ficou a ponte Vasco da Gama, a torre de Belém e os Jerónimos e pouco mais, e mesmo esses iriam a seu tempo ser vendidos, que disso não restam quaisquer dúvidas. Escravizado, o povo português vendido a chineses e a outros, cada vez tem menos serviços, menos saúde, menos justiça, menos educação e mais facilmente se manipula, aceitando a caridadezinha que era apanágio do Salazar. Um quarto da população vive em níveis de pobreza extrema, aumentaram os sem-abrigo, os destituídos, e sobretudo e isso não perdoou, hipotecou-se a ESPERANÇA.

Sim, sei que sou um poeta (até Adriano Moreira quando nos encontramos pela primeira vez em Bragança 2008), utópico e idealista, individualista, hedonista, mas se há coisa que não perdoou foi roubar A

ESPERANÇA às novas gerações. Nem Salazar conseguiu fazer isso à minha geração, pois havia a guerra colonial, havia um regime decrépito, mas tínhamos a ESPERANÇA e agora os nossos filhos e netos não têm isso, nem sabem o que é, dado que foi hipotecado o futuro.

Como bom poeta, se fosse anárquico sempre podia desejar o caos absoluto, après moi le déluge, diria mesmo, um terremoto maior do que o de 1755 para reconstruir o país todo do zero, mas isso era improvável. Sonho com isso desde os tempos de Liceu...

Assim temos de nos contentar com os que cá estão, a menos que os consigamos prender todos ou expatriar. Não aceito que se venda o país a retalho sem mexer nos privilégios dos ricos e poderosos e se mande sempre a fatura aos mesmos? Não concordo que se faça o povo pagar os erros dos bancos em vez de se fazer como na Islândia onde se prenderam os banqueiros e se venderam os bancos para reembolsar os que foram vigarizados por eles?

Sou europeísta e acreditei no sonho dos fundadores da Europa, como solução para um continente que assistiu a séculos de guerras, incessantes e inúteis como sempre, mas não votei numa Europa manietada pelo grande capital agiota para nos retirar a liberdade e a soberania. Não é essa a Europa a que quero pertencer, uma fortaleza anti-imigração que se deixa corroer de dentro pelo avanço do islamismo fundamentalista sonhando com islamismos moderados que não existem.

Uma Europa que vê primaveras árabes ao fundo do túnel do petróleo, com isso faz desabar ditadores e abre escancaradamente as portas a uma emigração que mais ninguém vai conter, a não ser pela força das balas e dos naufrágios inúteis no mar mediterrâneo. Uma Europa aliada dos EUA a formar e a armar grupos como a Al-Qaeda, ISIS que depois, alegadamente, fogem ao seu controlo para se tornarem em vilões como Saddam, bin Laden e outras invenções americanas (os EUA estiveram em guerra 222 anos dos últimos 239).

Nunca acreditei na troica e no FMI como solução dos problemas, dada a experiência deles em destruir países e condenar povos à miséria escravagista do capitalismo selvagem. A austeridade nunca foi receita para ninguém, nem faz crescer a economia para dar mais lucros aos agiotas. Ao contrário dos amigos liberais e neoliberais sou contra toda e qualquer austeridade, mas não sou contra o rigor, nem contra o despesismo balofo, a ostentação, o novo-riquismo.

Esqueci-me de dizer que também não acredito nas tretas de direita e esquerda, pois não creio em nenhum político honesto (é como acreditar numa prostituta virgem!), nem imagino que o governo possa fazer grande coisa.

Quanto ao resto quero que os corruptos sejam condenados e presos, que o sistema bancário mundial seja rapidamente aniquilado...

Não, não me entendam mal, eu até acredito no capitalismo, mas mais à moda antiga, aquele que investe os lucros para criar maior riqueza para todos, como dantes acontecia.

Pelo que vi do comunismo há sempre uns mais iguais que outros.

Ainda acredito na social-democracia à moda sueca dos anos 70, que era assim que imaginava o socialismo à portuguesa, onde o estado complementa a iniciativa privada e a liberdade individual em vez de a tolher com normas estúpidas como o tamanho dos tomates ou dos chicharros.

Ainda acredito no ensino universal e gratuito para todos os que tiverem valor e não para os que querem apenas o canudo e o axiónimo Dr. ou Eng.º ou quejandos.

Acredito que qualquer país só pode evoluir quanto mais culta for a sua massa populacional, eu disse culta, não disse com canudos de Bolonha...

Acredito em qualquer país que gaste mais no orçamento da cultura do que na defesa, acredito em qualquer país que preze a sua história e a preserve através da recuperação dos monumentos e tradições orais ou qualquer outra forma, que não sejam touradas e demais falsas culturas circenses... caso contrário que volte o autêntico e original circo de Roma com muitos leões para lá deitarmos os nossos políticos na arena.

Quanto a guerras determino que em vez de mandar a juventude para a guerra devemos estabelecer normas de duelo entre os políticos dos países beligerantes, podendo estes escolher as armas, sejam elas luta livre, corpo-a-corpo ou xadrez.

Com ESPERANÇA posso voltar a sonhar e sem sonhos a vida não merece ser vivida.

Uma das grandes vantagens de se envelhecer é que a noção de tempo adquire nova dimensão, ou seja, parece que o tempo anda mais depressa, por vezes quase que voa...os dias sucedem-se a um ritmo avassalador...os jovens infantes com quem andamos ao colo ainda não há muito tempo já nos mostram os seus filhos, e de repente em volta de nós, todos têm netos. Já me explicaram isto de uma forma sucinta que até entendi.

Ou seja, quando somos jovens o tempo é lento, pois, segundo a ordem natural das coisas ainda temos muita vida à nossa frente e, portanto, cada unidade (dia) parece demorar uma eternidade pois é uma fração enorme da vida vivida, mas uma pequena fração do que há para viver. Na velhice é o oposto, o tempo é rápido pois cada unidade é uma fração pequena do que já vivemos e mais pequena ainda do que nos falta viver...por isso a todos aconselho vivam cada dia como se fosse o último e não deixem nada por fazer, não deixem nada por dizer.

O ano de 2015 foi muito mau em termos gerais, quer pela saúde, minha e da companheira das últimas décadas, quer pela dificuldade de sobrevivência, dia após dia, quer pela falta de paciência e tolerância por um mundo que nos é, cada vez mais, estranho e alienígena.

A pequena trombose que me avisou sobre a fragilidade humana, em março, veio alertar-me para a durabilidade como um fator extremamente aleatório e independente da vontade e capacidade intelectual. E quando temos tanto para fazer e dizer essa constatação é uma pesada e ameaçadora espada de Dâmocles sobre as nossas cabeças, como os comprimidos ao pequeno-almoço, almoço e jantar insistem em nos mostrar.

Por outro lado 2015 teve tanta guerra, desgraça humana, miséria que nos fez lembrar tempos idos e não-vividos que deram lugar a duas guerras mundiais. Assim, continuo a achar hipócritas os votos coloridos, que enchem as páginas do correio eletrónico e o Facebook, pois, para mim, jamais serão dias festivos de natal enquanto almas gémeas continuarem a morrer à míngua ou em busca de um lugar no mundo e não uma morte por afogamento no mar mediterrâneo, ou atingidas por um grupo de extermínio Daesh ou similar.

A violência atinge paroxismos já esquecidos, a vida humana tem cada vez menos valor, as falcatruas descaradas sucedem-se, a desgovernação, a mentira propagandeada diariamente pela TV e jornais envenenam as mentes, a manipulação das massas e das ideias contamina as futuras gerações.

No meio deste deserto com vozes onde sempre vivi, germinam algumas flores silvestres e tímidas, carentes de água, mas resilientes, habito ainda a suave utopia da poesia que sempre me governou e serve de desculpa para justificar a existência.

Tu, que me lêes se já não consegues vislumbrar essa utopia e esperança jamais terás natal.

Não invejo os bens e conquistas materiais, legítima ou ilegítimamente conquistados, com que te ufanas na varanda dos dias, não cobiço o paradigma de vida que escolheste, esses fogos-fátuos de vaidade, ostentação e prosápia com que te vestes e dás a esmola caridosa aos pobres que te cercam.

Persistirei em viver neste bucolismo açoriano que me cativou com as suas letras e escritores (e escritoras, que me perdoem as feministas por usar linguagem que aprendi embora politicamente possa não ser correta).

Sei que ainda é legítimo continuar a sonhar e a viver utopias enquanto o mundo, lá fora, se desmorona como os icebergs.

Se pertences a essa elite (na qual me incluo) és bem-vindo na minha modesta casa rural para partilhares sonhos e utopias, se não pertences a esse grupo (mais exclusivo que o clube *Bilderberg*) goza o teu natal consumista nas lojas da especialidade e fica bem longe.

Um natal para todos é o que vos desejo.



CRÓNICA 156. A EUROPA NUA 27 janº 2016

O ano açoriano começou como tinha acabado com avisos da meteorologia, chuvas, ventos ciclónicos e inundações, desabamentos.... Tivemos a visita anormal de um ciclone, furação ou tufão Alex (conforme a latitude a que nos lê) que fez muitos estragos e causou duas mortes. Depois disso, em 26 dias houve 26 alertas da Proteção Civil. Tem chovido o suficiente para dizer basta. A saúde da minha cara-metade cedeu com tanta humidade e chuva e ficou mais uma semana em casa de baixa. A impotência perante as tempestades e perante a falta de saúde atrasam a normalidade da vida e dos sonhos que nos permitem continuar vivos.

Nem mesmo me animou a eleição de um novo Presidente da República (Marcelo Rebelo de Sousa ou D. Marcelo II, filho de um Ministro colonial do fascismo, comentador de tudo e de nada nas televisões, e afilhado do Dom Marcelo I¹⁸⁶). Como bom Presidente eleito saiu de casa no primeiro dia com a TV às costas, mas cometeu infrações rodoviárias: guiou sem cinto de segurança no carro e parou a viatura num lugar para deficientes. Bom exemplo para começar...

A abstenção foi a grande vencedora em especial nos Açores (67%) a quem os presidentes e as repúblicas pouco ou nada dizem, pois reportam-se a um país a que ainda estamos ligados ma non troppo.

Resumidamente Marcelo II teve 2 400 000 votos, ou seja, foi eleito por cerca de 25% dos portugueses... aqui na Lomba da Maia venceu a abstenção 715 votos (68,5%) e Marcelo 193 (59,4%). Nada que preocupe o dia-a-dia dos vizinhos vaqueiros e habitantes da pacata Freguesia.

Na Alemanha e na Suécia (assassinato duma trabalhadora social por refugiados, violência, violações e quejandos, fazem temer o pior na integração forçada de refugiados islâmicos (alguns serão, outros não) numa Europa sem ideias em vias de desintegração rápida.

Na comissão de inquérito parlamentar açoriano ao acidente que vitimou uma pessoa no Pico quando um cabeça de amarração se desfez, velho e apodrecido, concluiu-se (onde está a novidade?) que a culpa tem sempre de morrer solteira como convém a uma culpa de recato e de bons costumes. Entretanto as vacas continuam a exigir mais apoios, enquanto os desgraçados dos pescadores incapazes de saírem para a faina pela inclemência dos elementos não recebem as migalhas que o governo prometeu para lhes mitigar a fome.

O fim das quotas leiteiras serviu para ganharem mais uns milhões em subsídios... tudo vai bem neste país de faz-de-conta e os açorianos contentados, como sempre estiveram pelo jugo feudal a que a história os habituou, passam ao lado das tendências autonomistas da Catalunha, da Escócia e de quejandos.

Nos EUA um homem de penteado (e o resto?) duvidoso continua a semear ódio. A nação que já comandou o mundo, limita-se a golpes de estado, invasões, atentados, e outras proezas de que o futuro dará conta, enquanto o velho rival russo numa manobra de hegemonia mundial se alia à China e marca pontos no xadrez internacional, de acordo com interesses económicos e geoestratégicos.

Por isso a base das Lajes na Terceira perdeu o interesse para os EUA que a abandonam deixando milhares de pessoas na penúria depois de 60 anos a viverem à custa da ocupação americana da base que protegia a velha Fortaleza Europa.

in DN: Roma de joelhos

Encaixotadas, retiradas, tapadas. Faz-de-conta que nunca houve Vénus capitolina, Eros com arco ou leda e o cisne. Os museus autocensuraram-se para Matteo Renzi, o primeiro-ministro italiano receber o Presidente do Irão, Hassan Rouhani, e a sua lista de compras no valor de 17 mil milhões de euros. Escapou o Imperador Marco Aurélio a cavalo num animal com tudo à mostra. Uma capitulação, O líder iraniano aterrou em Itália com um cheque de cem biliões para injetar na economia decrépita e a Europa capitulou como raramente se viu. Comento eu que uma Europa de calças na mão, sem espinha nem coragem nem moral a ceder, antes de ser dizimada pelos que virão. é uma questão de tempo até "eles" tomarem conta de nós...desculpem se fui meigo. O sonho europeu dos anos 50 esvaneceu-se substituído por tecnocratas e burocratas vendidos ao vil metal que baixam as calças para terem petróleo barato do Irão...

Nota de interesse do autor: - fui um dos muitos responsáveis pela definição ao mínimo pormenor da política multicultural na Austrália e sua aplicação na Função Pública. Mas o respeito pelas culturas tem de ser mútuo e não unívoco como agora se vê... Eu faria isso se eles lá tivessem igrejas e fizessem o mesmo...como não fazem...

CRÓNICA 157, DA PAZ QUE VIVO E DAS IMBECILIDADES QUE NOS RODEIAM (mais uma dedicada ao JOSÉ ANT^o SALCEDO) 27 fev^o 2016

Ontem o meu amigo José António Salcedo, entre centenas de pessoas, perorava contra a imbecilidade de um cartaz do Bloco de Esquerda chamado Jesus teve dois pais... não valia a pena incomodarem-se que a imbecilidade não é apanágio de um só grupo ou dos políticos em geral, é transversal a toda a sociedade.

Hoje, acordei incomodado por outros se afligirem com coisas como estas, que a mim, há muito passam ao largo, e ignoro, pois, desmerecem uns segundos que sejam apenas da minha atenção e preocupação.

Enquanto ele tem o seu refúgio terreno no Gerês, eu estou nas ilhas da Atlântida, ele sonha com novas aplicações para os seus lasers e fibras óticas enquanto perseverantemente porfio em levar mais longe o debate, a defesa e a divulgação da língua, literatura através dos Colóquios da Lusofonia. Ele fotografa o mundo como o vê, eu escrevo o que sinto e vejo.

Temos uma ética diferente da maioria das pessoas e somos profundamente avessos a “ismos” de qualquer tipo, especialmente fundamentalismos e totalitarismos, por isso não nos chateemos com imbecilidades e concentremo-nos em agradecer estarmos vivos e aqui...

Não sendo católico, nada tendo a favor ou contra Jesus, impérvio ao facto de ter tido dois pais, duas mães ou nem por isso, há coisas que me assustam mais e nada têm a ver com o domínio global da banca nem com o crescimento da economia da Irlanda ou da Islândia. Menos ainda com a crise do sucesso de Macau. Fosse eu crente e estaria a dar graças (ou garças) a deus, a alá ou a uma qualquer mãe-natureza por estar vivo e ter nascido aqui e viver acolá.

Com efeito, nunca me canso de agradecer não ter nascido no Afeganistão, Coreia do norte, Nigéria, Mali, Paquistão, Bangladeche, Irian Jaya (Papua Ocidental sob ocupação indonésia desde 1962), Iémen, Iraque, Irão, Caxemira, na ainda ilegal República Sarauí, República do Congo, Chade, República Democrática do Congo, República Centro-Africana, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Guiné-Equatorial, Ruanda, Burundi, Quénia, Uganda, Somália, Etiópia, Sudão, Líbia, Síria, Egito, Eritreia, Camboja, Birmânia (Myanmar), Chechénia, na maioria dos países da América Latina ou do sul, México, Albânia, Hungria, balcânicos, da ex-União Soviética (Ucrânia, Crimeia) e países terminados em “ão” (Turquemenistão, Tadjiquistão, etc.) num total de 151 países atualmente em guerra....

São tantos e diversos, uns em guerras recentes, outros há décadas, sem paz nem futuro nem presente e eu nos Açores a queixar-me de quê? Da humidade? Dito isto, alguém na sua perfeita sanidade tem coragem de se queixar de imbecilidades mesquinhas e de políticos?

Vejamos as coisas pelo lado positivo, pertencemos eu, o meu interlocutor e alguns mais, a uma pequeníssima elite de seres pensantes, com opinião e inteligência para formar opinião, divergindo de mais do que 90% da população portuguesa que nos rodeia e dos que nos comandam o dia-a-dia...

Conseguimos ser indivíduos e individualistas, mesmo integrados em esquemas coletivos e de solidariedade, sonhamos com altos voos para nós e para os nossos que não se comprazem com a mesquinhez e a mediocridade do meio-ambiente onde estamos inseridos.



CRÓNICA 158. PROTESTO DE UM CIDADÃO DA LOMBA DA MAIA S MIGUEL AÇORES março 2016

Publicado a 10/03/2016

Ex.mo Senhor Diretor

Terá de morrer alguém numa derrocada na estrada da Maia para a Lombinha da Maia em S. Miguel para haver obras?

Terá de haver uma derrocada catastrófica na estrada da Maia para a Lombinha da Maia em S. Miguel para haver obras?

Terá a cor política da Junta de Freguesia e da Câmara algo a ver com os “estudos” que alegadamente estão a ser feitos para haver obras na estrada da Maia para a Lombinha da Maia em S. Miguel?

A estrada ficou cortada depois das derrocadas de dezembro 2015, com enormes inconvenientes para centenas de moradores da costa norte.

Os transportes privados, os públicos, incluindo os transportes escolares, fazem desvios morosos por Calços da Maia, Gorreana e S. Brás em estradas que não foram feitas para tal movimento e depois de meses de a estrada ter estado cortada à circulação entre a Lombinha e a Maia, nem um só trabalhador apareceu no horizonte num dos troços mais perigosos das estradas públicas regionais na costa norte.

Está em estudo, ao que dizem, a intervenção camarária e os transportes pesados estão proibidos de acederem aquele ramal, enquanto os ligeiros que por ali passam correm riscos enormes e desnecessários.

A falta de sedimentação das perigosas arribas após as derrocadas de dezembro pode nem precisar de mais chuvadas para causar novo desmoronamento...

Porque esperam então as entidades responsáveis para fazerem obras que há muito se impunham? Se houver uma tragédia, do dia para a noite surgirão máquinas, trabalhadores e estudos?

Aqui deixo a pergunta a quem de direito como cidadão residente na costa norte a quem foi coartado o acesso direto entre a Lombinha e a Maia.

Ao fim de três meses continuo à espera do início das obras céleres para darem segurança aquele troço bem movimentado da estrada.

Com os melhores cumprimentos

CC

PS: em agosto 2018 continua tudo exatamente na mesma... e de estudo nada...



CRÓNICA 159 QUANDO AS PALAVRAS SE ACABARAM, abril 2016

A inquietude persegue-me desde que deixei a Europa em 1973 e me abri ao conhecimento universal e multicultural. Esta inconstância assola-me desde que me arquipelizei há mais de dez anos. Sou conhecido pela infidelidade no amor às ilhas que habito.

Quando saio da Ilha verde - e visito nova ilha – enamoro-me loucamente, como um jovem adolescente de sangue quente em busca de paixões avassaladoras como são os amores da juventude. Só posso viver numa, mas em todas quero estar em simultâneo, pois nelas me sinto em casa.

Como pode uma pessoa vinda de outras culturas e continentes entender estas ilhas e suas idiossincrasias?

Há cinco anos que não visitava a ilha mágica, o Pico magnético que me atrai e seduz.

Um dos primeiros locais que quis visitar foi a casa de José Dias de Melo no Alto da Rocha do Canto da Baía. Aí perdi as palavras, as silvas retomaram posse de terrenos em tempos bem tratados e cuidados, a portinhola de madeira, na entrada, estralçada com as ripas no chão. As pedras soltas do caminho de acesso à casa, o abandono total à espera de uma decadência que a casa não merecia por mais pobre humilde que sejam as suas origens e as do seu habitante mais celebrado e ora esquecido.

Foi há apenas cinco dias que as palavras se me acabaram. Foram-se. Esgotadas. Caladas. Silentes como o breu da noite. Arrebatadas por alguma força alienígena que não entendo. Sempre disse que um povo que não respeita a sua história e os seus vultos acabará, mais cedo ou mais tarde, como povo e dele restará um punhado de notas para a História.

Tentei saber o porquê do abandono, falaram-me de disputas entre herdeiros e editores. Não quis saber então, e muito menos quero agora. Há desculpas que a gente não engole. Até podem ser reais ou legais ou mesmo morais, mas nem por isso se tornam mais aceitáveis, palatáveis.

Um dos mais ricos patrimónios, ainda mal explorado, dos Açores é a sua riqueza literária. Há anos que venho pugnando e propondo a autarquias e entidades várias, a criação de roteiros culturais locais, para se celebrar a memória de autores e de suas obras, os seus passos terrenos, os locais onde nasceram e viveram, onde escreveram, onde sofreram e sonharam.

Os passos que davam nas suas caminhadas diárias, as paisagens que os inspirava, os sons e os cheiros que rodeavam o seu meio-ambiente.

Fiquei imensamente triste, pensei que ia encontrar a casa aberta ao público, como espaço museológico, com um guia habilitado, a falar-nos das suas lutas, da sua escrita e vim a encontrar estas imagens que me compungem.

Estas palavras que me abandonaram servem apenas para lançar um apelo pungente aos herdeiros do escritor para que honrem a sua memória e não deixem morrer a casa que bem serviria para contar as suas histórias de baleeiros.

Há bens imateriais que se deviam sobrepor a quaisquer vantagens materiais desta propriedade a caminho da ruína.

Sei que a memória do homem e da obra podem ser dignificados e acredito que o serão, para preservar este cantinho de um autor que soube sempre honrar o Pico natal.

É este Pico que amo e quero ver enaltecido, em vez de entregue às silvas e ervas daninhas que nunca quebraram nem amedrontaram o escritor dos baleeiros.

Termino dizendo que a magia da ilha, que se insinua como uma amante insaciada, mulher fatal capaz de marcar os destinos dos homens que têm a sorte de a encontrar, merece que a casa de José Dias de Melo seja mantida e aberta ao público em geral e a fiéis como eu, que ali peregrino sempre que vou ao Pico (Calheta de Nesquim) ...



CRÓNICA 161 A LUSOFONIA REGRESSOU A TRÁS-OS-MONTES, abril 2016

Depois do sucesso de várias edições dos colóquios da lusofonia em Bragança (2002 a 2010), andamos por outras paragens [Seia, Fundão, Açores (Ilhas de S. Miguel, Sta. Maria e Graciosa), Brasil, Macau e Galiza] e finalmente surgiu a oportunidade de regressar a Trás-os-Montes, com o patrocínio da Câmara Municipal de Montalegre.

Temerosos pelo que se fizera sentir no mês transato e o forte nevão ocorrido uma semana antes, arribamos a esta terra nas faldas do Larouco, e cedo nos apercebemos do calor das gentes da terra, da agradável hospitalidade, bonomia, simplicidade, sinceridade e inexcedível acolhimento, que nos haveria de acompanhar ao longo de seis extenuantes dias de colóquio com cinco dezenas de oradores e mais de oitenta participantes, culminando na noite de dia 24 de abril em que muitas centenas se apinharam no Pavilhão Multiusos para celebrar o 25 de abril.

Há 4 mil anos, ergueram aqui monumentos funerários, como as antas da Mourela e da Veiga, ou as cistas¹⁸⁷ da Vila da Ponte, e Montalegre já era povoada na Idade dos metais. Depois, os Celtas erguem tantos castros quantas as povoações do Concelho. Os Romanos atravessam a região com uma via imperial e pontes, e romanizam alguns castros. Dos Mouros não há indícios de presença, exceto a tradição oral que lhes atribui tudo quanto de extraordinário e antiquíssimo existe.

D. Afonso Henriques doou terras ou coutos onde floresceram albergarias (Salto), hospitais (Vilar de Perdizes e Dornelas) ou mosteiros (Pitões). Como fronteira com o reino da Galiza, são erguidos os castelos de Gerês e Piconha e os do Portelo e de Montalegre. São atribuídos forais a Tourém (D. Sancho I, 1187).

Em 1273 D. Afonso III, em Carta de Foral, funda a vila de Montalegre e o respetivo alcácer tornando-se cabeça das Terras de Barroso. O foral é confirmado por D. Dinis, D. Afonso IV, D. João II e em 1515, D. Manuel converte-o em foral novo. As Terras de Barroso são oferecidas a D. Nuno Álvares Pereira, Condestável do Reino (D. João I), na Guerra da Independência.

Nas invasões francesas (1809), as tropas tiveram problemas de monta com os barrosões, na Misarela. Em 1836, o Concelho é dividido criando-se o município de Boticas e perderam-se Vilar de Vacas (sediado em Ruivães) para o município de Vieira do Minho, e o Couto Misto de Santiago de Rubiás.

A história recente de Montalegre é igual à de tantas regiões, marcada por uma forte emigração, depauperação económica e abandono das atividades económicas tradicionais.

Hoje tudo é já diferente da minha infância. Vivemos numa nova escravatura que nem Aldous Huxley imaginou no seu livro Admirável Mundo Novo. Os temores de 1984 de George Orwell converteram-se já na prisão sem grades onde prevalece o medo que enche o quotidiano de jornais e televisões. Enquanto puder isolar-me-ei refugiado no onírico, na poesia e na utopia, em vez de buscar uma qualquer droga de felicidade falsa ou um novo empréstimo bancário ou hipoteca.

Cresci numa época conturbada, após a segunda Guerra Mundial, no esforço de reconstrução da Europa, quando em Portugal ainda não se podia sonhar. Cresci com a espada de Dâmocles da guerra colonial que viria a ceifar o futuro que tinha delineado. Nessas décadas de 1960 e 1970 éramos jovens, esperançosos e sonhadores num mundo melhor. Durante anos vivemos a ilusão que a revolução dos cravos permitia, mas hoje no outono da vida vivo desiludido com o mundo que me rodeia, com as promessas incumpridas de 42 anos de abril, uma desigualdade ímpar neste fosso entre ricos e outros, sem grandes esperanças para os dias que restam. Já não sobejam grandes sonhos para passar às gerações futuras, enquanto antecipo as piores previsões orwellianas, ultrapassadas por uma realidade que há muito excede a ficção. Luto contra a imensa amargura de já não se poder sonhar.

Pessoalmente já não visitava esta agradável vila desde 2003 quando veraneei na vizinha aldeia raiana de Baltar e mais especialmente na Rousia (do lado de lá da fronteira), local que ficou gravado na memória e onde me aprestei a ir recordar esses bons momentos. Na região de Montalegre revisei lugares perdidos na memória dos anos 60 e 70 como Pitões das Júnias, Vilar de Perdizes e Tourém, cheios de lendas e tradições geradas por uma rica herança que vem desde os Celtas, além desse memorável capítulo da história que foi o Couto Misto. Sei que as novas gerações pouco ou nada ligam às recordações do passado que me esforço por reviver a cada passo que dou.

187 Uma cista é um monumento funerário megalítico com quatro lajes, verticais em retângulo. Sobre elas costumava ser colocada outra pedra horizontal a jeito de tampa. No interior eram colocados os restos mortuários. Por vezes é difícil determinar se um monumento é um dólmen pequeno ou uma cista. O critério é o tamanho: é cista quando a sua superfície não supera o metro quadrado. As cistas aparecem associadas a outras formações megalíticas, por exemplo, no centro de túmulos, no centro dum cromeleque (rodeando as cinzas mortuárias), no interior de covas sepulcrais, etc. Em geral a sua conservação é má, e costuma faltar a tampa e lajes laterais.

CRÓNICA 162 MUNDO LOUCO 17 junho 2016

Dei por mim a escrever cada vez menos, não por falta de tema...pelo contrário, há excesso, mas sem tempo nem disposição para lidar com um mundo hostil com o qual me não identifico.

Esta semana mais de centena e meia de mortos numa Igreja no Quénia chacinados por extremistas em virtude da sua fé. Nem uma palavra nos telejornais, apenas uma nota de rodapé nalguns blogues. Dos cristãos queimados no Quénia, assim como eventos semelhantes na Nigéria, nem uma palavra.

Na Florida, em Orlando, um desarranjado mental entrou num bar gay e desatou aos tiros (crê-se que com mais ajuda) e liquidou cerca de 5 dezenas de pessoas e feriu outras tantas com uma arma automática. Era casado, gay e já frequentara o bar. Estava confuso sobre o islamismo radical, apoiava Hezbollah e Al-Qaeda e sabe-se lá quem mais, grupos antagónicos, o que demonstra tratar-se de pessoa confusa, segundo a mulher afirma, dizendo que o FBI a proibira de revelar a homossexualidade do marido. Claro que uma prenda destas para os serviços de defesa nacional não foi desaproveitada, pela propaganda anti-islâmica habitual.

Na Florida (outra vez?) num Hotel Disney, uma criança de dois anos foi levada por um jacaré e morreu afogada. Não deviam deixar os jacarés misturarem-se com os hóspedes da Disney, é má publicidade.

Os jogos circenses do futebol europeu começaram em França com ameaças terroristas profusamente divulgadas pelas autoridades que mantêm um regime de exceção a que os cidadãos se não habituam e contestam. Depois, vieram confrontos entre hooligans russos e britânicos, mas só os russos foram ameaçados de expulsão. Não convém hostilizar os britânicos pois votam, o Brexit, sobre a sua saída da EU. Ontem mesmo, uma deputada inglesa foi morta à facada por alguém que as autoridades acreditam ser da extrema-direita. Ou seria um destravado pago pela banca temerosa pela saída da UE? Quando mataram o arquiduque austríaco começou a I Guerra Mundial, quem sabe se a Grã-Bretanha sai mesmo da EU, quem sabe?

Na Europa, a NATO hostiliza mais a Rússia e desloca milhares de tropas para as fronteiras. Não basta o que fez na Ucrânia e à sua partilha leste e oeste, ao abate do avião civil e morte de milhares de pessoas...

Nos EUA, Bernie Sanders deu luta à putativa candidata Hillary Clinton, mas perdeu com as trafalhões habituais na contagem dos votos, já era assim que Bush II ganhava eleições. O perigo maior vem do populista (dizem que é republicano, mas parece um democrata infiltrado para aniquilar os republicanos) Trump que ameaça o mundo com "boutades" extremistas e faz os islâmicos radicais parecerem moderados.

Outra notícia esta semana é a injeção de 4 biliões na CGD, parece que há anos que fazia negociatas obscuras, emprestando a amigos do executivo, a uma fundação que nunca existiu, e agora aqui d'el-rei que é preciso dinheiro para recapitalizar e evitar a falência.

Já não bastavam o BES, BCP; BPN; BANIF...e futuramente o Montepio...paga contribuinte tuga...

Em Trás-os-Montes fala-se do Museu da Lusofonia, ideia dos nossos colóquios da lusofonia em 2009 a quem foi prometido avançar e depois tudo morreu em fogo brando, para ser reativado em 2015 com cinco milhões de euros prometidos pela Comissão Coordenadora do Norte. Em 2009 precisávamos apenas de dois milhões para avançar... Coibo-me de comentar, usem a ideia e o projeto, mas avancem lá com isso, que eu não divulgo nada do que se passou então, assim ficarei com mais um filho bastardo, mas a culpa não é minha. (projeto em <http://coloquios.lusofonias.net/projetos%20aicl/MUSEU%20BRAGANCA.htm>.)

Continuarei a pugnar por Trás-os-Montes e por Bragança como sempre tenho feito, serei sempre filho emigrado da terra, mas o amor mátrio não se discute nem se define.

É nessas terras a que ainda chamo minhas que pertenço e não é a idade nem a distância que vai fazer estremecer esses laços., mesmo no dia de hoje, bem triste pelo começo do enchimento da barragem do Tua, crime ambiental injustificado que sepultará mais uma obra-prima da natureza e centenas de anos de história. Se um dia, o futuro vier, haverá quem julgue esses criminosos que autorizaram e levaram avante essa monstruosidade, mas para mim ficarão sempre retidas na memória as imagens das fagulhas do comboio a vapor que usava quando há sessenta e tais anos me deslocava a férias à terra de meus avós e minha mãe.

Guardarei para sempre as imagens bucolicamente belas do Douro nesse percurso que é património imaterial e que hoje começam a afogar para uma barragem inútil, no que não passará nunca de mais um crime ambiental impune.



CRÓNICA 163 CAMPEÕES 12 julho 2016

O mundo enlouqueceu definitivamente e eu, impotente, a assistir. Imaginem que os tucas ganharam uma taça de futebol, coisa nunca vista desde que nasci e mesmo a minha mãe com os seus 93 anos sem perceber nada de bola deu conta de algo a que nunca tinha assistido desde pequena. Eu nunca acreditei na equipa, de mediocridade atroz, dependendo em demasia da supervedeta CR7 (Cristiano Ronaldo), mas reconheço que bem melhores jogadores jamais conseguiram tal feito. Via-se o mundo com a bandeira portuguesa, e fez-se a promessa de ida a Fátima. Isto ainda volta ao que era dantes: fado, futebol e Fátima, grande país.

Mas a imagem do evento é a do jovem Mathis, lusodescendente nascido em França, a consolar um adepto francês inconsolável...enquanto nas imagens cómicas o melhor prémio foi para o ex-jogador do FCP, Benny McCarthy, na África do Sul, aos saltos com a vitória portuguesa ou o Quaresma a agarrar a cabeça de um francês e a perguntar "Ronaldo foi este que te aleijou"???

Ao mesmo tempo - umas meninas e meninos - no atletismo andaram a colecionar medalhas e esperamos também que recebam umas condecorações, embora não concorde com o epíteto de heróis a jogadores principescamente pagos para andarem aos chutos a uma bola.

Heróis seriam os dois aviadores que voltaram para dentro do avião C 130 que ontem caiu no Montijo para tentarem salvar o piloto e morreram na explosão que seguiu, mas isto digo eu que tenho uma inversão de valores enorme em relação à sociedade que me rodeia.

Digno de registo é esse camaleão maoista Durão Barroso (cuja cara tem sido apelidada de cherne, embora pareça um prepúcio) que depois de anos a dilapidar a UE como Presidente, recebeu a esmola de um lugar não-executivo nos DDT - donos disto tudo (Goldman Sachs) ...ah! Grande maoista convicto, profundamente coerente.

Também gostei muito das sanções a Portugal (e Espanha) pelo incumprimento orçamental 2013-2015. Bem moral e justo, é desta Europa que quero fugir pois não representa o sonho da minha infância de União Europeia.

A "campeã" das infrações é a França, que ultrapassou o limiar dos 3% por 11 vezes, seguindo-se Grécia, Portugal e Polónia, todos com 10, Reino Unido (9), Itália (8), Hungria (7), Irlanda e Alemanha (5, em ambos os casos)¹⁸⁸. Portugal ultrapassou o défice permitido por 15 vezes¹⁸⁹. No extremo oposto, os países com maior "disciplina orçamental" são Luxemburgo, Estónia, Finlândia, Dinamarca e Suécia, que nunca registaram um défice acima da 'barreira' dos 3,0% do Produto Interno Bruto.

Portugal, ao contrário do que pensam, tem gente de valor e má liderança política, mas isso é um problema que vem desde Afonso Henriques. Foi preciso vir um engenheiro civil, adepto de futebol, para provar que os portugueses são capazes, mesmo com armas desiguais e inferiores. Serviu esta vitória para provar a miscigenação lusitana da seleção de futebol que tinha jogadores de inúmeras nacionalidades, descendências e clubes, a saber:

*Anthony Lopes nascido em França joga no Lyon,
Eduardo joga no Dínamo de Zagrebe,
Rui Patrício joga no Sporting
Cédric nasceu na Alemanha e joga no Southampton,
Vieirinha joga no Wolfsburg,
Bruno Alves descendente de brasileiros joga na Turquia,
José Fonte joga no Southampton,
Pepe brasileiro de nascença joga no Real Madrid,
André Gomes joga no Valência para onde vai
Nani descendente de cabo-verdianos,
Adrien do Sporting nascido em França,
João Mário nascido no Porto, joga no Sporting e descende de angolanos,
João Moutinho joga no Mónaco,*

188 De acordo com um estudo, divulgado pelo Instituto de Investigação Económica alemão Ifo, que procedeu aos cálculos com base em dados da Comissão Europeia entre 1999 e 2015, a regra europeia de um défice abaixo dos 3,0% do Produto Interno Bruto (PIB) foi violada em 114 ocasiões pelos Estados-membros.

189 e se em cinco ocasiões tal era permitido devido à recessão (2003, 2009, 2011, 2012 e 2013), o mesmo já não se verificou nos anos de 2000, 2001, 2002, 2004, 2005, 2006, 2008, 2010, 2014 e 2015

*William de Carvalho tem sangue angolano e joga no Sporting,
Renato Sanches de S. Tomé e Príncipe e de Cabo Verde, joga no Benfica, mas vai para o Bayern,
Cristiano Ronaldo madeirense com descendência de cabo-verdianos joga no Real Madrid,
Éder veio da Guiné-Bissau e joga em França no Lille,
Ricardo Quaresma é Romani e joga na Turquia,
Rafa é do Braga,
Ricardo Carvalho joga no Mónaco,
Eliseu um açoriano, de sangue cabo-verdiano, que joga no Benfica,
Raphael Guerreiro nascido em França e a jogar no Lorient,
Danilo Pereira nasceu em Bissau e joga no Porto...
ainda querem mais lusófonos e multiculturais do que isto? Belo retrato da sociedade.*

Também na seleção francesa a mistura era deveras interessante

Lloris : d'origine espagnole 🇪🇸
Mandanda : né en RDC 🇷🇨
Évra : né au Sénégal 🇸🇳
Koscielny : d'origine polonaise 🇵🇱
Mangala : originaire de RDC 🇷🇨
Rami : franco-marocain 🇲🇦
Sagna : d'origine sénégalaise 🇸🇳
Umtiti : né au Cameroun 🇨🇲
Coman : guadeloupéen 🇬🇩
Kanté : d'origine malienne 🇲🇱
Cabaye : d'origine vietnamienne 🇻🇳
Matuidi : d'origine angolaise 🇲🇦
Payet : réunionnais 🇷🇺
Pogba : d'origine guinéenne 🇮🇳
Sissoko : d'origine malienne 🇲🇱
Martial : martiniquais 🇲🇶
Griezmann : d'origine portugaise 🇵🇹

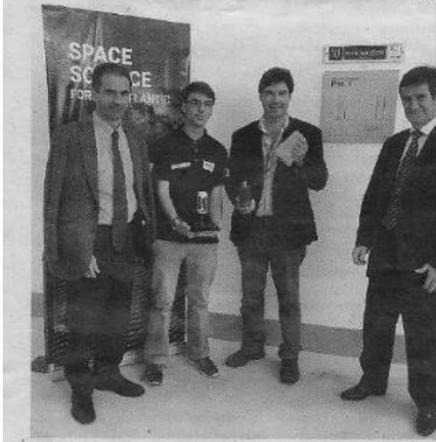
Dito isto penso que lhes ficou mal não colocarem as medalhas que receberam, falta de amor pátrio francês? Despeito pela derrota? Vencidos no campo e no *fair-play*.

Houve mesmo quem sugerisse usar a técnica do treinador para melhor gerir Portugal, mas creio que isso é sonhar alto.

Embora o filósofo português Eduardo Lourenço¹⁹⁰ admitisse que esta vitória podia despertar a população da sua letargia e torná-la reativa...perdoe-lhe o excesso, demasiado otimismo para a minha cabeça.

Pode acontecer estarmos perante novo surto de sebastianismo através do futebol e isso será ainda pior. Lucidez é isto. Olhar para o absurdo e não entrar no escuro: ligar a lanterna e colocar as coisas em perspetiva. Pensar, afinal...

190 http://rr.sapo.pt/.../eduardo_lourenco_vitoria_no_euro_2016_c...

<p>8 Regional</p> <h2>ENTA Team Sat2 orgulhosos com prémio na CanSat europeia</h2> <p>Alunos da Escola de Novas Tecnologias dos Açores estão orgulhosos com o primeiro lugar na competição europeia de micro satélites</p> <p>ISMAEL RAJUNDO israel@oriental24.com/raicooriental.pt</p> <p>João Perestelo, o porta-voz da ENTA Team SAT2 que venceu, no fim de semana passado, o European CanSat Competition 2016 em Torres Vedras, disse ao Açoriano Oriental que a equipa vem "com um sentimento de dever cumprido".</p> <p>O aluno da Escola de Novas</p> <p>veram durante estes O docente reforçou sentimento: "ganhar a competição contra colegas equipamentos e recursos avançadíssimos, é um orgulho".</p> <p>Desde que os jovens no Aeroporto João Paulo II elogios não pararam. Ontem o presidente da Região dos Açores, Vasco Cordeiro, citou os vencedores do torneio: "ao vencer representantes de vários países, a ENTA Team SAT2 pelo nome da Região Autónoma dos Açores numa competição", declarou o líder da equipa açoriana.</p> <p>Da parte do Governo</p>	<p>Da parte do Governo, os estudantes foram benizados pelo ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Manuel Heitor, que numa conferência em Ponta da Gada, aproveitou a ocasião para chamar os jovens a assistirem pessoalmente.</p> <p>Recorde-se que esta é a primeira vez que o prémio do European CanSat Competition vem parar aos Açores. Já em 2013, a Air Sat Escola Secundária de S. Maria trouxeram o troféu para oquipélago. *</p>  <p>Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior com a ENTA Team Sat</p>	<h3>o satélite vencedor</h3>    <p>OS 4 vencedores e o professor Duarte Cota</p>
--	---	---

E para terminar, numa nota pessoal, devo dizer que esta série de medalhas e de prémios começou com o meu filho mais novo, o João e a sua equipa da ENTA¹⁹¹ a ganharem a competição nacional do CanSat (os satélites em latas de refrigerantes) em abril, a que se seguiu a vitória europeia em junho passado contra 14 equipas <http://blog.lusofonias.net/?p=47517> ...dando uma curta palestra na universidade dos açores a contar como foi e a ser cumprimentado pelo Ministro da área (ver foto abaixo, onde, como é costume, nem com o nome acertam).

Auguro-lhe um futuro cheio de sucessos mesmo sem ser condecorado pelo Presidente da República...



CRÓNICA 164, FOGO E MAIS FOGO – 12 agosto 2016

Fartei-me do triste espetáculo circense da TV a dar incêndios a toda a hora para gáudio dos pirómanos e dos que lucram com estes fogos.

Fartei-me das entrevistas lamechas a quem perdeu tudo e não sabe como vai reconstruir a vida.

Fartei-me da dor, do sofrimento, da perda em vidas, da perda em património nacional, fartei-me das palavras ocas de políticos e peritos. (o que adiante se escreve diz respeito a Portugal e Galiza)

Quero ação e quero-a já....

E não, não é um problema de penas, pois toda a legislação está errada nesta doença pirómana...a pena não pode ser prisão, tem de ser trabalho de plantação de árvores durante anos, indemnizações a todos os lesados durante a toda a vida do culpado até pagar os estragos...

Os incêndios há 40 anos que são deliberados e a isto acrescentamos uma mão cheia de inimputáveis pirómanos, seja por seus atos de moto próprio, ou pagos com umas cervejas ... 25 anos de pena nada adianta...e tem um o custo de a sociedade manter esses párias.

Isso de nada adianta, o problema tem de se resolver de uma forma radical de se obter consenso alargado:

- *Sem lóbis nem pressões de interesses privados,*
- *Dando às FAP os meios de que dispunha nos anos 1990,*
- *Acréscendo os mais recentes retardantes de fogo...,*
- *Colocando guardas florestais (mais baratos pela centena do que um avião à hora), torres de vigia e outros meios de prevenção,*
- *Limpando as matas que são do Estado,*
- *Multando os privados (emigrados ou não que não limpam as suas terras, substituindo os eucaliptais sedentos de água por árvores autóctones de cada região...)*
- *Intensificando a formação aos bombeiros, e profissionalizando os bombeiros todos (ficaria mais barato do que uma hora de avião ou helicóptero).*

É preciso é vontade política e nenhum partido desde 1975 mostrou ter vontade... eu e quem me lê, ou qualquer pessoa com senso comum... resolvia isto em duas penadas se estivessemos em posição de poder decidir como fazer... poupavam-se milhões e ardia muito menos área....

Nada que eu não tivesse escrito nestes últimos 40 anos ao ponto de prometer que esta não é a última vez que me manifesto sobre o tema e não sou perito e ninguém pediu a minha opinião...



CRÓNICA 166 ELEITORES DA LOMBA DA MAIA 16 outº 2016

Era dia de eleições regionais, no largo da Igreja da Lomba da Maia agrupavam-se os habituais homens à porta da Igreja, enquanto as mulheres e crianças assistiam ao culto. Não chovia nem fazia sol, antes pelo contrário. A temperatura era amena e o trânsito era reduzido ao redor da escola primária Amâncio da Câmara Leite, na Rua de N. Sra. da Conceição.

Fui votar e fui ultrapassado, no meu lento passo, por uma impaciente agente da PSP que estacionara em infração, do outro lado da rua, mesmo em cima da curva em plena estrada regional. A descer da escola, vinham duas velhotas, amparando-se mutuamente, para subirem a escadaria de acesso à Igreja de N. Sra. do Rosário.

Na porta da escola estava uma jovem, com uma caixa indicando *RDP Antena Um*, que disse ser da *Universidade Católica* e querer fazer uma sondagem à boca das urnas. Das 429 pessoas votantes num universo de 1038 estariam ali umas seis e nenhuma era jovem, antes pelo contrário, com uma abstenção a rondar os 60% numa terra em que o PSD governa na Junta e na Câmara.

Não vi lá a mulher *Einstein* nem os seus três geniais filhos, nem as poucas e sóbrias prostitutas que para cá se mudaram em tempos recentes, nem tampouco vi os jovens drogados do coreto da Igreja, que teriam, decerto, mais que fazer do que votar.

Também faltava a vizinha do lado, na casa de baixo, que aos 90 anos, partiu a bacia (cóccix) há meses, e anda todos os dias num corropio para o Hospital na ambulância de transporte de doentes, e com enfermeiros a virem a casa tratar dela todos os santos dias.

As vizinhas de frente não foram votar pois devem estar recenseadas na cidade e só aqui vêm passar fins de semana e feriados.

O vizinho padeiro e a mulher da casa ao lado, em cima, mal-encarados, como os seus antecessores do continente, estiveram todo o dia fora e não votaram pois, como mudaram há pouco, ainda não devem estar recenseados localmente. Cheira-me a gente de mudanças múltiplas, mas deles nada se sabe que nem a cortesia dos bons-dias aprenderam.

Apenas os vizinhos da esquina de cima (vaqueiro premiado), em frente ao café Eurobar, foram dar o seu voto.

Quem também foi votar foi uma das idosas da aldeia (senhor, chame-lhe Freguesia que não temos cá aldeias) que mora no começo (ou será no fim?) da Rua das Casas Telhadas e a quem dei o cognome de palestiana (por andar sempre com um lenço negro na cabeça que mais parece um *jihab*), continua a vestir-se como as viúvas de antigamente, sempre de negro até à morte. A despropósito sabiam que o *Icharb* palestiano deu lugar ao francesismo *écharpe*?

Não vi lá o velho agricultor ou vaqueiro, que diariamente aqui passa pelas sete e meia da manhã, na sua carroça puxada por um frágil pônei de melenas acastanhadas e de quem tenho pena (do pônei, não do velho que passa a vida a chicotear o pobre animal).

Não vi lá nenhum dos vaqueiros, que às centenas andam por estas ruas nos sete dias da semana, por entre recolha de leite das suas vacas, que, na maior parte dos casos nem suas são, mas dos donos.

A exploração feudal aliviou-se depois do 25 de abril, mas assumiu novos contornos, nem sempre visíveis a olho nu. Depois do fim das quotas leiteiras da EU, foram muitos forçados a abandonar a prática das vacas, que ora, mais do que nunca, se concentram na mão de meia dúzia de proprietários aqui na Lomba da Maia.

Como não frequento missas não tive oportunidade de ouvir o padre na sua prédica dominical a aconselhar os fiéis a irem votar, mas suponho que o terá feito, como sempre se faz nestas terras (e nem vale a pena duvidar em quem ele aconselhou). Como as missas são assistidas por gente muito idosa e essa lá ia votar, suponho que

o sermão da véspera ou da semana anterior terá tido os seus efeitos. Mera suposição, longe de mim denegrir as qualidades democráticas clericais que, suponho, são inculcadas aos seminaristas em Angra do Heroísmo, nos tempos que correm.

Uns dias antes da eleição cá andava o Presidente da câmara, mai-lo o Presidente da Junta de Freguesia e acólitos a percorrerem as ruas, acompanhados da carrinha com o som bem alto, tonitruante, como acontece em todas as campanhas.

Creio que ao longo de doze anos raras foram as vezes em que vi aqui (sem ser nas campanhas eleitorais) na aldeia (Freguesia, chamam-lhe os locais) qualquer dos dois presidentes da câmara que já conheci (o Silva, Ricardo 2005-2013 e o Gaudêncio, Alexandre 2013-17).

Assim, sabemos que, de quatro em quatro anos, eles se lembram de que existimos na ponta norte do Concelho, apesar de caladinhos e não-reivindicativos, ao contrário dos da Faixa de Gaza - como eu chamo aos de Rabo de Peixe, vila piscatória muito conhecida e apreciada na distribuição de benesses municipais.

Não vi votar a viúva-alegre que, segundo as más-línguas matou o marido com tanto *Viagra* que lhe dava...há mulheres perigosas na Lomba, e com coisas mais importantes para fazer com o coitado do jovem trolha que ali tem sido visto ultimamente, que também qualquer dia deixa de poder trabalhar (PS: coitada, a viúva-alegre morreu dois anos depois e deixou quatro órfãos)

Não vi votar nenhuma das mulheres, que semanalmente a Junta emprega, na tarefa de limpeza de ruas, pintura de muros e pequeno trabalho de manutenção local (em troca dos benefícios do rendimento mínimo, qualquer que seja o nome que o rendimento de reinserção social atualmente ostenta).

Era de esperar que fossem votar, pela prestação de serviços que bem jeito dá às ruas sempre sujas, pois o povo (e já melhorou em 12 anos) tem a mania de deitar para o chão pacotes de batatas fritas, invólucros de gelados, e todos os papéis (e não *papeles* como lhes chamam) do que compram no minimercado ou no café da esquina.

Numa era de voto eletrónico, nem o obsoleto voto postal é permitido aos da diáspora, estudantes ou outros, longe dos locais habituais. Entendo que o voto emigrante induza certo temor aos partidos, mas não vou aqui explicar as razões de tal receio.

Dizem que devemos contar 20% de abstencionistas, como emigrados ou ausentes, para já não falar dos mortos que, há anos, não são retirados das listas de eleitores.

Creio que isto se prende com o apoio financeiro que os partidos recebem em função do número de eleitores, quanto mais eleitores inscritos mais fundos. Se fosse em função do número de votantes já teriam alterado a lei e revisto os cadernos eleitorais ou dado direito de voto ausente, mas como são beneficiados não há interesse nenhum em retirar os votos dos mortos....

Um bom cidadão mesmo depois de morto continua a servir os interesses dos partidos. Exemplo de cidadania.

Falando de números creio que mais de 50 deputados para um 250 mil habitantes em nove ilhas é deputado a mais, e, a representatividade é uma coisa tramada. Imaginem que a ilha do Corvo com 400 pessoas elege 2 deputados...pela proporcionalidade a Lomba da Maia, perdida no meio da ilha mais populosa deveria eleger mais de 4 deputados com 1038 votantes registados. Ficaríamos bem representados no hemiciclo na Horta.

Em momentos como este gostava de ser corvino.



CRÓNICA 168, É O FIM DO MUNDO QUE CONHECÍAMOS¹⁹². 9 nov^o 2016.

Em tempos idos, escrevi quase 800 páginas em 2 volumes de prosa, *Crónica Açores*. Embora muita coisa má pudesse prever ali e (infelizmente) se tornasse realidade, nunca consegui prever este novo Presidente dos EUA.

Escapei ao terramoto de S. Francisco (1906), ao afundar do Titanic (1912), à gripe de 1919, ao incêndio do dirigível Hindenburg (maio 1937), ao Holocausto (1939-1945) e às atrocidades da 2ª grande guerra, por ainda não ter nascido. Assisti a dias negros na minha vida: a brutal Guerra da Coreia (da qual nem me apercebi dada a tenra idade), o esmagar do sonho democrático da Hungria (1956), o fim da primavera de Praga (1968), os assassinatos dos Kennedy (JFK 1963 e Robert 1968), o assassinato de Martin Luther King (1968), o genocídio do Biafra (1967-1970), a guerra do Vietname (1959-1975), a guerra colonial (1961-1975), o ciclone Tracy em Darwin (noite de natal 1974), a destituição do governo democraticamente eleito de Gough Whitlam na Austrália (1975, a mando da CIA, pelo Governador-geral e representante da Rainha Isabel), a invasão de Timor pela Indonésia em 7/12/1975 (a brutal ocupação até 1999), os reféns na embaixada em Teerão (nov^o 1979- jan^o 1981), o desastre nuclear de Three Mile Island (1979), o assassinato de John Lennon (1980), o desastre de Chernobyl (1986) e tantos outros episódios...

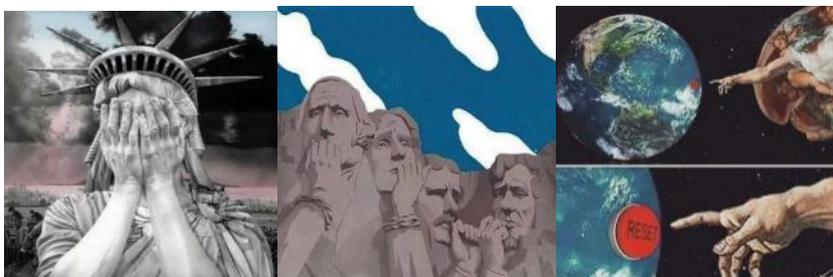
Há muitos anos (2005 ou 2006) escrevi que estávamos a retroceder aos tempos da Revolução Industrial, o nazismo avassalador ameaçava o mundo com a desintegração latente da Europa e dos valores humanistas que a construíram em meados do século passado. Nunca em momento algum das minhas previsões malignas sobre o futuro esperei que a revolução retrógrada ocorresse nos meus dias, e ela aí está. Se Reagan e Thatcher me pareciam maus na época, nem tenho adjetivos para qualificar Trump, tudo o que representa com mais de 56 milhões de misóginos, racistas, xenófobos, sexistas, neonazis, supremacistas brancos, KKK (Ku Klux Klan), anti-LGB, neofascistas, ignorantes, irresponsáveis, iletrados.

Peões cegos, seguindo o flautista de Hamelin. Os norte-americanos votaram num louco, racista, xenófobo, reles, ordinário. Se Hitler, que foi democraticamente eleito pelo povo, era um dos piores indivíduos que já nasceu – mas, pelo menos – tinha objetivos e ideias bem fundamentadas, este burgesso narcisista não tem conhecimentos nem inteligência suficiente para objetivo algum, além do retrocesso civilizacional. Há 27 anos caía o muro de Berlim hoje nasce o muro Trump, Presidente n^o 45 dos EUA.

Pensava-se que o mundo não podia piorar, e isto é apenas o começo. Agora a América só se salva se a Rainha Isabel II da Inglaterra terminar com os 240 anos da experiência norte-americana e reintegrar os EUA no Reino Unido...

Trump é uma vergonha para qualquer país e um desastre de graves consequências. A Democracia, o Estado de Direito e os Direitos Humanos não são valores assegurados para sempre. É necessário continuar a defendê-los e a preservá-los! Marine Le Pen foi a primeira a dar os parabéns a Trump. Putin deu os parabéns satisfeito, por ter agora um líder na Casa Branca que - pensa – pode vir a manipular. Será? Se o mundo já era perigoso, a partir de 20 de janeiro, data da posse de Trump, vai ficar EXPLOSIVO. Será que a Europa tem consciência disto? O mundo caminha rapidamente para um abismo e não há nada que possa fazer, mas não sei explicar isto aos meus filhos.

José Luís Peixoto afirma “Venceu o Ku Klux Klan. O futuro tornou-se mais assustador. O ódio é gasolina: dá energia, incendeia e envenena.” Avisava Stevie Wonder “eleger Trump é como me porem a guiar um carro”. Com um louco destes nunca se sabe como isto vai acabar e pode carregar no botão mágico do “DELETE EARTH”.



autor desconhecido

192 [R.E.M. It's the end of the world as we know it \(and I feel fine\) - YouTube](https://www.youtube.com/watch?v=c_anYpBqfbc)
https://www.youtube.com/watch?v=c_anYpBqfbc

CRÓNICA 169 HAJA DECÊNCIA NA MORTE, 8 janº 2017

Embora seja adepto fervoroso da eutanásia sem quaisquer restrições este artigo não visa debater esse controverso tema que divide sociedades, mas devo deixar aqui uma declaração pública de interesse:

Desmistifiquemos: apesar de hoje em dia não ser já relevante, tenho de me definir, como sendo de "esquerda" querendo significar simpatizar com a noção de uma social-democracia à sueca do tempo do malogrado Olof Palme.

Tendo amigos de todas as cores do quadrante político, constato, porém, que se radicalizam e viram para uma direita xenófoba (que eu - multicultural - não aceito).

Sinto que estão eivados de sede de vingança e ressabiamento que vieram à tona, ontem, na morte do estadista que foi Mário Soares, propalando mentiras como a dos diamantes, tubarões e outras, que, de tanto repetidas a ignorantes e incultos, acabam por passar como sendo verdade.

Lembro-me das armas químicas do Saddam...

A família e os amigos, normalmente, cabem numa classe em que nem a política nem o futebol impedem de continuarem a ser quem são, nem reduzem a sua relevância para a minha vida, mas....

Sou profundamente contra todos os ismos, sejam fascismos, nazismos, islamismos e outros extremismos.

Sou antifascista e anticomunista apesar de alguns amigos o poderem ser.

Talvez não seja anticomunista primário por respeitar que outros possam ser o que quiserem.

Há, porém, uma linha que me separa de outros, a minha enorme tolerância, compreensão e respeito pelo OUTRO.

No tocante à descolonização não a discuto pois, normalmente, os interlocutores estão a discutir a vida deles e não a política em si.

Também poderia usar os mesmos argumentos quando fui impedido de regressar a Timor, minha primeira pátria de escolha... fiz essa catarse e outras.

Não me regozijo com a morte de ninguém, amigo ou inimigo, merecida ou imerecida...ela é sempre uma espada de Dâmocles sobre as nossas cabeças. Atribuir singelamente as culpas da descolonização a uma pessoa parece-me redutor e errado...basta pensar que Angola e Moçambique eram meros peões, na política de dominó da ex-URSS e EUA, tal como Henry Kissinger preconizava. Basta pensar que sem tropa não se faz a guerra e a tropa baixou as armas.

Basta pensar nos verdadeiros culpados Salazar e Marcello Caetano que não quiseram, nem souberam antever os ventos da mudança.

Um, nem sequer deixava emigrar e colonizar as "colónias", o outro fez marcha-à-ré na chamada primavera política e manteve a sociedade portuguesa amordaçada na cinzenta derrocada do regime....

Em 1974 era demasiado tarde para qualquer outra solução.

Não quero absolver ou culpar, seja quem for, muito menos atribuir a culpa a um ou outro personalidade.

Termino este desabafo para saudar o grande estadista, Melo Antunes, que evitou que Portugal fosse dominado pela máquina bem oleada do PCP, e nos devolveu em novembro 1975 a liberdade recém-conquistada em 1974, essa mesma que prezo e que louvo por me deixar hoje falar sem medos nem retaliações.

Essa liberdade de expressão que permite, a todos os que pensam de forma contrária à minha, se manifestem com seus ódios e insultos. Agradeço a quem me deu essa liberdade que hoje tanto prezo e pela qual lutei nos jovens anos, antes de ser obrigado a ir "defender as colónias" de arma em riste, feito máquina de guerra, eu, que nunca andei à pancada com ninguém em 67 anos de vida...

Sem o 25 de abril não haveria essa liberdade e os melhores da minha geração teriam continuado a verter o sangue em África. Sem o 25 novembro 1975, o país dividir-se-ia ao meio numa guerra civil fratricida como a de Espanha, décadas antes, com o Norte e os Açores a recusarem a Ditadura do proletariado.

Por isso, haja a decência que se deve a todos os que morrem ou estamos a rumar a um *Trump* em cada esquina.



CRÓNICA 170. PORTUGAL *BRULE T'IL DÉJÀ?* 17-18 junho 2017

Na impotência deste país, dos fogos (postos ou não) e das mortes inúteis compreendo aquilo que sempre sinto neste país (Portugal) impotência perante tanta irresponsabilidade.

Claro que mais uma comissão de inquérito será nomeada, para ver as suas conclusões arquivadas, e, posteriormente, se ouvirem os ministros e secretários de estado dizerem que está tudo a postos para o combate de incêndios que todos os santos anos (desde há 43) devastam o país para gáudio e lucro das empresas de celulose e quejandos.

Madeira ardida é papel barato, é lenha barata vendida pelo Estado a preço de saldo, mesmo que seja à custa de mais de meia centena de vidas.

A versão oficial definitiva: o fogo de Pedrógão Grande, Figueiró dos Vinhos, Ferreira do Zêzere começou com um raio que caiu numa árvore em Escalos Fundeiros, Pedrógão Grande, em consequência de uma trovoada seca.

Mesmo que haja outras hipóteses como uma torre da EDP...

Sempre a culpa divina, esse deus é do camandro...tem umas costas largas.

Mas não se preocupem os portugueses, e menos ainda os familiares das vítimas, existem leis capazes, aliás, das melhores no mundo sobre o tema, tal como existem normas e coimas para quem não mantém a área de segurança de 50 m. em volta das casas no meio do mato.

Apenas por mera omissão, não é dito que a maior parte dos terrenos que ardem são do Estado, que não cumpre as suas normas de limpeza de matas, que não disponibiliza vigilantes da natureza para substituírem os antigos guardas florestais (que sem meios eletrónicos nem de comunicação, lá iam desempenhando as suas funções). Mas hoje quem quer ser vigilante da natureza e viver com condições mínimas isolado no meio do mato?

Também por mera omissão, não dizem que a maior parte dos donos dessas casas sem os 50 m. de proteção são idosos, (alguns, muito idosos) incapazes de se movimentarem eficazmente, incapazes de terem 50.00€ por hora para alugarem a máquina de desbaste de mata, incapazes de por si mesmos fazerem o trabalho, sem dinheiro para os medicamentos de que carecem, sem dinheiro para pagar o táxi ao centro de saúde para tratar da saúde de que carecem, abandonados por filhos e netos e deixados à sua sorte em aldeias desertas e desertificadas, donde se retiraram todos os serviços, desde a venda, ao café de aldeia, ao multibanco, à escola, à Junta de Freguesia (amalgamada com outra em aldeias limítrofes).

Por mera omissão, não se mencionam as leis que permitem que se continue selvaticamente a permitir o plantio de eucaliptos e outras espécies altamente inflamáveis, totalmente desajustadas à orografia do terreno, mas adaptadas aos interesses de madeireiros e dos que lucram com os incêndios.

Por omissão, ninguém falou dos incendiários (perfil típico 20-35 anos, alcoólico, desempregado, com poucos estudos e com gosto de se sentir Nero e ver os fogos ou bombeiros psicopatas) que ateiam com total impunidade, estejam, ou não, previamente condenados e em liberdade condicional).

Por omissão, ninguém se lembrou que em vez dos milhões gastos todos os anos (em aviões e helicópteros, inoperáveis por falta de peças, de manutenção, de dinheiro para as reparações) se deviam contratar engenheiros agrícolas, os chamados engenheiros florestais (os que verdadeiramente percebem da poda) para fazer uma eficaz manutenção de solos, um reordenamento territorial agrícola usando árvores bombeiras, como o castanheiro, que retardam os fogos e não servem de combustível como os eucaliptos e semelhantes.

Depois, ninguém se lembrou de dizer que há 43 anos se segue a política errónea de gastar milhões no combate aos fogos em helicópteros (inoperacionais), em aviões dispendiosos e com muitas limitações, em vez de se investir na prevenção, que deveria começar pela restauração do serviço de guardas florestais (vigilantes da natureza), pela definição de uma política de reordenamento territorial.

Menos leis “perfeitinhas” que ninguém cumpre e para nada servem (mesmo quando bem-intencionadas) e mais meios preventivos, com uma nova política de corporações de bombeiros dotadas de meios próprios,

peçoal profissional, bem treinado e pago, em vez dos imprevistos voluntários que, de boa vontade e imprevisto, dão a vida por nada.

Escreve Manuel de Carvalho no Público 18 de junho de 2017, 10:54:

*Como foi possível que uma população, corpos de bombeiros, forças policiais ou responsáveis políticos habituados a lidar com a devastação dos incêndios florestais não pudessem prever o que aconteceu?
Como foi possível que se tenham deixado aldeias remotas sem evacuação?
E por que não foi suspenso o trânsito em vias de risco?
Por que razão não houve socorro de outras corporações de bombeiros?
Ainda que justas, imperiosas ou evidentes, todas estas perguntas passam ao lado da questão essencial.*

Perante a iminência de um cataclismo desta dimensão, o país tem de ir muito para lá das perguntas de contexto ou da justa expressão das dores do momento: precisa de uma energia, de uma determinação e de um conjunto de meios para debelar o problema que parece estar para lá das nossas capacidades atuais.

Cito um especialista: (Jornal Público ALEXANDRA CAMPOS 18 de junho de 2017)

A pergunta que todos fazem é: teria sido possível evitar a tragédia? Paulo Fernandes, engenheiro florestal e professor no Departamento de Ciências Florestais da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, acredita que teria sido possível minimizar a sua dimensão, porque era possível antecipar que existia um potencial de fatores combinados, como a temperatura elevada, ventos muito fortes e, sobretudo, a instabilidade atmosférica (trovoadas e raios), prevista há dias, explica.

“Uma mistura fatal”, sintetiza. “Temos de estar preparados. Em Portugal, não há pessoas especializadas em meteorologia de incêndios, há académicos, mas não há operacionais”, diz, notando que um país, com este potencial adverso, tem de ter pessoas a trabalhar nestas áreas “a tempo inteiro”.

“Um sistema moderno não pode estar dependente do calendário, tem de ter flexibilidade para responder sempre que necessário.”

A própria conceção do sistema, “pulverizado por várias forças com pouca massa crítica, torna tudo mais difícil”, acrescenta, lembrando que temos “um sistema focado no combate”, em que 90% do investimento é para esta área.

Paulo Fernandes também se lembrou dos incêndios ocorridos em 2009 na Austrália, “um dos países mais avançados na prevenção e combate e até na preparação das pessoas” para lidarem com este tipo de situações.

Nesse ano, morreram na Austrália cerca de 170 pessoas, “quase todas quando tentavam fugir”. Mas a frente das chamas chegou a ser de 200 quilómetros e as projeções (de materiais) chegaram a 30 quilómetros, nota.

Agora, pede que se retirem ilações da tragédia. “Acho inconcebível que responsáveis do Governo e até o Presidente da República comecem a declarar à queima-roupa que tudo correu muito bem”, porque, acredita, isso contribui para “a desresponsabilização”.

Depois, lembrem-se que cada héli privado de combate a fogos, custa ao Estado 1500€ por hora mais IVA. Quanto mais tempo durarem os incêndios e quanto mais incêndios houver mais os privados lucram. O Estado retirou da competência das Forças Armadas, em finais de 1980, o combate aos fogos para os entregar aos privados.... Estávamos na altura do boom das PPP [parcerias público-privadas]. O regresso da Força Aérea ao combate aos incêndios tem gerado controvérsia dentro do Governo.

Termino, alertando, preparem-se que isto é apenas o começo de uma nova era de situações atmosféricas atípicas, temperaturas extremas (no verão fogos e no inverno inundações) num país onde se cimentaram ribeiras, onde se plantaram árvores não-autóctones altamente inflamáveis, onde se desviaram cursos de água, onde se não faz adequada manutenção de solos, onde se não limpam matas, e onde haverá sempre situações climáticas extremas como estas...e não adianta culpar as divindades, ou a natureza, ou a anormalidade. Podemos minimizar ou atrasar os seus efeitos, mas não a podemos controlar em absoluto. A natureza é quem tem sempre a última palavra.



CRÓNICA 171. DE HERÓIS HISTÓRICOS E OUTROS (2 LIVROS DE JOÃO MORGADO) 30 junho 2017

Já li bem mais do que leio hoje, o tempo cada vez foge mais sob os meus pés, à medida que a quarta idade se aproxima. Igualmente assinalo, para que conste, que nunca, como agora, me acontece ler um livro e deixá-lo de parte sem pachorra para assistir ao seu lento desenrolar. É curioso como há factos novos que a idade inventa para nos alterar percursos antigos.

Dantes lia os livros todos até ao fim, mesmo que não gostasse deles. Hoje – talvez devido ao menos tempo que tenho disponível para ler – ou um livro me cativa nas primeiras (digamos) trinta páginas ou está condenado a servir de oferta a uma pessoa de quem eu não goste muito. Há autores que não conheço e que a medo começo a explorar nos livros que leio. Foi o caso de João Morgado, autor premiado que se juntou aos colóquios da lusofonia em Belmonte. Não sabia o que esperar nem sabia ao que ia, quando me debrucei no *Diário dos Imperfeitos* que era citado como sendo “*uma viagem à intimidade das pessoas de uma pessoa enclausurada nas emoções sequestradas*”. Cito da publicidade da Casa das Letras (Leya)

Diário dos Imperfeitos é, de facto, uma viagem à intimidade das pessoas. Vítima de um acidente, a Gaivota é uma mulher que precisa de redescobrir todas as emoções sequestradas dentro de si.

Ao mesmo tempo, reaprende a conhecer o seu corpo – uma aventura refreada pela moral, pela sombra do pecado e pelo medo que pode levar à própria insanidade.

Uma luta interior entre o bem e o mal, que leva a uma inevitável conclusão: todas as pessoas são imperfeitas! Como irá reagir de novo à sua realidade?

Voltará a ser quem era? E os que estão a seu lado, como vão sobreviver a esta viagem?

Uma escrita intimista, que procura descortinar os sentidos e as emoções dos diferentes personagens. Do prazer mais carnal ao amor puro, passando pela falsa moral da sociedade e da religião. Pelo meio, a filosofia simples de duas personagens inusitadas – a mulher que lê pensamentos e um pintor de sóis na parede. São eles que levam o narrador a perceber os sentimentos da «Gaivota» e nos ajudam a refletir sobre temas tão controvertidos como o amor, o desejo, o sentimento de culpa ou o próprio nojo. Isto pouco ou nada me dizia do que iria encontrar: não me falava do pintor que pintava cores dando vida ao cinzentismo dos dias nem da mulher que limpa a casa e, ao mesmo tempo, limpa os pensamentos.

Assim embarquei na história dentro da história, como se começa a perceber nos últimos 4/5 do livro sem saber como vai terminar a história de amores imperfeitos e de emoções em conflito. Não adianto mais sobre a trama, mas segui com atenção a mulher amada / desejada / descartada e, mais tarde, regressada (sempre ouvi dizer que nunca se deve regressar ao lugar ou à pessoa com quem se foi feliz), histórias de amor, encontros, desencontros, sociedades herméticas, bem típicas da região onde o autor nasceu, no interior mais profundo da Cova das Beiras.

História da fuga para a cidade dos vícios e pecados, em contraste com a pureza e religiosidade, falsas e aparentes, desse interior. Histórias de vida que se desenrolam lentamente, como lenta é ávida naqueles locais, como se a cada dia se descobrisse mais uma chave secreta para a imperfeição do amor e dos amados. E mais não digo desta empolgante história, ou das histórias dentro desta história, que nos enleia e mantém presos, também nós, atores da mesma, torcendo por uma ou outra personagem contra a corrente da própria dinâmica do conteúdo, pois o novelo não se desenrola como esperamos e antecipamos, antes depende das cores que o pintor pinta e das limpezas da mulher que nos limpa a casa e os pensamentos... e acreditem, Todos os amores são imperfeitos.

Depois de ter lido este livro, mergulhei com redobrado interesse em *Vera Cruz* a história do Cabral que andou a descobrir Brasis. Se surpreendido ficara com a qualidade da trama e a desenvoltura da escrita no *Diário dos Imperfeitos* nem sei que diga deste empolgante livro de ficção histórica (o autor chama-lhe história romançada) que o editor (Clube do Autor) propala ser.

O novo romance de João Morgado, autor com vasta obra publicada, centra-se na vida desconhecida de Pedro Álvares Cabral e numa época tão gloriosa quanto distante. Trata-se de um livro que facilmente ambienta o leitor ao período áureo da História no qual (re)descobrimos viagens acidentadas, jogos de sombras e traições, na Índia e no reino de Portugal, rivalidades e intrigas. E também um Pedro Álvares Cabral capaz intrépido e valente, por vezes desiludido e arrependido.

Vou ser breve, este livro empolgou-me três dias seguidos e só parei quando o acabei de ler. Pode não ser a versão mais real dos factos apresentados, mas segue um rigor histórico apenas entrecortado por duas personagens ficcionadas e revela bem o que poderia ter sido a verdadeira história por detrás do descobrimento do Brasil, a ambição desmesurada desse Rei a que chamam de venturoso. Vale a pena ler e meditar.

Para muitos a sacanice do Gama (esse Vasco, o corsário, que autores como *Sanjay Subrahmanyam* haviam escalpelizado de forma bem mais negativa) é aqui explicada de forma mais lógica e racional, em especial a sua segunda ida a Calecut na expedição da *Armada da Vingança*.

A história muda consoante os tempos e os autores, e a história de Portugal sai daqui menos mítica, mas mais humana. Gama aparece não como o mítico herói que a história criou em lendas e contarelos como convinha à “História de Portugal”, mas como o homem mau que era, enquanto Cabral surge como o verdadeiro humanista ao serviço de princípios cristãos.

A descrição de Pero Vaz de Caminha do seu encontro com nativos do Brasil é um marco inigualado na História das Descobertas. A brutalidade das conquistas portuguesas: cortes de cabeças, orelhas e outras realidades típicas da época, demonstram a violência das descobertas, sem tirar brilho à epopeia das mesmas, e mostram um Cabral em conflito interno com os ensinamentos da Ordem de Cristo e a fama que granjeara como cavaleiro.

Por isso, e por outras razões que não convêm a uma história de epopeias como a portuguesa, Cabral é - ainda hoje - o menos falado e mais esquecido dos grandes homens da época, e este livro irá repô-lo no panteão dos que merecem lá estar.

Uma bela biografia de Cabral, um homem renascentista bem maior do que a época em que viveu e a quem o Brasil muito deve. Uma obra imprescindível para os que gostam de aprender história (mesmo romaneada e os romances de João Morgado são bons romances bem tricotados e tecidos para nos enlearem do início ao fim do livro).

Sinto-me privilegiado nos Colóquios em termos aceite este novo associado que é um extraordinário autor a merecer que eu complete a leitura das suas outras obras.

Uma última observação, a feliz profusão de notas de rodapé que ajuda a complementar factos históricos e dados quem nem todos devem assumir como conhecidos dos iletrados atuais.



CRÓNICA 172. DA ESPERANÇA COMO FORMA DE VIDA. 8 julho 2017

Rezam as Crónicas que sou moderadamente otimista, baseado no princípio de que as coisas podem sempre ser piores, mas também podem vir a melhorar, e, normalmente, a vida convalesce connosco. Acredito piamente que a sorte se constrói, com muito trabalho e esforço, e creio que o destino – ao contrário de várias correntes de opinião – não está previamente traçado.

Porventura, está delineado para a carneirada que não pensa nem se dá ao trabalho de agir. Para os restantes, os poucos que sabem ser bípedes pensantes, o destino é feito de altos e baixos que vamos construindo e destruindo ao longo das decisões que tomamos. Dito isto, nunca me arrependi de nenhuma decisão, mesmo as que provaram ser um fracasso total, pois na data em que as tomei decerto me pareceram as melhores, sopesados os prós e contras.

Posteriormente, como sempre tentei fazer, exerci a minha autocrítica e autoavaliação psicológica dessas ações e – quando o soube ou pude – fiz as correções que entendi necessárias. Nos meus anos mais jovens, digamos entre os 17 e 23 (1967 a 1973), desde que entrei na Faculdade e comecei a ter um interesse ativo e prático na coisa pública e política a vida deixou de ter duas tonalidades (o branco e preto) e adquiriu centenas de cores e de cinzentos.

Não podíamos à época criar associações de estudantes, mas um pequeno interstício legal permitia que criássemos uma Pró-Associação de Estudantes e foi isso que fizemos, sob o olhar condescendente das entidades repressivas. A principal atividade e fonte de receitas era a cópia de sebatas de matérias para os alunos do curso, depois começamos a organizar convívios (Faculdade de Economia do Porto) no final do ano em pleno Palácio de Cristal (hoje Pavilhão Rosa Mota) onde atuavam grupos de música pop, Manuel Freire (para os mais intelectuais) e Maria da Fé para os mais popularuchos. Não havia liberdade, não havia democracia, mas havia seres pensantes e conseguíamos agradar a todos. (Hoje só há pimbas).

Nesses dias qualquer jovem vivia com dois dilemas fundamentais (caso já fosse um ser pensante, e havia alguns naqueles tempos) um, era a espada de Dâmocles da malfadada tropa (o exército colonial português que decepava as vidas e esperanças dos jovens ao enviá-los para uma guerra colonial que ninguém queria nem entendia), a outra era o facto de não pertencermos à Europa nem ao mundo na política do “orgulhosamente sós” a que a Ditadura salazarenta se agarrava. Do que conseguíamos ler e ouvir, queríamos a liberdade do *Woodstock* americano, das manifs de estudantes de Paris (1968-69) em vez de viver sob uns “brandos costumes” que me obrigaram a pagar uma multa de 2\$50 por andar descalço no acesso à praia, ...ou que me obrigavam à multa (creio que 250\$00) por não ter licença de porte de “arma” (a “arma” era o isqueiro). Alguns colegas eram “bufos” não só da PIDE, mas das atividades económicas e ao denunciarem o meu uso de isqueiro sem licença ganhavam 50% da receita...

Mas havia ESPERANÇA, a guerra colonial acabaria, a Guerra do Vietname também e a democracia chegaria a Portugal, como chegou a alguns países da Europa, após a segunda grande guerra. Não sabíamos quando... lembro, enquanto estive como aspirante a oficial, no RAL-4 Leiria, os passeios longos de tertúlia com o (então major) Melo Antunes nas margens do rio Lis, entre março e setembro 1973. Dizia ele que se estava a preparar algo, para daí a dois ou três anos (no pior cenário cinco anos). Falava-se de vida, de filosofia, de aspirações e sonhos e felizmente vivi para ver a maior parte desses sonhos concretizados.

JAMAIS esquecerei o que era viver sem liberdade (especialmente a de expressão e de pensamento). Antes do 25 de abril em Portugal havia uma coisa chamada lápis azul, ou censura, que em 1972 cortou 70 páginas a um livrinho de poemas adolescentes que publiquei só com 32. O resto é já história, o 25 de abril trouxe, liberdade de pensamento e de expressão e muita água correu sob as pontes da minha vida.

Hoje sou confrontado por uma sociedade mais desigual do que nunca, de falsa fluidez consumista, comandada à distância por grupos obscuros, que controlam a maioria dos países e governantes, e conduzem a população a novas formas de escravatura, dissimulada ou não, reduzindo a capacidade de as pessoas escolherem livremente o rumo, encarneirando-as para o abismo como o “*Pied Piper of Hamelin*”¹⁹³ e os lemingues que se atiravam do precipício ao som da flauta mágica antes de ele raptar todas as crianças, dado que os habitantes não lhe pagaram o que era devido por se ter visto livre da praga de ratos.

¹⁹³ Muitos conhecem a história sem saber que se baseia em eventos reais (1284) numa cidade da Baixa Saxónia na Alemanha.

Neste mundo, rapidamente evolutivo, onde me encontro neste ocaso de vida constato que a geração da minha avó (nascida 1885) e a minha (1949) estavam mais perto uma da outra do que as gerações dos meus filhos e dos meus netos onde existe já um fosso civilizacional e tecnológico apreciável. O meu filho mais novo está numa fase semelhante à minha, em finais dos anos 60. E eu a precisar de lhe dar conselhos e a ajudá-lo a acertar o rumo sem saber como.

Já não há guerra colonial, mas há, um pouco por toda a parte, guerras (declaradas umas, outras não). Nunca a humanidade viveu materialmente tão bem como agora, mas nunca houve tanta miséria como hoje. Nunca houve tantos letrados no mundo nem tantos iletrados, o acesso universal à informação avassala o povo que não está programado para pensar, tomar decisões, fazer escolhas. Nada do que concebi é hoje real, nada do que me regeu em termos de princípios, ética, moral, vale um chavo.

Este já não é o meu mundo (tal como não é o da minha mãe, que do alto da sua sabedoria de 94 primaveras repetidas vezes o proclama). Por outro lado, muitas das teorias da conspiração confirmam-se e desconhecemos as que nos ocultam.

Por mais que me atualize tecnologicamente, a evolução foi tão rápida que os princípios por que me regi deixaram de ter valor absoluto. Sei que o feudalismo transmontano a que assisti na juventude não volta mais, mas apercebo-me de novas formas e cambiantes de opressão – umas mais dissimuladas que outras – que substituem essas relações feudais por outras, as pessoas até têm direito a voto, mas de nada serve, a não ser para dar a aparência de liberdade de escolha. Esse voto vai sufragar as escolhas que outros fizeram em seu nome, não muito diferente do voto na velha Assembleia Nacional salazarenta... a esta geração falta a ESPERANÇA que nos movia, são zombies dependentes dos equipamentos permanentemente conetados onde a realidade virtual tem mais valor.

Mas como me dizia o amigo, cientista José António Salcedo quando estabelecíamos comparações entre hoje e as nossas tertúlias filosóficas do final da década de 1960: “*a realidade não existe, fora das nossas conceções...*” Essa é a opinião de cientistas australianos que demonstram que a realidade não existe, de acordo com a física quântica. Uma experiência provou aspetos bizarros e complexos que podem ser complicados de entender. De acordo com físicos da Universidade Nacional da Austrália, a realidade não existe até ser medida. Colocaram em prática a *Experiência de Escolha Demorada*, de John Wheeler, para provar que tudo depende da medição. Andrew Truscott, explicou:

“... em nível quântico a realidade não existe se não se estiver a olhar para ela”. É como colocar um gato a dormir numa caixa de papelão e fechá-la. O gato não é real para quem não sabe o que a caixa contém. Questão básica: se há um objeto, quando decide se se comporta como uma partícula ou como uma onda?

O comportamento da luz é um exemplo. Quando uma luz brilha através de duas fendas estreitas, comporta-se como uma partícula, passa por cada ranhura e lança luz direta na parede por trás e como uma onda, gerando um padrão de interferência, resultando em mais de duas faixas de luz. O objeto deveria ser uma onda ou uma partícula, independentemente da forma como é medido.

No entanto, demonstraram o que a física quântica defende: a maneira como o objeto será medido é que define se assumiu um comportamento de onda, ou partícula. A tentativa foi recriada usando cem átomos de hélio espalhados em estado de suspensão, o condensado de Bose-Einstein, de seguida, foram ejetados, até restar somente um. Depois, deixaram o átomo passar através de um par de raios laser, propagados em direções opostas, formando um padrão como se fosse o desenho de uma rede, como uma grade sólida que iria dispersar a luz. Aleatoriamente, foi adicionada uma segunda rede de luz para combinar novamente os caminhos, depois de o átomo ter passado pela primeira. Era esperado que o átomo sofresse interferência construtiva ou destrutiva, caso tivesse viajado tanto como onda ou como átomo. Mas quando a segunda grade foi adicionada, não se observou interferência, como se o átomo tivesse escolhido apenas um caminho.

Resumindo (se for possível): esperava-se que o átomo de hélio se comportasse como a luz, ou seja, passaria pela grade como partícula ou como onda. Um segundo conjunto de grades de laser foi ativado aleatoriamente após o átomo ter passado pela primeira. Os pesquisadores descobriram um padrão de interferência ondulatória no comportamento dos átomos, uma vez que passaram pelo segundo conjunto de lasers. Mas se não houvesse um segundo conjunto de lasers, os átomos se comportariam como se fossem partículas e seguindo apenas um caminho. Se alguém acreditar que o átomo escolheu um caminho em especial, isso significa que a medição futura está a afetar o passado do átomo. Truscott explicou: “Os átomos não viajam de A a B. Foi só quando foram medidos no final da viagem que o comportamento ondulatório ou partícula semelhante foi trazido à existência”.

[Fonte: RT, ANU Crédito: agsandrew / Shutterstock.com]



CRÓNICA 173: UMA VISITA VIRTUAL AO FAIAL: AS BOIAS DA MEMÓRIA DE MANUEL LEAL. 8 julho 2017

Não sou crítico literário nem entendo sobre as tendências da literatura. Sou um básico apreciador de livros que, normalmente, classifico de duas formas: gosto ou não gosto, depois há 60 cambiantes de cinzentos entre esses extremos “60 shades of grey” (não é o filme).

Normalmente, quando gosto, começo a ler, e, em todos os momentos livres, volto para atingir o fim. Se, pelo contrário não me cativa em 30 páginas, arrasto a leitura até se tornar penosa e o abandonar. São imensos os que cabem nesta última categoria, por mais afamados e premiados que sejam os autores. Noutras ocasiões apesar de não estar a ser satisfeito o meu gosto pela leitura, vou penosamente adiando deixá-lo de parte e, por vezes, o milagre acontece.

Doutras vezes, vou tomando notas mentais à medida que progrido na lenta descoberta do conteúdo. Foi o que me aconteceu recentemente com As boias da memória de Manuel Leal, que não se pode adquirir no mercado açoriano ou português, pois nenhum editor ou distribuidor se mostrou interessado e como o autor vive nos EUA, há décadas, vai passar ao lado da maior parte dos leitores que gostariam de o ler.

Não sendo um tratado de genealogia, no verdadeiro sentido da palavra, cumpre a função de catalogar centenas de habitantes do Faial (décadas de 1940 e 1950), prosseguindo com a sua árvore até aos nossos dias...estou a gostar dos detalhes narrativos (por vezes até em demasia, mas percebe-se porquê...) e a visitar uma terra como imaginei que seria bem antes de cá chegar...o que só vem confirmar as minhas teorias sobre o feudalismo pós 25 de abril constatado aqui na costa norte de S. Miguel...

Esta a minha impressão antes de chegar às cem páginas iniciais. Depois, fui prosseguindo na leitura, de forte crítica social e política, enquanto percorria episódios da vida no Faial, que um ou outro colecionador de jornais da época poderia conhecer, ou que existem na memória de alguns avós ainda vivos. Por vezes, penso ler descrições de séculos passados e não de uma época que coincide com a minha vida.

Prestes a atingir o fim do livro, existem lugares que não consigo reconhecer, por terem desaparecido, mas consegui visitar o Faial numa época anterior à minha chegada às ilhas no princípio do milénio. Tudo pior do que tinha imaginado. Só não entendo por que não se revoltaram contra tanta tirania. Fiquei a conhecer quase metade dos habitantes e seus "apelidos" ou cognomes populares...

Nota-se ao longo da narrativa uma incansável sede de justiça pelas desigualdades sociais, injustiças e iniquidades prevaletentes na sociedade açoriana, reflexo de um profundo ressentimento pessoal que nem, os anos fizeram esmorecer...

Infelizmente, nem o autor (psicólogo de profissão) nem eu, veremos o dia em que as ilhas estarão entregues aos seus, a pequena massa crítica existente iria provavelmente fazer o que fez aquando do surgimento da literatura açoriana... iam todos ser açorianos de repente, sem se separar o trigo do joio e os mais politizados iam aproveitar-se da nova e total autonomia para dominar. Como vem nos livros, o povo continuaria a ser escravo embora teoricamente livre...hoje estou pessimista em relação ao futuro gostava de poder trazer de volta homens como Teófilo e Arriaga, mas já não se fabricam...

Falta espírito de missão como o que rege os colóquios da lusofonia: fazer de borla algo de que todos beneficiam sem olhar a quem e sem ter benefícios pessoais. E os que podiam pensar assim estão todos como eu, velhos e acabados...

O livro conta a miséria, a pobreza, a subjugação que caracterizou a verdadeira escravatura açoriana e faialense, típica de uma Revolução Industrial inglesa de 1800. Sem assistência nem previdência social, os trabalhadores eram meras peças de uma máquina a descartar e ignorar, quando doentes ou mortos, e os familiares teriam que vender os seus bens para os trazerem de volta, quando iam a tratamento em Portugal e lá se finavam.

Crianças a trabalhar as horas dos adultos em troca de uma bucha de pão e a acartar os mesmos pesos, fosse no carregamento de barcaças de carvão ou em outros mesteres. O autor, ao indignar-se contra esta exploração desenfreada, tão típica da sociedade açoriana, chama a atenção para um processo que

existia em paralelo em Portugal, mas nos Açores essa exploração e humilhação era levada até aos extremos mais nojentos da exploração capitalista desenfreada. Enquanto em Portugal os servos da gleba iam tentando a sorte ao emigrar a “salto” para França, Alemanha, Suíça e Luxemburgo, aqui a alternativa eram as portas dos EUA e Canadá.

Era mais fácil na época dos iates e baleeiros, em que quase bastava saltar para bordo, ou no tempo dos corsários quando a escravatura era preferível à existência miserável em terra.

E assim, ao longo de cerca de 300 páginas, seguimos muitas vidas, e outras tantas mortes, de gente anónima que o autor repesca para a posteridade. Por entre histórias de sucesso feitas fora das ilhas existem outras mais tristes, nomeadamente as dos que ficaram vivendo sempre acorrentados à grilheta colonial que Lisboa impõe sobre as colónias esquecidas a que chama de Região autónoma dos Açores.

Não conheço o autor pessoalmente, mas gostei deste trabalho didático, bem delineado, bem descritivo, bem pormenorizado que me leva a compreender ainda melhor por que uma verdadeira autonomia tem de ser consubstanciada na libertação do povo e esta será sempre a via da independência.



CRÓNICA 174 INVICTAS BROTASSEM, A NOVA POESIA AÇORIANA, 12 julho 2017

Finalmente chegou o dia de ler *invictas brotassem*, um livro datado de 2012, de *Clarice Nunes-Dorval*¹⁹⁴. Trata-se, ao que creio, do seu primeiro livro de poemas, depois de alguns arremedos de publicações diversas e avulsas em que a autora ia sentindo o pulso à veia inspiradora que, decerto, há muito a consumia. Numa primeira análise superficial e sem querer ser crítico devo dizer que a autora me surpreendeu pelo empenho em transmitir as suas vivências, amores e desamores, encruzilhadas de sentimentos. Ficamos a saber ao que veio quando escreveu este livro e ao que vai quando escrever outros, quiçá de maior envolvimento social do entorno que a rodeia. Este livro é ainda demasiado pessoal e demasiado padecido, e espero ansiosamente novos desenvolvimentos com mais sincretismo, maior endosso dos temas sociais que superfluam nas palavras ora mantidas sob o véu daquilo a que chamo os amores e desamores.

Quero ler esta autora quando ela sofredamente se debruçar sob o mundo que aparentemente a preocupa e a consome, mas que ainda não invadiu o sacrário dos seus sentimentos pessoais, que são determinantes na orquestração destas primeiras 125 páginas de poesia. Quero ler esta autora quando ela exprimir a sua raiva, a sua dor em temas menos pessoais pois por enquanto as dores do mundo ainda não são as dela. De forma cuidada e palavras sopesadas ela desenvolve a sua teia de conviências no convívio que partilha connosco dos seus sentimentos e por isso não hesito em recomendar esta nova escritora que mais não é do que a associada dos Colóquios da Lusofonia, Carolina Cordeiro, uma prosadora que ora dá os primeiros passos nos seus romances e nos promete termos de voltar a falar dela em posteriores momentos quando as flores invictas brotarem de novo.



194 pseudónimo de Carolina Cordeiro

CRÓNICA 175. O QUE É A LUSOFONIA, 20 ANOS DA CPLP, MITOS DA LUSOFONIA¹⁹⁵ julho 2017

"Não tenho culpa de ter nascido em Portugal e exijo uma pátria que me mereça" (Almada Negreiros)

Vivi, convivi e aprendo ainda a coabitar com lusofalantes desde os Orientes exóticos “*Que o Sol em nascendo vê primeiro*”¹⁹⁶ que mitos salazarentos criaram, aos orientes menos exóticos que a revolução do 25 de abril (1974) esqueceu.

Pugno pelos filhos que falam português, qualquer que seja o país em que nasceram ou vivem, mas constato que encontrei mais estrangeiros interessados em apoiar iniciativas de preservação da Língua Portuguesa do que nativos da mesma.

Já na década de 1990, na Austrália, quando criei, com universidades de Sydney e Melbourne, o (primeiro) Centro de Estudos Portugueses, dos seis fundadores, só eu e o João Carrascalão tínhamos sangue lusitano...

Criamos novos mundos e redescobrimos outros, sem jamais identificarmos a mesquinhez desta nossa maneira de ser que nos faz sentir grandes – talvez até maior do que somos, quem sabe? Agora que o grande desafio do séc. XXI nos confronta, maior que um Adamastor, importa afirmar aquilo que imodestamente nunca fizemos, nem mesmo quando o Português era a língua franca de todos os comércios do mundo.

Precisamos de manter viva a nossa língua e vamos precisar de todos, especialmente daqueles que forem capazes por artes e engenhos de assumir iniciativas arrojadas: que o façam sem ser em busca de louvaminhas ou encómios, sem ser em busca da vã glória e fama fugaz de que se fazem tantas carreiras, sem ser em busca de usura ou lucro.

É preciso gente dedicada, mesmo com fama e nome ou simplesmente anónimos como os trabalhadores que quotidianamente constroem o nosso meio-ambiente. Não precisamos apenas de iniciativas arrojadas, mas revolucionárias, mesmo que os formatos sejam os tradicionais: simpósios, conferências, seminários, colóquios, ou o de meros boletins informativos (eletrónicos ou impressos), capazes de captar ouvintes e leitores com a língua de origem lusófona que adotamos ou queremos como nossa.

Mesmo que sejam os políticos bem-intencionados, mas deles não queremos as vãs e bem-soantes palavras eleitoralistas, que um qualquer vento dos votos levará, queremos trabalho e o cumprimento de décadas de promessas.

Queremos uma política da língua, à semelhança doutros países, que permita a sua divulgação ampla como meio fundamental de manter a independência política, cultural e linguística. Só assim manteremos acesa esta chama com que comunicamos dos Algarves D’el-rei que já esquecemos, às Índias de Vice-reis que nossas nunca foram, a Timores de quem olvidamos a existência durante cinco séculos, a Goa, Malaca e Macau de que apenas nos lembramos quando nos queremos sentir orgulhosamente beneficiários dessa herança portuguesa que é a língua. A essência do problema é manter a língua e a cultura vivas, não interessa onde nem como.



195 (originalmente in Mitos da Lusofonia Revista Agália 2002).

196 Divisa de Timor Português em eras coloniais

CRÓNICA 176, SONHAR AINDA É GRATUITO 28 julho 2017

"Somos um grande povo de heróis adiados, partimos a cara a todos os ausentes...somos incapazes de revolta e agitação..." (Fernando Pessoa, "Obras em Prosa", Círculo dos Leitores, III vol. p. 292)

Ando farto de fazer *zapping* aos telejornais que se arrastam, não por horas, mas por dias a fio, sempre a esmifrarem a dor alheia, a tragédia, os fogos, as falhas disto e daquilo, as promessas eleitorais da próxima campanha e imaginei um mundo feito mais à minha medida.

Assim, enquanto as imagens desfilavam mortais eu imaginava um candidato autárquico a anunciar que decidira não se recandidatar pois não cumprira a maior parte das suas promessas eleitorais de há quatro anos.

Enquanto as chamas inflamavam o pequeno ecrã imaginei o governo, deputados, bombeiros, peritos florestais e demais interessados sentados em volta de uma larga mesa erguerem-se e celebrarem a vitória de terem chegado a consenso para evitar o flagelo dos incêndios que anualmente dilapidam o país há mais de 40 anos.

Como não havia som não soube bem que medidas unanimemente acordadas eram essas que iam poupar milhões, apostando na prevenção em vez de os gastarem no combate às chamas.

Ao ver as recentes inundações que afetam pontos esparsos da Europa, imaginei que os órgãos dessa Europa desunida a que se chama EU - EU, tinham unanimemente acordado em medidas ambientais para acabar com a manipulação da geoengenharia, causadoras de *flash floods* (enchentes repentinas), de granizo do tamanho de bolas de golfe, etc.

Ao assistir à crise humanitária das pragas de doenças que subitamente atacam um ou outro país, a mando das farmacêuticas a quem apenas interessa vender fármacos em vez de curar ou minorar a doença, descobri que uma companhia farmacêutica do Terceiro Mundo iria disponibilizar vacinas e tratamentos gratuitos contra as novas pragas que a humanidade propaga como se fossem naturais.

Só faltava mesmo apagar a dívida das nações para que pudessem crescer com os seus meios utilizando as riquezas naturais que os países dominantes exploram a seu bel-prazer competindo num mercado verdadeiramente livre sem manipulações de especuladores da meia dúzia de bancos e de famílias que dominam a economia mundial.

Só faltava agora acreditar que a população mundial era toda educada e culta, sabendo votar sem ser lavada ao cérebro por políticos ambiciosos e que a Novilíngua da mentira e da falsa notícia fora exterminada, incapaz de medrar por entre gentes cultas e educadas.

Mas isto já seria pedir muito e o mundo, afinal, nunca foi justo, nem educado, nunca deixou de discriminar, nunca deixou de explorar os mais fracos e indigentes intelectuais, através da política, da religião, do fanatismo.

Se um dia, existir é nele que quero viver num equilíbrio ecológico e ambiental em que a única incógnita seria a das forças naturais e seus eventos cataclísmicos, que nenhuma procissão aplacará...

(sonhar ainda é gratuito!)



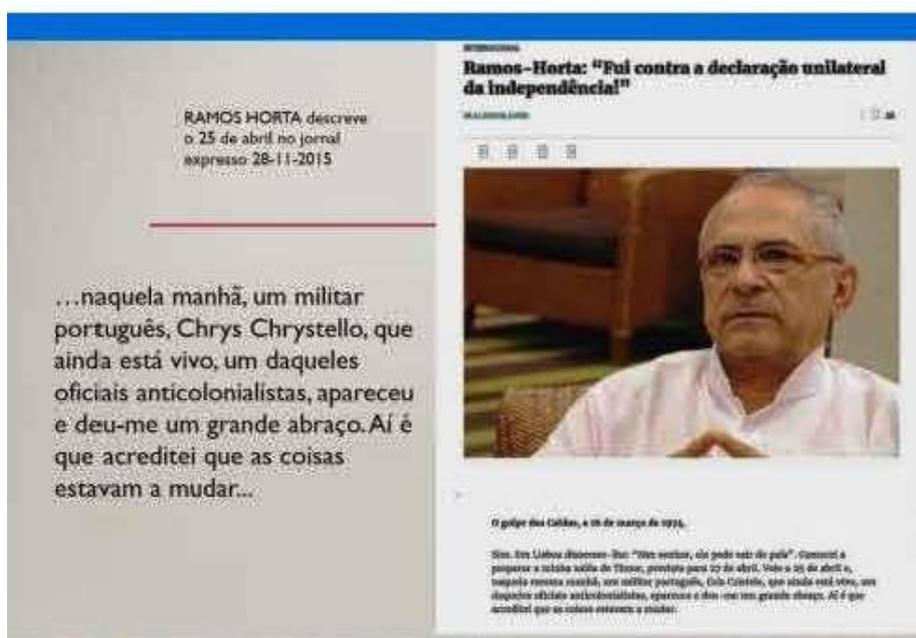
CRÓNICA 178 O PESADO FARDO DA GUERRA COLONIAL 4 agosto 2017

Há mais respeito pelas prostitutas do que pelos soldados, furriéis e oficiais milicianos (à força) do exército colonial português, todos escondidos e envergonhados. Afinal eram mesmo apenas carne para canhão.

Na maior parte dos países onde vivi e nos que visitei havia uma certa aura de glória, direi mesmo, respeito, pelos bravos que ao longo dos séculos haviam combatido em nome dessa noção alienígena que é a pátria. Havia paradas monstruosas e centenárias como as célebres marchas dos ANZAC (*Australian and New Zealand Corps*) na Austrália, e mesmo nos EUA, durante anos, houve respeito pelos bravos que forma vítimas das 1001 guerras americanas no mundo, nomeadamente na 2ª Grande Guerra, no massacrado Vietname, Coreia, etc.

Como antimilitarista, ferrenho e empedernido, que sempre fui e recordando que fui obrigado a ir para fora defender um Império que já não existia e que, a mim, nada dizia, tenho de admitir que de nada me envergonho nesses anos, em que agi de acordo com a minha consciência, com a minha ação anticolonial como melhor forma de servir a dita “pátria”.

É gratificante mais de quarenta anos passados ler Ramos-Horta dizer publicamente num jornal que eu era um oficial anticolonialista, in *Expresso* 28/11/2015



Mas para todos, mesmo para os que cegamente obedeceram às ordens militaristas e fizeram o que lhes mandavam, até porque na maior parte dos casos, não tinham alternativa, creio que lhes deve ser concedido o respeito de que hoje carecem, esquecidos numa teia de doenças, alcoolismo, depressão, sem apoios do Estado que os mandou morrer e matar pela pátria. Bem ou mal, fizeram o que se esperava que fizessem. E vemo-los hoje, sem-abrigo, em famílias disfuncionais, no conluio com os seus segredos de guerra ciosamente guardados, sem catarse possível. Hoje, não sabemos quantos são, quantos sofrem, quantos sobrevivem. nalgumas aldeias e vilas do interior profundo de Portugal.

Quando cresci ainda havia respeito pelos veteranos sobreviventes da mortandade que foi a campanha portuguesa na 1ª Grande Guerra, conheci alguns desses heróis, de medalhas ao peito em marchas da famigerada Liga dos Combatentes (a que também pertenci durante uns anos após o 25 de abril, pois podia-se comprar comida mais barata no “casão”).

Alguns autarcas mandaram erigir pequenos monumentos em honra da memória desses bravos, mas regra geral, foram esquecidos e eles mesmos temem falar sobre o tema, ou evitam-no a todo o custo.

Nos EUA é bem pior, pois os veteranos de guerra são já uma espécie de escória a varrer para o esquecimento, sob o tapete diáfano de mil e uma guerras sem razão, como se as guerras alguma vez tivessem alguma razão, exceto a perpétua repetição da história dos países.

Nos Açores, autores houve que trataram o tema em livro: Urbano Bettencourt, Cristóvão de Aguiar, João de Melo, para citar apenas alguns que me vêm à memória de momento, mas outros preferem manter um silêncio discreto, tal como o dono do café da esquina, o dono do restaurante mais acima, o lavrador que vive na rua e se recusa a falar do tema e tantos outros que aqui vivem e de que nem sei a existência.

Estava uma pessoa entretida nas suas lides nos anos de 1960, a estudar, a trabalhar e mourejar nos campos, nos Açores ou em Trás-os-Montes, ou em qualquer outro local e vinha a malfadada mobilização para Angola, Guiné, Moçambique, ou qualquer outro ponto do império e a vida acabava ali, mesmo que voltassem vivos e sem mazelas de vulto.

Para muitos, adiava-se a ida enquanto se pudessem continuar os estudos, sempre na esperança infundada de que a guerra colonial acabasse. Para outros era a saída da sua terrinha natal (e quantas vezes não era esta a primeira vez que saíam do seu cantinho natal, da sua Freguesia ou aldeia, da sua ilha?).

Não irei descrever as noções contraditórias que de todos se apoderavam no caminho de ida, na estadia e no possível regresso se não morressem ou não ficassem estropiados, pois isso foi tema de pessoas mais abalizadas que eu.

Sei apenas que a mim foi um trauma que gorou todos os meus planos de vida, me impeliu para vários planos inclinados e me obrigou a agarrar a várias boias de salvação para percorrer o caminho que levou ao momento, hoje em que escrevo aqui e de novo:

Há mais respeito pelas prostitutas do que pelos soldados, furriéis e oficiais milicianos (à força) do exército colonial português, todos escondidos e envergonhados.

Afinal eram mesmo apenas carne para canhão.



CRÓNICA 179 DEMOCRACIAS ARMADILHADAS 12 agosto 2017

Cresci numa Ditadura. Havia quem lhe chamasse branda, como brandos costumes, alegadamente, eram os do povo que a suportava. Cresci acreditando que, um dia, o país faria parte da Europa e do mundo, mas esse mundo estava tão longe que bem podia pertencer a outra galáxia. Lembro-me de ir a *Tui* comprar discos dos *Beatles* ou beber *Coca-Cola* que em Portugal eram proibidas, com medo dos miasmas contagiosos de civilizações estrangeiras.

Depois, veio o dia de todas as esperanças, um 25 de abril (quase sem mortes e com cravos na ponta das espingardas) e eu, que vivia em Timor, esperei por ele que tardaria a chegar (teria ido de barco?) e jamais arribou. A Europa cresceu, o sonho da Europa Unida medrou, mas a UE cresceu descontroladamente, até ter mais olhos que barriga e ficar desesperadamente naquela palhaçada que hoje é. Por toda a parte, uma após outra as ditaduras iam sendo aniquiladas e substituídas por vários modelos de democracia onde, alegadamente, o povo e a sua vontade eram representados em parlamentos.

Com a queda do Muro de Berlim e o *glasnost* a dar lugar a uma nova Rússia todos acreditamos que sonhar era isto, quando esses sonhos se tornavam realidade até na América Latina e América do Sul. Já então, o neoliberalismo da nova ordem mundial tinha disseminado as suas sementes com a *Thatcher* e o *Ronald Reagan*, mas nós não sabíamos que isso iria perverter todo o ocidente.

Lentamente, nos últimos vinte anos assistimos a um constante retrocesso nas conquistas dos direitos fundamentais da humanidade, de igualdade, solidariedade e justiça. Mais do que nunca as democracias estão a ser manipuladas, criando a aparência de vontade popular através do voto universal, mas na prática, substituídas por autocracias da Rússia aos EUA passando pelo Brasil, Venezuela e dezenas de países, sem falar daqueles onde as escolhas democráticas foram substituídas por nomeações da grande e anónima banca internacional, do grande capital, do petróleo às farmacêuticas que tudo controlam.

Isto é o mundo onde a verdade é ficção e a ficção é a neoverdade. Há dias, a ler *Umberto Eco* «*O Cemitério de Praga*», apercebi-me de que isto sempre aconteceu sem nos darmos conta. Entretanto, países habituados a mandar e serem os xerifes do universo, como os EUA (em substituição dos decadentes grandes impérios que duas grandes guerras aniquilaram), continuam a inventar invasões, primaveras políticas, depondo ditadores ou democratas a seu bel-prazer.

Dir-me-ão que a democracia ainda é o menos mau dos sistemas (como primeiro afirmou Winston Churchill). Claro que uma democracia ainda é a pior forma de governança, salvo todas as outras alternativas, e não adianta chorar sobre os defeitos da democracia: a corrupção dos políticos de todas as cores, o nepotismo, os arranjinhos parlamentares (ora agora mamás tu, ora logo mamó eu, etc.)

Há algo que sempre afirmei e reitero, mesmo que não sirva para grande coisa, o 25 de abril trouxe-me o bem mais precioso: a liberdade de expressão, a mim que sou um individualista nato e jamais conseguiria viver numa autocracia. Dantes, os países democráticos tinham eleições, os outros não (nem mesmo as mascaradas eleições do partido único em Portugal o ocultavam).

Hoje assistimos a um novo e preocupante paradigma, a semidemocracia onde existe a aparência da verdadeira democracia, com eleições e tudo o mais, mas onde há resultados viciados, roubo descarado de votos e tanta manipulação que o resultado é a via autocrática transvestida de democracia oca. Assistimos, nas últimas décadas, a um ataque à democracia, e são as próprias instituições europeias quem mais tem atrofiado o funcionamento dos sistemas democráticos. A democracia é uma planta muito frágil que precisa de ser regada diariamente.

Como escrevia em 2015 Elísio Estanque¹⁹⁷

“... são os poderes económicos de um capitalismo desenfreado, rendido à força do mercado e do dinheiro e aos múltiplos interesses, que à sua sombra se expandem, mortalmente lesivos dos princípios democráticos.

Financiamentos ilegais de campanhas eleitorais, promoção de testas-de-ferro, candidatos fantoches, quadros e dirigentes ao serviço de esquemas dominados pela corrupção, etc., são exemplos de que o vírus cancerígeno da democracia tudo subverte. ...

as próprias estruturas partidárias que, na sua obsessão pelo poder, alimentam as mais perversas ligações e oligarquias, na defesa das suas negociatas, reprimem o contraditório e combatem o debate democrático interno, que são a essência da democracia política.”

O exemplo de uma semidemocracia, semiautonómica, é visível nos Açores onde há um parlamento regional e uma teórica liberdade de escolha, mas onde as decisões relevantes para o povo açoriano são definidas em Lisboa, pelo governo central, ao atropelo e revelia das normas autonómicas, com a cumplicidade das forças locais no poder, pau-mandado dos partidos cuja sede é em Lisboa.

O povo, que até nem é totalmente ignorante, vota com os pés (isto é, abstendo-se) ou a favor dos que o mantém, subsidiodependente. Um ciclo vicioso que se define assim: vota em mim e recebes apoios, não votas e desenrascas-te sozinho contra a malha burocrática que te vai aniquilar. As vozes independentes, poucas e raras, vão sendo silenciadas, sem lugar a destaque nos meios de comunicação, já quase totalmente emudecidos numa onda de autocensura que lhes permita sobreviver. Estamos a caminho da autocracia, com a manta diáfana da aparência democrática. Infelizmente, o pior está para chegar.

O nacionalismo e a xenofobia chegam ao poder com o voto do povo, a Democracia, de que Churchill dizia ser o menos mau de todos os sistemas conhecidos. E até mesmo eu, que sempre me considerei um otimista nato, tenho demasiadas dúvidas, rodeado por autómatos não-pensantes, obcecados com os pequenos ecrãs dos seus smartphones e impérvios aos atropelos à dignidade, equidade e justiça, que acontecem em volta, veja-se o Titanic a afundar-se e os naufragos a tirarem “selfies”.



Possa eu continuar a falar, em casa e na rua, sem medos persecutórios, mesmo que as palavras não cheguem a muitos nem sejam lidas, e isso me contentaria nos dias difíceis que se avizinham. Quando essa liberdade se perder, de facto terei de me conformar e aceitar que me implantem um “chip” para o meu próprio bem, como nem *George Orwell* (1984 e o *Triunfo dos Porcos*) nem *Aldous Huxley* (*Admirável Mundo Novo*) conseguiram imaginar.



CRÓNICA 180 TURISMO, LIXO, RATAZANAS E CORTESIA 16 ago 2017

A qualquer ponto da ilha de S. Miguel onde se vá, encontra-se lixo e mais lixo, contentores a abarrotar...então ninguém pensou em alterar o esquema de recolha de lixo face ao aumento de pessoas, na ilha, nas praias, nos locais e miradouros turísticos...?

Hoje à noite na Praia dos Moinhos em Porto Formoso o lixo amontoado servia de péssimo cartão-de-visita a quem nos visita...na ribeira ao lado havia ratazanas bem nutridas a condizer com um anúncio que, há anos, anuncia uma desratização da ribeira (só se for no cartaz ...).

... estacionamento por toda a parte, os parques não chegam, não há transportes coletivos, e os caçadores de votos não veem isto???? ... eu vi e continuarei a ver...e a alertar.

... criem depressa um serviço de "shuttle" minibus (10, 15, 20 lugares) da Ribeira Grande e de Ponta Delgada para os miradouros e locais de mais turismo, como a Lagoa do Fogo, Vista do Rei, Caldeiras, Caldeira Velha, etc....a um preço simbólico (por exemplo 50 cêntimos). Façam viagens de 15 em 15 ou de 30 em 30 minutos nos meses de junho a setembro, e mais espaçados no resto do ano.

Proibam os grandes autocarros de irem a esses locais. Depois fiscalizem e implementem uma luta sem cartel ao estacionamento selvagem (não multem, reboquem todos os carros da estrada como se faz nos países mais civilizados), mas criem alternativas, sem aumentar o número de estacionamentos permitidos, sem criarem novas obras, sem estragar a paisagem. O investimento é pequeno e os resultados seriam excelentes.

Quanto ao lixo mudem a rotina que até pode funcionar nos meses mais calmos, mas nos de maior afluência de gente dão uma péssima imagem da ilha aos que nos visitam (e que queremos nos continuem a visitar). Façam recolhas diárias ou bidiárias nos locais de mais afluência, estabeleçam novos contratos mais flexíveis (isto não é ciência atômica, mero senso comum de quem nada sabe sobre o assunto). Intensifiquem as campanhas nas escolas e nas comunidades para não deitarem lixo para o chão, mas – simultaneamente – coloquem papeleiras e cinzeiros de 50 em 50 metros nas cidades, nas vilas e freguesias.

Se querem que o turismo se mantenha, mudem o paradigma da estação de veraneio de junho a setembro, abram os lavabos públicos nas praias, façam manutenção e limpezas regulares e permanentes, contratem nadadores-salvadores de fevereiro a novembro.

Nos vários Fóruns sobre os Açores leio preocupações semelhantes e sugestões, o turismo das companhias aéreas de baixo custo já cá está há uns anos, já houve tempo mais do que suficiente para uma atitude do GRA (governo da região) encarar soluções para gerir a afluência excessiva de visitantes, para a qual nem a ilha, nem a restauração, nem demais estruturas estavam preparadas....

Não nomeiem comissões para estudar o problema, vejam o que se faz noutras cidades (lá fora) e como resolveram estes problemas e copiem (não precisam reinventar a roda).

Uma última nota, mas esta muito urgente, gastem uns milhões a obrigar toda a gente na restauração a frequentar um curso (intensivo, mas essencial) de práticas de hotelaria, pois as pessoas (turistas) que atendem são as mesmas que garantem o seu salário no fim do mês.

Os clientes são os seus verdadeiros patrões... mantenham as mesas limpas, esvaziem os cinzeiros e lavem-nos, nas zonas de fumadores. Não atendam as pessoas como se estivessem a fazer um frete, ajudem as pessoas a escolher os menus, sirvam a água com copos em vez de oferecerem garrafas sem copos ou perguntarem – na melhor das hipóteses “quer copo?”).

Não precisam ser servis, mas cortesios...educados... hospitaleiros...o resto a natureza já nos deu.



CRÓNICA 183 DA FORMAÇÃO ILEGAL DO REINO À COMPRA DE DIPLOMAS 24 setº 2017

Hoje agitaram-se as gaitas, os apitos, as buzinas e outros instrumentos de tortura auditiva quando uma enorme caravana de mais de cem viaturas resolveu passar pelas ruas da aldeia (já sei, preferem chamar Freguesia à aldeia, por aldeia ser uma coisa pequena e do passado...). Falta uma semana para as eleições autárquicas e o que vi na TV, dos debates nas cidades e vilas das 9 ilhas, assusta.

O nível intelectual e comunicacional da maioria dos candidatos (não-eleitos) é confrangedor. Dito assim, será melhor clarificar, alguns deles (não cito nomes) nem se percebe o que querem, o que pretendem, o que querem comunicar, o que pretendem fazer. Umhas mancheias de palavras atiradas ao vento a ver se polinizam. Mas devem ter, todos, acesso a contas em paraísos fiscais para realizarem as obras que ameaçam construir se forme eleitos.

Mais aguerrida está a situação marcada para a mesma data de 1 de outubro na Catalunha num referendo que o estado bourbónico pretende ilegalizar, por todos os meios, legais, ilegais, coação, coerção, etc. O argumento de que mais gosto diz respeito à ilegalidade de se referendar a independência da Catalunha. Por isso, nunca pode ser independente nem realizar o referendo, dizem os de Madrid que atenta contra a unidade do estado espanhol.

Eu sei que não estudam história, mas deviam lembrar-se de que perderam Portugal em 1 de dezembro de 1640 quando deslocaram todas as tropas para a Catalunha não se autonomizar. Felizmente ainda não se lembraram de repor a verdade histórica reintegrando Portugal no seio da nação unitária espanhola, com base na ilegalidade de Afonso Henriques ao declarar a independência unilateralmente à revelia de Leão (na altura, o estado nem era Espanha nem era unitário).

Pode ser que ainda se venham lembrar de anexar Portugal para compensar a perda a Catalunha pois com a campanha de ilegalidades que o governo espanhol está a cometer, se a maioria dos catalães não queria ser independente, a partir de agora vai passar a querer. Como já houve, há menos de cem anos, uma guerra civil espanhola, tudo está composto para nova guerra, perante a passividade da EU. Nem consigo imaginar como isto pode acabar bem... pois os condimentos para acabar mal estão lá todos.

E por último, uma certeza de que há muito suspeitava. Há cursos e diplomas que são comprados por tuta e meia. Ontem de tarde, uma jovem, alegadamente moradora na Lomba da Maia, bateu à nossa porta a pedir para falar com um dos professores.

Resumidamente o que ela queria era pagar para um de nós lhe fazer uma prova escrita de avaliação que tinha de apresentar para ter o 12º ano do ensino profissionalizante ou idêntico.

Ficou admirada com a nossa rejeição e dizia, mas eu pago, eu pago. Nem nos demos ao trabalho de saber se queria pagar 5, 10 ou 20 euros pelo trabalho, enquanto ela insistia que todos os outros faziam isso e que ela não sabia pôr em palavras dela as respostas ao teste.

Não sei a que porta foi bater a seguir, (há mais professores na Lomba) mas sei que há mais alguém que vai tirar um canudo por trabalhos que não fez e um dia dirá que tem o 12º ano embora os seus conhecimentos não passem de uma 4ª classe na designação antiga do 4º ano de escolaridade.

Nem comento mais.



CRÓNICA 185 BASTA CALIFÓRNIA, GALIZA, PORTUGAL...15 outº 2017

Basta de manipulação de mentes, de mentiras, de meias-mentiras, meias-verdades, de apologias do medo, do terror, do desastre cataclísmico, do fim do mundo, da morte iminente do planeta e das gentes, basta deste “admirável mundo novo” em que inteligência artificial veio para nos substituir e depois já não sendo necessários seremos ainda mais descartáveis.

Basta de incêndios selvagens como na Califórnia, com mais de 50 mortes e centenas de desaparecidos, basta de incêndios em Portugal em meados de outubro ou na Galiza onde estão a arder mais de 80 fogos em parques naturais.

Os da Califórnia, provocados por mão humana não se devem a bêbedos, nem pirómanas mulheres de bombeiros, nem atrasados mentais, nem a mandatários de madeireiros da celulose... deve-se a novas armas da Martin Lockheed que causam a devastação de casas e demais edifícios, mas as árvores não ardem. N

a Galiza e em Portugal são armas mais antigas, de dispersão de “chemtrails” que tudo pulverizam com alumínio, bário e outros, como já aqui escrevi há uns anos... são aqueles riscos nos céus que fazem pressupor um movimento de aviões mais apropriado a *JFK* (aeroporto de Nova Iorque) do que aos montes galegos e portugueses.

E depois envenenam-nos com as comidas geneticamente modificadas, pela Monsanto e quejandos, que oferecem em substituição das colheitas que fizeram arder. E como a Monsanto comprou a Bayer e outras, inventam novas vacinas para estirpes virais e desenterram bacilos velhos e novos, na mira de venderem mais e mais, e arregimentam os ignorantes e cúpidos líderes dos países onde vivemos, ameaçando aqui, começando uma guerra acolá, reacendendo velhas hostilidades e criando novas que o armamento não cessa de se fabricar e tem de ser vendido para os países em litígio se endividarem mais e providenciarem ainda menos aos seus famintos habitantes.

Mas estão todos a olhar para baixo para os ecrãs dos seus smartphones, e já ninguém olha para os céus, nem sabem como eram os céus na minha infância, por isso nada estranham.

É tempo de dizer Basta à Besta..., mas onde estão as gentes esclarecidas e informadas capazes de criarem um novo homem (nesta palavra estão incluídas mulheres e crianças, para não me acusarem injustamente), uma nova sociedade. Uma sociedade diferente desta que mata os seus e os outros para aumentar lucros e nada vê de humano na Humanidade a não ser cifrões.

BASTA E BASTA E BASTA! já fui louro e continuo burro, alguém me explica como uma mudança de ministros apaga os fogos, consola as famílias das vítimas e melhora a funcionalidade operacional de um serviço malparido como o SIRESP? será que um novo Ministro corrige imediatamente mais de 40 anos de erros, mais as causas da combustão, mais incendiários, mais madeireiros, mais aluguer de aeronaves, mais o raio que vos parta a todos?

Perante uma situação catastrófica, alguém se habilita a dizer como faria melhor? já o escrevi aqui em junho 2017 e até hoje nada... ver [crónica 170](#)



CRÓNICA 186 AÇORES E INDEPENDÊNCIA 22 outº 2017

Imaginemos por um instante que os membros e simpatizantes da *FLA - ACA* eram um movimento generalizado, de largas camadas da sociedade açoriana, abarcando gente de todas as idades, em todas as ilhas, como em tempos idos da História recente já o foram.

Imaginemos que se fartaram da exploração colonial que os poderes de Lisboa e seus representantes na colónia há séculos exercem sobre os locais.

Imaginemos que o atual modelo de autonomia controlada, centralizada em Lisboa, constantemente torpedeada, ultrapassada e ignorada pelos “superiores interesses da Nação” estava – de facto – esgotado.

Imaginemos que tínhamos uma população culta e letrada, em vez da pequena elite dominante agarrada a pequenas mordomias como é hoje o caso, com a vasta maioria da população mais interessada em manter privilégios de subsídios, em vez de trabalho, vítima da conspiração consumista que a manietta.

Imaginemos que a deriva europeia e a rápida islamização do continente europeu estavam mais adiantadas e que a solidariedade para com o arquipélago se mantinha ao nível da esmola, enquanto o povo português (também ele ignorante e iletrado, mesmo que tenham canudos e se chamem doutores) continuava a pensar que devíamos largar os Açores e os açorianos que são uns chulos que só sugam as riquezas de Portugal.

Imaginado este cenário se tivéssemos um líder – mais ou menos populista – capaz de catapultar a turbamulta (a malta como o outro lhe chamava) e fazia um referendo, vocês acreditam por um só instante que não éramos calados pela força bruta da repressão militar?

Imaginado isto, voltemos à realidade.

Temos uma população apática e abúlica, uns tantos saudosistas e outros mais novos, sonhadores, mas a menos que haja uma revolução de mentes cataclísmica, seremos uma pequena elite libertária, sem representação nem força popular, uma franja da sociedade que nem chega a ser incómoda para o poder instituído.

O povo açoriano não reúne as condições de se emancipar enquanto continuar pobre, iletrado, subsidiodependente, conformado, desapegado de uma consciência cívica (a consciência nacional açoriana), a quem o fogacho independentista de alguns intelectuais, escritores e outros, pouco e nada diz.

Infelizmente é isto que temos e não mudará nos meus dias, embora se a Terra ainda existir, eu acredite piamente que, um dia, em futuro afastado e longínquo, nos sublevaremos e libertaremos do jugo colonial de Lisboa (quando o Belenenses tornar a ser campeão de futebol, por exemplo).

Até lá continuemos a fazer o que não temos feito, educar as pessoas, alertá-las para esta escravatura silenciosa que as amolece e adormece, repetindo ciclos ancestrais de feudalismo encapotado, anestesiada pelas riquezas que o turismo vai trazendo sem se lembrar que basta a *Ryanair* ir à falência e o turismo morre....



CRÓNICA 187 REINTRODUÇÃO DOS SANTOS COSTUMES 25 outº 2017

Métodos como a degola, lapidação e crucificação, ainda vulgares em países como a Arábia Saudita para crimes de adultério e outros, podem vir a ser restaurados na República Islâmica de Portugal. Tal como lá, os corpos degolados podem ficar em exibição nas praças públicas para servirem de exemplo a adúlteras (os).

Isto traria os benefícios de entreter a enorme massa de *voyeurs* portugueses, que gosta de parar em autoestradas para ver incêndios, acidentes de trânsito com fatalidades e outras mórbidas expressões ao gosto deste povo fadista.

Por outro lado, satisfazia alguns coletivos de juízes portugueses que citam a bíblia e códigos civis de 1800 e pico, colocando Portugal na linha da frente nesta Europa que se vai islamizando rapidamente, numa luta contra a devassidão da mulher nas sociedades ocidentais que parece nunca mais ter fim nos últimos 60 anos.

Igualmente se pode considerar a reposição das leis, vigentes nos tempos áureos em que a Ibéria era o forte e portentoso reino das luzes e da cultura, de Al-Andalus.

Há que fazer urgentemente alterações à Constituição debochada do país, permitindo haréns, poligamia, pedofilia infantil no tocante aos casamentos com jovens puras e virginais de mais de sete anos de idade para satisfazer as necessidades congénitas do macho andaluz.

Também nos trajes pervertidos e depravados, se espera a entrada em vigor de novas leis, evitando a degeneração do corpo sagrado da mulher, que não pode nem deve ser vista por homens.

Espera-se, a oposição inicial dos canais de TV (não-nacionalizados) pois vai retirar espetadores às telenovelas com as exhibições de corpos nas praças públicas, mas após a nacionalização da TVI, SIC e outros, tudo entrará na normalidade sacrossanta dos costumes desvelados que fizeram do islamismo a religião mais progressista na terra.



CRÓNICA 188 ... NÃO VOU FALAR DE RANKINGS DAS ESCOLAS, MAS...DE 3 OU 4 COISAS QUE ME PREOCUPAM 6 fevº 2018

Em 2005 numa conferência no ISAG Porto quase enfureci a assistência de catedráticos ao dizer que não gostava que a maior parte dos professores que a minha mulher estava a formar na ESSE IPB em Bragança viessem a ser professores do meu filho mais novo.

Salvo poucas e honrosas exceções (e a culpa nem era deles) estavam tão incultos e impreparados que seriam uma desgraça como professores. Isso foi em 2005, hoje, aquela premonição peca por otimista.

Em 2005 o meu filho mais novo chegou a S Miguel para acabar a antiga 4ª classe (4º ano de escolaridade) e no primeiro ano regredira já em tudo à medida que se integrava neste meio escolar.

Desde há muitos anos (décadas) que venho propugnando para que aos maus professores, incompetentes, impreparados sejam facultadas ações de formação obrigatórias e caso não se adaptem que sejam expurgados da classe.

Defendo a meritocracia que vivi na Austrália que premeia os resultados e os esforços (mesmo que seja fora da caixa = *outside the box*) em vez de termos umas avaliações de professores, tipo faz-de-conta, que ninguém quer e para nada servem.

Lamento, mas nem todos nasceram para ensinar....

Também, ao contrário do que vem sendo anunciado desde 1974, nem todos nasceram para aprender. Nesta fase de rápida mudança, assistimos a um ensino que se assemelha ao do século XIX, mas sem os castigos corporais, as orelhas de burro, as palmatoadas, etc. Assiste-se a um total desrespeito pela Escola e pelos professores, quer por alunos, por pais e pela sociedade em geral.

De ano para ano assiste-se a um menor rendimento e preparação dos alunos, e creio que tal se deve ao desaparecimento da velha guarda de professores primários da Escola do Magistério. Depois, há a necessidade e a obrigatoriedade passar os alunos, custe o que custar.

Recentemente, surgem, cada vez mais, casos de alunos com necessidades especiais que servem para justificar a integração nos quadros de pessoal docente com curtos cursos de “necessidades especiais”.

Os professores são tradicionalmente avessos à mudança, não se cultivam nem fazem formação pessoal e profissional capaz (e a culpa nem é só deles), gostam de engrenar a sua rotina de ensinar e repetem modelos exaustos, anualmente modificados, alterados, atualizados...por outro lado, cada vez tem menos tempo para ensinar e preparar aulas, gastam enormidades de tempo em reuniões improfícuas sobre tudo e mais alguma coisa além das constantes alterações da tutela.

Os alunos de meios desfavorecidos (rurais ou urbanos) não têm ao seu alcance alternativas de ensino, andam contrariados, desmotivados e muitas vezes não querem mesmo aprender....

O resto direi noutra altura...



CRÓNICA 190 DA DOENÇA 27 maio 2018

Tem sido um ano para esquecer no campo da saúde. A Helena em finais de janeiro adoeceu, ficou mal, esteve hospitalizada uma semana com uma infeção pulmonar, quase sem se mover e com enormes dificuldades respiratórias e outras.

Recuperou ao ponto de no fim das férias da Páscoa regressar às aulas, e à fisioterapia respiratória, para um mês depois ter nova recaída e estar em casa profusamente medicada e á espera que venham trazer O₂ para ter em casa... um tormento que a todos preocupa e ia pondo em risco a presença da direção no 29º colóquio em Belmonte, não fosse o nosso filho João ter ficado com ela enquanto me ausentei. Recusa reformar-se e quer continuar a perseverar. A ver vamos como acaba este problema que nos consome a todos, psíquica e fisicamente.

O mundo continua louco como já nos vamos habituando, quer a nível climático quer a outros níveis, com a promessa do fim da guerra das Coreias que durava desde a década de 1950. Entretanto morreram inúmeras personalidades de todos os quadrantes literários, artísticos e outros, sendo o mais recente (maio 2018) no Pico do decano (102 anos) do jornalismo açoriano, o Ermelindo Ávila que em 2011 fez questão de esperar na fila por um livro meu autografado (Crónica Açores vol. 2) e no Natal vira publicado o seu último volume de Histórias.

Manter a mente sã neste conluio doentio que me circunda só foi possível por me ter afincadamente dedicado a organizar o terceiro volume de Crónica Açores, fazer um livro de poemas com fotografias do porto pela Fátima Salcedo, compilar o sexto volume de poesia (Crónica do quotidiano inútil vol. 6), rever e reorganizar o novo livro de D. Ximenes Belo Missionários açorianos em Timor (vol. 2) para que consegui o patrocínio da Câmara Municipal de Ponta Delgada, entre as habituais diligências organizativas do colóquio 29º na Páscoa em Belmonte e o 30º em outubro na Madalena do Pico.

Desabafados estes escolhos que o dia a dia nos proporciona assinala-se que a minha mãe completou em março 95 primaveras, com a memória, imensamente debilitada, mas sem se descompor e fingindo nada ser...

O João que tão contente andava na segunda parte do seu estágio numa empresa canadiana aqui sedeadada na Lagoa, foi dispensado três meses antes de acabar o estágio por não terem trabalho de programação para lhe darem, ao abrigo do programa estagiar-T subsidiado pelo governo regional. Isto em simultâneo com um namoro estragado a que pôs fim abalou-o, restando a compensação de ter conseguido pagar o seu Smart com que se pode deslocar agora.

Gostava de ter coisas mais importantes ou mais alegres para narrar, além do começo da vinda da Delta Airlines em maio 2018 com 5 voos semanais Nova Iorque - Ponta Delgada ou seja quase mil americanos por semana...mas perdemos os apoios da SATA para os colóquios (era um desconto de seis bilhetinhos a 90% a que acresciam todas as taxas), pois como é do conhecimento público, os políticos locais mesmo sem viajarem da Assembleia da República para os Açores recebem 500 euros de ajudas de custo semanais.

Se se deslocarem uma vez descontam 134 € aos dois mil mensais recebidos...belo negócio, quando for grande quero ser político! Houve frenesim, mas o esquema que vem de 1989 é infelizmente legal apesar de imoral e escandaloso... e de esquemas andamos todos fartos... por isso, o preço dos combustíveis continua a subir sem ter nada a ver com o preço do crude oil...em Portugal a cada 90€ pagos de combustível 56€ são de impostos...isto leva-me sempre a questionar como é que num país tão pequeno cabem tantos ladrões... Nem comento: um português tem de trabalhar quatro meses para auferir o mesmo que um seu homólogo dinamarquês...

Com rendimentos mais reduzidos estiveram os estados bálticos Estónia, Letónia e Lituânia, ou países como Polónia, Hungria e República Checa. Lituânia, Roménia e Bulgária. As maiores remunerações europeias são a Dinamarca – com 3 807 euros, quase duas vezes mais a média europeia -, e o Luxemburgo, país onde vive uma grande comunidade de portugueses e onde o salário médio é de 3 228€. Irlanda, Holanda, Finlândia, Alemanha e Suécia tiveram salários a rondar os 2 700€.

Numa nota menos sóbria, a múmia ex-presidente Cavaco e Silva apela ao voto contra a eutanásia pois não quer que o matem já... como escreveu Charles Bukowski “*algumas pessoas nunca fazem loucuras, que vidas horrorosas devem levar!*” Eu já fiz uma loucura certas vezes, mas o meu médico aconselhou-me a evitar essa perversidade de desdizer a minha mulher. nunca se deve contrariar a mulher, exceto se for a mulher do próximo e não a do próprio. Neste mundo onde todos usam máscaras é um privilégio ver uma alma...

Para o bem da saúde, existem exemplos do reino animal que urge copiar, um coelho salta e só vive 8 anos, um cão corre e vive 15 anos, mas as tartarugas não saltam nem correm e vivem 150 anos...vou repensar a minha vida, embora tenha de me preocupar mais com a notícia de que a polícia argentina alega que os ratos comeram meia tonelada de droga apreendida. Ou os ratos seriam outros?

Sempre que se corrige um idiota ele fica fulo. Não adianta discutir com idiotas, eles ganham sempre pois têm mais experiência e para discutir devemos escolher sempre alguém que saiba ouvir, caso contrário será um solilóquio e não um diálogo.

E nesta vida como dizia Jack Kerouac “... está tudo em desordem. Os cabelos, o leito, as palavras, a vida, o coração.”

Apetece imaginar que nos biliões de galáxias e de planetas que há por esse universo infindo um dia se encontrará um homem humano em vez dos desumanos que nos rodeiam, roubam, enganam, vigarizam, exploram e oprimem, o pior é que depois acordo sempre.

Tudo o que é diferente incomoda sempre quem sempre é igual.

Embora a doença da Helena tenha sido a maior preocupação destes meses, o mundo tresloucado em volta não tem dado tréguas, o país sem dinheiro, os Açores sem dinheiro, a gasolina a subir pela décima semana consecutiva com o preço do crude a baixar, os professores sem terem a reposição de carreiras há anos congeladas, a TV a vomitar ódio misturado com futebol e intriga, horas, semanas, meses a fio, as pessoas a olharem para os seus smartphones sem se preocuparem com o mundo que as cerca absortas que estão... e a colocarem notícias no Facebook de todas as inutilidades das vidas delas... isto sem esquecer que as imagens que colocam delas, as “selfies” são reconhecidas como uma forma de transtorno mental por psiquiatras...

Quando alguém em tempos idos me perguntou porque razão Portugal era tão irrelevante hoje em dia depois das grandes conquistas dos séculos XV e XVI, eu comecei a fala da antiga China Imperial, da Grécia clássica, do Império Romano, Otomano e outros para dizer que a saída dos judeus foi a mais forte golpada intelectual dos portugueses, solidamente seguida pela Santa Inquisição, por 48 anos de censura ditatorial, e nestes últimos anos pela saída dos mais válidos e aptos que insistem em emigrar para países onde o seu valor e criatividade são reconhecidos.

É como dizer que ficamos com o refugo e com esse não se consegue fazer boas omeletes... enquanto a base genética não for enriquecida, e rejuvenescida (o país está extremamente envelhecido) continuaremos assim. E como é verão chegou a altura de abandonar animais domésticos e velhos, uns nas estradas outros em hospitais e asilos...

Antigamente, muito antigamente, quando os velhos estavam no fim da vida, os filhos pegavam neles e iam deixá-los a um local distante e ermo, a fim dos pais ali morrerem. Era a forma de se libertarem dos que, uma vez inválidos, já não podiam contribuir para o sustento da casa, tornando-se, pois, um fardo para todos. Uma vez, um velho estava para morrer. Nada mais havendo a fazer, o filho pegou nele e foi levar o pai ao tal local, para que ali morresse. Quando lá chegaram, o filho pousou o pai sobre um colchão de junco e despediu-se do velho. Então, para não se sentir tão mal, pegou numa manta de lã e disse-lhe:

“Pai, vou cobri-lo com esta manta, para que não tenha tanto frio.”

Ao que o pai respondeu:

“Não! Corta a manta ao meio e deixa-me só metade. A outra metade, leva-a para casa e guarda-a, para o dia em que o teu filho vier trazer-te aqui”.

Mal terminara o velho de dizer aquelas palavras, o filho, sentindo um baque no peito, tornou a agasalhar o seu pai, pegou nele ao colo e trouxe-o de volta a casa, cuidando dele até ao fim.

Daí em diante, nunca mais ninguém foi levar nenhum velho ao tal local distante e ermo e todos passaram a morrer assistidos, com os filhos e as famílias ao redor.

P.S. Foi o meu Avô quem me contou esta e muitas outras histórias. [no Facebook por [Ricardo Alves Gomes](#)]



CRÓNICA 191 A CULTURA DO GOLFE 30.5.18

45 postos de trabalho por 7,4 milhões e 2 campos de golfe para 150 mil habitantes jogarem golfe?...será cada posto de trabalho 164444€.... não era mais barato pagarem o desemprego ou formação aos trabalhadores?

Numa terra onde a cultura recebe tostões, o que se não poderia fazer com aquele dinheiro? Nós nos colóquios da lusofonia precisamos anualmente de vinte mil euros para dois colóquios, um cá nas ilhas e outro fora...como nós há recitais, há concertos, há outros simpósios, outras atividades culturais que sobrevivem com uma pequena e sempre esticada manta de retalhos de poucos milhares de euros para ações bem meritórias no campo da cultura e que poderiam beneficiar daquele apoio bem dividido.

Claro que provavelmente estou a falar de cultura de elites para elites..., mas, alto lá, golfe? Nem é cultura nem é bem desporto e quanto a elites estamos falados, numa terra com uma mão cheia de praticantes normais de golfe...

E que eu saiba com tanto campo de golfe por esse mundo fora, quem vem aos Açores (São Miguel) jogar golfe? Os que recebem apoios e mordomias para virem cá...

Claro que temos inveja desses milhões, que nem sei se são desbaratados ou mal gastos, mas digamos, que seriam uma prioridade muito pouco prioritária...

Se me dessem esses milhões para dividir pelas instituições culturais que descrevi poderíamos criar mais do que 45 empregos e poderíamos trazer outros escritores, artistas, músicos ao arquipélago.

E se depois deste desabafo não me derem mais nada já sei a que se deve a penúria de apoios.

Como dizia a este respeito, há dias, essa excecional voz açoriana que é a Helena Castro Ferreira

“Os 13 milhões do centro de artes contemporânea mais o que gasta por ano só para se manter aberto, também ainda me doem...”

A mim dói-me isto e tudo o mais, ao ver o que se gasta na contratação de artistas de música “pimba” (claro que têm todo o direito à existência e a terem a sua larga audiência) mas que pouco contribuem para a educação musical do povo.

A diferença é que a cultura elitista a que pertencem intelectuais e artistas dá poucos votos e a cultura d emaças, como o próprio nome indica, atrai sempre votos, salvo no caso de agosto 2013 na Lomba da Maia em que se gastaram 17 mil euros para trazer o Quim Barreiros e isso não chegou para dar votos suficientes à Junta de Freguesia para reeleição...

Espero agora que seja incluída uma clausula curricular para que no ensino obrigatório passe a constar a modalidade de golfe, a fim de todos os micalenses terem oportunidade desfrutar dos campos de golfe que o Estado (governo regional) pretende adquirir na Achada das Furnas e na Batalha (ilha de São Miguel, Açores).

Será que vão distribuir tacos de golfe e empregar “caddies” para nós praticarmos?



CRÓNICA 192. SÃO MIGUEL, AÇORES, DIA 1 junho 2025 DOMINGO -31 maio 2018

Acordei para mais um magnífico dia de sol sobre a baía de Ponta Delgada. Em frente à marina as pessoas aguardavam a vez de embarcarem no metro de superfície para as praias da costa sul ou para norte e oeste. O investimento em infraestruturas ferroviárias fora desencadeado no fim da década anterior quando os Açores começaram a receber cerca de 3 milhões de turistas ao ano.

Ao contrário do que sempre fora feito, não investiram em estradas para um trânsito, cada vez mais congestionado, e introduziram várias linhas de metro de superfície que se alargavam já a vastas áreas da ilha. Faltava ainda acabar a ligação Ribeira Grande - Nordeste e Nordeste – Povoação.

Aqui, fora já instalado o primeiro de uma série de teleféricos turísticos para quem queria ir ao Pico da Vara observar o habitat natural do priolo essa ave que se extinguiu com o aumento do influxo turístico em 2020. Havia projetos para mais teleféricos nas Sete Cidades, Furnas, Povoação, Lagoa do Fogo, mas com os cortes de fundos europeus era incerta a data da sua concretização.

Na marginal de Ponta Delgada, perto da Calheta de Teive um moderno heliporto servia de base aos táxis aéreos de drones sem condutor que faziam viagens curtas até Vila Franca e ao ilhéu na nova marina, enquanto mais adiante os táxis marítimos sem condutor aguardavam os turistas que queriam observar a vida marinha ou ir até Santa Maria visitar a Central Espacial da Malbusca.

Na costa norte da ilha, como sempre aconteceu ao longo dos séculos, as coisas estavam ainda muito mais atrasadas e apenas se disponibilizavam passeios de barco pela costa, usando os antigos barcos de pesca de Rabo de Peixe, Porto Formoso e da Maia com os pescadores reformados a servirem de guia às grutas e praias escondidas da ilha.

A grande estrada marginal entre os Arrifes e a Achada ia prosseguindo com grandes atrasos, que a costa era escarpada e não era fácil construir uma estrada panorâmica na inclemente costa nortenha.

A grande atração da capital da costa norte continuava a ser, desde há muitos anos, a das viagens de balão entre a cordilheira central e a Ribeira Grande, o roteiro das igrejas, os campeonatos de surf e as mariscadas ao pôr-do-sol. Os planos para recuperar os moinhos da costa norte nunca avançaram, dadas as necessidades de apoio social à sempre crescente população da cidade satélite de Rabo de Peixe e suas inúmeras necessidades de apoio social. A cidade crescera em todas as direções sendo agora uma linha contínua de habitações entre as Capelas e a Maia, que se haviam tornado meros subúrbios dormitório da Ribeira Grande.

O pequeno submergível que iria explorar os navios afundados junto à costa oeste e norte, fora desviado para a Lagoa e Vila Franca onde estava sempre ocupado em viagens contínuas de exploração do fundo subaquático. Pequenos hotéis de charme ao lado de grandes resorts polvilhavam agora as pequenas faixas de praia entre Água de Pau e Ponta Delgada riscando a paisagem em altura e desafiando as leis da gravidade.

Diariamente navios faziam percursos entre as ilhas, transportando massas de gente e viaturas e colocando enorme pressão nos recursos, há muito esgotados, das redes viárias das outras ilhas que nunca beneficiaram do afluxo turístico sempre centrado em São Miguel, uma ilha que tinha agora mais de um milhão de habitantes. As pessoas faziam passeios até às outras ilhas que tinham mantido os encantos urbanos do século XX e eram agora Património da Humanidade.

O Aeroporto da Nordela vira a sua extensão duplicada sobre o mar e era já um dos mais congestionados do país, mas continuava a não ter transporte urbano entre o aeroporto e a cidade devido ao lóbi dos táxis que sempre se opusera às carreiras de minibus.

O novo cais de cruzeiros em Santa Clara fora uma aposta ganha dado que o velho Porto e as instalações das Portas do Mar há muito se tinham mostrado insuficientes para as dezenas de cruzeiros que todos os dias aportavam a Ponta Delgada.

A ilha fervilhava de atividade embora o custo do metro quadrado fosse quase tão caro como em Malibu, Los Angeles, com a cidade estendendo-se agora até às Capelas e chegando aos limites urbanos da Ribeira Grande. A pequena cidade da Lagoa, que durante anos fora o dormitório de Ponta Delgada, já não tinha mais por onde crescer entalada entre a expansão de Vila Franca e de Ponta Delgada.

Os domos de antigos vulcões que dantes pintalgavam a paisagem de Ponta Delgada tinham sido substituídos por enormes construções em altura pagas a preço de ouro.

Os Açores eram a nova moda dos milionários de todo o mundo que aqui construía casas de férias, jogavam golfe ou iam aos doze casinos espalhados pela ilha e que se haviam instalado, em muitos casos, nos museus vazios que foram construídos no início do século XXI.

Nas velhinhas Portas da Cidade um pequeno grupo de octogenários juntava-se anunciando a grande manifestação de 6 de junho para espanto dos turistas que sempre traduziam RAA como República Autónoma dos Açores desconhecendo o seu verdadeiro nome.

Uma recente visita conjunta do primeiro-ministro da Escócia e do ministro dos estrangeiros das Canárias tinha resultado numa declaração de apoio às reivindicações independentistas açorianas, muito a contragosto do Representante da República, que fora um influente presidente regional durante muitos anos.



CRÓNICA 193 PRÉMIO DE EMPREENDEDORISMO 2.6.2018

O Concurso Regional de Empreendedorismo irá decorrer em três fases, permitindo que as ideias de negócio apresentadas na primeira fase, e que passem às fases posteriores, entrem num processo de desenvolvimento e consolidação, com o objetivo de garantir a transposição dos projetos vencedores para iniciativas empresariais.

Nesta nova versão do concurso, é obrigatório a entrega de um vídeo, com a duração máxima de 2 minutos, expondo a Ideia de Negócio a concurso, sendo selecionadas as cinco melhores ideias. Segue-se depois um período de desenvolvimento daquelas ideias, com vista à obtenção de Planos de Negócio devidamente estruturados que serão submetidos a uma terceira e última fase, havendo ainda lugar, nesta última fase, a um pitch por parte de cada equipa, via internet e com a duração máxima de 5 minutos.

Serão, então, selecionados os três projetos vencedores, hierarquizados entre primeiro, segundo e terceiro lugares.

Haverá lugar a prémios, num valor pecuniário de, respetivamente, €25.000, €20.000 e €15.000, para o primeiro, segundo e terceiro lugares, que apenas serão atribuídos na condição de passarem a integrar o capital das empresas a criar.

Proponho já que passe à final a família de São Miguel, injustamente detida, há dias, pelas autoridades policiais por estarem na posse, manufatura, distribuição e comercialização de marijuana para fins de tratamento medicinal a quem dele carecia.

A família em questão, recipiente do rendimento de inserção social, vivendo com inúmeras dificuldades económicas, por ser um grande agregado familiar, numa casa da Câmara destinada a famílias mais pequenas, conseguiu contra tudo e todos, colocar em pleno emprego todos os seus 10 membros, avós, pais, filhos e filhas e netos servindo-se de terrenos baldios, pertença do Estado, e os quais estavam abandonados para fins agrícolas há vários anos.

Dado que os terrenos eram férteis com boa exposição solar e bem regados, a família começou a introduzir aí plantas de *cannabis sativa*, que graças a condições favoráveis, exposição solar e cuidados intensivos dos vários membros da família atingia já uma produção considerável de 400 pés em *estado de maturação no valor de dezenas de milhar de euros ao valor corrente de mercado.*

Apesar da falta de instalações adequadas na sua casa, a família recuperou um antigo edifício abandonado pela edilidade local para aí fazer o tratamento e empacotamento das plantas destinadas ao mercado, mostrando um grau de empreendedorismo como há muito se não via naquela localidade.

Com os proventos a auferir desta proveitosa exploração agrícola, a família pensava adquirir uma habitação mais condigna, deixando de necessitar dos apoios sociais do Estado, e contribuir assim para a total integração dos seus membros numa sociedade civil onde as pessoas são, normalmente, desincentivadas de se tornarem economicamente autónomas ou de serem produtivas, preferindo continuar a auferir o rendimento de inserção social em vez de buscarem soluções efetivas para as suas carências económicas.

Por outro lado, numa clara antevisão do fim do monopólio de venda daquele produto agrícola com a liberalização do seu consumo para fins medicinais, a família demonstrou uma visão de futuro inigualável.

Verifica-se ainda que cumpriram todos os requisitos do concurso supracitado, motivo que nos leva a sugerir que o primeiro prémio lhes seja atribuído



CRÓNICA 194 DA DESINFORMAÇÃO ANESTESIANTE 5.6.18

Começo pela sentença de morte ditada pelas autoridades da Bulgária à vaca grávida que atravessou uma fronteira europeia para a Sérvia antes de ser devolvida ao seu legítimo dono. Mas como as leis europeias são muito exigentes e ela atravessou ilegalmente a fronteira terá de ser abatida antes de dar à luz daqui a três semanas. É o que dá deixarem vacas à solta sem documentos...

Há dias a dívida pública atingiu não sei quantos milhões (250 mil milhões!), o valor mais alto de sempre, mas ninguém se importou, pois, as notícias dos telejornais andam há um mês obcecadas com um burro de carvalho qualquer dum clube da bola.

O ministro da educação anunciou que o tempo de serviço congelado aos profes não vai contar, mas ninguém deu conta com as convocações de assembleias gerais divergentes naquele clube de futebol.

Os combustíveis continuam a somar e a seguir numa ascendente espiral a que ninguém quer pôr cobro, e daí eu dizer que o meu carro passara a híbrido: anda a 62% de impostos e 38% de gasóleo, mas os tugas estavam muito ocupados a pensar nas férias no estrangeiro e nos Algarves do meu descontentamento.

Faltam 500 anestesistas no país e 13 nos Açores, mas o povo não se manifesta pois já anda naturalmente anestesiado.

O Brasil que enxotou a Dilma e prendeu o Lula continua a vender a sua riqueza do petróleo pré-sal aos americanos que engendraram os golpes, os camionistas fazem greve, tudo sobe, mas agora não há paineleiros (os que batem painelas) nem patos amarelos nas ruas....

E, entretanto, atingiu a taxa de 30 assassinatos por cada cem mil habitantes numa escalada imparável. Enquanto isso o racismo está descontrolado, a PM também (alguma vez deixou de estar mesmo depois do fim da ditadura?) mas o brasileiro prepara-se é para vibrar com a Copa (Taça) do mundo de futebol.

Na Tailândia uma baleia morreu na praia com 80 kg de plástico no buxo, as praias de Bali têm toneladas de lixo, há ilhas no Pacífico maiores que a França cheias de lixo e de plástico, outras surgem no Mar do Arte e continuamos a ter plástico em tudo o que nos rodeia, mas o que importa são os resultados da seleção de futebol.

Morreu Frank Carlucci o ex-embaixador norte-americano enviado por Henry Kissinger para salvar o mundo dos comunistas, e que muitos dizem ter evitado o triunfo do comunismo em Portugal. Em bom português esse amigo do Mário Soares sempre disse que a CIA não interferiria em Portugal nos anos quentes de 1974 e 1975. Claro que não, até convenceu os açorianos de que podiam ser independentes.... e a CIA nunca teve intervenção nas 151 invasões de países, nem é responsável pelos mais de 200 anos de guerra que os norte-americanos levam na sua História, pelas centenas de golpes de estado criados espontaneamente, pelas primaveras políticas falhadas, pela propagação da democracia americana sempre tão indisposta com os países que têm recursos como petróleo, e a quem os governos locais incomodam, claro que nada disto é exclusivo dos EUA mas é um campeonato em que eles lideram há muito seguidos de perto pela ex-URSS e por tantos outros pequenos poderes que nascem como cogumelos em todos os cantos do mundo.

Enquanto isto no QATAR, o CEO da companhia aérea diz que uma mulher não pode liderar uma companhia aérea "só um homem pode dirigir a empresa, por ser um cargo "com muitos desafios".

Simultaneamente em Portugal "Roupa de homem muda a cabeça da mulher: Católicos ultraconservadores repescam sermão antigo. É verdade que o texto, intitulado **Notificação concernente às mulheres que vestem roupas de homem**, tem 58 anos. Foi escrito em 1960 pelo cardeal Giuseppe Siri, à época arcebispo de Génova. Mas a Fraternidade Sacerdotal de São Pio X, sociedade de vida apostólica da Igreja Católica, considerou-o de absoluta atualidade. Tanto assim que preencheu na íntegra com o sermão do cardeal Siri a última edição do boletim que distribui aos fiéis, chamado **O Farol**.

Ponto de partida: “A roupa masculina muda a psicologia da mulher.”

A preleção agarra-se às calças num corpo feminino, como exemplo paradigmático da “imodéstia”. Consequências do “uso de vestes masculinas por parte das mulheres”?

Além da mencionada “mudança da psicologia feminina própria da mulher”, afeta-a também “como esposa do seu marido, por tender a viciar a relação entre os sexos”. E ainda “como mãe das suas crianças, ferindo a sua dignidade ante os seus olhos”.

O sermão apenas visa o “decoro” da mulher, dando passos em volta para chegar sempre à prédica de partida, sublinhando que o importante “é preservar a modéstia, e o eterno sentido de feminilidade, aquela feminilidade que, mais do que qualquer outra coisa, todas as crianças continuarão a associar à face da sua mãe”. Depois, torna-se feroz. Assim: “(…)

Fazemos bem em recordar as demandas severas que as crianças instintivamente fazem à sua mãe, e as profundas e até terríveis reações que nelas se afloram pela observação dos seus maus comportamentos.” Para logo acrescentar, ainda mais ferino, que “a criança pode não saber a definição de exposição [de partes do corpo], de frivolidade ou infidelidade, mas possui um sentido instintivo que reconhece quando essas coisas acontecem, sofre com elas, e é amargamente ferida por elas (...)”.

A conclusão encontra-se a meio da prédica: “(…) Quando uma mulher veste roupas de homem”, isso “deve ser considerado um fator, a longo prazo, da desintegração da ordem humana”.

Abordado o porta-voz da Conferência Episcopal Portuguesa (CEP), padre Manuel Barbosa, para um comentário sobre este texto, distribuído a fiéis católicos, a resposta chegou seca, por e-mail. “Não faço comentários sobre o conteúdo do jornal da Fraternidade S. Pio X, é a eles que devem ser pedidos esclarecimentos”.

Felizmente soube-se que as pragas aumentam em toda a arte e só em Lisboa já há seis milhões de ratos, ratinhos e ratazanas, mas em Espanha Mariano Rajoy finalmente abandonou o poder sem ser necessário recorrer a raticidas. A Catalunha suspirou de alívio.

Já mais animadoras eram as novidades de que 45% dos alunos portugueses não conseguiam colocar Portugal num mapa da Europa, Saramago sorriu finalmente tranquilo pois era sinal de que a jangada de pedra ia finalmente longe no mar alto, longe da Europa.

Nos Açores a maioria dos alunos nem sequer sabe onde ficam as ilhas de baixo ou de cima... e ainda por cima disso 50% eram incapazes de saltar à corda, perícia indispensável para progredir na vida...

O ministro das Finanças autorizou que os salários dos novos membros do Banco de Portugal sejam aumentados em 50%, mas o mesmo governo, pelo seu iluminado ministro da educação, chantageando os professores ameaçava cortar 6 anos e meio de contagem de serviço. E o primeiro-ministro reiterava: “não ser possível acordo com “posição intransigente” de sindicatos de professores, frisou, reiterando que a proposta do Governo permitiria contar dois anos, nove meses e 18 dias.”

Quanto a isto resolvi propor: ATT PROFESSORES ...DESFAÇAM-SE DOS 23 SINDICATOS E CRIEM UMA ORDEM DE PROFESSORES....ou continuem mais desunidos que nunca e sem conseguirem nada do que é justo.

Infelizmente não auguro sucesso algum a esta minha proposta, que desagradaria ao governo, aos sindicatos e aos seus líderes (que apenas cuidam de manter as suas mordomias e já nada entendem de ensino pois não o praticam há décadas) e permitiria que os professores falassem a uma só voz na defesa dos seus legítimos interesses.

No arquipélago, em especial na sua capital ponta-delgadense, os ânimos andam quentes com a importância da celebração do dia 10 de junho nacional, a vinda de SMH (Sua Majestade Hiperativa) Dom Marcelo II¹⁹⁸ e esquece-se que a celebrar seria o 6 de junho, verdadeira data da autonomia açoriana.

Ponta Delgada será a capital da nação, proclamava ufanamente um editorial de um jornal local. Os pobres, drogados e bêbedos do Campo de São Francisco vão ter uns dias difíceis, mas ignora-se o destino que lhes reserva a organização do acontecimento.

Não está prevista a participação de alunos das escolas na preparação do evento, mas como escrevia Terry Costa há dias “*O melhor TPC são visitas a locais de interesse como museus, parques naturais, centros de arte, e ainda, crianças que passam horas extracurriculares em programas artísticos conseguem melhor no seu dia-a-dia escolar. Então porque não se muda o sistema? Mais artes, mais sucesso!*”



E termino com a bela capa de *fotoemas*, o meu novíssimo livro de que recebi esta semana o primeiro exemplar e sobre o qual apenas há a dizer:

Quando surgiu a ideia de concretizar o sonho de criar estes FOTOEMAS (juntar imagens e poesia) nunca imaginei que seria fácil.

A magia das fotografias da Fátima Salcedo é dedicada ao Porto, e os meus poemas são uma ode aos Açores. Este livro é, assim, fruto de amores distintos de dois autores, que atravessaram o Grande Mar Oceano, na década de 1970, um rumo à Norte América outro a Timor e Austrália.

Dessas navegações peregrinas nasceram os fotoemas que aqui se reproduzem.”



¹⁹⁸ (Dom Marcelo I foi o padrinho deste, o Marcello Caetano da primavera política que ninguém viu)

CRÓNICA 195 10 DE JUNHO NA COLÓNIA AÇORIANA 9.6.18

Dantes, ao descobrirem terras a colonizar, os navegantes portugueses levavam padrões de descobrimentos assinalando a posse e futura conquista e missionação das terras, ora bem nas celebrações do dia 10 de junho de 2018, trouxeram de Portugal uma bandeira enorme que vão hastear no único mastro existente no local. Isso não dará a oportunidade se hastear a bandeira deste arquipélago, símbolo dos Açores e do povo açoriano, que se diz ser da Região Autónoma dos Açores.

Um jornal local comentava o alheamento da população face ao 10 de junho, mais um feriado, que se celebra como o 5 de outubro ou o 1º de dezembro datas importantes para Portugal para sem grande ligação a este povo açoriano, para quem os feriados importantes são a segunda feira do Senhor Santo Cristo, Pentecostes, as datas dos padroeiros das freguesias quando se realizam as comunhões dos filhos da terra, e as festas anuais de cada freguesia. Aí está a alma do açoriano em qualquer ilha.

D. Pedro IV também cá esteve, veio arrecadar dinheiro e pessoas para a sua causa, já que ninguém em Portugal estava na disposição de lhe dar um tostão. Quando D. Carlos veio aos Açores, o povo foi ver um homem que só existia no seu imaginário. Quando Óscar Carmona visitou o arquipélago dos Açores agosto de 1941 e Craveiro Lopes em 1957 a sensação que deixou nas populações foi a da vinda de um forasteiro que veio lembrar aos locais que isto são terras de Portugal, mas "isto é Açores antes de ser Portugal".

Marcelo Caetano também por aqui andou, mas por razões diferentes, que não vale a pena recordar. Hoje veio o Presidente que tira selfies com o povo, os senhores da terra, como noutras ocasiões vão ao beija-mão que fica bem nas fotos oficiais do evento e nas imagens televisivas, sempre sabujamente agradecidos pelas esmolas que Lisboa oferece aos insulares.

Teremos teatro de nos próximos dias. E há entre nós personagens dispostos a renegar a sua essência para assim poderem tirar proveitos. Como hoje escrevia Rui M Medeiros: *“A História está cheia de Brutus e Judas. Estes tiveram proveitos imediatos, mas o tempo encarregou-se de os colocar no seu devido lugar.”*

Ou como escreveu ontem Roberto Y. Carreiro *“Segundo um vizinho meu, antigo operacional dum movimento independentista e testemunha desses tempos conturbados do PREC, o aparato militar, securitário e de espionagem, que está montado na cidade de Ponta Delgada, faz-lhe lembrar os tempos áureos das campanhas de «dinamização cultural» a cargo da 5ª divisão. Tal como no passado, os forasteiros, trazem orquestras, bandas, palhaços, muita propaganda e orador convidado. Como nesse outro tempo as «autoridades locais» abrem a cancela para entrar essas aves de arribação...”*

Por outro lado, o belicismo de mais de mil militares e armamento dos três ramos das FA (Forças Armadas) deve ser para esquecer que depois do 25 de abril, essas FA apenas servem para defenderem interesses estrangeiros em países distantes a mando da NATO. Cito o colega jornalista Tomás Quental:

“Mas eu pergunto: para essa celebração era mesmo necessário "encher" a cidade com viaturas dos três ramos das Forças Armadas, desde meios aéreos a meios terrestres de combate? Se é para afirmar a soberania portuguesa nos Açores, era desnecessário, porque os açorianos, na sua maioria, gostam de ser portugueses. Diria até que existem muitos açorianos que se sentem mais portugueses do que muitos continentais, a quem ouço dizer com frequência "entreguem isto a Espanha"... Se é para "embelezar" a cidade, também era desnecessário, porque a urbe tem beleza quanto baste, bem patente, nomeadamente, em monumentos, praças, avenidas e ruas repletas de edifícios de arquitetura bela e única, com uma frente de mar que lhe confere uma panorâmica invejável. Se é para mostrar aos açorianos o que são meios militares, também me parece objetivo obviamente desnecessário. Quando o Estado português assume não ter verbas para construir uma nova cadeia na maior ilha açoriana, São Miguel, em que o estabelecimento prisional existente com 150 anos é uma vergonha em qualquer parte do mundo, proporcionando condições infra-humanas, é claramente uma falta de bom senso essa ostentação de meios militares, só possível com muito dinheiro. Não aprecio e critico.”

Um país de desigualdades, injustiça e corrupção descontrolada que rouba dez anos de serviço aos professores e diz não ter dinheiro para lhes pagar, desperdiça milhões em fogos-fátuos de antigo *Império à deriva*

como escreveu Patrick Wilken. Claro que para a maioria dos portugueses e dos açorianos quaisquer noções de uma total autonomia (leia-se independência) é anátema, mais fruto da ignorância das situações do que por meras razões políticas. Sempre se cumpriu a profecia – sabiamente preparada - de que quanto mais dependentes de subsídios melhor acarneirados estariam os açorianos. De todos os habitantes são eles os mais subsidiados, totalmente dependentes de subsídios que servem para perpetuar o voto nos que os governam, qualquer que seja o partido ou a cor política. Para os portugueses nem sequer se põe a hipótese de abdicar das “ilhas adjacentes”, muito menos agora que estão prestes a acrescentar milhares de km² à plataforma portuguesa marítima com todas as riquezas que a profundidade destes mares encerra.

Nesta data a Fundação Francisco Manuel dos Santos, através do seu Projeto “Pordata” fez um estudo intitulado “Retrato dos Açores”, no qual deu a conhecer dados preocupantes sobre a nossa realidade insular. No que diz respeito, por exemplo, à Educação, ficamos a conhecer que a taxa de abandono escolar dos jovens com idade fixada entre os 18 e os 24 anos é mais do dobro da média nacional.

Em relação aos jovens com mais de 15 anos, verificamos que 7 jovens em cada 10 não completa o ensino secundário, valores muito piores do que em qualquer outra região de Portugal. O ensino que temos atualmente é o fruto de muitas “experiências” anuais infelizes, desde os alunos transitarem sem sequer saberem ler a outras, e agora os resultados estão à vista.

Acrescente-se o facto de muitos pais não terem instrução (a velha 3^a classe era a norma e agora será o 6^o ano das “Novas Oportunidades”) nem interesse em acompanhar os filhos, o resultado será sempre o de insucesso escolar e total fracasso das políticas educativas, por melhores professores que possa haver (também os há, mesmo que sejam uma minoria). Infelizmente, trabalhamos para a estatística. Os bons alunos sempre o serão, mas os restantes são a maioria.

Este o país em que vivemos, onde há um mês se discutem os problemas do futebol e de um clube autofágico rumo à fossa de Mindanau, e raramente se discutem is verdadeiros problemas do país: educação, saúde e justiça. Sempre longe da corte hoje os açorianos vão ter as imagens televisivas em que serão retratados e irão usar e abusar do seu voyeurismo, já totalmente acostumados a novos paradigmas de vida em que deixaram de ser escravos pela via física para o serem pela via da mente.

Quando hoje um colega e amigo, professor continental, que até cá esteve uns anos a lecionar em mais do que numa ilha, me diz que somos todos portugueses de regiões diferentes, tive uma visão passadista que me fez lembrar um país uno e indivisível do Minho a Timor! E deu-me um arrepio pois esse é o argumento mais comum dos continentais quando confrontados com a minha sede de uma verdadeira autonomia açoriana (aqui não falei de independência, mas de verdadeira autonomia, em federação ou outra espécie de união entre iguais e não pactos leoninos).

A minha guerra não é esta, mas a da defesa e expansão da língua portuguesa e apenas me manifesto como cidadão residente do arquipélago. E é por tudo isto que este 10 de junho me diz ainda menos do que noutros anos em que se chamava “dia da raça”. Não irei ao beija-mão, nem verei as belezas que os açorianos vão mostrar ao corpo diplomático estrangeiro acreditado na capital do Império, continuarei a amar os Açores e a sonhar com o dia em que serão autónomos e pares inter pares com a “metrópole”, o continente”, donos do seu destino e quiçá orgulhosos da sua herança ou origem portuguesa. Claro que sei, e nisso concordo alguns nativos, que há provincianismo e falta massa crítica e intelectual, e muitos temem a verdadeira autonomia e mais ainda a independência.¹⁹⁹

¹⁹⁹ Já depois disto escrito. PS - André Couto Ehehehe ... Se foram povoadores não se podem colonizar a si próprios

Chrys Chrystello podem, podem... basta estudar ciência política...noções elementares meu caro...é como os pobres a agradecerem as migalhas que os senhores lhes atiram das ameias do castelo...

André Couto Meu caro sou formado em Ciência Política e Relações Internacionais, e gostaria que me indicasse qualquer tese científica que defenda esse absurdo! Cumprimentos)

Chrys Chrystello Disseram-me agora que os Açores foram povoados e não colonizados...para o caso de ser ignorante e não saber..., isto talvez ajude: Na Wikipédia podemos ler e eu concordo:

https://pt.wikipedia.org/.../Coloniza%C3%A7%C3%A3o_de_povoame...

Colonização de povoamento ou colonialismo de povoamento, também referido como colonialismo de ocupação, refere-se a uma modalidade de formação colonial centrada na ocupação da terra ou do território. Historicamente, é promovida por um Estado nacional, que envia seus naturais (homens, mulheres e crianças) a um determinado território situado no exterior a fim de lá estabelecer uma presença perene e autónoma e construir uma sociedade

Um Governo Regional autêntico, sem ser filial de Lisboa, reclamando a verdadeira autonomia sem se arvorar em defensor dos interesses dos que sempre exploraram os ilhéus, sombrios e persistentes personagens que perenizam monopólios. Arrivistas com iniciativas pequenas e isoladas. Limitadas como as ilhas e o país.

A autonomia vive-se em círculos muito restritos, e em escritores e “expatriados” em Portugal e nas Américas.

Surgirá - cremos, um dia -, não à mesa do café, mas da escrita, da “elite esclarecida” (à falta de melhor adjetivação) qualquer movimentação nesse sentido.

Haverá elites pensantes açorianas para além das que se emproam em encontros de intelectuais representando a fina-flor dos que têm direito a nome no jornal?

Uns pararam no tempo, outros andam em busca dele, que nunca à frente. A população não os segue nem os entende. Nem mesmo os ditos.

Apenas ufanos por preencherem as revistas cor-de-rosa? Todos.

Incapazes de congregarem mentes, mentem sem insistirem no tema.

Temerosos de perderem a caleche em que se pavoneiam na avenida marginal tal como os antepassados de 1890.

Agora, compete aos mestres da palavra fácil indoutrinarem e mostrarem o caminho da Atlântida perdida a que chamam autonomia. Só então cortarão os cordões umbilicais, alcançando a independência dos que escrevem e partilham a açorianidade.

Com a sagesa dos seus conhecimentos sonharão o momento de libertação tal como inventaram a literatura açoriana para que ninguém se esquecesse deles e o mundo não os deixasse para trás na sua voragem.



economicamente viável, geralmente baseada na agricultura e no comércio. Esse tipo de colonização opõe-se à forma feitoria, bem como à forma colonização de exploração.

Desde o início da Idade Moderna, vários estados europeus adotaram políticas coloniais, competindo uns com os outros para estabelecer colônias fora da Europa - inicialmente nas Américas e depois na Ásia, África e Oceânia. Esse colonialismo moderno resultou na conquista do Novo Mundo e na formação das primeiras colônias de povoamento europeu, que estão na origem dos Estados Unidos, Canadá, Austrália, Nova Zelândia, bem como da América do Sul, África do Sul e Namíbia (correspondentes à antiga Colônia do Cabo). Nesse processo, a população autóctone é submetida, deslocada ou fisicamente destruída (genocídio).

O mesmo modelo de colonização seria aplicado nas cidades de Hong Kong e Macau, em Singapura e no Sudeste Asiático. Segundo Ilan Pappé, o colonialismo de povoamento é essencialmente um projeto de substituição e deslocamento; de assentamento e expulsão [de populações]. Baseia-se na desumanização e na eliminação [de populações autóctones]. Trata-se, enfim, de ajudar um grupo de pessoas a se livrar de outro grupo de pessoas. [Colonização de povoamento – Wikipédia, a enciclopédia livre](#). Colonização de povoamento ou colonialismo de povoamento, também...

[Chrys Chrystello](#) nota do autor: é triste quando os povoadores que foram e são colonizados nem se apercebem de serem e estarem ainda a ser colonizados....

CRÓNICA 196 AINDA O 10 DE JUNHO EM PDL²⁰⁰

O Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, assinalou hoje que as celebrações do 10 de Junho são nos Açores por uma "questão de justiça", como no futuro serão, garantiu, na Madeira. "Tem uma vantagem adicional, que é aqueles portugueses que andam distraídos perceberem o que existe nos Açores, o que se está a fazer nos Açores", venceu o chefe de Estado, no primeiro de três dias na ilha de São Miguel a propósito das comemorações do 10 de Junho.

"Ninguém gosta do que não conhece", prosseguiu Marcelo Rebelo de Sousa, antes de sublinhar que "há de haver um 10 de Junho na Madeira", e "evidente que há uma tradição" de levar as festividades para fora do país, o que no caso madeirense pode passar, exemplificou o chefe de Estado, pela África do Sul.

As ruas engalanadas com bandeiras de Portugal para celebrar o dia 10 de junho, de Portugal e das comunidades, o sol radiante e a água tépida dos nossos mares e a presença de 1400 tropas dos três ramos das forças armadas para partilharem com este religioso povo os êxitos das heroicas missões de séculos pelos quatro cantos do mundo.

As ruas peçadas de gentes da bela ilha e com muitos turistas, admirados com tão esplendoroso registo de celebração de um dia tão importante, com a presença do primeiro-ministro e do presidente da república.

Cerimónias várias focavam essa essência do ser açoriano nascido português, tantas vezes esquecido pelos poderes centrais, mas que desta vez seria o centro das celebrações, para que o mundo e os altos dignatários estrangeiros pudessem ver o que a capital do arquipélago tinha para oferecer.

Muitos nativos se pronunciaram e declararam que, apesar de nascidos nos Açores, eram Portugueses com esse orgulho infindo em pertencerem a uma centenária nação que deu novos mundos ao mundo.

A única nota discordante, e que ficou longe das imagens televisivas, foi a tentativa de um pequeno grupo de idosos empunhando bandeiras não-oficiais dos Açores que foram prontamente impedidos pelas autoridades policiais e de segurança de se acercarem das Portas da Cidade para mostrarem o seu descontentamento, em memória do conflito independentista de 6 de junho de 1975, hoje ilegal e sem qualquer representatividade. Se não tivessem sido parados a tempo iriam ensombrar, sem necessidade, um dia glorioso na história do arquipélago.

O Presidente da República, homem de afetos e de contacto fácil com a população, disse ainda que seria uma ofensa vir aos Açores e não saborear as suas águas, lançando-se ao mar no pescueiro e dando algumas braçadas para gáudio dos populares que se enfileiravam para poderem esperar o momento de tirar uma *selfie* com o mais alto representante da nação.

Esta era a terceira vez que os Açores tinham a subida honra de serem anfitriões de tão importante data, depois de Ponta Delgada em 1989 e Angra do Heroísmo em 2004.

O Presidente da República considerou hoje que a autonomia dos Açores "fez a diferença" na vivência açoriana, mas também portuguesa, manifestando orgulho por ter votado como deputado da Assembleia Constituinte este regime de governação do arquipélago.

"Conheço os Açores há muitas décadas. Sou testemunha não de um momento, mas de um longuíssimo processo histórico só possível devido à autonomia que, tal como consagrada na Constituição, fez a diferença na vivência açoriana e, por isso, também na vivência portuguesa", declarou Marcelo Rebelo de Sousa. referiu que todos os constituintes "perceberam o alcance do que estavam a votar, e eu certamente percebi".

²⁰⁰ Winston Smith esteve em Ponta Delgada a convite de várias organizações não-governamentais, sendo funcionário do Miniver (Ministério da Verdade, Secção de Registos) em Eric Arthur Blair "1984"

E Marcelo Rebelo de Sousa percebeu que este era um “processo imparável, irreversível, de virtualidades crescentes e que, longe de ser contraditório com o todo nacional em que nos integrávamos, só valorizava e enriquecia”. As décadas que disse ter privado com os Açores e os açorianos “vieram confirmar o acerto desta visão”.

As comemorações do 10 de Junho, que se prolongam até segunda-feira entre os Açores e os Estados Unidos da América, começaram sábado de manhã em Ponta Delgada, com o Presidente da República a presidir à cerimónia do içar da bandeira nacional, nas Portas da Cidade.

Em Ponta Delgada, desde sexta-feira, o chefe de Estado, Marcelo Rebelo de Sousa, cumpriu a meio da manhã o primeiro ponto da agenda das comemorações oficiais do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, com a cerimónia do içar da enorme bandeira nacional, nas Portas da Cidade. Depois de passar pela zona onde está instalada uma área com "atividades militares complementares", Marcelo Rebelo de Sousa seguiu para os Paços do Concelho para receber do presidente da autarquia de Ponta Delgada, José Manuel Bolieiro, a "chave de honra do município".

O mais alto magistrado do país declarou que mesmo antes de receber esta distinção da edilidade, que o honra e à nação, já se considerava um ponta-delgadense e "beneficiário do direito" de ser visto pelos locais como um deles, porque é um “aliado, sempre incondicional”.

Para Marcelo esta “aliança que vem das afinidades afetivas, ou espirituais, não passa, uma vez criada dura até ao fim da vida”. O Presidente da República considerou que o facto de Ponta Delgada ser a “capital de Portugal” por estes dias, uma expressão do presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada, José Manuel Bolieiro, é uma homenagem prestada” à cidade e, através, desta, à Região Autónoma dos Açores e a “todas e todos os açorianos”.

O Presidente da República referiu que os Açores estão “permanentemente no coração de todas e todos os portugueses”, e Ponta Delgada “de um modo muito especial”, sendo que o entrosamento vivido nestes dias “só peca por ser escasso pelo tanto que haveria a agradecer” em homenagem a “estas terras e estas gentes”.

Já ao final da tarde, o Presidente da República esteve no Palácio de Sant’Ana para a apresentação de cumprimentos pelo corpo diplomático acreditado em Portugal, seguindo-se uma receção comemorativa do 10 de Junho, oferecida pelo presidente do Governo Regional, Vasco Cordeiro, e onde já estará presente o primeiro-ministro, António Costa.

Juntos, Marcelo Rebelo de Sousa e António Costa assistiram na noite de ontem, a um concerto na igreja paroquial de São José e a um memorável espetáculo de fogo de artifício, os dois últimos pontos da agenda das comemorações oficiais do 10 de Junho, que só vão terminar na segunda-feira, nos Estados Unidos, com passagens por Boston e Providence.

Em 2016, ano em que tomou posse como chefe de Estado, Marcelo Rebelo de Sousa lançou um modelo inédito de comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, acertado com o primeiro-ministro em que as celebrações começam em território nacional e se estendam a um país estrangeiro com comunidades emigrantes portuguesas. Nesse ano, o Dia de Portugal foi celebrado em Lisboa e Paris e, em 2017, no Porto e nas cidades brasileiras do Rio de Janeiro e São Paulo.

Este ano cabe aos Açores, mais concretamente a Ponta Delgada, receber a primeira parte das comemorações, viajando depois o Presidente da República e o chefe do executivo para os Estados Unidos, país onde vivem cerca de 1,4 milhões de portugueses e lusodescendentes, estimando-se que 70% sejam de origem açoriana. Contudo, foi ainda em Ponta Delgada, no domingo, que se fez a tradicional Cerimónia Militar Comemorativa do Dia de Portugal, que contou com a participação de 1400 militares dos três ramos das Forças Armadas.

Ausentes desta cerimónia estiveram este ano os líderes partidários, à exceção do presidente do PS, o açoriano Carlos César. O presidente do PSD, Rui Rio, estará na Guiné-Bissau, a líder do CDS-PP, Assunção Cristas, em Paris (França), a coordenadora do BE, Catarina Martins, em Lisboa, e o secretário-geral comunista, Jerónimo

de Sousa, passará o dia no Alentejo. Presentes em representação do PSD, Paulo Mota Pinto, presidente do Conselho Nacional do partido, pelo CDS-PP o deputado Telmo Correia, enquanto os comunistas escolheram Vítor Silva, coordenador regional do PCP Açores. O BE não esteve representado nas cerimónias oficiais do 10 de Junho, como é habitual.

Vai ser a celebração do 10 de junho mais americana de sempre: aproveitando o mês de Portugal nos Estados Unidos (iniciativa diplomática e económica que inclui mais de 130 ações em 12 estados e 60 cidades), o primeiro-ministro vai tentar dar visibilidade ao país num roteiro intenso que começa em Boston, na costa Leste, segue para a Califórnia, na Costa Oeste, e dá uma volta de 180 graus rumo a Nova Iorque antes de regressar a Portugal.

E nos dois primeiros dias (10 e 11 de junho), Marcelo faz-lhe companhia.

Costa e Marcelo chegam a Boston (Estado de Massachusetts), vindos dos Açores, no final da tarde de domingo, e seguem diretamente para a primeira cerimónia: são recebidos na praça do município pelo embaixador português em Washington, ouvem os hinos dos dois países e após declarações curtas vão para Providence, a capital e cidade mais populosa do estado de Rhode Island, onde são recebidos pela governadora, e por líderes da comunidade portuguesa local.

No país do espetáculo, Costa e Marcelo participam depois na noite portuguesa do Waterfire, um evento anual de arte pública adotado como celebração cívica e de homenagem às personalidades que mais se destacaram na promoção da comunidade lusa nos EUA.

Vão, juntamente com os homenageados, empunhar tochas numa romaria até um arraial luso. Marcelo regressa a Portugal no dia 11, mas Costa permanece nos Estados Unidos até sábado. A viagem do chefe de governo, de cariz fortemente económico, inclui participações em fóruns e eventos de promoção da economia portuguesa, visitas ao MIT, à sede da Google em Silicon Valley, à Cisco, ou a uma fábrica da portuguesa Corticeira Amorim; mas também tem momentos políticos, como os encontros com Condoleeza Rice, antiga secretária de Estado norte-americana, e hoje membro destacada do think-tank Hoover Institution, e com o governador da Califórnia no Capitólio Estadual, e culturais, como a inauguração da Praça de Cascais, em Sausalito, na baía de São Francisco.

No final da semana Costa segue para Nova Iorque, onde multiplica participações em seminários económicos, e inaugura o painel eletrónico "Marca Portugal" na icónica Times Square. E na tarde de sexta-feira, já início da noite em Portugal, assiste à estreia da seleção nacional de futebol no Mundial 2018: assiste ao Portugal-Espanha no Sport Clube Português antes de ser recebido num jantar de gala da Câmara de Comércio Luso-americana no Harvard Club. O regresso a Portugal está previsto para a madrugada de domingo.

Há 1,4 milhões portugueses e lusodescendentes registados nos Estados Unidos (os últimos números disponíveis são de 2016). Destes, 80% chegaram antes do ano 2000. A idade média está nos 40 anos, e 51% da comunidade está entre os 18 e os 54 anos. 27% tem mais de 54 anos e 22% têm menos de 18.

Os estados com mais lusodescendentes são a Califórnia (355 mil), Massachusetts (278 mil), Rhode Island (95 mil), Florida (80 mil), New Jersey (79 mil), Nova Iorque (51 mil), e Connecticut e Hawaii (ambos com 50 mil cada).

A comunidade lusa trabalha sobretudo no setor da educação, saúde e assistência social (22%). De seguida seguem-se várias áreas, cada uma delas com valores próximos de 10%: comércio e retalho, finanças, imobiliário, hotelaria e restauração, indústria e construção.

Os Estados Unidos são o maior comprador de exportações portuguesas fora da União Europeia, com valores que nos últimos anos têm rondado os 2.500 milhões de euros.

Neste mesmo dia, em 1580, morreu Luís Vaz de Camões, o maior poeta português de sempre e um dos grandes poetas do Ocidente. Imortalizou as descobertas portuguesas na sua obra “Os Lusíadas”. Hoje celebra-se, além de Camões, o Dia de Portugal e das Comunidades Portuguesas.

No final das celebrações do 10 de junho os açorianos estavam felizes por saberem que podem sempre contar com todo o apoio de Portugal, e que, se ao longo da sua história, foram momentaneamente esquecidos, hoje já não o são, e estão no coração de todos os portugueses que com eles comungam das suas dificuldades, anseios e aspirações, ora integrados nessa grande Europa da qual Portuga andou arredado tanto tempo e que tem permitido aos Açores o salto civilizacional e económico que faz deste arquipélago um motor de sucesso da sua economia pujante.

Os Açores de hoje com o seu rápido desenvolvimento económico são um exemplo para as centenas de milhar de turistas que anualmente visitam estas encantadoras ilhas e foi da maior justiça Portugal ter decidido que o dia mais importante do ano celebrando Portugal, Camões e as Comunidades Portuguesas aqui tivesse lugar. Será importante deixar aqui registadas para a posteridade as palavras do presidente do governo regional,

Vasco Cordeiro na recepção ao Corpo Diplomático, no âmbito das Comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas:

“Em nome do Povo Açoriano, sejam todos bem-vindos ao Palácio de Sant’Ana, sede da Presidência do Governo da Região Autónoma dos Açores, para celebrarmos Portugal. Há quase 600 anos que aqui estamos e, desde o início, a evidência foi que, aqui, Portugal é diferente. Nuns casos, por nós, noutros, por outros, aqui, Portugal é diferente.

Não esquecemos de onde viemos, nem ignoramos onde estamos. Mas, sobretudo, sabemos quem somos.

A História e a Geografia deram-nos forma, mas é o “intenso orgulho na palavra Açor”, nas palavras de Sophia de Mello Breyner, que dá o sopro de vida a esta identidade que empunhamos.

E esse orgulho não é vão, nem é vazio. É, desde logo, o orgulho que pode ter, é o orgulho que tem quem aqui resiste.

A tempestades e a terramotos;

A vulcões e a piratas;

De quem já resistiu à fome, às pragas, à solidão e, em alguns casos, ao esquecimento;

Resiste e persiste, reconstruindo, reerguendo, refazendo.

Esse é o orgulho de quem tem uma aguda consciência de si próprio. E essa aguda consciência de nós próprios – talvez por estarmos sós na vastidão do Atlântico ou, talvez, simplesmente, por em tantas voltas da vida, termos estado simplesmente sós -, é, no fundo, quase como que a chama eterna, o fogo sagrado que anima o Povo Açoriano.

E neste “intenso orgulho na palavra Açor” está também o orgulho do que demos e do que damos pelo nosso País.

Demos Presidentes da República, cientistas e militares;

Demos embaixadores, ministros e escritores;

Demos pensadores, políticos e poetas;

Demos Homens e Mulheres desconhecidos que, nas Américas e não só, pelo seu suor e pelas suas lágrimas, afirmaram e afirmam Portugal aí;

Demos guarida ao último reduto da nacionalidade e fomos ponto de impulso para as batalhas pela modernidade;

Demos homens e demos jovens que, por Portugal, deixaram a sua vida num qualquer campo de batalha, e que, mesmo quando aí não deixaram a vida, em muitos casos, deixaram partes de si próprios, do corpo ou do espírito.

E tudo isto fizemos sem nunca impormos condições nem moedas de troca.

Tudo isto fizemos “com um intenso orgulho na palavra Açor”.

E, se tudo isso demos no passado, hoje continuamos a dar.

Os Açores são terra de mar.

Damos dimensão estratégica e damos importância pela terra que temos e pelo mar que trazemos.

Nesta nova fronteira, que já suscita a cobiça de muitos, Portugal é o que é, porque os Açores são o que são.

Damos empenho e damos território na construção de pontes e parcerias para a paz, para a ciência e para o conhecimento.

Damos testemunho de uma Autonomia que foi, é e quer mais ser por causa dos desafios que já venceu, mas, sobretudo, por causa dos desafios que quer vencer.

Damos presença em áreas de vanguarda da exploração e do conhecimento espacial, reforçando a importância e a mais valia de Portugal.

E é por tudo isto, e por tanto mais, que não podem restar dúvidas que, aqui, Portugal é diferente.

E não queremos que deixe de ser Portugal, mas também não queremos que deixe de ser diferente.

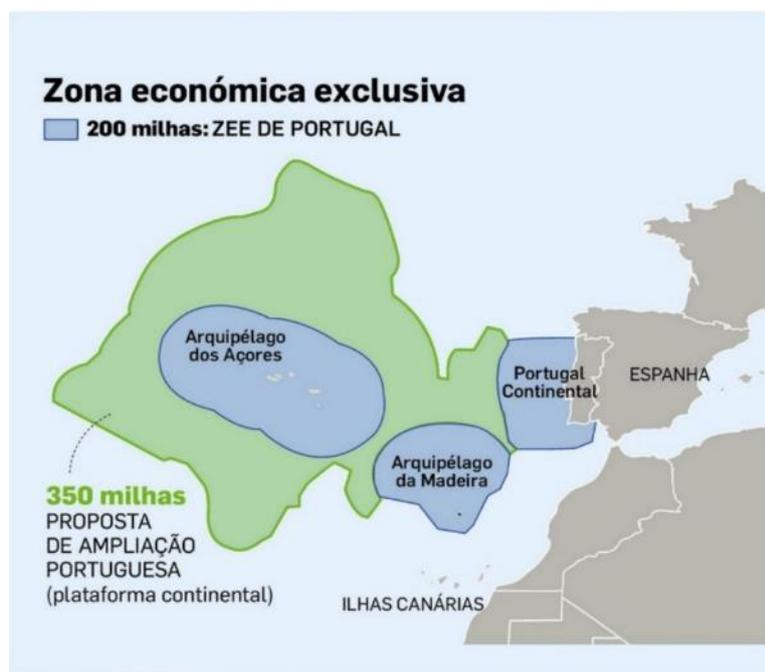
Porque esta nossa diferença não nos diminui em nada. Porque, no fundo, é esta nossa diferença, do que somos como Povo e como Região, que faz Portugal mais forte! E é por tudo isto que hoje digo, que hoje podemos dizer,

Vivam os Açores, Viva Portugal!”

Foi assim o dez de junho nos Açores.



CRÓNICA 197 O MAR DOS AÇORES É DE QUEM? 12.6.18



Da última vez que vi e consultei a frase em epígrafe foi quando um dirigente supremo do governo da Região Autónoma dos Açores disse qualquer coisa parecida com “o mar dos Açores é nosso” e logo apareceram dias depois 1400 marinheiros, soldados e aviadores, a pretexto do 10 de junho, e ainda ficaram uns fuzileiros mais uns dias para fazerem uns exercícios de exemplificação do desembarque rápido de tropas numa praia ao lado de Ponta Delgada.

A política relativa ao mar também está entre as prioridades açorianas, salientou Vasco Cordeiro²⁰¹, nomeadamente porque “só à conta dos Açores, em termos de área de mar, há cerca de um milhão de quilómetros quadrados atualmente”, o que dá a dimensão “da importância que o arquipélago tem para o país”. Vasco Cordeiro defendeu a existência do programa POSEI, de apoio específico às regiões ultraperiféricas, também às pescas.

Mar dos Açores é a designação dada ao conjunto formado pelo mar territorial e pela zona económica exclusiva em torno do arquipélago dos Açores, a que o amigo José Soares chama hidrotório. Não dispomos de uma máquina do tempo que nos permita saber tudo sobre a origem da vida²⁰². Para animais e plantas, sobretudo para as que têm partes duras, temos o registo fóssil, mas para os primeiros microrganismos, seres unicelulares, não é tão simples obter pistas.

Atualmente, são conhecidas nos Açores cinco fontes hidrotermais (‘Lucky Strike’, descoberta em 1992, ‘Menez Gwen’, em 1994, ‘Rainbow’, em 1997, ‘Saldanha’, em 1998 e ‘Ewan’, em 2006), todas elas localizadas a sul do arquipélago açoriano, e a serem alvo de estudos científicos. Um dos objetivos da investigação científica nas fontes hidrotermais de profundidade é encontrar respostas para setores como a Medicina e a indústria farmacêutica, que procuram descobrir propriedades anticancerígenas nesses organismos, que sobrevivem em condições extremas (libertação de gases e temperaturas elevadas).

Ora um milhão de km² a acrescer á plataforma marítima de Portugal, como atualmente se debate no seio da ONU, é muita riqueza para deixar a sua exploração e negociação aos pobres e malformados quadros técnicos da Universidade do arquipélago e carece de ser devidamente acompanhada e negociada pelos peritos em todas essas áreas do conhecimento científico e comercial existentes na Corte de Lisboa.

²⁰¹ 16.4.2018 <https://observador.pt/2018/04/16/agricultura-e-mar-prioridades-dos-aco-res-para-o-proximo-quadro-comunitario/>

²⁰² Ler mais em: <https://www.cmjornal.pt/tecnologia/detalhe/mar-dos-aco-res-o-segredo-da-origem-da-vida>

Não interessa o que está previsto na Constituição nem o que consta no estatuto de Autonomia da Região que, aliás, isso nunca impediu Lisboa de fazer o que muito bem entende. Como os Açores são Portugal deixemos Portugal tratar desses assuntos demasiado sérios e técnicos.

Oito anos depois da entrega da candidatura nas Nações Unidas, Portugal começou em agosto 2017 a defesa da proposta de extensão da plataforma continental para além das 200 milhas marítimas que constituem a Zona Económica Exclusiva (ZEE) do país. Se as pretensões nacionais forem atendidas, Portugal poderá dobrar a extensão do seu território marítimo, dos atuais dois milhões para quase quatro milhões (3,8) de quilómetros quadrados.

O reconhecimento da plataforma continental implica que Portugal fique com a jurisdição do solo e subsolo marítimos (não da coluna de água e respetivos recursos marinhos, como acontece na área da ZEE). As "possibilidades de exploração económica" - por exemplo de minerais ou de vários produtos marítimos usados em medicamentos ou cosmética - foram um dos pontos destacados pela ministra do Mar, para além das potencialidades no campo das energias renováveis.

Portugal tem, atualmente, uma ZEE de 1,7 milhões de quilómetros quadrados, a terceira maior da União Europeia e a 11ª do mundo. Atendendo a que Portugal Continental tem pouco mais de 92 mil quilómetros quadrados de área, a extensão do território marítimo em mais 350 milhas significará que a área de mar será 40 vezes superior à terrestre.

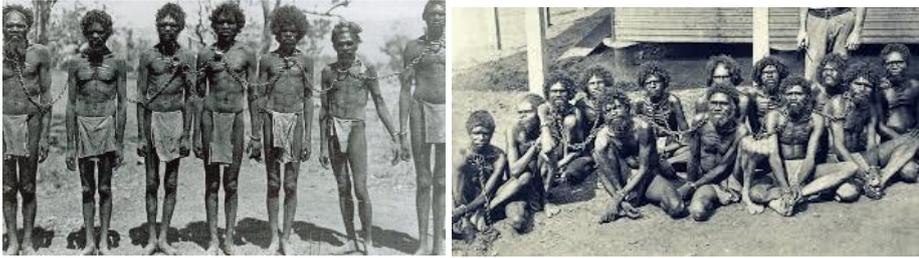
A vigilância da ZEE portuguesa é exercida pela Marinha Portuguesa, Força Aérea Portuguesa, pela Autoridade Marítima Nacional, Polícia Marítima e Direção-Geral de Recursos Naturais, Segurança e Serviços Marítimos, que através de meios próprios executam missões de:

- *Fiscalização e controlo das atividades de pesca;*
- *Deteção e controlo de atividades ilícitas;*
- *Imigração Ilegal;*
- *Deteção de poluição marítima;*
- *Controlo do Tráfego Marítimo;*
- *Operações Militares;*
- *Busca e Salvamento.*

Como os Açores não têm meios próprios, nem marinha, nem aviação, resta concluir que o mar dos Açores só é nosso em sentido literário, bom para poetas e prosadores escreverem, mas na prática será em Lisboa que tudo será decidido, como aliás é norma num estado unitário, uno e indivisível...



CRÓNICA 198 DA ESCRAVIDÃO PERPÉTUA 18.6.18



aborígenes australianos em cativo séc. XIX-XX.

Por vezes acontecem ideias a meio da noite ou em sonhos de despertares súbitos. Foi isso que sucedeu quando totalmente exsudado despertei e entendi a máquina que move os humanos. Lembrei-me de todas as civilizações existentes na História Moderna desde a Grécia a Roma e mais recentes civilizações. Entendi agora pontos mais obscuros da teoria dos multiversos, ou universos paralelos e tudo que há de comum em toda a História da Humanidade.

Locke é considerado pelos seus críticos como sendo "o último grande filósofo que procura justificar a escravidão absoluta e perpétua". Ao mesmo tempo que dizia que todos os homens são iguais, Locke defendia a escravidão a exemplo de [Aristóteles](#), que foi o primeiro a fazer um tratado político defendendo a escravidão. Na época, a escravidão era uma prática comum, e isso classificaria Locke como um homem da época - o que não diminuiria a importância das suas ideias, revolucionárias em relação ao seu tempo.

A **escravidão** não é coisa do passado e de países pobres, e pior: nunca foi tão lucrativa. O alerta vem do advogado, autor e ativista Siddharth Kara, um dos principais especialistas do mundo em tráfico de pessoas e escravidão, temas que estuda e leciona na Universidade de **Harvard**. "Nenhum país é imune e somos todos cúmplices. A escravidão permeia a economia global mais do que em qualquer momento do passado", diz ele. A estimativa é que a indústria da escravidão gere lucros de até 150 bilhões de dólares por ano. Há 21 milhões de escravos no mundo, segundo a Organização Internacional do Trabalho. Nos últimos 17 anos, Kara entrevistou mais de 5 mil pessoas que estão ou estiveram nestas condições em mais de 50 países.

Mas afinal de que escravidão falamos, pois existem tantas formas e variadas manifestações? Há uma forma generalizada e comum a quase todos: "Nunca ninguém foi verdadeiramente livre" por mais aparência de liberdade que existisse, como foi o caso das gerações que viveram entre 1960 e 2000, considerado, por alguns, o período em que mais liberdadezinhas tiveram os humanos no mundo ocidental.

Desde sempre sujeitos a normas e convenções, com mais ou menos liberdade de opções, a humanidade esteve sempre sujeita aos desígnios de uma pequeníssima minoria mandante que dita os moldes da escravidão de cada era, desde a fixação do trabalho, à sua remuneração, às recompensas por bom comportamento dos seus súbditos, à existência ou não de tempos de lazer, desde que a engrenagem produtiva não seja afetada, nem mesmo aqueles que, pretensamente, vivem *off-the-grid* (fora da rede). Estes continuam a necessitar de bens produzidos pelo sistema e o sistema de "barter" ou troca direta nem sempre é possível para aquisição daquilo de que precisam para viverem fora da rede.

Isto é verdade em todas as ocupações e profissões e os desprovidos são os desempregados, os sem-abrigo e outros que fugiram ao ciclo produtivo com toda a liberdade de fazerem o que quiserem desde que seja gratuito, o que os limita a viverem à sombra da bananeira, nalguma ilha deserta e tropical, rica em produtos para a sua alimentação, vestuário e outras necessidades primárias. E todos sabemos que isto só é possível em literatura ou em casos, muito isolados.

Os senhores do mundo, usam os instrumentos ao seu dispor desde a escravatura materialista das sociedades contemporâneas à religião, à contrainformação, aos grandes espetáculos circenses que reproduzem a velha

máxima romana de “política do Pão e circo (*panem et circenses*)” que vai dos mundiais de futebol, aos vários outros desportos de massas, anestesiando as massas e dando fuga a sentimentos reprimidos.

Basta averiguar o mito das férias. Se estiver numa ocupação produtiva remunerada, provavelmente recebe um montante extra para gastar, caso contrário se viver, como eu, na Lomba da Maia, se não tiver dinheiro extra nem carro próprio, terá de ir a pé os 4 km até à Praia da Viola e chamará a isso férias, ou aproveitará esse tempo livre para cuidar da casa, pintá-la, renová-la com o seu trabalho gratuito e chama a isso de férias.

Se entrou num esquema de crédito ao consumo, nunca mais se libertará do ciclo vicioso de trabalhar para pagar ao banco o que pediu emprestado e os juros exorbitantes dessa invenção a que chamam dinheiro. Em qualquer outra esfera da vida será o mesmo. Endividou-se para estudar, então trabalhe, seja explorado para poder reembolsar a banca, a mesma que não vai à falência e sobrevive explorando-o a si e aos dinheiros dos demais contribuintes.

Seria uma vida mais livre e menos escrava antes de se ter inventado o dinheiro? Não temos relatos fidedignos na história...

Se depois desta curta resenha ainda pensa que não é um escravo, pense nos seus antepassados e imagine como será o futuro dos seus descendentes e verá como é apto o título desta crónica. E se pensa que os mandantes e donos disto tudo são livres desengane-se, sem os escravos perpétuos eles nada são e têm de se certificar constantemente de que há escravos suficientes para eles manterem o sistema a funcionar. Por mais oleado que o esquema esteja terão sempre de inventar novas normas e retribuições ou mentiras, fake news, para que a roda dentada da engrenagem continue a funcionar.

E os poetas, sonhadores, escritores e outros como eu, enganam-se pensando que ao escreverem isto são livres, mas é só nessa realidade virtual da escrita que eles atingem esse modicum enganoso de liberdade.



CRÓNICA 199, A REDESCOBERTA DA ATLÂNTIDA DE ALMEIDA MAIA E “NO PASA NADA” 23 DE junho 2018

O professor universitário Paolo Benevoli, que lidera uma secreta investigação da localização da Atlântida, é assassinado, tal como o seu assistente, logo após ser encontrada uma lápide com uma mensagem extremista no átrio do Palácio de Sant’Ana. A seita FLA, Free the Landscape of Atlantis ameaça Assim se resume Capítulo 41: A Redescoberta da Atlântida de Almeida Maia, autor que desconhecia até há semanas apesar dos extensos encômios a uma sua obra anterior “Bom tempo no Canal, a conspiração da Energia.”

Por simpatia o autor veio a minha casa oferecer-me um exemplar que li avidamente em dois ou três dias seguidos tão emocionante era a trama deste romance ficcionalizado. Sem entrar em detalhes quero dizer-vos que as fontes citadas no campo da descoberta dos Açores são ainda mais completas do que as que constam dos meus volumes de *Crónica Açores* e bem fundamentadas para darem contexto histórico ao tema. Enquanto a arqueologia e outras ciências não provam de forma insofismável aquilo em que muitos creem, este livro ficcionaliza o que a curto ou longo trecho se provará.

Sim, porque este arquipélago já teve outros habitantes, como foi revelado em 2017 por um Estudo internacional dos sedimentos da Lagoa Azul, nas Sete Cidades, que conclui que a maior ilha dos Açores, hoje com 125 mil habitantes, já era povoada em 1287. O estudo de pólenes e esporos, combinado com a análise do carvão e de fósseis de vários microrganismos, nos sedimentos acumulados no fundo da Lagoa Azul, na caldeira das Sete Cidades, em São Miguel, revelam que esta ilha dos Açores já era habitada por volta de 1287, cerca de 150 anos antes da data oficial do seu povoamento, logo a seguir à última erupção vulcânica conhecida.

A datação foi feita por Carbono 14 e o estudo acaba de ser publicado na revista científica internacional “Quaternary Science Reviews” por uma equipa que reúne investigadores do polo do Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos (CIBIO) na Universidade dos Açores; do Instituto Dom Luiz na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa; das universidades da Corunha, Barcelona e Autónoma de Barcelona e de dois institutos de investigação da mesma cidade; e das universidades Edith Cowan (Austrália) e da Austrália Ocidental.

Como recorda o estudo, “a data mais consensual da colonização humana dos Açores é 1432, quando Gonçalo Velho Cabral chegou à ilha de Santa Maria” (grupo oriental). O mesmo navegador descobriu depois São Miguel, a outra ilha do grupo oriental. A data oficial do início da colonização do arquipélago é 1449, mas há historiadores que defendem que os Açores já eram conhecidos antes, baseados em mapas de 1339 onde as ilhas do Corvo e de São Miguel já estão assinaladas, embora com nomes diferentes (Corvinaris e Caprara, respetivamente).

Reconstruir o desenvolvimento da vegetação. O objetivo da equipa internacional de investigadores com o estudo agora publicado foi reconstruir a dinâmica da vegetação na região da caldeira das Sete Cidades e no arquipélago dos Açores em geral ao longo dos últimos 1000 anos. E definir os principais fatores de mudança na ecologia das ilhas, “com destaque para as alterações climáticas e para o ‘timing’ da ocupação humana inicial e das suas consequências posteriores”, explica o artigo da revista “Quaternary Science Reviews”. No fundo, os cientistas pretendiam compreender como foram modeladas as atuais paisagens e comunidades agrícolas dos Açores.

Os pólenes, esporos, carvões e outros materiais orgânicos analisados pelos investigadores serviram assim para reconstruir o desenvolvimento da vegetação da ilha de S. Miguel antes e depois do povoamento pelos primeiros europeus. Mas adicionalmente, a equipa internacional usou também pólenes de algas e plantas aquáticas da Lagoa Azul.

Do ponto de vista ecológico, referem os cientistas, “os Açores podem ser vistos como o lugar de uma experiência não intencional em larga escala, onde plantas introduzidas pelos seres humanos de origens geográficas e ecológicas díspares substituíram a vegetação original e desenvolveram novas comunidades, cuja composição e funcionamento ecológico não tinha precedentes”. (extraído de notícia do Expresso)

Enquanto esta nota serve apenas para vos alertar para um livro interessante o mundo lá fora e cá dentro continuado obcecado por futebol, uns no Mundial da bola outros na saga autofágica sportinguista, na greve dos professores (que -imaginem! queriam que não lhes fossem descontados quase dez anos de tempo de serviço, que desfaçatez!), no desmaio do senhor Presidente Marcelo II em Braga, no atentado para matar o primeiro-ministro de São Tomé e Príncipe, nas crianças separadas dos pais pelo senhor Trump, os sempre animados festejos das Sanjoaninas e outras bagatelas sem importância nenhuma.

O sempre criticamente lúcido editor do Jornal dos Açores, Osvaldo Cabral, em editorial falava do escândalo das listas de espera nos 3 hospitais da região, que nunca parou de aumentar apesar dos milhões e milhões creditados à saúde e a vários planos de redução das listas de espera....é isto as listas aumentam, as consultas pedidas e tratamentos por privados deixaram de ser atendidos se não forem prescritos pelo SRS... o recurso dos doentes tem de ser feito em muitos casos no privado, para quem pode e quer ter alguma saúde...os internados nos hospitais são, muitas vezes, obrigados a calarem-se quando são corridos pela regra não-escrita, não-admitida nem declarada mas real dos seis dias como limite médio dos internamentos, os doentes das ilhas "menores" sem hospitais têm tratamento de 3ª classe, os médicos do Faial ganham créditos à custa dos colegas do Pico, e sei lá que mais que me apetece contar...

Dito isto admiram-se do absentismo eleitoral, do divórcio total da população e políticos ou vão continuar a assobiar para o lado e a comprar votos com subsídios, festarolas e quejandos? Eu até sei como vou votar, quando me baterem aqui à porta...



CRÓNICA 200 VIDA DE CÃO (sem data)

Hoje acordei e espreguicei-me toda para o Senhor me fazer uma festa no pescoço e dizer *bom dia menina Leoa*, como faz todas as manhãs, antes de me abrir o portão do quintal para ir correr atrás de gatos, pássaros e tudo o que mexa.

Quando entrei vinda do quintal, a minha patroa começou a chamar-me aqueles nomes esquisitos que me chama sempre chichinha, fofinha, apesar de eu já lhe ter dito que não gosto desses diminutivos ridículos que me apoucam.

Fui-me deitar, no meu pufe privativo, como faço sempre depois de qualquer exercício físico. Ainda é cedo para o almoço em que nunca me dão de comer e se sentam à mesa a alambazarem-se de comida, os ingratos. Lá vou ter de esperar até ao jantar.

Por azar, o filho do Senhor não está em casa e ao almoço, por vezes, dá-me um daqueles biscoitos crocantes de que tanto gosto, fazendo sempre a mesma brincadeira ridícula de esconder o biscoito numa das mãos e esperar que eu descubra... não deve saber que nós – canídeos – temos um olfato apurado.

A minha cama já está no andar de cima e posso deitar-me lá ao pé do Senhor que passa o dia sentado ao computador e nunca me chateia, de vez em quando faz uma festa furtiva no pescoço e se tento agradecer-lhe e lambuzá-lo ele reage logo e começa a fugir de mim como se eu tivesse a lepra.

Disseram-me que nos meus primeiros seis meses nem se aproximava de mim com medo de ser lambuzado.

Os outros não, adoram essas manifestações de ternura, especialmente quando – ingratos – saem de casa e me deixam fechada lá fora sujeita às agruras do clima, na minha casota no pátio, que fica antes do quintal.

Claro que quando voltam mostro-lhes a minha alegria e gratidão. Não sabem eles que nós, cães, quando os donos nos deixam tememos que nos deixem para sempre?

Como daquela vez que foram todos embora uma semana e me deixaram aqui sozinha até que a empregada a dias chegou e tratou de mim. Ainda hoje a recompenso bem com festas e lambuzadelas por me ter ajudado nesses dias difíceis de temporal em que fiquei sozinha. Nem sabia o que era vento nem temporal, era muito nova e tinha vindo para esta casa há poucos meses.

Como não sabia que tinham ido de férias, pus-me a uivar à porta a ver se me abriam a porta, mas eles estavam longe e fiquei toda encharcada. Nunca pensei que a minha casota fosse outra coisa se não aquele sítio onde me põem de castigo quando saem de casa. Sim, porque nas outras ocasiões deixam-me dormir aos pés da cama do menino ou da Senhora, depois de o Senhor se levantar que ele já deixou bem claro que não me quer lá enquanto está na cama. Vá-se lá perceber as manias destes humanos. Cada um tem a sua panca.

Hoje depois de almoço, a Senhora pegou na coleira e levou-me ao habitual passeio diário, rua acima e rua abaixo ou é ao contrário? Rua abaixo e rua acima? Bem podia fazer isto mais vezes para eu não ficar com varizes nas pernas por falta de exercício físico, mas ela é doente anda devagar e sempre a arfar e não posso puxar muito por ela caso contrário lá se vai o passeio.

Quando é o puto a levar-me deve pensar que sou um galgo e desata a correr que nem um maluco, rua abaixo e rua acima, e eu fico meia hora a resfolegar, com a língua de fora, quase sem poder respirar. A Senhora diz sempre para ele não fazer isso, pois posso apanhar um AVC que não sei o que é, mas pela cara dela não deve ser coisa boa.

Quis dar uma lambuzadela ao Senhor, mas ele fugiu a sete pés, abriu a porta do pátio e disse que eram horas de ir passear ao quintal. Lá fui, ladrei aos sons estranhos que chegavam da vizinhança, fiz o que tinha a fazer, e voltei para me deitar e descansar. Foi mais um dia duro na minha vida.

A senhora hoje recomeçou as lides laborais e diz sempre que vai para a escolinha, o que, aliás, diz sempre que sai e não quer que eu me incomode ou agite por ficar sozinha. Todos sabem e sentem muito bem, como eu só me sinto bem quando estão todos cá em casa, os três, e melhor ainda quando vem a senhora que me salvou a vida e a quem chamam a nossa Berta.

Já foi há muito tempo, saíram todos e deixaram-me no pátio na minha casota. Começou a chover, a trovejar, parecia um dilúvio que nunca mais parava, eu bem ladrava á porta das traseiras para ma abrirem, mas, como não estava ninguém em casa nesse dia, nem nessa noite, ninguém abriu a porta e eu, pequenina como era com menos de um ano de idade apanhei uma molha enorme pois nunca descobri que a casota era para me abrigar da chuva. Foi só no dia seguinte que apareceu essa Berta que tomou conta de mim e me secou e veio cá nos dias seguintes dar-me comida e água e tratar de mim. Estiveram para aí duas semanas fora e foi essa Berta quem me salvou. Por isso ainda hoje ando sempre atrás dela nos dias em que ela vem a casa.

Este ano não sei o que aconteceu pois começou a vir cá outra Berta que não era simpática nem tratava de mim como a Berta e andei muito triste, muito tempo, sempre a refugiar-me atrás do Senhor, pois esta tinha a mania de usar aquela máquina barulhenta a que sou alérgica e que se chama aspirador. Faz um barulho que me põe maluca e apesar de eu lhe ladrar não tem medo nenhum de mim. Felizmente, parece que a Berta já vai voltar pois já cá estive em casa duas vezes e assim, sempre fico mais descansada se acontecer alguma coisa aos senhores ou se resolverem sair e nunca mais voltar.

Depois do calor de verão veio uma fase muita agitada cá em casa, os senhores começaram a ir para fora uns dias e a deixarem-me aqui sozinha dias inteiros, até à noite quando vinha o Menino André tomar conta de mim. Nesta fase andei muitos dias sempre a comer frango pois ninguém cozinhava nada diferente para eu comer.

Os Senhores passavam a vida a fazer e desfazer malas e lá estive eu de cauda descaída toda triste, sempre à espera que fechassem as malas e fossem, sabe-se lá para onde. Mas para onde iam, o certo é que devia ser sítio ruim pois não me trouxeram prendas como das outras vezes. O menino parece que já não vai para a escolinha, como me diziam sempre, só a Senhora anda na escolinha, o Menino agora vai para o trabalho e até já arranjou um carrinho muito *Smart* para ir mais tarde e vir mais cedo.

A Berta voltou e essa rotina fez-me bem, mas o resto anda tudo muito agitado, e com a chuva que nunca mais parou de cair o quintal anda sempre fechado e acabaram-se os passeios rua acima e rua abaixo, também com a chuva que esteve, deixaram-me ficar mais vezes sozinha em casa, apesar de eu ter muito medo. Nunca gostei de ficar de ficar sozinha desde que em pequenina me deixaram uns dias e houve um furacão que me ia levando e a Berta me salvou

Para os castigar quando fico muito tempo sozinha, mesmo dentro de casa, lá lhes vou deixando um presente de cocó na carpete, a ver se da próxima vez demoram menos. Mas quando chegam ralham-me, sem me porem de castigo lá fora, e fica tudo na mesma. Bem lhes faço uma festa enorme ao chegarem, dançando em duas patas lambuzando-os e dizendo-lhes, à minha moda, como é bom estarmos todos juntos sob o mesmo teto.

Agora plantaram uma árvore enorme no meio da sala de jantar e dizem que é natal, e que vou comer um bife como prenda. Pena que não seja natal todos os dias...



CRÓNICA 201: VIVO NUMA TERRA DE GENTE FELIZ 26.6.2018

Era uma vez uma terra de gente feliz, vacas felizes, um paraíso à face da terra. A economia ia de vento em popa, havia muitos hotéis, muitos turistas, e tudo parecia bom. o dinheiro corria a jorros da fonte de Bruxelas para as vacas, com algumas esmolas para os pescadores, a Faixa de Gaza ia de vento em popa com o maior crescimento populacional do país, todos a viverem dos rendimentos sociais para compensar desigualdades e injustiças do passado, e o Estado ia finalmente livrar-se do cancro das empresas públicas onde se tinham albergado os imigrantes ilegais dos partidos no poder ao longo de décadas, enquanto aguardavam a regularização do seu estatuto e uma mudança de dinastia.

Faltava ainda acrescentar alguns toques à mágica receita da ministra *Veronica Skvortsova*, ministra da Saúde da Rússia.

A fórmula da eternidade: "O aumento da idade da reforma prolongará a vida".

Embora muitos pais tentem a todo custo evitar que seus filhos tenham frustrações, elas são importantes para o desenvolvimento humano, mas nem assim se evitavam as taxas de suicídio mais elevadas do país na terra das vacas felizes.

Os condutores felizes na terra das vacas sorridentes andavam nas estradas sem carta de condução, sem seguro, muitas vezes alcoolizados, a falarem ao telemóvel e a queixarem-se da necessidade de mais subsídios para a lavoura. Não era gente muito dada aos livros e estudos, pois o abandono escolar prematuro era o mais alto do país, mas isso devia-se sobretudo à felicidade de ir lidar com as vacas que sempre são mais interessantes que os chatos dos professores.

No setor dos serviços, em especial na indústria hoteleira e afins, havia um enorme amadorismo, má vontade, falta de preparação e desconhecimento de que o cliente é quem paga os salários dos funcionários, e para isso as belezas naturais não chegavam para encobrir o mau funcionamento do setor.

Por outro lado, pretendendo ser um setor virado para o turismo o ano inteiro, fechavam-se os balneários exceto de junho a setembro e não havia pessoal nadador-salvador sempre útil em praias de correntes e contracorrentes ocultas pelo benigno clima durante a maior parte do ano.

Os trilhos, sempre muito procurados pelos amantes da natureza, estavam sem manutenção adequada na maior parte do ano, sujeitos a chuvas, intempéries e derrocadas, além do normal acumular de lixo que se propagava em todos os cantos que nem praga de ratos. O lixo, ah! O lixo para que algumas vezes clamavam pela coíncineradora que a Europa já não propugnava e nem era solução dada a dimensão das terras. E o povo, como era feliz como as vacas, continuava a mandar tudo para o chão, fosse no dia a dia ou nas inúmeras festas que aconteciam em todas as freguesias e lugarejos, sem entenderem que esse lixo e esses plásticos iriam voltar na comida para as suas mesas, fosse misturado com o sal ou no sistema digestivo de peixes e mariscos. A educação cívica ainda estava em estudo nos currículos das escolas que eles não frequentavam.

Era um povo tão feliz e sorridente que se mantinha colonizado, sem o saber, sempre atento e venerando às migalhas que os senhores atiravam das ameias aos servos da gleba. E, como atentos e venerandos sempre haviam sido, assim se quedavam, pois, sabiam que as migalhas dos subsídios e apoios à lavoura, às artes e literatura secariam se deixassem de o ser.

Nem sabiam, nem a escola que tinham abandonado lhes ensinara quem dissera... "*... As couzas que padecem os moradores desse afligido reyno, bastarão para vos desenganar que os que estão fora desse pezado jugo, quererão antes morrer livres, que em paz sujeitos. Nem eu darei aos moradores desta ilha outro conselho... porque um morrer bem é viver perpetuamente...*".

Fora Ciprião de Figueiredo (Alcochete, 155? – Lagny-sur-Marne, 1606), 1.º e único conde da vila de São Sebastião (por D. António I de Portugal), por vezes designado por Ciprião de Figueiredo Vasconcelos, que

se distinguiu como corregedor dos Açores durante a crise de sucessão de 1580, tendo governado o arquipélago durante o período conturbado que se seguiu à aclamação nas ilhas de D. António, Prior do Crato como rei de Portugal. A ele se deve a fortificação e organização da defesa da ilha Terceira que levou à vitória na Batalha da Salga.

Havia coisas ainda a melhorar, como dar vida ao velho burgo quando os milhares de turistas de cruzeiros caíam sobre a cidade quem uma praga de gafanhotos para encontrarem as lojas e museus encerrados, pois cumpriam o horário de repartição pública. Tinham de se abrir os urinóis da cidade fora do horário de expediente, recuperar a velha zona onde estava uma cadeia superlotada, descaracterizada por aterros, obras inacabadas, um monstro de galerias de cimento à espera de serem ajardinadas enquanto os mais afoitos iam ao casino tentar a sua sorte.

Melhor sorte anunciava-se para o fabuloso esqueleto do velho hotel sobranceiro às mais belas lagoas do mundo que – segundo anunciaram - ia finalmente ser restaurado, mas nesta terra de promessas, mais vale ser como S. Tomé, ver para crer...

Havia nessa terra uma companhia de aviação muito complicada, tinha tanto débito que era capaz de afundar o Titanic, mas nunca ninguém me disse quanto é que pagava por cancelamentos de voos, desvios de aviões, acomodação de passageiros em terra, e as mil e uma peripécias de quem prefere voar na transportada aérea lá do sítio. Conheço picos de gente que te exigido reembolso por cancelamentos, atrasos, e sabe-se lá que mais, mas deixemo-nos de treta, numa época em que viajar é tão banal, essa companhia acrescentou o elemento surpresa a quem viaja e nunca se sabe se vai viajar, já que a horas raramente chega, e aproveita para dar a conhecer aos passageiros outros aeródromos e locais que não constavam do plano original de voo. E tudo sem nada pagarem, que generosidade.

Noutros pontos desta terra de gente feliz clamava-se pela expansão de dois aeródromos vizinhos, mas os interesses tribais e guerrilhas bairristas protelavam qualquer aumento das pistas de aterragem, enquanto os turistas iam ficando a ver navios, que um dia serão construídos, enquanto aquele que se encomendara, e fora recusado, andava feliz por terras da Noruega, mas isso é outra lenda, dessas das histórias mal contadas em que as terras de bruma eram férteis.

Quando em 2006 ou 2007 escrevi, num livro que poucos leram, que se deviam fazer reservatórios das águas pluviais que iam sempre parar ao Grande Mar Oceano houve quem se risse de mim, mas agora clamam que algumas terras sofrem uma seca como não há memória...nada que uns tostões de Bruxelas não resolvam para calar as vozes da seca.

Mas claro está que isto são apenas queixumes de quem nunca está satisfeito e quer sempre mais e mais do que estas terras e estas gentes podem dar.



CRÓNICA 202 DOM XIMENES BELO E A RELEVÂNCIA HISTÓRICA DOS MISSIONÁRIOS AÇORIANOS 7.7.18

Ontem foi um dia que ficará na minha memória por ter conseguido congregiar vontades e lançar em livro a última obra de pesquisa de Dom Carlos Filipe Ximenes Belo, o 2º volume da série *Missionários Açorianos em Timor* em que se percorrem as biografias de vinte clérigos açorianos em terras “que o solem nascendo vê primeiro”.

Não é muito meu apanágio vangloriar-me das pequenas conquistas que através dos Colóquios da Lusofonia temos vindo a conseguir ao longo de 17 anos, mas esta, pela dificuldade em ser concretizada teve outro gosto. Já o primeiro volume só foi possível graças ao mecenato do amigo e associado (da AICL – Colóquios da Lusofonia) José Soares, quando ninguém quis entender a pertinência de se estudar quem foram estes verdadeiros heróis (e alguns deles, mártires) açorianos que contra tudo e todos fizeram da missão em Timor o múnus da sua vida.

Não foi fácil publicar este segundo volume, gorado que foi o apoio regional das entidades da cultura anteriormente prometido. Foi pena que não tivessem tido a visão de alcançar a relevância para a História do arquipélago desta vertente da AÇORIANIDADE na sua faceta espiritual da vida dos missionários açorianos em Timor, que tão relevantes foram para a consolidação da língua e cultura de matriz portuguesa nas martirizadas terras de Timor.

Teve a Câmara Municipal de Ponta Delgada, através do seu Presidente José Manuel Bolieiro e do seu Chefe de Gabinete, José Andrade, a visão de serem os mecenas desta obra de quase 200 páginas e associá-la aos eventos da 20ª celebração das Festas do Divino Espírito Santo em Ponta Delgada, além de a disponibilizarem graciosamente na sua rede de bibliotecas escolares. Haja agora pessoas descomprometidas com a religião (como eu mesmo) capazes de cumprirem a sua missão de professores e falarem destes 20 homens açorianos que tão importantes foram para a construção da atual identidade de Timor.

Creio que as palavras usadas na minha apresentação, na Igreja Matriz de São Sebastião em Ponta Delgada a 6 de julho 2018, sobre o autor e a obra dirão bem melhor aquilo que ora tento narrar.

NOTA INTRODUTÓRIA

Quando em 11 de setembro de 1989²⁰³ em Sydney, Austrália, fui o primeiro jornalista a conseguir entrevistar telefonicamente Dom Carlos Filipe Ximenes Belo, em Díli, Timor-Leste – então sob a ocupação neocolonial indonésia – estava longe de imaginar-me hoje aqui nesta terra e a falar deste projeto.

Tornei a entrevistá-lo, algumas vezes, ao longo dos anos negros de ocupação indonésia, mas nem sempre me deixavam falar com ele quando apertavam o cerco à sua voz incómoda e desabrida em defesa dos Timorenses. Foram anos difíceis que culminaram no infamemente 12 de novembro de 1991, aquando da chacina no cemitério de Santa Cruz, quando a sua residência em Lecidere serviu de último abrigo a centenas de refugiados do massacre indonésio.

Vim a conhecê-lo e a entrevistá-lo, pessoalmente, em dezembro 1993, em Melbourne, aquando da sua primeira deslocação à Austrália e só nos tornamos a reencontrar em 2005 em Bragança quando foi convidado de honra no 4º Colóquio da Lusofonia, quando Timor já independente dava os seus primeiros passos, vencida a fase da luta em que ambos estivemos envolvidos durante décadas, em diferentes locais e de formas distintas.

Posteriormente, convidei Dom Ximenes Belo para o 19º Colóquio da Lusofonia em 2013 na Maia (S. Miguel, Açores) e para o 24º Colóquio na Ilha Graciosa em 2015 em que foi proposto pelo nosso amigo e associado José Soares, para Patrono e 1º sócio honorário da AICL - Colóquios da Lusofonia.

²⁰³ [ao serviço da LUSA, jornal EUROPEU, RDP, Rádio Comercial e TDM-RTP Macau]

Dom Carlos Filipe Ximenes Belo (Prémio Nobel da Paz, 1996, conjuntamente com José Ramos Horta) tem dedicado os seus últimos anos a estudar um tema que me fascina por ter vivido em ambos os locais: o da presença maciça de clero açoriano no Oriente (Macau e Timor).

D. Arquimínio da Costa, D. Manuel Bernardo de Sousa Enes, D. João Paulino de Azevedo e Castro, D. José da Costa Nunes e D. Paulo José Tavares, têm em comum serem todos açorianos e Bispos de Macau. Esta tradição de o clero açoriano se notabilizar fora do arquipélago vem desde os tempos remotos do povoamento. No século XVI, D. Frei João Estaco, foi bispo de Puebla de Los Angeles, no México. No século XVII, D. Frei Afonso Enes de Benevides, foi bispo de Meliapor²⁰⁴; D. Frei Cristóvão da Silveira foi primaz do Oriente. No século XVIII, D. António Taveira Brum da Silveira, foi arcebispo de Goa e primaz do Oriente; D. Frei Bartolomeu do Pilar, foi bispo do Grão-Pará no Brasil; D. Manuel de Sousa Enes foi Prelado de Macau.

No século XX, novos açorianos contribuíram para a evangelização católica, em especial no Oriente, como D. João Paulino de Azevedo e Castro, Bispo de Macau; D. Manuel de Medeiros Guerreiro, Prelado de Meliapor e de Nampula; D. José Vieira Alvernaz, Prelado de Cochim, arcebispo de Goa e Damão, e Patriarca das Índias Orientais; D. Paulo José Tavares, Bispo de Macau; D. Arquimínio Rodrigues da Costa, Bispo de Macau e D. Jaime Garcia Goulart, primeiro Prelado de Díli. Nos Estados Unidos da América, merece ainda alusão a figura de D. Humberto de Sousa Medeiros, cardeal de Boston.

Estes nomes mais destacados inserem-se no contexto mais abrangente de um movimento clerical que se perpetuava dentro das famílias, como é o caso da família Costa Nunes, pois José era sobrinho em segundo grau do Padre António da Glória, cura e vigário da Candelária de 1809 a 1856.

Alguns dos familiares de Dom José da Costa Nunes foram atraídos para o sacerdócio. É o caso dos Padres Áureo da Costa Nunes e Castro; Manuel da Costa Nunes e António Maria Nunes da Costa, sobrinhos de D. José, e do bispo Jaime Garcia Goulart, seu primo. Aliás, D. José da Costa Nunes não se limita somente a influenciar a rede familiar pois no decurso da sua estadia no Oriente leva onze jovens açorianos para o Seminário de Macau (oito terceirenses, dois picoenses e um faialense), nove dos quais seguiram a carreira eclesiástica e que iremos homenagear em outubro no 30º colóquio da lusofonia no Pico.

Assim, este livro nasceu de um projeto que os Colóquios da Lusofonia lançaram em abril 2011 no 15º colóquio em Macau, e que, lentamente, temos vindo a desenvolver, tendo saído em 2016 o primeiro volume (*Um missionário açoriano em Timor, Padre Carlos da Rocha Pereira*) por mecenato de um associado nosso. Quando no ano passado se nos deparou esta obra foi prometido o apoio das entidades que regem a cultura nestas nove ilhas, mas quando fizemos o pedido formal um longo silêncio se seguiu. Nunca desistimos de publicar esta obra, este segundo volume com vinte religiosos em Timor, e que agora vimos dar à estampa graças ao labor de Dom Carlos Filipe Ximenes Belo e ao patrocínio generoso, que aqui publicamente agradecemos, da Câmara Municipal de Ponta Delgada que com o seu mecenato tornou possível a edição. Trata-se de uma completa biografia de vinte religiosos açorianos que deram o seu melhor por Timor em mais de um século, muitas vezes em situações difíceis como a revolta de Manufahi em 1911, a segunda grande guerra e a invasão japonesa, e – mais tarde – a 7 de dezembro de 1975 a invasão e o genocídio indonésio.

Uma viagem na História que muito enaltece a fibra das gentes açorianas na missionação por longínquas paragens de Timor cujo lema era “a terra em que o sol nascendo vê primeiro”. Desde sempre os homens da Igreja foram importantes em Timor para missionar e administrar um território esquecido e abandonado pelos governos desde o seu achamento em 1514. O primeiro capitão-mor foi nomeado em 1602 na dependência da Índia, o primeiro governador em 1695, a partir de 1852 dependente de Macau e dependente de Lisboa a partir de 1896, província ultramarina em 1909, distrito autónomo em 1927, de novo província ultramarina em 1955 e região autónoma a partir de 1972.

Durante este tempo a missionação e o ensino estavam quase totalmente nas mãos dos clérigos. A eles se deve, durante a resistência à ocupação neocolonial indonésia, a manutenção cultural e linguística portuguesa numa terra, repito, sempre esquecida e abandonada pelo poder central. É da história destes notáveis clérigos açorianos ao longo de mais de um século, que este livro trata. Obrigado Dom Carlos Filipe e Câmara Municipal de Ponta Delgada, por nos ajudarem a revelar e divulgar a importância das gentes açorianas nos confins do mundo, e que, decerto, nos encherá de orgulho. Pena é que as novas gerações não o aprendam ainda nos seus livros escolares para melhor entenderem toda a vasta abrangência das várias vertentes da Açorianidade que torna este povo dos Açores tão distinto dos demais.

²⁰⁴ São Tomé de Meliapor foi um antigo território de Portugal entre 1523 e 1662, e também entre 1687 e 1749. Está localizado na costa oriental da Índia.

CRÓNICA 203 A SAGA DA GRUTA NA TAILÂNDIA: HÁ CRIANÇAS E MAIS CRIANÇAS 10.7.18

Graças à tecnologia, solidariedade internacional, à resiliência dos jovens e das instituições, agora que a saga das crianças na Tailândia terminou, de forma feliz, com uma vítima apenas (um mergulhador tailandês) e a sobrevivência das 12 crianças e seu treinador de futebol isolados numa gruta debaixo de água durante mais de duas semanas (foram encontrados ao fim de 9 dias, os últimos a sair completaram 18 dias na gruta) cumpre tirar algumas ilações:

1. Em Portugal (e na maior parte dos países nunca nada deste género ocorreu) mas uma plêiade de *experts* (ou seriam espertos?) peritos em tudo volitaram durante dias a fio opiniões, bitaites, falas de cátedra numa clara demonstração de que o mesmo acontecesse aqui teríamos imensos pessoal especializado para poder comentar.
2. A TVI mandou uma patética Judite que fez tristes figuras e foi incapaz de justificar as despesas com a deslocação
3. HÁ MAIS DE 2500 CRIANÇAS DETIDAS ILEGALMENTE EM CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO (perdão de detenção de ilegais) PELO GOVERNO DOS EUA, algumas com 12 meses de idade a irem sozinhas defronte de um juiz..., mas a TV não está lá para seguirmos a par e passo esse crime.
4. Um número bem maior de crianças arrisca a vida em busca da fuga à guerra, à fome, a todo o tipo de violações, para morrer afogada no Mediterrâneo, ou ficar detida em novos campos de concentração de Ceuta a Itália, Grécia e tantos outros países, mas a TV não estava lá.
5. No Congo ex-belga de mil e uma guerras e de um genocídio do Rei da Bélgica (de que poucos falam, teriam sido 10 milhões? Fora os amputados e outros) há milhares de crianças de 4 anos e mais a trabalharem como escravos em minas a céu aberto para produzirem minerais indispensáveis aos telemóveis que todos usamos, mas a TV não estava lá.
6. Na Palestina a vida miserável nas pequenas faixas de terra que Israel ainda anexou não permite que alguma criança tenha infância, apenas existe um caminho o do ódio e da guerra contra os opressores, mas a TV não estava lá nem mandou a Judite.
7. Na Líbia e mitos outros locais longe do alcance das câmaras de televisão há crianças, mulheres e homens a serem vendidos como escravos como acontecia há cinco séculos e esta imagem ilustra (Líbia) mas também não estava lá a TV durante horas a comentar o preço de venda de seres humanos, com a sua corte de comentadores especializados.

Desculpem lá, mas apesar da alegria pela libertação dos 13 retidos na gruta tailandesa não posso deixar passar em silêncio esta hipocrisia dos *mass media* mundiais



CRÓNICA 204 FERNANDO SYLVAN, UMA BIOGRAFIA POR JOSÉ BÁRBARA BRANCO

Conheci finalmente o médico José Bárbara Branco em março 2018 quando o convidei a ir apresentar o livro em epígrafe no 9º colóquio da lusofonia em Belmonte. Em comum havia o facto de termos estado em Timor, Bobonaro, com alguns anos de intervalo e de ao fim de tantas décadas continuarmos agarrados a essa droga sem cura que é o nosso amor indefetível por essas terras. Aproveitei para convidar o nosso Comandante de Setor de Bobonaro e do Esquadrão de Cavalaria 5 e mais gente ligada a Timor (no meu tempo o major Gouveia Falcão, hoje coronel na reserva).

Moderei a sessão na qual foi apresentado também o livro infantojuvenil trilingue de Ramos Horta “O mundo perdido de Timor-Leste” e fiquei com imensa vontade de ler a história de Fernando Sylvan, um dos mais célebres autores timorenses, um mestiço aceite no Estado Novo e com uma vastíssima e variada obra literária. Um homem que durante duas décadas (1975-1993) presidiu à reputada Sociedade da Língua Portuguesa (SLP) hoje extinta e a que pertenci desde 1996.

Fernando Sylvan, de seu nome Abílio Leopoldo Mota Ferreira, sai muito jovem de Timor em 1923 após a morte da mãe, barlaqueada com o pai, funcionário da administração colonial e vai viver com a mulher legítima do pai e suas duas meias-irmãs... nunca regressaria a Timor embora tivesse viajado por meio mundo, do Brasil a Moçambique foi defensor do lusotropicalismo de Gilberto Freyre, defensor do Estado Novo, opositor do mesmo e candidato à Assembleia Nacional, monárquico, virou à esquerda com o 25 de abril, membro do Partido Socialista com uma vastíssima obra de temáticas variadas e – por vezes – controversas.

Desde os avós paternos de Fernando Sylvan à sua morte, leva-nos o autor Bárbara Branco ao longo de 200 páginas a episódios vários da sua vida bem ilustrativos da sua sede de enriquecimento cultural, ao reconhecimento do seu valor como mestiço timorense, de cor, sem doutoramento nem licenciatura, numa sociedade como era a sociedade portuguesa da época.

E eu que pensava saber quase tudo sobre Timor tive a oportunidade de aprender imenso sobre este homem que teve uma vida rica de experiências sem nunca abdicar da sua matriz original timorense, da memória dos pais. Um livro que nos dá a conhecer o escritor, nos lembra como eram as sociedades em Timor e em Portugal no decurso da sua vida, nos conta tantos episódios uns de verdadeira lusofonia, outros de portugalidade que preencheram a variedade de ocupações e empregos a que se dedicou, a par da escrita que nunca abandonou, em temas que vão da agricultura à educação nas províncias ultramarinas, sem nunca descurar a sua verdadeira arte poética.

Com uma edição (Crocodilo Azul 2017) cuidada e profusamente ilustrada com reprodução de documentos, de livros, de fotografias, este é um livro que se aconselha a ler devagarosamente (eu devorei-o com avidez sequiosa de quem anda no deserto) para se entender este multifacetado escritor que deveria ser mais lembrado e homenageado. Talvez não seja por se tratar de um escritor que nunca foi politicamente correto e nunca se ter coibido de mudar de ideias à medida que os seus conhecimentos se expandiam e a sua sede de autodidata o levava a novas descobertas.

Obrigado José Bárbara Branco por este excepcional trabalho de pesquisa, investigação e compilação demorada e cuidada que bem valeu a pena esperar para conhecer o autor e a sua obra.



CRÓNICA 205 MEMÓRIAS DE COMBOIOS 17.7.2018 (ADAPTADO DE LIVRO CRÓNICAÇORES UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO VOL. 1)

Há mais de dez anos (textos de 2006-07) escrevi...

Para não perdermos o comboio da Europa vamos ter um TGV, mas já perdemos os comboios todos que diariamente são arrancados dos carris e substituídos por TIR nas nossas estradas, para que sejamos o país da Europa com mais mortos na estrada que em qualquer guerra civil.

Qual comboio, quando a saúde, a educação, a justiça são o que são?

Quando as famílias portuguesas vivem miseravelmente com um nível de vida e uma qualidade de vida inferior aos dos chamados países de leste e em vez de se investir nessa melhoria vamos investir em mais elefantes brancos e obras faraónicas.

Para quê? Para mostrar aos outros que somos os maiores e os melhores.

Para eles verem da janela do TGV as fachadas degradadas de milhares de prédios onde vive gente sem qualidade de vida ou de casa, e as barracas que ciclicamente as Câmaras anunciam que vão demolir?

Para verem naquilo em que tornaram o Algarve, uma enorme construção LEGO de cimento, rodeada de campos de golfe para os nossos 9 milhões de praticantes da modalidade, que consomem a água do Alqueva que afinal não serviu para a rega?

Para verem os nossos campos agrícolas abandonados como eu os vi no distrito de Bragança?

Para verem as filas de autocarro (as maiores e mais lentas da Europa), as filas para o médico, para isto e para aquilo?

Para verem os nossos estádios de futebol vazios de gente, com jogadores que não recebem salário enquanto os seus presidentes enriquecem?

Para verem os nossos museus fechados quando as pessoas podiam ter disponibilidade para os visitar? (afinal para que servem os museus se temos os melhores Shoppings da Europa e onde todos vão nos dias feriados e fins de semana?)

Será que do TGV se conseguem ver as listas de espera dos hospitais, e as dos tribunais? Um país de falidos em que todos têm dinheiro para ir ao Brasil de férias...

Ainda bem que foram os portugueses quem “descobriu” o Brasil. Imaginem que se fossem os espanhóis ou os ingleses não havia índios como eles fizeram na América do Sul e na Austrália aos aborígenes.

Mas que país é este de fama machista e recheado de pedófilos?

Mas com tanto betão a mexer-se para os lados da Ota e com a velocidade do TGV quase ninguém se apercebeu de que os últimos exemplares do comboio Foguete dos anos 50 e 60 estão a apodrecer de vez em Elvas porque não há dinheiro para os recuperar.

Como as linhas todas para o interior vão desaparecendo, seguindo a lógica racional e pragmática de que os velhos não contam nem votam, o melhor é acabar com todos os serviços no interior do país para que todos tenham a possibilidade de desfrutarem do ótimo clima à beira-mar plantado e se mudem, de vez, para a costa.

Aliás nos últimos anos a Europa já nos ensinou que a agricultura portuguesa não dá nada e o melhor é importar tudo de Espanha pois lá é que eles sabem fazer agricultura a sério.

Como agora vão acabar com as escolas, maternidades, e outros serviços no interior, fica mais barato mudá-los todos (aos habitantes) para a cidade pois aí terão todos um nível económico uma qualidade de vida mais elevada do que se continuassem a viver em aldeias feitas de casas de pedra sem condições, para onde a energia elétrica custa milhares a ser transportada, mais as linhas de telefone fixo, mais o saneamento e o abastecimento de água, pois que tudo isto já existe nas cidades e no litoral, vê-se aqui a pertinência desta lógica.

Na Austrália vi uma reconstrução das cidades (Ballarat e Bendigo, Estado de Vitória) onde havia os garimpeiros, e até as tendas imundas e pobres dos chineses eles reconstruíram.

O ouro foi descoberto em 1851 em Poverty Point (Ponto da Pobreza) no ribeiro Canadian. No ano seguinte havia mais de 20 000 pessoas a escavarem os campos de ouro (Ballarat Goldfields). Em 1855 havia 19 000 Chineses na colónia de Vitória e dois anos mais tarde já existiam 26 000 odiados e perseguidos pelos colonos brancos.

Levei lá a minha filha para aprender um pouco da história australiana, numa das vezes que me fora visitar a Melbourne. Depois de conduzir o carro até perto do local, compramos o bilhete simbólico para sermos transportados numa linha de comboio centenária. Era mantida por um ex-maquinista que orgulhosamente conservava a circular a locomotiva e alguns vagões, sempre cheios de turistas em todas as épocas do ano.

Cobravam uma taxa simbólica suficiente para sustentar a linha desativada. Houvesse em Portugal gente com aquela visão para se manterem algumas das linhas mais belas do mundo como a do Tua, ou a Pocinho a Barca d'Alva...ou as linhas do Vouga, do Tâmega e outras que desapareceram pela estupidez dos governantes em Lisboa.

Claro que na Austrália haviam dado (ao ex-maquinista) uma concessão de 25 anos – sem custos nem impostos - para manter a linha.

Ao longo de duas dezenas de quilômetros haviam-se desenvolvido algumas atividades paralelas, para além do belo parque natural numa das suas extremidades.

Todo o acampamento mineiro fora mantido, nos edifícios que estavam em pé, labutavam (ou fingiam labutar nessa recriação permanente douras eras) pessoas vestidas à época da febre do ouro, cozinhando “scones”, fazendo chá, trabalhando no jornal, numa tipografia da época, que ora se limitava a emitir certificados decalcados doutras eras com os nomes dos visitantes atuais.

Havia a prisão e as quintas, carros de bois, o render da guarda e tudo o mais numa constante recriação do que fora a vida na época. A filha e o pai jamais esqueceriam aquele mergulho na história do século XIX no estado australiano de Vitória.

Mas em Portugal, tudo era diferente. Poucos estavam interessados em recriar o passado histórico e as gloriosas máquinas de caminho-de-ferro a vapor. Ignoravam que a ferrovia por entre alcantiladas margens do Douro e seus afluentes percorria algumas das mais belas paisagens do mundo. Isto era um país indiferente, amante do lucro rápido e do cimento, a que chamam progresso, sem respeito pelo valor incomensurável do passado e da sua riqueza histórica e patrimonial. A grandeza da História nada representa. Assim se perdia a paisagem protegida por deus e pela natureza, como se perdiam os castelos, as igrejas, os pelourinhos, e tantos outros monumentos abandonados ou deixados à sua triste sina de decadência forçada aguardando que a natureza tomasse conta deles e os ocultasse. Seria um legado para arqueólogos futuros os descobrirem...

Anda o Estado a gastar dinheiro com estradas, sua manutenção, pontes, viadutos e túneis, para o interior quando toda a gente sabe que lá não vive ninguém (ou quase). Vai-se a qualquer aldeia e são só meia dúzia de velhos, e agora como as crianças são deslocadas para as cidades logo na escola primária, depois de verem o progresso urbano nunca mais querem regressar para aquele atraso e provincianismo da aldeia. Assim, é mesmo o mais lógico trazer os velhos para a cidade, pois, entretanto, eles morrem e nas terras deles ainda se poderá aproveitar para fazer uns campos de golfe que é um desporto de milhões de aficionados portugueses, e sempre dá mais dinheiro do que plantar batatas, pois que como todos sabem há um excesso de produção da batata portuguesa.

Intriga-me, outra vez, imaginar porque é que isto não foi pensado há mais tempo e teríamos evitado todo este atraso, que como devem saber, é causado pelos fundos estruturais que ao longo de décadas se canalizaram para o interior profundo do país tentando romanticamente manter uma agricultura de subsistência à custa do sacrifício dos pobres agricultores iletrados que tinham de se levantar pelas 5 da manhã e trabalhavam até ao pôr-do-sol, quando toda a gente já sabia que se vivessem na cidade não precisavam de se esforçar tanto pois não vale a pena cultivar uma couve-galega só para se fazer o caldo verde.

Depois, tenha-se em consideração que a matança do porco e doutros animais está condenada pela sociedade e por todas as organizações ambientalistas por se tratar duma prática ancestral aberrante e que fere de morte a suscetibilidade e sensibilidade do animal, pois este deve ser morto nos matadouros devidamente licenciados para o fazerem nos moldes higiénicos e salutareos propugnados pela União Europeia.

O campo é bonito é para se passear nas férias e levar lá os putos para verem como se vivia antigamente, coisa que eles decerto nem vão acreditar, e sempre se aproveita para manter a tradição viva ao ensinarmos um pouco de história dos antepassados, coisa que é muito mais vantajosa do que ir a um museu, que como todos sabem estão sempre fechados nas férias, nos dias santos e aos fins de semana.

Em 1906 chegou o comboio a Bragança. O Espaço Museológico de Bragança fica situado no centro da cidade, na área da antiga estação ferroviária e ocupa a antiga cocheira de carruagens da que foi estação terminos da linha do Tua. A exposição inclui diverso material ferroviário da Companhia Nacional e do Porto à Póvoa e Famalicão.

O comboio da Linha do Douro ia do Porto à Régua e ao Tua. Aqui mudava-se para outro comboio da Linha do Tua mais lento ainda ou uma automotora até ao Pocinho.... Os comboios dessa época eram a vapor, abastecidos a carvão, raramente excedendo os 20-40 km/h

Esta linha ferroviária fazia parte dum projeto ambicioso de caminho-de-ferro até Zamora, Espanha, que nunca foi completado. Em setembro 1887 foi inaugurada a Linha do Tua (entre o Tua e a cidade de Mirandela), nove anos depois da apresentação dos projetos para a sua construção.

Em dezembro 1906, concluiu-se a extensão da linha até Bragança, num projeto que previa a ligação até Espanha que nunca se veio a concretizar.

O seu traçado veio a prever depois uma ligação a Vinhais, sendo depois abandonado, seguindo o vale do Tuela ou o planalto entre o Tuela e o Rabaçal, mas a dureza deste traçado superaria o do próprio Baixo Tua onde a linha acabou por avançar.

Em meados de 1940, a Linha do Tua passa da CN - Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro - para a gestão da CP que em 1992 encerra a circulação ferroviária no troço entre Mirandela e Bragança, numa extensão de cerca de 80 quilómetros, para em julho 1995 ser inaugurado o Metro de Mirandela, que possibilita a reabertura da linha entre a cidade e a localidade de Carvalhais.

Em abril 1910, o distinto bragançano Abílio Beça, um dos principais promotores da linha, morre trucidado por um comboio. Da estação do Tua (partilhada com a Linha do Douro) à estação de Bragança, a distância total é de 133,8 km.

A Linha do Douro avançava vinda do Porto com destino à fronteira com a Espanha, em Barca d'Alva. A Linha do Tua registou em 120 anos de exploração um único acidente mortal.

Desde que a construção da Barragem do Tua ganhou o apoio da EDP e do Governo somam-se 4 acidentes, lamentando-se a perda de 4 vidas que ensombram o futuro desta linha paradisíaca.

A linha está ameaçada pelos políticos e também pela construção duma nova barragem. Há quem suspeite de sabotagem, mas ninguém o diz.

A história da linha conta-se assim: em 22 de junho de 1882 a Câmara de Mirandela apresentou à Câmara dos Pares do Reino a aprovação do projeto de lei para a subvenção de 135 contos de réis, para cobrir a garantia de juro de 5% para a empresa que viesse a construir a Linha do Tua.

Em 11 de janeiro de 1883, ano em que a Linha do Douro chegaria à estação do Tua, a Câmara de Mirandela apelou ao Rei D. Luís I para a aprovação da Linha do Tua, ato para o qual veio a contar com o apoio da Associação Comercial do Porto, que pretendia salvaguardar os seus interesses ao dar mais força ao Vale do Douro como via de transporte, em detrimento de vias mais a Sul, como Aveiro a Vilar Formoso.

Em 26 de abril de 1883, é lançado em Carta de Lei o concurso para a construção da Linha do Tua, ficando ao Conde da Foz adjudicada a obra; viria a trespassá-la à Companhia Nacional de Caminhos-de-Ferro (CN - cujo símbolo é ainda visível na estação de Bragança), em dezembro desse ano.

O grupo que construiu a primeira fase da Linha do Tua (até Mirandela) foi o mesmo que veio a construir a Linha do Dão (Santa Comba Dão - Viseu), primeira via-férrea a chegar a Viseu, antes da Linha do Vouga.

Em 26 de maio de 1884 é confirmada a adjudicação da obra à CN, assinando-se o contrato definitivo em 30 de junho do mesmo ano. A 16 de outubro, a Linha do Tua começa a ser construída, a partir de Mirandela, rumo à Foz do Rio Tua. A obra teve nos seus primeiros quilómetros uma tarefa facilitada: inserida num vale aprazível e plano, até chegar ao estreitamento de Abreiro, apenas um túnel foi escavado (Frechas), além de esporádicas trincheiras e pontões, com uma única ponte metálica de pequenas dimensões no Cachão.

No entanto, Abreiro tornou-se o prenúncio de uma das obras mais extraordinárias de sempre da engenharia portuguesa. Fruto das dificuldades do terreno, e de uma força de trabalho altamente conflituosa, o engenheiro responsável deixou o seu lugar vago, dando entrada a um dos mais notáveis engenheiros portugueses do século XIX, o engenheiro açoriano Dinis da Mota, que viria também a deixar a sua assinatura na Linha do Dão.

Com o pequeno prelúdio de Abreiro ultrapassado pelos primeiros grandes paredões de suporte e a maior ponte metálica até então necessária (destruída e substituída após cheias no Rio Tua no início do século XX), o Vale do Tua volta a dar tréguas, com algumas dificuldades que começam a ser cada vez mais contínuas. A partir da Brunheda, entra-se no Baixo Tua, e começa a fase mais épica da construção da Linha do Tua.

Em apenas 10 km, a partir da estação do Tua, foram necessários dois viadutos e uma ponte (Presas, Fragas Más e Paradela), e cinco túneis (Presas, Tralhariz, Fragas Más I e II, e Falcoeira) que totalizam uma distância de 456 metros. Estes, particularmente na zona das Fragas Más - garganta do vale formada por rochedos titânicos, foram conquistados à Natureza com métodos e homens tão temerários como os que ficavam presos por uma corda a uma plataforma elevada nas escarpas, baixados até à plataforma da via, onde acendiam o rastilho da dinamite e eram rapidamente subidos para a plataforma, antes de a encosta vomitar pedaços de rocha na explosão.

A 27 de setembro de 1887 a Linha do Tua era inaugurada, com a locomotiva E81 batizada Trás-os-Montes, e conduzida pelo próprio Dinis da Mota. Em Mirandela, a grande estação (a maior estação de via estreita portuguesa) acolhia entre muitas figuras ilustres, El-Rei D. Luís I. A 29 desse mês a linha era aberta à exploração.

O troço Carvalhais - Bragança encontra-se encerrado a todo o tráfego ferroviário desde 1992. Esta data está envolta em controvérsia, uma vez que em dezembro de 1991 se encerrou o troço Mirandela - Macedo de Cavaleiros, deixando o troço até Bragança isolado da rede ferroviária nacional.

Poucos dias depois, um descarrilamento em Sortes veio ditar o encerramento do troço Macedo de Cavaleiros - Bragança, de forma indeterminada, finalmente confirmada em 1992.

A operação de encerramento definitivo do troço Mirandela - Bragança ocorreu durante a noite, sem aviso prévio, e simultaneamente em Bragança e Macedo de Cavaleiros. Foi registada a presença de forças policiais, tanto para evitar ao máximo o registo de imagens, como para afastar a população, que ao saber da operação acorreu às estações destas localidades.

Para evitar a possível recuperação desta via, todo o material circulante estacionado nestas foi retirado não por via ferroviária, mas via rodoviária. Foi relatado nessa noite um súbito corte nas telecomunicações. Devido a estes acontecimentos, o evento é recordado como A Noite do Roubo. Parte do trajeto da Linha do Tua encontra-se neste momento ameaçado de submersão pela albufeira prevista para a barragem do Tua. Se for concretizada a construção, será submersa parte da linha, deixando-a isolada da restante rede nacional ferroviária.

Doutra coisa estava, porém, certo: jamais esqueceria o cheiro a carvão e as fagulhas que saltavam da locomotiva nas muitas viagens que fez de comboio do Porto a Trás-os-Montes. Do Porto ao Tua e depois no ramal da Linha do Tua em direção a Bragança tinham de sair creio que na base da Serra de Bornes em Grijó (terra do Professor Adriano Moreira) antes de chegar a Macedo de Cavaleiros. O troço entre Mirandela e Bragança foi encerrado definitivamente no dia 15 de dezembro de 1991.

E é esse passado mítico que os modernos governantes estão a querer roubar-me, estão a violar a minha juventude e as minhas memórias perdidas e isso, isso jamais lhes perdoarei.

Cambada de novos-ricos, ignorantes e alarves. Juntemo-nos todos para salvar a linha do Tua que é minha e de todos os que amam esta região, única no mundo. É o nosso património que eles querem dilapidar. (nota posterior: de nada serviram os milhares de abaixo-assinados e petições, filmes, idas à Assembleia da República). A voragem capitalista da EDP e dos interesses das barragens tudo soterraram.)

Continuarei a pugnar por Trás-os-Montes e por Bragança como sempre tenho feito, serei sempre um filho emigrado da terra, mas o amor pátrio não se discute nem se define. É nessas terras a que ainda chamo minhas que pertenço e não é a idade nem a distância que vai fazer estremecer esses laços., mesmo no dia de hoje, bem triste pelo começo do enchimento da barragem do Tua, crime ambiental injustificado que sepultará mais uma obra-prima da natureza e centenas de anos de história.

Se um dia, o futuro vier, haverá quem julgue esses criminosos que autorizaram e levaram avante essa monstruosidade, mas para mim ficarão sempre retidas na memória as imagens das fagulhas do comboio a vapor que usava quando há sessenta e tais anos me deslocava a férias à terra de meus avós e minha mãe. Guardarei para sempre as imagens bucolicamente belas do Douro nesse percurso que é património imaterial e que hoje começam a afogar para uma barragem inútil, no que não passará nunca de mais um crime ambiental impune.



CRÓNICA 206 MAIS UMA SILLY SEASON 28.7.18

Numa época designada no mundo anglófono como “*silly season*” aparecem as notícias mais incríveis a fim de entreterem a turbamulta. Foi assim que ontem surgiu um eclipse lunar avermelhado que só se repete daqui a muitas décadas.

E Lisboa anda um alvoroço porque um vereador da Câmara comprou em saldo um prédio, fez obras e depois colocou à venda para ganhar milhões, enquanto o fisco lhe avaliava o edifício como sendo sexagenário ao valor do custo de compra antes das obras... a esquerda caviar provava o seu fel já que o vereador em causa era dos que mais se insurgia contra a exploração e especulação em Lisboa (olha para o que digo! Não olhes para o que faço!) onde milhares de pessoas foram desalojadas de zonas históricas pela bolha imobiliária.

Já em Ponta Delgada, dois anos depois de terem surgido alegações de maus-tratos a idosos na Santa Casa da Misericórdia, nos jornais locais e na RTP Açores, veio a TVI fazer uma reportagem e todos ficaram chocados, até o governo regional que (quase) não sabia de nada... nestes casos o melhor é mesmo matar o mensageiro e a Santa Casa tentou uma ação contra a malvada TVI.

Na ilha de Santa Maria dos Açores o governo regional e a autarquia não se entendem quanto ao património imobiliário herdado da ANA na zona do aeroporto e vão resolver o caso nos tribunais (vou pedir aos meus netos para vos contarem o desfecho deste caso).

Na zona da Calheta de Teive em Ponta Delgada há muitos anos atrás começou um projeto que faliu, ficou parado e uns mamarrachos meio construídos que desfeiam uma área destinada a jardim e lazer serviam de cartão de visita a hotel mais luxuoso e ao casino, que, entretanto, abriram ao lado. Quer o governo quer a Câmara fizeram promessas e os herdeiros do projeto também, mas a zona parece perdida para sempre quaisquer que sejam os resultados da última versão do projeto apresentada em 2018 e que prometem estar concluída em 2020.

Outra obra amaldiçoada por Santa Engrácia parece ser a nova prisão, que há anos se espera substitua a sobrelotada cadeia de Ponta Delgada, um pouco mais adiante, onde a sobrelotação obriga a enviar presos para outras ilhas e para Portugal, com sucessivas promessas e adiamentos idênticos nos orçamentos. Se alguém visse as condições da cadeia atual pensaria estar num país de quarto mundo, pois as do terceiro mundo são melhores... ainda não é como Carandiru (São Paulo no Brasil e local de massacre em 1992), mas quase....

O dirigente do PSD Açores, que ainda só sofrera cinco derrotas eleitorais, resolveu atirar a toalha, cansado da pouca oposição que fazia ao governo socialista nas ilhas há mais de vinte anos e regressar á terrinha natal no Pico. Logo se perfilaram dois candidatos u advogado de renome na praça e o jovem autarca da Ribeira Grande que vai no seu segundo mandato e representa a geração de jovens turcos do partido, embora haja muito quem diga que está “verde demais” para esses voos além de se ter metido em avultados projetos na capital da costa norte da ilha de São Miguel (só não entendo como vai conciliar a chefia da oposição e a atividade autárquica, mas ele diz que consegue). Veremos se são só estes dois candidatos ou se acontece como no Sporting Club de Portugal, que aparentemente falido atraiu mais de meia dúzia de potenciais presidentes...

À exceção do eclipse creio que estas notícias da *silly season* são programadas pelos governos para nos distraírem dos verdadeiros problemas e nos entreterem quando estamos mais recetivos a não prestar muita atenção, como é o caso do mês que aí vem, agosto, em que a maioria das pessoas está em modo de férias. Os que têm cérebro e o usam parece que o costuma desligar nesse mês, os outros têm-no desligado no ano inteiro.

E foi assim que nos EUA (de que nem quero falar, a conselho médico) um entrevistado, obviamente agastado pela insistência da entrevistadora lhe perguntou “*a senhora antes de ser jornalista, era um ser humano?*” e eu, perguntei aos que conhecem o que pensavam da interrogação, mas a melhor resposta veio da minha amiga Joana Mota

“*O jornalista faz-se jornalista porque tem um interesse pelo seu semelhante...o ser humano---*
Investiga
A ponto de ter necessidade de conhecer situações e de defender opiniões.”

*O jornalista é uma pessoa que defende com sua ideia, sua palavra, sua escrita---
Defende
Aponta o que está errado ---Aponta o que está bom, elogiando -----pode-se enganar e iludir por-
que é um Ser Humano O Jornalista é o primeiro defensor dum povo... ”*

Depois disto sei que consigo ser jornalista e ser humano, mas nem sempre é fácil
E enquanto a educação, de que me absteve de falar (outra vez, por conselho médico) for uma arma de
instrução maciça estaremos salvos. Deixo-vos com um retrato da democracia em corpo inteiro



Todos os dias devíamos ouvir um pouco de música, ler uma boa poesia, ver um quadro bonito e, se possível, dizer algumas palavras sensatas.

Goethe



Badana direita



J. Chrys Chrystello (n. 1949-) cidadão australiano que não só acredita em multiculturalismo, como é disso um exemplo. Nasceu numa família mesclada de Alemão, Galego-Português, Brasileiro (carioca) do lado paterno, Português e marrano do materno.

Publicou em 1972 o livro “Crónicas do Quotidiano Inútil, vol. 1” (poesia).

O exército colonial português levou-o a viver em Timor (setº 1973-jun 1975) onde foi Editor-chefe do jornal local (A Voz de Timor, Díli) antes de ir à Austrália em 1975 decidir adotá-la como pátria. Começou a interessar-se pela linguística ao ser confrontado com mais de 30 dialetos em Timor. Durante mais de duas décadas escreveu sobre o drama de Timor Leste enquanto o mundo se recusava a ver essa saga.

De 1967 até agora dedicou-se sempre ao jornalismo (rádio, televisão e imprensa).

De 1976 a 1982 desempenhou funções executivas na Companhia de Eletricidade de Macau. Também foi Redator, Apresentador e Produtor de Programas para a ERM/ Rádio 7/ Rádio Macau / TDM e RTP Macau e jornalista para a TVB - Hong Kong.

Viveu em Perth, radicou-se em Sydney (e migrou para Melbourne). Durante os anos na Austrália esteve envolvido nas instâncias oficiais que definiram a política multicultural do país.

Foi Jornalista (Ministério Federal do Emprego, Educação e Formação Profissional e Ministério Federal da Saúde, Habitação e Serviços Comunitários). Divulgou a descoberta na Austrália de vestígios da chegada dos Portugueses (1521-1525, mais de 250 anos antes do capitão Cook) e difundiu a existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português (há quatro séculos).

Durante mais de vinte anos (1984-2004) foi responsável pelos exames dos candidatos a Tradutores e Interpretes na Austrália (NAATI National Authority for the Accreditation of Translators & Interpreters).

Foi Tradutor e Intérprete (Ministério Estadual da Imigração, Ministério de Saúde de Nova Gales do Sul). Membro Fundador do AUSIT (Australian Institute for Translators & Interpreters).

Lecionou Linguística e Estudos Multiculturais a candidatos a tradutores e intérpretes em Sydney na UTS (Universidade de Tecnologia de Sydney).

Foi Assessor de Literatura Portuguesa do Australia Council, na UTS (1999-2005).

Foi Mentor dos finalistas de Literatura da ACL (Association for Computational Linguistics, Information Technology Research Institute) da University of Brighton no Reino Unido (2000-2012)

Foi Revisor (Translation Studies Department) da Universidade de Helsínquia (2005-2012).

Foi Consultor do Programa REMA da Universidade dos Açores. (2008 a 2012)

Em 1999, publicou a sua tese “Timor Leste: o dossiê secreto 1973-1975” (ensaio político), esgotado ao fim de três dias. Em 2000 publicou a 1ª edição da monografia “Crónicas Austrais 1976-1996”. Em 2005 publicou o “Cancioneiro Transmontano 2005” e publicou (e-book DVD) outro volume da trilogia “Timor-Leste vol. 2: 1983-1992, Historiografia de um Repórter”.

Entre 2006 e 2010, traduziu, entre outras, obras de autores açorianos para Inglês: Daniel de Sá (Sta. Maria ilha-mãe; O Pastor das Casas Mortas; S. Miguel: A Ilha esculpida; e Ilha Terceira, Terra de Bravos), de Manuel Serpa (As Vinhas do Pico), Victor Rui Soares (Ilhas do Triângulo, coração dos Açores numa viagem com Jacques Brel).

Em 2011 traduziu a Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos para inglês e em 2012 de Caetano Valadão Serpa “Uma pessoa só é pouca gente, o sexo e o divino.”

Desde 2005 traduziu excertos de obras de dezenas de escritores açorianos integrados em projetos dos Colóquios da Lusofonia.

Em 2009 publicou o volume 1 da trilogia “Crónica Açores: uma Circum-navegação, De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores, (esgotado)” cronicando as suas viagens pelo mundo.

Em 2011 publicou o volume 2 da trilogia **Crónica Açores: uma Circum-navegação** (ed. Calendário das Letras).

Em outubro de 2012 lançou a sua obra completa de poesia **Crónica do Quotidiano Inútil (vol. 1 a 5)**, a assinalar os 40 anos de vida literária.

Em 2015 lançou a 4ª edição de **Crónicas Austrais 1978-1998**, e nova edição completa dos 3 volumes da **Trilogia da História de Timor**.

Em 2017 lançou o seu opus magister *Bibliografia Geral da Açorianidade* em 2 vols (1600 pp. com 19500 entradas) e teve vários trabalhos (ensaio e poesia) publicados em antologias.

Traduziu em 2018 a obra premiada de João Morgado “Vera Cruz”, fez a revisão e atualização do livro “Missionários Açorianos em Timor, vol. 2” de D. Ximenes Belo e lançou e-livro com Fátima Salcedo “fotomas” fotos do Porto e poemas dos Açores.

Prepara mais obras para publicação 2018-19

Considera marcantes a *Palestra proferida na Academia Brasileira de Letras* (29.3.2010) com Malaca Casteleiro, Evânildo Bechara e Concha Rousia, e ser admitido (5.10.2012) como Académico Correspondente da Academia Galega da Língua Portuguesa).

É Editor dos **Cadernos (de Estudos) Açorianos da AICL**, publicação online, e preside, desde 2010, à Direção da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia que organiza desde 2001-2002, *Colóquios da Lusofonia* (30 edições, 2 ao ano).

chrys@lusofonias.net <https://www.lusofonias.net/mais/chrys-cv.html>